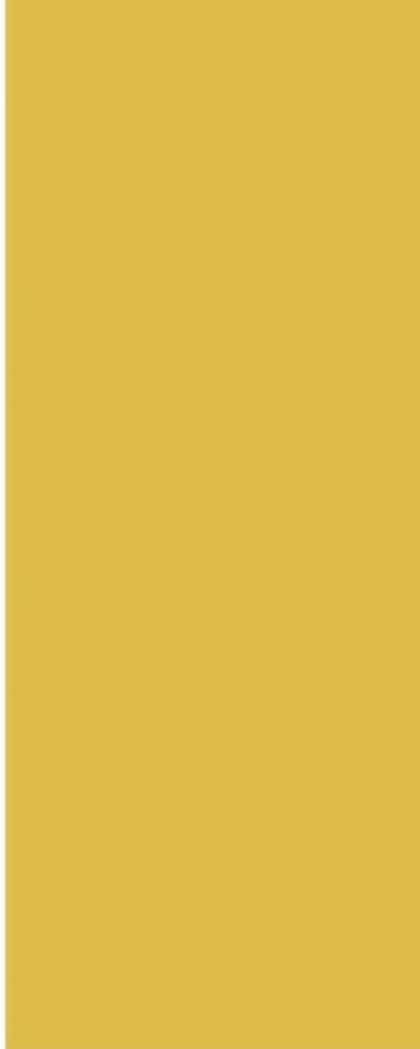




P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

ANNE BRONTË

A inquilina de Wildfell Hall

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

ANNE BRONTË

A inquilina de Wildfell Hall

ANNE BRONTË

A inquilina
de Wildfell Hall

Tradução de
MARCOS LOPES DE
ALMEIDA
1974-80, 1980-81



Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Introdução — Stevie Davies

A INQUILINA DE WILDFELL HALL

Prefácio à segunda edição

VOLUME I

A J. Halford, Ilmo. Sr.

1. Uma descoberta
2. Um encontro
3. Uma controvérsia
4. A festa
5. O ateliê
6. Progresso
7. O passeio
8. O presente
9. Uma cobra no gramado
10. Um acordo e uma desavença
11. De novo o vigário
12. Um tête-à-tête e uma descoberta
13. Uma retomada do dever
14. Uma agressão
15. Um encontro e suas consequências
16. Os conselhos da experiência
17. Mais conselhos
18. A miniatura

VOLUME II

19. Um incidente
20. Persistência
21. Opiniões
22. Características de amizade
23. Primeiras semanas de matrimônio
24. Primeira briga
25. Primeira ausência
26. As visitas
27. Um pequeno delito
28. Sentimento materno
29. O vizinho
30. Cenas domésticas
31. Virtudes sociais
32. Comparações: Informações rejeitadas
33. Duas noites
34. Ocultação
35. Provocações
36. Solidão em dobro
37. De novo o vizinho

VOLUME III

38. O homem ferido
39. Um plano de fuga
40. Um infortúnio
41. “A esperança brota eternamente no peito humano”
42. Uma transformação
43. Além dos limites
44. O refúgio
45. Reconciliação
46. Conselhos amistosos
47. Informação espantosa
48. Mais informação
- 49.
50. Dúvidas e decepções
51. Um acontecimento inesperado

52. Flutuações

53. Conclusão

Créditos



COMPANHIA DAS LETRAS

A INQUILINA DE WILDFELL HALL

anne brönte nasceu em 1820 e cresceu em Haworth, Yorkshire, onde seu pai trabalhava. Ela foi educada em casa junto das irmãs e ainda criança criou, com Emily, o mundo encantado de Gondal — tema de diversos contos e poemas infantis. Foi governanta em duas casas, em Blake Hall, entre 1840 e 1845, e em Thorp Green. Seu primeiro livro, *Agnes Grey* foi publicado sob o pseudônimo de Acton Bell. *A inquilina de Wildfell Hall*, de 1848, é um poderoso romance que investe tanto contra as severas leis de casamento como a importância diferenciada dada a homens e mulheres na sociedade inglesa. Mais nova das irmãs Brontë, Anne morreu no ano seguinte à publicação.

débora landsberg nasceu em 1982 no Rio de Janeiro. É mestra em estudos da linguagem pela puc-Rio. Em sua dissertação, investigou como tornar diálogos traduzidos mais verossímeis. Foi tradutora literária residente da Literature Ireland de janeiro a maio de 2017, ministrando um seminário para alunos de mestrado da Trinity College Dublin. Tradutora desde 2005, já verteu para o português obras de autores como Charles Dickens, Margaret Atwood, Sally Rooney, Shirley Jackson, Christopher Isherwood e Toni Morrison, entre outros.

stevie davies é escritora, crítica literária e historiadora; é fellow da Royal Society of Literature, da Welsh Academy e diretora de escrita criativa na Universidade Wales Swansea. É autora de quatro livros sobre Emily Brontë, e editou a publicação das obras de Charlotte e Anne Brontë na Penguin Classics. Entre seus romances estão *The Elements of Water* e *Kith & Kin*, ambos finalistas do prêmio Orange.

Introdução*

stevie davis

“Farta da humanidade e de seus hábitos repulsivos”, escreveu Anne Brontë a lápis no verso de seu Livro de Orações.¹ Em seu diário do ano de 1845, ela escreveu que passou por experiências “desagradáveis e inimagináveis da natureza humana”² em Thorp Green, onde trabalhava como governanta havia cinco anos. Anne vira de perto a degeneração e a infâmia de seu irmão; a hipocrisia, a afetação e o abuso de privilégio da pequena nobreza. Sofrera o luto; havia entendido que provavelmente jamais se casaria nem teria o bebê que desejava; vira sua fé ser testada inúmeras vezes por períodos desesperados de dúvida religiosa. *A inquilina de Wildfell Hall* foi a prova dessa visão sombria. Críticos reagiram com um espanto fascinado a esta obra “áspera” e “brutal” em que os homens da elite se degeneraram em vícios e libertinagens.³ Charles Kingsley criticou a obra como atonal, “torturada por um acorde defeituoso, no qual uma nota falsa se repete perpetuamente”.⁴ O acorde defeituoso pode ser definido pela chave H,⁵ em que um sistema de personagens — Huntingdon, Hargrave, Hattersley, ecoados por Halford e Helen; e em G, Grimsby, em Grassdale — se revolta contra a decência humana. Os personagens H são mais do que homens se comportando mal — bebendo, jogando, abusando de suas esposas (e servos e cães), esbanjando fortunas, fornicando —, são almas decididas a desperdiçar, imprudentes, a esperança de paraíso, em um sistema patriarcal que lhes permite os prazeres desalmados de “cavalheiros”. O cósmico e o doméstico

ocupam a mesma página; e o realismo da narrativa coexiste com uma qualidade que recorda o drama da moralidade medieval e *Dr. Fausto*. Em *Wildfell Hall*, a degradação moral se tornou a norma.

Charlotte Brontë, que sempre, por razões complexas, tratou Anne como criança, sem conseguir reconhecer sua força de caráter e originalidade, desejou que *Wildfell Hall* jamais tivesse sido escrito. Ela se sentiu repelida, angustiada e espantada diante do relato de fatos hediondos que lhe trouxeram à mente a desintegração devastadora de seu irmão: “Mal parece desejável preservar *Wildfell Hall*”, ela escreveu, traiçoeira, para o editor. “A escolha do tema nessa obra é um erro”,⁶ e ela disse o mesmo para o público em sua “Nota biográfica” sobre Ellis e Acton Bell. O livro era mórbido, Charlotte disse, fruto de “uma natureza sensível, reservada e deprimida”, a qual, tendo sido confrontada de perto por “talentos mal aproveitados e faculdades abusadas”, sentiu sua consciência obrigá-la a alertar os demais sobre os perigos, embora ela própria “detestasse a obra”.⁷ No entanto, Anne Brontë era e continuava sendo uma filha de Gondal, a terra da imaginação que fundou com Emily na infância — uma filha adulta, claro, uma mulher racional, realista, melancólica e radicalmente cristã. Se deixara de lado as brincadeiras infantis, ainda era a mesma que criara os personagens sedutores, adúlteros, guerreiros, bandoleiros e criminosos, e que, embora não se dedicasse mais tanto à brincadeira, havia aos vinte e tantos anos improvisado com Emily um elenco de personagens de Gondal, durante todo o caminho de ida e volta para York: “E, durante nossa excursão, éramos Ronald Macalgin, Henry Angora, Juliet Angusteena [...] fugindo dos palácios de instrução para nos aliar aos realistas”, escreveu Emily em seu diário de 1845.⁸ Ecos de Gondal combinados com leituras infantis viciantes da vida de Lord Byron narrada por Thomas Moore, com relatos de seduições, jogos, tiroteios, pândegas desvairadas da Regência, bem como dos prazeres mais recônditos do sacrilégio exemplificados em se vestir como monges e beber de “um crânio humano cheio de borgonha”.⁹ Portanto, sem dúvida, o diálogo arrojado e livre na seção do diário de *A inquilina de Wildfell Hall*, a qualidade da linguagem calorosa, informal e cortante da boca do falante, a sensualidade deslumbrante de Arthur

Huntingdon e o físico voluptuoso de Annabella Wilmot podem muito bem ser relíquias de Gondal. Espirituosidade, humor e ironia, bem como as passagens doces e a cenografia lírica, são essenciais para a narrativa. É impossível dar crédito à afirmação de Charlotte de que a autora “odiava sua obra”.

O título do segundo romance de Anne Brontë relaciona uma pessoa a um lugar — mas o sobrenome, Helen “Graham” é um nome falso, e o lugar, a mansão abandonada na charneca, não pertence a ela. Helen, portanto, é imperscrutável para a comunidade do Norte da Inglaterra entre a qual busca santuário, e existe às suas margens como que um foco de rumor, fofoca, especulação e suspeita. Ela tampouco deseja ser conhecida. Esconde-se por trás do pseudônimo e se oculta no ponto mais distante do mapa onde consegue se retirar. O primeiro dos dois narradores, Gilbert Markham, é um membro dessa comunidade, um jovem fazendeiro com insinuações de uma cultura que vai pouco além da agricultura, e que é dono de “propriedades paternas” que o amarram à terra, à primogenitura e aos costumes estabelecidos. O “verdadeiro” nome de Helen, como descobrimos depois, é Helen “Huntingdon” — mas é apenas no papel que ela pode ser considerada casada com seu marido degenerado, “como é grande a parte de mim superior e melhor que na verdade não é casada” (p. 324). Além disso, quando uma mulher foi oferecida para ser tomada por quem a quisesse, até que ponto pode ser considerada esposa do ofertador? Diz Arthur Huntingdon: “eu a tenho em tão alta conta que se algum de vocês quiser pode ficar com ela que eu agradeço” (p. 456). Quando Helen abandona o marido e escolhe um incógnito, ela se decide pelo nome de solteira da mãe, ao qual pensa ter certo direito, e retorna ao lar destruído de sua infância, onde Rachel, sua criada, disse que “volta e meia ela andava por ali comigo nos braços, e nem imaginava voltar depois de tantos anos, nas circunstâncias atuais” (p. 498). A “inquilina”, portanto, tem um direito vestigial ao nome adotado e ao refúgio que aluga. Mas essa posse não é conhecida nem pelo leitor nem pela comunidade fofoqueira, que a vê não como alguém que retorna à propriedade da família, mas como uma desconhecida, que

traz valores alheios. Nesse mundo provinciano e antiquado, surge uma mulher forte e independente, que ganha a vida como uma artista eloquente, vigorosa, anômala. Desprovida e deslocada, ela se torna um objeto misterioso de fascínio para a comunidade e para o narrador.

O romance de Anne Brontë é um irmão forte e controverso de *O morro dos ventos uivantes*. Até as iniciais do lugar — “W. H.” [Wuthering Heights] — e o sistema de personagens com iniciais em H (reproduzindo a série de Heights, Hindley, Heatchliff, Hareton) explicitam essa afinidade. Em ambos os romances, a casa na charneca é dinástica, foco de desejo e curiosidade. Mas nenhuma presença inquietante, usurpação violenta nem extremos de ódio e ânsia possessiva assombram a mansão de Anne como assombram a de Emily. O urzal selvagem [*wild fell*], à margem da comunidade, onde a civilização encontra a natureza, “uma mansão obsoleta da era elisabetana, feita de pedras cinza-escuras” já avançou na resolução de questões de patrimônio ao cair aos pedaços sem nenhum habitante para dentro da charneca. Os seres humanos abandonaram o lugar pelo excesso de ventos uivantes — “só blindada da guerra de vento e do clima por um grupo de pinheiros-silvestres, eles também meio secos por conta das tempestades” (p. 63). A formulação ecoa *O morro dos ventos uivantes*: “pela enorme inclinação dos poucos abetos atrofiados atrás da casa e pelos diversos espinheiros esqueléticos que esticam os braços todos na mesma direção, como quem pede esmolas ao sol”. Talvez ambas as casas derivem de uma mansão de Ur em Gondal. O romantismo utilitarista de Emily é respondido pelo racionalismo pitoresco de Anne. Enquanto Wuthering Heights é uma fazenda dirigida por pessoas rústicas e espartanas, a mansão do romance de Anne é a relíquia decadente de uma classe aristocrata desgastada — seus brasões dominam a igreja, mas suas pretensões são ridicularizadas pelo recrudescimento da mansão em uma charneca. Sua ruína é uma insensatez. Seu jardim exhibe as pretensões heráldicas de uma topiaria deformada de maneira grotesca, que volta a brotar como uma natureza selvagem: “o velho cisne de madeira, que ficava ao lado da raspadeira, perdera o pescoço e metade do corpo” e as torres acasteladas dos loureiros, assim como o guerreiro e o leão que

guardavam o portão “havia brotado em formas tão fantásticas que não lembravam nada nem do Céu nem da Terra” (p. 63). O jardim maltratado da mansão de Anne zomba da vaidade dos desejos humanos — exemplo tardio da consciência iluminista do século xviii em uma autora que, a exemplo do *Eclesiastes* e de *A vaidade dos desejos humanos* do dr. Samuel Johnson, escrevera um poema intitulado “Vanitas vanitatum”:¹⁰

*Caso fortuna ou fama em nossa vida urdir,
A morte vem para nosso trabalho destruir,
Para levar teu copo intacto embora,
Pelo qual labutamos tanto hora a hora.*

O jardim de vaidade de Anne Brontë é um comentário sobre as fabricações da arquitetura humana e a ostentação arboricultural que cultivou a natureza (madeira, loureiro) com uma obra de arte que imita a natureza (cisne, leão) de um modo apropriado à iconografia autoglorificante das “grandes” famílias — a qual, porém, é dominada pelas energias extremamente mordazes da natureza. A mansão antiga de Anne Brontë desmistifica o gótico. Sua casa em ruínas não é assombrada. Simplesmente dilapidou-se, é úmida e pouco acolhedora.

Helen Graham é uma transeunte. Em sua casa de casada, Grassdale, ela foi enumerada, como descobrimos depois, entre posses e bens. Anne Brontë põe em foco a natureza expropriada e marginalizada da vida das mulheres. Helen não tem direito à sua casa nem sequer a seu nome. *Wildfell Hall* é um manifesto feminista de inteligência e poder revolucionário. Helen “Graham” ou “Huntingdon” ou “Lawrence” é a imagem de uma mulher desprovida, em uma paisagem composta na mesma medida de textos bíblicos e charnechas e pastos, nos quais vemos claramente que a mulher não tem descanso. Paradoxalmente, sua herança desestabilizadora é contestada por sua força e sua estabilidade excepcionais como pessoa, com um núcleo de autoestima inexpugnável, muito mais sólido nela do que no volátil narrador masculino, que caminha pelas próprias terras e através de cujos olhos a vemos e vivenciamos pela primeira vez. A Helen desprovida é transgressora: um desafio ao narrador e à comunidade do narrador. Vive sozinha. Ganha o próprio pão; toma as próprias decisões e conta

a versão definitiva de sua própria história.

O leitor vê a visão de mundo não apenas do narrador de Wildfell Hall, mas, em um capítulo intitulado “O ateliê”, a figura de uma mulher com cavalete e tintas a óleo (um privilégio dos artistas homens) pintando a visão dela de Wildfell Hall “conforme é vista de manhã cedo do campo lá embaixo, erguendo-se em um relevo sombrio contra um céu limpo azul-prateado [...] com muita elegância e senso artístico” (p. 90). O retrato que Anne Brontë faz da artista como uma jovem mulher que se sustenta transgride o domínio masculino em três aspectos: artistas mulheres pintavam com aquarelas ou desenhavam decorações a lápis ou pena e tinta; “damas” não se envolviam com comércio; e os instrumentos de seu ofício nesse caso são considerados como bens roubados. Os materiais artísticos observados por Markham ao entrar são formalmente propriedade do marido dela — um ponto que Anne Brontë ressalta de maneira concisa no capítulo 40, quando Huntingdon queima seus materiais — “o óleo e a terebintina sibilaram e zuniram chaminé acima” (p. 469) e manda retirarem o cavalete, a tela, a moldura e a pintura inacabada para uma conflagração posterior. Depois ri na sua cara. Pois o que é dela é dele; mas o que é dele não é dela. Portanto, Helen precisa vender suas pinturas sob nomes falsos: “Solar Fernley, Cumberland, em vez de Wildfell Hall” (p. 91). Os nomes, para a autora que escrevia sob o pseudônimo de “Acton Bell”, em vez de Anne Brontë, para se proteger de críticas injustas feitas contra autoras mulheres, eram um esconderijo para a mulher que desejava publicar sua ficção sem se tornar uma pessoa pública. A residência em Haworth, onde a comunidade da aldeia encontrava as montanhas selvagens, era um retiro onde poderia ser ela mesma com segurança. A heroína fugitiva dá cobertura para uma autora anômala em conflito com a sociedade masculina na qual e contra a qual formara sua verdade pessoal errante.

Wildfell Hall é contado por dois narradores, em duas formas literárias (as cartas de Markham envolvendo o diário de Helen), ocupados por dois períodos (o começo e o fim da década de 1820), em dois tons. Começando pelo tom menor da comédia social romântico-doméstica, o livro volta no tempo para o tom maior de ironia trágica

no diário central de Helen, seguido por mais cartas de Gilbert que resumem um conjunto de novas cartas de Helen. Tanto a narrativa do entorno como a narrativa central são testemunhos espirituais da tradição de autobiografia espiritual puritana — de um lado, os romances epistolares de Samuel Richardson; do outro, John Bunyan e as narrativas de conversão puritana e os diários espirituais. Mas o observador externo e epistolar é subordinado à testemunha do diário interno e alterado por ela; e embora seu relato contenha o dela em termos de espaço, espiritualmente é o dela que domina, refuta e transforma o dele. O diário central representa a testemunha autoritária individual do fruto de uma experiência corretiva e traumatizante, sendo *experiência* uma palavra-chave aqui. Tomando temas de *Pamela* e especialmente de *Clarissa*, de Richardson (um libertino que persegue uma mulher virtuosa, que está sob pressão familiar para aceitar um pretendente odioso), Anne Brontë transfere o que em Richardson era mostrado em cartas no testemunho pessoal particular do diário: coisas externas e visíveis são convertidas em confissões internas e espirituais. Richardson faz sua heroína escrever alegremente para a amiga:

E então o prazer secreto me invadiu: ser capaz de recuperar um homem para os caminhos da virtude e da honra: ser um meio *secundário*, se eu tivesse de ser dele, de salvá-lo, e impedir os malfeitos de que uma criatura tão ousada poderia ser capaz, se ele chega a tal ponto. (Carta 40, p. 183)

Já Helen de Anne Brontë escreve, para si mesma:

existe algo secreto — um instinto interno que me assegura que tenho razão. *Existe* nele uma bondade essencial — e que deleite será revelá-la! Se ele perdeu o rumo, que júbilo será chamá-lo de volta! Se está agora exposto à influência perniciosa de companhias corruptoras e nocivas, que glória libertá-lo delas! — Ah! se eu pudesse acreditar que o Céu me destinou a isso! (p. 216)

Para Lovelance, o estuprador criado por Richardson, Clarissa é “aquele anjo em forma de mulher” que nunca cai em desgraça, mas, como uma Eva superior, suporta seu julgamento de virtude de 1500 páginas com o ar transcendente. O autor homem volta o rosto de sua heroína para fora a fim de que todos possamos usufruir dela. As transações do diário de Helen são solilóquios, passam da autoilusão

ingênua para o reconhecimento de que “não sou nenhum anjo” (p. 353). Embora Arthur Huntingdon ecoe o nome falso de “Hunting-ford” de Lovelace (*Clarissa*) e tenha alguns de seus traços de leviandade amaldiçoada, a sexualidade predatória de Lovelace ganha corpo no vulpino Hargrave, personagem de menos destaque. Para a autora mulher do século XIX, a questão da castidade é secundária em relação a problemas de integridade, sinceridade, afeto, maternidade, subsistência. As cartas que servem de moldura para *Wildfell Hall* comunicam a um leitor imaginado (Halford) e a nós mesmos como leitores que “o velho Adão” pode ser cobrado e transformado pelas palavras secretas de uma mulher em busca da verdade e que diz a verdade compulsivamente. As palavras de Helen se baseiam na Palavra, e a seriedade de sua tentativa de relatar sua vida contrasta com a “conversa fiada” da comunidade de Markham: “‘Estava morta de cansaço de tanta conversa fiada — nada me cansa mais. Nem imagino como eles *conseguem* continuar falando’”, Gilbert não consegue “conter o sorriso diante da séria profundidade de seu assombro” (p. 135).¹¹ O romance de Anne Brontë preocupa-se profundamente com a integridade da palavra: examina o abuso da linguagem na conversa fiada, nas bocas soltas dos homens, em tagarelices, insultos, fofocas, xingamentos e testemunhos falsos feitos por mentiras e autoilusões. *Wildfell Hall* busca uma comunicação que seja comunhão: “a união de pensamentos e sentimentos harmoniosos, e almas e corações verdadeiramente amorosos e solidários” (p. 613).

A seção inicial (capítulos 1 a 15) revela Gilbert Markham como primo de primeiro grau de Lockwood de Emily Brontë — um narrador não confiável, em essência um homem decente em um romance não muito rico em decência humana, sobretudo entre os homens, mas com um pouco de imbecilidade, um pouco de cafajestagem. Sujeito a repentes sentimentais, por vezes ele é tolo e pouco perspicaz, quase sempre bondoso, generoso, solidário e disposto a se desenvolver espiritualmente — isto é, se esse desenvolvimento transformar Helen em Helen Markham. Precipitado e explosivo, manipulador e irresponsável, ele chega a demonstrar um aprendizado prodigioso (“Portanto, conversávamos de pintura, poesia e música, teologia,

geologia e filosofia [...]”, p. 121), e se afunda em maus humores irritadiços ou colóquios tagarelas com seu irritante irmão, Fergus. A ternura de Markham por animais e crianças teriam falado eloquentemente por ele no livro de Anne. Enquanto se apaixona por Helen, ele e a comunidade se desapaixenam um pelo outro. A estranha, com seus valores disparatados, provoca e ameaça as normas paroquiais defendidas pelo cômico vigário, o reverendo Millward, que diante da tentativa de Helen de imunizar o filho contra o álcool diz que é algo ““criminoso, eu diria — criminoso!”[...] “contrário à Escritura e à razão, ensinar a criança a olhar com desprezo e asco para as bênçãos da Providência” (p. 86). A mãe de Markham policia os valores patriarcais da comunidade de maneira cordial mas inócua em seu lar, onde faz questão que o filho mais velho seja bem mimado, alimentado, paparicado; e apoia os rumores escandalosos que circulam sobre a estranha em Wildfell porque “Sempre achei que ela tinha algo de esquisito. — Você veja como as mulheres fazem de conta que são diferentes das outras pessoas” (p. 140). A comédia social à maneira de Jane Austen caracteriza as cartas de Markham mas também incorpora vislumbres de outro mundo, emocional e intelectualmente mais amplo, conforme o texto vai ascendendo ao capítulo “Uma controvérsia” no estilo de um romance de ideias. Em um acalorado debate miltoniano sobre experiência, escolha e tentação, Helen contesta a educação segregada de homens e mulheres, com a superproteção das meninas e superexposição dos meninos.

A insinuação de mundos além do mundo de chás provincianos de meias palavras e boatos recorre na visão do mar no capítulo 7, “O passeio”, o qual suscita na ativa e melancólica Helen “um sorriso de inteligência exaltada, satisfeita, quando seus olhos encontraram os meus” (p. 113). Anne Brontë recaptura a magia de suas visitas ao mar de Scarborough, que a chamaria de volta quando ela estava próxima da morte: foi sua versão da “sensação oceânica” que Emily Brontë associou às charnecas. Depois da morte de Anne, Charlotte se lembraria dela em vastas paisagens: “as perspectivas distantes eram o deleite de Anne e, quando olho ao redor, ela está nos tons azuis, nas névoas pálidas, nas ondas e sombras do horizonte”.¹² A artista mulher

no penhasco que “se ocupava de sua tarefa solitária” lembra o desenho a lápis de uma jovem contemplando o mar com ar de despedida ou boas-vindas, na direção de um sol nascente ou poente. Mesmo aqui, porém, o estilo se mantém, quando o amante-narrador imaturo e magnetizado rodeia a artista, difamando mulheres simples como “resmungonas”, manipuladoras, rabugentas. Mais adiante, em um espasmo de fúria ciumenta, Markham surpreende ao espancar o suposto amante dela, Lawrence, desferindo-lhe “um golpe forte” pelo qual, mesmo com a distância de vinte anos de consideração madura, não acha que lhe cabe alegar “crédito” ou “culpa”. Deixa-o após o golpe achando que pode até estar morto. Mais adiante, se desculpa com grosseria. O tom instável desse episódio repeliu os críticos, que acharam, como E. P. Whipple na *North American Review*, que Markham “serviria como o rufião de qualquer outro romancista” mas “parece ser um dos prediletos do autor”.¹³ Em geral, presumia-se que Acton e Ellis Bell eram uma única pessoa, “violenta”, “grosseira” e “brutal”. *Wildfell Hall* não abrange seus dois narradores como faz *O morro dos ventos uivantes* em seu sistema de encapsulamento de “caixa chinesa”.¹⁴ O personagem de Markham se distancia constantemente, e por vezes não fica claro se a autora ou a personagem conseguem manter sua coesão. Talvez Anne achasse que no fundo os homens não fizessem sentido — desconfiança que ocorreu a mulheres antes e que ainda lhes ocorre hoje. Como Charlotte Brontë escreveu à srta. Wooler: “Você me pergunta se acho os homens seres estranhos. Acho sim — e penso também que o modo de criá-los é estranho”.¹⁵

Qualquer falha de estrutura não chega a ser fatal. Em alguns aspectos, a instabilidade dá vida ao elo entre a trama interna e principal por meio do diário de Helen e o realismo domesticado externo: pois os homens de *Wildfell Hall* são, *sim*, instáveis. Ironicamente, são como os homens costumavam se referir às mulheres: *varium et mutabile semper*. Branwell Brontë, ele próprio também movido por acessos violentos de fúria, impulsos indistintos, rompantes ultrassuscetíveis, escreveu sobre seu alter ego, Charles Wentworth, “quanto a detalhes fixos de caráter, ele não tinha nenhum”.¹⁶ Markham se descreve de maneira indulgente, como “um

pouco mimado pela minha mãe e irmã e outras damas que eu conhecia” (p. 78). Homens “mimados” são o centro trágico do romance. Huntingdon é tão, tão mimado que nunca consegue crescer; Markham é resultado do narcisismo que torna suas opiniões rasas (sua preferência pela tola e maldosa Eliza, seu desprezo pela “nulidade” da singela Mary Millward). A base infantil da limitada psique masculina é explorada com bom humor na figura de Huntingdon, que tem ciúme do próprio bebê por ser um concorrente das atenções da mãe — “Você esbanjou mais, em um minuto, nessa ostra irracional, ingrata, do que me deu nas últimas três semanas” (p. 322) —, pois Arthur também é “egoísta, irracional, hedonista”, paparicado e privilegiado desde o berço, e o romance pergunta: e se os bebês dominassem o mundo?

A resposta: eles já dominam.

Os críticos, em sua maioria homens, naturalmente se ofenderam com esse retrato dos homens como infantis ou depravados. A revista *Sharpe's London Magazine* se chocou diante da representação das mulheres como “superiores em todas as qualidades, morais e intelectuais, a todos os homens”, os quais “parecem ao mesmo tempo grosseiros, brutais e fracos a ponto de serem desprezíveis; ao mesmo tempo repulsivos e ridículos”.¹⁷ A *Literary World* apontou que tudo que há de bom ou atraente nos personagens masculinos de Acton Bell “é ou pode ser feminino”.¹⁸ A autora buscara, nos homens que conhecia, sinais de uma natureza superior: ela não reconheceu esses sinais em uma grande variedade de homens — desde o adorável mas pouco confiável William Weightman até homens violentamente autoritários, como seu empregador Joshua Ingham, de Blake Hall, e especialmente Branwell e seus comparsas de bebedeira. Mimado como o único menino em uma família de seis filhos, Branwell era um ser temperamental que costumava “esmurrar a vidraça de uma porta” para dar vazão a seus sentimentos intensos: com um bom coração, mas desprovido de propósito, ele se entregou aos braços da fraternidade da devassidão. Anne Brontë, que também era educadora, analisou a falta de sentido e razão entre os homens como consequência de um sistema de valores baseado na veneração da masculinidade. “Por D—s, ele bebe como um homem” era um elogio que Lord Byron relatava com

orgulho sobre si mesmo.¹⁹ Aguentar a bebida era considerado na época, assim como agora, sinal de virilidade. A análise de Anne Brontë — associando o caso moderado de Markham com o caso terminal de Huntingdon — também vincula a controvérsia na nota de abertura à explicação no relato do diário, em que os homens passam seu tão necessário álcool como uma mamadeira, entorpecendo-se e causando uma bagunça para as mulheres limparem. Em Linden-car, a comunidade expressa sua visão, cheia de escárnio, de que, para uma mulher, proteger e guiar seu filho é transformá-lo no “maior filhinho da mamãe que já existiu”, “vai estragar seu caráter e fazer dele um maricas” (pp. 72 e 75). O diário de Helen, o testemunho da experiência, ironiza esse preconceito, pois a fraternidade da garrafa revela ser composta de verdadeiros filhinhos da mamãe: um bando de beerrões que instigam uns aos outros a pegarem “a garrafa e bebe[r] sem parar” (p. 266), em uma balbúrdia perpétua, como crianças sem supervisão. Eles permanecem como que em uma infância rufianesca, correndo soltos, brigando, atirando coisas, dizendo palavrões para causar impacto, exibindo suas cabeças ocas aos olhos do povo, sem nenhuma vergonha. Huntingdon é praticamente iletrado: desaprendeu a arte de escrever cartas e não consegue computar suas finanças. Grimsby, que se orgulha de sua capacidade de tomar “o triplo do que eles tomaram hoje”, ao adoçar seu chá, não consegue diferenciar um pires de uma xícara e confunde o açucareiro com a tigela de dejetos (p. 363). Todos estão no estágio de crianças incapazes de se virarem sozinhas e que exigem o estímulo de distrações — com o jogo e a caça como únicas ocupações. As cartas de Helen citadas na parte final da narrativa de Markham concluem a demonstração com uma aterrorizante prova final do “maior filhinho da mamãe que já existiu”, criado pela educação e pelo privilégio masculino: a morte patética de Huntingdon, totalmente dependente, desvalido, apegado à “mãe”. Pois ele não tem mais ninguém a quem recorrer.

O diário de Helen serve de argumento contra as leis do matrimônio dos tempos de Anne Brontë, tendo em vista essa aculturação desastrosa dos homens. Vários anos depois da publicação de *Wildfell*

Hall, o caso da sra. Norton põs em foco a injustiça profunda das leis de casamento.²⁰ Seu marido apresentou queixas contra ela com base em um adultério com Lord Melbourne. Quando ela se revelou inocente, ele a privou de seus filhos, privou-a de seu sustento e tomou o que ela ganhara escrevendo panfletos. E ele podia fazer tudo isso segundo a lei, visto que uma mulher casada era uma *femme covert* — não tinha nenhuma existência legal por conta própria, portanto não tinha direito de possuir propriedades (sendo ela própria uma propriedade), exceto na forma dos “acordos” da lei estatutária. Conforme o dito popular, “Marido e mulher são um segundo a lei, e esse um é o marido”. O romance de Anne Brontë é em parte uma contestação desses abusos à razão e aos direitos humanos. Helen não tem reparação alguma pelos ataques à sua dignidade, feitos pelo marido. Ela não consegue obter um divórcio quando os adultérios dele com Annabella e, posteriormente, com a “srta. Myers”, a “governanta”, são descobertos, embora, como homem e congênere, o marido de Annabella consiga o divórcio. Ela não tem nenhum direito legal à pena em sua mão, ao diário em que escreve, às tintas e telas, aos quadros ou aos ganhos obtidos com os quadros, tampouco pode chamar seu filho de seu, mas precisa roubá-lo da casa a que ambos pertencem. É importante reconhecer que a inquilina de Wildfell Hall vive fora da lei; é uma foragida. O “bebê” incontrolável tem direito legal de controlar a mulher emancipada.

Esses temas estendem a lógica da história de “governanta” de Anne Brontë, *Agnes Grey*, que examinou a educação de homens jovens no estágio em que criam laços com outros homens, em detrimento de mulheres. Tio Robson aplaude o sadismo do jovem Tom quando “com uma alegria diabólica” ele saliva diante do prazer de torturar e desmembrar filhotes de pássaros:

Ora, você é um bom menino!... Raios, mas o rapaz tem certa coragem também! Juro que nunca vi um malandrinho mais nobre do que esse! Ele já ultrapassa o governo das anáguas: por D—, ele desafia a mãe, a vó, a governanta, e todas! Ha, ha, ha! Não se preocupe, Tom, vou lhe trazer uma nova ninhada amanhã.

O abate piedoso de Agnes é visto como um pecado contra o direito que Deus concedeu a um garoto de mutilar um “animal desalmado”.

Mas quem é o animal desalmado: o humano ou o pobre pássaro? Se o primeiro romance de Anne ensinou o leitor a reavaliar a doutrina de “coragem” e a questionar o sentido de “nobreza” quando essa qualidade era aplicada ao comportamento masculino, ele também realçou o repúdio ao “governo das anáguas” que os homens atravessam, com a arma na mão, imitados pelo jovem “com as pernas bem apartadas, as mãos enfiadas nos bolsos da calça” em “um êxtase de deleite” — postura ao mesmo tempo ridícula, vergonhosa e desalentadora. Como os valores maternos foram igualados a amparo, ternura, restrição e bom senso, esse “governo das anáguas” também descreveria o governo cristão. *Wildfell Hall* dá um passo adiante nessa análise. Os homens ostentam suas armas. Seus esportes são esportes de sangue. Em uma imagem aterrorizante, o enamorado Huntingdon caminha até Annabella e Helen “todo sujo e enlameado que estava, e tingido pelo sangue de suas presas” (p. 226). Afinal, a mulher de nossa espécie também é o objeto do “esporte” masculino e a mácula que Huntingdon ostenta aumentará ao incluir a força vital de Helen. Seu “amigo” Hargrave logo se junta à caçada, sujeitando Helen a uma campanha do que hoje seria chamado de assédio sexual. A arma fállica dos esportistas domina o romance (Markham também caça com armas na propriedade dele) e os atiradores marcam seu ano segundo o calendário de caça: “Está ocupado demais amando minha sobrinha para fazer guerra com os faisões? — Lembre-se: 1^o de outubro!” (p. 255). Anne e Emily tinham um faisão de estimação, assim como gansos, na área externa: em seu diário de 1834, Emily anotara: “Alimentei Rainbow, Diamond, Snowflake, faisão Jasper”.²¹ Branwell matava faisões e tetrazes nas charnecas e se pintou ao lado de suas irmãs em um quadro agora perdido chamado *O grupo de arma* — com a arma apenas em seu punho, as irmãs desarmadas, e aves mortas dispostas na mesa à frente deles. Quando Hargrave conceder em favor de Helen, Hattersley está do lado de fora da porta, “ocupado com a vareta da espingarda e a arma” (p. 460), pronto para acompanhar seus amigos em uma caça de faisões, e logo descarrega nela “uma torrente das ofensas mais vis e grosseiras que a imaginação poderia conceber e a língua enunciar” com a ideia de que ela está envolvida em uma

relação adúltera. Depois de enfiar a carga de pólvora no barril de uma arma, o esportista volta sua violência legitimada contra a esposa, cujas defesas são a pena, a mente e a espátula de seu ofício externo (p. 461). Contudo, trata-se de defesas potentes, e Helen não segue o destino de Lucrécia e Clarissa.

A potência para esse discurso feminista deriva da crença cristã de Anne Brontë: ela representa um desenvolvimento do protestantismo radical que sustenta o direito e o dever do indivíduo de interpretar as Escrituras por conta própria, à luz das iluminações do Espírito Santo, e de tornar conhecido seu entendimento. A Versão Autorizada da Bíblia é a urdidura e a trama do discurso de *Wildfell* — como um código de crença e comportamento, e como um poema sagrado, uma polifonia de vozes, falando não apenas do conforto e da admoestação dos Evangelhos, especialmente das parábolas de Jesus (Lázaro, o Leproso; a casa construída na areia; o semeador; os talentos; o grão de mostarda), mas também da condenação profética dos males sociais (o motivo da “ vaidade ” do Eclesiastes e do Livro dos Provérbios) e no lamento de aflição e exílio (Lamentações, Jó, Salmos). A autora mulher de espírito forte confere ao narrador homem de espírito fraco apenas uma compreensão displicente e rasa das Escrituras: ele as cita de maneira equivocada e passa seu tempo na igreja admirando a bela estranha. Mais adiante, depois de ler o diário e sob a influência da espiritualidade fervorosa de Helen, ele será dominado inconscientemente pela visão dela de eternidade e, deslumbrado por apreciar a visão cristã seriamente pela primeira vez na vida, ficará alarmado com a perspectiva manifesta — não de inferno, mas de paraíso: “ Mas você consegue, Helen, contemplar com prazer essa possibilidade de me perder em um mar de glória? ” (p. 516). A mente banal (e Gilbert diz não passar de um homem comum, roto e desejoso) se espanta e fica embasbacada diante de uma mente como a de Helen — e de sua autora —, para quem o Absoluto é literalmente real. A voz do diário é farta e profunda em alusões bíblicas, expressando vigorosamente as profundezas do sofrimento esclarecido de Helen e do esclarecimento sombrio, como consequência de sua escolha

matrimonial leviana e trágica. A visão protestante de Anne Brontë abrangia a consciência da depravação na qual pessoas decaídas poderiam afundar, bem como a recusa da doutrina do inferno, que ela acreditava ser incompatível com um Deus de Amor. O debate de Helen com sua tia devota, porém pouco terna, sobre o destino dos “réprobos” (cap. 20) abrange textos bíblicos conflitantes. Nesse ponto, Anne Brontë reproduz no papel o conflito pessoal agonizante que, em uma doença de 1837, levava à beira de seu leito o pastor morávio James La Trobe para direcioná-la a uma crença na salvação universal — conflito que ocupa muitos dos poemas líricos dela, com um sentimento de indignidade e uma ternura anelante por Jesus:

*Se é forte a minha fé não sei dizer
Meu amor creio ser pouco mais do que nada,
Mas a força e o amor pertencem a Vosso ser,
Ah, não me deixeis desolada.²²*

Os poemas líricos de Anne, que ela chamava de “pilares de testemunho”,²³ registravam uma esperança sem a qual ela sentia que lhe faltaria o ânimo de que “Até os ímpios devem ao fim/ Ser levados ao paraíso”.²⁴ Era uma questão desesperada, sempre fonte de um conflito introspectivo à qual ela atribuía o valor de “esperança”, nunca de certeza dogmática; e *Wildfell Hall* articula esse conflito, não sua resolução. Anne Brontë esteve sujeita a períodos de dúvida religiosa quando, assim como Branwell, se questionou sobre a existência de Deus; e, se existia, Ele se importava com ela? Suas quadras austeras se debatem com essa dúvida. Branwell também se questionara e fora rejeitado. Por isso, fugira:

*É ainda mais hedionda
A crença que em meu leito de morte me ronda!
Perdi — há muito — minha confiança em Vós!
Não posso crer que ouvireis, Senhor,
A oração impenitente de um pecador!
Então onde meu espírito terá voz
Para fugir desta Eternidade atroz?²⁵*

Wildfell Hall busca enfrentar o terror que era o tema do desacato ao céu escrito por Branwell, que lembra uma versão tímida de Lord

Byron. Huntingdon, mais trivial e mundano que Branwell, se torna um Fausto raso ao fim: “Mas a morte *vai* chegar — está vindo — rápido, rápido! — e — ah, se eu *pudesse* acreditar que não existe nada depois!” [...] “*Não posso* me arrepender: eu só tenho medo” (p. 566). Após a morte de seu marido, Helen se agarra à esperança de que a alma dele “não estará perdida, e Deus, que não odeia nada do que criou, *acabará* por abençoá-la!” (p. 569). Para o leitor secular, é preciso entender que Anne Brontë via sua fé de forma literal: se Deus era real, ele não era real em tese, em uma hipótese ou aos domingos, mas sim no aqui e agora do dia a dia, em um sentido urgente. No entanto, as pessoas não O veem; o mundo material é tomado erroneamente por realidade, embora o ar esteja cheio de agentes transparentes de luz e da legião de sombras do mal. Elas não escutam suas próprias blasfêmias casuais maculando suas línguas e transformando todos os seus discursos em ironias autocondenatórias. O drama da narrativa do “diário” expõe as implicações eternas de atitudes casuais e da linguagem convencional, especialmente a linguagem do amor profano. ““Meu doce anjo, eu a adoro!””, diz Huntingdon, manipulando Helen com demandas abusivas e toques atrevidos em seu corpo; mas sua tia interrompe: “E eu o deixei murmurando imprecações contra seu anjo mau” (p. 209). Resgatada das atenções do desagradável sr. Wilmot, ela sente que “foi como me virar de um diabinho de purgatório em um anjo de luz que vinha anunciar que a época do tormento havia acabado” (p. 208). Mas a temporada de tormento estava apenas começando, e o belo rapaz de cabelo lustroso está disputando uma corrida com seus colegas réprobos pela estrada ao inferno — e vencendo.

Além de ser um irmão dissidente de *Wuthering Heights*, *Wildfell Hall* também tem uma afinidade espiritual com *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Compartilhando da mesma sinceridade fervorosa a si própria e com algo da energia amotinada do “eu” de Jane, o qual se engendra no leitor que compartilha a jornada dela, a seção do “diário” de *Wildfell Hall* (caps. 16 a 44) também representa seus territórios como paisagens da mente, vistas sob a luz da eternidade. Jane torna a passagem linear bunyanesca de lugar de repouso emblemático e lugar

de tentação a outro — de Gateshead, passando por Lowood, Thornfield, Whitcross, até Moor End, de onde, tendo adquirido uma herança independente e o equivalente romântico do “chamado” puritano, ela retorna através de uma Thornfield destruída, o local da expiação de Rochester, até o santuário em Ferndene. Mas a jornada de Helen — de Staningley a Grassdale, escapando para Wildfell, para então retornar, por meio de Grassdale, a Staningley, a única herdeira restante de ambas — é vista tanto retrospectiva quanto prospectivamente a partir do meio do caminho, que é Wildfell. O “progresso”, portanto, não é marcado de maneira clara. A experiência vigorosa e comprometida da vida humana fica mais evidente à medida que Helen é maculada pela corrupção da qual não consegue fugir: “eu o odeio! A palavra me encara como uma confissão de culpa, mas é verdade: eu o odeio — eu o odeio!” (p. 402); “Em vez de ser aviltada e purificada por minhas aflições, sinto que estão transformando minha natureza em bile” (p. 409). Grassdale suporta um peso de sentido simbólico comparável às estadias de peregrinação em *Jane Eyre*: a princípio é um paraíso de tolo, depois um falso paraíso. Descrições exuberantes e ternas de sua beleza natural são arruinadas não só pela solidão da ausência de Huntingdon, mas pelo vislumbre de uma cobra à espreita na grama, Hargrave, um comentário frio sobre a tentativa imoderadamente calorosa de dominar Jane perto de Rochester. Insinuando-se na tentativa de cair nas graças de Helen em um cenário de beleza melancolicamente edênica, Hargrave lembra a aproximação maliciosamente insinuante do Satã de Milton a Eva em *Paraíso perdido*. O sentimento de inocência paradisíaca é transmitido por uma cena ternamente observada de uma brincadeira entre mãe, ama e criança na graça de um “fim de tarde agradável, quente” no parque:

eu estava com Rachel à beira da água, distraindo o risonho bebê nos braços dela, com um ramo de salgueiro coberto de amentilhos dourados, quando, para a minha grande surpresa, ele entrou na propriedade, montado em seu valioso cavalo preto, e atravessou o gramado para me encontrar. (p. 328)

Essa figura sinistra adentra novamente na cena lírica de Helen ajoelhada diante de seu bebê: “depois de colher um punhado de campânulas e rosas silvestres, estava ajoelhada diante dele, e

apresentando-as, uma a uma, ao toque de seus dedinhos” (p. 333). Hargrave, o vulto sombrio montado no “valioso cavalo preto” caça Helen com uma intimidação sexual que culmina no jogo de xadrez do capítulo 33, que lembra muito a cena de xadrez na tragédia de Middleton, *Women Beware Women*.²⁶ Grassdale representa um paraíso já perdido no momento da fruição: em sua fuga desse lugar, Helen deve substituir esse idílio do “em ti mesmo um muito mais ditoso paraíso” de Milton (xii, 587). A casa se torna um inferno na terra, e vale lembrar que esse inferno [em inglês, “hell”] ecoa o nome de Helen. Os sofrimentos dela chegam ao ápice quando encontra Huntingdon e a amante em uma brincadeira sexual no mato, e o marido de Helen jura “por tudo que é mais sagrado” que não ama mais a esposa (p. 395). Nesse momento de aflição absoluta, a prosa se aprofunda em uma intensidade bíblica pulsante que lembra *Jane Eyre*: no extremo da ânsia se permite um sopro de graça e a comunhão da criação em uma visão das estrelas: “soube que o Deus delas era o meu, e Ele era forte a ponto de salvar e me escutar rapidamente” (p. 396).

Um dos trunfos do romance é fazer de Arthur Huntingdon não um demônio encarnado, mas um personagem infantil e imaturo, com uma alegria sincera, certo charme e simpatia, que sente a mais profunda ternura que é capaz de sentir pela esposa. Possessivo e despótico em sua afeição inicial por Helen, ele lhe esbanja afetos atenciosos, e deseja atenção absoluta em troca. Ciumento de tudo que a distrai dele — “quando me vê com um livro, não descansa até que eu o feche” (p. 283) —, Huntingdon não tem recursos internos e, por isso, entedia-se facilmente; quando Helen não tem mais como distraí-lo, preenche o tempo “refestelando-se” ao lado dela no sofá, tentando provocar seu ciúme ao narrar histórias de namoros antigos. A lua de mel deles é uma viagem bizarra e apressada pela Europa, a qual não é nenhuma novidade para ele e cujo fascínio ele censura a esposa “na medida em que provava que eu poderia me encantar com algo dissociado dele” (p. 277). Opondo-se à devoção religiosa de Helen, ele explica que “isso basta para me deixar com ciúme do Criador —, o que é muito errado, você sabe disso, então não provoque essas emoções

perversas de novo, pelo bem da minha alma” (p. 279). O trancamento da porta de Helen contra o esposo é um ato memorável de oposição feminista; também é um episódio de contenda familiar banal, que, em si, não dá razão a nenhum dos dois. Na manhã seguinte, Huntingdon ferve com um mau humor maligno; chove; ele boceja, inquieta-se, bebe, bate portas e afugenta o cocker spaniel “com um golpe certo”. O cão recua e, quando seu dono quer voltar a lhe fazer carinho, o animal se aproxima de Helen e se recusa a ir. “Enfurecido, o dono apanhou um livro pesado e o arremessou na cabeça do cachorro” (p. 288). Helen deixa o cachorro sair. Essas pequenas rixas são prolépticas. Helen ama; é abusada; se recolhe com fúria e mágoa; e, por seu recolhimento (interpretado como rejeição) é rejeitada; então ela rejeita de fato. A discussão em particular é resolvida dentro do capítulo, no qual a tensão se dissipa quando ela cede à penitência e às carícias nem tão abjetas dele. Mas isso cria um padrão de deterioração que é implacavelmente inexorável, pois a própria personalidade de Helen, com sua franqueza e integridade, tem o efeito irônico de afastar o marido. A narrativa entra em um ritmo de sofrimento crescente, com pausas e alívios temporários; capítulos terminam em tons otimistas de esperança ou pessimistas de apreensão, conforme se desenrolam cenas dinâmicas de discussões traçadas habilmente, cenas em que ambos os tons buscam triunfar. “O que farei com a parte séria de mim mesma?”, termina o capítulo 22 de forma tétrica. “Confio que ainda seremos felizes”, o capítulo 24 conclui, vacilante.

Muito antes de Helen reconhecer sua má situação em um nível consciente, o leitor entende que não há nada bom em Arthur Huntingdon. Não que ele seja uma pessoa intrinsecamente má. Ele é um pirralho. Chega a ser penoso o quanto o núcleo dele é vazio. Até o próprio Huntingdon parece consciente dessa ausência de algo vital em sua composição humana: gentil quando adoece depois de seu primeiro grande excesso, ele se volta com gratidão para Helen, como se os recursos dela pudessem servir a ambos. Um páthos real o cerca. Mas ele deve preencher seu vazio com eferescências e intrigas e, à medida que Helen se retrai diante dessa compulsão, ajuda a esvaziá-lo ainda mais, de modo que ele tenha ainda mais gratificação. Ele se

embebeda; enche a casa com a ruidosa fraternidade; corteja a bela fêmea Annabella; abusa de Helen. A ternura de Helen é difícil de matar; sua durabilidade é expressa quando ele vê uma carta na mão de Hargrave, “com a letra ainda querida de Arthur no endereço” (p. 334). A autora não nos permite esquecer que Huntingdon é sexualmente atraente e tem um charme infantil: que ele fica confuso (quando pode se dar ao trabalho de pensar) com as circunstâncias que está criando. Mas o comportamento de Huntingdon não é um caso isolado; pertence a uma norma social das elites masculinas. Nessa confraria, Anne Brontë estuda a dinâmica da mentalidade grupal, o reforço mútuo do comportamento do “clube” masculino. A melancolia e a traição byroniana de Lord Lowborough pela bebida, pelas drogas e pelo desespero suicida, insultadas pela covardia de seus “amigos” e de sua esposa adúltera; o abuso de Hattersley sobre a tímida Milicent, “sua esposinha mansa”; o cinismo das abordagens sexuais de Hargrave e das extravagâncias esquálidas de Grimsby — tudo isso representa um código grupal que não apenas legitima, mas autoriza o infantilismo como norma. Hattersley é redimido; Hargrave, rechaçado; Lowborough se divorcia, começa uma nova vida: apenas Huntingdon é inteiramente destituído de esperança. Quanto ao conseqüente niilismo, Anne Brontë o foca na doença terminal e na autocondenscendência; mimado nesta vida, ele é mimado para a próxima. Sorrimos com suas palhaçadas branwellianas na igreja, folheando seu livro de orações de ponta-cabeça, adotando um “ar puritano de falsa seriedade”: “Vou chegar em casa suspirando como uma fornalha, pleno do gosto e da unção do sermão do querido sr. Ruidoso...” (pp. 242-3). Bran também fizera macaquices no banco da igreja e tinha uma piada recorrente de que “*dois fireballs*” (conhaque com ovo) fazem do beberrão “um tição tirado da brasa”²⁷ — o texto favorito de Wesley para sua própria conversão. Branwell também fora mimado, e se perdera. Como seu amigo Grundy afirmou, “ele era apenas um homem que atravessava uma neblina e se perdeu”.²⁸ A constatação dessa perda e desse fervor é corroborada na cena de morte de Huntingdon — evasão da “penitência” de alguém que extraviou sua alma e que agora, no extremo da necessidade, não consegue tomar posse dela: “não vou

morrer agora. — Não posso e não vou” (p. 561). Ele se agarra à pessoa que manteve a própria alma (“Helen, você *precisa* me salvar!”) e tenta levá-la para a sepultura consigo, para responder por ele. Suas últimas palavras são “Não me deixe!” (p. 568). Ele morre, por fim, sem desmamar.

O testemunho de Helen é uma história de tentação dupla e de fracasso duplo: o de Huntingdon e o dela. O diário leva a mulher madura de 1828 de volta à sua infância sensível, carente e vivaz no começo da década; a sobrinha esperta de uma tia severa cuja religiosidade é contraproducente por gerar respostas malcriadas. Quando tia Maxwell aponta o pavor de descobrir que o marido é “um réprobo imprestável, ou mesmo um tolo impraticável”, Helen questiona com frivolidade: “Mas o que todos os coitados dos tolos e réprobos vão fazer, tia?”, e menciona o perigo do despovoamento (p. 193). A leviandade em Helen é evidentemente párea à frivolidade efervescente de Huntingdon: mas Helen é uma personagem complexa, profunda e que se aprofunda cada vez mais no decorrer da trama. A noção que ela ostenta em relação a “salvar” o esposo irresponsável — mito popular em meados do século xix — é exposta como uma arrogância imprudente, o defeito trágico do orgulho que a faz quebrar a cara. Isso liberta em Huntingdon uma nêmesis cujos escárnios sombrios ela própria incitou: “Sim, *agora*, meu anjo imaculado” (p. 560). O diário de Helen marca sua queda rumo à desilusão, à mágoa, à raiva, à petrificação moral e à amargura. Para seu espanto, ela começa a se adaptar às normas degradadas de Grassdale: “até me familiarizar com o vício e ser quase cúmplice de seus pecados. Coisas que outrora me chocavam e me enojavam agora me parecem naturais. [...] Que tola fui por sonhar que tinha forças e pureza suficientes para salvar a mim e a ele!” (p. 624).

Seu temperamento se amargura; ela solta a língua, pois “não sou nenhum anjo” (p. 353). Helen se debate não apenas com o marido, mas consigo mesma, pela própria alma. Os dois clímax vêm no capítulo 33, a cena angustiante entre os arbustos, em que ela fica cara a cara com o adultério do marido; e, no capítulo 40, o centro da violação, em que Huntingdon lê o diário dela, descobre suas

economias e manda queimar seus quadros, em um estupro espiritual. A proposta inicial de Huntingdon de “Deixe-me com as entranhas, então”, enquanto ele eviscera o portfólio dela e folheia o conteúdo (p. 225), prenuncia de maneira proléptica a vandalização do mundo interno e particular de Helen e a destruição de seu meio de subsistência.

A vida de Helen se centra em seu filho, o segundo Arthur Huntingdon — prometendo se tornar uma segunda edição do primeiro conforme o pai e seus pares visavam “transformá-lo em homem”: “aprendia a beber vinho feito o pai, a praguejar como o sr. Hattersley e a se comportar feito homem e mandar a mãe para o inferno quando ela tentava impedi-lo” (p. 450). Praguejando contra a mãe como Heathcliff ensina Hareton a praguejar contra a família, “o pequeno devasso” (p. 624) aterroriza Helen com o sucesso daquele experimento de aliená-lo do amor, da educação baseada em princípios, reconstituindo-o à imagem do patriarcado — o qual, por sua vez, reproduziu e autorizou seu padrão avariado em pai e filho, de geração a geração. Por mais chocante que seja essa perversão, Anne Brontë a apresenta como uma versão extrema de uma norma familiar para todos nós, atual em frases como “feito homem”, “fazer dele um homem”, “viril” — que nessa altura da narrativa têm um efeito arrepiante sobre o leitor. Enquanto isso, Helen reconhece sua própria inaptidão para ser mãe de Arthur sob essa pressão: “Sou uma pessoa séria demais para cuidar de suas distrações” (p. 422) e brincar com o filho como ele precisa, pois ela tem a tendência neurótica de encontrar a influência perniciosa do pai no bom humor inocente do filho. Ironicamente, Helen está reproduzindo o comportamento repressor da tia contra a qual ela se rebelara. Confrontado com a escolha entre uma mãe deprimida e o “pai, que lhe parece alegre, divertido, sempre tolerante”, a criança naturalmente gravita na direção da diversão e das brincadeiras. Qualquer criança normal faria o mesmo. O ciclo se reinicia.

Se casar-se com Gilbert Markham não é visto pelo leitor como a união ideal de almas a que uma jovem poderia aspirar, Gilbert é

apresentado como alguém de intenções as mais honrosas possíveis: um homem comum, sólido, aberto à razão. Helen o manterá na linha. Transposto da fazenda para a opulência de terras, com certeza fará mais bem do que mal, e o livro parece disposto a se conformar que a decência básica é uma mercadoria bastante rara no mercado de casamentos da época. Nessa competição, Gilbert vale mais que rubis. Parece significativo que Helen tenha de descer de classe para encontrá-lo. Críticos da época tendiam a salientar que libertinos como os que povoam a história central não eram comuns na vida vitoriana daqueles tempos. Os janotas obscenos da Regência não “são tolerados há muitos anos dentro dos confins da sociedade civilizada”.²⁹ Mas a autora deste romance histórico insiste em seu Prefácio que essa é “a verdade”: “sei que tais personagens de fato existem” (p. 43). Apesar de ter vivido entre os livros, em Thorp Green vira com os próprios olhos o comportamento da pequena nobreza e da aristocracia (Branwell gostava de se gabar de que a família Robinson era colateral a um marquês e a um membro do Parlamento); a empregadora de Anne se casaria novamente para se tornar Lady Scott. Ela podia dizer “eu sei” porque vivera acontecimentos significativos equivalentes aos transcritos em *Wildfell Hall* e experimentara a desonra de um irmão querido, compartilhando de sua desintegração como se eles fossem (como de fato uma irmã é, em um sentido literal) “uma só carne”.

Anne datou seu prefácio de 22 de julho de 1848. Branwell estava em casa, em estágios avançados de vício. Seis dias depois, Charlotte escreveu que sua “constituição está estilhaçada”; “ele dorme o dia todo” e fica “acordado a noite toda”. Dois meses depois, em 24 de setembro, ele morreu. Então, oito meses mais tarde, foi a vez de a autora de 29 anos da *A inquilina de Wildfell Hall* de o seguir, tendo uma morte cristã confiante, de um controle e uma determinação impressionantes: “Tenha coragem, Charlotte; tenha coragem”.³⁰

* Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados nesta introdução. (n. e.)

2. Não há nenhum manuscrito disponível. A primeira publicação transcrita do diário se encontra em *Charlotte Brontë and Her Circle*, de Clement Shorter (Hodder & Stoughton, 1891), pp. 152-3.

3. Ver as críticas reunidas por Miriam Allott, em *The Brontës: The Critical Heritage*, org. Miriam Allott (Routledge & Kegan Paul, 1974), pp. 254-73.

4. Charles Kingsley, “Recent Novels”, *Fraser’s Magazine*, v. 39, p. 273, abr. 1849. Kingsley, em uma crítica que se destaca pela perspicácia, apesar de estar cheia de contradições, define *O morro dos ventos uivantes* como um desafio desarmônico à nota musical, o qual lamenta com base em argumentos humanistas cristãos — o que serve para destacar tanto o protomodernismo técnico como a análise pós-humanista da natureza humana elaborada por Anne Brontë.

5. O nome dos personagens em *O morro dos ventos uivantes* e *A inquilina de Wildfell Hall* tendem a se agrupar sob iniciais idênticas, especialmente H e L: o segundo romance ecoa conscientemente *O morro dos ventos uivantes* no sistema de personagens com inicial H, designando (sobretudo mas não exclusivamente) os homens libertinos. Em *O morro dos ventos uivantes*, os personagens com nomes iniciados com H são Hindley, Heathcliff e Hareton; em *Wildfell Hall*, Huntingdon, Hattersley, Halford, Hargrave, Helen. Essa codificação estabelece uma espécie de indeterminação e perda de identidade entre o “clube” fraterno — que faz da vida de Helen um inferno (em inglês, “hell”, uma palavra recorrente no texto). Os personagens também se agrupam em outras letras — tendência também vista nas listas de fragmentos que sobreviveram da saga de Gondal. Também suponho uma influência vestigial dos nomes iniciados com H e L em *Clarissa* (1748), de Samuel Richardson, que incorpora um padrão igualmente críptico nas denominações e tem vários nomes em comum com *Wildfell Hall*, associado também ao tema da libertinagem patológica.

6. Charlotte Brontë, carta de 15 de setembro de 1850 para W. S. Williams.

7. “Biographical Notice of Ellis and Acton Bell”, conforme reimpresso a partir da segunda edição (1850) de *O morro dos ventos uivantes* editado por Ian Jack (Oxford University Press, 1981), pp. 362-3.

8. Diário de Emily Brontë de 1845 “The Shakespeare Head Press Brontë”, em *The Brontës, Their Lives, Friendships and Correspondences* (Blackwell, 1933, reed. 1980), v. ii, pp. 49-51.

9. Thomas Moore, *The Letters and Journals of Lord Byron: With Notices of his Life* (Chatto & Windus, 1830, p. 136).

10. *Should wealth or fame our life employ,/ Death comes our labour to destroy,/ To snatch th’untasted cup away,/ For which we toiled so many a day* (v. 32-5).

11. Sobre esse tema, ver Jan B. Gordon, “Gossip, Diary, Letter, Text Anne Brontë’s Narrative

Tenant and the Problematic of the Gothic Sequel”, *English Literary History*, v. 51, n. 4, pp. 719-45, inverno 1984; Elizabeth Langland, *Anne Brontë: The Other One* (Macmillan, 1989), pp. 120-3.

12. Charlotte Brontë, carta a James Taylor, “The Shakespeare Head Press Brontë”, em *The Brontës, their Lives, Friendships and Correspondences*, v. iii, p. 138.

13. E. P. Whipple, “Novels of the Season”, *North American Review*, n. 141 (out. 1848), em *The Brontës: The Critical Heritage*, p. 262.

14. Sobre o modo de narrativa de Emily Brontë em *O morro dos ventos uivantes*, ver J. Hillis Miller, *Fiction and Repetition: Seven English Novels* (Harvard University Press, 1982).

15. Charlotte Brontë, carta de 30 de janeiro de 1846 para a srta. Wooler, em *The Brontës, Life and Letters*, org. Clement Shorter (Hodder & Soughton, 1908), v. 1, p. 315.

16. Branwell Brontë, *History of Angria* (1836). Ver Winifred Gérin, *Branwell Brontë* (Londres; Nova York: Thomas Nelson and Sons, 1961), p. 99. Huntingdon não é em nenhum sentido um “retrato” de Branwell: em vez disso, o declínio de Branwell deu a Anne Brontë uma visão sobre os processos que ela descreve em *Wildfell Hall*.

17. Crítica não assinada, em *Sharpe’s Longon Magazine* (ago. 1848), em *The Brontës: The Critical Heritage*, p. 265.

18. Crítica não assinada, em *Literary World* (12 ago. 1848), em *The Brontës: The Critical Heritage*, p. 259.

19. Thomas Moore, *Byron*, p. 277.

20. Ver “The Non-existence of Women”, *North British Review* (ago. 1855); Caroline Cornwallis, “The Property of Married Women”, *Westminster Review*, n. 10 (out. 1856). A primeira Lei de Propriedade da Mulher Casada só foi aprovada em 1882.

21. Diário de 1834, Brontë Parsonage Museum.

22. *I cannot say my faith is stron,/ I dare not hope my love is gret,/ But strenght and love to Thee belong./ O, do not leave me desolate.*

23. Em *Agnes Grey*, cap. 17: “pilares de testemunho estabelecidos, ao percorrer o vale da vida, para marcar acontecimentos particulares”.

24. *Even the wicked shall at last/ Be fitted for the skies* (“A Word to the Calvinists”, 37-8)

25. De Harriet: “‘Tis something far more dread/ Which haunts me in my dying bed!/ I have lost — long lost — my trust in Thee! I cannot hope that Thou wilt hear/ The unrepentant sinner’s prayer!/ So, whither must my spirit lee/ For succour through Eternity?”.

26. Ver Inga-Stina Ewbank, “The Tenant of Wildfell Hall e Women Beware Women”, *Notes and Queries* 10 (1936), pp. 449-50.

27. Em *And the Weary Are at Rest*, citado em comentários por Winifred Gérin, *Branwell Brontë*, p. 257.

28. F. H. Grundy, *Pictures of the Past* (1879): a esse respeito, ver os comentários comoventes de Gérin, em *Branwell Brontë*, p. 301

29. Crítica não assinada, *Examiner*, p. 256, 29 jul. 1848.

30. Relato de Ellen Nussey para a sra. Gaskell, “The Shakespeare Head Press Brontë”, em *The Brontës, their Lives, Friendships and Correspondences*, v. ii, p. 336.

A inquilina
de Wildfell Hall

Prefácio à segunda edição

Embora reconheça que o sucesso da presente obra tenha sido maior do que eu supunha, e os elogios obtidos de alguns críticos bondosos tenham sido melhores do que o merecido, devo admitir que por outros setores ela foi censurada com uma rudeza que eu não estava muito preparado para receber, e que meu discernimento bem como meus sentimentos me garantem ser mais cruéis que justos. Não é da alçada do autor refutar os argumentos de seus censores e justificar suas produções, mas talvez eu possa aqui tecer algumas observações com que teria prefaciado a primeira edição caso previsse a necessidade de tais precauções contra os mal-entendidos daqueles que poderiam lê-la com uma mente parcial ou contentar-se em avaliá-la com um olhar apressado.

Meu objetivo ao escrever as páginas seguintes não foi simplesmente divertir o Leitor, tampouco satisfazer meu próprio gosto, nem congregar-me com a Imprensa e o Público: quis contar a verdade, pois a verdade sempre transmite sua própria moral a quem é capaz de acolhê-la. Porém, como é comum o tesouro inestimável esconder-se no fundo de um poço, faz-se necessária certa coragem para mergulhar à sua procura, sobretudo porque quem o faz provavelmente ficará sujeito a mais escárnio e detração pela lama e água em que se aventurou a saltar do que graças à joia que busca; assim como, do mesmo modo, a moça que se ocupa da faxina do apartamento de um solteiro descuidado estará mais suscetível a insultos pela poeira que levanta do que a louvores pela limpeza que realiza. Que não se imagine, no entanto, que me considero apto a corrigir os erros e abusos da sociedade, mas somente que de bom grado eu contribuiria

com meu modesto quinhão para tão bom propósito, e que, se puder conquistar os ouvidos do público de algum modo, preferiria sussurrar neles umas verdades salutareis a contrassensos mais brandos.

Visto que a história de *Agnes Grey* foi acusada de dar um colorido extravagante justamente àqueles trechos copiados da vida em suas minúcias, com uma precaução muito escrupulosa contra todos os exageros, na presente obra me vejo censurado por retratar *con amore*, com “um amor mórbido pelo rudimentar, se não pelo brutal”, aquelas cenas que, arrisco-me a dizer, não foram mais dolorosas para os mais exigentes dos meus críticos ler do que foram para mim descrever. Quiçá tenha ido longe demais, no que devo tomar o cuidado de não aborrecer a mim ou aos meus leitores dessa mesma forma novamente; mas quando precisamos lidar com personagens perversos e malévolos, afirmo que é melhor retratá-los como são de fato, e não como desejariam mostrar-se. Representar uma coisa ruim sob sua luz menos ofensiva é sem dúvida o rumo mais agradável que o escritor de ficção pode tomar; no entanto, é o mais honesto ou o mais seguro? Seria melhor revelar as armadilhas e os contratempos da vida ao viajante jovem e imprudente ou cobri-los com galhos e flores? Ah, Leitor! se houvesse menos dessa ocultação cuidadosa dos fatos — desse sussurro “paz, paz”, quando não há paz —, haveria menos pecado e sofrimento aos jovens de ambos os sexos, aos quais só resta arrancar seu amargo conhecimento da experiência.

Que não se subentenda que considero que os métodos do velhaco funesto com seus poucos companheiros perdulários aqui apresentados sejam exemplos das práticas comuns da sociedade: o caso é extremo, como creio que ninguém deixaria de perceber; mas sei que tais personagens de fato existem, e se impedi um jovem impulsivo de seguir seus passos, ou evitei que uma garota descuidada incorresse no mesmo erro muito natural cometido por minha heroína, o livro já não terá sido escrito em vão. Porém, ao mesmo tempo, se algum leitor honesto tiver extraído mais sofrimento que prazer de sua leitura atenta, e tiver fechado o último volume com uma impressão desagradável, rogo-lhe perdão com toda humildade, pois essa não foi de forma nenhuma minha intenção; e vou empenhar-me para

melhorar da próxima vez, pois adoro causar prazer inocente. Entretanto, que fique entendido que não vou restringir minha ambição a isso — nem mesmo a produzir “uma obra de arte perfeita”: o tempo e o talento assim dispendidos considerarei desperdiçados e mal-empregados. Os talentos modestos que Deus me concedeu eu tentarei usar da melhor forma possível; se sou capaz de divertir, tentarei também trazer benefícios; e quando acreditar ser meu dever dizer uma verdade intragável, com a ajuda de Deus, eu a *direi*, ainda que seja em prejuízo a meu nome e em detrimento do prazer imediato tanto de meu leitor como do meu.

Uma palavra mais e encerrarei. No tocante à identidade do autor, gostaria que ficasse claramente entendido que Acton Bell não é nem Currer nem Ellis Bell; portanto, que seus defeitos não lhes sejam atribuídos. Quanto a ser o nome verdadeiro ou fictício, isso não deve ter grande relevância para quem o conhece apenas pelas obras. Assim como, penso eu, pouca importância deve ter se o escritor assim designado é homem ou mulher, como um ou dois de meus críticos alegam ter descoberto. Aceito a imputação de boa vontade, como um elogio ao adequado delineamento de meus personagens femininos; e, apesar de fadado a atribuir muito da severidade de meus censores a tal suspeita, não me esforço para refutá-la porque, na minha mente, tenho convicção de que, se o livro é bom, ele o é independentemente do sexo do autor. Todos os romances são ou deveriam ser escritos para que tanto homens como mulheres os leiam, e sou incapaz de conceber como um homem se permitiria escrever algo que fosse realmente deplorável para uma mulher, ou por que uma mulher deveria ser censurada por escrever algo que seria decente e conveniente para um homem.

22 de julho de 1848

volume i

A J. Halford, Ilmo. Sr.

Prezado Halford,

Da última vez que estivemos juntos, você me fez um relato muito detalhado e interessante dos acontecimentos mais extraordinários de seus primeiros anos de vida, anteriores às nossas relações; e então pediu que eu retribuísse fazendo-lhe uma confidência minha. Sem ânimo para contar histórias naquele momento, recusei-me, com a desculpa de não ter nada a dizer e evasivas afins, consideradas totalmente inadmissíveis por você; pois embora tenha desviado a conversa no mesmo instante, o fez com um ar de homem conformado, porém profundamente ofendido, e seu rosto foi toldado por uma nuvem que o obscureceu até o fim de nosso encontro, e, pelo que sei, ainda o obscurece; pois suas cartas, desde então, caracterizam-se por certa frieza e reserva altivas, quase melancólicas, que muito me comoveriam se minha consciência tivesse me acusado de merecê-las.

O senhor não tem vergonha, velho amigo — na sua idade, e depois de nos conhecermos tão intimamente e há tanto tempo, e tendo eu já lhe dado tantas provas de franqueza e confiança, sem nunca ter me ressentido de seu retraimento e taciturnidade, por sua vez? — Mas aí está, suponho; você não é comunicativo por natureza, e imaginou ter feito grandes coisas, e dado uma prova ímpar de confiança amistosa naquela ocasião memorável — que, sem dúvida, você jurou que seria a última do gênero — e considerou que a mínima retribuição que eu poderia dar por tão grande presente seria seguir seu exemplo sem a menor hesitação...

Pois bem! — não peguei minha caneta a fim de repreendê-lo, tampouco para me defender, nem para me desculpar por ofensas do

passado, mas, se possível, para repará-las.

O dia está chuvoso, encharcado, a família se ausentou para prestar uma visita, estou sozinho em minha biblioteca, e estava examinando certas cartas e documentos antigos bolorentos e refletindo sobre o passado; portanto, estou agora no mais perfeito estado de espírito para diverti-lo com uma história dos velhos tempos; e, tendo retirado meus pés bem tostados de perto da lareira, arrastado minha cadeira até a escrivaninha e redigido as linhas acima a meu velho amigo ríspido, estou prestes a lhe fazer um esboço — não, não um esboço —, um relato íntegro e fidedigno de certas circunstâncias ligadas ao acontecimento mais importante da minha vida — antes de eu conhecer Jack Halford, pelo menos; e quando terminar de lê-lo, me acuse de ingratidão e circunspecção inamistosa se for capaz.

Sei que você gosta de histórias longas, e é tão minucioso quanto a respeito de peculiaridades e detalhes circunstanciais quanto minha avó, por isso não o pouparei: minha própria paciência e meu tempo livre serão meus únicos limites.

Entre as cartas e os documentos de que falei, há um diário meu, antigo e desbotado, que menciono à guisa de garantia de que não é só na minha memória — por mais tenaz que seja — que me fio; assim sua credulidade não será extremamente desafiada ao me acompanhar pelos mínimos detalhes de minha narrativa. Então, para começar, vamos logo ao primeiro capítulo — pois esta será uma história de muitos capítulos...

1. Uma descoberta

Você precisa voltar comigo ao outono de 1827.

Meu pai, como você sabe, era uma espécie de fidalgo rural em — shire; e, de acordo com seu desejo expresso, eu o sucedi na mesma ocupação serena, não de muito bom grado, pois a ambição me instigava a objetivos mais nobres, e a presunção me assegurava que, ao desdenhar sua voz, eu enterrava meu talento na terra e escondia minha luz sob um monte. Minha mãe fez o possível para me convencer de que eu era capaz de grandes realizações; porém, meu pai, que considerava a ambição o caminho mais seguro para a ruína, e a mudança apenas outra palavra para destruição, se recusava a escutar qualquer plano para melhorar minha própria situação ou a de meus companheiros mortais. Ele me garantiu que era tudo bobagem, e me exortou, com seu último suspiro, a continuar no bom e velho rumo, a seguir seus passos, e os de seu pai antes dele, e a aceitar que minha grande ambição fosse caminhar honestamente pelo mundo, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda, e transmitir as propriedades paternas a meus filhos, no mínimo na mesma condição próspera de quando ele os deixara para mim.

“Bem!, um fidalgo honesto e diligente é *um* dos membros mais úteis da sociedade; e se dedicar meus talentos ao cultivo de minha fazenda e ao aprimoramento da agricultura de modo geral, devo assim beneficiar não somente meus parentes e dependentes imediatos, mas em certa medida a humanidade como um todo — assim não terei vivido em vão.”

Com ponderações como essas, fazia um esforço para me consolar, ao me arrastar do campo para casa, em uma tardinha fria, úmida,

nublada, já no final de outubro. Mas o vislumbre de um fogo vermelho fulgurante pela janela da sala de visitas fez mais para animar meu espírito e censurar minhas queixas ingratas do que todas as reflexões solenes e boas resoluções que eu obrigara minha mente a inventar; pois eu era jovem então, lembre-se — tinha apenas vinte e quatro anos — e não havia adquirido nem metade do domínio sobre meu estado de espírito que agora possuo — por mais banal que isso seja.

Entretanto, não devia adentrar aquele refúgio de júbilo até que trocasse minhas botas lamacentas por um par de sapatos limpos, e o sobretudo puído por um paletó digno, e me pusesse de modo geral apresentável à sociedade decente; pois minha mãe, apesar de toda sua gentileza, era muito exigente quanto a certos aspectos.

Ao subir até meu quarto, deparei na escada com uma garota bonita, astuta, de dezenove anos, de figura asseada, atarracada, o rosto redondo, faces radiantes, viçosas, cachos brilhantes, agrupados, e olhinhos castanhos alegres. Nem preciso dizer que era minha irmã Rose. Ela é uma graciosa matrona ainda hoje, eu sei, e, sem dúvida, não é menos adorável — aos *seus* olhos — do que no feliz dia em que você a viu pela primeira vez. Nada me dizia então que ela, dali a alguns anos, seria esposa de um... completo desconhecido para mim à época, mas destinado no futuro a tornar-se amigo mais próximo até do que ela mesma, mais íntimo do que o rapaz descortês de dezessete anos que me encurralou no corredor, ao descer, e quase me tirou do prumo, e que, como reprimenda pela insolência, recebeu uma enfática pancada de candeeiro, porém não sofreu nenhuma lesão séria por conta do castigo; pois além de ser mais rechonchudo do que o usual era protegido por um redundante emaranhado de cachos curtos, avermelhados, que minha mãe chamava de ruivos.

Ao adentrar a sala de visitas, encontramos aquela honrada senhora sentada em sua poltrona junto à lareira, trabalhando com afinco em seu tricô, como era seu costume quando não tinha mais o que fazer. Tinha varrido o piso da lareira e feito uma fogueira chamejante para receber-nos; a criada acabava de trazer-lhe a bandeja de chá; e Rose pegava o açucareiro e o pote de chá do armário do aparador de carvalho negro, que, ao lusco-fusco alegre da sala, brilhava como um

ébano lustrado.

“Bem!, Aí estão os dois”, exclamou minha mãe, olhando para nós sem retardar os movimentos de seus dedos ágeis e das agulhas resplandecentes. “Agora fechem a porta e venham para junto do fogo enquanto Rose prepara o chá; tenho certeza de que vocês devem estar esfomeados; e me contem o que fizeram o dia inteiro; gosto de saber o que meus filhos têm feito.”

“Estava domando o potro cinza — não é coisa fácil —, comandando a aragem do último restolho de trigo — porque o moço do arado não tem noção para se orientar sozinho — e levando adiante o projeto de uma drenagem ampla e eficiente das pradarias.”

“Esse é o meu garoto valente! — e Fergus, o que você tem feito?”

“Caça a texugos.”

E então ele fez um relato minucioso de seu esporte e dos respectivos rasgos de destreza revelados pelo texugo e pelos cães; minha mãe fingia escutar com profunda atenção e observava o semblante animado dele com um grau de admiração materna que achei extremamente desproporcional ao objeto.

“Já é hora de você fazer outra coisa, Fergus”, eu disse, assim que uma pausa momentânea em sua narrativa permitiu que eu desse minha opinião.

“O que eu *poderia* fazer?”, ele me respondeu, “minha mãe não me deixa ganhar o mar nem entrar para o Exército; e estou decidido a não fazer nada mais — a não ser me tornar um estorvo para todos vocês, assim ficarão gratos de se verem livres de mim, seja da forma que for.”

Nossa genitora fez uma carícia confortadora em seus cachos rijos, curtos. Ele resmungou e tentou parecer amuado, e em seguida todos ocupamos nossos assentos à mesa, obedecendo aos apelos triplamente repetidos por Rose.

“Agora tomem seus chás”, disse ela, “que vou lhes contar o que *eu* tenho feito. Fiz uma visita aos Wilson, e é uma pena *tão grande* que você não tenha me acompanhado, Gilbert, pois Eliza Millward estava lá!”

“Oras!, quais as novas sobre ela?”

“Ah, nada! — não vou lhe contar sobre ela; só digo que ela é uma

coisinha linda, graciosa, quando está de humor jovial, e que não acharia ruim chamá-la de...”

“Cale-se, minha querida! Essas ideias não passam pela cabeça do seu irmão!”, murmurou a sério minha mãe, levantando o dedo.

“Bem”, retomou Rose; “eu ia contar uma novidade importante que fiquei sabendo lá — estou prestes a explodir desde então. Você sabia que foi revelado um mês atrás que alguém viria ocupar o Wildfell Hall — e — imagine só? A casa foi ocupada já faz mais de uma semana! — e nem ficamos sabendo!”

“Impossível!”, exclamou minha mãe.

“Disparate!!!”, berrou Fergus.

“É verdade! — e por uma mulher sozinha!”

“Meu santo Deus, minha querida! A casa está em ruínas!”

“Ela pediu que dois ou três cômodos ficassem habitáveis; e lá vive, totalmente sozinha — a não ser pela velha senhora que é sua criada!”

“Ah, puxa!, isso estraga tudo — esperava que ela fosse uma bruxa”, observou Fergus enquanto enfiava os dentes em uma fatia fina de pão com manteiga.

“Que tolice, Fergus! Mas não é estranho, mamãe?”

“Estranho! Mal posso acreditar.”

“Mas pode acreditar, pois Jane Wilson a viu. Ela foi com a mãe, que, é claro, quando soube de uma estranha morando na nossa vizinhança, ficou apreensiva até conseguir vê-la e arrancar dela todas as informações que pudesse. A moça se chama sra. Graham, e está enlutada — não de trajes de luto, mas ligeiramente enlutada — e é muito jovem, segundo dizem — não passa dos vinte e cinco ou vinte e seis — mas *muito* reservada! Todos tentaram descobrir quem era, de onde veio e tudo sobre ela, mas nem a sra. Wilson, com seus golpes certos persistentes e impertinentes, nem a srta. Wilson, com sua manipulação habilidosa, conseguiram tirar uma única resposta satisfatória, nem sequer um comentário casual, ou uma expressão ao acaso calculada para mitigar a curiosidade delas, ou jogar um mínimo feixe de luz sobre sua história, suas circunstâncias ou relações. Além do mais, a moça mal foi gentil com elas, e evidentemente ficou mais satisfeita ao lhes dizer ‘adeus’ do que ao dizer ‘como vão’. Mas Eliza

Millward disse que seu pai pretende visitá-la em breve, para oferecer orientação religiosa, que ele teme ser necessário à moça, já que, embora saiba-se que tenha chegado à vizinhança no começo da semana passada, ela não compareceu à igreja no domingo; e ela — isto é, Eliza — suplicará para acompanhá-lo, e tem certeza de que *ela* vai conseguir extrair alguma informação — você sabe, Gilbert, ela é capaz de *tudo*. E *nós* devíamos visitá-la em algum momento, mamãe; é o que manda a boa educação, você sabe.”

“É claro, minha querida. Pobrezinha!, que solidão deve sentir!”

“E rogo que seja logo; e tratem de me trazer notícias sobre a quantidade de açúcar que ela põe no chá, e que tipo de toucas e aventais ela usa, e tudo o mais; pois não sei como fazer para viver até descobrir”, disse Fergus, muito sério.

Entretanto, se pretendia que o discurso fosse aclamado como golpe de um mestre espirituoso, seu fracasso foi evidente, pois ninguém riu. Contudo, não ficou muito desconcertado com isso, pois, quando já havia mordido um bocado de pão com manteiga e estava prestes a sorver um gole de chá, o humor da coisa irrompeu dele com uma força tão irresistível que se viu obrigado a levantar-se da mesa e sair correndo da sala, resfolegante e engasgado; e um minuto depois ouvimos seus gritos de aflição extrema no jardim.

Quanto a mim, estava com fome e me contentava em calmamente devorar o chá, o presunto e a torrada, enquanto minha mãe e minha irmã continuavam a falar, e continuavam a discutir as circunstâncias visíveis e invisíveis e a história provável e improvável da senhora misteriosa; mas preciso confessar que, após a desventura de meu irmão, uma ou duas vezes levei a xícara aos lábios e a pus na mesa de novo sem ousar degustar o conteúdo para não ferir minha dignidade com uma explosão similar.

No dia seguinte, minha mãe e Rose se apressaram em prestar seus cumprimentos à bela reclusa; e voltaram somente um pouco mais informadas do que na ida; embora minha mãe declarasse não se arrepender da jornada, pois apesar de não ter obtido muitas vantagens, gabava-se de ter concedido algumas, e assim era melhor: tinha dado alguns conselhos úteis, que esperava não serem

descartados; pois a sra. Graham, embora dissesse pouco que fosse de proveito, e aparentasse ser um bocado presunçosa, não parecia incapaz de reflexão — por mais que não soubesse onde estivera a vida inteira, pobrezinha, pois traía uma ignorância lamentável acerca de certos assuntos, e não tinha sequer a sensatez de envergonhar-se disso.

“Quais assuntos, mãe?”, perguntei.

“Assuntos domésticos, e todas as pequenas delicadezas da culinária, e coisas assim, com que toda moça precisa estar familiarizada, quer lhe seja exigido fazer uso prático de seu conhecimento ou não. Eu lhe dei algumas informações úteis, no entanto, e várias receitas excelentes, cujo valor ela evidentemente foi incapaz de apreciar, pois implorou que eu não me desse ao trabalho, já que vivia de modo tão singelo, tranquilo, que tinha certeza de que jamais faria uso delas. ‘Não importa, minha querida’, disse eu, ‘é o que todas as mulheres respeitáveis têm que saber; além disso, embora esteja sozinha agora, você não ficará assim sempre; você já *foi* casada e provavelmente — posso dizer que é quase uma certeza — voltará a ser.’ ‘A senhora se engana nisso, madame’, disse ela, quase prepotente, ‘tenho certeza de que jamais serei.’ — Mas eu lhe disse que *eu sabia* das coisas.”

“Uma jovem viúva romântica, imagino”, disse eu, “veio para cá a fim de terminar seus dias na solidão e vivenciar às escondidas o luto pelo querido falecido — mas não vai durar muito tempo.”

“Não, acho que não”, observou Rose, “pois ela não me pareceu *muito* desconsolada, no fim das contas; e é excessivamente bela — na verdade, é vistosa — você tem que vê-la, Gilbert; você a qualificará como uma beldade perfeita, apesar de ser difícil fingir que tenha descoberto alguma semelhança entre ela e Eliza Millward.”

“Bem, consigo imaginar muitos rostos mais belos que o de Eliza, mas não mais encantadores. Admito que ela tenha alguns reclames pequenos à perfeição; mas por outro lado, sustento que, fosse mais perfeita, seria menos interessante.”

“E portanto você prefere os defeitos dela às perfeições de outras pessoas?”

“Certamente — a não ser pela presença de minha mãe.”

“Ah, meu querido Gilbert, que tolices você diz! — sei que não é

verdade, está totalmente fora de cogitação”, disse minha mãe, levantando-se e saindo alvoroçada da sala, sob o pretexto de atividades domésticas, a fim de fugir da contradição que tremia em minha língua.

Depois disso, Rose brindou-me com outros pormenores acerca da sra. Graham. Sua aparência, seus modos e seus trajes, e até mesmo a mobília do ambiente que habitava, foram todos dispostos à minha frente, com ainda mais clareza e precisão do que me importava vê-los; porém, já que não fui um ouvinte muito atento, não poderia repetir a descrição caso fosse necessário.

O dia seguinte era sábado, e, no domingo, todo mundo se perguntava se a bela estranha iria ou não tirar proveito da repreensão do vigário e comparecer à igreja. Confesso, até eu olhei com certo interesse para o velho banco da igreja pertencente a Wildfell Hall, onde os forros e as almofadas carmesim desbotadas estavam amarrotados e não eram renovados havia muitos anos, e os brasões austeros, com suas bordas lúgubres de tecido preto bolorento, nos franziam o cenho tão severamente do alto da parede.

E ali contemplei uma figura alta, distinta, vestida de preto. Seu rosto estava virado na minha direção, e havia nele algo que, uma vez visto, me convidava a lançar outro olhar. Seu cabelo era preto como carvão, e arrumado em longos cachos brilhantes, um estilo de penteado bastante incomum naquela época, mas sempre gracioso e decoroso; sua tez era limpa e pálida; seus olhos eu não conseguia ver, pois, estando compenetrados no livro de orações, escondiam-se sob as pálpebras abaixadas e os longos cílios negros, mas as sobrancelhas que os encimavam eram expressivas e bem definidas, a fronte era imponente e intelectual, o nariz, um aquilino perfeito, e as feições em geral, irrepreensíveis — havia apenas uma leve concavidade em torno das bochechas e dos olhos, e os lábios, apesar do formato elegante, eram um pouco finos demais, comprimidos com uma firmeza um pouco excessiva, e havia neles algo que indicava, ponderei, um temperamento não muito brando ou amistoso; e eu disse em meu coração...

Prefiro admirá-la à distância, bela dama, a compartilhar contigo a casa.

Justo naquele momento, ela por acaso ergueu os olhos, e eles encontraram os meus; não optei por desviar meu olhar, e ela se voltou de novo para o livro, mas com uma expressão passageira, indefinível, de escárnio silencioso, que me era inexprimivelmente provocante.

Ela me acha um rapazote abusado, pensei. Hmm!, há de mudar de ideia em breve, se eu achar que vale a pena.

Entretanto, me veio o lampejo de que esses eram pensamentos bastante impróprios para um local de devoção, e que meu comportamento, na presente ocasião, era tudo menos o que deveria ser. Antes, contudo, de dirigir minha mente ao culto, percorri a igreja com o olhar para ver se alguém andara me observando; mas não, todos os que não estavam concentrados em seu livro de oração prestavam atenção na senhora estranha — entre outros, minha bondosa mãe e irmã, além da sra. Wilson e de sua filha; e até mesmo Eliza Millward dissimulava seus olhares de soslaio para o objeto de atração geral. Em seguida, olhou para mim, deu um leve sorriso e corou — mirou recatadamente seu livro de orações e esforçou-se para recompor suas feições.

Lá estava eu, transgredindo outra vez; e dessa vez me apercebi disso por uma súbita fincada nas costelas, dada pelo cotovelo de meu petulante irmão. Por enquanto, só podia me ressentir do insulto pressionando meu pé sobre os dedos dele, protelando outras vinganças até que saíssemos da igreja.

Agora, Halford, antes de encerrar esta carta, vou lhe contar quem era Eliza Millward: era a filha caçula do vigário, e uma criaturinha muito envolvente, por quem eu nutria um grau não pequeno de parcialidade; e ela sabia, embora eu nunca tenha achado uma explicação objetiva, e não tivesse a intenção definitiva de fazê-lo, pois minha mãe, que alegava não haver mulher boa o suficiente para mim em um raio de trinta quilômetros, achava intolerável a ideia de que eu me casasse com aquela coisinha insignificante, que, além de suas inúmeras outras desqualificações, não tinha sequer vinte libras para chamar de suas. A silhueta de Eliza era ao mesmo tempo delgada e rechonchuda, o rosto era pequeno e quase tão redondo quanto o de minha irmã, a pele, um pouco similar à dela, porém mais delicada e

sem dúvida menos exuberante, nariz, *retroussé* — feições de modo geral irregulares; e, no todo, era mais charmosa do que bonita. Mas seus olhos — não posso me esquecer dessa característica incrível, pois era aí que morava seu atrativo principal, pelo menos no aspecto exterior; eram longos e estreitos no formato, as íris negras, ou castanhas muito escuras, as expressões variadas e sempre em mutação, mas sempre excepcionalmente — quase disse *diabolicamente* — ferinas ou irresistivelmente cativantes — não raro ambas. Sua voz era afável e infantil, seus passos leves e suaves como os de um gato; mas seus modos lembravam com mais frequência os de um filhote belo e brincalhão, que ora é atrevido e travesso, ora tímido e recatado, segundo sua doce vontade.

Sua irmã, Mary, era alguns anos mais velha, vários centímetros mais alta, e de compleição mais larga, mais rudimentar — uma garota singela, quieta, sensata, que cuidara da mãe com paciência ao longo de sua enfermidade duradora, tediosa, e que foi a governanta, o burro de carga da família, desde então até o presente. Tinha a confiança e a estima do pai, era amada e cortejada por cada cão, gato, criança e pobre, e menosprezada e negligenciada por todos os outros.

O próprio reverendo Michael Millward era um cavalheiro alto, pesado, idoso, que enfiava um chapéu de aba larga sobre o rosto grande, quadrado, de feições maciças, levava uma bengala volumosa na mão e empacotava seus braços e pernas ainda vigorosos em bombachas ajustadas abaixo dos joelhos e perneiras — ou meias de seda preta em solenidades. Era um homem de princípios sólidos, preconceitos fortes e hábitos regulares —, intolerante a dissidências de qualquer gênero, que agia sob a firme convicção de que as opiniões *dele* estavam sempre certas, e quem discordasse delas devia ser ou deploravelmente ignorante ou deliberadamente cego.

Na infância, fui acostumado a encará-lo sempre com um sentimento de admiração reverente — mas nos últimos tempos, até mesmo agora, seja um sentimento superado, pois, embora ele tivesse uma bondade paternal pelos bem-comportados, era um disciplinador rigoroso, e volta e meia recriminava em tom sério nossas falhas e pecadilhos juvenis; ademais, naquela época, sempre que chamava nossos pais,

tínhamos que nos postar diante dele e recitar nosso catecismo, ou repetir “Como a abelhinha ocupada”¹ ou alguma outra rima, ou — na pior das hipóteses — sermos questionados a respeito de seu último texto e os pontos principais do sermão, do qual nunca nos lembrávamos. Às vezes, o nobre cavalheiro reprovava minha mãe por ser muito indulgente com os filhos, com uma referência ao velho Eli, ou David e Absalão, o que era extremamente incômodo para os sentimentos dela; e, apesar do grande respeito que nutria por ele e por todas as suas máximas, uma vez eu a ouvi exclamar: “Quem dera ele tivesse um filho! Aí não estaria sempre a postos para dar conselhos aos outros; ele veria *o que é* ter dois garotos para manter na linha”.

Tinha um zelo louvável pela saúde física — levantava-se muito cedo, sempre dava uma caminhada antes do café da manhã, era exigente em excesso quanto a roupas mornas e secas, jamais se soube que tenha proferido um sermão sem antes engolir um ovo cru — ainda que fosse dotado de bons pulmões e uma voz potente —, e era, de modo geral, extremamente seletivo com o que comia e bebia, mas de forma alguma era abstinência, e tinha um estilo de dieta singular — tendo muito desprezo por chá e tais lavaduras, era defensor de bebidas maltadas, bacon e ovos, presunto, carne-seca e outras carnes fortes, que agradavam bastante a seus órgãos digestivos, e portanto eram por ele considerados bons e salutares para todos, e os recomendava com segurança aos mais frágeis convalescentes ou dispépticos, que, se não conseguiam extrair os benefícios prometidos de suas prescrições, ouviam que era porque não haviam perseverado, e se reclamavam de resultados inconvenientes, recebiam garantias de que era tudo delírio.

Vou tratar apenas brevemente de duas outras pessoas que mencionei, e então porei um ponto-final nesta longa carta. Refiro-me à sra. Wilson e sua filha. A primeira era viúva de um fazendeiro importante, uma velha fuxiqueira de mente estreita, tagarela, cuja personalidade não merece descrição. Tinha dois filhos, Robert, um agricultor rústico e rude, e Richard, um rapaz estudioso, reservado, que estudava os clássicos com o auxílio do vigário, preparando-se para a faculdade e visando ingressar na igreja.

A irmã deles, Jane, era uma moça de alguns talentos e mais ambição. Tinha, por vontade própria, recebido sua educação em um internato, superior à obtida por qualquer outro membro da família até então. Havia adquirido bem o refinamento, conquistado considerável elegância nos modos, perdido por completo o sotaque provinciano, e poderia ostentar mais realizações do que as filhas do vigário. Além disso, era considerada uma beldade, mas nunca, nem por um instante, pôde me incluir entre seus admiradores. Tinha cerca de vinte e seis anos, era bastante alta e muito esguia, o cabelo não era nem castanho nem ruivo, mas de um vermelho suave definitivo, luminoso, sua tez era extraordinariamente clara e viçosa, a cabeça pequena, o pescoço longo, o queixo arredondado, mas lábios bem curtos, finos e vermelhos, olhos castanho-claros, rápidos e penetrantes, mas destituídos de qualquer poesia ou emoção. Tinha, ou poderia ter tido, muitos pretendentes de sua estatura na vida, mas rechaçava-os com desdenho ou rejeitava todos, pois havia apenas um cavalheiro capaz de agradar seu gosto refinado, e ninguém seria capaz de saciar sua elevada ambição, a não ser um homem rico. Existia um cavalheiro, de quem ultimamente vinha recebendo alguns galanteios incisivos, cujos coração, nome e fortuna, segundo se murmurava, ela tinha em séria mira. Era o sr. Lawrence, jovem proprietário de terras cuja família antes ocupara Wildfell Hall, mas que abandonara a casa cerca de quinze anos antes, por uma mansão mais moderna e espaçosa em uma paróquia vizinha.

Agora, Halford, despeço-me de você por ora. Esta é a primeira prestação de minha dívida. Caso a moeda lhe seja conveniente, peço que me avise, e lhe mandarei o resto de acordo com meu tempo livre; caso prefira continuar meu credor a encher sua carteira de miudezas pesadas e canhestras — me avise ainda assim, e perdoarei seu mau gosto, e de bom grado guardarei o tesouro para mim.

Imutavelmente seu,
gilbert markham

1. Primeiro verso de “Against Idleness and Mischief”, de Isaac Watts, que, usando o exemplo de uma abelha, visava instilar nas crianças a ideia de trabalho árduo. (n. e. inglesa)

2. Um encontro

Noto, com alegria, meu mais estimado amigo, que a nuvem de seu desprazer foi embora; a luz de seu rosto me abençoa uma vez mais, e você deseja a continuidade de minha história: assim, sem mais delongas, você aqui a terá.

Acho que o último dia que mencionei foi um certo domingo, o último de outubro de 1827. Na terça-feira seguinte saí com meu cachorro e minha arma à procura das caças que pudesse achar dentro do território de Linden-car; mas, sem encontrar nenhuma, voltei meu armamento contra falcões e urubus-de-cabeça-vermelha, cujas depredações, conforme eu suspeitava, haviam me privado de presas melhores. Com esse fim, deixei para trás as regiões mais frequentadas, os vales arborizados, os milharais e as campinas, e subi a ladeira escarpada de Wildfell, a elevação mais imponente e mais selvagem de nossa vizinhança, onde, à medida que é galgada, as sebes, bem como as árvores, tornam-se escassas e raquíticas, as primeiras, enfim, dando lugar a cercas de pedras grosseiras, um pouco esverdeadas por heras e musgos, as últimas a lariços e pinheiros-silvestres, ou abrunheiros isolados. Os campos, acidentados e pedregosos e totalmente inadequados ao arado, eram dedicados sobretudo ao pasto de ovelhas e gado; o solo estava ralo e estéril: pedras cinza aqui e ali espiavam dos montículos cobertos de grama; plantas de mirtilo e urze — relíquias de uma natureza mais selvagem — cresciam sob os muros; e em muitas das áreas cercadas, ervas-de-santiago e junco usurpavam a supremacia da pastagem esparsa; mas não era *minha* a propriedade.

Perto do alto dessa colina, a cerca de três quilômetros de Linden-car, ficava Wildfell Hall, uma mansão obsoleta da era elisabetana,

feita de pedras cinza-escuras — venerável e pitoresca de se olhar, mas, sem dúvida, fria e sombria o bastante para ser habitada, com suas barras grossas de pedras nas janelas e vidraças com treliças, seus respiradouros carcomidos pelo tempo, e sua situação solitária demais, desprotegida demais — só blindada da guerra de vento e do clima por um grupo de pinheiros-silvestres, eles mesmos meio secos por conta das tempestades, e com um aspecto tão horrendo e soturno quanto a própria casa. Atrás dela havia alguns campos desolados, e depois, o cume marrom, coberto de urzes, da colina; na frente dela (cercada de muros de pedras, e fechada por um portão de ferro com bolas largas de granito cinza — similares àquelas que decoravam o telhado e os frontões — elevando-se sobre os postes do portão) havia um jardim outrora repleto das plantas e flores robustas que toleravam mais o solo e o clima, e árvores e arbustos que resistiam mais às podas do jardineiro, e que adquiriam mais prontamente o formato que ele escolhia lhes dar — agora, abandonado fazia tantos anos, sem cultivo e sem podas, largado às ervas daninhas e à grama, ao gelo e ao vento, à chuva e à seca, de fato exibia uma aparência singular. As cercas verdes de alfena, que ladeavam a trilha principal, estavam dois terços definhadas, e o resto havia crescido para além de todos os limites razoáveis; o velho cisne de madeira, que ficava ao lado da raspadeira, perdera o pescoço e metade do corpo; as torres acasteladas dos loureiros no meio do jardim, o guerreiro gigantesco que ficava de um dos lados do portão e o leão que guardava o outro lado haviam brotado em formas tão fantásticas que não lembravam nada nem do Céu nem da Terra, tampouco das águas sob a terra; porém, para a minha imaginação juvenil, todos apresentavam um aspecto de duendes que harmonizava bem com as lendas fantasmagóricas e tradições lúgubres que nossa antiga ama nos contara a respeito do casarão assombrado e seus finados ocupantes.

Tinha conseguido matar um falcão e dois corvos quando deparei com a mansão; e então, abdicando de mais depredações, segui meu passeio para dar uma olhada na velha casa e ver quais mudanças tinham sido forjadas nela pela nova moradora. Não queria ir bem à frente e fitar o portão; mas parei ao lado da cerca do jardim e olhei e

não vi mudanças — a não ser em uma ala, onde as janelas quebradas e o telhado dilapidado haviam evidentemente sido consertados, e onde uma espiral de fumaça rarefeita subia da série de chaminés.

Enquanto estava parado ali, apoiado na minha arma, com os olhos voltados para os escuros frontões, mergulhado em quimeras indolentes, tecendo um lenço de fantasias extravagantes em que antigas associações e a bela eremita jovem, agora dentro daqueles muros, tinham quinhões quase iguais, escutei um leve ruído e farfalho logo ali no jardim; e, olhando na direção de onde o som vinha, observei uma mãozinha elevada sobre o muro: agarrava-se à pedra mais alta, e então outra mão pequena se levantou para segurar com mais firmeza, e depois apareceu uma testa branca encimada por grinaldas de cabelo castanho-claro, com um par de olhos azuis profundos e a parte superior de um diminuto nariz marfim.

Os olhos não me notaram, mas brilharam de alegria ao verem Sancho, meu belo perdigueiro preto e branco, que corria pelo campo com o focinho no chão. A criaturinha levantou o rosto e chamou o cão. O afável animal estancou, ergueu a cabeça e abanou o rabo, porém não tomou nenhuma outra iniciativa. A criança (um menininho, que parecia ter uns cinco anos) lutou para subir no muro e chamou várias vezes, mas, percebendo que era em vão, pareceu tomar uma decisão, assim como Maomé, e ir à montanha já que a montanha não iria até ele, e tentou chegar ao outro lado; mas uma velha cerejeira nodosa, que se enrijecera, segurou-o pela camisola em um de seus rugosos braços tortos que se esticava sobre o muro. No afã de soltar-se, o pé escorregou e ele caiu — mas não até o solo; a árvore ainda o mantinha em suspenso. Houve uma batalha silenciosa, e então um grito pungente; mas, em um instante, eu largara minha arma no gramado e segurara o pequenino nos braços.

Enxuguei seus olhos com a camisola, disse que estava tudo bem e chamei Sancho para acalmá-lo. Ele estava botando a mãozinha no pescoço do cachorro e começando a sorrir em meio às lágrimas, quando ouvi, às minhas costas, um estalido do portão de ferro e um farfalhar de trajes femininos, e veja só! A sra. Graham avançou em minha direção — o pescoço despido, as madeixas pretas fluindo ao

vento.

“Me dê a criança!”, ela disse com a voz um pouco mais alta que um sussurro, mas em tom de veemência assustada e, pegando o menino, arrancou-o de mim, como se houvesse uma contaminação horrenda no meu toque, e então ficou com uma mão segurando firmemente a do menino, a outra no ombro dele, fixando em mim seus olhos escuros, grandes, luminosos — pálida, ofegante, trêmula de tanta agitação.

“Eu não estava fazendo mal à criança, madame”, disse eu, mal sabendo se devia ficar mais atônito ou ofendido, “ele estava caindo daquele muro ali e tive a sorte de conseguir pegá-lo quando ficou pendurado de ponta-cabeça naquela árvore, e evitei sabe-se lá qual catástrofe.”

“Eu lhe peço perdão, senhor”, ela gaguejou — de repente se acalmando —, a luz da razão parecendo irromper de seu espírito anuviado e um leve rubor cobrindo suas faces “não o conheço... e pensei...”

Curvou-se para beijar o menino e com carinho passou o braço em torno do pescoço dele.

“Achou que eu fosse raptar seu filho, imagino?”

Ela acariciou a cabeça da criança com uma risada meio constrangida e respondeu:

“Não sabia que ele havia tentado subir o muro — Creio que tenho o prazer de me dirigir ao sr. Markham”, ela acrescentou um tanto abruptamente.

Fiz uma reverência, mas me aventurei a perguntar como ela sabia.

“Sua irmã veio aqui há alguns dias, acompanhada da sra. Markham.”

“A semelhança é assim tão grande?”, indaguei com certa surpresa, e sem me lisonjear com a ideia tanto quanto deveria.

“Existe semelhança nos olhos e na pele, eu acho”, ela respondeu, examinando-me o rosto com incerteza; “e tenho a impressão de tê-lo visto na igreja no domingo.”

Eu sorri. Algo ou naquele sorriso ou nas recordações que despertavam lhe eram em especial desagradáveis, pois de repente retomou aquela expressão orgulhosa, fria, que de forma tão

inexprimível incitara minha corrupção na igreja — um olhar de desprezo repulsivo, tão facilmente assumido e destituído da menor distorção de um simples traço que, estando ali, parecia ser a expressão natural de seu rosto, e me era ainda mais provocante, pois eu não a considerava fingida.

“Bom dia, sr. Markham”, disse ela; e sem outra palavra ou olhar, recuou com a criança até o jardim; e eu voltei para casa, zangado e insatisfeito — mal saberia lhe dizer o porquê — e portanto não tentarei fazê-lo.

Fiquei apenas para guardar minha arma e polvorinho e dar algumas ordens necessárias a um dos lavradores, e em seguida me dirigi ao vicariato para consolar meu espírito e apaziguar meu temperamento irritado com a companhia e a conversa de Eliza Millward.

Eu a encontrei, como de hábito, ocupada com uma peça de bordado delicado (ainda não começara a mania das lãs de Berlim), enquanto a irmã ficava sentada no canto da chaminé, com o gato em cima dos joelhos, cerzindo um monte de meias.

“Mary — Mary!, guarde isso!”, Eliza dizia às pressas no momento em que entrei na sala.

“Naturalmente que não!”, foi a resposta fleumática; e minha aparição evitou mais discussões.

“Que *grande* falta de sorte, sr. Markham!”, observou a irmã caçula, com seus olhares travessos, de soslaio. “O papai acabou de sair rumo à paróquia, e é improvável que volte em menos de uma hora!”

“Não tem problema: consigo passar alguns minutos com as filhas dele, se elas me permitirem”, disse eu, levando uma cadeira para perto do fogo e me sentando sem aguardar convite.

“Bem, se o senhor for muito bom e divertido, não faremos objeção.”

“Rogo que sua permissão seja incondicional, pois vim aqui não para oferecer prazer, e sim em busca dele”, respondi.

Entretanto, achei razoável fazer um ligeiro esforço para tornar minha companhia agradável; e o pouco esforço que fiz aparentemente foi bem-sucedido, pois a srta. Eliza nunca esteve tão bem-humorada. Parecíamos, de fato, agradar um ao outro, e conseguíamos manter entre nós uma conversa alegre e animada, mas não muito profunda.

Foi um pouco melhor que um tête-à-tête, já que a srta. Millward nunca abria a boca, a não ser de vez em quando para corrigir alguma declaração fortuita ou expressão exagerada de sua irmã, e uma vez para lhe pedir que pegasse o novelo de algodão, que havia rolado para debaixo da mesa. Eu mesmo o fiz, no entanto, pois fui compelido pelo dever.

“Obrigada, sr. Markham”, disse ela, quando o entreguei. “Eu mesma teria pegado, mas não queria incomodar o gato.”

“Mary, querida, isso não servirá de pretexto aos olhos do sr. Markham”, disse Eliza, “ele detesta gatos, ousou declarar, bem como cordialmente detesta velhas solteironas — assim como todos os cavalheiros —, não é verdade, sr. Markham?”

“Creio que seja natural de nosso sexo inamistoso não gostar dos bichanos”, respondi, “pois as damas dão muitos afagos a eles.”

“Que sejam abençoados — queridinhos!”, exclamou ela, numa súbita explosão de entusiasmo, virando-se e sujeitando o bichinho da irmã a uma chuva de beijos.

“Não, Eliza!”, disse a srta. Millward, com certa rispidez enquanto a afastava com impaciência.

Porém, estava na hora de eu ir embora: por mais que me apressasse, ainda me atrasaria para o chá; e minha mãe era a ordem e a pontualidade em pessoa.

Minha bela amiga evidentemente relutava em despedir-se de mim. Com ternura, apertei sua mãozinha ao partir, e ela me recompensou com um de seus sorrisos mais meigos e olhares mais cativantes. Fui para casa muito feliz, com o coração repleto de satisfação comigo mesmo e transbordante de amor por Eliza.

3. Uma controvérsia

Dois dias depois, a sra. Graham fez uma visita a Linden-car, contrariando as expectativas de Rose, que acalentava a ideia de que a misteriosa habitante de Wildfell Hall fosse desconsiderar por completo os ritos comuns da vida civilizada — opinião apoiada pela família Wilson, que afirmava que nem a visita delas nem a da família Millward fora retribuída. Agora, no entanto, o motivo de tal omissão era explicado, mas não totalmente a contento de Rose. A sra. Graham levava junto o filho, e diante da surpresa manifesta de minha mãe de que ele conseguisse andar até tão longe, ela respondeu:

“É uma longa caminhada para ele, mas ou o trazia comigo ou abdicava da visita, pois jamais o deixo sozinho, e acho, sra. Markham, que preciso suplicar à senhora que transmita meu pedido de desculpas aos Millward e à sra. Wilson, quando a senhora os vir, já que temo não poder me dar ao prazer de visitá-los até que meu pequeno Arthur possa me acompanhar.”

“Mas a senhora tem uma criada”, disse Rose, “não pode deixá-lo com ela?”

“Ela tem seus próprios afazeres a cumprir; além disso, é muito idosa para correr atrás de uma criança, e ele é esperto demais para ficar amarrado a uma senhora.”

“Mas a senhora o deixou para ir à igreja.”

“Sim, uma vez; mas não o teria deixado com qualquer outra finalidade; e acho que, no futuro, devo arrumar uma forma de levá-lo comigo ou então ficar em casa.”

“Ele é assim tão travesso?”, indagou minha mãe, bastante chocada.

“Não”, respondeu a moça, com um sorriso triste, enquanto

acariciava as madeixas onduladas do filho, sentado em um banquinho a seus pés, “mas como ele é meu único tesouro, e eu sou sua única amiga, não gostamos de ficar separados.”

“Mas, minha querida, isso é o que eu chamo de mimar”, declarou minha mãe, sempre sincera. “A senhora devia tentar conter esse apego tolo tanto para salvar seu filho da ruína quanto a senhora do ridículo.”

“*Ruína*, sra. Markham?”

“Sim, isso é mimar a criança. Mesmo na idade *dele*, não pode ficar sempre grudado na barra da saia da mãe; ele devia aprender a se envergonhar disso.”

“Sra. Markham, rogo que não diga essas coisas na frente *dele*, pelo menos. Tenho fé de que meu filho *nunca* terá vergonha de amar a própria mãe!”, disse a sra. Graham, com uma firmeza que assustou o grupo.

Minha mãe tentou apaziguá-la com uma explicação, mas ela parecia achar que já tinham falado o bastante sobre a questão e mudou de assunto de forma abrupta.

Exatamente o que eu imaginava, disse a mim mesmo, *o gênio da moça não é dos mais brandos, apesar do rosto meigo, pálido, e da testa altiva, onde tanto o pensamento como o sofrimento parecem ter deixado suas marcas.*

Esse tempo todo, eu estava sentado à mesa no outro canto da sala, aparentemente imerso na leitura atenta de um volume da *Revista do Agricultor*, que por acaso estava lendo no momento em que nossa visitante chegou; e, optando por não ser gentil em excesso, eu havia apenas feito uma mesura à sua entrada e prosseguido com minha tarefa de antes.

Pouco depois, no entanto, percebi que alguém se aproximava de mim, com passos leves mas vagarosos e hesitantes. Era o pequeno Arthur, com sua atração irresistível por meu cachorro Sancho, deitado aos meus pés. Ao erguer os olhos, eu o contemplei de pé a cerca de dois metros de distância, com seus olhos azul-claros desejosos a fitar o cachorro, fixos no alvo, não por medo do animal, mas por uma tímida aversão de aproximar-se do dono do animal. Um pouco de incentivo, contudo, o induziu a aproximar-se. A criança, apesar de acanhada, não

era emburrada. Em um minuto já estava ajoelhada no tapete, com os braços em torno do pescoço de Sancho, e depois de mais um ou dois minutos, o menininho estava sentado no meu joelho, examinando com ávido interesse os vários espécimes de cavalos, gado, porcos e granjas experimentais retratados no volume à minha frente. Eu olhava para a mãe dele vez por outra, para averiguar como percebia a recém-surgida intimidade; e vi, pela expressão irrequieta de seus olhos, que, por um motivo ou outro, estava incomodada com a situação da criança.

“Arthur”, ela chamou, por fim, “venha aqui. Você está incomodando o sr. Markham: ele quer ler.”

“De modo algum, sra. Graham; rogo que o deixe ficar. Estou me divertindo tanto quanto ele”, pedi. Mas ainda assim, com a mão e os olhos, ela silenciosamente o chamou para seu lado.

“Não, mamãe”, disse a criança, “me deixe olhar essas figuras antes, depois eu vou e falo sobre elas com a senhora.”

“Vamos fazer uma festinha na segunda-feira, no dia 5 de novembro”, anunciou minha mãe, “e espero que não recuse o convite, sra. Graham. Pode trazer seu filho junto, sabe? — ousou dizer que seremos capazes de diverti-lo; e então a senhora poderá se desculpar pessoalmente com os Millward e os Wilson — presumo que todos estarão aqui.”

“Obrigada, nunca vou a festas.”

“Ah!, mas essa será mais uma reunião de família — vai ser cedo, e ninguém além de nós estará aqui, além dos Millward e dos Wilson, a maioria dos quais você já conhece, e o sr. Lawrence, seu senhorio, com quem a senhora precisa travar relações.”

“Eu o conheço um pouco — mas a senhora deve me desculpar desta vez, pois as noites, agora, são escuras e úmidas, e o Arthur, receio, é sensível demais para se arriscar à influência delas impunemente. Teremos que protelar a fruição de sua hospitalidade até o retorno de dias mais longos e noites mais quentes.”

Nesse momento, Rose, seguindo uma sugestão de minha mãe, pegou no armário sob o aparador de carvalho um decantador de vinho, acompanhado de taças e bolo, e o lanche foi devidamente oferecido às visitas. Ambos compartilharam do bolo, mas recusaram o vinho de

forma obstinada, apesar das tentativas hospitalleiras da anfitriã de forçá-los a aceitar. Foi sobretudo Arthur quem recuou diante do néctar rubi como se sentisse terror e repulsa, e quase caiu no choro quando foi encorajado a tomá-lo.

“Não faz mal, Arthur”, disse sua mãe, “a sra. Markham acha que lhe fará bem, já que você se cansou da caminhada, mas não vai obrigá-lo a tomá-lo; ousou dizer que você ficará muito bem sem ele. Ele detesta até mesmo olhar o vinho”, ela acrescentou, “e o aroma quase lhe dá náuseas. Eu me acostumei a fazê-lo engolir um pouco de vinho ou bebidas fracas com água, à guisa de remédio quando estava doente e, na verdade, fiz o que pude para que as odiasse.”

Todos riram, exceto a jovem viúva e seu filho.

“Bem, sra. Graham”, disse minha mãe, enxugando as lágrimas de alegria de seus olhos claros, azuis, “bem, a senhora me surpreende! Eu supunha que tivesse mais sensatez — o pobre menino vai se tornar o maior filhinho da mamãe que já existiu! Pense bem no homem que a senhora criará, caso insista...”

“Considero um plano excelente”, interrompeu a sra. Graham, com uma seriedade imperturbável. “Por meio dele espero salvá-lo de pelo menos um vício degradante. Gostaria de, no caso dele, poder tornar igualmente inócuos os incentivos a tudo mais.”

“Mas desse modo”, disse eu, “a senhora nunca o tornará virtuoso. — O que constitui a virtude, sra. Graham? É a circunstância de ser capaz de resistir à tentação ou de não ter tentações às quais resistir? — Ele é um homem forte que supera grandes obstáculos e tem grandes realizações, embora por meio de grande esforço muscular e sob o risco da fadiga subsequente, ou é o que fica o dia inteiro sentado na cadeira, sem nada mais laborioso a fazer do que remexer o fogo e levar a comida à boca? Se a senhora quiser que seu filho ande com honradez pelo mundo, não deve tentar retirar as pedras de seu caminho, mas ensiná-lo a andar com firmeza sobre elas — não insistir em levá-lo pela mão, mas deixar que aprenda a andar sozinho.”

“Vou levá-lo pela mão, sr. Markham, até que tenha forças para seguir sozinho, e vou tirar de seu caminho todas as pedras que puder e ensiná-lo a evitar o *resto* — ou andar com firmeza sobre elas,

conforme disse o senhor; pois quando eu tiver feito meu máximo, em termos de desobstrução, ainda sobrá muito para que ele exercite toda a agilidade, firmeza e circunspecção que terá na vida. — Tudo bem falar de resistência nobre e provas de virtude, mas para os cinquenta ou quinhentos homens que cederam à tentação, me mostre um que teve a virtude de resistir. E por que devo considerar um fato consumado que meu filho será um em mil? — e não me preparar para o pior, e supor que ele será igual ao... igual ao resto da humanidade, a não ser que eu trate de evitar isso?”

“A senhora é muito lisonjeira com todos nós”, observei.

“Nada sei a respeito *do senhor* — falo daqueles que conheço — e quando vejo a raça humana como um todo com algumas raras exceções, cambaleando e tropeçando pelo caminho da vida, afundando a cada armadilha e quebrando as canelas a cada empecilho que apareça no caminho, não devo usar de todos os meios possíveis para garantir a ele uma passagem mais suave e segura?”

“Sim, mas o modo mais infalível seria tentar fortalecê-lo *contra* a tentação, não tirá-la de seu caminho.”

“Farei ambas as coisas, sr. Markham. Deus bem sabe que ele terá tentações suficientes a atacá-lo, tanto internas como externas, depois que eu tiver feito tudo o que for possível para tornar o vício tão pouco convidativo para ele quanto é abominável em sua própria essência. Eu mesma tive, aliás, alguns incentivos ao que o mundo chama de vícios, no entanto vivi tentações e provações de outro tipo, que, em inúmeras ocasiões, me exigiram mais cautela e firmeza para resistir do que fui capaz de reunir contra eles. E isso, creio eu, é o que a maioria das pessoas admitiria, se estivessem acostumadas à reflexão e desejosas de lutar contra suas corrupções naturais.”

“Sim”, disse minha mãe, porém sem entender direito o que ela queria dizer, “mas a senhora não pode avaliar o menino em comparação consigo — e minha querida sra. Graham, deixe-me adverti-la logo contra o erro — o erro fatal, posso chamá-lo assim — de assumir a educação do menino pessoalmente. Como a senhora é inteligente em alguns aspectos, e bem informada, talvez imagine estar à altura da tarefa; mas na verdade não está; e caso insista na tentativa,

acredite no que lhe digo, a senhora se arrependerá amargamente quando o problema estiver posto.”

“Deveria mandá-lo à escola, suponho, para que aprenda a desprezar a autoridade e o afeto de sua mãe!”, retrucou a moça com um sorriso bastante amargo.

“Ah, *não!* — Mas se quiser que um menino despreze a mãe, basta que ela o mantenha dentro de casa, e passe a vida lhe fazendo mimos, e trabalhe como uma escrava para satisfazer suas loucuras e seus caprichos.”

“Concordo plenamente, sra. Markham, mas nada poderia estar mais distante dos meus princípios e práticas do que uma fraqueza tão criminosa.”

“Bem, mas a senhora vai tratá-lo como uma menina — vai estragar seu caráter e fazer dele um maricas — e vai fazer mesmo, sra. Graham, pense a senhora o que quiser. Mas vou pedir ao sr. Millward que converse com a senhora sobre esse assunto — *ele* lhe dirá as consequências; ele as disporá diante dos seus olhos, claras como o dia; e lhe dirá o que a senhora tem que fazer, e tudo o mais; e, não duvido, conseguirá convencê-la em um minutinho.”

“Não é razão para incomodar o vigário”, disse a sra. Graham, olhando para mim — imagino que eu estivesse sorrindo por conta da confiança desmedida de minha mãe no digno cavalheiro —, “o sr. Markham aqui acha que o poder de convencimento dele no mínimo se iguala ao do sr. Millward. Se não lhe dei ouvidos, tampouco serei convencida ainda que um morto ressuscite, ele lhe diria. — Bem, sr. Markham, o senhor, que defende que um menino não deve ser protegido do mal, mas enviado para lutar contra ele, sozinho e desassistido — não ensinado a evitar as armadilhas da vida, mas a avançar contra elas com coragem, ou sobre elas, como talvez seja o caso — para buscar o perigo em vez de rechaçá-lo, e cultivar sua virtude através da tentação — o senhor faria...”

“Eu lhe peço perdão, sra. Graham — mas a senhora está se precipitando. Ainda não disse que um menino deve ser ensinado a avançar contra as armadilhas da vida — ou mesmo a buscar deliberadamente a tentação só para exercitar sua virtude ao superá-la;

digo apenas que é melhor armar e fortalecer seu herói do que desarmar e enfraquecer o inimigo — e caso a senhora fosse criar um broto de carvalho em estufa, cuidando dele dia e noite, e o protegendo de todo sopro do vento, não poderia ter a expectativa de que se tornasse uma árvore forte, como aquela que cresce na ladeira da montanha, exposta a toda a ação das intempéries e até mesmo desabrigada do choque da tempestade.”

“De acordo; mas o senhor usaria esse mesmo argumento em relação a uma menina?”

“Sem dúvida que não.”

“Não; o senhor preferiria que ela fosse cuidada com ternura e delicadeza, como uma planta de estufa — ensinada a se agarrar aos outros para ter direção e apoio, e preservada, tanto quanto possível, até do conhecimento do mal. Mas o senhor teria a bondade de me explicar por que faz essa distinção? É por achar que ela *não possui* nenhuma virtude?”

“Garanto que não.”

“Bem, mas o senhor afirma que a virtude só é suscitada pela tentação; e acha que uma mulher não pode ser nem um pouco exposta à tentação, ou conhecer minimamente o vício, ou nada relacionado. É *inevitável* que o senhor a considere, em essência, ou tão malévola ou tão parva que ela *não consiga* resistir à tentação — e embora ela possa ser pura e inocente enquanto for mantida na ignorância e sob controle, ensiná-la a pecar é torná-la pecadora, porém, já que é destituída de virtude *verdadeira*, e quanto maior o conhecimento dela, maior sua liberdade e mais profunda sua depravação — enquanto, no sexo mais nobre, existe uma tendência natural à bondade, guardada por uma fortaleza superior que, quanto mais exercitada pelas provações e perigos, mais se desenvolve...”

“Deus me livre de pensar dessa forma!”, interrompi, por fim.

“Pois bem, o senhor deve achar que *ambos* são fracos e propensos a falhas, e o mínimo erro, a menor sombra de contaminação arruinará um enquanto o caráter do outro será fortalecido e embelezado — sua educação devidamente finalizada por um pouco de conhecimento prático sobre as coisas proibidas. Tal experiência, para ele, para usar

uma comparação banal, será como a tempestade para o carvalho, que, embora possa espalhar suas folhas e quebrar seus galhos menores, serve para firmar as raízes e endurecer e comprimir as fibras da árvore. O senhor gostaria que incentivássemos nossos filhos a provar todas as coisas por experiência própria, mas nossas filhas não tirassem proveito nem mesmo das experiências alheias. Já *eu* preferiria que ambos se beneficiassem igualmente das experiências alheias e das normas impostas por autoridades superiores, assim saberiam de antemão que devem rejeitar o mal e escolher o bem, e não exigir nenhuma prova experimental para lhes ensinar o mal da transgressão. Não mandaria uma menina para o mundo, desarmada perante os inimigos e ignorante das armadilhas que cercam seu caminho, tampouco eu a vigiaria e protegeria até que, privada de amor-próprio e de independência, ela perdesse seu poder ou a vontade de vigiar e proteger a si mesma sozinha; e quanto ao meu filho, se eu achasse que ele cresceria e se transformaria no que o senhor chama de homem do mundo — alguém que ‘viu a vida’ e regozija-se em sua vivência, embora disso ele pudesse tirar proveito, no que se refere a endireitar-se, enfim, e tornar-se um membro útil e respeitado da sociedade — eu preferiria que ele morresse amanhã! — preferiria mil vezes!”, ela repetiu a sério, apertando o filhinho contra o corpo e beijando-lhe a testa com intensa afeição. Ele já deixara seu novo companheiro, e estava parado havia um tempo ao lado do joelho da mãe, olhando para seu rosto e escutando com uma admiração silenciosa seu discurso incompreensível.

“Oras!, as damas têm sempre que dar a última palavra, imagino”, disse eu, observando-a se levantar e começar a se despedir de minha mãe.

“O senhor pode ter quantas palavras quiser — só que não posso ficar para ouvi-las.”

“Não, assim são as coisas: a senhora escuta o argumento até o ponto que quer e o resto que seja dito ao vento.”

“Caso o senhor esteja ansioso para dizer algo mais sobre o assunto”, retrucou ela, ao apertar a mão de Rose, “venha com sua irmã me ver em um dia agradável, e eu escutarei, com toda a paciência do mundo,

a tudo o que o senhor desejar falar. Prefiro ouvir um sermão seu a um do vigário, porque terei menos remorso em dizer ao senhor, ao fim do discurso, que continuo com a mesma opinião, exatamente igual à do princípio — como seria o caso, estou convencida, de qualquer especialista em lógica.”

“Sim, é claro”, respondi, decidido a ser tão provocador quanto ela, “pois, quando uma dama consente em escutar um argumento contrário às próprias opiniões, ela está sempre predeterminada a resistir — a escutar apenas com seus ouvidos corpóreos, mantendo os órgãos mentais fechados ao raciocínio mais sólido, com toda determinação.”

“Bom dia, sr. Markham”, disse minha bela antagonista com um sorriso de pena; e sem condescender a outras tréplicas, ela fez uma leve mesura e estava prestes a retirar-se, mas o filho, com uma impertinência infantil, deteve-a com a exclamação:

“Mamãe, a senhora não apertou a mão do sr. Markham!”

Aos risos, ela se virou e esticou a mão. Eu lhe dei um aperto vingativo, pois estava irritado com a contínua injustiça que me fez desde o início de nossa relação. Sem ter nenhum conhecimento de meus verdadeiros princípios e caráter, era evidente que ela tinha preconceitos contra mim, e parecia estar decidida a mostrar-me que suas opiniões a meu respeito, sob todos os aspectos, estavam muito aquém das que eu tinha de mim mesmo. Eu era melindroso por natureza, senão não teria me incomodado tanto. Talvez também fosse um pouco mimado pela minha mãe e irmã e outras damas que eu conhecia; e no entanto, não era de modo algum um janota — disso tenho plena convicção, quer *você* compartilhe dela ou não.

4. A festa

Nossa festa, no quinto dia de novembro, transcorreu muito bem apesar da recusa da sra. Graham em agraciá-la com sua presença. Aliás, é provável que, caso estivesse lá, houvesse menos cordialidade, liberdade e brincadeiras entre nós do que houve sem ela.

Minha mãe, como de praxe, estava alegre e tagarela, cheia de energia e bonomia, e seu único defeito era estar ansiosa demais para deixar os convidados felizes, forçando assim vários deles a fazerem o que suas almas abominavam, em termos de comer ou beber, sentar-se diante do fogo chamejante ou falar quando prefeririam se calar. No entanto, aguentaram muito bem, estando todos com um humor festivo.

O sr. Millward estava vigoroso em máximas importantes e piadas cheias de provérbios, anedotas pomposas e discursos oraculares distribuídos em prol da edificação do grupo inteiro em geral, e da admirada sra. Markham, do educado sr. Lawrence, da impassível Mary Millward, do reservado Richard Wilson e em especial do prosaico Robert — seus ouvintes mais atentos.

A sra. Wilson estava mais brilhante do que nunca, com suas provisões de notícias frescas e escândalos antigos, entrelaçados a questões e comentários triviais, além de observações repetidas com frequência, aparentemente enunciadas com o único propósito de negar um descanso momentâneo a seus órgãos de fala inexauríveis. Tinha levado o tricô, e parecia que sua língua apostara com os dedos que os superaria nos movimentos ligeiros e incessantes.

Sua filha Jane estava, é claro, tão graciosa e elegante, tão espirituosa e sedutora quanto conseguiria ser, pois ali estavam todas

as damas para eclipsar e todos os cavalheiros para encantar — sobretudo o sr. Lawrence para conquistar e subjugar. Suas pequenas artimanhas para executar essa subjugação eram muito sutis e impalpáveis para atrair minha observação, mas achei que havia nela certa simulação *refinada* de superioridade e uma autoconsciência indelicada, que rechaçava todas suas vantagens, e depois que ela se foi, Rose interpretou para mim suas várias expressões, palavras e atos em uma combinação de perspicácia e acidez que me fez ponderar em igual medida sobre os ardis da moça e a sagacidade de minha irmã, e me perguntar se ela também estaria de olho no proprietário de terras — mas não tem importância, Halford: ela não estava.

Richard Wilson, o irmão mais novo de Jane, ficou sentado no canto, aparentemente de bom humor, mas calado e acanhado, desejoso de escapar de olhares, mas muito disposto a escutar e observar; e, embora um pouco deslocado, estaria bastante feliz ficando quieto no canto dele, se minha mãe ao menos o deixasse em paz, mas em sua bondade equivocada ela não parava de importuná-lo com suas atenções — impondo-lhe todos os tipos de iguarias sob a impressão de que ele era tímido demais para servir-se e obrigando-o a berrar do outro lado da sala suas respostas monossilábicas a inúmeras perguntas e observações com que ela em vão tentava envolvê-lo na conversa.

Rose me informou que ele jamais nos brindaria com sua companhia se não fosse pela impertinência de sua irmã Jane, muito ávida para mostrar ao sr. Lawrence que tinha pelo menos um irmão mais cavalheiro e refinado do que Robert. Foi igualmente cuidadosa ao manter distância desse indivíduo respeitável, porém ele afirmava que não via motivos para não desfrutar de piadas infames com Markham e a velha senhora (minha mãe não era velha de fato), e a linda srta. Rose e o vigário, pois estava no seu direito — e tinha razão também nisso. Portanto, falou de trivialidades com minha mãe e Rose, e discutiu questões paroquiais com o vigário, assuntos agrícolas comigo e política com nós dois.

Mary Millward era outra muda — não tão atormentada pela bondade cruel quanto Dick Wilson, pois tinha um jeito sucinto, categórico, de responder e recusar, e era considerada mais emburrada

do que reservada. Fosse qual fosse o caso, ela certamente não dava muita satisfação aos companheiros; tampouco parecia extrair muita deles. Eliza me disse que só comparecera por insistência do pai, pois ele enfiara na cabeça que ela se dedicava com exclusividade excessiva aos deveres domésticos, negligenciando os descansos e as diversões inocentes adequados a sua idade e seu sexo. Ela me pareceu ser de modo geral bem-humorada o suficiente. Uma ou duas vezes foi provocada a rir pela sagacidade ou pela alegria de algum indivíduo estimado entre nós; e então observei que buscava o olhar de Richard Wilson, que estava sentado de frente para ela. Como ele estudava com seu pai, ela o conhecia, apesar dos hábitos retraídos de ambos, e imagino que houvesse se estabelecido um sentimento de solidariedade entre os dois.

Minha Eliza estava tão simpática que me faltam palavras para descrevê-la, coquete sem afetação, e evidentemente desejosa de mobilizar mais minha atenção do que a da sala inteira. Seu prazer em ter-me próximo, sentado ou de pé a seu lado, sussurrando em seus ouvidos ou apertando sua mão no momento da dança, era plenamente visível em seu rosto radiante e no seio ondeante, por mais que fosse desmentido por palavras e gestos atrevidos. Mas era melhor eu segurar minha língua: se me gabar dessas coisas agora, terei de enrubescer no futuro.

Vamos prosseguir, então, com os vários indivíduos de nossa festa: Rose estava simples e natural como de hábito, e cheia de alegria e vivacidade.

Fergus estava impertinente e ridículo; porém sua impertinência e insensatez serviam para fazer os outros rirem, ainda que não o elevassem na estima deles.

E por fim (pois me omito), o sr. Lawrence estava cavalheiresco e inofensivo, e educado com o vigário e as damas, sobretudo a anfitriã e a filha, e a srta. Wilson — homem equivocado, não teve o bom gosto de dar preferência a Eliza Millward. O sr. Lawrence e eu estávamos em termos de tolerância amistosa. Basicamente de hábitos discretos, e com raras saídas do local remoto de seu nascimento, onde vivia sozinho desde a morte do pai, ele não tinha nem oportunidades nem o

pendor para estabelecer muitas relações; e, de todas as pessoas que conhecera na vida, eu (a julgar pelos resultados) era a companhia mais agradável a seu gosto. Eu gostava bastante do sujeito, mas ele era frio, e tímido, e retraído demais para obter minha cordial empatia. Um espírito de integridade e franqueza, quando desacompanhado de qualquer rispidez, era o que ele admirava nos outros, mas não conseguia adquirir para si. Sua reserva excessiva acerca de todas as suas preocupações era, de fato, deveras exasperante e fria; mas a qual eu perdoava, convicto de que se originava menos do orgulho e da falta de confiança nos amigos do que em certo sentimento mórbido de escrúpulo e um acanhamento peculiar, do qual tinha consciência, mas que não tinha energia para superar. Seu coração era como uma planta sensível que se abre por um instante à luz do sol, porém se enrosca e se encolhe ao mínimo toque do dedo ou ao mais leve sopro do vento. E, de modo geral, nossa proximidade era mais uma predileção mútua do que uma amizade profunda e sólida, como a que surgiu entre mim e você, Halford, a quem, apesar de sua irritabilidade ocasional, só posso equiparar a um casaco velho, irrepreensível na textura, mas confortável e folgado — que se conformou à forma do usuário, e que ele pode usar como bem entender, sem se preocupar com o medo de estragá-lo; enquanto o sr. Lawrence era como uma peça de roupa nova, toda alinhada e elegante de se ver, mas tão justa nos cotovelos que você teme desfazer a costura com o movimento irrestrito dos braços, e de superfície tão macia e vistosa que você hesita em deixá-la exposta a uma gota de chuva sequer.

Pouco depois da chegada dos convidados, minha mãe mencionou a sra. Graham, lamentou que ela não estivesse ali para vê-los e explicou aos Millward e aos Wilson as razões que dera para negligenciar a retribuição de suas visitas, esperando que a desculpassem, já que era evidente que não tinha intenção de ser descortês e ficaria contente em vê-los a qualquer hora.

“Mas ela é uma moça muito peculiar, sr. Lawrence”, acrescentou, “não sabemos o que pensar dela — mas quiçá o senhor possa nos dizer algo, pois é sua inquilina, sabe? — e ela disse que o conhece um pouco.”

Todos os olhares se voltaram para o sr. Lawrence. Achei que ele se mostrou desnecessariamente confuso por atrair tamanho interesse.

“Eu, sra. Markham!”, exclamou ele, “a senhora se engana — eu não — isto é —, é claro que já a vi, mas sou a última pessoa a quem a senhora deve solicitar informações a respeito da sra. Graham.”

Ele se voltou no mesmo instante para Rose e pediu que ela brindasse o grupo com uma canção ou melodia ao piano.

“Não”, disse ela, “o senhor deve pedir à srta. Wilson: ela ofusca todos nós no canto e também na música.”

A srta. Wilson hesitou.

“*Ela vai cantar agorinha mesmo*”, declarou Fergus, “se o senhor aceitar ficar ao lado dela, sr. Lawrence, e virar as páginas.”

“Ficarei feliz em fazê-lo. Srta. Wilson, me permite?”

Ela esticou o longo pescoço e sorriu, deixou que ele a conduzisse até o instrumento, onde tocou e cantou, com seu melhor estilo, uma canção após a outra; enquanto ele ficava de pé, paciente, uma das mãos apoiada no espaldar da cadeira onde ela estava sentada e a outra virando as páginas. Talvez ele estivesse tão fascinado com a interpretação quanto ela mesma. Estava tudo ótimo em termos de forma, mas não posso dizer que me comoveu muito profundamente. Havia um excesso de habilidade e execução, mas pouquíssima emoção genuína.

Porém a sra. Graham ainda não era um assunto encerrado.

“Não tomo vinho, sra. Markham”, disse o sr. Millward quando a bebida lhe foi oferecida. “Vou tomar um golinho da sua cerveja caseira. Sempre prefiro suas bebidas caseiras a qualquer outra.”

Lisonjeada com o elogio, minha mãe tocou o sino e um jarro de porcelana com a nossa melhor cerveja foi trazido e posto diante do digno cavalheiro, que tão bem sabia como apreciar a excelência da bebida.

“*ISSO* sim é o que há!”, exclamou, servindo-se da bebida em um longo fluxo, habilidosamente despejado do jarro no copo, a fim de gerar mais espuma sem derramar nem uma gota sequer; e, depois de examiná-la por um instante contra a luz da vela, tomou um gole enorme, estalou os lábios, tomou fôlego e encheu o copo outra vez,

com minha mãe observando com uma imensa satisfação.

“Não há nada igual, sra. Markham!”, disse ele. “Sempre digo que não há nada que se compare à sua cerveja caseira.”

“Fico muito contente que o senhor goste. Sempre cuido da produção pessoalmente, assim como faço com o queijo e a manteiga — gosto que as coisas sejam bem-feitas, já que as estamos fazendo.”

“*Tem toda razão*, sra. Markham!”

“Entretanto, sr. Millward, o senhor considera *errado* tomar um pouquinho de vinho de vez em quando... ou um pouco de destilado?”, disse minha mãe enquanto entregava um copo fumegante de gim com água à sra. Wilson, que afirmava que o vinho lhe pesava o estômago, e cujo filho Robert naquele momento se servia de um copo bem cheio da mesma bebida.

“De modo algum!”, respondeu o oráculo, assentindo sem pensar. “Essas coisas são todas bênçãos e clemências, se soubermos fazer bom uso delas.”

“Mas não é o que a sra. Graham acha. O senhor devia ouvir o que ela nos disse outro dia — eu *disse* para ela que contaria ao senhor.”

E minha mãe brindou o grupo com um relato minucioso da postura e das ideias equivocadas da moça sobre o assunto em questão, concluindo que: “Pois bem, o senhor não acha errado?”.

“Errado!”, repetiu o vigário, com uma seriedade além do comum. “É criminoso, eu diria — criminoso! Não só faz o menino de bobo como também menospreza as dádivas da Providência e o ensina a esmagá-las com os pés.”

Então ele mergulhou mais fundo na questão e explicou em detalhes a insensatez e a impiedade de tal conduta. Minha mãe o escutou com a mais profunda reverência e até a sra. Wilson se dignou a descansar a língua por um instante e prestar atenção em silêncio enquanto bebericava com complacência o gim com água. O sr. Lawrence ficou sentado de cotovelo na mesa, brincando displicentemente com sua taça de vinho meio vazia e disfarçando um sorrisinho.

“Mas o senhor não acha, sr. Millward”, sugeriu ele, quando o cavalheiro por fim interrompeu o discurso, “que quando uma criança é naturalmente propensa à intemperança — por culpa de seus pais ou

ancestrais, por exemplo —, certas precauções são recomendáveis?” (Pois todos acreditavam que o pai do sr. Lawrence abreviara seus dias pela intemperança.)

“Certas precauções, talvez; mas temperança é uma coisa, senhor, e abstinência é outra.”

“Mas ouvi dizer que, com certas pessoas, a temperança — isto é, a moderação — é quase impossível; e se a abstinência é nociva — o que algumas pessoas põem em dúvida —, ninguém negará que o excesso é ainda pior. Alguns pais proibiram por completo que seus filhos provassem bebidas inebriantes; mas a autoridade de um pai não pode durar para sempre; os filhos são propensos por natureza a desejar coisas proibidas; e um filho, em tal caso, provavelmente teria uma enorme curiosidade de provar e testar o impacto do que foi tão enaltecido e desfrutado pelos outros e proibido de modo tão estrito para si — curiosidade essa quase sempre saciada na primeira oportunidade conveniente; e a restrição uma vez rompida poderia causar sérias consequências. Não pretendo ser juiz de tais questões, mas tenho a impressão de que esse plano da sra. Graham, conforme a senhora o descreve, sra. Markham, por mais extraordinário que pareça, não é destituído de vantagens, pois aí se vê um menino que é logo salvo da tentação: não tem uma curiosidade secreta, não tem um desejo ardoroso; é tão conhecedor das bebidas tentadoras quanto deseja ser e sente um asco profundo delas sem ter sofrido seus efeitos.”

“É mesmo, senhor? Já não lhe provei como é errado — como é contrário à Escritura e à razão, ensinar a criança a olhar com desprezo e asco para as bênçãos da Providência em vez de usá-las corretamente?”

“O senhor pode considerar o láudano uma bênção da Providência, senhor”, retrucou o sr. Lawrence, sorridente. “No entanto, há de considerar que para a maioria das pessoas o melhor caminho é se abster disso, mesmo com moderação”, acrescentou ele, “mas eu não desejaria que o senhor levasse minha comparação até o fim — em testemunho disso termino meu copo.”

“E toma outro, espero, sr. Lawrence”, disse minha mãe, empurrando

a garrafa em sua direção.

Ele recusou com um gesto educado e, afastando um pouco a cadeira da mesa, voltou-se mais para mim — eu estava sentado um pouco atrás, no sofá, ao lado de Eliza Millward — e despreocupadamente me perguntou se eu conhecia a sra. Graham.

“Já a vi uma ou duas vezes”, respondi.

“O que acha dela?”

“Não posso dizer que goste muito. Ela é bonita — talvez seja melhor dizer que é distinta e interessante — na aparência, mas de forma alguma simpática — uma moça sujeita a adotar fortes preconceitos, imagino eu, e a se aferrar a eles nos bons e maus momentos, deturpando tudo conforme suas opiniões preconcebidas — rígidas demais, ferinas demais, amargas demais para o meu gosto.”

Ele não fez uma réplica, mas olhou para baixo e mordeu o lábio e pouco depois se levantou e foi devagar até a srta. Wilson, tão repellido por mim, suponho, quanto atraído por ela. Mal notei na época, mas depois fui levado a trazer esse e outros fatos insignificantes, de natureza similar, à minha memória, quando... mas não devo me antecipar.

Terminamos a noite com danças — nosso valoroso pastor não considerou um escândalo estar presente na ocasião, embora um dos músicos do vilarejo participasse da condução de nossas evoluções com seu violino. Porém, Mary Millward, obstinada, recusava-se a nos acompanhar, assim como Richard Wilson, apesar de minha mãe com toda sinceridade implorar que ele o fizesse e até se oferecer para lhe fazer par.

Nós nos saímos muito bem sem eles, entretanto. Com uma única série de quadrilhas e várias danças rústicas, seguimos até uma hora bastante tardia; e por fim, tendo pedido a nosso músico que tocasse uma valsa, eu estava prestes a rodopiar Eliza naquela dança deliciosa, acompanhada por Lawrence e Jane Wilson, e Fergus e Rose, quando o sr. Millward se interpôs com: “Não, não; isso eu não permito! Vamos, está na hora de irmos embora”.

“Ah, não, papai!”, suplicou Eliza.

“Está na hora, minha menina — está na hora! Moderação em todas

as coisas, lembra? Esse é o plano: ‘Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens!’.”

Mas por vingança segui Eliza até a passagem pouco iluminada onde, sob o pretexto de ajudá-la com o xale, receio ter que me reconhecer culpado de roubar-lhe um beijo pelas costas do pai enquanto ele enrolava a garganta e o queixo nas dobras de um cachecol imenso. Porém, que infelicidade!, ao virar-me, ali estava minha mãe ao meu lado. A consequência foi que, assim que os convidados partiram, fui condenado a uma seríssima repreensão, que desagradavelmente cerceou o curso galopante do meu ânimo e criou um encerramento enfadonho para a noite.

“Meu querido Gilbert”, disse ela. “Gostaria que você não fizesse isso! Você sabe como me preocupo com os seus interesses, como te amo e te prezo acima de tudo no mundo, e o quanto desejo vê-lo bem estabelecido na vida — e com que amargura eu sofreria vendo-o casado com essa garota — ou qualquer outra da vizinhança. Não entendo o que você vê *nela*. Não é só na falta de dinheiro que penso — não é nada desse tipo — mas não existe beleza, nem inteligência, nem bondade, nem nada que seja desejável. Se você entendesse seu próprio valor, como eu entendo, nem sonharia com isso. Espere um pouco e veja! Caso se comprometa com ela, você se arrependerá a vida inteira quando olhar ao redor e perceber quantas melhores existem. Ouça o que eu digo, por favor.”

“Bem, mãe, sossegue! — detesto ouvir sermão! — não vou me casar ainda, eu lhe digo; mas — valha-me Deus!, não posso aproveitar minha vida *nem um pouco*?”

“Sim, meu menino querido, mas não dessa forma. Aliás, você não devia fazer essas coisas. Estaria enganando a moça, se ela fosse o que deveria ser; mas lhe garanto que é uma diabinha tão astuta, como qualquer um é capaz de ver, e você vai se enredar nas armadilhas dela antes que sequer se dê conta de onde está. E caso se case *mesmo* com ela, Gilbert, você partirá meu coração — e assim encerro o assunto.”

“Bem, não chore por isso, mãe”, disse eu, pois as lágrimas transbordavam de seus olhos, “pronto, deixe que este beijo apague aquele que dei em Eliza; não a ofenda mais, e descanse sua cabeça,

pois prometo nunca — isto é, prometo pensar duas vezes antes de dar algum passo importante que a senhora reprove seriamente.”

Ao dizer isso, acendi minha vela e fui para a cama, com o ânimo consideravelmente debelado.

5. O ateliê

Foi por volta do final do mês que, cedendo enfim às súplicas urgentes de Rose, eu a acompanhei em uma visita a Wildfell Hall. Para nossa surpresa, fomos conduzidos a um aposento onde o primeiro objeto com que os olhos deparavam era um cavalete de pintura, com uma mesinha ao lado coberta de rolos de telas, frascos de óleo e verniz, paleta, pincéis, tintas etc. Encostados à parede, havia diversos esboços em fases variadas de desenvolvimento e alguns quadros terminados — a maioria de paisagens e pessoas.

“Tenho que recebê-los bem no meu ateliê”, disse a sra. Graham, “hoje não temos fogo na sala de estar e está muito frio para levá-los a um cômodo de lareira vazia.”

E, tirando algumas cadeiras do depósito artístico que as usurpara, ela pediu que nos sentássemos e retomou o posto ao lado do cavalete — não exatamente de frente para ele, mas vez por outra lançando olhares para o retrato sobre ele enquanto conversava, e fazendo retoques esporádicos com o pincel, como se achasse impossível desviar toda a atenção da tarefa para fixá-la nos convidados. Era uma perspectiva de Wildfell Hall, conforme é vista de manhã cedo do campo lá embaixo, erguendo-se em um relevo sombrio contra um céu limpo azul-prateado, com algumas listras vermelhas no horizonte, desenhadas e coloridas com fidelidade e tratadas com muita elegância e senso artístico.

“Vejo que a senhora está com o coração no trabalho, sra. Graham”, observei, “tenho que rogar que o continue, pois, se permitir que nossa presença a interrompa, seremos obrigados a nos ver como intrusos indesejáveis.”

“Ah, não!”, retorquiu ela, jogando o pincel em cima da mesa, como se o susto a tivesse lembrado de ser educada. “Não estou assim tão envolvida a ponto de não poder ceder alguns minutos a pessoas que me brindam com sua companhia.”

“A pintura da senhora está quase terminada”, eu disse, me aproximando para observá-la mais de perto e examinando-a com um grau maior de admiração e deleite do que gostaria de exprimir. “Mais alguns retoques no primeiro plano e pronto, imagino. Mas por que a senhora o chamou de Solar Fernley, Cumberland, em vez de Wildfell Hall, em — shire?”, indaguei, fazendo alusão ao nome que ela havia escrito em letras miúdas na parte inferior da tela.

Porém, na hora entendi que havia cometido um ato de impertinência ao fazê-lo, pois ela corou e hesitou; mas após um instante de pausa, com uma espécie de franqueza desesperada, ela retrucou:

“Porque tenho amigos — ou pelo menos conhecidos — no mundo, dos quais desejo que minha morada atual seja escondida; e como talvez vejam o retrato, e talvez lhes seja possível reconhecer o estilo apesar das falsas iniciais que pus no canto, tomo a precaução de também atribuir um nome falso ao lugar a fim de botá-los no caminho errado, caso um dia tentem seguir meu rastro a partir do quadro.”

“Então a senhora não pretende ficar com o retrato?”, perguntei, ansioso por dizer qualquer coisa para mudar de assunto.

“Não, não posso me dar ao luxo de pintar para me distrair.”

“A mamãe envia todos os retratos dela a Londres”, disse Arthur, “e alguém os vende por lá e nos manda o dinheiro.”

Ao olhar ao redor, para as peças, reparei em um belo esboço de Lindenhope do alto da colina; outro retrato do antigo casarão aproveitando a bruma ensolarada de uma tarde sossegada de verão; e um retrato simples mas impressionante de uma criança taciturna, com um olhar de remorso silencioso mas profundo e pesaroso, sobre um punhado de flores murchas, tendo ao fundo lampejos de morros baixos escuros e campos outonais, e acima um monótono céu nublado.

“Perceba que existe uma triste escassez de temas”, observou a bela artista. “Uma vez fiz o velho casarão à luz do luar, e imagino que

precise retratá-lo de novo em um dia de inverno, na neve, e depois em uma tardinha nublada, escura, pois na verdade não tenho mais o que pintar. Ouvi falar que tem uma bela vista do mar em algum lugar da vizinhança. É verdade?, e dá para caminhar até lá?”

“Sim, caso a senhora não faça objeções a caminhar seis quilômetros e meio — ou quase isso —, pouco menos que treze quilômetros, ida e volta — e por uma estrada um bocado acidentada, fatigante.”

“Fica em que direção?”

Descrevi o local da melhor forma possível, e estava entrando na explicação sobre as diversas estradas, travessas e campos a serem cruzados a fim de chegar lá, as vias retas, as viradas à direita e à esquerda, quando ela me refreou.

“Ah, pare! não me diga agora: vou me esquecer de todas as palavras das instruções antes de precisar delas. Nem vou pensar em ir lá até a próxima primavera; e então, talvez, eu incomode o senhor. No momento temos o inverno à nossa frente, e...”

Ela parou de repente, com uma exclamação contida, levantou-se da cadeira e disse: “Me deem licença um instante”, saiu correndo do cômodo e fechou a porta.

Curioso para ver o que lhe causara tamanho susto, olhei para a janela — pois alguns momentos antes os olhos dela estavam por acaso fixos ali — e contemplei apenas as barras do casaco de um homem sumindo atrás de um arbusto grande de azevinho que ficava entre a janela e a varanda.

“É o amigo da mamãe”, disse Arthur.

Rose e eu nos olhamos.

“Não faço ideia do que pensar dela”, sussurrou Rose.

A criança a olhou com grande surpresa. Ela logo começou a falar com ele sobre assuntos banais enquanto eu me distraía olhando os retratos. Em um canto obscuro havia um quadro que eu não vira antes. Era uma criança pequena, sentada na grama com o colo repleto de flores. As feições miúdas e os olhos azuis grandes, sorridentes em meio ao emaranhado de cachos castanho-claros, bagunçados sobre a testa enquanto ele se curvava sobre seu tesouro, tinham tanta semelhança com as do jovem cavalheiro à minha frente que eu

poderia proclamá-lo um retrato de Arthur Graham na primeira infância.

Ao levantar o quadro para vê-lo à luz, descobri outro atrás, com a pintura virada para a parede. Aventurei-me a pegá-lo também. Era o retrato de um cavalheiro no apogeu da masculinidade juvenil — muito bonito, e não de todo mal executado; mas se feito pelas mesmas mãos que os outros, estava claro que fora alguns anos antes, pois havia muito mais atenção às miudezas e menos daquele frescor de coloração e liberdade de tratamento que me deleitava e surpreendia naquelas pinturas. Porém, eu o examinei com bastante interesse. Havia certa individualidade nos traços e na expressão que imprimia, de imediato, uma imagem bem-sucedida. Os olhos azuis radiantes encaravam o espectador com uma espécie de pilhéria à espreita — você quase esperava que ele lhe desse uma piscadela —; os lábios — um pouco voluptuosos demais — pareciam prestes a esboçar um sorriso; as bochechas de cor quente eram embelezadas por um exuberante crescimento de suíças avermelhadas; enquanto o cabelo castanho brilhoso, que se juntava em ondas abundantes, invadia bastante a testa e parecia revelar que o dono tinha mais orgulho da beleza do que do intelecto — como, talvez, tivesse razão de ter; e no entanto não parecia um tolo.

Não fazia nem dois minutos que estava com o retrato na mão quando a bela artista voltou.

“É só uma pessoa que veio ver as pinturas”, declarou ela, como desculpa pela saída abrupta. “Pedi que ele aguardasse.”

“Receio que será considerado um ato de impertinência”, eu disse, “ter a audácia de olhar o retrato que a artista deixou virado para a parede, mas posso lhe perguntar...”

“É *sim* um ato de enorme impertinência, senhor, e portanto lhe rogo que não pergunte nada sobre ele, pois sua curiosidade não será saciada”, respondeu ela, tentando encobrir a rispidez da repreensão com um sorriso; mas eu percebia, pela face corada e pelo olhar inflamado, que estava seriamente incomodada.

“Eu só ia perguntar se foi mesmo a senhora quem o pintou”, declarei, entregando amuado o quadro nas mãos dela, pois sem nem

um pingo de cerimônia ela o tirou de mim e o pôs depressa no canto escuro, virado para a parede, com o outro encostado sobre ele como antes e depois se virou para mim e riu.

Mas eu não estava com disposição para galhofas. Virei-me para a janela com um gesto negligente e fiquei olhando o jardim devastado, deixando-a em conversa com Rose por um ou dois minutos; e então, dizendo à minha irmã que já era hora de irmos embora, apertei a mão do pequeno cavalheiro, fiz uma reverência fria à dama e segui em direção à porta. Mas, depois de se despedir de Rose, a sra. Graham me mostrou a mão, dizendo, com a voz suave e um sorriso de modo algum desagradável: “Não se ponha o sol sobre a vossa ira, sr. Markham. Peço desculpas se o ofendi com a minha rispidez”.

Quando uma dama se digna a pedir desculpas, não há como guardar raiva, é claro; portanto, nos despedimos como bons amigos; e dessa vez apertei sua mão com uma pressão cordial, não vingativa.

6. Progresso

Durante os quatro meses seguintes, não entrei na casa da sra. Graham, tampouco ela entrou na minha; mas ainda assim as damas continuavam a falar dela, e ainda assim nossa relação continuava, mesmo que devagar, a avançar. No tocante às conversas entre elas, eu prestava apenas um pouco de atenção (isto é, quando se referia à bela eremita), e a única informação que extraí foi de que num belo dia gelado ela se aventurou a levar seu menininho até o vicariato, e que, infelizmente, a única pessoa que estava em casa era a srta. Millward; entretanto, ela ficou bastante tempo sentada e, segundo todos os relatos, tinham achado muito o que dizer uma à outra, e despediram-se com o desejo recíproco de reencontro. Mas Mary gostava de crianças, e de mães carinhosas como aquela, que sabem apreciar devidamente seus tesouros.

Porém, às vezes eu mesmo a via, não só quando ia à igreja, mas quando ela passeava pelas colinas com o filho, seja ao dar uma caminhada longa, planejada, ou em dias especialmente bonitos ao perambular sem pressa pelo brejo ou pelos pastos desolados, nos arredores do velho casarão, ela de livro na mão, o filho saltitando ao seu redor; e, nessas ocasiões, quando eu a via nas minhas caminhadas ou cavalgadas solitárias, ou ao cumprir minhas atividades agrícolas, em geral me obrigava a abordá-la ou alcançá-la, pois gostava bastante de ver a sra. Graham e conversar com ela, e definitivamente gostava de conversar com seu pequeno companheiro, a quem, depois que parte do gelo de sua timidez foi quebrado, considerei um garotinho simpático, inteligente e divertido; e em pouco tempo nos tornamos excelentes amigos — o que deu à sua mãe uma satisfação que nem

consigo descrever. De início, desconfiava de que estivesse desejosa de jogar água fria nessa intimidade crescente — de resfriar, por assim dizer, a chama acesa da nossa amizade —, mas como ela acabou descobrindo, apesar do preconceito contra mim, que eu era de todo inofensivo e até bem-intencionado, e que, entre mim e meu cachorro, o filho tinha um enorme prazer com a relação, o qual ele normalmente não teria conhecido, ela parou de fazer objeções e até acolheu minha proximidade com um sorriso.

Quanto a Arthur, ele bradava sua saudação de longe e corria para me encontrar a cinquenta metros da mãe. Se por acaso eu estava a cavalo, ele fazia questão de arrumar um meio-galope ou um galope; ou, se um dos cavalos de tração estava a uma distância acessível, ele ganhava uma cavalgada firme sobre o animal, o que servia quase tão bem a seu passeio; mas a mãe sempre estava perto e se arrastava a seu lado — não tanto, acredito, para garantir a segurança de sua condução, mas para verificar que eu não incutisse nenhuma ideia repreensível em sua cabeça incipiente, pois estava sempre vigilante, e jamais permitiria que ele sumisse de seu campo de visão. O que mais a agradava era vê-lo brincar e correr com Sancho enquanto eu andava ao lado dela — não, receio, por adorar minha companhia (embora às vezes me iludisse com essa ideia), e sim pelo deleite que sentia ao ver o filho tão feliz na fruição daqueles esportes dinâmicos tão revigorantes para sua compleição delicada, porém tão raramente praticados por falta de companheiros convenientes à sua idade; e talvez seu prazer fosse, não tão pouco, adoçado pelo fato de eu estar com *ela* e não com *ele*, e por consequência — não podendo causar a Arthur alguma lesão direta ou indireta, intencional ou não — isso ocorria um pouco graças a ela.

Porém, às vezes, creio eu, ela ficava mesmo um pouco satisfeita de conversar comigo; e em uma manhã clara de fevereiro, durante uma caminhada de vinte minutos pelo brejo, ela deixou de lado a habitual aspereza e discrição e mergulhou na conversa com sinceridade, discorrendo com tamanha eloquência e profundidade de ideias e emoções sobre um assunto que felizmente coincidia com minhas próprias opiniões, além do mais estava tão bela que fui para casa

encantado; e no trajeto me assustei (moralmente) ao me ver ponderando que, no fim das contas, seria, talvez, melhor passar os dias com tal mulher do que com Eliza Millward; e então eu (figurativamente) ruborizei por minha inconstância.

Ao entrar na sala de estar, vi Eliza ali, com Rose e mais ninguém. A surpresa não foi tão agradável como deveria ter sido. Conversamos por bastante tempo, mas a achei muito fútil e até um pouco insípida se comparada com a mais madura e séria sra. Graham. Ai da consistência humana!

Todavia, ponderei, não devo me casar com Eliza, já que minha mãe faz fortes objeções a isso, e não devo iludir a moça com a ideia de que é essa minha pretensão. Agora, se continuar neste estado de espírito, terei menos dificuldade de emancipar meu afeto por ela de sua influência suave mas inexorável; e, embora a sra. Graham talvez seja igualmente reprovável, talvez eu consiga permissão, assim como os médicos, para curar um mal maior com um menor, pois não devo me apaixonar a sério pela jovem viúva, imagino, e tampouco ela por mim — isso é certo —, mas se sinto algum prazer em sua companhia sem dúvida tenho o direito de procurá-la; e se a estrela de sua divindade for clara o bastante para ofuscar o brilho da de Eliza, melhor ainda, porém mal consigo imaginar tal possibilidade.

E desde então raras vezes deixei passar um dia agradável sem fazer uma visita a Wildfell por volta do horário em que minha nova conhecida em geral saía do eremitério; mas com tamanha frequência me frustrava na expectativa de outro encontro, tão inconstante era em seus horários de aparecer e em seus cantos de refúgio, tão breves eram os vislumbres ocasionais que eu conseguia obter, que me sentia meio propenso a achar que ela se esforçava para evitar minha companhia tanto quanto eu me esforçava para buscar a dela; mas era uma suposição desagradável demais para nutrir um instante além do que poderia, convenientemente, ser descartada.

Em uma tarde tranquila e clara de março, no entanto, enquanto eu supervisionava o aplainamento da campina e o conserto da sebe no vale, vi a sra. Graham junto ao riacho, com o caderno de desenho na mão, absorta na prática de sua arte preferida, enquanto Arthur passava o tempo construindo represas e quebra-mares no córrego raso,

pedregoso. Eu estava muito carente de diversão, e tão rara oportunidade não poderia ser negligenciada; portanto, deixando tanto a campina como a sebe, rapidamente me dirigi ao local — mas não antes de Sancho, que, assim que percebeu seu jovem amigo, percorreu a pleno galope o espaço interveniente e lançou-se sobre Arthur com uma alegria impetuosa que quase levou o menino a cair no meio do riacho; mas, felizmente, as pedras o protegeram de se ensopar todo, e a lisura delas evitou que se machucasse demais, a ponto de rir do atrapalhado incidente.

A sra. Graham estudava as características distintivas dos vários tipos de árvores em sua nudez invernal, e copiava, com um toque vigoroso, embora delicado, suas várias ramificações. Ela não falou muito, mas fiquei de pé observando o avanço de seu lápis: era um prazer vê-lo ser conduzido com tanta destreza por aqueles dedos belos e graciosos. Mas pouco depois a destreza deles se enfraqueceu, eles começaram a hesitar, a tremer um pouco e a fazer traços em falso, e de repente pararam, enquanto a dona deles levantava o rosto para mim aos risos e me dizia que seu esboço não se beneficiava da minha superintendência.

“Então”, declarei, “vou ficar conversando com o Arthur até a senhora acabar.”

“Eu gostaria de cavalgar, sr. Markham, se a mamãe permitir”, disse a criança.

“Cavalgar o quê, meu menino?”

“Acho que tem um cavalo naquele campo”, respondeu ele, apontando para o ponto onde a forte égua preta puxava o rolo compressor.

“Não, não, Arthur; é longe demais”, objetou a mãe.

Porém, prometi trazê-lo de volta em segurança depois que subíssemos e descêssemos uma ou duas vezes até a campina; e quando olhou para o rosto ávido do menino, ela sorriu e deixou que ele fosse. Foi a primeira vez que permitiu que eu o levasse a meio campo de distância de si.

Entronzado em seu corcel monstruoso, e subindo e descendo com solenidade pelo campo largo, íngreme, ele era a própria encarnação da

satisfação e do deleite sereno, exultante. O aplainamento, no entanto, logo foi terminado; mas, quando apeei o galante cavaleiro e o devolvi à mãe, ela pareceu bastante descontente por eu ter ficado tanto tempo com ele. Fechara o caderno de desenho e provavelmente fazia alguns minutos que aguardava com impaciência o retorno do filho.

Estava na hora de ir para casa, ela anunciou, e teria me dado boa-noite, mas eu não a deixaria por enquanto: acompanhei-a até o meio da colina. Ela se tornara mais afável, e eu estava começando a ficar muito feliz; porém, ao deparar com a imagem do velho casarão macabro, ela estancou e virou-se para mim ao falar, como se esperasse que eu não seguisse adiante, que a conversa se encerraria ali, e que agora eu devia me despedir e ir embora — o que, de fato, era hora de fazer, pois “a tarde clara, fria” estava “caindo” rápido, o sol havia se posto e a lua quase cheia iluminava visivelmente o céu cinza-pálido; mas um sentimento quase de compaixão me prendeu ao local. Pareceu-me difícil largá-la naquela casa solitária, desconfortável. Ergui os olhos para ela. Silenciosa e sombria, fechava a carranca diante de nós. Uma luz vermelha, fraca, reluzia das janelas térreas de uma ala, mas todas as outras janelas estavam na escuridão e muitas exibiam seus abismos negros, cavernosos, inteiramente destituídos de vidraças ou caixilhos.

“A senhora não acha este um lugar ermo para viver?”, indaguei, após um instante de contemplação silenciosa.

“Às vezes, sim”, respondeu ela. “Nas noites de inverno, quando o Arthur está na cama e eu fico sozinha, sentada, escutando o vento frio gemer ao meu redor e uivar pelos cômodos dilapidados, não há livro ou ocupação capaz de sufocar os pensamentos e as apreensões funestas que se embrenham — mas é uma tolice dar espaço a tal fraqueza, eu sei. Se Rachel se satisfaz com uma vida assim, por que eu não ficaria satisfeita? — Aliás, eu não teria como ser mais grata por um refúgio desses, enquanto me resta.”

A última frase foi pronunciada em meio-tom, como se a dissesse mais para si do que para mim. Em seguida, deu boa-noite e se afastou.

Não tinha dado muitos passos a caminho de casa quando percebi o sr. Lawrence, em seu belo pônei cinza, subindo a alameda escarpada

que cruzava o topo da colina. Sai um pouco do meu rumo para falar com ele, pois fazia algum tempo que não nos víamos.

“Era com a sra. Graham que o senhor falava há pouco?”, perguntou ele, depois de trocarmos as primeiras palavras de saudação.

“Sim.”

“Hmm! Imaginei.” Lançou um olhar contemplativo para a crina de seu cavalo, como se sofresse um sério caso de desagrado por conta disso ou de outra coisa.

“Pois bem! E então?”

“Ah, nada!”, respondeu ele. “É que eu achava que o senhor não gostava dela”, ele acrescentou baixinho, retorcendo o lábio sóbrio em um sorriso ligeiramente sarcástico.

“Vamos supor que isso seja verdade; será que um homem não pode mudar de ideia depois de conhecer alguém melhor?”

“Claro que pode”, retorquiu, desfazendo o embaraço na crina grisalha e volumosa do pônei. Então, voltando-se de repente para mim e fixando em mim seus olhos tímidos, castanhos, com um olhar penetrante e firme, prosseguiu: “Então o senhor *mudou* de ideia?”.

“Não posso dizer exatamente que sim. Não, acho que ainda tenho sobre ela a mesma opinião de antes — mas um pouco melhor.”

“Ah.” Ele olhou ao redor à procura de algo mais o que falar; e, ao erguer os olhos para a lua, teceu um comentário sobre a beleza da noite, ao qual não respondi, já que era irrelevante para o assunto.

“Lawrence”, disse eu, olhando seu rosto com serenidade, “o senhor está apaixonado pela sra. Graham?”

Em vez de ficar profundamente ofendido com a pergunta, como eu esperava que ele ficasse, o primeiro susto de surpresa, diante da questão audaciosa, foi seguido por uma risada abafada, como se achasse muita graça da ideia.

“*Eu* apaixonado por ela!”, repetiu. “O que o leva a sonhar com tal possibilidade?”

“Pelo interesse que o senhor nutre a respeito do progresso da minha relação com a dama e das mudanças na minha opinião sobre ela, imaginei que estivesse enciumado.”

Ele tornou a rir.

“Enciumado! Não. Mas achei que o senhor se casaria com Eliza Millward.”

“Pois achou errado; não vou me casar nem com uma nem com a outra — até onde sei.”

“Então acho que o senhor faria melhor deixando-as em paz.”

“O senhor vai se casar com Jane Wilson?”

Ele enrubesceu e brincou com a crina de novo, mas respondeu: “Não, acho que não”.

“Então faria melhor deixando-a em paz.”

Ela não me deixa em paz — ele poderia ter dito, mas só fez cara de bobo e ficou meio minuto sem dizer nada, e depois fez outra tentativa de mudar de assunto; e dessa vez deixei passar, pois ele já tinha aguentado o suficiente; mais uma palavra sobre o assunto seria a gota d’água.

Cheguei muito atrasado para o chá, mas minha mãe fizera a gentileza de deixar a chaleira e um bolinho em cima da lareira, e, apesar de ter me repreendido um pouco, aceitou prontamente minhas desculpas; e quando reclamei do sabor do chá requentado, ela despejou o restante no vaso de refugos e pediu a Rose que pusesse chá fresco no bule e reaquescesse a chaleira, tarefas que foram cumpridas com grande comoção e alguns comentários incríveis.

“Bem!, se tivesse sido *eu* no lugar dele, não haveria chá nenhum — mesmo se fosse o Fergus, até ele teria que tomar o que tivesse e ouviria que precisa ser grato, pois já seria bom demais; mas *você* — nada do que fazemos serve para você. É sempre assim — se tem algo especialmente bom na mesa, a mamãe pisca e assente para mim para que eu me contenha, e se não acato, ela sussurra: ‘Não coma tanto disso, Rose; o Gilbert vai gostar disso para a ceia’. — Eu não sou absolutamente *nada*. Na sala de estar, é ‘Venha, Rose, guarde suas coisas, vamos deixar a sala bonita e arrumada para quando eles chegarem; e deixe um fogo bem aceso: o Gilbert adora uma lareira alegre’. Na cozinha, ‘Faça uma torta grande, Rose; imagino que os garotos terão fome, e não ponha tanta pimenta que eles não vão gostar, tenho certeza’ — ou ‘Rose, não ponha tanto tempero no arroz, o Gilbert gosta dele simples’ — ou ‘Trate de botar muita groselha no

bolo, o Fergus gosta quando é bastante’. Se eu disser, ‘Bem, mamãe, eu não gosto’, tenho que ouvir que não devo pensar em mim mesma. ‘Sabe, Rose, em todas as questões domésticas, só temos que considerar dois aspectos, primeiro, qual é a atitude correta a tomar, e segundo, o que é mais agradável aos cavalheiros da casa — qualquer coisa está bom para as damas.’”

“É uma ótima doutrina”, disse minha mãe. “Tenho certeza de que o Gilbert também acha.”

“Doutrina muito conveniente para nós, em todo caso”, declarei eu, “mas caso a senhora queira mesmo levar em conta meu deleite, mãe, precisa considerar um pouco mais seu próprio conforto e conveniência — quanto a Rose, não tenho dúvidas de que ela toma conta de si; e sempre que ela faz um sacrifício ou pratica um ato extraordinário de devoção, tomará o cuidado de me avisar de sua medida. Mas se fosse *pela senhora* eu poderia mergulhar na mais grosseira condição de comodismo e desleixo quanto às carências alheias, pelo mero hábito de ser constantemente cuidado e ter todas as minhas necessidades previstas ou supridas de imediato e ao mesmo tempo ser mantido na total ignorância do que é feito por mim — se Rose não me esclarecesse de vez em quando; e eu tomaria toda a sua bondade como algo corriqueiro e jamais saberia o quanto lhe devo.”

“Ah!, e você *jamais* saberá, Gilbert, até se casar. Então, quando estiver com uma garota frívola, presunçosa, como a Eliza Millward, indiferente a tudo o que não seja seu prazer e benefício imediatos, ou uma moça desencaminhada, teimosa, como a sra. Graham, ignorante de seus deveres principais e astuta apenas no que menos lhe interessa saber — aí você verá a diferença.”

“Vai me fazer bem, mãe; não vim ao mundo apenas para exercitar as boas habilidades e os bons sentimentos alheios — ou vim? —, mas para exercer os meus para com eles; e quando me casar, espero encontrar mais prazer em deixar minha esposa feliz e confortável do que em deixá-la fazer isso por mim: prefiro dar a receber.”

“Ah!, que monte de bobagem, meu querido... É apenas papo de garoto! Você vai logo se cansar de mimar e agradar a sua esposa, por mais encantadora que ela seja, e *então* começará a provação.”

“Bom, então teremos de carregar os fardos um do outro.”

“Então cada um exercerá o papel que lhe cabe. Você cumprirá suas funções, e ela, se for digna de você, cumprirá as dela; mas a sua função é agradar a si mesmo e a dela é agradá-lo. Tenho certeza de que seu pobre, querido pai foi o melhor marido que já existiu, e depois que se acabaram os primeiros seis meses, mais ou menos, era mais fácil esperar que ele voasse do que imaginar que sairia do caminho dele para me agradar. Ele sempre dizia que eu era uma boa esposa e que cumpria os meus deveres; e sempre cumpriu os dele — abençoado seja! — ele era sereno e pontual, raras vezes botava defeito sem motivo, sempre comia bastante meus bons jantares e dificilmente estragava minha comida com atrasos — e isso é o máximo que uma mulher pode esperar de um homem.”

É assim mesmo, Halford? É essa a extensão das *suas* virtudes domésticas; e sua esposa feliz não lhe exige mais?

7. O passeio

Não muitos dias depois, em uma manhã levemente ensolarada — bastante macia sob os pés, pois a última queda de neve acabara de derreter, deixando ainda uma camada fina aqui e ali, perdurando na grama fresca, verde, debaixo das sebes; mas, ao lado delas, as jovens prímulas já espreitavam por entre a folhagem úmida, escura, e a cotovia lá em cima cantava sobre o verão, a esperança, o amor e todas as coisas celestiais — eu perambulava pela colina, desfrutando desses deleites e cuidando do bem-estar de meus cordeirinhos e suas mães, quando, ao olhar ao redor, vi três pessoas subindo, vindas do vale. Eram Eliza Millward, Fergus e Rose; portanto, atravessei o campo para encontrá-los e, quando me informaram que iriam a Wildfell Hall, declarei-me disposto a ir junto, ofereci o braço a Eliza, que prontamente o aceitou em vez do braço de meu irmão, e disse a este último que ele poderia retornar, pois eu acompanharia as damas.

“*Você me perdoe!*”, exclamou ele, “mas as damas é que estão me acompanhando, não o contrário. Vocês todos já deram uma olhada nessa estranha maravilhosa, mas eu não, e não conseguia mais suportar minha ignorância desgraçada — venha o que vier, preciso ser satisfeito, portanto supliquei à Rose que fosse comigo a Hall e me apresentasse a ela de uma vez por todas. Como jurou que não o faria a não ser que Eliza nos acompanhasse, corri até o vicariato para buscá-la, e viemos de braços dados o caminho inteiro, tão afetuosos quanto um par de amantes — e agora você a tirou de mim e além de tudo quer me privar do meu passeio e da minha visita. Volte aos seus campos e a seu gado, camarada tosco: você não condiz com damas e cavalheiros como nós, que não têm mais o que fazer além de sair

espiando as casas dos vizinhos, espreitando seus recantos privados e sentindo o cheiro de seus segredos, achando defeitos em seus casacos quando não concordamos com eles — você não entende essas fontes refinadas de prazer.”

“Não podem ir os dois?”, sugeriu Eliza, desconsiderando a última metade da fala.

“Sim, sem dúvida os dois!”, bradou Rose, “quanto mais, melhor — e com certeza queremos toda a alegria que possamos levar conosco àquele cômodo grandioso, escuro, sombrio, de janelas com treliças estreitas e mobília antiga funesta — a não ser que ela nos conduza a seu ateliê outra vez.”

Portanto, fomos todos em grupo, e a criada idosa e magricela que abriu a porta nos levou ao aposento que Rose me descrevera como o cenário de seu primeiro encontro com a sra. Graham, um ambiente bem espaçoso e imponente, mas obscuramente iluminado pelas janelas antiquadas, e com o teto, os painéis e o macabro consolo da lareira de carvalho preto — esse talhado de forma intrincada, mas não de bom gosto — com mesas e cadeiras combinando, uma velha estante de um lado da lareira, abastecida de um conjunto variegado de livros, e um piano vertical velho do outro lado.

A dama estava sentada em uma poltrona compacta de espaldar alto, com uma mesa pequena e redonda na qual havia um suporte de leitura e um cesto de costura de um lado e do outro o filhinho, que apoiava os cotovelos nos joelhos e lia para ela, com uma fluência incrível, um pequeno volume que estava no colo dela, enquanto ela repousava a mão no ombro dele e brincava distraidamente com os longos cachos ondulados que lhe caíam pelo pescoço marfim. Senti que formavam um agradável contraste com todos os objetos ao redor; mas é claro que a posição deles mudou assim que chegamos; só pude observar a imagem durante os breves segundos em que Rachel segurou a porta para entrarmos.

Não acho que a sra. Graham tenha ficado especialmente feliz em nos ver: havia uma indiferença indescritível em sua civilidade reservada, tranquila, mas não falei muito com ela. Sentando-me junto à janela, um pouco afastado do círculo, chamei Arthur para perto e

ele, eu e Sancho nos divertimos de modo muito agradável juntos, enquanto as duas jovens damas acoossavam a mãe dele com conversa fiada, e Fergus se sentou à frente, de pernas cruzadas e mãos enfiadas nos bolsos das calças, recostado na poltrona, alternando o olhar fixo ora no teto, ora na anfitriã (de um jeito que me deixou fortemente propenso a chutá-lo para fora da sala), ora assobiando em voz baixa um trecho de uma melodia apreciada, ora interrompendo a conversa ou preenchendo uma pausa (conforme fosse o caso) com a mais impertinente das perguntas ou comentários. A certa altura lançou:

“Fico pasmo, sra. Graham, que a senhora tenha escolhido para morar um lugar velho, tão dilapidado, tão feio. Se não tinha condições de ocupar a casa inteira, e fazer reparos nela, por que não ficou em um chalé bem cuidado?”

“Talvez eu tenha sido muito arrogante, sr. Fergus”, ela respondeu, sorridente, “talvez tenha me afeiçoado demais a este lugar romântico, antiquado — mas de fato, ele leva muitas vantagens sobre um chalé — em primeiro lugar, veja só, os cômodos são mais amplos e arejados; em segundo lugar, os aposentos desocupados, pelos quais não pago, podem servir de depósito de lenha, se tiver o que guardar neles; e são muito úteis para o meu filhinho correr nos dias de chuva, quando não pode sair; e também há um jardim para ele brincar e eu trabalhar. Note que já fiz algumas melhorias”, continuou, voltando-se para a janela. “Tem aquele canteiro de hortaliças recém-plantadas ali no canto, e ali algumas campainhas-brancas e prímulas que já brotam — e lá também tem um açafrão amarelo desabrochando ao sol.”

“Mas então como a senhora aguenta tal situação — seus vizinhos mais próximos estão a três quilômetros de distância e ninguém olha ou passa por aqui? — Rose ficaria completamente louca em um lugar desses. Ela não consegue levar a vida adiante a não ser que veja meia dúzia de vestidos e gorros novos por dia — isso sem falar nos rostos que os recheiam; mas a senhora poderia passar o dia inteiro olhando por estas janelas e nunca ver nem uma velha senhora levando seus ovos ao mercado.”

“Não tenho certeza se a solidão deste lugar não foi uma de suas principais vantagens — não me dá prazer nenhum ver as pessoas

passarem pelas janelas; e gosto de ficar sossegada.”

“Ah!, o que equivale a dizer que a senhora gostaria que todos nós cuidássemos de nossa própria vida e a deixássemos em paz.”

“Não, eu desgosto de reuniões numerosas, mas se tenho alguns amigos, é claro que fico contente em vê-los de vez em quando. Ninguém é feliz na solidão eterna. Portanto, sr. Fergus, caso o senhor opte por entrar na minha casa como amigo, eu o receberei de bom grado; se não, preciso confessar, prefiro que o senhor mantenha distância.”

Ela então se virou e fez alguma observação a Rose ou Eliza.

“E, sra. Graham”, disse ele outra vez, cinco minutos depois, “discutíamos, no caminho, uma questão que a senhora pode nos dirimir de pronto, já que se refere sobretudo à senhora — e aliás, volta e meia temos discussões a seu respeito; pois alguns de nós não temos nada melhor para fazer do que falar sobre nossos vizinhos, e nós, as plantas nativas dessa terra, nos conhecemos faz tanto tempo, e falamos uns dos outros com tamanha frequência, que estamos bem enjoados desse jogo; assim, uma estranha que surge entre nós é um acréscimo inestimável às nossas exauridas fontes de diversão. Bem, a questão ou questões que pedimos que a senhora resolva...”

“Segure sua língua, Fergus!”, exclamou Rose, em um arroubo de apreensão e ira.

“Digo-lhe que não vou segurá-la. As questões que a senhora deve solucionar são as seguintes: primeiro, acerca de seu nascimento, sua origem e residência anterior. Alguns acreditam que a senhora é estrangeira e outros que é inglesa; alguns que é do Norte e outros que é do Sul; alguns dizem...”

“Bem, sr. Fergus, eu lhe digo. Sou inglesa — e não entendo por que alguém desconfiaria disso — e nasci no interior, nem no extremo Norte nem no Sul de nossa feliz ilha; e no interior passei a maior parte de minha vida, e agora, espero que esteja satisfeito, pois não me disponho a responder mais nenhuma questão neste momento.”

“Exceto esta...”

“Não, mais nenhuma!”, ela disse rindo, e depois de abandonar na mesma hora sua poltrona, ela buscou refúgio junto à janela, onde eu

estava sentado, e, em grande desespero, para fugir da perseguição de meu irmão, esforçou-se para me incluir na conversa.

“Sr. Markham”, disse ela, sua declaração ligeira e sua coloração intensa evidenciando de forma bem evidente seu desassossego, “o senhor se esqueceu da bela vista para o mar de que falou um tempo atrás? Acho que preciso perturbá-lo, agora, para que me diga o caminho mais próximo até lá, pois se este belo clima continuar, devo ir andando e fazer meu esboço; exauri todos os outros temas de pintura e estou ansiosa para vê-la.”

Estava prestes a acatar seu pedido, mas Rose não me deixou prosseguir.

“Ah, não lhe conte, Gilbert!”, exclamou, “ela deveria ir conosco. É em —Bay que a senhora está pensando, imagino, sra. Graham. É uma longa caminhada, longe demais para a senhora, e fora de cogitação para o Arthur. Mas estávamos pensando em fazer um piquenique para ver o mar, em um dia bonito; e, se a senhora esperar que o clima agradável se firme, tenho certeza de que todos ficaremos contentes em tê-la conosco.”

A pobre sra. Graham ficou estarecida e tentou dar desculpas, mas Rose, compadecendo-se de sua vida solitária ou ansiosa para cultivar a relação, estava decidida a contar com a presença dela, e todas as objeções foram desconsideradas. Disse que seria apenas um grupo pequeno, e todos amigos, e que a melhor vista era dos Cliffs, a oito quilômetros inteiros de distância.

“Para os cavalheiros é só uma caminhada agradável”, prosseguiu Rose, “mas as damas vão se alternar entre carruagem e caminhadas, pois teremos nossa carruagem conduzida por pôneis, espaçosa o bastante para abrigar o pequeno Arthur e três mulheres, além do seus apetrechos de desenho e nossas provisões.”

Assim a proposta foi enfim aceita; e, após mais debates acerca do horário e do estilo da excursão planejada, nos levantamos e nos retiramos.

No entanto, era apenas março: um abril frio, chuvoso, e duas semanas de maio se passaram até que pudéssemos nos aventurar em nosso passeio com a esperança sensata de obter o prazer que

procurávamos em paisagens aprazíveis, companhias divertidas, ar fresco, boas risadas e exercícios, sem o transtorno das estradas ruins, ventos gélidos ou nuvens ameaçadoras. Então, em uma manhã gloriosa, juntamos nossas forças e seguimos em frente. O grupo consistia na sra. Graham e no pequeno Graham, Mary e Eliza Millward, Jane e Richard Wilson, e Rose, Fergus e Gilbert Markham.

O sr. Lawrence foi convidado para ir conosco, mas, por algum motivo que só ele conhece recusou-se a nos oferecer sua companhia. Eu mesmo solicitara esse favor. Ao fazê-lo, ele hesitou e perguntou aonde íamos. Quando citei a srta. Wilson entre o restante, ele pareceu meio propenso a ir, mas quando mencionei a sra. Graham, achando que seria um estímulo a mais, isso pareceu ter efeito contrário, e ele se negou em definitivo, e, a bem da verdade, a decisão não me desagradou, embora não possa lhe dizer o porquê.

Era por volta do meio-dia quando chegamos ao destino. A sra. Graham percorreu a pé todo o caminho até os despenhadeiros; e o pequeno Arthur também andou boa parte dele, pois agora estava muito mais robusto e ativo do que ao chegar à vizinhança, e não gostava de ficar na carruagem com estranhos, enquanto todos os seus quatro amigos, a mãe, Sancho, o sr. Markham e a srta. Millward estavam a pé, andando bem atrás, ou atravessando campos e veredas distantes.

Tenho uma lembrança muito agradável desse passeio, pela estrada dura, branca, ensolarada, sombreada aqui e ali por árvores verde-claras e adornada por margens floridas e sebes fluorescentes com uma fragrância deliciosa; ou por campos e veredas encantadores, todos gloriosos com suas flores graciosas e a vegetação radiante do aprazível mês de maio. Era verdade que Eliza não estava a meu lado, mas com as amigas na carruagem guiada por pôneis, tão feliz, eu acreditava, quanto eu; e mesmo quando nós, os pedestres, tendo abandonado a estrada em troca de atalhos nos campos, víamos a pequena carruagem de longe, sumindo em meio às árvores verdejantes, frondosas, eu não detestava essas árvores por roubarem o querido gorro e xale do meu campo de visão, tampouco sentia que todos aqueles objetos intervenientes estavam entre mim e minha felicidade, pois, a bem da

verdade, estava feliz demais na companhia da sra. Graham para lastimar a ausência de Eliza Millward.

A primeira, é fato, estava irritantemente retraída de início — parecia determinada a falar apenas com Mary Millward e Arthur. Ela e Mary caminhavam juntas, em geral com a criança entre elas; mas onde a estrada permitia, eu sempre andava do outro lado dela, Richard Wilson tomando o outro lado da srta. Millward, e Fergus perambulando segundo os próprios caprichos; e depois de um tempo, ela se tornou mais amistosa, e por fim, consegui chamar a sua atenção quase toda para mim — e então fiquei feliz de verdade; pois sempre que ela se dignava a conversar, eu gostava de escutá-la. Quando sua opinião e seus sentimentos correspondiam aos meus, era seu extremo bom senso, seu gosto e sentimento refinado que me deleitavam; quando divergiam, era sua audácia intransigente no reconhecimento ou na defesa dessa diferença — sua sinceridade e agudeza que provocavam minha imaginação: e mesmo quando me zangava com suas palavras ou olhares indelicados, e suas conclusões severas a meu respeito, só ficava ainda mais insatisfeito comigo mesmo por ter lhe causado uma impressão desfavorável, e ainda mais sequioso de justificar meu caráter e minha disposição aos olhos dela e, se possível, de conquistar sua estima.

Por fim, nossa caminhada acabou. A altitude e a proeminência crescentes das colinas haviam limitado o panorama por algum tempo; porém, ao ganhar o cume da íngreme ladeira e olhar para baixo, uma clareira se abria à nossa frente — e o mar azul surgiu diante de nós! — um azul-violeta intenso — não extremamente calmo, mas feito de ondas de arrebentação cintilantes — partículas brancas diminutas brilhando em seu âmago, quase indistinguíveis pela visão mais aguçada das pequenas gaivotas que se exibiam no alto, as asas brancas reluzindo ao sol: apenas uma ou duas embarcações eram visíveis, e estavam muito distantes.

Olhei para a minha companheira para ver o que achava daquele cenário glorioso. Ela nada disse, porém ficou imóvel e fixou o olhar nele com uma expressão que me assegurava de que não estava decepcionada. Ela tinha belíssimos olhos, a propósito — não sei se já

lhe falei, mas eram cheios de alma, grandes, transparentes e quase negros — não castanhos, mas de um cinza bem escuro. Uma brisa fria, revigorante, soprava do mar — suave, pura, salutar: ondulava seus cachos pendentes e conferia um colorido mais vívido para seus lábios e faces geralmente pálidos demais. Ela sentia sua influência arrebatadora, assim como eu — eu a sentia vibrar no meu corpo, mas não ousava sucumbir enquanto ela continuava tão quieta. Havia um quê de euforia discreta no rosto dela, que se inflamou quase em um sorriso de inteligência exaltada, satisfeita, quando seus olhos encontraram os meus. Nunca estivera tão adorável: nunca meu coração tinha se apegado a ela com tanto carinho como naquele momento. Caso nos restasse mais dois minutos, parados ali, a sós, não teria como responder pelas consequências. Felizmente para a minha prudência, talvez para o meu desfrute do resto do dia, fomos logo chamados a comer — uma refeição bem respeitável, que Rose, auxiliada pela srta. Wilson e por Eliza, que, tendo dividido seu assento na carruagem, chegara com ela antes dos outros, tinha disposto em uma plataforma elevada com vista para o mar e abrigada do sol quente por uma rocha inclinada e árvores altas.

A sra. Graham manteve distância de mim ao sentar-se. Eliza era minha vizinha mais próxima. Ela se esforçava para ser agradável, a seu modo tranquilo, reservado, e estava, sem dúvida, fascinante e charmosa como nunca, quem me dera pudesse senti-lo. Mas logo depois, meu coração começou a se empolgar com ela outra vez; e ficamos todos muito alegres e felizes juntos no decorrer daquela refeição prolongada, comunitária — até onde eu conseguia ver.

Quando se encerrou, Rose chamou Fergus para ajudá-la a catar os fragmentos, assim como facas, pratos etc. e a recolocá-los nas cestas; e a sra. Graham pegou sua banquetta de armar e os materiais de desenho; e tendo implorado à srta. Millward que se incumbisse de seu filho querido, e ordenado rigorosamente que ele não saísse do lado de sua nova guardiã, ela nos deixou e seguiu pela colina íngreme, rochosa, rumo a um cume mais escarpado a certa distância, de onde teria uma perspectiva ainda mais bela, e no qual preferia fazer seus esboços, embora algumas das damas tivessem lhe dito que era um

lugar apavorante e lhe recomendassem não tentar chegar lá.

Quando ela se foi, senti que não havia mais graça — embora fosse difícil dizer qual seria sua contribuição para o divertimento do grupo. Nenhuma piada e poucas risadas haviam escapado de seus lábios; porém, seu sorriso animara minha jovialidade, uma observação perspicaz ou uma palavra alegre vindas dela haviam irracionalmente aguçado minha sagacidade e elevado meu interesse por tudo o que era feito e dito pelos restantes. Até a minha conversa com Eliza fora avivada pela presença dela, embora eu não soubesse disso; e agora que se retirara, os contrassensos galhofeiros de Eliza pararam de me divertir — mais ainda, tornaram-se cansativos para a minha alma, e eu me cansei de diverti-la: senti-me instigado por uma atração irresistível àquele ponto distante em que a bela artista estava sentada e se ocupava de sua tarefa solitária — e não tentei resistir por muito tempo. Enquanto minha pequena vizinha trocava algumas palavras com a srta. Wilson, eu me levantei e astuciosamente escapuli. Alguns passos ligeiros e um pouquinho de escalada dinâmica logo me levaram ao lugar onde ela estava — uma estreita saliência de rocha bem na beirada do penhasco que descia em um declive escarpado, íngreme, até a costa rochosa.

Ela não escutou minha aproximação: a projeção de minha sombra no papel lhe fez estremecer; e ela logo olhou ao redor — qualquer outra dama das minhas relações teria gritado com um sobressalto tão repentino.

“Ah! Não sabia que era o senhor... por que me dar tamanho susto?”, ela indagou, um tanto impaciente. “Detesto que se aproximem de mim de forma tão inesperada.”

“Ora, por quem a senhora me toma?”, disse eu. “Se soubesse que a senhora ficaria tão nervosa, teria sido mais cauteloso; porém...”

“Bem, não faz mal. Por que o senhor veio? Estão todos vindo?”

“Não; esta saliência mal conteria eles todos.”

“Fico contente, pois estou cansada de conversa.”

“Pois bem, não vou conversar. Só vou ficar aqui sentado vendo a senhora desenhar.”

“Ah, mas o senhor sabe que não gosto disso.”

“Então me contentarei em admirar essa vista magnífica.”

Ela não levantou objeções; e, por algum tempo, desenhou em silêncio. Mas me foi impossível não roubar um olhar, vez por outra, da paisagem esplêndida aos nossos pés para a elegante mão branca que segurava o lápis, e para o pescoço gracioso e os cachos negros reluzentes que caíam sobre o papel.

Agora, ponderei, se eu tivesse apenas um lápis e um pedacinho de papel, poderia fazer esboços mais bonitos do que os dela, supondo que tivesse o poder de delinear fielmente o que está diante dos meus olhos.

Entretanto, apesar de essa satisfação me ser negada, estava contentíssimo em ficar sentado ao lado dela e nada dizer.

“Ainda está aí, sr. Markham?”, disse ela por fim, olhando ao redor à minha procura — pois eu estava sentado um pouco atrás, em uma saliência musgosa do despenhadeiro — “Por que o senhor não vai se divertir com seus amigos?”

“Porque estou cansado deles, assim como a senhora; e já passarei muito tempo com eles amanhã — ou qualquer hora depois; mas a senhora talvez eu não tenha o prazer de ver sei lá por quanto tempo.”

“O que o Arthur estava fazendo quando o senhor saiu?”

“Estava com a srta. Millward, como no momento em que a senhora o deixou — estava bem, mas torcia para que a mamãe não ficasse longe por muito tempo. A senhora não o confiou a mim, aliás”, resmunguei, “apesar de eu ter a honra de conhecê-lo há mais tempo; mas a srta. Millward conhece a arte de cativar e divertir crianças”, acrescentei sem pensar, “ainda que não sirva para mais nada.”

“A srta. Millward tem muitas qualidades estimáveis, as quais não se pode esperar que o senhor perceba ou aprecie. O senhor pode avisar ao Arthur que volto daqui a alguns minutos?”

“Se esse é o caso, aguardo, com sua permissão, até que esses minutos tenham transcorrido; então a ajudarei a descer esse difícil caminho.”

“Obrigada — sempre me saio melhor, nessas ocasiões, sem auxílio.”

“Mas pelo menos posso carregar seu banquinho e o caderno de desenho.”

Ela não me negou esse favor; mas fiquei bastante ofendido com seu

evidente desejo de livrar-se de mim, e começava a me arrepender da pertinácia quando ela me apaziguou um pouco consultando meu gosto e juízo a respeito de um aspecto questionável de seu desenho. Minha opinião, felizmente, foi recebida com aprovação, e a melhoria que sugeri foi adotada sem hesitação.

“Muitas vezes almejo em vão”, declarou ela, “poder apelar ao juízo alheio quando mal consigo confiar na orientação dos meus próprios olhos e da cabeça, há tanto tempo ocupados com a contemplação de um único objeto, tornando-se quase incapazes de formar uma ideia correta sobre ele.”

“Esse”, respondi, “é só um dos muitos males a que uma vida solitária nos expõe.”

“Verdade”, disse ela, e voltou a cair no silêncio.

Cerca de dois minutos depois, no entanto, ela declarou o esboço terminado e fechou o caderno.

Ao retornar ao cenário de nossa refeição, descobrimos que o grupo inteiro o abandonara, à exceção de três pessoas — Mary Millward, Richard Wilson e Arthur Graham. O cavalheiro mais novo dormia com a cabeça apoiada no colo da dama; o outro estava sentado ao lado dela com um exemplar de bolso de um autor clássico na mão. Ele nunca saía de casa sem uma companhia com a qual aprimorar seus momentos de lazer: todo tempo lhe parecia perdido se não fosse dedicado aos estudos, ou necessário, por sua natureza física, à simples manutenção da vida. Mesmo agora, não conseguia se abandonar à fruição do ar puro e do sol ameno — nem com aquela paisagem esplêndida, e aqueles sons reconfortantes, a música das ondas e do vento suave nas árvores que lhe serviam de abrigo — nem mesmo com uma dama a seu lado (apesar de não muito charmosa, reconheço) — ele precisava pegar o livro e aproveitar o tempo ao máximo enquanto digeriria a moderada refeição, e repousava os membros cansados, desacostumados a tanto exercício.

Talvez, porém, ele tivesse cedido um momento para trocar uma palavra ou olhar com a companheira de vez em quando — de qualquer modo, ela não parecia ressentida com a conduta, pois suas feições singelas exibiam uma expressão de alegria e serenidade

incomuns, e ela estudava seu rosto pálido, pensativo, com grande complacência quando de nossa chegada.

A jornada para casa não foi de modo algum tão agradável, para mim, quanto a primeira parte do dia, pois agora a sra. Graham estava na carruagem, e Eliza Millward era minha companheira de caminhada. Ela observara minha preferência pela jovem viúva, e era evidente que se sentia negligenciada. Não manifestou seu desgosto com censuras incisivas, sarcasmos amargos nem o silêncio amuado de um beicinho — qualquer um ou todos esses teria sido fácil suportar, ou eu teria afastado suavemente com risadas; mas ela o demonstrou com uma melancolia sutil, uma tristeza branda, recriminatória, que me partiu o coração. Tentei animá-la, e parecia ter conseguido em certa medida antes do fim da caminhada; mas no mesmo instante minha consciência me reprovava, ciente, como eu estava, de que mais cedo ou mais tarde o laço teria que ser rompido, e aquilo era apenas o cultivo de falsas esperanças e o adiamento do dia malfazejo.

Quando a carruagem chegou tão perto de Wildfell Hall quanto a estrada o permitia — a não ser, de fato, que seguisse monte acima pela via escarpada, o que a sra. Graham não permitia, a jovem viúva e o filho desembarcaram, cedendo o assento do motorista a Rose; e convenci Eliza a sentar-se no banco desta última. Depois de acomodá-la, pedir que se protegesse do ar noturno e lhe desejar boa-noite, senti um alívio considerável e corri para oferecer meus préstimos à sra. Graham, para carregar seus apetrechos monte acima, mas ela já pendurara a banqueta de armar no braço e pegara o caderno de desenhos na mão; e insistiu em despedir-se de mim ali mesmo, com o resto do grupo. Porém, desta vez ela negou minha oferta de ajuda de forma tão gentil e amistosa que quase a perdoei.

8. O presente

Seis semanas haviam se passado. Era uma manhã esplêndida por volta do fim de junho. A maior parte do feno já estava cortada, mas a última semana fora bastante desfavorável; e agora que o clima bom enfim chegava, decidido a tirar o máximo proveito dele, eu reunira todas as mãos no campo de feno e estava eu mesmo trabalhando sem parar, no meio de todos, em mangas de camisa, com um chapéu de palha leve na cabeça cobrindo meus olhos, recolhendo braçadas de grama úmida, fétida, e atirando-a aos quatro ventos do Paraíso, na liderança de uma grande fileira de criados e prestadores de serviço — no intuito de trabalhar, da manhã à noite, com tanto empenho e afinco quanto poderia esperar de qualquer um deles, bem como consolidar a obra pelo meu próprio esforço a fim de animar os trabalhadores com o meu exemplo — quando, vejam só!, minhas resoluções foram derrubadas em um instante pelo simples fato de que meu irmão correu ao meu encontro e pôs na minha mão um pacotinho, recém-chegado de Londres, que eu estava esperando fazia um tempo. Rasguei a embalagem e revelei uma edição elegante e portátil de *Marmion*.

“Acho que sei para quem é isso”, disse Fergus, que ficou olhando enquanto eu examinava o volume com complacência. “É para a srta. Eliza, ora.”

Ele enunciou isso com um tom e uma expressão tão prodigiosamente astutos que fiquei contente em contradizê-lo.

“Você está enganado, meu rapaz”, declarei; e pegando meu casaco, deposei o livro em um de seus bolsos e depois o vesti (isto é, o casaco). “Agora venha cá, seu cachorro ocioso, e faça algo que preste,

para variar”, continuei. “Tire o casaco e assuma meu posto no campo até eu voltar.”

“Até você voltar? — e para onde está indo, diga-me?”

“Não importa *onde* — só o *quando* que lhe interessa; e voltarei até a hora do jantar, no máximo.”

“Ah não!, e devo trabalhar sem parar até então? — e tenho que manter todos esses camaradas também trabalhando duro, além disso? — Ora, ora! Vou me sujeitar — só desta vez.”

“Vamos lá, rapazes, se arrumem: *eu* estou chegando para ajudá-los; e ai do homem, ou da mulher entre vocês, que parar por um instante — seja para ficar olhando, para coçar a cabeça ou assoar o nariz — não há pretexto que sirva — nada além de trabalho, trabalho, trabalho no suor de seus rostos” etc. etc.

Deixando-o assim a arengar para o povo, mais para diversão do que para edificação deles, voltei para casa e, após fazer algumas alterações na minha toaleta, saí correndo para Wildfell Hall, com o livro no bolso, pois seu destino era a estante da sra. Graham.

O quê, quer dizer então que você e ela se deram tão bem a ponto de dar e receber presentes? — Não exatamente, velho amigo; esse foi meu primeiro experimento nessa linha, e ainda estava muito ansioso para ver que resultado teria.

Havíamos nos encontrado várias vezes desde o passeio a —Bay, e descobri que ela não se opunha à minha companhia, desde que eu restringisse minhas conversas à discussão de questões abstratas ou a temas de interesse comum; no momento em que tocava no que era sentimental ou lisonjeiro, ou fazia a mais leve aproximação à ternura com palavras ou expressões, era não somente punido pela mudança imediata de seus modos naquele momento, mas condenado a vê-la fria e distante, se não inteiramente inacessível, da próxima vez que buscava sua companhia. Essa situação não me causava grande desconcerto, no entanto, pois a atribuía não tanto a uma antipatia pela minha pessoa, mas a uma resolução absoluta contra um segundo casamento, tomada antes de nos conhecermos, fosse pelo excesso de afeto pelo finado marido ou por ter se cansado dele e do estado conjugal como um todo. A princípio, aliás, ela parecia ter prazer em

atormentar minha vaidade e esmagar minha presunção — arrancando implacável botão a botão à medida que se aventuravam a surgir; e então, confesso, fiquei profundamente ferido, mas, ao mesmo tempo, estimulado a procurar vingança; mas nos últimos tempos, descobrindo, sem sombra de dúvida, que eu não era o janota de cabeça oca que ela imaginava no começo, ela repelia meus avanços modestos com uma atitude bem diferente. Era uma espécie de desagrado severo, quase pesaroso, que em pouco tempo aprendi a ter o zelo de evitar despertar.

Vou primeiro consolidar meu posto de amigo, ponderei, o protetor e companheiro de brincadeiras do filho dela, o amigo equilibrado, confiável, sincero dela, e então, quando me fizer razoavelmente necessário para seu conforto e fruição da vida (como acredito ser capaz), veremos o que consigo em seguida.

Portanto, conversávamos de pintura, poesia e música, teologia, geologia e filosofia: uma ou duas vezes, emprestei-lhe livros, e ela uma vez me emprestou um também: eu a encontrava em suas caminhadas sempre que possível; ia à casa dela sempre que ousava. Meu primeiro pretexto para invadir o santuário foi levar a Arthur um filhotinho bamboleante cujo pai era Sancho, e que encantou a criança de forma inexprimível e, por consequência, agradou também à mãe. Meu segundo foi levar um livro para ele, o qual, ciente da peculiaridade de sua mãe, eu escolhera a dedo, e que submeti à aprovação dela antes de presentear-lo. Em seguida, levei algumas plantas para seu jardim, em nome de minha irmã — tendo antes persuadido Rose a enviá-las. Em todas essas situações perguntei pelo quadro que estava pintando a partir do esboço feito no despenhadeiro, e fui conduzido ao ateliê, e ela pediu minha opinião e conselhos acerca do seu andamento.

Minha última visita fora para devolver o livro que me emprestara; e foi então que, em um debate casual sobre a poesia de sir Walter Scott, ela expressiu o desejo de ver *Marmion* e eu concebi a ideia presunçosa de presentear-la com o livro e, ao voltar para casa, na hora mandei buscar o vistoso livrinho que recebera naquela manhã. Porém, ainda era preciso uma desculpa para invadir o eremitério; assim, equipei-me

de uma coleira azul-marroquino para o cachorrinho de Arthur; e depois que foi dado e recebido, com muito mais alegria e gratidão da parte do receptor do que valia o presente, ou a motivação egoísta que o doador merecia, arrisquei-me a pedir à sra. Graham mais uma olhada na pintura, caso ainda estivesse lá.

“Ah, sim!, entre”, disse ela (pois eu os encontrara no jardim). “Está terminada e emoldurada, pronta para o envio; mas me dê sua última opinião e, caso o senhor sugira mais alguma melhoria, ela será... devidamente considerada, ao menos.”

O quadro era de uma beleza impressionante: era a própria paisagem, transferida como que por mágica para a tela; mas expressei minha aprovação em termos comedidos, e poucas palavras, por medo de desagradá-la. No entanto, ela olhava com atenção minhas expressões, e seu orgulho de artista foi recompensado, sem dúvida, quando leu a franca admiração em meus olhos. Mas, enquanto eu fitava, pensei no livro e me perguntei como deveria apresentá-lo. Meu coração me traiu, mas me decidi a não ser tão tolo a ponto de ir embora sem fazer a tentativa. Era inútil aguardar uma oportunidade, e inútil tentar inventar um discurso para a ocasião. Quanto mais simples e natural fosse a coisa, melhor, ponderei; portanto, só olhei pela janela a fim de criar coragem e peguei o livro, me virei e o pus na mão dela, com essa breve explicação.

“A senhora estava querendo ver *Marmion*, sra. Graham, e aqui está, se fizer a gentileza de aceitá-lo.”

Um rubor passageiro lhe tomou as faces — talvez um rubor de vergonha complacente por conta do estilo esquisito de presentear: ela examinou ambos os lados do volume com um ar grave, depois virou as folhas em silêncio enquanto enrugava a testa em séria reflexão; em seguida, fechou o livro e, voltando-se dele para mim, perguntou baixinho qual fora o preço. Senti o sangue quente subir ao meu rosto.

“Desculpe se o ofendo, sr. Markham”, disse ela, “mas a não ser que eu pague o livro, não posso aceitá-lo.”

E o pôs em cima da mesa.

“Por que não?”

“Porque...”, ela estancou e olhou para o tapete.

“Por que não pode?”, repeti com um grau de irascibilidade que a levou a erguer a cabeça e olhar fixo para o meu rosto.

“Porque não gosto de dever favores que jamais poderia quitar — eu já lhe sou grata pela gentileza para com o meu filho, mas a grata afeição dele, bem como seus próprios bons sentimentos, já devem lhe servir de recompensa.”

“Que tolice!”, exclamei.

Ela voltou o olhar para mim outra vez, com uma expressão de surpresa discreta, solene, que teve o efeito de uma reprimenda, não sei se intencional ou não.

“Quer dizer que a senhora não vai aceitar o livro?”, indaguei, em tom mais suave do que usara até então.

“Aceitarei de bom grado se o senhor me deixar pagar por ele.”

Eu lhe disse o preço exato, e também o custo do transporte, na voz mais calma que me era possível — pois na verdade estava a ponto de chorar de frustração e desgosto.

Ela pegou a bolsa e contou friamente o dinheiro, mas hesitou em colocá-lo na minha mão. Fitando-me com atenção, fez uma observação com um tom de doçura apaziguadora:

“O senhor se considera insultado, sr. Markham — gostaria de poder fazê-lo compreender que... que eu...”

“Compreendo a senhora perfeitamente”, declarei. “A senhora acha que, se agora aceitar essa ninharia de mim, vou fazer pressuposições a partir disso; mas a senhora se engana: se pelo menos me der o gosto de aceitá-lo, acredite, não criarei nenhuma expectativa, e não considerarei um precedente para futuros favores — e é uma tolice falar de dever favores a *mim* quando a senhora deve saber que em tal caso a obrigação fica inteiramente do meu lado — a aceitação fica do lado da senhora.”

“Pois bem, então, vou acreditar no que o senhor diz”, ela respondeu com um sorriso angelical, devolvendo o dinheiro odioso à bolsa — “mas *lembre-se!*”

“Vou me lembrar do que eu disse; mas a senhora não puna minha presunção me privando completamente de sua amizade, nem espere que eu faça minha expiação ficando *mais distante* do que antes”, eu

disse, estendendo a mão antes de ir embora, pois estava muito agitado para permanecer.

“Pois bem!, que fiquemos onde estamos”, respondeu ela, apertando minha mão na dela com franqueza; e enquanto a segurava achei muito difícil me abster de levá-la aos lábios; mas seria uma loucura suicida: já fora muito audacioso, e esse presente prematuro quase dera um golpe fatal nas minhas esperanças.

Foi de coração e cérebro ardentes e inquietos que corri para casa, não obstante aquele sol tórrido do meio-dia — esquecido de tudo a não ser daquela a quem eu acabara de deixar — não lamentando nada além de sua impenetrabilidade e minha própria precipitação e falta de tato — não temendo nada além de sua resolução abominável e minha incapacidade de sobrepujá-la — não esperando nada — mas basta — não vou aborrecê-lo com minhas esperanças e meus medos conflitantes — minhas considerações e decisões sérias.

9. Uma cobra no gramado

Embora se possa dizer que a esta altura meu afeto por Eliza Millward já mingudara bastante, eu ainda não abdicara de todo das visitas ao vicariato, pois queria, por assim dizer, que ela se acostumasse com a ideia aos poucos; sem suscitar muita tristeza ou causar muito ressentimento — nem me tornar o grande assunto da paróquia; e além disso, se tivesse me distanciado por completo, o vigário, que considerava que minhas visitas eram prestadas acima de tudo, se não inteiramente, a ele mesmo, sem dúvida teria se injuriado com minha negligência. Porém, quando apareci por lá, no dia seguinte ao meu encontro com a sra. Graham, ele por acaso não estava — situação que de modo algum me era tão agradável agora como em ocasiões passadas. A srta. Millward estava em casa, é verdade, mas ela, é claro, seria pouco melhor do que um zero à esquerda. Entretanto, resolvi encurtar a visita e conversar com Eliza de um jeito fraternal, amigoso, cuja adoção era justificada pela nossa relação de longa data, e que, imaginei, não poderia gerar nem ofensa nem servir para instigar falsas esperanças.

Nunca tive o hábito de falar sobre a sra. Graham nem com ela nem com ninguém; mas não fazia nem três minutos que me sentara e ela trouxe a dama à baila de um modo bastante extraordinário.

“Ah, sr. Markham!”, disse ela, com uma expressão de choque e a voz reduzida quase a um sussurro “o que o senhor acha desses relatos chocantes sobre a sra. Graham? — poderia nos incentivar a desacreditar deles?”

“Quais relatos?”

“Ah, ora! *O senhor sabe!*”

Ela deu um sorriso acanhado e balançou a cabeça.

“Não sei nada sobre eles — do que diabos a senhorita está falando, Eliza?”

“Ah, não venha perguntar *para mim!* *Eu não sei* explicar.”

Ela pegou o lenço de cambraia que enfeitava com um bordado de renda e começou a se ocupar.

“O quê, srta. Millward? Do que ela está falando?”, indaguei, apelando à irmã dela, que parecia absorta na bainha de um lençol grande, grosso.

“Não sei”, respondeu. “É uma difamação à toa, alguém andou inventando, imagino. Nunca tinha ouvido até a Eliza me contar, outro dia — mas ainda que a paróquia inteira ficasse martelando meus ouvidos, não acreditaria em nenhuma palavra — conheço a sra. Graham bem demais!”

“Tem toda a razão, srta. Millward! — e eu também — seja o que for.”

“Bem!”, observou Eliza, com um suspiro tranquilo. “É bom ter uma confiança tão plena no valor daqueles que amamos. Só espero que não tenham botado fé na pessoa errada.”

E levantou o rosto e me lançou um olhar terno tão magoado que poderia ter derretido meu coração, mas naqueles olhos espreitava-se algo de que não gostei; e me perguntei como um dia fui capaz de admirá-los: o rosto sincero e os olhinhos cinza de sua irmã me pareciam muito mais agradáveis; mas estava irritado com Eliza, naquele momento, pelas insinuações contra a sra. Graham — que eram falsas, eu tinha certeza, soubesse ela ou não.

Não falei mais nada sobre o assunto, no entanto, naquele momento, e apenas um pouco mais sobre qualquer outro tema, pois, ao perceber que não podia recobrar direito minha serenidade, levantei-me e fui embora, desculpando-me sob o pretexto de negócios na fazenda — e para a fazenda fui —, sem inquietar minha mente nem um pouquinho quanto à possível veracidade daqueles relatos misteriosos, mas apenas me perguntando o que eram, de quem se originaram, e sobre quais bases eram lançados — e como poderiam ser silenciados ou contestados de forma mais eficaz.

Alguns dias depois, tivemos outra de nossas festinhas tranquilas, a que o grupo costumeiro de amigos e vizinhos haviam sido convidados, e a sra. Graham estava entre eles. Agora já não podia se ausentar sob a justificativa de noites escuras ou clima inclemente, e, para meu grande alívio, ela compareceu. Sem ela teria achado a reunião toda um tédio intolerável; mas o momento de sua chegada deu uma vida nova à casa; e embora não devesse negligenciar os outros convidados por ela, ou esperar monopolizar sua atenção e conversação só para mim, antevi uma noite de satisfação incomum.

O sr. Lawrence também compareceu. Quando chegou, já fazia algum tempo que os outros estavam reunidos. Fiquei curioso para ver como se portaria com a sra. Graham. Uma mesura ligeira foi só o que se sucedeu entre os dois à entrada dele; e, tendo educadamente cumprimentado os outros membros do grupo, ele sentou-se bem distante da jovem viúva, entre minha mãe e Rose.

“O senhor já viu uma arte dessas!”, sussurrou Eliza, minha vizinha mais próxima. “Não diria que são totais desconhecidos?”

“Quase — mas e então?”

“E então!, por que o senhor finge não saber?”

“Não saber *de quê?*”, interpelei, em tom tão ríspido que ela se assustou e respondeu: “Ah, cale-se! Não fale tão alto assim”.

“Pois então me diga”, respondi em tom mais baixo, “do que está falando? Detesto charadas.”

“Bem, o senhor sabe, não garanto que seja verdade — aliás, longe disso — mas o senhor não ouviu falar...”

“Não ouvi *nada*, a não ser da senhorita.”

“O senhor deve ter escolhido ser surdo, então, pois qualquer um lhe diria — mas só vou zangá-lo me repetindo, eu sei, então é melhor eu morder minha língua.”

Ela cerrou os lábios e cruzou os braços com ares de docilidade ofendida.

“Se não queria que eu me zangasse, devia ter mordido a língua desde o começo; ou então falado com clareza e sinceridade tudo o que tinha a dizer.”

Ela virou o rosto, pegou o lenço de pano, levantou-se e foi até a

janela, onde permaneceu por algum tempo, evidentemente se desfazendo em lágrimas. Fiquei pasmo, exasperado, envergonhado — não tanto pela minha rispidez, mas por sua fraqueza pueril. No entanto, ninguém pareceu notá-la, e pouco depois fomos chamados à mesa de chá; naquela região, o costume era que as pessoas se sentassem à mesa na hora do chá, em todas as ocasiões, e o transformassem em uma refeição, pois almoçava-se cedo. Quando ocupei o meu lugar, fiquei com Rose de um lado e uma cadeira vazia do outro.

“Posso me sentar a seu lado?”, indagou uma voz suave junto ao meu cotovelo.

“Caso assim deseje”, foi a resposta; e Eliza se acomodou na cadeira vazia; em seguida, olhando para o meu rosto com um sorriso meio triste e meio galhofeiro, ela sussurrou: “Você está tão sério, Gilbert”.

Eu lhe passei o chá com um sorriso ligeiramente desdenhoso e nada disse, pois não tinha o que dizer.

“O que foi que eu fiz para ofendê-lo?”, ela perguntou, mais melancólica. “Gostaria de saber.”

“Vamos, tome seu chá, Eliza, e não seja tola”, respondi, entregando-lhe o açúcar e o creme.

Neste instante, surgiu uma leve comoção do meu outro lado, ocasionado pela tentativa da srta. Wilson de trocar de cadeira com Rose.

“A srta. Markham faria a gentileza de trocar de lugar comigo?”, disse ela, “pois não gosto de me sentar ao lado da sra. Graham. Se a sua mãe considera adequado convidar essas pessoas à casa dela, não pode se opor à ideia de que a filha lhes faça companhia.”

Esta última oração foi acrescentada em uma espécie de solilóquio quando Rose não estava presente; mas não fui diplomático o bastante para deixá-la passar:

“A senhora me faria a gentileza de explicar o que está querendo dizer com isso, srta. Wilson?”, indaguei.

A pergunta a assustou um pouco, mas não tanto.

“Ora, sr. Markham”, ela respondeu com serenidade, tendo recobrado logo o autocontrole, “fico um bocado surpresa que a sra.

Markham convida uma pessoa como a sra. Graham à casa dela; mas talvez ela não esteja ciente de que a reputação da dama não é considerada exatamente honrada.”

“Ela não está, tampouco estou eu; portanto, faça-me o obséquio de explicar melhor o que a senhora quer dizer.”

“Este não é o momento nem o lugar para tais explicações; mas acho difícil que o senhor seja tão inocente como finge ser: o senhor deve conhecê-la tão bem quanto eu.”

“Acho que conheço, talvez um pouco melhor; portanto, caso a senhora me informe o que andou ouvindo, ou imaginando contra ela, talvez eu consiga corrigi-la.”

“O senhor poderia me dizer, então, quem foi o marido dela; ou se ela teve um?”

A indignação me levou a guardar silêncio. Naquele momento e lugar, não podia me responsabilizar por respondê-la.

“Nunca reparou”, disse Eliza, “na semelhança impressionante que há entre o filho dela e...”

“E quem?”, inquiriu a srta. Wilson, com um ar de austeridade fria, mas ávida.

Eliza espantou-se: a insinuação feita em voz baixa era destinada somente ao meu ouvido.

“Ah, mil perdões!”, ela declarou, “talvez eu esteja enganada — talvez eu *estivesse* enganada.”

Mas ela associou as palavras a um olhar maroto de escárnio que me dirigiu do canto de seus olhos insinceros.

“Não há necessidade de pedir o *meu* perdão”, respondeu a amiga, “mas não vejo ninguém aqui que se pareça com a criança, a não ser a mãe; e quando der ouvidos a relatos maliciosos, srta. Eliza, eu lhe agradecerei — isto é, penso que faria muito bem em se abster de repeti-los. Suponho que a pessoa referida seja o sr. Lawrence; mas creio poder lhe garantir que suas suspeitas, nesse tocante, são absolutamente inapropriadas; e que se ele tem alguma relação especial com a dama — o que ninguém tem o direito de afirmar —, ele pelo menos tem — o que não se pode dizer de outros — decoro suficiente para não admitir algo além de uma familiaridade superficial na

presença de pessoas respeitáveis, é evidente que ele ficou tanto surpreso como irritado ao vê-la aqui.”

“Prossiga!”, bradou Fergus, que estava do outro lado de Eliza, e era o único indivíduo que dividia aquele lado da mesa conosco, “prossiga com as tijoladas! Veja que ela não deixou pedra sobre pedra.”

A srta. Wilson se empertigou com um olhar de desprezo de gelar os ossos, mas não se pronunciou. Eliza teria retrucado, mas eu a interrompi, dizendo, com toda a calma que me era possível, embora em um tom que traísse, sem dúvida, um pouco do que eu sentia por dentro:

“Já basta desse assunto: se só podemos falar para difamar quem é melhor do que nós, que seguremos nossas línguas.”

“Acho que é o melhor que você faz”, observou Fergus, “e também é o que pensa o nosso bondoso vigário: ele vem se dirigindo aos convivas em sua veia mais brilhante esse tempo todo, e olhando para você, de quando em quando, com olhares de grave desagrado, enquanto estava sentado ali, sussurrando e murmurando com irreverência; e uma vez ele parou no meio de uma anedota — ou sermão, não sei, e fixou o olhar em você, Gilbert, como se dissesse: ‘Quando o sr. Markham acabar de flertar com essas duas damas, eu sigo adiante!’.”

O que mais foi dito à mesa do chá não posso lhe contar; tampouco tive paciência para continuar sentado até que a refeição terminasse. Eu me recordo, entretanto, que engoli com dificuldade o resto de chá que havia na minha xícara, e não comi nada; e que meu primeiro ato foi fitar Arthur Graham, sentado junto à mãe do outro lado da mesa, e o segundo foi fitar o sr. Lawrence, sentado mais adiante; e, primeiro, notei que havia *sim* uma semelhança; mas, ao observá-los um pouco mais, concluí que era apenas imaginação. Ambos, era verdade, tinham feições mais delicadas e ossos menores do que os usuais no grupo de indivíduos do sexo mais bruto, e a pele de Lawrence era pálida e limpa, e a de Arthur levemente clara; porém, o nariz pequenino, um pouco abatado de Arthur jamais poderia se tornar tão comprido e reto quanto o do sr. Lawrence, e o contorno do rosto, embora não fosse cheio o bastante para ser redondo, e convergissem com muita

elegância para o queixo pequeno com covinha para tornar-se quadrado, jamais poderia dar lugar ao longo contorno oval do outro; enquanto o cabelo da criança era de um tom evidentemente mais claro, mais quente do que o do cavalheiro tinha sido, e seus olhos claros, grandes, azuis, apesar de às vezes terem uma seriedade precoce, eram totalmente diferentes dos tímidos olhos castanho-claros do sr. Lawrence, através dos quais sua alma sensível parecia observar com desconfiança, bem como estar sempre pronta para se retrair das ofensas de um mundo tão rude, tão hostil. Que vilania eu nutrir essa ideia detestável por um instante sequer! Pois eu não conhecia a sra. Graham? Não a vira, conversara com ela muitas vezes? Não tinha a certeza de que era, em intelecto, em pureza e grandeza de alma, infinitamente superior a qualquer um de seus detratores; de que era, na verdade, o mais nobre, mais adorável, exemplar de seu sexo que eu já vira ou imaginara existir? Sim, e eu diria com Mary Millward (moça sensata que era) que, se toda a paróquia, ai de mim, ou todo o mundo martelasse aquelas mentiras horríveis nos meus ouvidos, eu não acreditaria, por saber melhor das coisas do que eles.

Nesse ínterim, meu cérebro pegava fogo de indignação e meu coração parecia prestes a irromper de sua prisão de paixões conflitantes. Fitei minhas duas formosas vizinhas com uma sensação de repugnância e fastio que mal tentei esconder: vários grupos chamaram a minha atenção por conta de meu alheamento e da negligência descortês para com as damas; mas não dava a mínima para isso: só me importava, além daquele formidável tema de meus pensamentos, ver as xícaras subirem na bandeja de chá e não descerem mais. Pensei que o sr. Millward *jamais* pararia de nos dizer que não tinha o costume de tomar chá e que era extremamente danoso ficar enchendo o estômago de água em vez de um sustento mais saudável, e portanto que lhe dessem mais tempo para terminar sua quarta xícara.

Passado um longo tempo, acabou; e me levantei e abandonei a mesa e os convidados, sem uma palavra de desculpas — não aguentava mais a companhia deles. Saí às pressas para esfriar a cabeça no ar ameno da tardinha, e acalmar a mente, ou me entregar a meus pensamentos

apaixonados na solidão do jardim.

Para evitar que me vissem das janelas, segui por uma pequena alameda que ladeava um dos lados da cerca, onde no final havia um banco sob um caramanchão de rosas e madressilvas. Ali me sentei para refletir sobre as virtudes e os erros da senhora de Wildfell Hall; mas não fazia nem dois minutos que eu estava absorto nisso quando vozes e risadas além de vislumbres de objetos em movimento no meio das árvores me avisaram de que o grupo inteiro resolvera tomar um ar no jardim. No entanto, abriguei-me no canto do caramanchão e torci para que continuasse sob o meu domínio, a salvo de observação e intrusões. Mas não — raios o partam —, alguém estava atravessando a alameda! Por que não conseguiam aproveitar as flores e o sol do jardim ao ar livre e deixar aquele cantinho à sombra para mim, os pernilongos e os mosquitos?

Mas espiando por entre minha perfumada tela de galhos entrelaçados para ver quem eram os intrusos (pois um murmúrio de vozes me dizia que havia mais de uma pessoa), minha amolação minguou de imediato, e muitos outros sentimentos agitaram minha alma ainda inquieta, pois ali estava a sra. Graham, percorrendo a alameda devagar ao lado de Arthur e sem mais ninguém. Por que estavam sozinhos? Será que o veneno das línguas caluniosas já tinha se espalhado por todos; e teriam lhe virado as costas? Agora me recordava de ter visto a sra. Wilson, no começo da noite, aproximando sua cadeira de minha mãe e curvando-se para a frente, evidentemente para repassar informações importantes, confidenciais; e pelo balanço incessante de sua cabeça, pelas frequentes contorções em sua fisionomia enrugada, além das piscadelas e do brilho malicioso de seus horrendos olhinhos, julguei ter sido algum escândalo apimentado o que aliciara suas faculdades; e com base na privacidade cautelosa da comunicação, supus que alguma pessoa então presente fosse o alvo desafortunado de suas calúnias; e por todos esses sinais, somados aos olhares e gestos da minha mãe, que traziam uma mescla de horror e incredulidade, eu agora concluía que o alvo era a sra. Graham. Só emergi do meu esconderijo quando ela estava quase chegando ao final da alameda, para que minha aparição não a afugentasse; e quando dei

um passo à frente, ela estancou e pareceu disposta a virar-me as costas.

“Ah, não vamos incomodar o sr. Markham!”, disse ela. “Viemos até aqui em busca de refúgio, não para atrapalhar o isolamento do senhor.”

“Não sou um eremita, sra. Graham — embora reconheça que devo parecer um, me afastando dos meus convidados dessa forma descortês.”

“Meu receio era de que o senhor estivesse indisposto”, ela disse com um olhar de genuína preocupação.

“Estava, mas já acabou. Sentem-se aqui um pouquinho, e descansem, e me digam o que acham desta pérgula”, pedi, e levantando Arthur pelos ombros eu o plantei no meio do assento a fim de assegurar sua mãe, que, admitindo que aquele era um refúgio tentador, atirou-se em um canto enquanto eu me apossava do outro.

Porém, a palavra *refúgio* me perturbou. Será que a crueldade deles de fato a instigara a buscar a paz na solidão?

“Por que deixaram a senhora a sós?”, indaguei.

“Fui eu quem os deixou”, foi a réplica sorridente. “Estava morta de cansaço de tanta conversa fiada — nada me cansa mais. Nem imagino como eles *conseguem* continuar falando.”

Não consegui conter o sorriso diante da séria profundidade de seu assombro.

“É por acharem que é um *dever* estar sempre falando”, prosseguiu ela, “e por isso nunca param para pensar, mas encher de ninharias despropositadas e repetições vãs, quando temas de interesse verdadeiro não se apresentam? — ou será que realmente sentem prazer nesse discurso?”

“É bem provável que sintam”, declarei, “a mente rasa deles não retém grandes ideias, e suas cabeças tontas se deixam levar por trivialidades que não comoveriam um crânio mais aparelhado; e para eles a única alternativa a esse discurso é mergulhar de cabeça e de ouvido no pântano do escândalo — que é o maior deleite que têm.”

“Nem todos eles, não é?”, lamentou a dama, perplexa com a amargura do meu comentário.

“Não, claro que não: isento a minha irmã de gostos tão infames — e também a minha mãe, caso *ela* tenha sido incluída nas suas críticas.”

“Não quis tecer críticas a ninguém, e claro que não pretendia fazer alusões desrespeitosas à sua mãe. Conheço pessoas sensatas que são grandes peritas nesse estilo de conversa quando impelidas pelas circunstâncias; no entanto, é uma dádiva que não posso me gabar de ter. Fiquei atenta, nessa ocasião, até onde me foi possível, mas quando minhas faculdades se exauriram saí de fininho em busca de alguns minutos de sossego nesta alameda tranquila. Detesto falar quando não há troca de ideias ou opiniões e nada de bom a dar ou receber.”

“Pois bem”, eu disse, “se eu a incomodar com minha loquacidade, me diga de uma vez, e prometo não me ofender, pois tenho a capacidade de apreciar a companhia de quem eu... dos meus amigos tanto em silêncio como conversando.”

“Não acredito no senhor; mas se fosse o caso, a companhia do senhor me serviria muito bem.”

“Sou tudo o que a senhora deseja, então, nos outros aspectos?”

“Não, não é isso o que quero dizer. Que lindos esses ramalhetes de folhas quando o sol vem por trás deles!”, declarou ela a fim de mudar de assunto.

E de fato ficavam lindos, pois em certos pontos os raios de sol atravessavam a camada de árvores e arbustos do outro lado da alameda à nossa frente, mitigando o verdor pardo ao exibir tufo de folhas semitransparentes de um verde-dourado resplandecente.

“Quase me dá vontade de não ser pintora”, observou minha companheira.

“Por quê? Seria de imaginar que em um momento desses a senhora ficaria exultante diante do privilégio de ser capaz de imitar os vários toques brilhantes e encantadores da natureza.”

“Não, pois em vez de me entregar ao apreço total deles, como as outras pessoas, estou sempre preocupada em como produzir o mesmo efeito na tela; e visto que isso seria impossível, trata-se de mera vaidade e aflição de espírito.”

“Talvez a senhora não consiga se satisfazer, mas pode deleitar os outros com o resultado de seus esforços.”

“Bem, no fim das contas não devo reclamar: talvez poucos ganhem seu sustento com tamanho prazer em sua labuta quanto eu. Tem alguém vindo ali.”

Ela pareceu contrariada com a interrupção.

“São apenas o sr. Lawrence e a srta. Wilson”, eu disse, “vindo dar uma volta sossegada. Não vão nos incomodar.”

Não consegui decifrar a expressão no rosto dela, mas fiquei satisfeito por não haver ciúme. Que direito eu tinha de procurá-lo?

“Que tipo de pessoa é a srta. Wilson?”, ela indagou.

“Ela é elegante e tem um talento acima da maioria de sua origem e status social; e alguns dizem que é distinta e agradável.”

“Eu a achei hoje um bocado fria e bastante arrogante nos modos.”

“É bem provável que tenha agido assim com a senhora. É bem possível que tenha se imbuído de preconceito contra a senhora, pois acredito que a considere uma rival.”

“Eu? Impossível, sr. Markham!”, disse ela, evidentemente pasma e incomodada.

“Bem, não sei de nada”, retruquei bastante rabugento, pois imaginei que o incômodo era sobretudo comigo.

O par agora estava a alguns passos de nós. Nosso caramanchão ficava aconchegado em um canto, antes do ponto em que a alameda chegava ao fim e virava para uma trilha mais arejada perto do fundo do jardim. Ao se aproximarem desse ponto, eu vi, pela expressão de Jane Wilson, que ela dirigia a atenção do companheiro a nós; e, devido a seu sorriso frio, sarcástico, bem como às poucas palavras isoladas de sua fala que chegaram aos meus ouvidos, soube muito bem que ela inculcava nele a ideia de que nós dois tínhamos uma forte ligação. Reparei que ele ruborizou até as têmporas, nos lançou um olhar furtivo ao passar e seguir em frente, com uma expressão séria, mas aparentemente sem responder aos comentários dela.

Era verdade, então, que ele *tinha* suas intenções em relação à sra. Graham; e, caso fossem honrosas, não ficaria tão aflito para escondê-las. *Ela* não tinha culpa nenhuma, é claro, mas ele era detestável além de qualquer medida.

Enquanto esses pensamentos lampejavam na minha cabeça, minha

companheira levantou-se de repente e, chamando o filho, disse que agora iriam procurar o grupo, e partiu pela alameda. Sem dúvida, ouvira ou imaginara alguns dos comentários da srta. Wilson e, portanto, era natural que escolhesse não prosseguir com o tête-à-tête, principalmente porque naquele momento minhas faces ardiam de indignação contra minha antiga amiga, um sinal que ela poderia entender erroneamente como um rubor de vergonha tola. Por isso eu guardava da srta. Wilson mais um rancor; e quanto mais pensava em sua conduta mais a odiava.

Foi só no fim da tarde que me juntei ao grupo. Deparei com a sra. Graham já equipada para a partida, e despedindo-se dos outros, que agora já haviam voltado à casa. Ofereci — não, supliquei que me deixasse acompanhá-la até em casa. O sr. Lawrence estava a postos naquele momento, conversando com outra pessoa. Não olhou para nós, mas, ao escutar meu pedido sincero, ele parou no meio de uma frase para ouvir a réplica dela, e seguiu em frente, com aspecto de satisfação reservada no instante em que percebeu que se tratava de uma negativa.

Era sim uma negativa, e categórica, mas não indelicada. Era impossível convencê-la a pensar que existia algum perigo para ela ou o filho na travessia daquelas vielas e campos solitários sem acompanhante. Ainda era dia, e não encontraria ninguém; ou, se encontrasse, as pessoas eram tranquilas e inofensivas, tinha certeza. Na verdade, não gostava que ninguém desviasse do próprio caminho a fim de acompanhá-la, embora Fergus tivesse garantido que ofereceria seus préstimos, caso fossem mais aceitáveis que os meus, e minha mãe rogou que permitisse que um dos lavradores a escoltasse.

Quando foi embora, o restante foi apenas um vazio, ou algo ainda pior. Lawrence tentou entabular uma conversa comigo, mas eu o esnobei e fui para outro canto da sala. Pouco depois, o grupo se dispersou, e ele mesmo se despediu. Quando me abordou, fiquei cego à sua mão esticada e surdo ao seu boa-noite até que o repetisse pela segunda vez; e então, para me livrar dele, murmurei uma resposta desconexa acompanhada de um aceno amuado com a cabeça.

“O que foi que aconteceu, Markham?”, ele sussurrou.

Respondi com um olhar colérico e desdenhoso.

“Está zangado porque a sra. Graham não deixou que você a acompanhasse até em casa?”, ele indagou com um sorriso fraco que me exasperou a ponto de eu quase perder a calma.

Mas, engolindo todas as réplicas afiadas, apenas exigi saber:

“O que você tem a ver com isso?”

“Ora, nada”, ele disse, com uma serenidade provocadora; “apenas”, e aqui ele ergueu os olhos até meu rosto e falou com uma cerimônia incomum, “apenas permita que eu lhe diga, Markham, que se você tem intenções nesse sentido, elas serão um fracasso; e me dói vê-lo acalentando falsas esperanças e desperdiçando sua força em esforços inúteis, pois...”

“Hipócrita!”, exclamei, e ele prendeu a respiração, e ficou totalmente inexpressivo, empalideceu nas papadas e foi embora sem dizer mais nada.

Eu o atingira em cheio, e estava contente por isso.

10. Um acordo e uma desavença

Quando todos tinham ido embora, soube que a calúnia vil havia de fato circulado pelo grupo, mesmo sob a presença da vítima. Rose, no entanto, jurou que não acreditou e não acreditaria, e minha mãe fez a mesma declaração, mas não, receio, com idêntico grau de incredulidade genuína, inabalável. Parecia ficar sempre na sua cabeça, e ela volta e meia me irritava com expressões como — “Querido, querido, quem teria imaginado! — Bom! Sempre achei que ela tinha algo de esquisito. — Você veja como as mulheres fazem de conta que são diferentes das outras pessoas”.

E uma vez foi: “Desconfiei daquela aura de mistério desde o primeiro... eu *achei* que nada de bom viria dali; mas é um negócio triste, muito triste!”.

“Ora, mãe, a senhora disse que não acreditava nessas histórias”, disse Fergus.

“Não acredito muito, meu querido; mas, você sabe como é, deve haver um fundo de verdade.”

“O fundo de verdade está na maldade e falsidade do mundo”, disse eu, “e no fato de que o sr. Lawrence é visto indo naquela direção uma ou duas vezes à tarde — e o fuxico do vilarejo diz que ele faz visitas à estranha dama, e os boateiros se apossaram vorazmente do rumor para transformá-lo na base de suas próprias estruturas infernais.”

“Bom, mas Gilbert, deve existir algo nos *modos* que encoraje tais relatos.”

“A *senhora viu* algo nos modos dela?”

“Claro que não; mas você sabe que eu sempre disse que havia algo esquisito nela.”

Creio ter sido nessa mesma tarde que me aventurei a outra invasão a Wildfell Hall. Desde o dia de nossa festa, mais de uma semana antes, eu fazia tentativas diárias de encontrar essa senhora em seus passeios; e, sempre frustrado (ela devia fazê-lo de propósito), todas as noites eu revirava minha cabeça em busca de um pretexto para outra visita. Por fim, concluí que a separação já não poderia mais ser suportada (a esta altura, você já percebeu que eu estava muito envolvido); e, tirando da estante um volume antigo pelo qual imaginei que se interessaria, mas que por sua condição horrorosa e um bocado decadente eu ainda não me arriscara a oferecê-lo ao seu exame, eu saí às pressas — mas não sem receios diversos quanto à forma como me receberia, ou como criaria coragem para apresentar-me com uma desculpa tão ruim. Porém, talvez a visse no campo ou no jardim, e então, não haveria grande dificuldade: era a formal batida na porta, com a perspectiva de ser solenemente conduzido, por Rachel, à presença de uma dama surpresa, inamistosa, o que tanto me perturbava.

Meu desejo, no entanto, não foi satisfeito. A sra. Graham não estava presente; mas ali estava Arthur, brincando com seu cachorrinho travesso no jardim. Olhei por cima do portão e o chamei. Ele queria que eu entrasse; porém, disse-lhe que não poderia sem a permissão da mãe dele.

“Vou lá perguntar”, disse a criança.

“Não, não, Arthur, não faça isso — mas caso ela não esteja ocupada, peça que venha aqui um minutinho: diga que quero falar com ela.”

Ele correu para fazer o que eu lhe pedira e voltou rapidamente com a mãe. Que adorável estava, com seus cachos escuros ondeando à brisa leve do verão, as faces brancas um pouco ruborizadas, e o semblante radiante de sorrisos! — Querido Arthur!, o que não lhe devo por este e todos os outros encontros felizes? — Por meio dele, libertei-me de uma só vez de toda a formalidade, e pavor, e constrangimento. Em casos amorosos, não há mediador melhor do que uma criança alegre, ingênua — sempre pronta para cimentar corações divididos, transpor o abismo adverso dos costumes, derreter o gelo da fria discrição e derrubar os muros separadores da formalidade e do orgulho tenebrosos.

“Pois bem, sr. Markham, o que foi?”, disse a jovem mãe, abordando-me com um sorriso agradável.

“Quero que a senhora veja este livro, e que, por favor, o pegue e leia quando quiser. Não peço desculpas por tirá-la de casa em uma tarde tão agradável, *ainda que seja* por uma questão sem grande relevância.”

“Diga para ele entrar, mamãe”, pediu Arthur.

“O senhor gostaria de entrar?”, perguntou a dama.

“Sim; gostaria de ver as melhorias que fez no jardim.”

“E como as raízes da sua irmã cresceram nas minhas mãos”, ela acrescentou ao abrir o portão.

E passeamos pelo jardim, e falamos das flores, das árvores e do livro — e depois de outras coisas. A tarde foi gentil e afável, bem como minha companheira. Aos poucos, fui me tornando mais simpático e afetuoso do que, talvez, já tinha sido na vida; mas, ainda assim, eu não disse nada mais palpável, e ela não experimentou nenhuma repulsa; até que, ao passarmos por um amor-crescido que lhe trouxera algumas semanas antes, em nome da minha irmã, ela arrancou um lindo botão meio aberto e me pediu que o entregasse a Rose.

“Não posso ficar com ele?”, indaguei.

“Não; mas aqui um para o senhor.”

Em vez de aceitá-lo em silêncio, segurei a mão que o ofertava e olhei para o rosto dela. A sra. Graham deixou que eu a segurasse por um momento, e vi um lampejo de brilho extasiado em seus olhos, um ardor de arrebatamento feliz no rosto — pensei que o momento da minha vitória tivesse chegado — mas no mesmo instante uma lembrança dolorosa pareceu abater-se sobre ela; uma nuvem de angústia turvou sua testa, uma palidez marmórea embranqueceu suas faces e lábios: pareceu haver um momento de conflito interno — e com um esforço súbito ela recolheu a mão e recuou um ou dois passos.

“Agora, sr. Markham”, disse ela, com uma espécie de calma desesperada, “tenho que lhe dizer claramente que não posso aceitar isso. Gosto da sua companhia, pois estou sozinha aqui, e sua conversa me agrada mais do que a de qualquer outra pessoa; mas caso o senhor

não possa se contentar em me ver como amiga — uma simples amiga, fria, maternal, ou fraternal, suplico que me deixe agora e me deixe em paz daqui por diante — na verdade, temos de ser estranhos no futuro.”

“Serei, então — seu amigo — ou irmão, o que a senhora desejar, se ao menos permitir que eu continue a vê-la; mas me diga por que não posso ser nada além?”

Houve uma hesitação perplexa e pensativa.

“É consequência de algum juramento impetuoso?”

“Algo assim”, ela respondeu, “talvez um dia eu lhe conte, mas, no momento, é melhor que me deixe; e nunca, Gilbert, me leve à penosa necessidade de repetir o que acabei de lhe dizer!”, ela acrescentou com franqueza, estendendo-me a mão com uma bondade séria. Que doce, que musical meu próprio nome soava em sua boca!

“Não farei”, respondi. “Mas a senhora perdoa *esta* ofensa?”

“Sob a condição de que jamais se repita.”

“E posso vir visitá-la de quando em quando?”

“Talvez — de vez em quando; desde que jamais abuse desse privilégio.”

“Não faço promessas vazias, mas a senhora verá.”

“No momento em que o fizer, nossa intimidade chegará ao fim, só isso.”

“E a senhora sempre me chamará de Gilbert? — soa mais fraternal, e servirá para que eu me lembre do nosso acordo.”

Ela sorriu e mais uma vez pediu que eu fosse embora — e, por fim, considerei mais prudente obedecê-la; e ela tornou a entrar em casa, e eu desci a colina. Mas, ao descer, o ruído dos cascos dos cavalos incidia em meus ouvidos e rompia o sossego da tarde fresca; e, ao olhar na direção da viela, vi um cavaleiro solitário subindo. Embora estivesse chegando o lusco-fusco, eu o reconheci de imediato: era o sr. Lawrence em seu pônei cinza. Voei pelo campo — saltei a mureta de pedras — e desci a viela para encontrá-lo. Ao me ver, ele de repente recuou com o pequeno corcel e parecia disposto a dar meia-volta, mas depois de pensar melhor ele aparentemente achou melhor seguir seu caminho como antes. Ele me abordou com uma leve mesura e, aproximando-se do muro, tentou passar por mim — mas eu não estava

de acordo: segurando seu cavalo pela rédea, exclamei:

“Ora, Lawrence, me explique esse mistério! Me diga aonde você vai e o que pretende fazer — imediatamente, e com clareza!”

“Você pode tirar a mão da minha rédea?”, ele disse com calma, “você está machucando a boca do meu pônei.”

“Você e seu pônei que...”

“O que foi que o deixou tão vulgar e brutal, Markham? Sinto vergonha por você!”

“Responda às minhas perguntas — antes de ir embora deste lugar! Eu *exijo* saber o que você pretende com essa falsidade perversa.”

“Não vou responder a pergunta *nenhuma* se você não soltar a rédea — se quiser, ficamos aqui até de manhã.”

“Pois bem”, disse eu, abrindo a mão, mas ainda parado na frente dele.

“Me pergunte outra hora, quando puder falar como um cavalheiro”, ele retrucou, e fez outra tentativa de passar por mim; mas rapidamente retomei o pônei, bem menos pasmo do que o dono pelo linguajar incivilizado.

“Markham, o senhor está indo *mesmo* longe demais!”, disse o último. “Será que não posso ir tratar de negócios com a minha inquilina sem ser agredido desse jeito por...”

“Isso não são horas de tratar de negócios, senhor! — Vou lhe dizer o que eu penso da sua conduta.”

“É melhor o senhor adiar suas opiniões para uma época mais conveniente”, ele interrompeu em tom baixo, “olhe aí o vigário.”

E era verdade, o vigário estava logo atrás de mim, arrastando-se em direção a sua casa, vindo de algum canto remoto da paróquia. Soltei o cavalheiro na hora e ele seguiu seu rumo, cumprimentando o sr. Millward ao passar.

“Oras, brigando, Markham?”, bradou o último, dirigindo-se a mim, “e desconfio que seja por conta daquela jovem viúva”, ele acrescentou, balançando a cabeça em tom de reprovação. “Mas deixe-me dizer, rapaz” (aqui ele aproximou o rosto do meu com um ar importante, furtivo), “ela não vale a pena!”, e confirmou a declaração com um aceno solene.

“sr. millward!”, exclamei, em um tom de ameaça irada que levou o reverendo a olhar ao redor — consternado — perplexo com tão incomum insolência, e fitou o meu rosto com um olhar que dizia simplesmente: “O quê, falando assim comigo!”. Mas eu estava indignado demais para pedir desculpas, ou para lhe dizer mais uma palavra sequer; virei as costas e fui para casa às pressas, descendo com passos ligeiros a viela íngreme, acidentada, e deixando que ele seguisse como bem quisesse.

11. De novo o vigário

Você precisa imaginar que se passaram cerca de três semanas. A sra. Graham e eu éramos agora amigos consolidados — ou irmão e irmã, como preferimos nos considerar. Ela me chamava de Gilbert, com base em meu desejo manifesto, e eu a chamava de Helen, pois vira o nome escrito em seus livros. Raramente tentava vê-la mais que duas vezes por semana, e ainda assim eu fazia nossos encontros parecerem resultados do acaso, sempre que conseguia — pois achava necessário ser extremamente cuidadoso — e, de modo geral, me comportava com um decoro tão exacerbado que ela nem uma vez sequer teve a oportunidade de me repreender. Porém, não tinha como não perceber que às vezes ela ficava triste e insatisfeita consigo mesma — ou com sua situação, e eu de fato não estava muito contente com esta última: era muito difícil sustentar aquela pretensão de indiferença fraternal, e não raro eu me sentia um hipócrita abominável naquilo tudo; também via, ou melhor, sentia, que, apesar dela mesma, “eu não era indiferente a ela”, como os heróis de romances declaram de forma pudica, e embora felizmente desfrutasse de minha sorte presente, não conseguia não desejar e esperar algo melhor no futuro; mas é claro que guardava para mim tais sonhos.

“Aonde você vai, Gilbert?”, indagou Rose, uma tarde, logo após o chá, depois de eu ter passado o dia ocupado com a fazenda.

“Dar uma caminhada”, foi a resposta.

“Você sempre escova seu chapéu com tanto cuidado e deixa o cabelo tão arrumadinho e veste luvas novas tão elegantes para dar uma caminhada?”

“Nem sempre.”

“Você vai a Wildfell Hall, não é?”

“O que a leva a pensar isso?”

“Você estar com a aparência que está — mas gostaria que você não fosse com tanta frequência.”

“Que bobagem, menina! Faz seis semanas que não vou — o que você está querendo dizer?”

“Bem, mas se eu fosse você, não teria muita proximidade com a sra. Graham.”

“Ora, Rose, você também está cedendo à opinião vigente?”

“Não”, ela rebateu, hesitante, “mas ouvi tanto sobre ela nos últimos tempos, tanto na casa dos Wilson como no vicariato; além disso, a mamãe diz que, se ela fosse uma pessoa decente, não estaria vivendo lá sozinha — e você não se lembra do inverno passado, Gilbert, daquela história toda do nome falso na pintura e da explicação que ela deu — dizendo que tinha amigos ou conhecidos de que gostaria de esconder sua atual residência, e de que tinha medo de que seguissem seu rastro; e depois, como ela de repente se levantou e saiu da sala quando aquela pessoa apareceu — que ela tomou o cuidado de não nos deixar vislumbrar, e a quem Arthur, com um ar muito misterioso, nos disse que era um amigo da mãe?”

“Sim, Rose, lembro disso tudo; e sou capaz de perdoar suas conclusões desapiedadas; pois talvez, caso não a conhecesse, eu também compilasse todos esses fatos e acreditasse na mesma coisa que você; mas graças a Deus a conheço; e não seria digno de ser considerado homem se acreditasse em alguma coisa que foi dita contra ela, a não ser que a ouvisse de seus próprios lábios. — Seria como eu acreditar nessas coisas a seu respeito, Rose.”

“Ah, Gilbert!”

“Bem, você acha que eu *poderia* acreditar em algo desse gênero, fosse o que fosse que os Wilson e os Millward ousam cochichar?”

“Eu realmente espero que *não*!”

“E por que não? Porque a conheço bem, e eu a conheço igualmente bem.”

“Ah, não!, você nada sabe sobre a vida antiga dela; e no ano passado, a essa altura, você nem sabia que ela existia.”

“Não tem importância. Existe uma coisa que é olhar nos olhos da pessoa e enxergar o coração dela, e conhecer mais da estatura, e largueza, e profundidade da alma de alguém em uma hora do que se poderia levar uma vida para descobrir, se ele ou ela não estivesse disposto a revelá-la — ou se você não tivesse sensibilidade para entendê-la.”

“Então você *vai* visitá-la esta tarde?”

“Sem dúvida que vou!”

“Mas o que a mamãe diria, Gilbert?”

“A mamãe não precisa saber.”

“Mas ela vai saber uma hora ou outra, se você seguir adiante.”

“Seguir adiante! — não existe seguir adiante nessa questão — a sra. Graham e eu somos amigos — e é o que seremos; e nenhum homem vivo conseguirá impedir que seja assim, ou tem o direito de interferir na nossa relação.”

“Mas se soubesse o que falam, você seria mais cuidadoso — pelo bem dela e pelo seu. Jane Wilson acha que suas visitas ao velho casarão são mais uma prova de sua depravação...”

“Que o diabo carregue Jane Wilson!”

“E a Eliza Millward está sofrendo muito por você.”

“Espero que esteja.”

“Mas eu, não, se fosse você.”

“Você não, o quê? — Como é que eles sabem que vou até lá?”

“Nada lhes passa despercebido: eles espionam tudo.”

“Ah, nunca tinha pensado nisso! — E assim têm a audácia de usar minha amizade para alimentar mais escândalos sobre ela! Isso prova a falsidade de suas próprias mentiras, de todo jeito, se houvesse necessidade de prova. — Você trate de contradizê-los, Rose, sempre que puder.”

“Mas eles não falam comigo abertamente sobre essas questões: é só por meio de insinuações e indiretas, e pelo que ouço as outras pessoas dizerem, que sei o que pensam.”

“Bom, não vou hoje, pois está ficando meio tarde. Mas, ah, que o diabo segure a detestável língua envenenada deles!”, murmurei com a amargura da minha alma.

E naquele exato instante o vigário entrou na sala: estivéramos absortos demais na nossa conversa para observar suas batidas. Após seu cumprimento habitual, alegre e paternal a Rose, que era uma das prediletas do velho cavalheiro, ele se virou para mim em um tom duro:

“Pois bem, senhor!”, disse ele, “que estranho o senhor virou. São — deixe-me — pensar”, ele continuou devagar, enquanto depositava seu corpo pesado na poltrona que Rose servilmente trouxe para perto dele, “faz apenas — seis — semanas — segundo meu cálculo, que o senhor pisou — na minha — casa!”

Ele falou com ênfase, e bateu a bengala no chão.

“É mesmo, senhor?”

“Sim! É mesmo!”

Ele acrescentou um aceno afirmativo, e continuou me fitando com uma espécie de cerimônia irada, segurando a bengala firme entre os joelhos, as mãos entrelaçadas na empunhadura.

“Andei ocupado”, declarei, pois era óbvio que me exigia uma desculpa.

“Ocupado!”, ele repetiu com sarcasmo.

“Sim; o senhor sabe que venho trabalhando o feno; e agora está começando a colheita.”

“Hum!”

Justamente nesse instante minha mãe apareceu e criou uma distração a meu favor com sua recepção loquaz e animada ao convidado reverendo. Achava uma grande tristeza que não tivesse vindo mais cedo, a tempo do chá, mas ofereceu para que lhe fosse preparado um no mesmo instante, caso ele lhe fizesse o favor de aceitar.

“Para mim, não precisa, eu agradeço”, ele respondeu. “Já vou para casa daqui a alguns minutos.”

“Ah, mas fique e tome um pouquinho! Em cinco minutos fica pronto.”

Mas ele rejeitou a proposta com um grandioso aceno com a mão.

“Eu lhe digo o que aceito, sra. Markham”, disse ele. “Aceito um copo de sua excelente cerveja.”

“Com prazer!”, bradou minha mãe, de pronto tocando o sino e pedindo a bebida favorita dele.

“Pensei”, ele prosseguiu, “em dar uma olhada em vocês quando passei aqui, e tomar um gole de sua cerveja caseira. Acabei de visitar a sra. Graham.”

“É verdade?”

Ele assentiu seriamente, e acrescentou com terrível ênfase:

“Achei que cabia a mim fazê-lo.”

“Deveras!”, exclamou minha mãe.

“Por quê, sr. Millward?”, indaguei.

Ele me encarou com certa severidade, e voltando-se de novo para a minha mãe repetiu:

“Achei que cabia a mim fazê-lo!”, e bateu com a bengala no chão outra vez. Minha mãe estava sentada diante dele, uma ouvinte espantada mas encantada.

“Sra. Graham’, eu disse”, ele continuou, balançando a cabeça ao falar, “‘são relatos terríveis!’ ‘O quê, senhor?’, disse ela, fingindo ignorar o que eu queria dizer. ‘É — minha — função — como — seu pastor’, declarei, ‘dizer tudo o que considero repreensível na sua conduta e tudo de que tenho razão para desconfiar, e que os outros me dizem a seu respeito.’ — Então eu lhe disse!”

“Disse, senhor?”, exclamei, me levantando da cadeira e batendo o punho na mesa. Ele apenas lançou um olhar em minha direção e prosseguiu, dirigindo-se à anfitriã:

“Foi um dever sofrido, sra. Markham — mas eu disse!”

“E qual foi a reação dela?”, inquireu minha mãe.

“Empedernida, receio eu — empedernida!”, ele respondeu, balançando a cabeça com ar abatido; “ao mesmo tempo, houve uma grande demonstração de paixões impuras, desencaminhadas. Ela ficou de rosto empalidecido e puxou o ar por entre os dentes de um jeito selvagem, mas não ofereceu justificativa nem defesa; e com uma espécie de serenidade desavergonhada — chocante de ver em alguém tão jovem — praticamente disse que minha censura era inútil, e minha orientação pastoral seria um desperdício — não, que a minha *presença* em si era desagradável quando eu dizia tais coisas. E por fim me

recolhi, percebendo claramente que nada poderia ser feito — e muito entristecido por ver que o caso dela é impossível. Mas estou muito decidido, sra. Markham, de que *minhas* filhas — não — tenham — relações com ela. A senhora adote essa mesma resolução com as suas! — Quanto a seus filhos — quanto a *você, rapaz*”, ele prosseguiu, voltando-se para mim em tom severo.

“Quanto a mim, senhor”, eu comecei, mas cerceado por algum empecilho na declaração, e notando que meu corpo inteiro tremia de fúria, calei-me — mas tomei a via mais sábia de pegar meu chapéu e retirar-me da sala, batendo a porta, com um baque que balançou a casa em seus alicerces e fez minha mãe gritar — e deu um alívio momentâneo ao meu nervosismo.

No minuto seguinte, eu corria a passos largos rumo a Wildfell Hall — com que intenção ou objetivo eu não saberia dizer ao certo, mas precisava me movimentar em alguma direção, e nenhuma outra meta serviria — também precisava vê-la e falar com ela — isso era uma certeza, mas sobre o que dizer ou como agir eu não tinha nenhuma ideia definida. Aqueles pensamentos turbulentos — tantas resoluções diferentes amontoavam-se dentro de mim que minha cabeça estava pouco melhor que o caos dos sentimentos conflituosos.

12. Um tête-à-tête e uma descoberta

Em pouco mais de vinte minutos, a jornada foi concluída. Parei diante do portão para enxugar minha testa suada e recobrar o fôlego e certo grau de compostura. A caminhada acelerada já mitigara um pouco minha agitação; e com o passo firme e regular, fiquei andando pelo jardim. Ao passar pela área habitada da construção, tive um vislumbre da sra. Graham, pela janela aberta, andando de um lado para outro, lentamente, em seu cômodo solitário.

Parecia inquieta e até mesmo desanimada com a minha chegada, como se pensasse que eu também estava indo acusá-la. Eu viera a sua presença com o intuito de me compadecer dela quanto à maldade do mundo, e de ajudá-la a insultar o vigário e seus informantes vis, mas agora sentia genuína vergonha de mencionar o assunto, e estava determinado a não me referir a ele a não ser que ela o fizesse primeiro.

“Vim em um horário inoportuno”, declarei, simulando uma alegria que não sentia, a fim de reconfortá-la, “mas não vou ficar muito tempo.”

Ela sorriu para mim, de leve, é verdade, mas com muita amabilidade — eu quase disse com gratidão, já que suas apreensões haviam sido eliminadas.

“Como você está abatida, Helen! Por que não acendeu a lareira?”, indaguei, olhando o aposento soturno.

“Ainda é verão”, ela respondeu.

“Mas *nós sempre* acendemos a lareira no fim da tarde — se aguentamos — e especialmente você, nesta casa fria e neste cômodo sombrio.”

“Você devia ter vindo um pouco mais cedo, assim eu teria acendido a lareira para você; mas agora não vale a pena — você disse que não ia ficar muito, e o Arthur já foi dormir.”

“Mas tenho um pendor por lareira acesa mesmo assim. Você pede que acendam caso eu toque o sino?”

“Ora, Gilbert, você não *parece* estar com frio!”, ela disse, olhando para mim com um sorriso, que sem dúvida me parecia carinhoso.

“Não”, eu repliquei, “mas quero vê-la confortável antes de ir embora.”

“Eu, confortável!”, ela repetiu, com uma risada amargurada, como se houvesse algo divertidamente absurdo na ideia. “Fico melhor como está”, acrescentou em tom de resignação pesarosa.

Mas, decidido a conseguir o que queria, apertei o sino.

“Aí está, Helen!”, eu disse, enquanto os passos de Rachel se aproximando eram ouvidos em resposta aos chamados. Não havia alternativa a não ser virar-se e pedir à criada que acendesse o fogo.

Guardo rancor de Rachel até hoje pelo olhar que me lançou antes de iniciar a missão — o olhar azedo, desconfiado, inquisitorial que interpelava abertamente, ‘o que eu queria saber é o que *você* está fazendo aqui’. A patroa não deixou de perceber, e uma sombra de inquietude lhe escureceu a testa.

“Você não pode ficar muito, Gilbert”, disse ela, quando a porta se fechou.

“Não vou ficar”, declarei, um pouco impaciente, mas sem um pinga de raiva no coração contra alguém afora a senhora intrometida. “Mas Helen, tenho uma coisa a lhe dizer antes de ir.”

“O quê?”

“Não, agora não — ainda não sei exatamente o que é — ou como dizê-lo”, respondi, com mais veracidade do que sabedoria; e então, temendo que me expulsasse da casa, comecei a falar de assuntos indiferentes para ganhar tempo. Nesse ínterim, Rachel entrou para acender o fogo, o que consegui logo depois de enfiar um atizador em chamas por entre as barras da lareira, onde o combustível já estava preparado para a ignição. Ela me honrou com outro de seus olhares duros, inóspitos, ao partir, mas continuei falando, pouco abalado; e

ajeitando uma poltrona para a sra. Graham de um lado da lareira e outra para mim do outro lado, me aventurei a me sentar, embora meio que suspeitasse que ela preferiria que eu fosse embora.

Em pouco tempo, ambos caímos no silêncio, e passamos vários minutos numa contemplação distraída do fogo — ela imersa em seus pensamentos tristes, eu refletindo que prazer seria estar sentado ao lado dela sem que outra presença restringisse nossa interação — nem mesmo a de Arthur, nosso amigo em comum, sem o qual nunca haveríamos nos encontrado — se ao menos pudesse me arriscar a falar o que eu pensava, e aliviar meu coração cheio de sentimentos que há muito o oprimiam, e que agora ele lutava para reter, com um esforço que lhe parecia impossível levar adiante por muito mais tempo — e ponderando os prós e contras de abrir meu coração para ela ali mesmo, e rogar a retribuição do afeto, a permissão de considerá-la minha dali em diante, e o direito e o poder de defendê-la das calúnias de línguas maliciosas. Por um lado, sentia uma segurança recém-nascida quanto ao meu poder de persuasão — a firme convicção de que o fervor da alma me conferiria eloquência — de que minha determinação — a necessidade absoluta que eu sentia de conseguir — me faria obter o que eu buscava; por outro, eu temia perder o terreno que já conquistara com tanto trabalho e habilidade, e destruir toda a esperança futura com um ato estouvado, quando o tempo e a paciência talvez garantissem meu sucesso. Era como botar minha vida sob o controle de um jogo de dados; e no entanto, estava pronto para me decidir pela tentativa. De qualquer forma, imploraria pela razão que ela meio que prometera me dar: eu perguntaria a razão para essa barreira odiosa, esse misterioso empecilho à minha felicidade e, como eu acreditava ser o caso, à felicidade dela mesma.

Porém, enquanto eu pensava qual seria a melhor maneira de formular meu pedido, minha companheira despertou do devaneio com um suspiro quase inaudível e disse, olhando para a janela por onde uma lua cheia vermelho-sangue, que acabara de surgir acima de um dos pinheiros inexoráveis e fantásticos, lançava seu brilho sobre nós:

“Gilbert, está ficando tarde.”

“Entendo”, disse eu. “Você quer que eu vá embora, imagino.”

“Acho que deve ir. Se meus bondosos vizinhos ficarem sabendo desta visita — o que vai acontecer, sem dúvida —, eles não vão transformá-la em algo lisonjeiro para mim.”

Foi com um sorriso do tipo que o vigário sem dúvida chamaria de selvagem que ela disse isso.

“Eles que transformem no que quiserem”, declarei. “Que valor as ideias deles têm para você ou para mim se estivermos satisfeitos com nós mesmos — e um com o outro? O diabo que os carregue com suas interpretações abjetas e suas invenções mentirosas!”

Essa explosão trouxe um rubor às faces dela.

“Então você ouviu o que eles falam de mim?”

“Ouvi algumas mentiras detestáveis; mas como só tolos dariam algum crédito a elas, Helen, não deixe que a perturbem.”

“Não acho que o sr. Millward seja tolo, e ele acredita em tudo; mas por menos valor que você dê às opiniões daqueles que o rodeiam — por menos estima que tenha por eles como indivíduos, não é algo agradável ser vista como mentirosa e hipócrita, acharem que você pratica o que abomina e incentiva os vícios que você reprova, e ver suas boas intenções frustradas e suas mãos atadas pela sua suposta indignidade, e causar vergonha aos princípios que você professa.”

“É verdade; e se eu, por descuido e desconsideração egoísta quanto às aparências, de alguma forma ajudei a expô-la a essas maldades, permita-me rogar não só que me perdoe, mas que me deixe fazer reparações; me autorize a limpar seu nome de todas as imputações: me dê o direito de correlacionar sua honra à minha e defender sua reputação como algo mais precioso que minha vida!”

“Você é herói o suficiente para se unir a alguém que sabe ser alvo da suspeita e do desprezo de todos que o rodeiam, e correlacionar sua influência e sua honra às dela? Pense! É uma questão séria.”

“Ficaria orgulhoso em fazê-lo, Helen! — felicíssimo — seria uma alegria inexprimível!, e caso esse seja o único obstáculo à nossa união, ele está demolido, e você deve — deve ser minha!”

E saltando da minha poltrona em um frenesi de veemência, segurei a mão dela e a teria levado aos lábios, mas ela de repente a recolheu, exclamando em meio à amargura de sua intensa angústia:

“Não, não, não é o único!

“Então o que foi? Você me prometeu que eventualmente eu ficaria sabendo, e...”

“Você eventualmente ficará sabendo — mas não agora — minha cabeça está doendo muito”, ela disse, apertando a mão contra a testa, “e preciso repousar um pouco — e sem dúvida nenhuma, já chega de desgraça por hoje!”, acrescentou, quase fora de si.

“Mas não lhe faria mal nenhum me contar”, insisti, “tranquilizaria sua cabeça; e então eu saberia como reconfortá-la.”

Ela fez que não, desanimada.

“Se soubesse de tudo, você também poria a culpa em mim — talvez até mais do que mereço — ainda que o tenha enganado cruelmente”, ela acrescentou em um murmúrio baixinho, como se pensasse alto.

“Você, Helen? Impossível!”

“Sim, não de propósito; pois não sabia da força e da intensidade do seu apego — eu pensei — pelo menos tentei achar que sua consideração por mim era tão fria e fraternal quanto você declarava ser.”

“Ou quanto a sua?”

“Ou quanto a minha — deveria ter sido — de uma natureza tão leve e egoísta, superficial, que...”

“*Pronto*, você de fato me enganou.”

“Sei que sim; e às vezes eu desconfiava; mas pensei, de modo geral, que não causaria um grande dano ao deixar seus caprichos e suas esperanças sonharem rumo ao nada — ou saírem voando até um objeto mais conveniente, enquanto sua simpatia amistosa continuasse comigo; mas se eu soubesse da intensidade da sua estima, do afeto generoso e desinteressado que você parece sentir...”

“*Parece*, Helen?”

“Que você *sente*, então eu teria agido de outra forma.”

“Como? Seria *impossível* você me incentivar menos, ou me tratar com mais austeridade do que tratou! E se acha que me enganou ao me dar sua amizade, e de vez em quando me conceder o prazer de sua companhia e conversa, quando todas as esperanças de mais intimidade eram vãs — como você realmente sempre me fez crer —, se acha que

me enganou agindo assim, você está errada; pois tais favores, por eles mesmos, não só deleitam o meu coração, mas purificam, engrandecem, enobrecem minha alma; e preferiria ter sua amizade ao amor de qualquer outra mulher do mundo!”

Pouco reconfortada por minha declaração, entrelaçou as mãos em volta do joelho e, olhando para cima, pareceu, numa agonia silenciosa, implorar ajuda divina; em seguida, virando-se para mim, disse com calma:

“Amanhã, se você me encontrar no pântano por volta do meio-dia, eu conto o que você quer saber; e talvez então veja a necessidade de descontinuar nossa intimidade — se, na verdade, não desistir voluntariamente de mim, me julgar alguém que já não merece consideração.”

“Posso lhe responder, com toda segurança, que não: é impossível que tenha confissões tão graves assim a fazer — você deve estar pondo minha fé à prova, Helen.”

“Não, não, não”, ela repetiu em tom sério, “bem que eu gostaria! Graças aos céus”, acrescentou, “não terei nenhum grande crime a confessar; mas vou ter mais do que você gostaria de ouvir, ou, talvez, do que consiga desculpar de pronto — e mais do que posso lhe contar agora; então vou suplicar que vá embora!”

“Eu vou; mas primeiro responda a esta pergunta: você me ama?”

“Não respondo!”

“Então concluo que sim; e portanto boa noite.”

Ela me virou as costas para esconder a emoção que não conseguia controlar; mas lhe tomei a mão e a beijei fervorosamente.

“Gilbert, *por favor*, vá embora!”, exclamou, com um sofrimento tão estremecedor que achei cruel desobedecê-la.

Mas dei mais uma olhada para trás antes de fechar a porta, e a vi debruçada sobre a mesa, apertando as mãos contra os olhos, soluçando convulsivamente; porém, retirei-me em silêncio. Tive a impressão de que impor minhas consolações a ela só serviria para exacerbar sua agonia.

Para lhe falar de todos os questionamentos e conjecturas — os temores e esperanças e as emoções ferozes que se chocavam e se

perseguiam na minha cabeça enquanto descia a colina, eu precisaria de um volume só para isso. Mas antes de chegar à metade do caminho uma sensação de forte empatia com ela, que eu deixara para trás, já substituíra todos os outros sentimentos, e parecia me arrastar de volta de forma imperativa: comecei a pensar, *Por que estou correndo tanto nesta direção? Vou encontrar em casa conforto ou consolo — paz, segurança, contentamento, tudo — ou qualquer coisa que eu queira?, e posso deixar toda comoção, tristeza e ansiedade para trás?*

E me virei para olhar o velho casarão. Pouco se via além das chaminés acima do meu horizonte encurtado. Voltei um pouco para ter uma visão melhor dele. Quando surgiu diante dos meus olhos, estanquei por um instante para olhar, e depois continuei a seguir em direção ao sombrio objeto de atração. Algo me chamava a me aproximar — me aproximar ainda mais — e por que não, diga-me? Não veria mais benefícios na contemplação daquele edifício venerável com a lua cheia no céu limpo brilhando serenamente sobre ele — com aquele esplendor amarelo cálido peculiar às noites de agosto — e a dona da minha alma lá dentro, do que regressando a minha casa, onde tudo, em comparação, era luz, e vida, e alegria, e portanto hostil a mim no meu atual estado de espírito — e tanto mais que seus habitantes todos estavam mais ou menos imbuídos daquela crença detestável cuja mera *lembrança* fazia meu sangue ferver nas veias — e como poderia suportar que fosse declarada abertamente — ou insinuada com tanta cautela — o que era ainda pior? — já tinha problemas suficientes, com um diabinho tagarela que não pararia de cochichar no meu ouvido ‘pode ser verdade’ até que eu lhe berrasse bem alto ‘é mentira! Eu o desafio a me fazer cogitar a possibilidade!’.

Eu via o fogo vermelho brilhando levemente da janela da sala de estar. Fui até o muro do jardim e me apoiei nele, com os olhos fixos na treliça, perguntando-me o que ela estaria fazendo, pensando ou sofrendo agora, e desejando lhe dizer ao menos uma palavra ou até ter um único vislumbre dela antes de partir.

Não fazia muito tempo que estava olhando, e desejando, e me perguntando, quando saltei o obstáculo, incapaz de resistir à tentação de dar uma olhada pela janela, só para ver se estava mais calma do

que ao nos despedirmos; e, caso ainda a visse mergulhada em sofrimento, talvez me arriscasse a dizer-lhe algumas palavras reconfortantes — proferir uma das muitas coisas que deveria ter dito antes, em vez de agravar sua aflição com minha tola impetuosidade. Olhei. A poltrona dela estava vazia, assim como a sala. Mas naquele instante alguém abriu a porta para a área externa, e uma voz — a voz *dela* — disse:

“Venha — quero ver a lua e respirar o ar do fim de tarde; vão me fazer bem — se é que alguma coisa pode fazer.”

Ali, então, estavam ela e Rachel saindo para dar uma volta no jardim. Desejei estar seguro atrás do muro. Fiquei parado, no entanto, à sombra de um azevinho alto, que, por estar entre a janela e o alpendre, naquele momento me protegia dos olhares, mas não me impedia de ver as duas figuras ao luar: a sra. Graham seguida por outra pessoa — *não* Rachel, mas um jovem rapaz, esguio e bem alto. Ó Céus, como minhas têmporas latejavam! A ansiedade extrema toldava minha visão; mas pensei — sim, e a voz o confirmou — era o sr. Lawrence.

“Você não deveria deixar isso preocupá-la tanto, Helen”, disse ele, “serei mais cauteloso no futuro; e com o tempo...”

Não escutei o resto da frase, pois ele caminhava ao lado dela e falava com tanta suavidade que não entendi as palavras. Eu estava com o coração partido de ódio; mas prestei muita atenção na réplica dela. Ouvi com clareza.

“Mas tenho que ir embora deste lugar, Frederick”, ela disse, “jamais vou conseguir ser feliz aqui — nem em lugar nenhum, na verdade”, acrescentou, com uma risada melancólica, “mas aqui não consigo descansar.”

“Mas onde você acharia um lugar melhor?”, ele retrucou, “tão isolado — tão próximo de mim, se é que você considera esse um ponto relevante.”

“Sim”, interrompeu ela, “é tudo o que eu poderia desejar, se eles pelo menos me deixassem em paz.”

“Mas aonde quer que você vá, Helen, haverá algumas fontes de aborrecimento. Não posso me permitir perdê-la: tenho que ir com você

ou ir atrás de você; e tolos intrometidos existem em outros cantos, bem como aqui.”

Enquanto conversavam, haviam passado com lentidão por mim, na alameda, e eu não escutara outras partes da conversa; mas vi quando ele passou o braço pela cintura dela e ela carinhosamente apoiou a mão no ombro dele; e então uma escuridão trêmula obscureceu minha visão, meu coração se revoltou e minha cabeça ardeu como fogo. Eu meio que corri e meio que cambaleei do lugar em que o horror me mantivera enraizado e pulei ou tropecei muro abaixo — não sei direito qual foi o caso — mas sei que, depois, como uma criança exaltada, eu me lancei ao chão e fiquei deitado em um paroxismo de raiva e desespero — por quanto tempo, não posso me encarregar de dizer; mas deve ter sido bastante, pois quando, tendo me aliviado parcialmente por meio de uma torrente de lágrimas, e contemplado a lua, que brilhava com tanta calma e descaso, como se tão pouco influenciada pela minha desgraça quanto eu era por sua radiância pacata, e tendo rezado com sinceridade por morte ou esquecimento, levantei e fiz o trajeto até minha casa — pouco me importando com o caminho, mas levado de forma instintiva pelos meus pés até a porta, eu a encontrei trancada para mim, e todo mundo na cama à exceção da minha mãe, que correu para atender às minhas batidas impacientes e me recebeu com uma saraivada de perguntas e repreensões.

“Ah, Gilbert, *como* você pôde? *Onde* você estava? Entre e coma sua janta — deixei tudo pronto, embora você não mereça, por ter me dado tamanho susto, com o jeito estranho como você saiu de casa esta tarde. O sr. Millward ficou bem — Abençoado seja esse menino! Como parece doente! Ah, coitado! O que houve?”

“Nada, nada — me dê uma vela.”

“Mas você não vai jantar?”

“Não, quero ir para a cama”, declarei, pegando uma vela para acender na que ela segurava.

“Ah, Gilbert, como você está tremendo!”, exclamou minha angustiada mãe. “Que palidez a sua! — Por favor, me diga, o que houve? Aconteceu alguma coisa?”

“Não foi nada!”, exclamei, pronto para sair pisando forte pela

amolação com a vela que não acendia. Em seguida, contendo a irritação, acrescentei, “Andei rápido demais, só isso. Boa noite”, e marchei rumo à minha cama, apesar do “Andou rápido demais! Onde você estava?” que me interpelava do térreo.

Minha mãe me seguiu até a porta do quarto com questionamentos e recomendações acerca da minha saúde e minha conduta; mas lhe implorei que me deixasse em paz até a manhã; e ela recuou, e por fim tive a satisfação de ouvi-la fechar a porta do seu quarto. No entanto, não houve sono para mim naquela noite, conforme imaginava; e em vez de tentar estimulá-lo me dediquei a andar de um lado para outro a passos ligeiros — depois de tirar as botas para que minha mãe não me ouvisse. Mas as tábuas rangiam, e ela estava vigilante. Não andara por mais de um quarto de hora quando ela voltou à minha porta.

“Gilbert, por que não está na cama — você disse que queria dormir.”

“Maldição! Já estou indo”, afirmei.

“Mas por que você está demorando tanto? Deve ter alguma coisa ocupando sua cabeça...”

“Pelo amor de Deus, me deixe em paz e vá a senhora para a cama!”

“Será que é a sra. Graham quem tanto lhe causa angústia?”

“Não, não, estou lhe dizendo — não é nada!”

“Queria mesmo que não fosse!”, ela murmurou com um suspiro, ao voltar ao seu aposento, enquanto eu me jogava na cama, sentindo-me um filho desobediente, desafeiçoado dela por ter me privado do que me parecia ser a única sombra de consolo restante e por ter me acorrentado àquela vil cama de espinhos.

Nunca enfrentei uma noite tão longa, tão infeliz. E, no entanto, não a passei totalmente em claro: já chegando a manhã, meus pensamentos distraídos começaram a perder qualquer pretensão de coerência e adquiriram a forma de sonhos confusos e febris, vindo, por fim, um período de letargia inconsciente. Mas então a aurora de amarga lembrança que se seguiu — despertar para descobrir que a vida era um vazio, e pior que um vazio — coalhada de tormentos e desgraça — não mera selva estéril, mas cheia de espinhos e sarças — para me ver ludibriado, tapeado, desesperançado, meus afetos

pisoteados, meu anjo não um anjo, e minha amiga um diabo encarnado — foi pior do que se não tivesse pregado o olho.

Era uma manhã nublada, soturna, o clima tinha mudado, assim como minhas perspectivas, e a chuva tamborilava na janela. Levantei-me ainda assim, e saí; não para cuidar da fazenda, embora a atividade fosse me servir de desculpa, mas para espairecer e recobrar, se possível, um grau suficiente de compostura para encontrar minha família no café da manhã sem suscitar comentários inconvenientes. Se pegasse chuva, ela, associada a um pretenso esforço excessivo antes do café, poderia justificar minha falta de apetite; e se um resfriado surgisse, quanto mais forte melhor, ele ajudaria a explicar o mau humor e a melancolia depressiva que provavelmente enuvhariam minha frente por bastante tempo.

13. Uma retomada do dever

“Meu caro Gilbert! Gostaria que você *tentasse* ser um pouquinho mais simpático”, disse minha mãe, uma manhã, depois de uma demonstração de mau humor injustificável da minha parte. “Você diz que não tem nada errado, e que não aconteceu nada que o afligisse, no entanto *nunca* vi alguém tão alterado quanto você nesses últimos dias: não tem uma palavra boa a dizer a ninguém — nem a amigos nem a desconhecidos, semelhantes ou subordinados — não faz diferença. Gostaria que você tentasse conter isso.”

“Conter o quê?”

“Ora, o seu temperamento esquisito. Você nem sabe *como* isso o destrói. Tenho certeza de que uma disposição melhor do que a sua, por natureza, não existe, se você der vazão a ela; então, *nesse sentido*, você não tem desculpa.”

Enquanto ela assim protestava, peguei um livro e, colocando-o aberto em cima da mesa à minha frente, fingi estar muito absorto na leitura, pois além de ser incapaz de me justificar eu também relutava em reconhecer meus erros, além de não querer me manifestar sobre a questão. Porém, minha excelente genitora continuou o sermão, depois passou à adulação e começou a acariciar meu cabelo; eu começava a me sentir um bom garoto, mas meu irmão maldoso, que perambulava pelo cômodo, ressuscitou minha corrupção ao bradar de repente:

“Não toque nele, mamãe!, ele morde! Ele é um tigre em forma de humano. Quanto *a mim*, desisti dele — eu o reneguei completamente — larguei de mão dele. Chegar a cinco metros dele é pôr a minha vida em risco. Outro dia, ele quase fraturou meu crânio porque eu cantava uma musiquinha de amor inofensiva para diverti-

lo.”

“Ah, Gilbert! Como pôde?”, exclamou minha mãe.

“Pedi que você parasse com o barulho antes, você sabe disso, Fergus”, rebati.

“Sim, mas quando lhe garanti que não tinha problema, e entrei no verso seguinte, achando que talvez você gostasse mais, você me segurou pelos ombros e me atirou longe, contra aquela parede ali, com tanta força que pensei ter partido minha língua ao meio com a mordida, e já estava esperando ver a sala coberta de miolos; e quando pus a mão na cabeça e percebi que meu crânio não estava quebrado, imaginei que fosse um milagre e foi mesmo. Mas pobre coitado!”, acrescentou, com um suspiro sentimental, “Ele está de coração partido — essa é a verdade — e a cabeça dele...”

“Você poderia fazer silêncio agora?”, gritei, levantando-me bruscamente e encarando o companheiro com um olhar tão feroz que minha mãe, imaginando que eu pretendesse infligir-lhe uma ferida corporal dolorosa, pôs a mão no meu braço e me suplicou que o deixasse em paz, e ele se retirou sem pressa, com as mãos no bolso, entoando como provocação: “Será que devo, por causa da formosura de uma mulher” etc.

“Não vou sujar meus dedos com ele”, declarei, como resposta à interferência materna. “Tenho nojo até de pegá-lo com uma tenaz.”

Agora me recordava de que tinha um assunto a tratar com Robert Wilson, a respeito da compra de um certo lote vizinho à minha fazenda — negócio que eu vinha protelando dia após dia, pois naquele momento não tinha interesse em nada, e além disso estava com tendências misantrópicas e, ademais, tinha uma objeção especial a encontrar Jane Wilson ou sua mãe, pois, apesar de ter um ótimo motivo agora para dar crédito aos relatos que faziam sobre a sra. Graham, não gostava *delas* nem um pinga a mais por isso — nem tampouco de Eliza Millward —, e a ideia de encontrá-las me era ainda mais repugnante agora, já que não podia desafiar as supostas calúnias e triunfar em minhas convicções como antes. Mas naquele dia estava decidido a me esforçar para retomar meus deveres. Embora não visse prazer neles, seriam menos maçantes do que o ócio — de todo jeito,

seria mais lucrativo. Se a vida não prometia satisfação dentro da minha vocação, pelo menos não oferecia encantamentos fora dela; e dali em diante eu poria minhas mãos à obra e trabalharia com afinco, como qualquer burro de carga completamente adaptado ao trabalho, labutando ao longo da vida, não de todo inútil, ainda que não agradável, e sem me queixar ainda que não estivesse contente com meu quinhão.

Assim decidido, com uma espécie de resignação taciturna, se tal conceito é permitido, eu me dirigi à Fazenda Ryecote, sem ter muita expectativa de encontrar o dono àquela hora do dia, mas com a esperança de descobrir em qual parte do terreno era mais provável achá-lo.

Estava de fato ausente, mas esperava-se que chegasse dali a alguns minutos; e me pediram que entrasse na sala de estar e aguardasse. A sra. Wilson estava ocupada na cozinha, mas a sala não estava vazia; e mal contive um recuo involuntário ao adentrá-la, pois ali estava a srta. Wilson conversando com Eliza Millward. Entretanto, estava decidido a manter a tranquilidade e a civilidade. Eliza parecia ter decidido a mesma coisa. Não nos encontrávamos desde a reunião no chá da tarde; porém, não havia emoção visível nem de prazer nem de dor, nenhuma tentativa de compaixão, nenhuma exibição de orgulho ferido: ela foi tranquila no temperamento, civilizada no comportamento. Houve até certa naturalidade e alegria em seus ares e modos que não posso alegar ter tido; mas havia uma malícia aguda em seu olhar tão expressivo que me dizia que eu não estava perdoado; pois, embora já não esperasse conquistar-me para si, ainda odiava sua rival e evidentemente ficava encantada em descarregar seu despeito sobre mim. Por seu lado, a srta. Wilson foi tão afável e cortês quanto meu coração poderia querer, e embora eu mesmo não estivesse com um ânimo muito conversador, as duas damas conseguiram manter entre si um belo fogo aceso de conversa fiada. Mas Eliza tirou proveito da primeira pausa conveniente para indagar se eu vira a sra. Graham nos últimos tempos, em tom de pergunta meramente casual, mas com um olhar de soslaio — cuja intenção era ser galhofeiro e travesso — que na verdade estava cheio e transbordante de malícia.

“Ultimamente, não”, respondi em tom indiferente, mas rechaçando com severidade seus olhares detestáveis com os meus; pois me contrariava sentir a cor subindo à minha testa apesar das árduas tentativas de parecer impassível.

“Nossa! Já está começando a se cansar? Imaginei que uma criatura tão nobre tivesse o poder de ganhar seu apego por pelo menos um ano!”

“Prefiro não falar dela neste momento.”

“Ah!, então enfim se convenceu de que cometeu um erro — enfim descobriu que a sua divindade não é exatamente a imaculada...”

“Gostaria que não falasse dela, srta. Eliza.”

“Ah, mil perdões! Percebo que as flechas do Cupido estavam afiadas demais para você: as feridas foram além da pele, ainda não sararam e sangram de novo a qualquer menção do nome da amada.”

“Pode ser”, interferiu a srta. Wilson, “que o sr. Markham sinta que o nome não é digno de menção na presença de mulheres honestas. Talvez, Eliza, você deva pensar antes de se referir àquela pessoa desventurada — talvez você saiba que a menção a ela não é agradável a nenhum dos presentes.”

Como tolerar essa situação? Levantei-me e estava prestes a botar o chapéu e sair pisando forte, numa indignação furiosa, daquela casa; mas, ao ponderar — bem a tempo de salvar minha dignidade — o desatino de tal conduta, e refletir que só serviria para dar às minhas belas fustigadoras uma boa risada à minha custa, em prol de alguém que reconheci no meu coração não ser merecedora do menor sacrifício — embora o fantasma da minha antiga reverência e amor ainda me rondassem, a ponto de eu não suportar o nome dela difamado pelos outros — eu apenas fui até a janela, e depois de passar alguns segundos mordendo os lábios em vingança e reprimindo com firmeza a ondulação exaltada do meu peito, observei à srta. Wilson que não via o irmão dela, e acrescentei que, como meu tempo era precioso, talvez fosse melhor visitá-lo de novo no dia seguinte, em algum momento em que sem dúvida o encontraria em casa.

“Ah, não!”, disse ela, “se o senhor aguardar um instante, ele chega; pois vai tratar de negócios em L—” (era a nossa cidade mercantil) “e

precisará fazer um lanche antes de partir.”

Dessa forma, cedi com a máxima graciosidade que me era possível; e felizmente não precisei esperar muito. O sr. Wilson chegou logo e, indisposto para os negócios como eu estava naquele momento, e pouco me importando com o lote ou seu proprietário, obriguei minha atenção a voltar-se para o assunto em questão com uma determinação bastante crível, e com rapidez fechei o acordo — talvez mais a contento do fazendeiro frugal do que ele gostaria de admitir. Em seguida, deixando-o com a discussão de seu “lanche” substancioso, saí da casa satisfeito e fui cuidar dos meus ceifadores.

Deixando-os ocupados com o trabalho de um lado do vale, subi a colina planejando visitar um milharal na região mais elevada e ver quando estaria pronto para a foice. Porém, não o visitei nesse dia, pois ao me aproximar vi, não muito distantes, a sra. Graham e o filho descendo na direção contrária. Eles me viram; e Arthur já corria ao meu encontro; mas de imediato lhes virei as costas e segui a passos regulares até em casa, pois estava completamente decidido a nunca mais encontrar a mãe dele; e apesar da voz estridente no meu ouvido, pedindo que eu “esperasse um instante”, fui atrás do tenor sereno do meu caminho; e ele logo desistiu da perseguição impossível, ou foi chamado pela mãe. De qualquer modo, quando olhei para trás, cinco minutos depois, não vi nem rastro dos dois.

Esse incidente me agitou e me perturbou de forma inexplicável — a não ser que você explique dizendo que as flechas do Cupido eram afiadas demais para mim, além de farpadas e que estavam entranhadas bem firme, e que eu não as conseguira arrancá-las do coração. Qualquer que fosse o caso, fiquei duplamente infeliz pelo resto do dia.

14. Uma agressão

Na manhã seguinte, ponderei que eu também tinha negócios em L—; portanto, montei no meu cavalo e dei início à expedição, pouco depois do café da manhã. Era um dia nublado, chuvoso, mas não importava: era muito adequado ao meu estado de espírito. Provavelmente a jornada seria solitária, pois não era dia de mercado e a estrada que eu atravessaria era pouco frequentada em outros momentos; mas isso também me caía melhor.

Enquanto trotava, no entanto, ruminando fantasias *amargas*, escutei outro cavalo atrás de mim, não muito distante, mas não presumi quem seria o cavaleiro — nem me preocupei com ele até que, ao diminuir o ritmo para subir uma ladeira suave — ou melhor, fazendo meu cavalo diminuir o ritmo e adotar uma marcha preguiçosa; pois, perdido nas minhas reflexões, eu o deixava sacudir-se vagarosamente, segundo a própria vontade —, perdi terreno, e o outro viajante me alcançou. Ele me chamou pelo nome, pois não era um estranho — era o sr. Lawrence! Por instinto, os dedos da minha mão que seguravam o chicote formigaram e seguraram o objeto com uma energia convulsiva; mas contive o ímpeto, e tentei seguir em frente respondendo à saudação com um aceno de cabeça; porém, ele seguiu ao meu lado e começou a falar do clima e das safras. Dei as respostas mais breves possíveis a suas questões e observações, e fiquei para trás. Ele também desacelerou e perguntou se meu cavalo era coxo. Respondi com um *olhar* — no que ele sorriu placidamente.

Fiquei tão pasmo quanto exasperado com essa pertinácia singular e a autoconfiança imperturbável da parte dele. Imaginava que as circunstâncias de nosso último encontro teriam deixado em sua mente

uma marca que o levaria a ser frio e distante para sempre: em vez disso, ele parecia não só ter se esquecido de todas as ofensas do passado como ser imune a todas as incivildades atuais. Antigamente, a menor insinuação, ou a mera frieza imaginária de tom ou de olhar, bastaria para rechaçá-lo: agora, a rudeza concreta não o afastava. Será que ouvira falar da minha decepção; e será que se tornara testemunha do resultado e triunfava com meu desespero? Segurei meu chicote com uma determinação maior do que antes — mas ainda assim me impedi de levantá-lo e cavalguei em silêncio, aguardando um motivo mais tangível de ofensa, antes de abrir as comportas da minha alma e transbordar a fúria represada que espumava e crescia dentro de mim.

“Markham”, disse ele, no tom suave habitual, “por que você briga com seus amigos por ter se decepcionado com algo? Suas expectativas foram frustradas, mas que culpa *eu* tenho? Avisei antes, sabe, mas você não...”

Ele não disse mais nada, pois, empurrado por um diabo no meu cotovelo, segurei meu chicote pela ponta mais fina e — ligeiro e abrupto como um relâmpago — bati a outra ponta na cabeça dele. Não foi sem um sentimento de satisfação selvagem que olhei a palidez instantânea, fatal, que se espalhava pelo seu rosto, e as poucas gotas vermelhas que lhe escorriam pela testa, enquanto ele vacilava por um instante sobre a sela e caía de costas no chão. O pônei, surpreso por ser tão estranhamente liberto do fardo, assustou-se e cabriolou, e escoiceou um pouco, e depois fez uso da liberdade de ir comer a grama da sebe, enquanto o dono jazia inerte e silencioso como um cadáver. Será que eu o matara? — uma mão gelada parecia apanhar meu coração e verificar sua pulsação, quando me debrucei sobre ele, fitando com uma força esbaforida o rosto lívido, tombado. Mas não: ele mexeu as pálpebras e emitiu um gemido fraco. Voltei a respirar — ele ficara apenas aturdido com a queda. Bem feito — isso lhe ensinaria a ter mais modos no futuro. Deveria ajudá-lo a montar o cavalo? Não. Por quaisquer outras combinações de ofensas, eu ajudaria, mas a dele era imperdoável demais. Ele que o montasse sozinho, se quisesse — em breve: já começava a agitar-se e a olhar ao redor procurando o pônei — e ali o aguardava, pastando silenciosamente à beira da

estrada.

Então, resmungando uma execração, abandonei o sujeito à própria sorte e, andando depressa até o meu cavalo, saí a galope, animado por uma mistura de sentimentos que não seriam fáceis de analisar; e talvez, se o fizesse, o resultado não fosse muito honroso ao meu caráter, pois não tenho certeza se uma espécie de júbilo diante do que havia feito não seria seu principal acompanhamento.

Pouco depois, no entanto, a excitação começou a diminuir, e não foram muitos os minutos transcorridos antes de eu dar meia-volta e retornar para cuidar do destino da minha vítima. Não foi um ímpeto de generosidade — não houve compaixão bondosa que me levasse a isso —, tampouco o medo das consequências para mim, se terminasse minha agressão contra o fazendeiro deixando-o assim negligenciado, e exposto a mais lesões; era, simplesmente, a voz da consciência; e assumi para mim o grande mérito de atender tão de pronto às suas ordens — e, a julgar o mérito do feito pelo sacrifício que me custou, eu não estava tão errado.

Tanto o sr. Lawrence como o pônei haviam mudado de posição, em certa medida. O pônei andara uns sete ou oito metros, e ele conseguira, sabe-se lá como, retirar-se do meio da estrada: eu o encontrei recostado à margem — ainda muito branco e abatido, e segurando o lenço de cambraia (agora mais vermelho do que branco) contra a cabeça. Deve ter sido um golpe forte, mas metade do crédito — ou da culpa (como queira) é devido ao chicote, decorado com uma enorme cabeça de cavalo em metal folheado. A grama, empapada de chuva, propiciava ao jovem cavalheiro um sofá bastante inóspito; suas roupas estavam consideravelmente enlameadas; e o chapéu rolava no lodo, do outro lado da estrada. Mas os pensamentos dele pareciam estar voltados para o pônei, para o qual lançava um olhar saudoso — meio que numa angústia impotente e meio que num abandono impotente à própria sorte.

Entretanto, desmontei e, tendo amarrado meu animal à árvore mais próxima, primeiro peguei o chapéu dele, planejando botá-lo na sua cabeça; mas ou ele considerava a cabeça imprópria para um chapéu, ou o chapéu, na atual condição, impróprio para a cabeça; pois

recuando com esta, tirou o outro da minha mão e o deixou de lado com desprezo.

“Está bom o bastante para você”, murmurei.

Minha boa ação seguinte foi pegar o pônei e levá-lo até ele, o que fiz logo, pois o animal estava bastante sossegado, de modo geral, e apenas estremeceu e se sacudiu um pouco até eu conseguir segurar a rédea — no entanto, precisava ajudá-lo a subir na sela.

“Aqui, companheiro — patife — cachorro — me dá a mão que eu o ajudo a montar.”

Não: ele se afastou de mim com asco. Tentei pegá-lo pelo braço. Ele se encolheu como se houvesse possibilidade de contaminação com o meu toque.

“Ora, por que não? Bom, fique aí sentado até o dia do juízo final, pouco me importa. Mas imagino que você não queira perder todo o sangue que tem no corpo — vou me dignar a enfaixar sua testa.”

“Faça o favor de me deixar em paz.”

“Hmm! De todo o coração. Você que vá para o inferno se assim escolher, e pode dizer que fui eu que mandei.”

Mas, antes de o abandonar à própria sorte, lancei a rédea do pônei por cima de uma estaca na sebe e lhe joguei um lenço, já que o dele estava saturado de sangue. Ele o pegou e o jogou de volta, com aversão e desdém, com toda a força que conseguiu reunir. Foi a gota d’água em termos de ofensa. Com imprecações não altas porém intensas, eu o deixei para viver ou morrer como pudesse, bem satisfeito por ter cumprido o *meu* dever na tentativa de salvá-lo — mas esquecendo que errara levando-o a tal condição, e que fora desrespeitoso ao oferecer ajuda depois — e de mau humor me preparei para lidar com as consequências caso ele optasse por dizer que eu tentara matá-lo — o que eu não achava impossível, pois me parecia provável que fosse estimulado por motivações vingativas a recusar meu auxílio com tanta teimosia.

Após montar de novo no meu cavalo, apenas olhei para trás para ver como estava se saindo antes de ir embora. Havia se levantado do chão e, segurando a crina do pônei, tentava retomar seu posto na sela; no entanto, mal tinha posto o pé no estribo quando um enjoo ou

tontura pareceu dominá-lo: ele se curvou para a frente por um instante, a cabeça apoiada nas costas do animal, e então fez mais uma tentativa que se mostrou inútil, depois voltou a desmoronar na margem, onde eu o deixara, e repousava a cabeça no gramado lamacento, ao que tudo indicava, reclinando-se calmamente como se estivesse descansando no sofá de casa.

Eu devia tê-lo ajudado apesar de ser ele — ter enfaixado a ferida que ele era incapaz de estancar, e insistido em botá-lo no cavalo e me assegurado de que chegaria em casa são e salvo; mas, além da minha amarga indignação contra ele, havia a questão do que dizer aos criados dele — e o que dizer para a minha família. Ou deveria ter assumido o ato, o que faria com que me considerassem um louco, a não ser que eu assumisse também a motivação — e isso parecia impossível — ou precisaria inventar uma mentira, o que me parecia também fora de cogitação — sobretudo porque o sr. Lawrence provavelmente revelaria toda a verdade e assim me causaria uma desonra dez vezes maior — a não ser que eu fosse vilão o bastante, presumindo a ausência de testemunhas, para insistir na minha própria versão do caso e retratá-lo como um patife ainda maior do que era de fato. Não; tinha sofrido apenas um corte acima da têmpora, e talvez alguns hematomas causados pela queda ou pelos cascos do pônei: isso não o mataria se ficasse metade do dia ali deitado; e, se não conseguisse arranjar-se sozinho, sem dúvida alguém apareceria: seria impossível que um dia inteiro se passasse sem ninguém além de nós cruzar a estrada. Quanto ao que optaria por dizer depois, eu me arriscaria: se contasse mentiras, eu o contradiria; se contasse a verdade, eu aguentaria da melhor forma possível. Não era *obrigado* a entrar em explicações além das que achasse corretas. Talvez ele optasse por guardar silêncio sobre o assunto por medo de suscitar questionamentos quanto à causa da briga e chamar a atenção pública para sua ligação com a sra. Graham, a qual, pelo bem dela ou dele, ele parecia ter um grande desejo de esconder.

Assim raciocinando, trotei rumo à cidade, onde conduzi devidamente meus negócios e cumpri várias tarefas a pedido de minha mãe e de Rose, com uma precisão bastante louvável considerando as

diferentes circunstâncias do caso. Ao voltar para casa, fui atormentado por receios diversos quanto ao desventurado Lawrence. A questão, e se o encontrasse deitado, ainda na terra molhada, agonizando de frio e exaustão — ou já rígido e gelado? enfiou-se na minha cabeça de forma muito desagradável, e a possibilidade aterradora se formava com uma nitidez dolorosa na minha imaginação à medida que me aproximava do lugar onde o largara. Mas não: graças a Deus tanto o homem como o cavalo tinham sumido, e nada restava que servisse de prova contra mim além de dois objetos — já desagradáveis por si mesmos, sem dúvida, e com uma aparência bem feia, para não dizer homicida — em um lugar, o chapéu saturado de chuva e coberto de lama, cortado e rasgado acima da aba por aquele chicote vil; em outro, o lenço carmesim, encharcando-se em uma poça d'água extremamente tingida — pois muita chuva havia caído naquele ínterim.

Más notícias correm rápido: ainda não era nem quatro horas quando cheguei em casa, mas minha mãe me abordou em tom sério:

“Ah, Gilbert! — *Que* acidente! Rose estava fazendo compras no vilarejo e soube que o sr. Lawrence foi lançado para longe do cavalo e levado para casa agonizante!”

Isso me chocou um pouco, como você deve imaginar; mas ainda assim me reconfortou ouvir que fraturara horrendamente o crânio e quebrara a perna; pois, seguro da falsidade dessas informações, confiei que o resto da história teria sido igualmente exagerado; e, quando ouvi minha mãe e irmã lamentando com tanta comoção o estado dele, tive uma dificuldade considerável de segurar-me para não lhes contar a verdadeira extensão das feridas, até onde as vira.

“Você tem que ir visitá-lo amanhã”, disse minha mãe.

“Ou hoje”, sugeriu Rose, “ainda tem bastante tempo; e pode pegar o pônei, se o seu cavalo estiver cansado. Você vai, Gilbert — assim que comer alguma coisa?”

“Não, não — como saber se não é uma notícia falsa? É extremamente imp...”

“Ah, tenho certeza de que não é porque o vilarejo inteiro está atento ao caso; e vi duas pessoas que tinham visto outras que viram o homem que o achou. Parece inverossímil, mas não é, se você parar para

pensar.”

“Bom, mas o Lawrence é um bom cavaleiro; não é muito provável que caia do cavalo; e se tiver caído é pouco provável que tenha quebrado os ossos assim. Deve ser um exagero grosseiro, no mínimo.”

“Não, mas o cavalo o coiceou — algo assim.”

“O quê, aquele pônei tranquilo dele?”

“Como você sabe que foi esse?”

“Ele raramente usa outro.”

“De qualquer modo”, disse minha mãe, “você o visita amanhã. Verdade ou mentira, exagero ou não, queremos saber como ele está.”

“O Fergus pode ir.”

“Por que não você?”

“Ele tem mais tempo; ando muito ocupado.”

“Ah!, mas Gilbert, como você consegue ficar tão calmo com essa situação? Você não vai tratar dos negócios, por uma ou duas horinhas, num caso desse tipo — quando o seu amigo está à beira da morte!”

“Não está, eu garanto!”

“Até onde você sabe, ele *talvez* esteja: você só vai saber depois de vê-lo. De qualquer modo, deve ter sofrido um acidente terrível, e você precisa visitá-lo: ele vai achar uma grande falta de delicadeza se você não for.”

“Que diabos! Não posso. Ele e eu não temos nos dado bem ultimamente.”

“Ah, meu *querido menino*! É claro, é claro, que você não é tão rancoroso a ponto de levar as pequenas diferenças que vocês têm a tal ponto que...”

“Pequenas diferenças, realmente!”, murmurei.

“Bom, mas pense na ocasião! Pense em como...”

“Bom, bom, não me aborreça — eu vou pensar”, rebati.

E meu modo de pensar foi mandar Fergus na manhã seguinte, com os cumprimentos da minha mãe, para fazer as perguntas necessárias; pois, é claro, minha ida estava fora de cogitação — ou até mandar um recado. Ele voltou com a informação de que o jovem fazendeiro estava de cama devido a complicações de uma cabeça quebrada e certas contusões (causadas por uma queda — cujos detalhes ele não via

problema em relatar — e a subsequente condução errada do pônei), e um resfriado forte, em consequência de ter ficado deitado no chão molhado sob a chuva; mas não quebrara ossos e não tinha perspectiva imediata de morte.

Estava evidente, então, que, pelo bem da sra. Graham, ele não tinha a intenção de incriminar-me.

15. Um encontro e suas consequências

Aquele dia estava chuvoso como o anterior, mas no fim da tarde começou a clarear um pouco, e a manhã seguinte estava clara e promissora. Eu estava na colina com os ceifadores. Um vento fraco agitava o trigo e toda a natureza ria ao sol. A cotovia se alegrava entre as nuvens prateadas que flutuavam. A chuva recente refrescara e clareara o ar de forma tão doce, e limpou o céu, e deixara pedrinhas cintilantes nos galhos e folhas que nem os lavradores tinham coragem de pôr a culpa nela. Mas nenhum raio de sol conseguiria atingir meu coração, nenhuma brisa poderia refrescá-lo; nada poderia suprir o vazio deixado pela fé, pela esperança e pela alegria que eu depositava em Helen Graham, nem afastar os fortes remorsos e os amargos resquícios de amor que ainda o oprimiam.

Estava parado, de braços cruzados, contemplando distraído a ondulação dos trigos ainda não perturbados pelos ceifadores, quando algo puxou delicadamente minha bainha, e uma voz pequena, que já não era bem-vinda aos meus ouvidos, despertou-me com as palavras surpreendentes:

“Sr. Markham, a mamãe quer o senhor.”

“Ela *me quer*, Arthur?”

“Sim. Por que essa cara tão esquisita?”, disse ele, meio que rindo, meio que assustado com a expressão inesperada no meu rosto quando me virei de repente para ele — “e por que faz tanto tempo que o senhor não aparece? — Venha! — O senhor não vem?”

“Agora estou ocupado”, respondi, sem saber direito o que dizer.

Ele me ergueu os olhos com um espanto infantil; mas, antes que eu pudesse falar de novo, a própria dama já estava ao meu lado.

“Gilbert, eu *preciso* falar com você!”, ela declarou em tom de veemência contida.

Olhei para suas faces pálidas e olhos brilhantes, mas não respondi nada.

“É só um instante”, ela suplicou. “Venha até o outro campo” — ela lançou um olhar para os ceifadores, alguns dos quais dirigiam olhares de curiosidade impertinente para ela — “Não vou demorar nem um minuto.”

Eu a acompanhei até o outro lado.

“Arthur, querido, vá correndo pegar aqueles jacintos”, disse ela, apontando alguns que brilhavam, a certa distância, sob a sebe que ladeávamos. A criança hesitou, como se não estivesse disposta a sair do meu lado. “Vá, meu amor!”, ela repetiu com mais urgência, e em um tom que, embora não fosse indelicado, exigia obediência imediata, a qual obteve.

“Pois não, sra. Graham?”, eu disse, calmo e frio; pois, apesar de perceber que ela estava infeliz, e de me compadecer dela, estava contente porque tinha a possibilidade de atormentá-la.

Ela fixou o olhar em mim com uma expressão que dilacerou meu coração — e no entanto, me fez sorrir.

“Não pergunto sobre a razão para essa mudança, Gilbert”, ela declarou com uma serenidade amarga. “Eu a conheço muito bem; mas embora veja que sou suspeita e condenada por todo mundo, e lide com isso com tranquilidade, não suporto que venha de você. — Por que você não veio escutar minha explicação no dia que marquei para dá-la?”

“Porque, por acaso, no meio-tempo, descobri tudo o que você me diria — e um pouco mais, imagino.”

“Impossível, pois eu teria lhe contado tudo!”, lamentou ela, com veemência. “Mas agora não vou mais, pois entendi que você não merece!”

E seus lábios pálidos tremeram de comoção.

“Por que não, se me permite perguntar?”

Ela repeliu meu sorriso zombeteiro com um olhar de indignação desdenhosa.

“Porque você nunca me entendeu, caso contrário não teria dado logo ouvidos aos meus difamadores — minha confiança seria mal empregada em você — você não é o homem que eu imaginava que fosse. — Vai! Não vou me importar com *o que* você pensa de mim!”

Ela me virou as costas e fui embora, pois achei que isso a atormentaria tanto quanto qualquer outra atitude, e creio que tinha razão, pois, ao olhar para trás um minuto depois, eu a vi dando uma viradinha, como se esperasse ou contasse que me encontraria ainda a seu lado, e então ela estancou o passo e deu uma olhada para trás. Era um olhar menos indicativo de raiva do que de sofrimento e desespero amargurados, mas supus de imediato uma expressão indiferente, e fingi olhar ao redor distraidamente, e imagino que ela tenha seguido em frente, já que depois de enrolar um pouco para ver se ela voltaria ou chamaria, arrisquei mais uma olhadela e a vi bem distante, subindo depressa o campo enquanto o pequeno Arthur corria a seu lado enquanto parecia falar; mas ela desviava o rosto dele, como se para esconder uma emoção incontrolável. E eu voltei aos meus assuntos.

Porém, em pouco tempo comecei a arrepender-me da pressa em deixá-la. Era evidente que me amava — provavelmente estava cansada do sr. Lawrence e desejava trocá-lo por mim, e se eu a tivesse amado e reverenciado menos, para começo de conversa, a preferência poderia ter me agraciado e deleitado; mas agora o contraste entre sua aparência exterior e o que eu supunha como sua mente interior — entre minha antiga e minha atual opinião sobre ela — era tão aflitivo, tão penoso aos meus sentimentos que engolia todas as considerações mais frívolas.

Contudo, estava curioso para saber que tipo de explicação ela teria me dado — ou daria agora, se eu a pressionasse —, o quanto confessaria e como tentaria se justificar. Ansiava por saber o que desprezar e o que admirar nela, quanta pena sentir e quanto ódio ter; e, além do mais, eu *ficaria* sabendo. Eu a veria mais uma vez, e me decidiria completamente quanto à luz sob a qual a enxergaria antes de nos despedirmos. Perdida para mim ela já estava, para sempre, é claro; contudo, não suportava pensar que tínhamos nos despedido, pela última vez, com tanta grosseria e infelicidade de ambas as partes.

Aquele seu olhar derradeiro acabara comigo: não conseguia esquecê-lo. — Mas que tolo eu era! — Ela não havia me enganado, me ferido — arruinado minha felicidade para sempre? *Bom, vou vê-la, foi minha decisão final, no entanto não hoje: esta tarde e esta noite, ela que pense nos pecados que cometeu e fique infeliz; amanhã eu a revejo e descubro algo mais sobre ela. O encontro talvez lhe seja proveitoso, talvez não. De qualquer modo, será um sopro de ânimo em uma vida que ela condenou à estagnação, e talvez apazigue com certezas alguns pensamentos agitados.*

De fato fui no dia seguinte, mas só no fim da tarde, depois que os negócios do dia foram concluídos, isto é, entre seis e sete horas; e o sol poente que brilhava vermelho sobre o velho casarão e chamejava nas janelas de treliça, quando lá cheguei, conferia à casa uma alegria que ela não tinha. Não preciso me estender a respeito dos sentimentos com que me aproximei do santuário de minha ex-divindade — aquele lugar apinhado de recordações deliciosas e sonhos gloriosos —, agora completamente obscurecido por uma verdade desastrosa.

Rachel me recebeu na sala de estar e foi chamar a patroa, já que ela não estava lá; mas ali estava sua mesa de leitura, aberta na mesinha redonda ao lado da cadeira de espaldar alto, com um livro aberto. Sua coleção limitada mas excelente de livros me era quase tão familiar quanto a minha, mas esse volume eu nunca tinha visto. Peguei-o. Era *Os últimos dias de um filósofo*, de Humphrey Davy, e na primeira folha estava escrito “Frederick Lawrence”. Fechei o livro, mas continuei com ele na mão, e fiquei de frente para a porta, de costas para a lareira, aguardando com calma sua chegada, pois não tinha dúvidas de que ela viria. E logo ouvi seus passos no corredor. Meu coração começava a palpitar, mas o refreei com uma censura interna e mantive a compostura — aparentemente, pelo menos. Ela entrou, serena, pálida, controlada.

“A que devo este favor, sr. Markham?”, ela indagou, com uma dignidade tão austera mas reservada que quase me desconcertou; porém, respondi com um sorriso, e com bastante insolência:

“Bem, vim escutar sua explicação.”

“Já lhe disse que não a darei”, retrucou ela. “Disse que o senhor não

merece minha confiança.”

“Ah, muito bem”, respondi, seguindo em direção à porta.

“Fique um instante”, disse ela. “Esta deve ser a última vez que o verei: não vá ainda.”

Fiquei, aguardando outras ordens.

“Diga-me”, ela retomou, “com base em que o senhor acredita naquelas coisas a meu respeito; quem foi que lhe disse e o que foi dito?”

Estanquei por um momento. Ela olhou nos meus olhos de um jeito inabalável, como se seu peito estivesse enrijecido pela inocência consciente. Estava decidida a saber do pior, e determinada também a enfrentá-lo.

Posso subjugar esse espírito destemido, ponderei. Mas embora às escondidas me regozijassem do meu poder, estava disposto a brincar com a minha vítima feito um gato. Mostrando-lhe o livro que ainda estava na minha mão e apontando o nome na folha de guarda, mas fixando o olhar no rosto dela, perguntei:

“Conhece este cavalheiro?”

“Claro que sim”, ela respondeu, e um súbito rubor espalhou-se por suas feições — se de vergonha ou de raiva, não saberia dizer: parecia mais esta última. “O que mais, senhor?”

“Quando foi a última vez que você o viu?”

“Quem lhe deu o direito de me interrogar sobre este ou qualquer outro assunto?”

“Ah, ninguém! — Cabe a você a escolha de responder ou não. — E agora, deixe-me perguntar — já soube o que aconteceu com esse amigo seu há pouco? — porque, se não soube...”

“Não vou permitir que me insulte, sr. Markham!”, ela berrou, quase enfurecida com meus modos. “Então é melhor que o senhor saia desta casa de uma vez, se vem aqui só para isso.”

“Não vim para insultá-la; vim para escutar sua explicação.”

“E eu já lhe disse que não a darei!”, ela rebateu, andando pela sala em um estado de forte comoção, com as mãos entrelaçadas, a respiração curta, e chamadas de indignação lampejando nos olhos. “Não vou me dar ao trabalho de me explicar para alguém capaz de fazer

troça de suspeitas tão horrendas e facilmente instigado a cogitar que sejam verdadeiras.”

“Não faço troça delas, sra. Graham” retruquei, abandonando de vez meu tom sarcástico. “Eu adoraria achar que são motivo de troça! E quanto a ser facilmente instigado a suspeitar, só Deus sabe o tolo cego, cético que fui até agora, insistindo em fechar os olhos e fazer ouvidos moucos para tudo o que ameaçasse abalar minha confiança em você até que uma prova derrubasse minha paixão!”

“Que prova, senhor?”

“Pois bem, eu lhe digo. Lembra da última noite em que estive aqui?”

“Sim.”

“Mesmo então, você fez algumas alusões que poderiam ter me levado a abrir os olhos, a ser um homem mais sábio; mas não causaram esse efeito em mim: continuei confiando e acreditando, com esperança apesar de tudo, e adorando mesmo os pontos que não conseguia entender. — Mas aconteceu, no entanto, que depois de me despedir, dei meia-volta — estimulado por uma profunda compaixão e um afeto ardoroso — sem ousar lhe impor minha presença abertamente, mas incapaz de resistir à tentação de ter um vislumbre pela janela, só para ver como você estava, pois eu tinha ido embora quando você parecia estar muito aflita, e em certa medida eu culpava minha própria falta de paciência e juízo por isso. Se tinha cometido um erro, o amor por si só foi meu incentivo, e o castigo foi forte o bastante, pois foi exatamente quando cheguei àquela árvore que você saiu para o jardim com o seu amigo. Sem querer dar um espetáculo, naquelas circunstâncias, fiquei parado, à sombra, até os dois passarem.”

“E quanto da nossa conversa o senhor ouviu?”

“Ouvi o suficiente, Helen. E foi bom para mim ter ouvido, pois nada mais poderia ter curado minha paixão. Eu sempre falei e pensei que jamais acreditaria em uma palavra sequer que dissessem contra você, a não ser que ela viesse da sua boca. Eu tratava todas as insinuações e afirmações dos outros como calúnias perniciosas, infundadas; as acusações que você fazia contra si mesma eu considerava exacerbadas,

e tudo o que parecia esquisito na sua situação eu acreditava que você poderia justificar caso escolhesse fazê-lo.”

A sra. Graham havia descontinuado sua perambulação. Estava apoiada em uma das pontas da cornija da lareira, de frente para aquela onde eu estava parado, repousando o queixo sobre a mão fechada, os olhos — que já não ardiam mais de raiva, e sim brilhavam de agitação irrequieta — às vezes me olhavam quando eu falava, depois percorriam a parede oposta ou se fixavam no tapete.

“O senhor devia ter me procurado, depois disso tudo”, disse ela, “e escutado o que eu tinha a dizer para me justificar. Foi mesquinho e errado da sua parte se distanciar de forma tão furtiva e repentina, logo depois de manifestações tão veementes de apego, sem nunca especificar uma razão para a mudança. O senhor devia ter me contado tudo — com o amargor *que fosse*, pouco importa —, pois seria melhor do que este silêncio.”

“Com que objetivo eu faria isso? — Você não teria como me esclarecer melhor sobre o único assunto que me dizia respeito; tampouco poderia ter me levado a duvidar da evidência dos meus sentidos. Desejei que nossa intimidade fosse descontinuada de uma vez por todas, como você havia admitido que provavelmente aconteceria se eu soubesse de tudo; porém, não queria censurá-la — embora — como você também reconheceu — tenha me enganado bastante. Sim, você me causou um dano que jamais conseguirá consertar — nem você nem ninguém —, você destruiu o frescor e a potência da juventude e fez da minha vida uma selva! Posso viver uma centena de anos, mas nunca vou me recuperar do impacto desse golpe devastador — e jamais me esquecerei dele! Daqui por diante — Está sorrindo, sra. Graham”, exclamei, calando-me de repente, restando minha declamação passional de sentimentos inexprimíveis para contemplá-la *sorrindo* de verdade para a imagem da ruína que provocara.

“É verdade?”, ela respondeu, erguendo os olhos com a expressão séria, “não me dei conta. Se sorri, não foi por ter prazer em pensar no mal que lhe causei — só Deus sabe o quanto já me atormentei com essa possibilidade! —, foi pela alegria em descobrir que o senhor,

afinal, tem alguma profundidade de alma e de sentimentos, e pela esperança de que não me enganei completamente sobre seu valor. Mas comigo os sorrisos e as lágrimas são muito parecidos; nenhum dos dois está restrito a emoções específicas: volta e meia choro quando estou feliz e sorrio quando estou triste.”

Ela tornou a me olhar, e parecia esperar uma resposta, mas permaneci em silêncio.

“O senhor ficaria *muito* contente”, ela retomou, “em descobrir que se enganou em suas conclusões?”

“Como você pode perguntar isso, Helen?”

“Não digo que posso me inocentar por completo”, disse ela, falando baixo e rápido, enquanto o coração batia a olhos vistos e o peito ofegava de entusiasmo, “mas você ficaria contente em descobrir que sou melhor do que você acha que sou?”

“Qualquer coisa que pudesse, na menor das medidas, me ajudar a recuperar minha antiga opinião a seu respeito, a justificar a consideração que ainda lhe tenho e a aliviar as pontadas de remorso inexprimível que vêm junto, qualquer coisa seria recebida com muita alegria — muita avidez!”

Suas faces ardiam e o corpo inteiro tremia, agora, com o excesso de agitação. Ela não falou, mas correu até a mesa e, pegando dali o que me pareceu ser um álbum grosso ou um volume manuscrito, rasgou às pressas algumas folhas do fim e enfiou o resto nas minhas mãos, dizendo: “Não precisa ler tudo; mas leve para casa” — e saiu correndo da sala. Mas quando fui embora do casarão, percorrendo a entrada, ela abriu a janela e me chamou. Era só para dizer:

“Traga de volta depois de ler; e não sussurre nem uma palavra do que ele diz a ninguém — confio na sua honradez.”

Antes que pudesse responder, ela já fechara a janela e se virara. Vi quando se acomodou de novo na velha cadeira de carvalho e tampou o rosto com as mãos. Suas emoções tinham sido elevadas a tal intensidade que lhe era necessário buscar alívio nas lágrimas.

Ofegante de entusiasmo, lutando para conter minhas esperanças, corri para casa e subi depressa até o meu quarto — depois de munir-me de vela, embora o crepúsculo ainda não tivesse chegado, fechei e

tranquei a porta, decidido a não tolerar interrupções, e após me sentar à escrivaninha abri meu prêmio e me entreguei a seu exame — primeiro, virando as páginas apressadamente e lendo uma frase aqui e ali, e em seguida me acomodando direito para lê-lo do começo ao fim.

Ele está agora diante de mim; e embora você não possa, é claro, examiná-lo com metade do interesse que tive, sei que não ficaria satisfeito com um resumo do conteúdo e por isso terá a íntegra, a não ser, talvez, por alguns trechos aqui e ali que são de mero interesse mundano para a autora, ou que serviria para dificultar a história em vez de elucidá-la. Começa de forma meio abrupta, portanto — mas vamos reservar seu início a outro capítulo, e intitulá-lo...

16. Os conselhos da experiência

1º de junho de 1821. — Acabamos de retornar a Staningley — isto é, voltamos há alguns dias, e ainda não estou acomodada, e sinto que jamais estarei. Deixamos a cidade antes do que pretendíamos, em consequência da indisposição de meu tio — questiono qual teria sido o resultado caso tivéssemos ficado pelo tempo planejado. Estou muito envergonhada da minha recém-nascida aversão à vida no campo. Todas as minhas antigas atividades me parecem assaz tediosas e banais, minhas antigas distrações tão insípidas e inúteis. Não consigo apreciar minha música, pois não há quem a escute. Não consigo apreciar minhas caminhadas, pois não tenho a quem encontrar. Não consigo apreciar meus livros, pois não têm o poder de deter minha atenção: minha cabeça está tão assombrada pelas lembranças das últimas semanas que não sou capaz de acompanhá-los. Meus desenhos me são mais convenientes, visto que posso desenhar e pensar ao mesmo tempo; e se minhas produções agora não podem ser vistas por ninguém além de mim e de pessoas que não se interessam por elas, talvez sejam vistas no futuro. Porém, há um rosto que estou sempre tentando pintar ou esboçar e nunca tenho êxito, e isso me atormenta. Quanto ao dono do rosto, não consigo tirá-lo da minha cabeça — e, na verdade, nunca tento. Pergunto-me se ele pensa em mim; e pergunto-me se o verei de novo um dia. E a essas se seguem uma série de perguntas, questões cujas respostas cabem ao tempo e ao destino, concluindo-se com: — supondo que todo o resto seja respondido na afirmativa, pergunto-me se me arrependerei um dia — conforme minha tia me diria que deverei, se soubesse no que estou pensando. Com que nitidez me recorro de nossa conversa naquele fim de tarde,

antes de nos despedirmos da cidade, quando estávamos sentados juntos diante do fogo, meu tio já na cama devido a um leve ataque de gota.

“Helen”, disse ela, após um silêncio reflexivo, “você pensa em casamento?”

“Sim, tia, com frequência.”

“E você contempla a possibilidade de estar casada, ou noiva, antes do fim da estação?”

“De vez em quando, mas não acho muito provável que isso *um dia* aconteça.”

“Por quê?”

“Porque imagino que existam apenas poucos, bem poucos homens no mundo com quem eu gostaria de me casar; e desses poucos, há uma chance em dez que conhecerei um deles; e se conhecer, há uma chance em vinte que por acaso ele não seja solteiro ou se interesse por mim.”

“Isso não é argumento. Talvez seja bem verdade — e espero que *seja* verdade, que existem pouquíssimos homens com os quais você escolheria se casar, por vontade própria. — Não se deve, de fato, supor que você *gostaria* de se casar com *qualquer um* antes que alguém a peça em casamento: os afetos de uma moça nunca devem ser conquistados sem que se solicite. Mas quando *são solicitados* — quando a fortaleza do coração é sitiada, está apto a se entregar mais rápido do que sua dona imagina, e muitas vezes contrariando seu próprio bom senso, e desafiando todas as ideias preconcebidas sobre quem ela deveria amar, a não ser que seja extremamente cuidadosa e discreta. Pois quero adverti-la, Helen, dessas coisas, e aconselhá-la a ser atenta e circunspecta desde o início de sua carreira, e não deixar que seu coração lhe seja roubado pela primeira pessoa tola ou sem princípios que cobice possuí-lo. — Sabe, minha querida, você tem só dezoito anos; tem muito tempo pela frente, e nem seu tio nem eu estamos com pressa de passá-la a outra pessoa; e, posso me arriscar a dizer, não vão faltar pretendentes, pois você pode ostentar ter boa família, fortuna considerável e perspectivas, e também posso lhe dizer o seguinte — pois se eu não disser, outros dirão — você tem também um justo

quinhão de beleza — e espero que você nunca tenha motivos para se lastimar dela!”

“Espero que não, tia; mas por que você a teme?”

“Porque, minha querida, a beleza é aquela qualidade que, junto com o dinheiro, costuma ser a mais atraente para os piores tipos de homem; portanto, é provável que cause vários problemas para quem a possui.”

“Você já teve problemas desse gênero, tia?”

“Não, Helen”, disse ela, com uma seriedade repreensiva, “mas sei de muitas que têm; e algumas, por descuido, foram vítimas infelizes de logros; e algumas, por fraqueza, caíram em armadilhas e tentações horríveis de narrar.”

“Bom, não serei nem descuidada nem fraca.”

“Lembre-se de Pedro, Helen! Não ostentar, mas *vigiar*. Resguarde seus olhos e ouvidos como entradas para o coração, e os lábios como a saída, para que não a traiam em um momento de imprudência. Receba, fria e desapaixonadamente, todas as atenções, até ter apurado e ponderado de forma apropriada o valor de cada aspirante; e deixe que seus afetos sejam consequências apenas de aprovação. Primeiro estude; depois aprove; depois ame. Que seus olhos sejam cegos a todos os atrativos exteriores, seus ouvidos surdos a todos os fascínios da bajulação e dos discursos levianos. — Não são nada e, pior que nada, são ardis e artimanhas do tentador, a fim de levar moças descuidadas à própria ruína. O princípio é a primeira coisa, afinal; e em seguida, bom senso, respeitabilidade e uma riqueza moderada. Se você se casar com o homem mais bonito, o mais realizado e o mais superficialmente agradável do mundo, você nem sabe que infelicidade vai ser se, no fim das contas, você descobrir que ele é um réprobo imprestável, ou mesmo um tolo impraticável.”

“Mas o que todos os coitados dos tolos e réprobos vão fazer, tia? Se todo mundo seguisse seus conselhos, o mundo chegaria logo ao fim.”

“Nunca tema, minha querida!, os tolos e réprobos do sexo masculino nunca carecem de companheiras, havendo tantas do sexo oposto que se equiparam a eles; *você*, siga o meu conselho. E esse não é assunto para zombarias, Helen, e me entristece vê-la tratar a questão

como uma trivialidade. Acredite, *matrimônio é coisa séria.*”

E ela falou isso com *tanta* seriedade que seria de imaginar que falava de experiência própria; mas não fiz outras perguntas impertinentes, e indaguei meramente:

“Sei que é; e sei que há verdade e sensatez no que você diz; mas não precisa temer por mim, pois não só acho que é *errado* casar com um homem que carece de bom senso ou de princípios como jamais ficaria *tentada* a fazê-lo; pois não teria como gostar dele, ainda que muito bonito e muito charmoso em outros aspectos; eu o detestaria — desprezaria — teria pena — teria qualquer coisa por ele, menos amor. Meus afetos não só *precisam* ser baseados na aprovação mas também serão e terão de ser, pois sem aprovar não posso amar. Nem é preciso dizer que preciso ser capaz de respeitar e honrar o homem com quem me casar *bem como* amá-lo, pois não posso amá-lo se não for assim. Portanto, fique tranquila.”

“Espero que assim seja”, ela respondeu.

“Eu *sei* que *será* assim”, insisti.

“Você ainda não foi posta à prova, Helen: mas só nos resta torcer”, disse ela, a seu estilo frio, cauteloso.

Irritei-me com sua incredulidade, mas não tenho certeza se suas dúvidas eram desprovidas de sagacidade; receio ter achado bem mais fácil me lembrar de seus conselhos do que me aproveitar deles — aliás, por vezes fui levada a questionar a correção de seus dogmas sobre tais assuntos. Seus conselhos talvez fossem bons, na medida do possível — nos pontos principais, pelo menos; — mas certas coisas foram ignoradas em seus cálculos. Pergunto-me se *ela* já tinha se apaixonado.

Iniciei minha carreira — ou minha primeira campanha, como meu tio a chamou — acendendo esperanças e fantasias radiantes — suscitadas principalmente por essa conversa — e cheia de confiança no meu próprio discernimento. A princípio, encantei-me com a novidade e a animação da nossa vida em Londres; mas em pouco tempo comecei a me cansar de sua mistura de turbulências e restrições, e a suspirar pelo frescor e pela liberdade de casa. Meus novos conhecidos, tanto homens como mulheres, frustraram minhas

expectativas, e alternavam-se entre me aborrecer e me deprimir; pois logo me cansei de estudar suas peculiaridades e rir de suas fraquezas — sobretudo porque era obrigada a guardar para mim as críticas que tinha a fazer, pois minha tia se negava a ouvi-las — e eles — em especial as damas — pareciam provocadoramente estúpidos, e insensíveis, e artificiais. Os cavalheiros pareciam ser melhores, mas talvez pelo fato de os conhecer menos, talvez pelo fato de me bajularem; mas não me apaixonei por nenhum deles, e se suas atenções me agradavam por um instante, afrontavam-me no seguinte, pois me deixavam de mau humor comigo mesma, já que revelavam minha vaidade e me faziam temer que estivesse me tornando parecida com algumas das senhoras que eu menosprezava de todo o coração.

Havia um cavalheiro de mais idade que me irritava muito: um velho amigo rico de meu tio que, creio eu, imaginava que eu não conseguiria ninguém melhor do que ele para casar; mas, além de velho, era feio e desagradável — e perverso, tenho certeza, embora minha tia tenha me repreendido por dizer isso; porém, ela admitiu que ele não era nenhum santo. E havia outro, menos detestável, mas ainda *mais* enfadonho, pois era o preferido dela, e ela sempre o empurrava para mim e o elogiava nos meus ouvidos, de nome sr. Boarham, ou Aborrecido, como eu preferia, pois era muito entediante: ainda estremeço ao lembrar de sua voz, da ladainha nos meus ouvidos, sentado ao meu lado, falando sem parar durante meia hora, encantado com a ideia de que aprimorava minha mente com informações úteis ou de que me inculcava seus dogmas e emendava meus erros de juízo, ou talvez de que falava mais fácil, para o meu nível, divertindo-me com o discurso interessante. No entanto, era um homem bastante respeitável, de modo geral, ousado dizer; e, se mantivesse distância, eu nunca o teria odiado. Naquelas circunstâncias, foi quase inevitável, pois, além de me incomodar com o fardo de sua presença, impedia-me de desfrutar de companhias mais agradáveis.

Uma noite, entretanto, em um baile, ele me atormentou além do habitual, e minha paciência se esgotou. — Parecia que a noite inteira estava destinada a ser insuportável: tive apenas uma dança com um janota de cabeça oca e em seguida o sr. Boarham se aproximou,

aparentemente decidido a passar o resto da noite grudado em mim. Ele mesmo nunca dançava, e permaneceu sentado, aproximando a cabeça do meu rosto, passando a todos os que nos viam a ideia de que era um amante aprovado, reconhecido; minha tia ficou o tempo inteiro olhando com complacência, desejando-lhe boa sorte. Em vão, tentei afugentá-lo dando livre expressão a meu sentimento de exasperação e até mesmo à rudeza absoluta: nada o convencia de que sua presença era desagradável. O silêncio emburrado era entendido como atenção total, e dava-lhe mais espaço para falar; respostas ríspidas eram recebidas como gracejos perspicazes de vivacidade feminina, que só pediam uma censura condescendente, e contestações objetivas eram como óleo para chamas, provocando novas linhas de argumentação que amparassem seus dogmas, jogando em cima de mim dilúvios infundáveis de raciocínios para me convencer.

No entanto, um dos presentes parecia ter maior apreço pelo meu modo de pensar. Um cavalheiro ficou a nosso lado, assistindo à nossa reunião por algum tempo, claramente achando muita graça da pertinácia implacável de meu companheiro e de minha óbvia irritação, e rindo da aspereza e do espírito intransigente de minhas respostas. Por fim, contudo, ele recuou e foi até a dona da casa, aparentemente para pedir que me fosse apresentado, pois, pouco depois, ambos se aproximaram e ela o apresentou como sr. Huntingdon, o filho de um amigo falecido de meu tio. Ele me convidou para uma dança. Concordei com alegria, é claro, e ele me fez companhia durante o restante da minha permanência, que não foi longa, já que minha tia, como de hábito, insistiu que partíssemos cedo.

Fiquei triste em ir embora, pois tinha achado meu novo conhecido uma companhia muito vivaz e divertida. Havia certa naturalidade graciosa e liberdade em tudo o que dizia e fazia, o que me dava uma sensação de descanso e expansão para a mente, após tanta restrição e formalidade que eu fora condenada a sofrer. Talvez houvesse, é verdade, uma audácia um pouco indiferente demais em seus modos e trato, mas meu humor estava tão bom, e estava tão grata por minha libertação tardia do sr. Boarham, que não me zanguei.

“Bom, Helen, qual é a sua opinião sobre o sr. Boarham agora?”, indagou minha tia, quando nos sentamos na carruagem e fomos embora.

“Pior do que nunca”, respondi.

Ela ficou contrariada, mas não tocou mais no assunto.

“Quem era o cavalheiro com quem você dançou por último?”, retomou, após uma pausa, “que foi tão gentil ao ajudá-la com o xale?”

“Ele não foi gentil de jeito nenhum, tia: ele nem *tentou* me ajudar até o sr. Boarham chegar para me ajudar; e então ele deu um passo à frente, aos risos, e disse: ‘Vamos, vou protegê-la desse sofrimento’.”

“Quem era, eu lhe pergunto?”, indagou, com uma seriedade glacial.

“Era o sr. Huntingdon, filho de um velho amigo do tio.”

“Já ouvi seu tio falar de um jovem sr. Huntingdon, eu o ouvi dizer: ‘É um ótimo sujeito, o jovem Huntingdon, mas um pouco extravagante, eu acho’. Portanto, peço que tome cuidado.”

“O que significa ‘um pouco extravagante?’”, inquiri.

“Significa ser desprovido de princípios, e propenso a todos os vícios comuns à juventude.”

“Mas ouvi o tio dizer que ele próprio era um sujeito extravagante, quando jovem.”

Ela fez que não com severidade.

“Então imagino que estivesse brincando”, declarei, “e que estava falando à toa — de qualquer forma, não acredito que haja algum mal naqueles olhos azuis risonhos.”

“Raciocínio incorreto, Helen!”, disse com um suspiro.

“Bom, precisamos ser caridosas, sabe, tia — além disso, não acho que *seja* incorreto: sou uma excelente fisionomista, e sempre julgo o caráter das pessoas segundo a aparência — não se são bonitos ou feios, mas pelo aspecto geral do semblante. Por exemplo, eu deveria saber pelo seu semblante que você não estava com um temperamento alegre, otimista; e deveria saber pelo do sr. Wilmot que ele era um velho réprobo imprestável, e pelo do sr. Boarham que ele não é uma companhia agradável, e pelo do sr. Huntingdon que ele não é nem tolo nem patife, mas, possivelmente, tampouco um sábio ou um santo — mas isso não tem importância para mim, já que não devo

mais reencontrá-lo — a não ser como um parceiro ocasional no salão de baile.”

Não foi o caso, todavia, pois o reencontrei na manhã seguinte. Ele veio visitar meu tio, pedindo desculpas por não ter vindo antes, dizendo que só recentemente retornara ao continente, e não ficara sabendo, até a véspera, da chegada do meu tio à cidade; e depois disso eu o via com frequência, às vezes em público, às vezes em casa, pois era muito assíduo em prestar visitas ao velho amigo, que não se considerava, entretanto, muito lisonjeado pela atenção.

“Fico me perguntando que diabos esse rapaz quer vindo aqui toda hora”, ele dizia, “você sabe, Helen? Hein? Ele não quer minha companhia e eu tampouco quero a dele — sem sombra de dúvida.”

“Então eu gostaria que você dissesse isso a ele”, disse minha tia.

“Ora, por quê? Se eu não o quero, talvez alguém queira” (piscando para mim). “Além disso, ele tem uma fortuna elevada, Peggy, você sabe disso — não é um bom partido como Wilmot, mas a Helen não quer nem saber dele; porque, por alguma razão, esses velhos sujeitos não agradam as meninas — com *tudo* o dinheiro que têm — fora a experiência. Aposto o que for que ela prefere esse rapaz sem um tostão a Wilmot com a casa cheia de ouro — não é verdade, Nell?”

“É sim, tio; mas isso não diz muito sobre o sr. Huntingdon, pois preferiria ficar solteirona e pobre a virar a sra. Wilmot.”

“E sra. Huntingdon? Você preferiria ser a sra. Huntingdon, hein?”

“Conto depois de pensar na questão.”

“Ah!, então é preciso pensar. — Mas vamos — você preferiria ficar solteirona — e ainda por cima pobre?”

“Só posso lhe dizer depois de pedir a minha mão.”

E saí da sala no mesmo instante para escapar de outras perguntas. Mas cinco minutos depois, olhando pela minha janela, vi o sr. Boarham aproximando-se da porta. Aguardei quase meia hora em meio a um suspense desconfortável, esperando ser chamada a qualquer minuto, e ansiando em vão escutar suas despedidas. Em seguida, ouvi passos na escada e minha tia entrou no quarto com um semblante solene e fechou a porta.

“O sr. Boarham está aqui, Helen”, ela anunciou. “Ele quer vê-la.”

“Ah, tia! Não pode dizer que estou indisposta? — com certeza estou — para *vê-lo*.”

“Que bobagem, minha querida!, não é uma questão insignificante. Ele veio com uma missão importantíssima — pedir sua mão em casamento, a seu tio e a mim.”

“Espero que meu tio e você tenham lhe dito que não cabe a vocês dar minha mão. Que direito ele tem de pedir a *qualquer* outra pessoa antes de mim?”

“Helen!”

“O que o meu tio disse?”

“Ele disse que não vai interferir na questão; se você quisesse aceitar a obsequiosa proposta do sr. Boarham, você...”

“Ele disse obsequiosa proposta?”

“Não; ele disse que, se você quisesse aceitar, poderia; se não quisesse, que fará o que bem lhe aprouver.”

“Ele tem razão; e o que você disse?”

“Não importa o que eu disse. O que *você* dirá? — essa é a questão. Ele está esperando para pedir a você; mas pense bem antes de ir; e caso sua intenção seja rejeitá-lo, me dê suas razões.”

“Eu *vou* rejeitá-lo, é claro, mas você tem que me dizer como, pois quero ser gentil, mas categórica — e depois de me livrar dele lhe dou minhas razões.”

“Mas fique, Helen, sente-se um pouco, se recomponha. O sr. Boarham não está com muita pressa, pois tem poucas dúvidas de sua aceitação, e quero conversar com você. Diga-me, minha querida, quais são suas objeções a ele? Você nega que ele seja um homem direito, honrado?”

“Não.”

“Negas que seja sensato, sóbrio, respeitável?”

“Não; ele pode ser tudo isso, mas...”

“*Mas*, Helen! Quantos homens assim você espera conhecer no mundo? Direito, honrado, sensato, sóbrio, respeitável! — *Esse* é um tipo tão comum que você rejeita o detentor de tão nobres qualidades sem nem um instante de hesitação? — Sim, posso chamá-las de *nobres*; pois pense no sentido integral de cada uma delas, e quantas virtudes

inestimáveis elas abrangem — e talvez eu acrescente muitas mais a essa lista —, e pense que tudo isso está a seus pés: está em suas mãos garantir essa bênção inestimável pelo resto da vida — um marido digno e excelente, que lhe tem um amor terno, mas não tão apaixonado a ponto de torná-lo cego a seus defeitos, e que lhe servirá de guia na peregrinação da vida, e será seu parceiro na glória eterna! Pense em como...”

“Mas eu o odeio, tia”, declarei, interrompendo esse fluxo incomum de eloquência.

“Odiar, Helen! Que espírito cristão é esse? — *você o odeia?* — e ele é um homem tão bom!”

“Não o odeio como homem, mas como marido. Como homem, eu o amo tanto que lhe desejo uma esposa melhor do que eu — uma tão boa quanto ele mesmo, ou melhor — se você achar possível — contanto que ela goste dele; — mas eu jamais poderia, e por isso...”

“Mas por que não? Quais objeções você lhe faz?”

“Primeiro que ele tem quarenta anos, no mínimo — bem mais, eu imagino, e eu tenho só dezoito; segundo que ele é tacanho e intolerante ao extremo; terceiro que os gostos e sentimentos dele são totalmente diferentes dos meus; quarto que a aparência dele, a voz e os modos me são especialmente desagradáveis; e por fim que tenho por ele uma aversão como pessoa, a qual jamais conseguiria superar.”

“Então precisa superar! E por favor, por um minuto o compare com o sr. Huntingdon e, afora a boa aparência — que nenhuma contribuição dá ao mérito do homem, ou à felicidade do casamento, e que você volta e meia declara ter em baixa conta —, diga-me quem é o melhor homem.”

“Não tenho dúvida de que o sr. Huntingdon é um homem muito melhor do que você pensa — mas não estamos falando dele neste momento, e sim do sr. Boarham; e como eu preferiria crescer, viver e morrer no estrito celibato a ser esposa dele, o correto é que eu vá lhe dizer isso de uma vez por todas, e acabe com o suspense — então me permita.”

“Mas não o rejeite de modo tão enfático; ele não faz ideia de que será assim, e ficará muito ofendido: diga que você não pensa em

matrimônio no atual momento...”

“Mas eu *penso*.”

“Ou que você deseja conhecê-lo melhor.”

“Mas não desejo conhecê-lo melhor — é justamente o contrário.”

E, sem esperar mais recomendações, saí do quarto e fui ver o sr. Boarham. Ele andava de um lado para outro da sala de estar, murmurando trechos de canções, cutucando a ponta da bengala.

“Minha querida jovem”, disse ele, fazendo uma mesura e sorrindo com enorme complacência. “Tenho a permissão de seu bondoso guardião...”

“Sim, senhor, eu sei”, declarei, almejando encurtar ao máximo a cena, “e fico muito grata pela preferência, mas tenho que recusar a honra que o senhor deseja me conceder; pois acho que não somos feitos um para o outro — como o senhor logo descobriria se o experimento fosse feito.”

Minha tia tinha razão: era muito evidente que ele pouca dúvida tinha sobre minha aceitação, e que nem cogitava uma recusa categórica. Ele estava perplexo — pasmo com tal resposta, mas incrédulo demais para ficar muito ofendido; e, após alguns murmúrios e hesitações, ele voltou a atacar.

“Eu sei, minha querida, que existe uma disparidade considerável entre nós em termos de anos, de temperamento, e talvez em outros aspectos, mas posso lhe garantir que não serei rigoroso ao assinalar os defeitos e as fraquezas de uma índole jovem e entusiástica como a sua, e embora eu os reconheça, e até os censure com o zelo de um pai, acredite, nenhum amante jovem seria mais carinhosamente complacente com o objeto de suas afeições do que eu com a senhorita; e, por outro lado, permita-me a esperança de que meus anos de experiência e meu sóbrio hábito de refletir não gerem menosprezo da sua parte, já que tentarei fazer com que conduzam à sua felicidade. Vamos! O que a senhorita me diz? — Que não venha com a afetação e os caprichos de uma jovem, mas fale de uma vez!”

“Falarei, mas apenas para repetir o que falei antes, que tenho a certeza de que não somos feitos um para o outro.”

“A senhorita acha isso mesmo?”

“Acho.”

“Mas a senhorita não me conhece — a senhorita quer me conhecer melhor, mais tempo para...”

“Não, não quero. Eu já conheço muito bem o senhor, e melhor do que o senhor me conhece, ou jamais sonharia em se unir a alguém tão incompatível — tão profundamente inadequada ao senhor sob todos os aspectos.”

“Mas, minha querida jovem, não estou procurando a perfeição, posso desculpar...”

“Obrigada, sr. Boarham, mas não quero abusar da sua bondade. Guarde sua indulgência e consideração para alguém que mereça mais, que não lhe imponha um fardo tão pesado.”

“Mas me permita rogar que a senhorita consulte sua tia; aquela excelente senhora, eu tenho certeza, vai...”

“Eu a consultei, e sei que os desejos dela coincidem com os seus; mas em questões tão importantes, tomo a liberdade de decidir sozinha; e não há persuasão capaz de alterar minhas propensões, ou de me induzir a acreditar que tal passo conduziria à minha felicidade, ou à do senhor — e me admira que um homem com sua experiência e seu discernimento pense em escolher uma esposa dessas.”

“Ah, bem!”, disse ele, “eu às vezes também me admiro com isso. Já disse algumas vezes a mim mesmo, ‘Ora, Boarham, o que você está procurando? Cuide-se, homem — olhe antes de pular! É uma criatura doce, encantadora, mas lembre-se, os encantos mais reluzentes para o amante não raro se provam os maiores tormentos do marido!’ — Eu lhe garanto que minha escolha não foi feita sem bastante raciocínio e reflexão. A aparente imprudência da união me custou muitos pensamentos aflitivos durante o dia e muitas horas em claro durante a noite; mas, por fim, me convenci de que não era, na realidade, imprudente. Percebi que minha doce garota não era sem defeitos, mas que sua juventude não era um deles, eu acreditava, e sim um sinal das virtudes ainda não desabrochadas — uma forte base para presumir que os pequenos defeitos de temperamento e os erros de avaliação, de opinião e de modos não eram irremediáveis, e que podem ser facilmente removidos ou mitigados pelos esforços pacientes de um

mentor vigilante e criterioso, e onde eu falhasse em instruir e controlar, imaginava que seguramente poderia me incumbir do perdão, em consideração a suas muitas excelências. Portanto, minha querida menina, já que *eu* estou satisfeito, por que *a senhorita* faz objeções — pelo meu bem, pelo menos?”

“Mas para lhe dizer a verdade, sr. Boarham, é sobretudo pelo meu próprio bem que faço objeções; então vamos — mudar de assunto”, eu teria dito, “pois é mais que inútil levá-lo adiante”, mas ele me interrompeu persistentemente com:

“Mas por quê? Vou amá-la, valorizá-la, protegê-la etc. etc.”

Não vou me dar ao trabalho de anotar tudo o que se passou entre nós. Basta dizer que o achei muito inconveniente, e muito difícil de convencer de que eu falava sério, e realmente estava *tão* obstinado e cego aos meus interesses que não havia nem sombra de chance de que ele ou minha tia um dia conseguissem vencer minhas objeções. De fato, não tenho certeza se obtive êxito, no fim das contas; embora cansada de vê-lo insistir no mesmo ponto e repetir os mesmos argumentos inúmeras vezes, me forçando a reiterar as mesmas respostas, por fim fui curta e grossa com ele, e minhas últimas palavras foram:

“Vou lhe dizer claramente que é impossível. Não há reflexão que possa me induzir a casar contra meu desejo. Eu tenho respeito pelo senhor — ou pelo menos teria se o senhor se comportasse como um homem sensato — mas não sou capaz de amá-lo, e jamais seria — e quanto mais o senhor fala, mais aversão me provoca; então por favor não fale mais desse assunto.”

Ao que ele me desejou um bom-dia e se retirou, desconcertado e ofendido, sem dúvida; mas com certeza não por culpa minha.

17. Mais conselhos

No dia seguinte, acompanhei meus tios a um jantar na casa do sr. Wilmot. Havia duas mulheres hospedadas com ele, sua sobrinha Annabella, uma bela menina espirituosa, ou melhor, uma jovem mulher, de cerca de vinte e cinco anos, coquete demais para ser casada, segundo sua própria afirmação, mas muito admirada pelos cavalheiros, que a proclamavam sem exceção uma mulher esplêndida — e sua amável prima, Milicent Hargrave, que criou uma simpatia violenta por mim, tomando-me por alguém muito melhor do que eu era. E eu, em troca, gostei muito dela — devo excluir por completo a pobre Milicent das minhas críticas gerais contra as damas que eu conhecia. Mas não é por conta dela, ou de seu primo, que menciono o jantar: é devido a outro dos convidados do sr. Wilmot, a saber, o sr. Huntingdon. Tenho uma boa razão para me lembrar de sua presença, pois foi a última vez que o vi.

Ele não se sentou a meu lado durante o jantar, pois o destino dele era ser ladeado por uma viúva idosa espaçosa e o meu era ser ladeada pelo sr. Grimsby, amigo dele, mas um sujeito de quem desgostava bastante: havia um toque sinistro em seu semblante e uma mistura de ferocidade à espreita e insinceridade excessiva em sua conduta que eu não conseguia ignorar. Que costume enfadonho é esse, a propósito — uma das muitas fontes de irritação artificial dessa vida extremamente civilizada. Se os cavalheiros *têm* que conduzir as damas até a sala de jantar, por que não conduzir aquelas de quem mais gostam?

Não tenho certeza, no entanto, de que o sr. Huntingdon me conduziria, se *tivesse* a liberdade de fazer sua própria escolha. É bem possível que tivesse escolhido a srta. Wilmot, pois ela parecia

determinada a captar a atenção dele para si, e ele parecia de bom grado prestar a homenagem que ela exigia. Pensei nisso, pelo menos, quando vi como conversavam e riam, e lançavam olhares à mesa, para a negligência e ofensa evidente dos respectivos vizinhos — e depois, no momento em que os cavalheiros se juntaram a nós na sala de estar, quando a srta. Wilmot pediu bem alto, assim que o sr. Huntingdon entrou, que ele fosse o árbitro de uma disputa entre ela e outra dama, e ele respondeu à convocação com presteza e decidiu a questão a seu favor sem nem um pouco de hesitação — embora, na minha opinião, ela estivesse obviamente errada — e depois ficou conversando com ela e um grupo de damas em tom de familiaridade; enquanto isso, sentei-me com Milicent Hargrave, do outro lado da sala, olhando seus desenhos e ajudando-a com meus conselhos e observações críticas, conforme era seu desejo particular. Mas, apesar das minhas tentativas de manter a calma, minha atenção vagava dos desenhos para o alegre grupo, e contrariando meu bom senso, minha ira aumentou e, sem dúvida, meu semblante abateu-se, pois Milicent, percebendo que eu devia estar cansada de seus borrões e rabiscos, rogou que eu então me juntasse aos convivas e deixasse o exame do restante para outra oportunidade. Porém no momento em que lhe garantia que não tinha o desejo de me juntar a eles, e que não estava cansada, o próprio sr. Huntingdon se aproximou da mesinha à qual estávamos sentadas.

“São seus?”, ele indagou, pegando um dos desenhos com um jeito despreocupado.

“Não, são da srta. Hargrave.”

“Ah!, bom, vamos dar uma olhada neles.”

E, apesar dos protestos da srta. Hargrave, que dizia que não mereciam atenção, ele puxou uma cadeira ao meu lado e, recebendo os desenhos um por um das minhas mãos, ele os analisou sucessivamente e os jogou em cima da mesa, mas não disse nem uma palavra sobre eles, embora falasse sem parar. Não sei o que Milicent Hargrave achou dessa conduta, mas *eu* achava suas falas extremamente interessantes, embora, como descobri depois, ao analisá-las bem, se restringissem sobretudo a zombarias dos diferentes membros do grupo presente; e embora tecesse alguns comentários

sagazes, e alguns engraçadíssimos, não acho que o todo pareceria algo muito especial, se escrito aqui, sem o reforço das expressões, dos tons e dos gestos, e daquele charme inefável mas indefinido que conferia uma aura a tudo o que fazia e dizia, e que tornaria um deleite olhar para seu rosto e escutar a música de sua voz, caso estivesse falando absolutas bobagens — e que, além do mais, me deixou tão amarga com minha tia quando ela pôs um ponto-final nessa alegria, aproximando-se com serenidade, sob o pretexto de querer olhar os desenhos, com os quais não se importava e sobre os quais nada sabia, e enquanto fingia examiná-los, dirigindo-se ao sr. Huntingdon, com uma de suas facetas mais frias e mais repugnantes, e começando uma série das questões e observações corriqueiras e pavorosamente formais, com o propósito de arrancar a atenção de mim — com o propósito de me fustigar, como eu imaginava: e depois de olhar todo o portfólio, eu os deixei com seu tête-à-tête e me sentei no sofá, bem longe do grupo — sem nem pensar em como tal atitude pareceria estranha, mas apenas para me entregar, a princípio, à irritação do momento, e em seguida para fruir de meus pensamentos particulares.

Porém, não me deixaram em paz por muito tempo, pois o sr. Wilmot, o menos bem-vindo de todos os homens, aproveitou-se do meu isolamento para se aproximar e se plantar a meu lado. Estava convencida de que repudiara seus avanços com tamanha eficiência em todas as outras ocasiões que não tinha mais que ficar apreensiva com sua lastimável predileção; mas parece que estava enganada: tão grande era sua autoconfiança, fosse em seus bens ou nos poderes de atração que lhe restavam, e tão firme era sua convicção sobre a fragilidade feminina que ele se considerava autorizado a voltar ao cerco, o que fez com um ardor renovado, inflamado pela quantidade de vinho que tomara — circunstância que o deixava infinitamente mais repulsivo; no entanto, por mais que o abominasse naquele momento, não quis tratá-lo com rudeza, já que era sua convidada e vinha desfrutando de sua hospitalidade; e eu não tinha a destreza de lhe fazer uma rejeição cortês mas decidida, tampouco me seria de grande serventia se tivesse, pois ele era muito tosco para entender qualquer repulsa que não fosse tão simples e concreta quanto sua

própria insolência. O resultado foi que ele se mostrou mais fastidiosamente terno, e mais repulsivamente carinhoso, que fui levada às raias do desespero, e estive prestes a dizer nem sei o que quando senti minha mão que se apoiava no braço do sofá de repente envolta por outra e pressionada de forma delicada mas veemente. Por instinto, imaginei quem era, e ao erguer os olhos fiquei menos surpresa do que contente em ver que o sr. Huntingdon sorria para mim. Foi como me virar de um diabinho de purgatório em um anjo de luz que vinha anunciar que a época do tormento havia acabado.

“Helen”, disse ele (volta e meia me chamava de Helen, e nunca me ressentia dessa liberdade), “quero que a senhorita olhe este retrato; o sr. Wilmot vai desculpá-la por um instante, tenho certeza.”

Levantei-me com rapidez. Ele passou meu braço pelo dele e me levou para o outro lado da sala, até um quadro esplêndido de Van Dyck que eu já notara antes, mas não examinara suficientemente. Após um momento de contemplação silenciosa, eu começava a comentar suas belezas e peculiaridades, quando, apertando galhofeiramente a mão ainda pousada em meu braço, ele me interrompeu com:

“O retrato não tem importância, não foi para isso que trouxe a senhorita até aqui; foi para afastá-la daquele velho perdulário infame, que parece querer me desafiar pela afronta.”

“Eu lhe sou muitíssimo grata”, declarei. “Já foram duas as vezes que o senhor me livrou de companhias desagradáveis.”

“Não me seja tão grata”, ele replicou, “não se trata de bondade com a senhorita; é em certa medida um sentimento de má vontade com seus atormentadores que me deixa encantado em fazer uma má ação aos velhos, embora não ache que tenho uma ótima razão para temê-los como rivais — tenho, Helen?”

“O senhor sabe que detesto os dois.”

“E eu?”

“Não tenho motivos para detestar *o senhor*.”

“Mas quais são seus sentimentos por mim? — Helen — Diga! — Como a senhorita me vê?”

E de novo ele apertou minha mão; mas temi que em seu

comportamento houvesse mais de poder consciente do que de ternura, e senti que ele não tinha o direito de me arrancar uma confissão de simpatia se não tinha me feito uma declaração correspondente, e não soube o que responder. Por fim, eu disse:

“Como *o senhor me vê?*”

“Meu doce anjo, eu a adoro! Eu...”

“Helen, quero falar com você um instante”, disse a voz baixa mas distinta de minha tia, bem ao nosso lado. E eu o deixei murmurando imprecações contra seu anjo mau.

“Bem, tia, o que houve? O que você quer?”, disse eu, seguindo-a até o vão da janela.

“Quero que você se junte ao grupo quando estiver apta a ser vista”, ela respondeu, me olhando com severidade; “mas, por favor, fique aqui um pouquinho, até que essa cor chocante diminua um pouco e seus olhos tenham recobrado um pouco da expressão natural. Eu ficaria envergonhada se alguém a visse no estado atual.”

Claro que tal comentário não teve o efeito de reduzir a “cor chocante”; pelo contrário, senti meu rosto arder com fogos redobrados instigados por uma confusão de sentimentos, sendo a raiva indignada, crescente, o principal deles. Não ofereci uma resposta, entretanto, mas puxei de lado a cortina e olhei a noite — ou melhor, a praça com lampiões acesos.

“O sr. Huntingdon estava pedindo a sua mão, Helen?”, inquiriu minha tia extremamente vigilante.

“Não.”

“Então o que ele estava dizendo? Ouvi algo bem parecido.”

“Não sei o que ele teria dito caso você não o tivesse interrompido.”

“E você teria aceitado, Helen, caso ele pedisse?”

“Claro que não — sem consultar o tio e você.”

“Ah! Fico contente, minha querida, que ainda lhe reste tanta prudência. Pois bem”, ela acrescentou, após um instante de silêncio, “você já chamou bastante atenção para uma noite só. Noto que as moças estão lançando olhares inquisitivos para nós. Vou me juntar a elas. Venha também quando estiver recomposta para mostrar-se como de praxe.”

“Eu já estou.”

“Então fale com delicadeza e não pareça tão maliciosa”, disse minha tia, calma porém provocadora. “Vamos para casa em breve, e então”, ela acrescentou com um toque solene, “tenho muito o que lhe dizer.”

Assim, fui para casa preparada para um sermão formidável. Poucas palavras foram ditas por uma ou pela outra na carruagem durante nosso curto trajeto; mas, quando entrei no meu quarto e me atirei na poltrona para refletir sobre os acontecimentos do dia, minha tia me seguiu até lá e, após dispensar Rachel, que guardava meus adornos com cuidado, fechou a porta, e depois de botar uma cadeira a meu lado, ou melhor, formando um ângulo reto com minha poltrona, ela se sentou. Com o respeito devido, ofereci meu assento, mais confortável. Ela recusou, e assim iniciou a reunião:

“Você se recorda, Helen, da conversa que tivemos na noite anterior à nossa partida de Staningley?”

“Sim, tia.”

“E lembra do quanto a avisei para não deixar seu coração ser roubado por quem não mereça; e para não cravar suas afeições onde a aprovação ainda não esteve, e onde a razão e o juízo sonegam sua sanção?”

“Sim, mas a *minha* razão...”

“Perdão — e você se lembra de ter me garantido que não havia motivo para desassossego por sua conta, pois jamais ficaria *tentada* a se casar com um homem que carecesse de bom senso ou princípios, por mais bonito ou charmoso que fosse em todos os outros aspectos, porque não conseguiria amá-lo, você odiaria — desprezaria — teria pena — qualquer coisa menos amor por ele — não foram essas as suas palavras?”

“Sim, mas...”

“E você não disse que sua afeição *teria* que ser baseada na aprovação, e que a menos que pudesse aprovar e honrar e respeitar, você não poderia amar?”

“Sim, mas de fato aprovo e honro e respeito...”

“Como assim, minha querida? O sr. Huntingdon é um homem bom?”

“É um homem muito melhor do que você acha que é.”

“Isso não tem relevância nenhuma. Ele é um *bom* homem?”

“Sim — em alguns aspectos. Ele tem um bom caráter.”

“É um homem de *princípios*?”

“Talvez não exatamente; mas só por falta de ponderação: se tivesse alguém para aconselhá-lo e lembrar do que é correto...”

“Ele aprenderia rápido, você imagina — e você mesma adoraria se encarregar de ser a professora? Mas, minha querida, ele é, acredito eu, dez anos mais velho que você — como é que você está tão à frente dele em conhecimentos morais?”

“Graças a você, tia, eu fui bem-criada, e sempre tive bons exemplos diante de mim, o que ele, muito provavelmente, não teve; — além disso, ele tem um temperamento confiante, e alegre, e imprudente, e eu sou naturalmente propensa à reflexão.”

“Bom, agora você fez dele um sujeito carente tanto de bom senso como de princípios, segundo sua própria confissão...”

“Então meu bom senso e meus princípios estão a serviço dele!”

“Isso me soa pretensioso, Helen! Acha que tem o suficiente para dois, e imagina que seu perdulário alegre e imprudente se deixará guiar por uma jovem como você?”

“Não, não devo querer guiá-lo; mas acho que posso ter influência suficiente para poupá-lo de alguns erros, e penso que minha vida seria bem gasta no esforço de evitar a destruição de uma natureza tão nobre. Agora, ele sempre escuta com atenção quando lhe falo a sério — e volta e meia me arrisco a reprovar seu modo impetuoso de falar —, e às vezes ele diz que, se eu estivesse sempre a seu lado, ele nunca faria ou diria algo pernicioso, e que um pouco de conversa diária comigo o tornaria um santo. Talvez haja um pouco de troca e um pouco de bajulação nisso, mas ainda assim...”

“Mas ainda assim você acha que pode ser verdade?”

“Se acho que existe um pouco de verdade nisso, não é por confiança nos meus poderes, mas na bondade natural *dele*. — E você não tem o direito de chamá-lo de perdulário, tia; ele não é nada disso.”

“Quem foi que lhe disse, minha querida? Como é aquela história do caso dele com uma senhora casada — qual era mesmo o nome da

senhora — que a própria srta. Wilmot lhe contou outro dia?”

“Era mentira — mentira!”, berrei. “Não acredito em nem uma palavra sequer.”

“Então você acha que ele é um rapaz virtuoso, bem-comportado?”

“Não sei nada de concreto sobre o caráter dele. Só sei que não ouvi nada de decisivo contra — nada que possa ser provado, pelo menos; e até que as pessoas consigam provar suas acusações caluniosas, não vou acreditar nelas. E sei de uma coisa: se ele cometeu erros, são dos tipos comuns à juventude, e dos que ninguém dá muita importância, pois percebo que todo mundo gosta dele, e todas as mães sorriem para ele, e as filhas — e a própria srta. Wilmot — ficam muito contentes em chamar a atenção dele.”

“Helen, *talvez* o mundo considere tais delitos perdoáveis, algumas mães sem princípios *talvez* anseiem por conquistar um rapaz de fortuna sem tomar como referência seu caráter, e meninas imprudentes *talvez* fiquem felizes em granjear sorrisos de um cavalheiro tão bonito sem buscar ir além da superfície; mas *você*, eu acreditaria que teria a inteligência de não ver pelos olhos delas e de não julgar segundo o juízo deturpado delas. Eu não imaginava que *você* chamaria tais erros de perdoáveis!”

“Eu tampouco, tia; mas se odeio os pecados, amo o pecador, e faria muito por sua salvação, isso supondo que suas suspeitas sejam verdadeiras, de modo geral — coisa em que não acredito e não acreditarei.”

“Bom, minha querida, pergunte a seu tio com que tipo de companhia ele anda, e se ele não anda com uma série de rapazes relaxados, perdulários, a quem chama de amigos — seus alegres companheiros, que têm como principal deleite chafurdar na depravação e disputar entre si quem corre mais rápido e vai mais longe em estradas escarpadas rumo ao lugar preparado para o diabo e seus anjos.”

“Então vou salvá-lo deles.”

“Ah, Helen, Helen! Mal sabe da desgraça que é unir sua fortuna à de um homem assim!”

“Tenho tanta confiança nele, tia, apesar de tudo o que você diz, que

arriscaria de bom grado minha felicidade pela chance de assegurar a dele. Deixo homens melhores a quem só pensa na própria vantagem. Se ele errou, considerarei minha vida bem gasta ao salvá-lo das consequências de seus erros prematuros e me esforçando para levá-lo ao caminho da virtude. — Que Deus me conceda esse êxito!”

A conversa se encerrou aqui, pois nesse momento crítico ouvimos a voz de meu tio, de seu quarto, chamando minha tia a ir para a cama. Estava mal-humorado naquela noite, já que a gota havia piorado. Ela vinha se intensificando desde nossa chegada à cidade; e minha tia tirou proveito da situação, na manhã seguinte, persuadindo-o a voltar para o campo imediatamente, sem esperar o fim da temporada. O médico dele apoiava e reforçava seus argumentos, e ao contrário dos hábitos que costumava adotar, ela acelerou tanto os preparativos para a retirada (tanto pelo meu bem como o do meu tio, imagino) que em poucos dias já tínhamos ido embora, e não vi mais o sr. Huntingdon. Minha tia alimenta a esperança de que eu o esqueça logo — talvez ache que já o esqueci, pois nunca menciono seu nome; e ela pode continuar pensando assim, até que nos reencontremos — se isso um dia acontecer. Pergunto-me se acontecerá.

18. A miniatura

25 de agosto. — Estou bem acomodada à minha rotina habitual de ocupações regulares e distrações pacatas — toleravelmente satisfeita e alegre, mas ainda ansiosa pela primavera, na expectativa de voltar à cidade, não por seus festejos e devassidão, mas pela chance de reencontrar o sr. Huntingdon, pois ele continua sempre nos meus pensamentos e nos meus sonhos. Em todas as minhas atividades, independentemente do que eu faça, ou veja, ou ouça, há uma referência elementar a ele; qualquer habilidade ou conhecimento que eu adquira será um dia usado para o proveito ou o divertimento dele; as novas belezas da natureza ou da arte que descubro devem ser retratadas aos olhos dele, ou guardadas na minha memória para lhe serem ditas em algum momento futuro. Essa, ao menos, é a esperança que acalento, a fantasia que me ilumina no meu caminho solitário. Talvez seja apenas *ignis fatuus*, afinal, mas não pode haver mal em segui-lo com os olhos e me regozijar de seu brilho, contanto que não me tire do caminho que preciso seguir; e penso que não me tirará, visto que pensei bastante nos conselhos de minha tia e agora vejo claramente a loucura que seria me atirar em alguém que não mereça todo o amor que tenho para dar e incapaz de retribuir os sentimentos melhores e mais profundos do fundo do meu coração — *tão* claramente que, se um dia voltar a vê-lo, e se ele se lembrar de mim e ainda me amar (o que, infelizmente!, é pouquíssimo provável, considerando sua situação e as pessoas que o rodeiam), e caso me peça em casamento — estou decidida a não aceitar até ter certeza de que a opinião de minha tia ou a minha estejam próximas da verdade; porque se a minha for de todo errada, não é ele quem eu amo: é uma

criatura da minha imaginação. Mas creio que não está errada — não, não — existe algo secreto — um instinto interno que me assegura que tenho razão. *Existe* nele uma bondade essencial — e que deleite será revelá-la! Se ele perdeu o rumo, que júbilo será chamá-lo de volta! Se está agora exposto à influência perniciosa de companhias corruptoras e nocivas, que glória libertá-lo delas! — Ah! se eu pudesse acreditar que o Céu me destinou a isso!

Hoje é o primeiro dia de setembro; porém, meu tio ordenou ao couteiro que poupe os perdizes até a chegada dos cavalheiros. “Quais cavalheiros?”, perguntei quando ouvi o pedido — um pequeno grupo que havia convidado para a caça. Seu amigo sr. Wilmot era um deles, e o sr. Boarham, amigo de minha tia, era outro. Pareceu-me uma notícia terrível, naquele momento, mas todo o desgosto e apreensão sumiram como um sonho quando soube que o sr. Huntingdon seria o terceiro! Minha tia era bastante contrária à vinda dele, é claro: tentou seriamente dissuadir meu tio de convidá-lo; mas ele, rindo de suas objeções, disse-lhe que não serviria de nada falar aquilo, pois a travessura já estava feita: convidara Huntingdon e seu amigo, o Lord Lowborough, antes de irem embora de Londres, e nada mais restava além de marcar a data em que chegariam. Portanto ele está bem, e tenho certeza de que o verei. Não consigo nem exprimir minha alegria — acho muito difícil escondê-la de minha tia; mas não desejo atormentá-la com meus sentimentos até saber se preciso ceder a eles ou não. Se concluir que é meu dever absoluto contê-los, eles não perturbarão ninguém além de mim mesma; e se realmente sentir justificada minha entrega a esse afeto, serei capaz de desafiar qualquer coisa, até a raiva e o sofrimento de minha melhor amiga, por tal objeto — sem dúvida, saberei em breve. Mas eles só chegarão em meados do mês.

Também teremos duas visitas do sexo feminino: o sr. Wilmot trará a sobrinha e a prima dela, Milicent. Suponho que minha tia imagine que esta última me beneficiará com sua companhia e o exemplo salutar de conduta afável, e a natureza modesta e dócil; e a primeira, desconfio que ela tencione ser uma espécie de atração rival que tire a atenção do

sr. Huntingdon de mim. Não agradeço por isso, mas ficarei contente com a companhia de Milicent: é uma moça doce, bondosa, e eu gostaria de ser como ela — *mais* como ela, pelo menos, do que sou.

Dia 19. Eles já chegaram. Chegaram anteontem. Os cavalheiros todos saíram para caçar e as damas estão com minha tia, na sala de estar às voltas com trabalhos manuais. Recolhi-me à biblioteca, pois estou muito triste e quero ficar sozinha. Livros não me divertem; portanto, após abrir minha mesinha, tentarei fazer o possível para detalhar a causa do meu desassossego. Este papel fará as vezes de uma confidente em cujo ouvido possa derramar os transbordamentos de meu coração. Ele não se solidarizará com minhas angústias, mas tampouco rirá delas e, se o mantiver por perto, não repetirá o que digo; então talvez seja o melhor amigo que eu possa ter para tal finalidade.

Primeiro, permita-me contar como foi a chegada dele — como fiquei sentada à minha janela, observando por quase duas horas até que sua carruagem atravessasse os portões da garagem — pois todos chegaram antes dele — e a profunda decepção que senti a cada um que chegava por não ser ele. Primeiro vieram o sr. Wilmot e as damas. Quando Milicent foi para o quarto dela, abandonei meu posto por alguns minutos, para vê-la e ter uma conversinha particular, pois agora já era uma amiga íntima, várias epístolas longas tendo sido trocadas entre nós desde nossa despedida. Ao retornar à minha janela, vi outra carruagem na porta. Seria a dele? Não, era o coche simples, sombrio do sr. Boarham; e ali estava ele, parado nos degraus, supervisionando com cuidado o descarregamento de seus diversos baús e fardos. Que coleção!, seria de imaginar que planejava uma visita de no mínimo seis meses. Um bom tempo depois, Lord Lowborough chegou em sua caleche. Ele é um dos amigos perdulários, me questiono? Penso que não, pois *ninguém* o chamaria de alegre companheiro, sem dúvida — além disso, parece muito sóbrio e cavalheiresco na conduta para fazer jus a tais desconfiças. É um homem alto, magro, melancólico, parece ter entre trinta e quarenta anos, e tem uma aparência um bocado fraca e aflita.

Por fim, o fáeton do sr. Huntingdon subiu alegremente o gramado. Tive apenas um breve vislumbre dele, pois, no instante em que parou, ele saltou da lateral para os degraus do pórtico e sumiu casa adentro.

Então me sujeitei a ser arrumada para o jantar — um dever que Rachel vinha insistindo que eu cumprisse fazia vinte minutos; e quando essa importante tarefa foi concluída, me refugiei na sala de estar, onde encontrei o sr. e a srta. Wilmot e Milicent Hargrave já reunidos. Pouco depois, Lord Lowborough apareceu, e em seguida o sr. Boarham, que parecia muito disposto a esquecer e perdoar minha conduta de outrora, e a esperar que um pouco de conciliação e perseverança constante de sua parte ainda conseguissem me trazer à razão. Quando eu estava parada à janela, conversando com Milicent, ele se aproximou de mim e começou a falar, mais ou menos em sua melodia habitual, quando o sr. Huntingdon entrou na sala.

“Como vai me cumprimentar, me pergunto?”, disse meu coração saltitante; e em vez de dar um passo à frente para falar com ele, virei-me para a janela para esconder ou conter a emoção. Mas, após saudar o anfitrião e a anfitriã, além do resto do grupo, ele me abordou, apertou minha mão calorosamente, e murmurou que estava feliz em me ver de novo. No momento em que o jantar foi anunciado, minha tia quis que ele conduzisse a srta. Hargrave à sala de jantar, e o odioso sr. Wilmot, com suas caretas indescritíveis, me ofereceu o braço, e fui condenada a me sentar entre ele e o sr. Boarham. Mas depois, quando todos voltamos a nos reunir na sala de estar, fui compensada por tamanho sofrimento com alguns minutos encantadores de conversa com o sr. Huntingdon.

No decorrer da noite, a srta. Wilmot foi convocada a cantar e tocar para a diversão do grupo, e eu a exibir meus desenhos, e, embora ele goste de música, e ela seja uma musicista talentosa, acho que tenho razão em afirmar que prestou mais atenção em meus desenhos do que na música dela.

Até aqui, muito bem — no entanto, ao ouvi-lo se manifestar, em voz baixa, mas com uma ênfase peculiar, a respeito de uma das peças, “Este é o melhor de todos!” — ergui os olhos, curiosa para ver qual era, e, para meu horror, eu o vi examinando com complacência o *verso*

do retrato — era o rosto dele que eu esboçara e me esquecera de apagar! Para piorar a situação, na agonia do momento, tentei arrebatá-lo de sua mão — mas ele me impediu, e exclamou — “Não — por Deus, vou ficar com ele!”, e o pôs junto ao colete e abotoou o casaco com uma risada muito satisfeita.

Em seguida, puxando uma vela para perto do cotovelo, juntou todos os desenhos, tanto os que tinha visto como os outros, e murmurou: “Agora preciso olhar dos *dois* lados”, começando um exame que observei, a princípio, com uma compostura razoável, confiante de que sua vaidade não seria saciada com nenhuma outra descoberta; pois, embora deva me declarar culpada de ter desfigurado os versos de vários com tentativas abortadas de delinear aquela fisionomia tão fascinante, tinha a certeza de que, a não ser por aquela exceção lastimável, eu tomara o cuidado de destruir todas as evidências de minha paixão. No entanto, o lápis muitas vezes deixa no papel uma impressão que borracha nenhuma é capaz de apagar. Esse, parece, era o caso da maioria deles; e confesso que tremi quando o vi segurando-os tão perto da vela, analisando com tamanha atenção as folhas aparentemente em branco; contudo, acreditei que ele não conseguiria perceber aqueles traçados indistintos de modo a se satisfazer. Porém, estava enganada — após terminar a inspeção, ele comentou com uma voz tranquila:

“Noto que o verso dos desenhos das jovens, assim como os pós-escritos de suas cartas, são a parte mais importante e interessante do objeto.”

Em seguida, se recostando na poltrona, passou uns minutos refletindo em silêncio, com um sorriso complacente, e, enquanto eu urdia um discurso sarcástico para controlar sua satisfação, ele se levantou e, passando por onde Annabella Wilmot estava sentada flertando veementemente com Lord Lowborough, ele se sentou ao seu lado no sofá e grudou nela pelo resto da noite.

“Então é isso!”, pensei, “ele me despreza porque sabe que o amo.”

E a ponderação me deixou tão triste que fiquei sem saber o que fazer. Milicent veio e começou a admirar meus desenhos e a tecer comentários sobre eles; porém, não podia conversar com ela — não

podia conversar com ninguém; e com a vinda do chá, tirei proveito da porta aberta e da leve distração gerada por sua entrada para sair de fininho — pois tinha certeza de que não aguentaria tomar nem um gole — e me refugiar na biblioteca. Minha tia mandou Thomas atrás de mim, para perguntar se eu não tomaria o chá, mas pedi que ele dissesse que não naquela noite, e por sorte ela estava muito ocupada com os convidados para me fazer mais perguntas naquele momento.

Como os convivas, em sua maioria, tinham viajado bastante naquele dia, eles foram descansar cedo; e depois de ouvir todos eles, eu imaginava, subindo a escada, me aventurei a sair para pegar meu castiçal no aparador da sala de estar. Mas o sr. Huntingdon ficara para trás: estava aos pés da escada quando abri a porta, e ao ouvir meus passos no corredor — embora eu mesma mal os ouvisse — ele deu meia-volta no mesmo instante.

“Helen, é você?”, disse ele, “por que você fugiu de nós?”

“Boa noite, sr. Huntingdon”, eu disse com frieza, optando por não responder. E lhe dei as costas para entrar na sala de estar.

“Mas você pode dar um aperto de mão, não pode?”, disse ele, postando-se no vão da porta à minha frente. E pegou minha mão, e a segurou contra a minha vontade.

“Me solte, sr. Huntingdon!”, pedi. “Quero pegar uma vela.”

“A vela vai continuar lá”, retrucou.

Fiz uma tentativa desesperada de soltar minha mão de suas garras.

“Por que tanta pressa de me deixar, Helen?”, ele perguntou, com um sorriso confiante, dos mais provocadores, “você *sabe* que não me odeia.”

“Odeio, sim — neste momento.”

“Você não! É a Annabella Wilmot que você odeia, não eu.”

“Não tenho nada com a Annabella Wilmot”, rebati, ardendo de indignação.

“Mas *eu* tenho, sabe”, ele retrucou, com uma ênfase peculiar.

“Isso não me diz respeito, senhor!”, repliquei.

“Isso *não* lhe diz respeito, Helen? — Você jura? — Hein?”

“Não, não juro, sr. Huntingdon! E *vou embora!*”, gritei, sem saber se ria ou chorava, ou se irrompia em uma tempestade de fúria.

“Vá, então, sua megera!”, ele disse, mas no instante em que soltou a minha mão, teve a audácia de passar o braço em torno do meu pescoço e me beijar.

Tremendo de raiva e nervosismo — e não sei o que mais, eu escapei, peguei minha vela e subi correndo a escada até o meu quarto. Ele não teria feito isso se não fosse aquele retrato abominável! E ali estava ele, ainda de posse do desenho, um eterno monumento a seu orgulho e à minha humilhação!

Foi pouco o sono que tive naquela noite; e de manhã me levantei perplexa e atormentada pela ideia de encontrá-lo no café da manhã. Não sabia como isso seria feito; uma suposição de indiferença ativa, fria, não bastaria depois do que ele soube a respeito de minha devoção — ao rosto dele, pelo menos. Porém, algo devia ser feito para cercar sua presunção — eu não me sujeitaria a ser tiranizada por aqueles olhos radiantes, risonhos. E, conseqüentemente, recebi sua alegre saudação matinal com tanta calma e frieza quanto minha tia gostaria, e derrotei com respostas breves suas tentativas, uma ou duas, de me chamar para a conversa, enquanto me comportava com uma jovialidade e afabilidade anormais em relação a todos os outros membros do grupo, sobretudo Annabella Wilmot, e até seu tio e o sr. Boarham foram tratados com um grau especial de civilidade na ocasião, não por motivos de coquetismo, mas apenas para lhe mostrar que minha frieza e circunspecção peculiares não resultavam de um mau humor geral ou de uma depressão da alma.

No entanto, ele não seria repellido por uma atitude como essa. Não falou muito comigo, mas quando falou foi com um grau de liberdade e franqueza — e *benevolência* também — que claramente insinuava que sabia que suas palavras eram música para os meus ouvidos; e quando seu olhar encontrava o meu, era com um sorriso — talvez presunçoso — mas ah, tão doce, tão radiante, tão cordial, que não me foi possível conservar minha raiva; todo vestígio de desagrado logo derreteu como nuvens matinais antes do sol de verão.

Logo após o café da manhã, todos os cavalheiros, à exceção de um, partiram com uma avidez infantil na expedição contra as perdizes desafortunadas; meu tio e o sr. Wilmot foram em seus pôneis de caça,

o sr. Huntingdon e Lord Lowborough foram a pé; a única exceção foi o sr. Boarham, que, levando em consideração a chuva que caía durante a noite, achou mais prudente ficar um pouco para trás e se juntar a eles dali a pouco, quando o sol tivesse secado o gramado. E propiciou a todos nós uma dissertação longa e minuciosa sobre os males e perigos resultantes dos pés úmidos, feita com uma seriedade imperturbável, em meio a escárnios e risadas do sr. Huntingdon e do meu tio, que, deixando que o prudente caçador divertisse as damas com suas argumentações médicas, saíram com suas armas, primeiro se dirigindo aos estábulos para dar uma olhada nos cavalos e soltar os cães.

Sem o desejo de ter a companhia do sr. Boarham a manhã inteira, fui para a biblioteca, e lá peguei meu cavalete e comecei a pintar. O cavalete e os apetrechos de pintura serviriam de desculpa para o abandono da sala de estar, caso minha tia viesse reclamar da deserção; além disso, eu queria terminar o retrato. Era um no qual eu me esmerara, e planejava que fosse minha obra-prima, embora houvesse um bocado de presunção em seu traçado. Por meio do azul-celeste radiante do céu, das luzes quentes e brilhantes e das sombras compridas e densas, pretendia transmitir a ideia de uma manhã ensolarada. Tinha me arriscado a dar mais do verde radiante da primavera e do começo do verão ao gramado e às folhagens do que geralmente se tenta em pinturas. A cena representada era uma clareira no mato. Um grupo de pinheiros escuros foi introduzido à meia distância para mitigar o frescor prevaiente no restante do quadro; mas em primeiro plano havia uma parte do tronco nodoso e dos ramos extensos de uma enorme floresta arborizada, cuja folhagem era de um verde-dourado brilhante — não o dourado da maturidade outonal, mas dos raios de sol e da absoluta imaturidade das amplas folhas esparsas. Nesse ramo, que se destacava como um alívio ousado contra os pinheiros soturnos, estava sentado um casal de pombinhos, cujas plumagens macias e de cores tristes criavam um contraste de outra natureza; e sob ele, uma jovem se ajoelhava no gramado coberto de margaridas, com a cabeça inclinada para trás e mechas de cabelo fino lhe caíam nos ombros, as mãos entrelaçadas, os lábios abertos, os

olhos atentos em uma contemplação contente, mas séria dos amantes emplumados — tão absortos um no outro que nem a percebiam.

Eu mal tinha me concentrado no trabalho — que, entretanto, só pedia alguns toques para que fosse finalizado — quando os caçadores passaram pela janela ao voltar dos estábulos. Ela estava parcialmente aberta, e o sr. Huntingdon deve ter me visto ao passar, pois em meio minuto ele voltou e, apoiando a arma contra a parede, levantou a vidraça, pulou para dentro e se postou diante do meu quadro.

“Muito bonito, de verdade!”, disse ele, depois de observá-lo com atenção por alguns segundos — “e é um estudo muito adequado a uma moça. — A primavera se abrindo para o verão — a manhã se aproximando do meio-dia — a infância da menina desabrochando na maturidade — e a esperança à beira da fruição. Que doce criatura! Mas por que você não fez o cabelo preto?”

“Achei que o cabelo claro cairia melhor nela. Veja só, eu a fiz de olhos azuis, e roliça, e de pele branca com faces rosadas.”

“Sem dúvida, uma Hebe! Eu me apaixonaria por ela caso a artista não estivesse na minha frente. Doce ingênua! Está achando que chegará o momento em que será cortejada e conquistada feito essa bela pombinha, por um amante igualmente carinhoso e ardoroso; e está pensando em como será incrível, e que lhe será terna e fiel.”

“E talvez”, sugeri, “que ele lhe será terno e fiel.”

“Talvez — já que nessa idade não há limites para a extravagância selvagem das fantasias criadas pela esperança.”

“O senhor chama isso, então, de uma ilusão extravagante, selvagem?”

“Não, meu coração me diz que não. Talvez eu pensasse assim antigamente, mas agora, me dê a garota que amo e eu jurarei lealdade eterna a ela e só a ela, no verão e no inverno, na juventude e na velhice, e na vida e na morte!, já que a velhice e a morte *têm* que vir.”

Ele falou isso com tamanha seriedade que meu coração pulou de encantamento; mas no minuto seguinte ele mudou de tom e perguntou, com um sorriso sugestivo, se eu tinha “mais retratos”.

“Não”, respondi, enrubescendo de confusão e ira. Porém, meu portfólio estava na mesa; ele o pegou e se sentou tranquilamente para

examinar o conteúdo.

“Sr. Huntingdon, esses são os esboços que ainda não terminei”, reclamei, “e não permito que ninguém os veja.”

E pus minha mão no portfólio para arrancá-lo dele; mas ele continuou segurando, garantindo-me que gostava “de esboços ainda não terminados, por incrível que pareça”.

“Mas detesto que os vejam”, retruquei. “Não posso deixá-los na mão do senhor!”

“Deixe-me com as entranhas, então”, disse ele; e exatamente quando arranquei o portfólio de sua mão, ele habilmente surrupiou a maior parte do conteúdo, e depois de virar os desenhos do avesso por um instante bradou:

“Abençoadas sejam minhas estrelas, tem outro aqui!”, e enfiou um papel perolado oval no bolso do colete — um retrato completo em miniatura que eu tinha traçado com um êxito tão razoável a ponto de ser induzida a colori-lo com grande empenho e cuidado. Mas estava decidida a não permitir que ficasse com ele.

“Sr. Huntingdon”, berrei, “*insisto* que me devolva isso! É meu e o senhor não tem o *direito* de tomá-lo. Devolva imediatamente — jamais vou perdoá-lo se não me devolver!”

Mas quanto mais veemente era ao insistir, mais ele provocava minha angústia com sua risada desdenhosa, exultante. Por fim, no entanto, devolveu-me, dizendo:

“Pois bem, já que você dá tanto valor, não vou privá-la dele.”

Para lhe mostrar o quanto o estimava, rasguei o desenho ao meio e o joguei no fogo. Ele não estava preparado para isso. Com a alegria cessando de repente, fitou com um espanto emudecido o tesouro ser consumido, e depois, com um indiferente “Hmm! Agora vou lá fora caçar”, ele deu meia-volta e se retirou do cômodo usando a janela pela qual tinha entrado, e pondo o chapéu com ares de superioridade pegou a arma e foi embora, assobiando ao partir — e me deixando agitada mas não a ponto de me impedir de terminar o retrato, pois estava contente, naquele instante, por tê-lo fustigado.

Quando voltei à sala de estar, descobri que o sr. Boarham tinha se arriscado a seguir os camaradas até o campo; e pouco depois do

almoço, para o qual os cavalheiros não pensavam retornar, me dispus a acompanhar as moças em uma caminhada e mostrar a Annabella e Milicent as belezas do interior. Fizemos um longo passeio e entramos na propriedade justamente quando os caçadores regressavam da expedição. Fatigados e imundos, os membros do grupo atravessaram o gramado para nos evitar; mas o sr. Huntingdon, todo sujo e enlameado que estava, e tingido pelo sangue de suas presas — algo muito ofensivo para o rigoroso senso de decoro de minha tia — desviou do caminho para falar conosco, com sorrisos alegres e palavras para todas, exceto para mim, e colocando-se entre Annabella Wilmot e mim, ele andava e começava a narrar as várias façanhas e desastres do dia de uma forma que me causaria gargalhadas convulsivas caso estivesse de bem com ele; mas se dirigia somente a Annabella, e, é claro, deixei todas as risadas e os gracejos para ela, e fingindo profunda indiferença ao que se passava entre eles, me afastei alguns passos e olhava para todos os lados, menos o deles; já minha tia e Milicent iam à frente, de braços dados, conversando a sério. Por fim, o sr. Huntingdon se virou para mim e me falou em um cochicho íntimo:

“Helen, por que você queimou o retrato?”

“Porque quis destruí-lo”, respondi com uma rispidez que agora já não vale mais a pena eu lamentar.

“Ah, ótimo!”, foi a resposta, “se *você* não me valoriza, tenho que procurar quem valorize.”

Imaginei que em certa medida fosse pilhéria — uma mistura zombeteira de resignação simulada e indiferença fingida, mas ele logo retomou seu posto ao lado da srta. Wilmot, e daquela hora até esta — durante toda a tarde, e todo o dia seguinte, e o seguinte, e o seguinte, e toda esta manhã (do dia 22), ele não me lançou nenhuma palavra gentil tampouco um olhar agradável — nunca me dirigiu a palavra, a não ser por pura necessidade — nunca olhou na minha direção a não ser com a expressão fria, hostil, que eu o considerava incapaz de ostentar.

Minha tia percebe a mudança e, apesar de não ter inquirido a causa ou comentado o assunto comigo, vejo que isso lhe dá prazer. A srta.

Wilmot também percebe, e triunfantemente atribui a situação à superioridade de seus charmes e agrados; mas na realidade estou péssima — muito mais do que gostaria de admitir. O orgulho se nega a me acudir. Ele me levou a um apuro e não me ajuda a sair dele.

Ele não quis me fazer mal — foi apenas seu espírito alegre, travesso; e eu, com meu rancor amargo — tão sério, tão desproporcional à ofensa — feri seus sentimentos de tal modo — ofendi-o tão profundamente que temo que ele jamais me perdoe — e tudo só por uma pilhéria! Acha que não gosto dele — e é preciso que continue a achar. Tenho que perdê-lo para sempre; e Annabella que o ganhe e triunfe.

Porém, não é a minha perda nem o triunfo dela que lastimo, mas os destroços de minhas esperanças amorosas em prol de seu aprimoramento, além do fato de Annabella não ser digna de seu afeto, e que ele fará mal a si mesmo ao lhe confiar sua felicidade. *Ela* não o ama: só pensa em si mesma. Não consegue apreciar o bem que existe nele: não o verá, não o valorizará, não o prezará. Não lamentará seus defeitos nem tentará emendá-los, e sim os exacerbará com os dela. E desconfio que o ludibriará, no fim das contas: vejo que se desdobra entre ele e Lord Lowborough, e enquanto se diverte com o animado Huntingdon, tenta ao máximo subjugar o amigo melancólico; e caso consiga deixar ambos a seus pés, o fascinante plebeu não terá muita chance contra o nobre colega. Se ele nota o ardiloso jogo paralelo, isso não lhe causa desassossego, e sim acrescenta um novo sabor à sua diversão por criar um empecilho estimulante a uma conquista que seria fácil demais.

Os senhores Wilmot e Boarham, respectivamente, se aproveitam do fato de que ele me negligencia para renovar seus avanços; e se eu fosse como Annabella e algumas outras, tiraria vantagem da perseverança dos dois para tentar lhe despertar um renascimento de afeição; mas, deixando de lado a justiça e a honestidade, eu não *aguentaria* fazê-lo; as perseguições atuais de ambos já me irritam bastante sem que eu as instigue ainda mais — e mesmo se instigasse, teria pouquíssimo impacto sobre o sr. Huntingdon. Ele me vê sofrer com as atenções condescendentes e os discursos prosaicos de um e as

intrusões repugnantes do outro sem nem uma sombra de comiseração por mim, tampouco rancor de meus atormentadores. É impossível que tenha me amado, senão não teria renunciado a mim tão prontamente, e não falaria com todo mundo com a alegria com que fala — rindo e zombando com Lord Lowborough e com meu tio, provocando Milicent Hargrave e flertando com Annabella Wilmot — como se nada lhe ocupasse a cabeça. Ah, por que não consigo odiá-lo? Devo estar apaixonada, senão *me negaria* a lastimar tanto por ele! Mas preciso juntar todas as forças que me restam e tentar arrancá-lo do meu coração. Ouço o sino do jantar — e aí vem minha tia para me repreender por ter passado o dia inteiro sentada à minha mesa em vez de ficar com o grupo; eu gostaria que o grupo já tivesse ido embora.

19. Um incidente

Dia 22. Noite. — O que foi que eu fiz?, e qual será o fim disso? Não consigo refletir com calma; não consigo dormir. Preciso recorrer ao meu diário mais uma vez; vou pôr a situação no papel esta noite e ver o que penso dela amanhã.

Desci para jantar decidida a ser animada e bem-comportada, e cumpri minha resolução de maneira louvável, tendo em vista o quanto minha cabeça doía e como me sentia péssima internamente. — Não sei o que tem acontecido comigo nos últimos tempos: minhas energias, tanto mentais como físicas, devem estar estranhamente debilitadas, caso contrário não teria agido com tamanha fraqueza sob diversos aspectos, como agi; mas não estou bem nos últimos um ou dois dias: imagino que tenha a ver com o fato de que durmo e como muito pouco, e penso muito, e estou de mau humor com tanta frequência. Mas retomando: esforçava-me para cantar e tocar por diversão, e a pedidos de minha tia e Milicent, quando os cavalheiros entraram na sala de estar (a srta. Wilmot nunca quer desperdiçar seu talento musical só com os ouvidos femininos): Milicent pedira uma cançãozinha escocesa, e eu estava bem no meio quando chegaram. A primeira coisa que o sr. Huntingdon fez foi se aproximar de Annabella:

“Srta. Wilmot, você não tocará para nós esta noite?”, indagou ele. “Faça isso logo! Sei que você o fará quando eu lhe disser que fiquei o dia inteiro com fome e com sede do som de sua voz. Vai!, o piano está vago.”

Estava mesmo, pois eu o abandonara no momento em que ouvi seu pedido. Caso fosse dotada do devido grau de autocontrole, eu mesma teria me virado para a moça e feito coro alegremente às súplicas dele,

com o que teria frustrado suas expectativas, se a afronta tivesse sido feita de propósito, ou o tornado ciente do erro, caso tivesse surgido por descuido; mas estava muito sentida para fazer outra coisa a não ser me levantar do banquinho do piano e me atirar de novo no sofá, suprimindo com dificuldade a expressão audível da amargura do meu íntimo. Sabia que o talento musical de Annabella era superior ao meu, mas isso não era razão para eu ser tratada como nulidade absoluta. O momento e o modo como lhe fez o pedido me pareceram um insulto gratuito, e eu teria sido capaz de chorar de puro desgosto.

Nesse ínterim, ela se sentou, exultante, à frente do piano, e o agradou com duas de suas canções prediletas, em um estilo tão superior que até eu troquei a raiva pela admiração e escutei com uma espécie de prazer melancólico às modulações habilidosas de sua voz cheia de tons e potente, tão criteriosamente auxiliadas por seu toque sonoro e vigoroso; e enquanto meus ouvidos bebiam o som, meus olhos repousavam no rosto do principal ouvinte, e extraíam um deleite igual ou superior da contemplação de seu semblante expressivo, ele parado ao lado dela — seu olhar e sua testa se iluminavam com um ávido entusiasmo, e aquele sorriso doce transitório surgia como feixes de sol em um dia de abril. Não é de admirar que tivesse fome e sede de ouvi-la cantar. Agora eu o perdoava, de coração, pela desfeita imprudente que me fizera, e senti vergonha de meu ressentimento amargo por conta de uma bobagem — vergonha também daquelas amargas pontadas de inveja que corroíam o fundo do meu coração, apesar de toda admiração e deleite.

“Pois bem!”, disse ela, passando os dedos alegres nas teclas, depois de concluir a segunda canção. “O que eu lhe dou agora?”

Porém, ao dizê-lo, ela olhou para trás, na direção de Lord Lowborough, que estava parado um pouco atrás, recostado no espaldar de uma poltrona — um ouvinte atento, também, que vivenciava, a julgar por seu semblante, praticamente as mesmas sensações de prazer e tristeza misturados que eu tinha. Entretanto, o olhar que ela lhe lançou dizia com clareza: “Agora você escolhe por mim: já fiz o bastante por ele e vou me esforçar de bom grado para satisfazê-lo”, e assim incentivado sua senhoria se aproximou, e

virando a partitura, pôs diante dela uma cançãozinha que eu já notara, e lera mais de uma vez, com um interesse suscitado pelo fato de que na minha mente eu a vinculava ao tirano reinante dos meus pensamentos. E agora, com meus nervos já estimulados e meio desnorteados, não conseguia escutar essas palavras gorjeadas com tanta doçura sem alguns sintomas de emoção que não fui capaz de conter. Lágrimas surgiam com espontaneidade nos meus olhos, e enterrei o rosto na almofada do sofá para que fluíssem invisíveis enquanto escutava. O ar era simples, doce e triste, e ainda corria pela minha cabeça — e estes eram os versos:

*Adeus a ti! Mas me despeço não
De todo o carinho que lhe tinha
Ele estará no meu coração
Onde será meu conforto e alegria*

*Ó belo e gracioso!
Se não fosse um olhar accidental
Jamais teria sonhado um rosto
Com tal charme sem rival*

*Caso nunca mais possa rever
Seu corpo e rosto tão lindos
Nem ouvir tua voz, terei um prazer:
Na memória eles sempre serão bem-vindos*

*Aquela voz, a magia cujo tom
Desperta um eco no meu peito
Criando sensações que com seu som
Abençoam meu espírito imperfeito*

*Aquele olhar risonho, hoje distante
Minha memória sempre há de cultivar
E ah, aquele sorriso! cujo brilho radiante
Nenhuma língua mortal há de expressar*

*Adieu! Mas deixe-me ainda acalantar
A esperança que me servirá de consolo
O desdém pode ferir, a frieza arrepiar,
Mas ela sempre será meu apoio*

*E não caberá a ninguém além do Céu,
Atender às minhas preces inúmeras
De que o futuro compense o passado de fel
Êxtases pelas angústias, sorrisos pelas brumas.*

Quando terminou, minha única ânsia era de sair da sala. O sofá não ficava longe da porta, mas não ousei levantar minha cabeça, pois sabia que o sr. Huntingdon estava parado a meu lado, e sabia pelo tom de sua voz, ao dar uma resposta a um comentário de Lord Lowborough, que seu rosto estava virado para mim. Talvez um soluço meio abafado tivesse chamado a sua atenção e feito com que olhasse ao redor — Deus me guarde! Mas, com um esforço violento, refreei outros sinais de fraqueza, sequei as lágrimas e, quando achei que tinha se virado para o outro lado, eu me levantei e fui logo embora do cômodo, refugiando-me no meu lugar favorito, a biblioteca.

Não havia luz ali, somente o fraco brilho vermelho da lareira negligenciada — mas eu não queria luz, só queria me entregar a meus pensamentos, sem ser notada e perturbada, e me sentando em um banco baixo diante de uma poltrona, enfiei minha cabeça no assento acolchoado e refleti, e refleti, até as lágrimas emanarem de novo, e chorei como uma criança. Naquele momento, contudo, a porta estava entreaberta e alguém entrou no aposento. Acreditei que fosse apenas uma criada e não me agitei. A porta foi fechada outra vez — mas eu não estava sozinha: uma mão tocou com delicadeza o meu ombro, e uma voz disse baixinho:

“Helen, o que houve?”

Por um instante, não pude responder.

“Você precisa e tem que me contar”, acrescentou em tom mais veemente, e o falante se pôs de joelhos, a meu lado no tapete, e se apossou com força de minha mão, mas logo a retirei, e respondi:

“O senhor não tem nada com isso, sr. Huntingdon.”

“Tem certeza de que não tenho nada com isso?”, ele retrucou. “Jura que não estava pensando em mim ao chorar?”

Foi insuportável. Fiz um esforço para me levantar, mas ele estava ajoelhado no meu vestido.

“Conte-me”, ele continuou, “eu quero saber — porque, se estava, tenho algo a lhe dizer — e se não estava, vou embora.”

“Então vá!”, berrei; mas temendo que ele me obedecesse e nunca mais voltasse, acrescentei às pressas: “Ou diga o que o senhor tem a dizer, e acabe logo com isso!”.

“Mas o quê?”, disse ele, “pois só direi se você estiver de fato pensando em mim. Então me diga, Helen.”

“O senhor é extremamente impertinente, sr. Huntingdon!”

“De jeito nenhum — pertinente demais, você quis dizer — então você não vai me contar? Bem, vou poupar seu orgulho feminino e, interpretando seu silêncio como um ‘sim’, vou aceitar como fato consumado que eu *era* o tema de seus pensamentos, e a causa de sua angústia...”

“Realmente, senhor...”

“Se você nega, não lhe conto meu segredo”, ele ameaçou; e não tornei a interrompê-lo — nem sequer tentei rechaçá-lo, embora ele tenha segurado minha mão de novo, e meio que me abraçado com o outro braço — mal me dei conta disso naquele instante.

“É o seguinte”, ele retomou, “Annabella Wilmot, em comparação com você, é como uma peônia pavoneada comparada a um botão de rosa silvestre, doce, coberto de orvalho — e eu a amo ao ponto do frenesi! Agora, diga-me se esta inteligência lhe dá algum prazer. Silêncio outra vez? Isso significa que sim. Então permita-me acrescentar que não posso viver sem você, e se responder ‘não’ a esta última pergunta, me deixará louco. Você concede sua mão a mim? Você concede!”, ele bradou, quase me matando ao me apertar entre seus braços.

“Não, não!”, exclamei, lutando para me desvencilhar dele, “o senhor precisa pedir aos meus tios.”

“Eles não vão me rejeitar caso você não me rejeite.”

“Não tenho certeza disso — minha tia não gosta do senhor.”

“Mas você não, Helen — diga que você me ama e eu vou.”

“Gostaria que você fosse *mesmo!*”, retruquei.

“Eu vou, neste instante — se você disser que me ama.”

“O senhor sabe que sim”, respondi. E de novo ele me tomou em seus braços e me encheu de beijos.

Neste momento, minha tia abriu a porta e parou diante de nós, a vela na mão, com um espanto chocado e horrorizado, alternando o olhar entre o sr. Huntingdon e mim — pois ambos tínhamos nos assustado, e agora estávamos bem distantes. Mas a confusão *dele*

durou apenas um instante. Recuperando-se de imediato, com uma firmeza invejável, ele começou:

“Eu lhe peço mil perdões, sra. Maxwell! Não seja severa demais comigo. Estava pedindo à sua doce sobrinha que me aceite na alegria e na tristeza; e ela, como uma boa moça, me informou que não pode pensar nisso sem o consentimento dos tios. Portanto, permita-me lhe implorar que não me condene à infelicidade eterna: caso *a senhora* apoie a minha causa, estarei bem, pois o sr. Maxwell, tenho certeza, não lhe recusa nada.”

“Vamos falar disso amanhã, senhor”, disse minha tia, com frieza. “Trata-se de um assunto que exige discussões maduras e sérias. No atual momento, é melhor que volte à sala de estar.”

“Mas enquanto isso”, ele rogou, “permita-me recomendar minha causa a seu mais indulgente...”

“Não há indulgência pelo senhor que deva se colocar entre mim e a consideração pela felicidade da minha sobrinha, sr. Huntingdon.”

“Ah, verdade! Sei que ela é um anjo, e sou um cachorro presunçoso de sonhar em possuir tal tesouro; no entanto, eu preferiria morrer a abdicar dela em prol do melhor homem que já foi para o Céu — e quanto à felicidade dela, me sacrificaria de corpo e alma...”

“Corpo e *alma*, sr. Huntingdon — sacrificaria a *alma*?”

“Bem, eu renunciaria à vida...”

“O senhor não precisaria renunciar a ela.”

“Eu a passaria, então — dedicaria minha vida — e todos os seus poderes à promoção e à preservação...”

“Senhor, conversaremos sobre isso uma outra hora — e estaria mais disposta a ter um juízo mais favorável às suas pretensões se o senhor tivesse escolhido outro momento e lugar, e — permita-me acrescentar — outra *maneira* de se declarar.”

“Ora, perceba, sra. Maxwell...”, ele começou.

“Perdão, senhor”, ela disse com dignidade. “O grupo está perguntando pelo senhor na outra sala.” E ela se voltou para mim.

“Então você deve pedir por mim, Helen”, disse ele, e por fim se retirou.

“É melhor você ir para o seu quarto, Helen”, disse minha tia, muito

séria. “Vou discutir esse assunto com você amanhã.”

“Não se zangue, tia”, pedi.

“Minha querida, não estou zangada”, ela replicou. “Estou *surpresa*. Se é verdade que você disse a ele que não vai aceitar o pedido sem o nosso consentimento...”

“É verdade”, interrompi.

“Então como você permitiu...”

“Não consegui me conter, tia”, chorei, irrompendo em lágrimas. Não eram exatamente lágrimas de tristeza, ou de medo de seu desgosto, mas a explosão de um arroubo tumultuoso dos meus sentimentos. Mas minha bondosa tia se comoveu com minha agitação. Em um tom mais ameno, repetiu a recomendação de que eu me recolhesse, e depois de dar um beijo suave na minha testa, desejou-me boa noite e pôs sua vela na minha mão; e fui embora, mas meu cérebro trabalhava tanto que não consegui nem pensar em dormir. Estou mais calma, agora que escrevi tudo isso; e vou para a cama e tentarei ganhar o doce restaurador da natureza cansada.

volume ii

20. Persistência

24 de setembro. — De manhã me levantei, leve e contente; não, felicíssima. A nuvem que pairava sobre mim, lançada pelas opiniões de minha tia e pelo medo de não obter seu consentimento, perdeu-se no brilho radiante das minhas expectativas e na consciência encantadora do amor correspondido. Foi uma manhã esplêndida; e saí para aproveitá-la em um passeio tranquilo na companhia de meus pensamentos extasiados. O orvalho cobria o gramado, e dez mil fios de teia de aranha balançavam com a brisa; o alegre pintarroxo vertia sua almazinha numa canção, e meu coração transbordava de hinos silenciosos de gratidão e louvação aos Céus.

Mas não tinha chegado muito longe quando minha solidão foi interrompida pela única pessoa que poderia ter perturbado minhas reflexões naquele momento sem ser considerado um intruso: o sr. Huntingdon se aproximou de mim de repente. Sua aparição foi tão inesperada que eu poderia achar que era fruto de uma imaginação vivíssima, caso apenas o sentido da visão tivesse testemunhado sua presença; mas logo senti seu braço forte na minha cintura e seu beijo quente na bochecha, enquanto sua saudação entusiasmada e alegre, “Minha Helen!”, ressoava nos meus ouvidos.

“Ainda não sou sua”, declarei, me desviando às pressas de seu cumprimento presunçoso, “lembre-se dos meus guardiões. Não vai ser fácil você ganhar a permissão de minha tia. Não percebe que ela tem preconceito contra você?”

“Percebo, minha querida; e você devia me dizer por quê, assim saberia melhor como combater as objeções dela. Imagino que me ache um perdulário”, ele tentou, notando que eu não estava disposta a

responder, “e conclua que me restam poucos bens materiais com os quais manter minha cara esposa? Se é isso, diga que meus bens são quase todos inalienáveis, e que não posso me desfazer deles. Talvez haja algumas hipotecas no restante — algumas dívidas insignificantes e penhoras aqui e ali, mas nada digno de menção; e embora reconheça que não sou tão rico quanto poderia ser — ou quanto já fui — acho que ainda poderíamos ter uma vida muito confortável com o que sobrou. Meu pai, como você sabe, era meio sovina, e nos últimos dias, principalmente, ele não via prazer nenhum na vida além de acumular riquezas; portanto, não é nenhum espanto que o principal deleite de seu filho seja gastá-las, e esse era exatamente o caso até que o fato de conhecê-la, querida Helen, me ensinou outros pontos de vista e metas mais nobres. E a ideia de ter que cuidar de você sob o meu teto me forçaria a restringir meus gastos e viver feito cristão — sem falar de toda a prudência e virtude que você incutiria na minha cabeça com seus conselhos sábios e sua bondade doce, cativante.”

“Mas não é isso”, retruquei, “não é no dinheiro que minha tia está pensando. Ela sabe que não se deve dar um valor extraordinário à riqueza material.”

“Então o que é?”

“Ela quer que eu... que me case com um homem muito bom.”

“O quê, um homem de ‘piedade evidente’ — hmm! — Bom, eu também consigo ser assim! Hoje é domingo, não é? Vou à igreja de manhã, de tarde e à noite, e vou ser tão beato que ela me olhará com admiração e amor fraternal, como um tição tirado do fogo. Vou chegar em casa suspirando como uma fonalha, pleno do gosto e da unção do sermão do querido sr. Ruidoso...”

“Sr. Leighton”, eu disse, em tom seco.

“O sr. Leighton é um ‘doce pastor’, Helen — um ‘homem estimado, encantador, devoto’?”

“Ele é um homem *bom*, sr. Huntingdon. Gostaria de poder dizer que você é metade do que ele é.”

“Ah, esqueci, você também é santa. Rogo seu perdão, minha querida — mas não me chame de sr. Huntingdon, meu nome é Arthur.”

“Não vou lhe chamar de nada — pois não quero nada com você, se for para falar desse jeito. Se quer mesmo enganar minha tia conforme diz, você é perverso; se não quer, está muito errado em zombar de um assunto como esse.”

“Reconheço meu erro”, disse ele, concluindo a risada com um suspiro pesaroso. “Agora”, retomou, após uma pausa momentânea, “vamos conversar sobre outros assuntos. E chegue mais perto, Helen, e segure meu braço; depois a deixarei em paz. Não consigo ficar quieto vendo você dar um passeio.”

Obedeci, mas disse que devíamos voltar logo para casa.

“Ninguém vai descer para tomar o café da manhã tão cedo”, ele respondeu. “Você falou dos seus guardiões há pouco, Helen, mas seu pai não é vivo?”

“É, mas sempre vejo meus tios como meus guardiões, pois na realidade são mesmo meus guardiões, embora não no título. Meu pai me entregou totalmente aos cuidados deles. Não o vejo desde que minha amada mãe faleceu, quando eu era pequena, e minha tia, a seu pedido, se ofereceu para cuidar de mim e me levou para Staningley, onde estou desde então; e não acho que ele faria alguma objeção a algo que me dissesse respeito e que ela tenha achado correto aprovar.”

“Mas ele aprovaria alguma coisa que ela achasse correto objetar?”

“Não, não acho que ele se importa o bastante comigo.”

“A culpa é só dele — mas ele não sabe que anjo que a filha é — o que é melhor ainda para mim, pois, se soubesse, ele não estaria disposto a se separar dessa joia.”

“E você, sr. Huntingdon”, eu disse, “imagino que *saiba* que não sou herdeira?”

Ele protestou, declarando nunca ter pensado nisso, e suplicou que eu não atrapalhasse seu atual deleite mencionando assuntos tão enfadonhos. Fiquei contente com essa prova de afeição desinteressada, pois Annabella Wilmot é a provável herdeira de toda a fortuna do tio, além da propriedade do falecido pai, da qual já é dona.

Agora eu insistia em refazer nosso caminho até em casa, mas caminhávamos devagar, e continuamos a conversar durante o trajeto. Não é preciso repetir tudo o que dissemos: prefiro reportar o que se

passou entre mim e minha tia, após o café da manhã, quando o sr. Huntingdon chamou meu tio de lado, sem dúvida para fazer seu pedido, e ela me chamou com um gesto a outro cômodo, onde começou outra vez uma exposição solene que, no entanto, não serviu para me convencer de que sua opinião sobre o caso era preferível à minha.

“Você o julga de forma severa, tia, eu sei”, declarei. “Os amigos dele não são tão ruins quanto você imagina. Tem o Walter Hargrave, irmão da Milicent, por exemplo: ele é pouco menor do que os anjos, se metade do que ela diz é verdade. Ela vive falando sobre ele comigo, e tecendo grandes elogios às suas virtudes.”

“Você formará um retrato muito inadequado do caráter de um homem”, ela respondeu, “se julgá-lo a partir do que a irmã carinhosa fala sobre ele. Os piores geralmente escondem os pecados dos olhos da irmã e da mãe.”

“E tem Lord Lowborough”, continuei, “um homem muito decente.”

“Quem foi que lhe disse? Lord Lowborough é um homem *desesperado*. Esbanjou sua fortuna no jogo e em outras coisas, e agora está procurando uma herdeira para se restabelecer. Foi o que eu disse à srta. Wilmot, mas vocês são todas parecidas: ela respondeu logo que me era muito grata, mas acreditava que *sabia* quando um homem estava atrás dela por conta da fortuna e quando estava atrás só dela; se gabou de ter experiência suficiente nesse âmbito para justificar sua confiança no próprio bom senso — e quanto à falta de fortuna do lorde, ela não se importava, pois esperava que a dela bastasse para ambos; e quanto à extravagância dele, supunha que não fosse pior que a dos outros — além do que, ele havia se regenerado. — Sim, todos são capazes de ser hipócritas quando querem ludibriar uma mulher afetuosa, desorientada!”

“Bom, eu o considero tão bom quanto ela”, disse. “Mas quando o sr. Huntingdon for casado, não terá muitas oportunidades de acompanhar os amigos solteiros — e quanto piores eles forem, mais desejo libertá-lo deles.”

“Sem dúvida, minha querida; e quanto pior *ele* for, imagino, mais você deseja libertá-lo de si mesmo.”

“Sim, desde que não seja incorrigível — isto é, maior é o meu desejo de libertá-lo dos próprios defeitos — dar a oportunidade de se desvencilhar do mal fortuito que obteve do contato com outros piores que ele, e deixar brilhar sob uma luz desanuviada sua bondade genuína — dar tudo de mim para ajudar que sua melhor faceta vença a pior, e fazer dele o que seria se, desde o começo, não tivesse um pai ruim, egoísta, sovina, que, para saciar suas paixões sórdidas, o tolheu nas diversões mais inocentes da infância e da juventude, e o aborreceu tanto com tudo que é tipo de restrição — e uma mãe tola que cedia a ele até não poder mais, enganando o marido em prol dele, e fazendo o máximo para instigar aquelas sementes de desatino e perversão que lhe cabia suprimir — e então, o grupo de companhias como você diz que são os amigos dele...”

“Pobre coitado!”, disse ela, com sarcasmo, “tão prejudicado pela família!”

“Sim!”, bradei, “e não vão prejudicá-lo de novo, pois a esposa desfará o que a mãe fez!”

“Bom!”, disse ela, após uma breve pausa. “Tenho que dizer, Helen, que imaginei que você tivesse mais bom senso — e bom gosto também. Como consegue amar um homem desses, não sei, ou que prazer consegue ter na companhia dele, porque ‘Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas? Que relação entre o crente e o infiel?’”

“Ele não é infiel — e eu não sou luz, e ele não é as trevas, seu pior e único defeito é a impulsividade.”

“E a impulsividade”, prosseguiu minha tia, “pode levar a qualquer crime, e aos olhos de Deus é apenas uma desculpa medíocre para os nossos erros. Ao sr. Huntingdon, suponho, não faltam as faculdades comuns aos homens: não é tão frívolo a ponto de ser irresponsável: o Criador o dotou de razão e consciência, assim como fez com todos nós; as escrituras estão à disposição dele, assim como dos outros — e ‘Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite’. E lembre-se, Helen”, ela continuou, em tom solene, “‘os ímpios serão lançados no inferno, e todas as nações que *se esquecem* de Deus’. E imagine, até, que ele continue a amá-la, e você a ele, e que vocês passem a vida juntos com um conforto

razoável — como será no fim, quando se virem separados para sempre; você, talvez, levada ao júbilo eterno, e ele lançado no lago que arde com um fogo inextinguível — ficando ali para sempre para...”

“Não é para sempre”, exclamei, “é só até ‘pagar o último centavo’, pois ‘se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo’, e ele, ‘segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas, quer que todos os homens se salvem’, e ‘na dispensação da plenitude dos tempos, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos. E que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus’.”

“Ah, Helen! Onde você aprendeu tudo isso?”

“Na Bíblia, tia. Procurei nela inteira e achei quase trinta trechos, todos fundamentando a mesma teoria.”

“E esse é o uso que você faz da sua Bíblia? E não encontrou nenhum trecho que prove o perigo e a falsidade dessa crença?”

“Não, realmente encontrei alguns trechos que, se tomados por si, talvez pareçam contradizer essa opinião; mas todos podem suscitar uma interpretação diferente da habitual, e na maior parte deles a única dificuldade está na palavra que traduzimos como *perpétuo* ou *eterno*. Não sei grego, mas creio que rigorosamente signifique ‘há muito tempo’, e talvez signifique ‘infinito’ ou ‘duradouro’. E quanto ao risco da crença, eu não a espalharia por aí se imaginasse que um pobre patife poderia usá-la para sua própria destruição, mas trata-se de uma ideia gloriosa para acalantar no coração, e eu não me desfaria dela por nada neste mundo!”

Nossa reunião se encerrou aqui, pois estava na hora de nos arrumarmos para ir à igreja. Todo mundo compareceu ao culto matinal, exceto meu tio, que ia raras vezes, e o sr. Wilmot, que ficou em casa com ele para apreciar uma partida sossegada de carteadado. De tarde, a srta. Wilmot e Lord Lowborough também se isentaram de comparecer, mas o sr. Huntingdon se dignou a nos acompanhar mais uma vez. Se era para cair nas graças de minha tia, não sei dizer, mas,

se era o caso, sem dúvida deveria ter se comportado melhor. Preciso confessar, não gostei nada de sua conduta durante o culto. Segurando o devocionário de cabeça para baixo, ou aberto em outra página que não a certa, ele não fez mais nada além de olhar ao redor, a não ser quando por acaso cruzava seu olhar com o de minha tia ou o meu, e então lançava seu olhar para o livro, com um ar puritano de falsa seriedade que teria sido ridículo se não fosse irritante. Em certo momento, durante o sermão, depois de passar alguns minutos fitando o sr. Leighton atentamente, ele de repente pegou seu estojo de lápis dourado e pegou uma Bíblia. Notando que eu observava a movimentação, cochichou que tomaria nota do sermão, mas na verdade — como estava sentada ao lado dele, foi inevitável ver que estava fazendo uma caricatura do reverendo, dando ao respeitável, pio, idoso cavalheiro, o ar e o aspecto de um ridículo velho hipócrita. E no entanto, na volta, ele falou com minha tia sobre o sermão com um grau de discernimento modesto, sério, que me deixou tentada a crer que ele havia mesmo prestado atenção no discurso e desfrutado das palavras do reverendo.

Pouco antes do jantar, meu tio me chamou à biblioteca para a discussão de um assunto muito importante, que foi descartado com algumas palavras.

“Agora, Nell”, disse ele, “esse rapaz, o Huntingdon, quer pedir sua mão: o que devo lhe dizer? Sua tia diria ‘não’, mas o que você me diz?”

“Digo que sim, tio”, respondi, sem nem um instante de hesitação, pois já tinha tomado minha decisão acerca do tema.

“Muito bem!”, bradou. “Essa sim é uma resposta sincera — maravilhosa para uma menina! Bem, amanhã escrevo ao seu pai. Não tenho dúvida de que ele dará o consentimento, portanto você pode considerar a questão resolvida. Teria feito um negócio melhor se ficasse com Wilmot, isso eu posso lhe dizer, mas você não vai acreditar. Na sua idade, é o amor que manda; na minha, é o ouro maciço, útil. Imagino que agora você nem sonhe em analisar o estado das finanças de seu marido nem ocupar a cabeça com acordos nem nada desse gênero?”

“Não acho que devo.”

“Bem, então seja grata por haver mentes mais sábias para pensar por você. Ainda não tive tempo de examinar na íntegra os negócios do jovem crápula, mas vi que boa parte dos belos bens materiais do pai dele foi esbanjada; ainda assim, acho que ainda resta uma boa parte, e com um pouco de zelo ela pode voltar a ser considerável; e então precisaremos persuadir seu pai a lhe dar uma fortuna decente, já que ele só tem uma pessoa de quem cuidar além de você; e, caso se comporte bem, quem sabe não sou induzido a lembrar de você no meu testamento?”, ele prosseguiu, encostando o dedo no nariz com uma piscadela astuta.

“Obrigada, tio, por isso e por toda a sua bondade”, respondi.

“Bem, eu questioneei o jovem janota quanto ao acordo”, continuou, “e ele me pareceu disposto a ser bastante generoso nesse quesito...”

“Sabia que seria assim!”, declarei. “Mas por favor não ocupe demais sua cabeça — nem a dele nem a minha com isso; pois tudo o que tenho será dele e tudo o que ele tem será meu; e do que mais nós poderíamos precisar?” Eu estava prestes a me retirar, mas ele me chamou de volta.

“Pare, pare!”, ele berrou, “ainda não mencionamos a época. Quando deve ser? Sua tia vai adiar até Deus sabe quando, mas ele está ansioso para se unir a você assim que possível: não quer saber de esperar até o mês que vem; e você, imagino, deve estar pensando igual, então...”

“De jeito nenhum, tio; pelo contrário, eu gostaria de esperar até depois do Natal, no mínimo.”

“Ah! Ora, ora! Não me diga uma coisa dessas — sei que não é verdade”, bradou, e ele insistiu na incredulidade. No entanto, é a verdade de fato. Não tenho pressa nenhuma. Como é possível, quando penso na mudança grandiosa que me aguarda e em tudo que tenho que abandonar? Já é felicidade suficiente saber que *vamos* nos unir, e que ele realmente me ama, e que posso amá-lo com muita devoção e pensar nele sempre que quiser. Contudo, insisti em consultar minha tia sobre a época do casamento, pois havia decidido que seus conselhos não deviam ser de todo desconsiderados; e ainda não chegamos a nenhuma conclusão quanto ao assunto.

21. Opiniões

1º de outubro. — Agora está tudo decidido. Meu pai deu o consentimento e a data está marcada para o Natal, por uma espécie de meio-termo entre os respectivos defensores da pressa e do protelamento. Milicent Hargrave será dama de honra, assim como Annabella Wilmot — não que seja muito amiga desta, mas ela é íntima da família e não tenho outra amiga.

Quando contei a Milicent de meu noivado, ela me irritou bastante com seu modo de lidar com a notícia. Após me fitar com uma surpresa emudecida por um instante, disse:

“Bem, Helen, imagino que deva parabenizá-la — e *estou* contente em vê-la tão feliz; mas não achava que você aceitaria o pedido dele, e é impossível não me surpreender por você gostar tanto dele.”

“Por quê?”

“Porque você é superior a ele sob todos os aspectos, e tem algo de tão destemido — e impudente nele — então não entendo como — mas sempre tenho vontade de sair do caminho dele quando o vejo se aproximar.”

“Você é tímida, Milicent, mas a culpa não é dele.”

“E tem a aparência dele”, continuou. “As pessoas dizem que ele é bonito, e claro que é, mas *eu não gosto* desse tipo de beleza, e me pergunto se deveria.”

“Ora, por quê?”

“Bem, acho que não há nada de nobre ou imponente na aparência dele.”

“Na verdade, você se pergunta como posso gostar de alguém tão diferente dos heróis pomposos dos romances? Bem! Prefiro meu

amante de carne e osso, e deixo todos os srs. Herbert e Valentine para você — se você os encontrar.”

“Não os quero”, disse ela, “também ficarei satisfeita com carne e osso — só a alma deve brilhar e prevalecer. Mas você não acha que o rosto do sr. Huntingdon é vermelho demais?”

“Não!”, retruquei, indignada. “Não é vermelho. Tem apenas um viço agradável — um frescor saudável na pele, o tom quente, rosado, que se harmoniza com a cor intensa das faces, como deve ser. Detesto que um homem seja vermelho e branco, feito uma boneca pintada — ou de uma palidez doentia, ou preto esfumado, ou amarelo cadavérico!”

“Bem, os gostos diferem — mas *eu gosto* de pálido ou escuro”, replicou ela. “Mas, para falar a verdade, Helen, eu vinha me iludindo com a expectativa de que um dia você seria minha irmã. Esperava que o Walter lhe fosse apresentado na próxima temporada e que você gostasse dele, e tinha certeza de que ele gostaria de você; e me engabelava pensando que assim eu teria a felicidade de ver as pessoas de que mais gosto — além de mamãe — se transformarem em uma só. Talvez ele não seja exatamente o que você chama de bonito, mas tem uma aparência bem mais distinta, mais agradável e melhor do que a do sr. Huntingdon — e tenho certeza de que você concordaria caso o conhecesse.”

“Impossível, Milicent! Você acha isso porque é irmã dele; e por conta disso vou perdoá-la; mas ninguém mais vai desmerecer Arthur Huntingdon na minha frente impunemente.”

A srta. Wilmot exprimiu seus sentimentos quanto ao tema com uma franqueza quase equivalente.

“Portanto, Helen”, disse ela, se aproximando de mim com um sorriso que não parecia cordial, “você será a sra. Huntingdon, imagino?”

“Sim”, respondi. “Não está com inveja de mim?”

“Ah, *querida*, eu não!”, ela exclamou. “É provável que um dia me torne a Lady Lowborough, e você sabe, querida, que estarei em posição de perguntar: ‘Você não está com inveja *de mim*?’.”

“Daqui em diante, não invejarei ninguém”, respondi.

“Decerto! Então você está muito feliz?”, ela indagou, pensativa; e algo muito parecido com uma nuvem de decepção turvou seu rosto. “E ele a ama — isto é, ele idolatra você como você o idolatra?”, ela acrescentou, fixando seu olhar no meu com uma avidez mal disfarçada pela minha réplica.

“Não quero ser idolatrada”, respondi, “mas estou muito convicta de que ele me *ama* mais que qualquer outra pessoa no mundo — e eu a ele.”

“Exatamente”, ela disse, fazendo que sim. “Eu gostaria...”. Ela se calou.

“Gostaria do quê?”, questionei, incomodada com a expressão vingativa de seu semblante.

“Eu gostaria”, ela retomou, com uma risada curta, “que todos os pontos atraentes e as qualificações desejáveis dos dois cavalheiros fossem amalgamadas em um — que Lord Lowborough tivesse o belo rosto e o bom temperamento de Huntingdon, e toda sua espirituosidade e alegria e charme, ou então que Huntingdon tivesse o pedigree de Lowborough, seu título e sua encantadora propriedade, e eu o tivesse; e você poderia ficar com o outro e seria ótimo.”

“Obrigada, querida Annabella, da minha parte, estou muito satisfeita com as coisas como estão; e em relação a você, gostaria que ficasse tão contente com seu pretendente quanto eu estou com o meu”, disse eu; e era verdade, pois, apesar de a princípio ter ficado contrariada com sua energia pouco amistosa, sua franqueza me comoveu, e o contraste entre nossas situações era tamanho que podia me permitir ter pena dela e desejar seu bem.

Os conhecidos do sr. Huntingdon não parecem mais satisfeitos com nossa união iminente do que os meus. O correio matinal lhe trouxe cartas de vários amigos, e com o exame delas, à mesa do café da manhã, ele despertou a atenção do grupo pela variedade singular de suas caretas. Mas enfiou todas amassadas no bolso, com uma risada íntima, e não disse nada até a refeição terminar. Então, com os convivas parados diante da lareira ou vagando pelo cômodo, antes de se ocuparem de suas atividades matinais, ele se aproximou e se debruçou no espaldar de minha cadeira, com o rosto em contato com

meus cachos, e com um beijinho silencioso começou a despejar as seguintes queixas no meu ouvido:

“Helen, sua bruxa, você sabia que me impôs a maldição de todos os meus amigos? Escrevi para eles outro dia, para contar das minhas felizes perspectivas, e agora, em vez de um bando de congratulações, estou com o bolso cheio de execrações e censuras amargas. Não têm um voto gentil para mim ou uma palavra boa para você. Dizem que agora não terei mais graça, não haverá mais dias animados e noites gloriosas — e é tudo culpa minha —, que sou o primeiro a romper o grupo jovial, e que os outros, por puro desespero, seguirão meu exemplo. Eu era a vida e o sustentáculo da comunidade, eles me concedem a honra de declarar, e cometi o vexame de trair meus...”

“Você pode se juntar a eles de novo, se quiser”, afirmei, um pouco ofendida com o tom pesaroso do discurso. “Me entristeceria ficar entre qualquer homem — ou grupo de homens, e tanta felicidade; e talvez eu possa viver sem você e sem seus pobres amigos abandonados.”

“Deus a abençoe!, não”, ele murmurou. “Comigo, é ‘tudo por amor ou a perda total do mundo’. Deixe que se vão... para o lugar deles, para ser educado. Mas se você visse como me insultam, Helen, me amaria ainda mais por ter arriscado tanto por você.”

Ele pegou as cartas amassadas. Achei que fosse me mostrá-las, e lhe disse que não queria vê-las.

“Não vou lhe mostrar, meu amor”, disse ele. “Não são dignas do olhar de uma dama — de modo geral. Mas olhe aqui. Este é o garrancho de Grimsby — só três linhas, aquele cachorro ressentido! Ele não diz muita coisa, claro, mas seu silêncio insinua mais do que as palavras de todos os outros, e quanto menos ele diz, mais pensa. — Maldito seja! — Peço seu perdão, querida —, e esta aqui é a missiva de Hargrave. Ele está especialmente aborrecido comigo porque, sem dúvida, se apaixonou por você através dos relatos da irmã, e pretendia se casar com você assim que terminasse de se entregar às loucuras da juventude.”

“Sou muito grata a ele”, observei.

“Também sou”, disse ele. “E olha isso. Esta aqui é do Hattersley — todas as folhas cheias de acusações injuriosas, imprecações amargas e

queixas lamentáveis, e termina com ele declarando que por vingança vai se casar: vai se atirar na primeira solteirona que ficar de olho nele — como se *eu* me importasse com o que ele faz da vida dele.”

“Bem”, eu disse, “se você de fato abrir mão da proximidade com esses homens, acho que não vai ter muito motivo para lamentar a perda desse convívio, pois creio que eles nunca lhe fizeram muito bem.”

“Talvez não, mas também foram tempos bastante divertidos, apesar de misturados com sofrimentos e dores, como Lowborough sentiu na própria pele — rá, rá!”, e enquanto ria com as lembranças dos apuros de Lowborough, meu tio entrou e o agarrou pelo ombro.

“Venha, meu rapaz!”, disse ele. “Está ocupado demais amando minha sobrinha para fazer guerra com os faisões? — Lembre-se: 1º de outubro! — O sol brilha — a chuva passou — nem o Boarham está com medo de arriscar as botas à prova d’água; e o Wilmot e eu vamos vencer todos vocês. Declaro que nós, os velhos, somos os caçadores mais perspicazes do grupo!”

“Mas hoje vou lhe mostrar do que sou capaz”, disse meu companheiro. “Vou matar pássaros por atacado só por ter me afastado de uma companhia melhor do que a de qualquer um de vocês.”

E ao dizer isso, eles partiram; e não o vi mais até o jantar. Pareceu-me bastante tempo: me pergunto o que fazer sem ele.

É bem verdade que os três cavalheiros mais idosos se provaram caçadores muito mais perspicazes do que os dois mais jovens, pois Lord Lowborough e Arthur Huntingdon, ultimamente, têm descuidado quase todos os dias das excursões de caça para nos acompanhar em nossos vários passeios e perambulações. Mas a época de alegria está chegando ao fim. Em menos de uma quinzena o grupo se separa, para minha enorme tristeza, pois a cada dia gosto mais dele — agora que os srs. Boarham e Wilmot pararam de me importunar e minha tia parou de me dar sermões, e eu parei de sentir ciúmes de Annabella — e até de antipatizar com ela — e agora que o sr. Huntingdon se tornou o *meu* Arthur, e posso desfrutar de sua companhia sem restrições. — O que fazer sem ele, repito?

22. Características de amizade

5 de outubro. — Minha xícara de doces não é pura: é salpicada de uma amargura que não posso esconder de mim mesma, nem disfarçar como quiser. Posso tentar me convencer de que a doçura a sobrepuja; posso chamá-la de sabor aromático agradável; mas, não importa o que eu diga, continua ali, e é impossível não sentir seu gosto. Não tenho como fechar os olhos para os defeitos de Arthur, e quanto mais o amo, mais eles me perturbam. O coração dele, em que tanto confiei, é, temo eu, menos caloroso e generoso do que havia imaginado. Pelo menos, ele me deu uma amostra de seu caráter hoje, que merece um nome mais severo que *impulsividade*. Ele e Lord Lowborough acompanhavam-nos, Annabella e eu, em um passeio longo, encantador; ele estava a meu lado, como de praxe, e Annabella e Lord Lowborough estavam um pouco à frente, este se curvando em direção à companheira como se em uma conversa terna e reservada.

“Esses dois vão tomar a dianteira de nós, Helen, se não ficarmos atentos”, observou Huntingdon. “Vão formar um casal, não tenho dúvida nenhuma. Esse Lowborough está totalmente abobado. Mas ele vai se ver em apuros quando a conquistar, desconfio.”

“E *ela* vai se ver em apuros quando conquistar Lord Lowborough”, declarei, “se o que eu ouvi sobre ele for verdade.”

“Nem um pinga sequer. Ela sabe o que interessa; mas ele, pobre tolo, se ilude com a ideia de que ela lhe será uma boa esposa, e como ela o enganou com a conversa de que despreza status e riqueza em matéria de amor e casamento, ele acredita que ela lhe é devotadamente afeiçoada, de que não o rejeitará por sua pobreza, e de que não o corteja pelo status, e que o ama pelo seu jeito de ser.”

“Mas *ele* não está a cortejando pela fortuna?”

“Não, ele não. Foi o primeiro atrativo, sem dúvida; mas agora ele perdeu a questão de vista: ela nunca entra em seus cálculos, a não ser como um item essencial sem o qual, pelo bem da própria dama, não poderia pensar em se casar com ela. Não, ele está muito apaixonado. Imaginou que jamais ficaria assim de novo, mas ficou outra vez. Ele já esteve para se casar, uns dois ou três anos atrás, mas perdeu a noiva ao perder a fortuna. Ele entrou num mau caminho conosco em Londres: tinha uma estima deplorável pelo jogo, e sem dúvida o sujeito nasceu sem sorte, pois sempre perdia três vezes antes de ganhar uma. Nesse estilo de autotortura nunca fui muito viciado, pois quando gasto meu dinheiro, gosto de aproveitar todo o valor que ele tem: não vejo graça em desperdiçar em ladrões e trapaceiros; e quanto a *ganhar* dinheiro, até agora sempre tive o suficiente; é hora de buscar mais, eu acho, quando se começa a ver que ele está chegando ao fim. Mas já frequentei algumas vezes as casas de jogos só para observar os avanços desses loucos adoradores da sorte — um estudo interessantíssimo, garanto, Helen, e às vezes muito divertido: já dei muita risada dos perdedores e dos lunáticos. Lowborough estava muito apaixonado — e não de bom grado, mas por necessidade, ele vivia se decidindo a parar, e sempre descumpria a resolução. Toda incursão era o ‘só uma última vez’: se ganhava um pouco, esperava ganhar um pouco mais na vez seguinte, e se perdia, não desistia nesse momento crítico; precisava continuar até se recuperar do último azar, pelo menos: a má sorte não poderia durar para sempre; e todo lance de sorte era considerado o alvorecer de tempos melhores, até que a experiência provava o contrário. Por fim, ele ficou desesperado, e todo dia estávamos atentos à possibilidade de suicídio — não era uma grande questão, alguns de nós cochichávamos, já que sua existência tinha deixado de ser um ganho para o nosso clube. No fim das contas, entretanto, ele se deparou com um obstáculo. Fez uma grande aposta que decidiu que seria a última, perdendo ou ganhando. Ele já tinha tomado essa decisão várias vezes antes, claro, e todas as vezes havia descumprido a decisão, e foi assim também dessa vez. Lowborough perdeu, e enquanto seu antagonista sorria pegando todas as fichas, ele

foi ficando pálido como um giz, se afastou em silêncio e enxugou a testa. Eu estava presente nesse instante, e quando ele ficou parado de braços cruzados e olhos fixos no chão, eu sabia muito bem o que lhe passava pela cabeça.

“Vai ser a última, Lowborough?’, perguntei, me aproximando dele.

“A penúltima’, ele respondeu, com um sorriso macabro, e então, voltando à mesa depressa, deu um soco sobre ela e, erguendo a voz acima de toda a confusão de moedas tilintando e juramentos e xingamentos abafados do salão, fez um juramento denso e solene de que essa tentativa *seria* a última, não importava o que acontecesse, e rogou pragas indizíveis em sua mente, no caso de um dia voltar a embaralhar cartas ou a sacudir uma caixinha de dados. Então dobrou a aposta anterior e desafiou um dos presentes a jogar contra ele. Grimsby se apresentou na mesma hora. Lowborough o encarou com ferocidade, pois Grimsby era tão famoso pela sorte quanto *ele* era pelo azar. No entanto, puseram mãos à obra. Mas Grimsby tinha muita habilidade e pouco escrúpulo, e se tirou proveito dos tremores do outro, da avidez cega para tratá-lo de forma injusta, não posso garantir; porém, Lowborough perdeu de novo, e ficou muito mal.

“É melhor você tentar outra vez’, sugeriu Grimsby, se apoiando na mesa. E então piscou para mim.

“Não tenho com o que tentar’, disse o pobre coitado, com um sorriso lívido.

“Ah, o Huntingdon empresta quanto você quiser’, rebateu o outro.

“Não, você ouviu meu juramento’, respondeu Lowborough, dando as costas com um desespero silencioso. E eu o peguei pelo braço e o levei para fora.

“Foi mesmo a última, Lowborough?’, perguntei quando chegamos à rua.

“A última’, ele respondeu, rompendo um pouco minha expectativa. E o levei para casa — isto é, para o nosso clube — pois estava submisso feito uma criança, e lhe dei conhaque com água até ele começar a se animar — parecer mais vivo, pelo menos.

“Huntingdon, estou perdido!’, disse ele, tomando a terceira taça de minha mão — havia tomado as outras em completo silêncio.

“Você não!”, declarei. ‘Você vai descobrir que um homem pode viver sem dinheiro com a alegria de uma tartaruga sem a cabeça, ou uma vespa sem o corpo.’

“Mas estou endividado”, disse ele, ‘mergulhado em dívidas! E nunca, *nunca* vou conseguir acabar com elas!’

“Bom, de que importa? Muitos homens melhores que você viveram e morreram endividados, e não podem botá-lo na prisão, entende, porque você é nobre.’ E lhe entreguei a quarta taça.

“Mas detesto ter dívidas!”, ele berrou. ‘Não nasci pra isso, e não *suporto!*’

“O que não tem remédio, remediado está”, declarei, começando a misturar o quinto drinque.

“E também perdi minha Caroline.’ E passou então a choramingar, pois o conhaque havia amolecido seu coração.

“Não importa’, retruquei, ‘há outras Carolines no mundo.’

“Para mim só existe uma’, ele respondeu, com um suspiro doloroso. ‘E se houvesse mais cinquenta, quem iria conquistá-las, me pergunto, sem dinheiro?’

“Ah, mas alguém vai aceitá-lo pelo título; e então você ainda terá seus bens de família; eles são inalienáveis, você sabe disso.’

“Quem dera poder vendê-los para pagar minhas dívidas’, ele murmurou.

“E então’, disse Grimsby, que tinha acabado de aparecer, ‘você pode *tentar de novo*, sabia? Eu *faria* mais uma tentativa se fosse você. Jamais pararia aí.’

“*Não vou, garanto!*”, ele gritou. E se levantou bruscamente e saiu da sala — andando sem muito equilíbrio, pois a bebida já havia lhe subido à cabeça. Ele não era tão acostumado a beber naquela época, mas depois disso passou a apreciá-la para aplacar as preocupações.

“Ele cumpriu o juramento de não jogar — para a grande surpresa de todos nós —, embora Grimsby tenha dado tudo de si para instigá-lo a descumpri-lo; mas adquiriu outro hábito que o incomoda quase em igual medida, pois descobriu logo que o demônio da bebida é tão tenebroso quanto o demônio do jogo, e quase tão difícil de se desvencilhar — principalmente porque seus amáveis amigos faziam

tudo o que podiam para apoiar os impulsos de sua ânsia insaciável.”

“Então, eles eram os próprios demônios”, exclamei, incapaz de conter minha indignação. “E você, sr. Huntingdon, parece ter sido o primeiro a instigá-lo.”

“Bom, o que podíamos fazer?”, ele respondeu, em tom de menosprezo. “Nosso intuito era fazer uma bondade — não aguentávamos ver o pobre coitado tão infeliz — e além do mais, ele aguava as coisas para nós, sentado ali, calado e abatido, quando estava sob a influência tripla da perda da namorada, da perda da fortuna e da reação à devassidão da noite anterior; enquanto, depois de beber um pouco, se não ficava ele próprio alegre, era uma fonte de alegria inesgotável para nós. Até o Grimsby ria de seus ditados estranhos: eram bem mais cativantes para ele do que meus gracejos divertidos ou a comicidade subversiva de Hattersley. Mas uma noite, quando estávamos sentados, tomando vinho, depois de um jantar no nosso clube, todos bem-dispostos — Lowborough fazendo brindes doidos, escutando nossas canções desvairadas, dando uma mão nos aplausos, quando não cantava conosco — ele de repente voltou a cair no silêncio, enfiando a cabeça na mão, sem nunca levar a taça aos lábios — mas como isso não era uma novidade, nós o deixamos em paz e continuamos a festança, até que, de repente levantando a cabeça, ele nos interrompeu no meio de um acesso de riso, exclamando:

“Cavalheiros, onde é que isso tudo vai parar? — Vocês podem me dizer agora? — Onde é que isso tudo vai parar?”

“No fogo do inferno”, resmungou Grimsby.

“Você acertou em cheio — era o que eu pensava!”, ele bradou. ‘Pois bem, vou dizer uma coisa a vocês’ — ele se levantou.

“Discurso, discurso!”, nós gritamos. ‘Atenção! O Lowborough vai discursar para nós!’

“Ele aguardou com toda a calma, até que o barulho das palmas cessasse, e então prosseguiu:

“É apenas o seguinte, cavalheiros — acho melhor não irmos mais longe. Melhor parar enquanto podemos.’

“Isso mesmo!”, exclamou Hattersley...

*Pare, pobre pecador, pare e reflita
Antes de mais longe avançar,
Sem mais passatempo à beira do abismo
De eterno pesar.*

“Exatamente!’, replicou o lorde, muito sério. ‘E caso você escolha visitar o poço sem fundo, não vou junto — teremos que nos afastar, pois juro que não vou dar nem mais um passo na direção dele! — O que é isso?’, ele perguntou, pegando sua taça de vinho.

“Prove’, eu sugeri.

“Isso é um caldo do inferno”, ele exclamou. ‘Renuncio a ele para sempre!’ E o despejou no meio da mesa.

“Encha outra vez!’, eu disse, entregando-lhe a garrafa — ‘e bebamos à sua renúncia.’

“É veneno rançoso’, ele disse, segurando a garrafa pelo gargalo, ‘e eu o abjuro! Já larguei o jogo e vou largar isso também.’ Estava prestes a derramar de propósito a garrafa inteira em cima da mesa, mas Hargrave a arrebatou de sua mão. ‘O diabo que o carregue, então!’, ele disse. E ao se retirar da sala, berrou: ‘Adeus, seus instigadores!’, e sumiu em meio a salvas de palmas e gargalhadas.

“Esperávamos que voltasse no dia seguinte, mas, para nossa surpresa, o assento ficou vago: passamos uma semana sem vê-lo, e estávamos começando a achar que cumpriria sua promessa. Por fim, em um fim de tarde, quando a maioria de nós estava reunida de novo, ele entrou, calado e abatido como um fantasma, e teria se acomodado sem alarde em sua cadeira de sempre, a meu lado, mas todos nos levantamos para lhe dar as boas-vindas, e várias mãos se ocuparam da garrafa e da taça para servi-lo, mas eu sabia que um cálice fumegante de conhaque com água lhe traria mais conforto, e estava quase terminando de prepará-lo quando ele o empurrou com impertinência e disse:

“Trate de me deixar em paz, Huntingdon! Calem-se todos vocês! Não vim para participar; só vim para ficar com vocês um tempo porque não suporto meus próprios pensamentos.’ E cruzou os braços e se recostou na cadeira; portanto, deixamos Lowborough em paz. Mas pus o copo perto dele, e depois de um tempo, Grimsby dirigiu minha atenção para o copo com uma piscadela sugestiva; e, ao virar minha

cabeça, percebi que estava vazio. Ele me deu um sinal para que o reabastecesse, e com um gesto discreto me empurrou a garrafa. Obedeci de bom grado, mas Lowborough detectou a pantomima e, ofendido com os sorrisos afiados que trocávamos, arrancou o copo da minha mão, atirou o que havia ali dentro no rosto de Grimsby, jogou o copo vazio em mim e saiu correndo da sala.”

“Espero que ele tenha quebrado sua cabeça”, declarei.

“Não, meu amor”, ele retrucou, dando gargalhadas incontidas com a lembrança da situação, “ele teria feito isso, e talvez estragado meu rosto, mas, providencialmente, essa floresta de cachos” (tirando o chapéu e exibindo suas madeixas castanhas exuberantes) “salvaram meu crânio e impediram que o vidro se quebrasse antes de atingir a mesa.

“Depois disso”, ele prosseguiu, “Lowborough manteve distância de nós por mais uma ou duas semanas. Às vezes o encontrava na cidade, e então, quando eu estava muito bondoso para me ressentir de sua conduta descortês, e ele não vinha com más intenções — ele nunca se negava a falar comigo; pelo contrário, grudava em mim e me acompanhava aonde quer que eu fosse — com exceção do clube, das casas de jogos e de lugares de diversão igualmente perigosos —, de tão cansado que ficava de sua própria mente melancólica, deprimida. Por fim, consegui que fosse ao clube comigo, sob a condição de que não o incentivaria a beber; e por um tempo, ele continuou nos fazendo visitas bastante regulares no fim da tarde — ainda se abstendo, com uma perseverança incrível, do ‘veneno rançoso’ que havia abjurado com valentia. Mas alguns dos nossos membros protestavam contra essa conduta. Como não gostavam que ele ficasse ali sentado qual um esqueleto em um banquete, alguém que, em vez de dar seu quinhão à diversão geral, lançava uma nuvem sobre todo mundo e observava, com olhares cobiçosos, todas as gotas que levavam aos lábios, decretaram que era injusto; e alguns sustentavam que ele devia ser obrigado a agir como os outros ou ser expulso do grupo, e juraram que, da próxima vez que aparecesse, lhe informariam isso, e que, caso não acatasse a advertência, tomariam medidas efetivas. Porém, fiz amizade com ele nessa ocasião, e recomendei que o deixassem em paz

por um tempo, sugerindo que, com um pouco de paciência da nossa parte, ele logo mudaria de ideia. — Mas, tenho que admitir, era *mesmo* uma provocação, pois embora se recusasse a beber, feito um cristão honesto, eu sabia muito bem que ele guardava uma garrafa de láudano, da qual bebia constantemente — ou melhor, resistia e bebia, abstendo-se um dia e exagerando no dia seguinte, assim como no álcool.

“Uma noite, entretanto, durante uma de nossas orgias — quer dizer, uma de nossas festas religiosas —, ele surgiu como o fantasma de Macbeth e se sentou, como de praxe, um pouco afastado da mesa, na cadeira que sempre reservávamos ao ‘espectro’, quisesse ele ocupá-la ou não. Vi pelo semblante de Lowborough que estava sofrendo os efeitos de uma overdose de seu consolo insidioso, mas ninguém se dirigiu a ele e ele não se dirigiu a ninguém. Alguns olhares de soslaio e uma observação cochichada de que ‘o fantasma surgiu’ foram toda a atenção que ele suscitou pela aparição, e seguimos com nossa farra alegre de antes até que ele nos assustou puxando a cadeira de repente e apoiando os cotovelos na mesa, exclamando com uma seriedade agourenta:

“Bom! O que me intriga é o que os deixa tão felizes. O que *vocês* veem na vida eu não sei — *eu* só vejo as trevas da escuridão e uma expectativa de um julgamento horrível e o ardor de um fogo que os consumirá!’

“Todo o grupo empurrou os copos na direção dele ao mesmo tempo, eu os dispus em um semicírculo e, dando tapinhas carinhos nas costas dele, ordenei que bebesse, assim teria logo uma perspectiva tão radiante quanto a nossa; mas ele os empurrou para trás, resmungando:

“Tirem isso daqui! Não vou provar, garanto — não vou — não vou!’ Então os devolvi aos donos; mas percebi que ele os seguia com um olhar de tristeza esfomeada enquanto se distanciavam. Então, tampou os olhos com as mãos para não ver, e dois minutos depois ergueu a cabeça outra vez e disse, em um sussurro rouco mas veemente:

“Mas eu preciso! Huntingdon, me arruma um copo!’

“Pegue a garrafa, homem!’, disse eu, enfiando a garrafa de conhaque em sua mão — mas pare, estou lhe contando demais”,

murmurou o narrador, assustado com o olhar que lhe dirigiu. “Mas não importa”, ele acrescentou, indiferente, e assim continuou o relato: “Em sua avidez desesperada, ele pegou a garrafa e bebeu sem parar, até de repente cair da cadeira, desaparecendo sob a mesa em meio a uma tempestade de aplausos. A consequência dessa imprudência foi um ataque apoplético seguido por uma forte inflamação cerebral...”

“E qual é a sua opinião *a seu respeito*, senhor?”, eu logo perguntei.

“Claro que fiquei muito arrependido”, ele respondeu. “Fui vê-lo uma ou duas vezes — não, umas duas ou três — ou, nossa senhora, umas quatro vezes — e quando ele melhorou, carinhosamente o levei de volta ao convívio social.”

“O que está querendo dizer?”

“Quero dizer que eu o devolvi ao seio do clube, e apiedado da fragilidade de sua saúde e do abatimento extremo de seu espírito, recomendei que ‘tomasse um pouco de vinho para melhorar do estômago’ e, quando estava suficientemente restabelecido para abraçar o plano *media-via*, *ni-jamais-ni-toujours* de não se matar feito um bobo e não se abster feito um parvo — em suma, divertir-se como uma criatura racional, e fazer como eu — pois não acho, Helen, que sou um beberrão; não sou nada parecido, nunca fui e nunca serei. Dou muito valor ao meu conforto. Noto que um homem não pode se entregar à bebida sem estar infeliz metade dos dias e louco na outra metade — além disso, gosto de aproveitar todos os lados da vida, o que é impossível para quem se permite ser escravo de uma única propensão — além do mais, a bebida estraga a beleza das pessoas”, ele concluiu, com um sorriso presunçoso que devia ter me irritado mais do que irritou.

“E Lord Lowborough se beneficiou de seu conselho?”, indaguei.

“Ah, sim, de certa maneira. Durante um tempo, ele se saiu muito bem; aliás, era um exemplo de moderação e prudência — até demais para o gosto de nossa comunidade selvagem — mas, por alguma razão, Lowborough não tem o dom da moderação: se pendia um pouco para um lado, precisava cair antes de se endireitar: se ultrapassava a marca uma noite, os efeitos o deixavam tão mal no dia seguinte que ele precisava repetir a transgressão para se corrigir; e

assim por diante, dia após dia, até sua consciência clamorosa levá-lo a parar. — E então, nos momentos de sobriedade, ele atormentava tanto os amigos com seu remorso, seus pavores e infortúnios, que eles eram obrigados, em legítima defesa, a fazê-lo afogar as mágoas no vinho ou na bebida mais forte que tivessem à mão; e quando ele superava os primeiros escrúpulos da consciência, já não precisava de convencimento, e muitas vezes ficava desesperado, e era o salafrário que todos desejavam que fosse — mas quando o ataque terminava lamentava ainda mais a própria indescritível malvadez e degradação.

“Por fim, um dia em que eu estava a sós com Lowborough, depois de ponderar um pouco, quando ele estava melancólico, distraído, de braços cruzados e a cabeça afundada contra o peito — ele de repente despertou e, pegando no meu braço com veemência, disse:

“Huntingdon, não basta! Estou decidido a acabar com isso.’

“O que houve, você vai se matar?’, indaguei.

“Não, vou me emendar.’

“Ah, isso não é novidade! Você vem falando em se emendar já faz pelo menos doze meses.’

“Sim, mas vocês não deixam; e fui tão tolo que não consegui viver sem vocês. Mas agora percebo o que me impede, e o que falta para eu me salvar; e eu percorreria o mar e a terra para conseguir — mas temo não haver essa possibilidade.’ E ele suspirou como se seu coração fosse se partir.

“Conseguir o quê, Lowborough?’, perguntei, imaginando que havia enfim enlouquecido.

“Uma esposa’, ele respondeu, ‘porque não posso viver sozinho, pois minha mente me distrai, e não posso viver com vocês, pois vocês tomam o partido do diabo contra mim.’

“Quem — eu?’

“Sim — todos vocês — e você mais do que os outros, você sabe disso. Mas se eu conseguisse uma esposa, com uma fortuna suficiente para pagar minhas dívidas e me pôr no caminho certo do mundo...”

“Sem dúvida’, eu disse.

“E com doçura e bondade suficientes’, ele prosseguiu, ‘para tornar o lar tolerável, e me reconciliar comigo mesmo — acho que devo fazê-

lo, sim. Jamais me apaixonarei de novo, tenho certeza, mas talvez isso não tenha muita importância, pois me permitiria escolher de olhos abertos — e eu daria um bom marido apesar disso, mas será que alguém se apaixonaria *por mim*? — Essa é a questão. — Com a *sua* pinta e sua capacidade de fascinar’, ele ficou contente em dizer, ‘eu poderia ter esperanças; mas do jeito que é, Huntingdon, acha que *alguém* vai me aceitar — arruinado e infeliz como sou?’

“Sim, sem dúvida.’

“Quem?’

“Oras, qualquer solteirona esquecida, prestes a mergulhar no desespero, adoraria...’

“Não, não’, disse ele — ‘tem que ser alguém que eu possa amar.’

“Oras, você acabou de dizer que jamais vai se apaixonar de novo.’

“Bem, amar não é a palavra certa — mas alguém de quem possa gostar. — Vou procurar pela Inglaterra inteira, de todo jeito!’, ele bradou, com uma súbita erupção de esperança, ou de desespero. ‘Dando certo ou errado, vai ser melhor do que saltar de ponta-cabeça na destruição no seu maldito clube: então dou adeus a ele e a você. Sempre que encontrá-lo em um terreno honesto ou sob um teto cristão, ficarei contente em vê-lo, mas você nunca mais vai me tentar a entrar naquele *covil demoníaco*!’

“Usou um linguajar vergonhoso, mas apertei a mão dele e fomos embora. Lowborough manteve a palavra; e desde então, tem sido um exemplo de decoro, até onde sei; mas, até pouco tempo atrás, não tive muito contato com ele. Às vezes procurava minha companhia, mas eu sempre o evitava, com medo de atraí-lo de novo para a destruição, e eu não o achava particularmente divertido, já que de vez em quando tentava despertar minha consciência e me tirar da perdição da qual ele imaginava ter escapado; mas quando eu o encontrava por acaso, era raro não perguntar sobre o andamento de seus esforços e pesquisas matrimoniais, e em geral ele me fazia um relato sofrível. As mães eram repelidas por seus cofres vazios e sua reputação de jogador, e as filhas pelo semblante anuviado e o temperamento melancólico — além disso, ele não as entendia; faltava nele a energia e a segurança para conseguir convencer.

“Estava assim quando fui embora do continente; e na minha volta, no final do ano, descobri que ainda era um solteiro desconsolado — embora, sem dúvida, não parecesse mais tanto um exilado desgraçado saído da tumba. As jovens já não tinham mais medo dele e começavam a achá-lo interessante, mas as mães continuavam implacáveis. Foi mais ou menos nessa época, Helen, que meu anjo bom me levou a encontrá-la, e então não tive mais olhos e ouvidos para mais ninguém. Mas nesse ínterim, Lowborough conheceu sua charmosa amiga, a srta. Wilmot — pela intervenção do anjo bom *dele*, é o que ele lhe diria, embora não tenha ousado atrelar suas esperanças a uma moça tão cortejada e admirada até terem um contato mais próximo aqui em Staningley, e ela, na ausência dos outros admiradores, ter cortejado suas atenções e oferecido todo o incentivo a seus tímidos avanços. Então, de fato, ele começou a esperar por dias mais claros; e mesmo que por um tempo eu tenha obscurecido suas perspectivas ao ficar entre ele e seu sol — e assim, quase levá-lo de novo ao abismo do desespero —, seu ardor só se intensificou e suas expectativas só se fortaleceram quando optei por abandonar o barco em busca de um tesouro mais brilhante. Em suma, como eu já lhe disse, ele está bem apatetado. De início, percebia levemente os defeitos dela, os quais lhe causavam um baita nervosismo, mas agora a paixão dele e a arte dela o cegaram para tudo o que não seja suas perfeições e a grande sorte que ele teve. Ontem à noite, veio até mim transbordante de felicidade recém-descoberta:

“Huntingdon, eu não sou um pária!”, disse ele, segurando minha mão e apertando-a como uma teima de cavalo. ‘A alegria me aguarda, nesta vida ainda — ela me ama!’

“De fato!”, respondi. ‘Ela disse isso?’

“Não, mas já não tenho dúvida. Você não vê como ela faz questão de ser gentil e carinhosa? E ela sabe do grau máximo de minha pobreza, e não dá a menor importância! Sabe de toda a extravagância e toda a perversidade da minha antiga vida e não tem medo de confiar em mim — e meu status e título não lhe causam fascínio; por eles, tem total descaso. É o ser mais generoso, mais magnânimo que existe. Ela vai me salvar, corpo e alma, da destruição. Já me enobreceu na minha

própria estima, e me tornou três vezes melhor, mais sábio, maior do que eu era. Ah! Se ao menos a tivesse conhecido antes, de quanta degradação e infelicidade eu teria sido poupado! Mas o que eu fiz para merecer uma criatura tão magnífica?”

“E a melhor parte da piada”, continuou o sr. Huntingdon, rindo, “é que a rapariga ardilosa não o ama, só ama seu título e pedigree e ‘aquela encantadora propriedade’.”

“Como você sabe?”, indaguei.

“Ela me disse; falou ‘Quanto ao homem, eu o desprezo por completo; no entanto, imagino que já seja hora de tomar minha decisão, e se esperasse alguém capaz de despertar minha estima e afeto, passaria minha vida no estrito celibato, pois detesto todos vocês!’ Rá, rá! Desconfio que estivesse enganada — no entanto, é evidente que não tem amor por *ele*, pobre coitado.”

“Então você tem que dizer isso a ele.”

“O quê? E estragar os planos e as perspectivas da pobre menina? Não, não: seria quebra de sigilo, não seria, Helen? Rá, Rá! Além do mais, partiria o coração dele.” E riu de novo.

“Bem, sr. Huntingdon, não entendo o que você vê de tão divertido na situação; *eu* não vejo motivo para rir.”

“Estou rindo de *você* agora, amor”, disse ele, redobrando as gargalhadas.

E deixando que aproveitasse sua alegria sozinho, toquei em Ruby com o chicote e fui a meio-galope reencontrar nossos companheiros, pois vínhamos caminhando com nossos cavalos esse tempo todo, e consequentemente estávamos bem atrás. Arthur logo voltou a ficar do meu lado; mas, sem vontade de conversar com ele, irrompi em um galope. Ele fez igual, e só desaceleramos o passo quando nos aproximamos da srta. Wilmot e de Lord Lowborough, a oitocentos metros dos portões da propriedade. Evitei qualquer conversa com ele até chegarmos ao fim do passeio, quando quis saltar do meu cavalo e desaparecer dentro de casa antes que ele pudesse me oferecer ajuda; mas quando estava soltando meu traje de montaria do silhão, ele me levantou e segurou minhas mãos, afirmando que só me largaria quando eu o perdoasse.

“Não tenho o que perdoar”, declarei. “Você não fez mal *a mim*.”

“Não, querida — Deus me livre de fazê-lo! —, mas você está zangada porque foi para mim que Annabella confessou a falta de estima pelo amante.”

“Não, Arthur, não é *isso* o que me desagrada: é toda a sua conduta com seu amigo; e se você quer que eu esqueça, vá agora e conte para ele que tipo de mulher ela é, que ele tanto adora e na qual depositou as esperanças de felicidade futura.”

“Eu lhe digo, Helen, que isso partiria o coração dele — seria a morte para ele — além de ser uma tramoia escandalosa para a coitada da Annabella. Ele não tem mais saída; orar por ele já não basta. Além disso, talvez ela leve a farsa até o fim do capítulo, e então ele será igualmente feliz na ilusão quanto seria na realidade, ou talvez apenas descubra o erro cometido quando deixar de amá-la — caso contrário, é bem melhor que a verdade lhe venha aos poucos. Então agora, meu anjo, espero ter deixado o argumento bem claro e convencido que não posso fazer a reparação que você me pede. Que outro pedido você tem a fazer? Diga e obedecerei com alegria.”

“O único que tenho é este”, eu disse, tão séria quanto antes, “que, no futuro, você jamais zombe do sofrimento alheio, e sempre use a influência que tem sobre seus amigos para o bem deles, contra suas tendências malignas, em vez de reforçar suas tendências malignas contra si mesmos.”

“Vou dar o meu melhor”, disse ele, “para me lembrar e cumprir as determinações do meu anjo monitor”, e depois de beijar minhas mãos enluvadas, ele me soltou.

Ao entrar no meu quarto, fiquei surpresa em ver Annabella Wilmot diante da minha penteadeira, examinando calmamente as próprias feições no espelho, uma das mãos brincando com o chicote com cabo de ouro e a outra suspendendo seu traje comprido de montaria.

Ela é mesmo uma criatura magnífica!, ponderei, ao mirar aquela figura alta, bem desenvolvida, e o reflexo do belo rosto no espelho à minha frente, com cabelo preto reluzente, um pouco e não sem graciosidade desarrumado pelo passeio na brisa, a tez marrom viçosa e radiante por conta do exercício, e os olhos pretos faiscando de

inteligência incomum. Ao me notar, ela se virou exclamando, com uma risada que indicava mais malícia do que alegria:

“Ora, Helen! O que você *estava fazendo* este tempo todo? — Vim lhe contar da grande sorte que dei”, ela prosseguiu, apesar da presença de Rachel. “Lord Lowborough pediu minha mão e fiquei muito contente em aceitar. Você não está com inveja de mim, querida?”

“Não, meu amor”, declarei, *nem dele*, acrescentei em pensamento. “E você gosta dele, Annabella?”

“Gostar dele! É claro que sim — estou profundamente apaixonada!”

“Bom, espero que você seja uma boa esposa para ele.”

“Obrigada, minha querida! E o que mais você espera?”

“Espero que ambos se amem e que ambos sejam felizes.”

“Obrigada — e espero que você seja uma *excelente* esposa para o sr. Huntingdon!”, ela disse com uma reverência majestosa e se retirou.

“Ah, senhorita! Como pôde dizer isso a ela?”, lamentou Rachel.

“Dizer o quê?”, retruquei.

“Ora, que espera que ela seja uma boa esposa para ele — nunca tinha ouvido uma coisa dessas!”

“É porque de fato espero isso — ou melhor, desejo isso — basicamente não há esperança para ela.”

“Bem!”, disse ela, “eu espero que ele seja um bom marido *para ela*. Dizem coisas esquisitas sobre ele lá embaixo. Estavam falando...”

“Eu sei, Rachel — já sei de tudo sobre ele; mas ele se emendou. E não tem nada que ficar contando histórias dos patrões.”

“Não, senhorita — e também *contaram* algumas coisas sobre o sr. Huntingdon.”

“Não quero ouvir, Rachel: eles mentem.”

“Sim, senhorita”, ela disse baixinho, enquanto arrumava meu cabelo.

“Você acredita neles, Rachel?”, indaguei após uma breve pausa.

“Não, senhorita, de jeito nenhum. A senhorita sabe que, quando muitos criados se juntam, gostam de falar dos superiores; e alguns, para se vangloriar, gostam de dar a impressão de que sabem mais do que sabem, e fazer insinuações e tal só para causar espanto nos outros. Mas eu acho que, no seu lugar, srta. Helen, eu olharia *muito* bem antes

de saltar. Creio que toda precaução é pouca quando uma jovem se casa.”

“Claro que é”, concordei, “mas seja rápida, está bem, Rachel? Quero me vestir.”

E de fato estava ansiosa para me livrar da bondosa mulher, pois estava tão melancólica que mal conseguia segurar as lágrimas nos olhos enquanto ela me vestia. Não era pelo Lord Lowborough — não era por Annabella — não era por mim mesma — era por Arthur Huntingdon que se formavam.

Dia 13. Eles se foram — e ele se foi. Ficaremos longe por mais de dois meses — cerca de dez semanas!, muito, muito tempo para viver e não vê-lo. Mas ele prometeu escrever com frequência, e me fez prometer que vou escrever com ainda mais frequência, pois estará ocupado resolvendo pendências e eu não terei nada melhor para fazer. Bem, imagino que sempre terei muito o que dizer. — Mas ah!, Que chegue logo a época em que estaremos sempre juntos e poderemos trocar ideias sem a intervenção desses mediadores frios, caneta, tinta e papel!

Dia 22. Já recebi várias cartas de Arthur. Não são longas, mas têm certa doçura e são exatamente como ele — cheio de afeto ardoroso, e um humor divertido, vivaz; porém — há sempre um *porém* neste mundo imperfeito —, eu bem que gostaria que às vezes ele fosse sério. Não consigo fazê-lo escrever ou falar com uma seriedade genuína, firme. Não me importo muito *agora*; porém, se for sempre assim, o que farei com a parte séria de mim mesma?

23. Primeiras semanas de matrimônio

18 de fevereiro de 1822. Hoje cedo, Arthur montou em seu cavalo de caça e partiu muito eufórico para encontrar os cães. Passará o dia inteiro fora, portanto vou me distrair com meu diário negligenciado — se é que posso dar esse nome a uma redação tão irregular. Faz exatamente quatro meses que não o abro.

Agora sou casada e estabelecida como a sra. Huntingdon da Mansão Grassdale. Tenho oito semanas de experiência conjugal. E me arrependo do passo que dei? — Não — embora precise confessar, do fundo do meu coração, que Arthur não é o que imaginei de início, e se eu o conhecesse no começo tão bem como conheço hoje, provavelmente jamais o teria amado, e se o tivesse amado primeiro e depois feito a descoberta, receio que teria considerado um dever não me casar com ele. Sem dúvida, poderia tê-lo conhecido, pois todos estavam dispostos a me falar dele, e ele mesmo não era um hipócrita consumado, mas eu estava intencionalmente cega, e agora, em vez de me lamentar por não ter discernido toda sua personalidade antes de estar unida a ele de modo indissolúvel, estou *contente*, pois isso me poupou de muitas batalhas com minha consciência, e muitos dos transtornos e das dores consequentes; e, o que quer que *precisasse* ter feito, meu dever, agora, é simplesmente amá-lo e ser-lhe fiel; e isso corresponde às minhas propensões.

Ele gosta muito de mim — gosta quase *demais*. Queria menos carícias e mais racionalidade: gostaria de ser menos um bichinho e mais uma amiga, se pudesse escolher — mas não vou reclamar disso: temo apenas que seu afeto perca em profundidade onde ganha em ardor. Às vezes o equiparo a uma fogueira de galhos e ramos secos em

comparação a uma de carvão denso — muito luminoso e quente, mas se for para se apagar sozinho e não deixar nada além de cinzas, o que devo fazer? Mas não vai — não *pode*, estou decidida — e sem dúvida tenho o poder de mantê-lo vivo. Então vou descartar *esse* pensamento de uma vez por todas. Mas Arthur é egoísta — sou forçada a reconhecer; e, de fato, essa confissão me causa menos dor que o esperado; pois, como *eu* o amo muito, posso perdoá-lo facilmente por amar a si mesmo: ele gosta de ser agradado, e meu deleite é agradá-lo — e quando lastimo essa tendência, é pelo bem dele, não pelo meu.

O primeiro exemplo que deu foi na nossa viagem de lua de mel. Ele queria apressá-la, pois todas as paisagens continentais já lhe eram familiares: muitas haviam perdido o interesse a seus olhos e outras nunca lhe tinham sido interessantes. A consequência foi que, após uma passagem veloz por uma parte da França e uma parte da Itália, voltei quase tão ignorante quanto parti, sem conhecer pessoas e costumes, e conhecendo muito pouco das coisas — minha cabeça fervilhando com uma confusão variegada de objetos e paisagens — algumas, é verdade, deixando uma impressão mais agradável e mais profunda do que outras, porém azedadas pela recordação de que minhas emoções não eram compartilhadas pelo meu companheiro, mas que, pelo contrário, quando exprimia um interesse particular por algo que via ou desejava ver, isso lhe era desagradável na medida em que provava que eu poderia me encantar com algo dissociado dele.

Quanto a Paris, mal passamos por lá, e ele não me deu tempo de ver nem um décimo das belezas e dos objetos interessantes que tínhamos visto em Roma. Queria que fôssemos logo para casa, declarou, para que eu fosse toda sua e para que me instalasse em segurança como a dona da Mansão Grassdale, tão inexperiente, tão ingênua e cheia de vida quanto eu era; e, como se eu fosse uma frágil borboleta, ele se mostrou temeroso de esfregar a prata de minhas asas me colocando em contato com a sociedade, principalmente de Paris e de Roma; além disso, não hesitou em me dizer que havia damas de ambas as cidades que lhe arrancariam os olhos se o vissem comigo.

Claro que me aborreci com tudo isso; contudo, era menos a decepção para mim mesma o que me incomodava e mais a decepção

com ele, e o problema que eu tinha de inventar pretextos para meus amigos por ter visto e observado tão pouco, sem imputar nem um pinga de culpa ao meu companheiro. Mas quando cheguei em casa — na minha casa nova, encantadora — fiquei tão feliz e ele foi tão gentil que perdoei tudo de bom grado; e começava a pensar que meu destino era feliz *demaix*, e meu marido bom demais para mim, se não bom demais para este mundo, quando, no segundo domingo após a nossa chegada, ele me causou choque e horror com outro exemplo de cobrança irracional. Voltávamos do culto matinal para casa — fazia um dia bonito e gélido, e, como moramos bem próximos da igreja, pedi que a carruagem não fosse usada.

“Helen”, disse ele, com uma seriedade incomum, “não estou muito satisfeito com você.”

Eu quis saber qual era o problema.

“Mas você promete se emendar, caso eu lhe diga?”

“Sim, se for possível — e sem ofender alguma autoridade superior.”

“Ah!, aí está, percebe? — você não me ama de todo o coração.”

“Não compreendo, Arthur — ou pelo menos espero que não —, por favor, me diga o que eu fiz ou disse de errado?”

“Não é nada que você tenha feito ou dito, está relacionado a algo que você é: você é religiosa demais. Pois bem, eu gosto de mulher religiosa, e acho sua devoção um dos seus maiores charmes, mas, feito todas as outras coisas, ela pode ir longe demais. Na minha opinião, a religião da mulher não deve diminuir sua devoção a seu senhor terreno. Ela deve ser o bastante para purificar e eterificar sua alma, mas não para refinar o coração e se erguer acima de todas as compaixões humanas.”

“*Eu* estou acima de todas as compaixões humanas?”, indaguei.

“Não, querida; mas você tem progredido mais rumo àquela condição virtuosa do que eu gostaria, pois, durante essas duas horas, estive pensando em você e tentando chamar a sua atenção, e você estava tão compenetrada nas suas orações que não teve nem um olhar para mim — declaro que isso basta para me deixar com ciúme do Criador —, o que é muito errado, você sabe disso, então não provoque essas emoções perversas de novo, pelo bem da minha alma.”

“Cedo por inteiro meu coração e minha alma ao meu Criador se possível”, respondi, “e nem um átomo mais a você do que Ele permitir. Quem é *você*, senhor, que se considera um deus e presume que disputa a posse do meu coração com Ele, a quem devo tudo o que tenho e tudo o que sou, todas as bênçãos que já tive ou de que desfrutarei — e você é uma delas — se você *for* uma bênção, coisa de que tendo a duvidar.”

“Não seja tão dura comigo, Helen; e não belisque meu braço desse jeito, você está enfiando os dedos no osso.”

“Arthur”, continuei, relaxando minha mão em seu braço, “você não tem por mim nem metade do amor que lhe tenho; no entanto, se me amasse bem menos do que ama, eu não reclamaria, contanto que você amasse mais seu Criador. Ficaria *exultante* em vê-lo, em algum momento, tão compenetrado em suas orações que não tivesse nem pensamentos para mim. Mas, de fato, eu não perderia nada com a mudança, pois quanto mais você amasse seu Deus, mais profundo, puro e verdadeiro seria seu amor por mim.”

Ele apenas riu e beijou minha mão, me chamando de doce entusiasta. Então, tirando o chapéu, acrescentou:

“Mas veja só, Helen — o que um homem vai fazer com uma cabeça como essa?”

A cabeça parecia direita, mas quando pôs minha mão no alto dela, ela afundou em uma massa de cachos tão baixa que era alarmante, principalmente no meio.

“Perceba que não fui feito para ser santo”, ele disse, aos risos. “Se Deus queria que eu fosse religioso, por que não me deu um órgão de veneração decente?”

“Você é como o servo”, retruquei, “que em vez de empregar seu único talento a serviço do senhor, o restituiu a ele sem cultivá-lo, alegando, como desculpa, que sabia que ele era ‘um homem duro, que ceifa onde não havia semeado e ajunta onde não havia espalhado’. Daquele a quem pouco é dado, menos será exigido; mas nossos maiores esforços são exigidos de todos. Não lhe falta a capacidade de veneração, de fé e esperança, de consciência e razão, e todos os outros requisitos de um cristão, caso opte por empregá-las; mas todos os

nossos talentos se expandem com o uso, e todas as nossas faculdades, as boas e as más, são fortalecidas quando exercitadas; assim, caso você opte por empregar as ruins — ou as que tendem ao mal até se tornarem seus senhores — e abandonar as boas até que definham, a culpa será toda sua. Mas você *tem* talentos, Arthur — dons naturais, tanto do coração como da mente, e um temperamento que muitos cristãos melhores adorariam ter — e seria bom se os pusesse a serviço de Deus. Nunca esperaria que você se transformasse em um devoto, mas é bem possível ser um bom cristão sem deixar de ser um homem feliz, de coração alegre.”

“Você fala como um oráculo, Helen, e tudo o que diz é verdade, sem dúvida, mas escute: estou com fome, e vejo à minha frente uma refeição substancial; pelo que me dizem, caso me abstenha dela hoje, terei um banquete suntuoso amanhã, constituído de diversos tipos de iguarias e acepipes. Agora, em primeiro lugar, eu odiaria esperar até amanhã se os meios para aplacar a fome estão bem à minha frente; em segundo lugar, os mantimentos bons de hoje fazem mais o meu gosto do que as iguarias que me são prometidas; terceiro que não *vejo* o banquete de amanhã, e como saber se não é mera fábula inventada pelo sujeito de rosto oleoso que me aconselha a me abster para que ele fique com todos os alimentos bons para si? Em quarto lugar, a mesa deve ser estendida a alguém e, conforme diz Salomão, ‘quem pode comer, ou quem pode gozar melhor do que eu?’ e, por fim, com sua permissão, vou me sentar e saciar meus desejos de hoje, e deixar que o amanhã se arranje sozinho — quem sabe assim não consigo o de hoje e o de amanhã?”

“Mas você não precisa se abster da refeição substancial de hoje: só se aconselha que coma essas iguarias mais rústicas com uma moderação que não o deixe incapaz de aproveitar o banquete mais seleto de amanhã. Se, apesar desse conselho, você optar por ser animalesco agora, e se exceder na comida e na bebida até transformar em veneno os alimentos bons, quem será o culpado caso, depois, sofrendo os tormentos da gula e da bebedeira de ontem, você veja homens mais controlados se sentando para desfrutar daquele divertimento esplêndido que você não pode saborear?”

“Verdade, minha santa padroeira; mas, de novo, nosso amigo Salomão diz: ‘para o homem nada há melhor debaixo do sol, a não ser o comer, o beber e o alegrar-se’.”

“E de novo”, retruquei, “ele diz: ‘Alegra-te, jovem, na tua mocidade, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade, e anda pelos caminhos do teu coração, e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas te trará Deus a juízo’.”

“Mas Helen, tenho certeza de que me portei bem nessas últimas semanas. O que você viu de errado em mim, e o que gostaria que eu fizesse?”

“Nada — além do que você faz, Arthur: seus atos são corretos, até agora; mas eu mudaria seus pensamentos; gostaria que você se fortalecesse contra as tentações e não chamasse o mal de bem e o bem de mal; gostaria que pensasse mais, e enxergasse mais longe, e tivesse objetivos maiores do que tem.”

Agora estávamos diante de nossa própria porta, e eu me calei; mas, com um abraço caloroso e lacrimoso, eu o deixei, entrei em casa e subi a escada para tirar meu gorro e meu manto. Não queria dizer mais nada sobre o assunto naquele momento para não enfadá-lo com a questão ou comigo.

24. Primeira briga

25 de março. — Arthur está se cansando — não de mim, acredito, mas da vida ociosa, sossegada que leva — e não é de surpreender, pois ele tem pouquíssimas fontes de distração: nunca lê nada além de jornais e revistas esportivas, e quando me vê com um livro, não descansa até que eu o feche. Quando o clima está agradável, em geral consegue aguentar o tempo muito bem, mas nos dias de chuva, que têm sido comuns ultimamente, é um sofrimento assistir a seu fastio. Faço o que posso para distraí-lo, mas é impossível despertar seu interesse pelos assuntos sobre os quais mais gosto de falar; por sua vez, ele gosta de falar de coisas que não me interessam — ou até me irritam — e são elas que lhe agradam mais, pois seu divertimento predileto é se sentar ou se refestelar ao meu lado no sofá e contar histórias dos antigos namoros, sempre falando da ruína de uma garota crédula ou da enganação de um marido inocente; e quando expresso meu horror e indignação, ele me acusa de ter ciúme e ri até as lágrimas rolarem por suas faces. De início, eu tinha acessos de cólera ou me desfazia em lágrimas, mas como vi que seu deleite aumentava proporcionalmente à minha ira e agitação, desde então tento conter minhas emoções e escutar suas revelações no silêncio do desprezo sereno; porém, ele lê a batalha interna no meu rosto e interpreta a amargura da minha alma por conta de sua indignidade como pontadas de orgulho ferido; e depois de se divertir o bastante com isso, ou quando teme que meu desprazer se torne sério demais para seu conforto, tenta me beijar e me acalmar até eu voltar a sorrir — nunca suas carícias são tão pouco bem-vindas quanto nesses momentos! É um egoísmo *duplo*, demonstrado a mim e às vítimas de seus antigos amores. Há

momentos em que, com uma aflição passageira — um lampejo de consternação feroz, me pergunto, *Helen, o que foi que você fez?*. Mas rechaço minha questionadora interna e repudio os pensamentos importunos que enchem minha cabeça; pois, ainda que ele fosse dez vezes mais sensual e impenetrável a pensamentos bons e elevados, bem sei que não teria o direito de me queixar. E não me queixo e não me queixarei. Ainda o amo e continuarei a amar, e não me arrependo nem me arrependerei de ter unido meu destino ao dele.

4 de abril. — Tivemos uma briga horrível. Os detalhes são os seguintes: Arthur me contou, de tempos em tempos, a história inteira de seu caso com a sra. F., na qual eu antes não acreditava. Foi um certo consolo, no entanto, descobrir que, nesse caso, a culpa foi mais da dama do que dele, pois ele era muito novo na época e ela, sem dúvida, foi quem tomou as primeiras iniciativas, se o que ele diz é verdade. Eu a odiei por isso, porque tive a impressão de que ela foi quem mais contribuiu para sua corrupção, e quando ele estava começando a falar dela, outro dia, implorei que não a mencionasse, pois detestava até ouvir seu nome.

“Não porque você a amou, Arthur, entenda, mas porque ela o magoou e enganou o marido, e foi uma mulher abominável, que você deve se envergonhar de mencionar.”

Mas ele a defendeu, dizendo que o marido era um idoso apaixonado, impossível de amar.

“Então por que ela se casou com ele?”, indaguei.

“Pelo dinheiro”, foi a resposta.

“Então esse foi outro crime, e seu voto solene de amá-lo e honrá-lo foi outro, que só aumentou a enormidade do primeiro crime.”

“Você é dura demais com a pobre coitada”, ele riu. “Mas não tem problema, Helen, não ligo mais para ela; e o amor que tive por elas não é nem metade do que tenho por você, portanto não é preciso temer que você seja abandonada como elas.”

“Se tivesse me contado essas coisas antes, Arthur, eu nunca lhe daria uma chance.”

“*Nunca daria*, minha querida!”

“De jeito nenhum!”

Ele riu, incrédulo.

“Gostaria de conseguir convencê-lo disso!”, lastimei, levantando-me para sair de seu lado; e, pela primeira vez na vida, e espero que a última, desejei não ter me casado com ele.

“Helen”, disse ele, mais sério, “você sabia que se eu acreditasse no que você diz, ficaria muito bravo? —, mas graças a Deus não acredito. Embora você esteja aí de rosto pálido e olhos faiscantes, me olhando feito uma tigresa, conheço seu coração talvez um pouco melhor do que você mesma o conhece.”

Sem mais uma palavra sequer, me retirei do cômodo e me tranquei no meu próprio quarto. Cerca de meia hora depois, ele veio até a porta; primeiro tentou a maçaneta, depois bateu.

“Você me deixa entrar, Helen?”, ele pediu.

“Não; você me desagradou”, respondi, “e não quero ver seu rosto nem escutar sua voz até amanhã de manhã.”

Ele estancou por um instante, como se estivesse atônito ou inseguro de como responder a tal fala, e então deu as costas e foi embora. Foi apenas uma hora após o jantar: sabia que ele acharia um grande tédio ficar sozinho o fim de tarde inteiro, e isso atenuou consideravelmente meu rancor, embora não tenha me levado a ceder. Estava decidida a mostrar que meu coração não era seu escravo e que eu poderia viver sem ele se assim escolhesse; e me sentei e escrevi uma longa carta para minha tia — não lhe contando nada disso, é claro. Pouco após as dez horas, ouvi seus passos de novo, mas ele passou pela minha porta e foi direto para seu toucador, onde se fechou a noite inteira.

Estava muito ansiosa para ver como ele me trataria de manhã, e não foi pouca minha decepção ao vê-lo entrar na sala do café da manhã com um sorriso indiferente.

“Ainda está zangada, Helen?”, ele perguntou, aproximando-se como que para me cumprimentar. Virei-me friamente para a mesa e servi o café, observando que ele estava bem atrasado.

Ele soltou um assobio baixinho e foi até a janela, onde ficou parado alguns minutos, mirando a agradável probabilidade de nuvens escuras, cinzentas, chuvas torrenciais, gramado encharcado e árvores gotejantes, desfolhadas — e balbuciando imprecações contra o clima,

sentou-se então para comer. Enquanto tomava o café, murmurou que estava “muito frio”.

“Você não devia tê-lo deixado aí tanto tempo”, disse eu.

Ele não deu resposta, e a refeição foi concluída em silêncio. Foi um alívio para ambos quando a bolsa de correspondências chegou. Continha, depois de examinada, o jornal e uma ou duas cartas para ele, e algumas cartas para mim, que ele jogou em cima da mesa sem tecer comentários. Uma era de meu irmão, a outra de Milicent Hargrave, que estava em Londres com a mãe. As dele, acho eu, eram cartas comerciais, e aparentemente não interessavam muito, pois as amassou no bolso com expletivos abafados, pelos quais eu o teria censurado em qualquer outro momento. O jornal, ele abriu diante de si, e então fingiu estar profundamente absorto no conteúdo durante o resto do café da manhã e bastante tempo depois.

A leitura e a resposta de minhas cartas, e a orientação a questões domésticas me deram muito o que fazer de manhã; depois do almoço, fiz meus desenhos, e do jantar até a hora de me deitar, eu li. Enquanto isso, o pobre Arthur estava tristemente perdido, em busca de algo que o distraísse ou ocupasse seu tempo. Queria parecer tão atarefado e tão despreocupado quanto eu: caso o clima tivesse permitido, sem dúvida teria pedido o cavalo e partido para algum lugar distante — não importa qual — logo após o café da manhã, e só voltaria à noite; caso houvesse alguma dama a seu alcance, de qualquer idade entre quinze e quarenta e cinco anos, ele procuraria vingança e se ocuparia arranjando — ou tentando arranjar um flerte desesperado com ela; mas como, para a minha satisfação particular, ele estava tolhido dessas duas fontes de diversão, seu sofrimento era genuinamente deplorável. Depois de terminar de bocejar em cima do jornal e escrevinhar respostas breves às suas breves cartas, passou o resto da manhã e a tarde inteira indo de cômodo em cômodo, observando as nuvens, xingando a chuva, alternando-se entre acariciar, importunar e maltratar os cães, às vezes se deitando no sofá com um livro que não conseguia se forçar a ler e fixando com bastante frequência o olhar em mim, quando achava que eu não estava percebendo, na vã esperança de detectar em meu rosto rastros de lágrimas ou indícios de angústia

compungida. Consegui no entanto manter uma serenidade imperturbável, mas séria, ao longo do dia. Não estava zangada de verdade: sentia por ele o tempo todo, e queria muito a reconciliação, porém decidira que ele teria que dar os primeiros passos, ou ao menos dar sinais de um espírito humilde e contrito, primeiro, pois, se eu comesse, apenas contribuiria para sua presunção, aumentaria sua arrogância e destruiria a lição que queria lhe dar.

Ele fez uma longa estadia na sala de jantar após o jantar e, temo eu, bebeu uma quantidade atípica de vinho, mas não suficiente para afrouxar-lhe a língua, pois quando entrou e me viu sossegada, absorta no meu livro, ocupada demais para levantar a cabeça para vê-lo entrar, apenas murmurou uma expressão de censura abafada, e fechando a porta com um baque, foi se esticar no sofá e se acomodou para dormir. Mas seu cocker spaniel preferido, Dash, antes deitado aos meus pés, tomou a liberdade de pular nele e lambeu seu rosto. Ele o afugentou com um golpe certo e o coitado do cachorro gritou e voltou encolhido para perto de mim. Quando Arthur despertou, cerca de meia hora depois, voltou a chamá-lo, mas Dash ficou olhando, reticente, e abanou a ponta do rabo. Ele chamou de novo, em tom mais ríspido, mas Dash se aproximou ainda mais de mim e lambeu minha mão como se implorasse proteção. Enfurecido, o dono apanhou um livro pesado e o arremessou na cabeça do cachorro. O pobrezinho fez um protesto comovente e correu para a porta. Deixei que saísse e em silêncio peguei o livro.

“Me dá esse livro”, disse Arthur, em tom pouco cortês. Eu dei.

“Por que você deixou o cachorro sair?”, ele perguntou. “Você sabia que eu o queria.”

“Como você demonstrou isso?”, retruquei, “jogando o livro nele? Mas talvez a ideia fosse jogá-lo em mim?”

“Não — mas percebo que você teve uma provinha”, ele disse, olhando a minha mão, que também fora atingida e estava muito arranhada.

Retomei minha leitura e ele tentou se ocupar da mesma forma; mas, em pouco tempo, após vários bocejos portentosos, anunciou que o livro *dele* era “um lixo maldito” e o atirou na mesa. Seguiram-se oito

ou dez minutos de silêncio, boa parte dos quais, creio eu, ele passou me fitando. Por fim, sua paciência se acabou.

“Que livro é esse, Helen?”, ele exclamou. Eu lhe contei.

“É interessante?”

“É, muito.”

“Hmm!”

Continuei lendo — ou pelo menos fingindo ler —, não posso dizer que houve muita comunicação entre meus olhos e meu cérebro, pois, enquanto os primeiros percorriam as páginas, o último se perguntava quando Arthur falaria, e o que diria, e o que eu devia responder. Mas ele só voltou a falar quando me levantei para fazer o chá, e foi só para dizer que não o tomaria. Continuou deitado no sofá, revezando-se entre fechar os olhos, olhar o relógio e olhar para mim, até a hora de ir para a cama, quando me levantei, peguei minha vela e me recolhi.

“Helen!”, ele chamou no instante em que saí da sala. Virei-me e fiquei aguardando suas ordens.

“O que você quer, Arthur?”, perguntei por fim.

“Nada”, ele respondeu. “Pode ir!”

Eu fui, mas como o ouvi murmurando algo quando estava fechando a porta, virei-me de novo. Soou bastante parecido com “meretriz maldita”, mas desejava que fosse outra coisa.

“Você estava falando, Arthur?”, indaguei.

“Não”, foi a resposta; fechei a porta e pronto. Só o vi de novo na manhã seguinte, no café da manhã, quando ele desceu uma hora depois do horário normal.

“Você está muito atrasado”, foi minha saudação matinal.

“Não precisava ter me esperado”, foi a dele; e se aproximou da janela outra vez. O clima estava como na véspera.

“Ai, essa maldita chuva!”, ele balbuciou. Mas depois de observá-la com atenção por um ou dois minutos, uma ideia brilhante pareceu lhe ocorrer, pois de repente exclamou “Mas eu sei o que vou fazer!”, e então voltou e se acomodou à mesa. A bolsa de correspondências já estava ali, aguardando sua abertura. Ele a destravou e examinou o conteúdo, mas não fez comentários.

“Tem alguma coisa para mim?”, perguntei.

“Não.”

Ele abriu o jornal e começou a ler.

“É bom você tomar seu café”, sugeri, “vai ficar frio de novo.”

“Pode ir”, disse ele, “se já tiver terminado. Não quero você aqui.”

Levantei-me e me retirei para a sala vizinha, perguntando-me se teríamos um dia tão horrível quanto o anterior e desejando intensamente um fim para esses tormentos mutuamente infligidos. Pouco depois, eu o escutei tocar o sino e dar ordens sobre seus trajes, como se tivesse planejado uma longa viagem. Mandou que chamassem o cocheiro, e ouvi algo sobre a carruagem e os cavalos, e Londres, e sete horas da manhã seguinte, o que me assustou e me inquietou bastante.

Não posso permitir que ele vá a Londres, aconteça o que acontecer, pensei comigo mesma. Ele vai fazer um monte de besteiras e eu serei a causa delas. Mas a questão é: como mudar os planos dele? — Bem, vou esperar um pouco para ver se os menciona.

Esperei, muito ansiosa, hora após hora, mas nenhuma palavra sequer me foi falada, sobre esse ou qualquer outro assunto. Ele assobiou e falou com os cachorros, e vagou de cômodo em cômodo, quase do mesmo jeito que na véspera. Por fim, comecei a pensar que eu mesma devia abordar o assunto, e estava ponderando como trazê-lo à tona quando, inadvertidamente, John veio em meu socorro com o seguinte recado do cocheiro:

“Por favor, senhor, Richard diz que um dos cavalos está com um forte resfriado, e acha que se não for um incômodo para o senhor ir depois de amanhã, em vez de amanhã, ele poderia medicá-lo hoje para que...”

“Que maldito desaforo o dele!”, exclamou o patrão.

“Por favor, senhor, ele diz que seria bem melhor se o senhor pudesse”, insistiu John, “pois espera que o clima vire logo, e ele diz que não é provável, quando um cavalo com um resfriado tão forte, e medicado e tudo...”

“Que o diabo carregue o cavalo!”, berrou o cavalheiro. “Bem, diga que vou pensar”, ele acrescentou, após um instante de ponderação. Lançou-me um olhar penetrante quando o criado se retirou, na

expectativa de ver algum sinal de espanto e temor; mas, como já havia me preparado antes, mantive a expressão de indiferença estoica. Suas feições adquiriam um ar decepcionado quando viu meu olhar fixo, e ele desviou o rosto com uma frustração óbvia, e foi até a lareira, onde estancou com um abatimento patente, apoiando-se no console com a testa afundada no braço.

“Aonde você quer ir, Arthur?”, indaguei,

“A Londres”, ele respondeu com seriedade.

“Por quê?”, perguntei.

“Porque não consigo ser feliz aqui.”

“Por que não?”

“Porque minha esposa não me ama.”

“Ela o amaria de todo o coração caso você merecesse.”

“O que preciso fazer para merecer?”

A pergunta me pareceu humilde e séria, e fiquei tão abalada, entre a tristeza e a alegria, que tive que parar alguns segundos para firmar minha voz antes de responder.

“Se ela lhe dá o coração”, declarei, “você deve aceitá-lo com gratidão, e usá-lo bem, e não despedaçá-lo e rir dela, porque ela não pode arrancá-lo fora.”

Ele se virou e olhou para mim, de costas para o fogo.

“Então, Helen, você vai ser uma boa menina?”, ele disse.

A questão me soou extremamente arrogante, e o sorriso que a acompanhou não me agradou. Assim, hesitei em responder. Talvez minha resposta anterior tivesse sugerido demais: ele ouvira minha voz falhar e talvez tivesse me visto enxugar uma lágrima.

“Você vai me perdoar, Helen?”, ele continuou, em tom mais humilde.

“Você está *arrependido*?”, retruquei, aproximando-me e sorrindo diante dele.

“De coração partido!”, ele respondeu, de semblante pesaroso — mas com um sorriso alegre à espreita nos olhos e nos cantos da boca; porém isso não me causou repulsa e me atirei em seus braços. Ele me abraçou calorosamente, e embora eu tenha derramado uma torrente de lágrimas, acho que nunca fui mais feliz na vida do que naquele

momento.

“Então você não vai a Londres, Arthur?”, questioneei quando o primeiro acesso de lágrimas e beijos se amainou.

“Não, meu amor — a não ser que você vá comigo.”

“Vou de bom grado”, respondi, “se você achar que a mudança lhe será uma distração, e se adiar a viagem até a semana que vem.”

Ele concordou prontamente, mas disse que não havia necessidade de muitos preparativos, pois não ficaríamos tanto tempo, já que não queria que eu virasse uma londrina e perdesse meu frescor rural e minha originalidade pelo excesso de interação com as damas do mundo. Achei bobagem, mas não quis contradizê-lo: disse apenas que eu era muito caseira, como ele bem sabia, e não tinha nenhum grande desejo de me misturar com o mundo.

Portanto, planejamos ir para Londres na segunda-feira, o dia depois de amanhã. Faz quatro dias que encerramos nossa briga e tenho certeza de que fez bem a nós dois: me levou a gostar muito mais de Arthur e o levou a se portar bem melhor comigo. Desde então, nunca mais tentou me irritar fazendo nem uma leve alusão à sra. F. ou a qualquer uma das reminiscências desagradáveis de sua antiga vida — gostaria de poder apagar todas da minha memória, ou então fazê-lo enxergar tais problemas sob a mesma luz que eu. Bem! Já é alguma coisa, no entanto, que eu o tenha feito ver que esses não são assuntos apropriados para pilhérias conjugais. Talvez ele enxergue além um dia — não colocarei limites nas minhas esperanças; e, apesar das premonições de minha tia e de meus próprios temores inconfessos, confio que ainda seremos felizes.

25. Primeira ausência

No dia 8 de abril, partimos para Londres; em 8 de maio regressei obedecendo ao pedido de Arthur: muito a contragosto meu, visto que o deixei para trás. Se tivesse vindo comigo, eu ficaria muito contente em voltar para casa, pois ele me conduziu a uma rodada tão turbulenta de devassidão enquanto estava lá que, nesse breve período, fiquei muito cansada. Parecia decidido a me exhibir principalmente aos amigos e conhecidos, e ao público em geral, em todas as ocasiões possíveis e tirando o máximo de proveito. Gostei de perceber que me considera um objeto digno de orgulho, mas paguei caro pela satisfação, pois, em primeiro lugar, para agradá-lo, tive que violar minhas predileções mais queridas — meus princípios quase arraigados em prol de um estilo de vestes singelas, escuras, sóbrias; tive que brilhar em joias valiosas e me enfeitar como uma borboleta pintada, como já decidira, muito tempo antes, jamais fazer — e não foi um sacrifício pequeno — em segundo lugar, estava sempre me esforçando para saciar suas expectativas otimistas e honrar sua escolha, com minha postura e conduta em geral, e com o receio de decepcioná-lo com algum erro desastrado ou um traço de ignorância inexperiente quanto aos costumes da sociedade, sobretudo quando estava no papel de anfitriã, que não raro era obrigada a exercer; e em terceiro, como já sugeri antes, estava cansada das multidões e alvoroços, do desassossego impaciente e das mudanças incessantes de uma vida tão estranha a meus hábitos anteriores. Por fim, ele de súbito descobriu que o ar de Londres não me fazia bem, e que estava ávida pela minha casa de interior e precisava voltar imediatamente a Grassdale.

Aos risos, garanti que o caso não era tão urgente quanto ele parecia

imaginar, mas estava muito disposta a ir para casa se ele também estivesse. Respondeu que se sentia obrigado a ficar mais uma ou duas semanas, já que certos negócios requeriam sua presença.

“Então eu fico com você”, declarei.

“Mas com você aqui é impossível, Helen”, foi a resposta dele, “enquanto você ficar, vou cuidar de você e deixar meus negócios de lado.”

“Mas eu não vou deixar”, retruquei, “agora que sei que você tem que cuidar dos negócios, vou insistir que você cuide deles e me deixe em paz — e, para falar a verdade, vou ficar contente podendo descansar um pouco. Posso dar meus passeios e caminhadas no parque, como sempre; e os negócios não vão ocupar todo o seu tempo; vou vê-lo na hora das refeições e à noite, pelo menos, e já vai ser melhor do que estar a quilômetros daqui e não vê-lo nunca.”

“Mas, meu amor, não posso permitir que você fique. Como vou tratar dos negócios sabendo que você está aqui, abandonada...”

“Não me sentirei abandonada: enquanto você estiver cumprindo com seus deveres, Arthur, jamais me queixarei de abandono. Se tivesse me falado antes que tinha coisas para fazer, metade delas já estariam feitas, e agora você precisa compensar o tempo perdido redobrando seus esforços. Conte o que é e eu serei sua capataz, e não um estorvo.”

“Não, não”, insistiu a criatura teimosa, “você *tem* que ir para casa, Helen; preciso ter a satisfação de saber que você está sã e salva, apesar de estar longe. Acha que não vejo que está emaciada? — Seus olhos brilhantes estão opacos e aquele viço meigo, delicado, abandonou suas bochechas.”

“É por causa do excesso de festas e da fadiga.”

“Não é, eu garanto: é o ar de Londres; você está com saudades da brisa fresca da sua casa de campo — e vai senti-la em menos de dois dias. E lembre-se da sua situação, Helen querida: da sua saúde depende a saúde, se não a vida, de nossa esperança futura.”

“Então quer mesmo se ver livre de mim?”

“Quero, sim; e vou em pessoa levá-la a Grassdale e depois volto. Não vou me ausentar por mais de uma semana — ou uma quinzena,

no máximo.”

“Mas se tenho que ir, vou sozinha; se precisa ficar, não precisa perder tempo na viagem de ida e de volta.”

Mas ele não gostou da ideia de que eu viajasse sozinha.

“Ora, que criatura indefesa você pensa que eu sou”, repliquei, “que não pode nem percorrer cento e sessenta quilômetros na sua própria carruagem com os criados e a camareira para cuidarem de mim? Se for comigo, garanto que não vou deixá-lo voltar. Mas me diga, Arthur, que negócio exaustivo é esse; e por que você nunca o mencionou?”

“É apenas um negócio trivial com o meu advogado”, ele disse, e me contou algo a respeito de parte de uma propriedade que queria vender a fim de pagar parte dos ônus de seu espólio; mas ou a explicação foi um pouco confusa ou minha compreensão é um pouco embotada, pois não consegui entender direito por que isso o seguraria na cidade, quinze dias longe de mim. Compreendo ainda menos como o segura há um mês — pois já tem quase esse tempo que o deixei, e ainda não há sinais de seu retorno. Em todas as cartas, ele promete que estará comigo em poucos dias, e sempre me engana — ou se engana. Suas desculpas são vagas e insuficientes. Não tenho dúvida de que está de volta ao convívio dos antigos companheiros — ah, por que foi que o deixei? Eu queria — queria muito que ele voltasse!

29 de junho. — Ainda nada do Arthur; e há muitos dias venho procurando e desejando em vão uma carta. As cartas dele, quando chegam, são amáveis — se palavras oportunas e epítetos carinhosos podem lhes granjear tal denominação — mas muito curtas e repletas de desculpas triviais e promessas nas quais não posso confiar; no entanto, aguardo por elas com ansiedade!, abro e devoro avidamente cada uma dessas breves respostas rabiscadas às pressas a três ou quatro cartas longas, até agora sem resposta, que ele recebeu de mim!

Ah, que crueldade me largar sozinha por tanto tempo! Ele sabe que afora Rachel não tenho mais ninguém com quem conversar, pois aqui não temos vizinhos, a não ser a família Hargrave, cuja residência mal diviso dessas janelas altas cravadas nos montes baixos, arborizados, depois de Dale. Fiquei contente quando soube que Milicent estaria tão

perto de nós, e sua companhia seria um bálsamo reconfortante para mim agora, mas ela ainda está na cidade com a mãe: não tem ninguém em Grove além da pequena Esther e sua preceptora francesa, pois Walter está sempre viajando. Vi esse protótipo da perfeição masculina em Londres: não parecia fazer muito jus aos elogios da mãe e da irmã, embora tenha me parecido mais conversador e simpático do que Lord Lowborough, mais franco e magnânimo do que o sr. Grimsby e mais elegante e cavalheiro do que o sr. Hattersley, o único outro amigo que Arthur considerou digno de me apresentar. — Ah, Arthur, por que você não vem!, por que não me escreve, pelo menos! Você falou de minha saúde — como espera que eu reúna força e vigor aqui, definhando de solidão e de ansiedade irrequieta, dia após dia? — Você merece voltar e encontrar minha beleza completamente dilapidada. Eu suplicaria aos meus tios ou ao meu irmão que venham me visitar, mas não gostaria de reclamar de solidão para eles — e, de fato, a solidão é o último dos meus sofrimentos; mas o que ele está fazendo — o que é que o mantém longe de mim? Essa pergunta recorrente e as insinuações horríveis que suscita são o que me distraem.

3 de julho. — Minha última carta azeda enfim lhe arrancou uma resposta — e mais longa do que o normal; porém, não sei o que pensar dela. De brincadeira, ele me insulta pelo vinagre misturado com fel de meu último desabafo, diz que não faço ideia dos compromissos numerosos que o mantêm longe de mim, mas afirma que, apesar de todos eles, garante-me que estará comigo antes do fim da próxima semana; embora seja impossível para um homem, na situação em que está, fixar a data exata da volta; enquanto isso, me aconselha a exercitar minha paciência, “a primeira das virtudes femininas”, e roga que me lembre do ditado “longe dos olhos, perto do coração” e que me apazigue com a certeza de que, quanto mais tempo ficar longe, mais amor terá por mim ao voltar; e até que volte, suplica que eu continue a escrever sempre, pois, embora às vezes seja preguiçoso demais e muitas vezes ocupado demais para responder às cartas, ele gosta de recebê-las todos os dias, e se cumprir minha ameaça de punilo pelo aparente abandono deixando de escrever, ficará tão zangado

que fará de tudo para me esquecer. Ele acrescenta essa informação a respeito da pobre coitada da Milicent Hargrave:

“É bem provável que sua amiguinha Milicent não demore a seguir seu exemplo e a assumir o encargo de se unir em matrimônio com um amigo meu. Hattersley, como você sabe, ainda não cumpriu a terrível ameaça de atirar sua valiosa personalidade no colo da primeira solteirona que escolha lhe demonstrar alguma ternura; porém ainda mantém a firme decisão de ser um homem casado antes da virada do ano: ‘Mas’, ele me disse, ‘preciso de alguém que me permita agir do meu jeito em tudo — não como a *sua* esposa, Huntingdon, pois ela é uma criatura charmosa, mas parece ter vontade própria e ser uma megera vez por outra’ (pensei *você tem toda a razão, camarada*, mas não falei nada), ‘preciso de uma alma boa, sossegada, que me deixe fazer exatamente o que eu quiser e ir aonde eu quiser, ficar em casa ou ficar longe, sem nem uma palavra de censura ou queixa, porque não aguento aborrecimentos’. ‘Bem’, eu respondi, ‘sei de uma pessoa que é perfeita para você, caso você não se importe com dinheiro, e é a irmã de Hargrave, Milicent.’ Ele quis logo ser apresentado a ela, pois declarou que tinha todo o dinheiro necessário — ou teria, quando o velho escolhesse abandonar o palco. Portanto, Helen, fiz muito bem, tanto para sua amiga como para meu amigo.”

Pobre Milicent! Mas não consigo imaginar que seja levada a aceitar tal pretendente — tão oposto ao seu conceito de homem digno de ser honrado e amado.

Dia 5. — Ai de mim! Enganei-me. Recebi uma longa carta dela esta manhã, na qual me conta que já está noiva e espera estar casada até o fim do mês.

“Mal sei o que dizer sobre o assunto”, ela escreve, “ou o que pensar. Para lhe dizer a verdade, Helen, não gosto de pensar nisso. Se eu *for* me tornar a esposa do sr. Hattersley, preciso tentar amá-lo; e tento fazê-lo com todas as minhas forças; mas o progresso que fiz ainda é pouco; e o pior sintoma do caso é que, quanto mais distante ele está de mim, mais gosto dele: ele me amedronta com seus modos abruptos e estranho jeito de valentão, e me apavora a ideia de me casar com

ele. ‘Então por que você aceitou?’, você há de me perguntar, e eu não sabia que tinha aceitado, mas mamãe me diz que sim, e ele também parece achar que sim. Claro que não era minha intenção, mas não quis lhe fazer uma recusa cabal por medo de que mamãe ficasse aflita e zangada (pois sabia de seu desejo de que me casasse com ele), e como queria conversar com ela primeiro, dei-lhe o que *eu* achei ser uma resposta evasiva, meio negativa; mas ela diz que valeu por um aceite, e que ele me acharia muito volúvel se tentasse voltar atrás — e na verdade eu estava tão confusa e assustada na hora que mal saberia reproduzir o que falei. E na vez seguinte em que o vi, ele me abordou com toda a segurança como sua prometida, e imediatamente começou a resolver questões com mamãe. Não tive coragem de contradizê-los naquele momento, e como fazê-lo agora? Não consigo: eles me achariam louca. Além disso, mamãe está tão contente com a ideia do casamento; pensa que me arrumou um ótimo marido; e não aguento decepcioná-la. Às vezes me oponho e lhe digo o que sinto, mas você não sabe *como* ela fala. O sr. Hattersley, como você sabe, é filho de um rico banqueiro, e como Esther e eu não temos fortuna e Walter tem bem pouca, nossa querida mamãe fica muito ansiosa para ver todos nós bem-casados, isto é, casados com cônjuges abastados — esse não é o *meu* conceito de ser bem-casada, mas ela só quer o nosso bem. Diz que quando estiver segura, sem precisar de seus cuidados, ficará de mente aliviada; e me garante que será bom para a família e também para mim. Até o Walter está satisfeito com a ideia, e quando lhe confessei minha relutância, ele disse que era uma tolice infantil. *Você* acha tolice, Helen? Não deveria me importar se visse alguma possibilidade de conseguir amá-lo e admirá-lo, mas não consigo. Não existe nada nele em que alicerçar minha estima e afeto: é diametralmente oposto ao que eu imaginava de meu marido. Por favor, me escreva, e diga tudo o que puder para me incentivar. Não tente me dissuadir, pois meu destino está traçado: os preparativos para a data importante já estão em andamento; e não diga nem uma palavra contra o sr. Hattersley, pois quero pensar bem dele; e embora eu tenha falado contra ele, será a última vez: daqui em diante, nunca me permitirei proferir nem uma palavra de desaprovação em relação a

ele, por mais que pareça merecê-la; e quem ousar falar em tom desdenhoso do homem que prometi amar, honrar e obedecer deve esperar meu profundo desagrado. Afinal, creio que seja tão bom quanto o sr. Huntingdon, se não melhor; no entanto, você *o ama*, e parece feliz e satisfeita; e talvez eu fique igualmente bem. Você precisa me dizer, se possível, que o sr. Hattersley é melhor do que parece — que ele é direito, decente e generoso — na verdade, um diamante em estado bruto. Talvez ele seja isso tudo, mas eu não o conheça — só conheço o exterior e o que eu creio ser sua pior faceta.”

Ela termina com “Despeço-me, cara Helen, e anseio por seus conselhos — mas, veja bem, que seja pelo lado bom.”

Ai de mim!, pobre Milicent, que incentivo posso lhe dar? — ou qual conselho — a não ser que é melhor tomar uma atitude valente agora, embora à custa de decepcionar e zangar sua mãe e seu irmão, e seu pretendente, do que dedicar sua vida inteira, daqui por diante, à infelicidade e ao arrependimento vão?

Dia 13, sábado. — A semana terminou e ele não chegou. Todo esse doce verão está passando sem nem um sopro de prazer para mim ou benefício para ele. E desde o princípio eu ansiava por esta estação com a esperança crédula, ilusória, de que a aproveitaríamos carinhosamente juntos; e de que, com a ajuda de Deus e meu empenho, seria um meio de lhe elevar a mente e lhe cultivar o gosto, de modo que tivesse o devido apreço aos encantos salutareis e puros da natureza, da paz e do amor divino. Mas agora — no fim da tarde, quando vejo o sol vermelho, redondo, imergir silenciosamente atrás daqueles montes arborizados, abandonando-os ao sono em uma bruma quente, vermelha, dourada, penso somente que é outro dia adorável perdido por ele e por mim — e de manhã, quando provocada pelo adejo e pelo trinado dos pardais e pelo gorjeio alegre das andorinhas — todos decididos a alimentar os filhotes, e cheios de vida e alegria em seus corpinhos — abro a janela para inspirar o ar ameno de renovar a alma, e olho para a adorável paisagem, risonha sob o orvalho e os raios de sol — não raro envergonho esse cenário glorioso com lágrimas de tristeza ingrata, porque *ele* não pode sentir sua

influência revigorante — e quando passeio no bosque secular, e vejo as pequenas flores silvestres sorrindo pelo meu caminho, ou me sento à sombra de nossos nobres freixos à beira da água, com seus galhos balançando suavemente à leve brisa do verão que murmura em meio a suas folhagens emplumadas — meus ouvidos preenchidos de música baixinha misturada ao zumbido sonhador dos insetos, meus olhos distraídos observando a superfície vítrea do laguinho à minha frente, com as árvores que se amontoam à margem, algumas se curvando graciosas para beijar as águas, outras empinando a cabeça imponente para o alto, mas esticando os braços compridos por suas margens, fielmente refletidas bem lá embaixo, em seus espelhos nas profundezas — embora as imagens sejam ora interrompidas pelo lazer de insetos aquáticos, ora, por um instante, o todo seja despedaçado em fragmentos trêmulos por uma brisa passageira que varre a superfície com um excesso de brutalidade — ainda assim, não tenho prazer, pois quanto maior a felicidade que a natureza põe diante de mim, mais lamento que *ele* não esteja aqui para prová-la; quanto maior o júbilo que poderíamos sentir juntos, mais sinto nossa desdita atual separados (sim, a nossa; ele deve estar desditoso, embora talvez não saiba); e quanto mais meus sentidos se deleitam, mais meu coração se oprime; pois ele o mantém confinado em meio à poeira e à fumaça de Londres — talvez encerrado pelas paredes de seu clube abominável.

Mas acima de tudo, à noite, quando entro no meu solitário quarto e olho para a lua de verão, “doce regente do céu”, pairando sobre mim na “abóbada azul-celeste do céu”, lançando uma enxurrada de radiância prateada sobre o campo e as árvores, e a água, tão pura, tão pacata, tão divina — e penso: *‘Onde ele estará agora? — o que estará fazendo neste momento? — totalmente alheio a esse cenário sublime — talvez se divertindo com seus grandes amigos, talvez — que Deus me ajude, isso é — é demais!’*

Dia 23. Graças a Deus ele finalmente chegou! Mas como está alterado! — corado e febril, apático e lânguido, sua beleza estranhamente reduzida, o vigor e a vivacidade se extinguiram. Eu não o censurei com palavras ou olhares; nem sequer lhe perguntei o

que tem feito. Não tenho coragem de fazê-lo, pois acho que está envergonhado — deve estar mesmo — e tais perguntas seriam inevitavelmente dolorosas para ambos. Minha tolerância o agrada — chega a comovê-lo, tendo a pensar. Ele diz que está contente de voltar para casa, e só Deus sabe da minha alegria em tê-lo de volta, mesmo que desse jeito. Ele passa o dia quase inteiro deitado no sofá, e eu toco e canto para ele por horas seguidas. Escrevo as cartas dele, e lhe trago tudo o que deseja; e às vezes leio para ele, e às vezes falo, e às vezes apenas me sento ao seu lado e o acalmo com carinhos silenciosos. Sei que não merece, e temo que o esteja mimando; mas desta vez vou perdoá-lo, irrestrita e integralmente — farei com que se torne virtuoso pela vergonha, e nunca mais permitirei que me abandone.

Ele está satisfeito com as minhas atenções — talvez esteja grato por elas. Gosta que eu esteja por perto, e embora seja rabugento e impaciente com os criados e os cachorros, é amável e bondoso comigo. O que aconteceria caso eu não previsse com toda cautela suas vontades, e evitasse zelosamente ou desistisse de imediato de fazer qualquer coisa que tenda a irritá-lo ou perturbá-lo, mesmo que sem razão, eu não sei dizer. Como eu gostaria que fosse digno de todo esse cuidado! Ontem à noite, quando estava a seu lado, sentada com a cabeça dele no meu colo, passando os dedos por seus belos cachos, esse pensamento fez com que meus olhos transbordassem de lágrimas pesadas — como volta e meia acontece — mas dessa vez, uma lágrima lhe caiu no rosto e ele olhou para cima. Ele sorriu, mas não de forma ofensiva.

“Helen querida!”, ele disse, “por que você está chorando? sabe que eu a amo” (e pressionou os lábios febris contra minha mão), “o que mais você poderia querer?”

“Só que você, Arthur, se amasse de forma tão genuína e fiel quanto é amado por mim.”

“Seria difícil mesmo!”, ele respondeu, apertando minha mão com ternura.

Não sei se entendeu direito o que eu queria dizer, mas sorriu — com ponderação e até com tristeza — algo muito atípico dele — e então fechou os olhos e adormeceu com uma expressão tão despreocupada e

pura quanto a de uma criança. Observando aquele sono plácido, meu coração se expandiu mais do que nunca e minhas lágrimas fluíram desenfreadas.

24 de agosto. Arthur voltou a ser ele mesmo, tão vigoroso e imprudente, mais jovial e relaxado do que nunca, e tão inquieto e difícil de distrair quanto uma criança mimada — e quase tão cheio de malícia também, sobretudo quando a chuva o impede de sair. Gostaria que ele tivesse o que fazer, um ofício útil, ou profissão, ou emprego — qualquer coisa que lhe ocupasse a cabeça ou as mãos durante algumas horas por dia e lhe desse algo mais em que pensar além do próprio prazer. Se ele fizesse o papel de aristocrata rural e cuidasse da fazenda — mas não sabe nada sobre o assunto e não quer nem cogitar essa ideia — ou se assumisse um estudo literário, ou aprendesse a desenhar ou tocar um instrumento — já que gosta tanto de música, muitas vezes tento convencê-lo a aprender a tocar piano, mas ele é preguiçoso demais para uma tarefa dessas: acha tão impensável se esforçar para superar obstáculos quanto restringir seus apetites naturais; e essas duas coisas são sua ruína. Atribuo ambos à criação de seu pai rigoroso mas indiferente e à sua mãe extremamente indulgente. Se um dia me tornar mãe, vou lutar com todo o zelo contra esse *crime* do excesso de indulgência — nem consigo lhe dar um nome mais brando ao pensar no mal que causa.

Felizmente, a temporada de caça começa em breve, e então, se o clima permitir, ele se ocupará o bastante da caça e da destruição de perdizes e faisões; não temos tetrazes, senão ele poderia se ocupar também neste momento, em vez de ficar deitado sob a acácia puxando as orelhas do pobre Dash. Mas ele diz que é enfadonho caçar sozinho: precisa de um ou dois amigos para ajudá-lo.

“Que sejam respeitáveis, então, Arthur”, disse eu. — A palavra *amigos* em sua boca me faz estremecer: sei que foram alguns de seus *amigos* que o induziram a continuar em Londres e o mantiveram afastado por tanto tempo — aliás, pelo que me disse sem ponderação, ou insinuou vez por outra, não tenho como duvidar de que sempre lhes mostrava minhas cartas, para que vissem o carinho com que a

esposa cuidava de seus interesses e a veemência com que se doía de sua ausência; e que eles o induziam a permanecer semana após semana e a mergulhar em todos os tipos de excessos para evitar ser alvo de risos por ser um tolo subjugado pela esposa e, talvez, para mostrar até onde poderia se arriscar a ir sem o perigo de abalar o apego dedicado da terna criatura. É uma ideia detestável, mas não creio que seja falsa.

“Bem”, ele respondeu, “pensei no Lord Lowborough, mas não existe possibilidade de que venha sem a esposa, nossa amiga Annabella, então temos que convidar os dois. Você não tem medo dela, tem, Helen?”, ele indagou, com um brilho travesso nos olhos.

“Claro que não”, retruquei, “por que deveria ter? — E quem mais?”

“O Hargrave — ele ficaria contente em vir, embora more tão perto, pois tem um pouco de terra na qual caçar, e podemos ampliar nossas depredações pelo terreno dele, se quisermos — e ele é totalmente respeitável, como você sabe, Helen, um galanteador — e acho que o Grimsby também: ele é respeitável, um sujeito sossegado — você não faz objeção ao Grimsby?”

“Eu o odeio; no entanto, se você quiser, eu tento aguentar a presença dele por um tempo.”

“É tudo preconceito, Helen — mera antipatia feminina.”

“Não, tenho uma base forte para meu desdém. São só esses?”

“Ora, sim, acho que sim. O Hattersley vai estar muito ocupado arrulhando com a noiva para ter tempo para gastar com armas e cães, no momento”, ele respondeu. — E isso me lembra que recebi várias cartas de Milicent desde seu casamento e que ela está ou finge estar conformada com seu destino. Declara ter descoberto inúmeras virtudes e perfeições no marido, algumas das quais, receio, olhos menos parciais não conseguiriam discernir, embora com lágrimas as tenham buscado; e agora que está acostumada com sua voz alta e os modos bruscos, incivis, ela afirma não ver dificuldade em amá-lo como uma esposa deve amar, e suplica que eu queime aquela carta em que falou dele de forma tão indiscreta. Então creio que ainda esteja feliz; mas se está, é inteiramente devido à bondade de seu coração, pois caso tivesse escolhido se considerar uma vítima do destino, ou da sabedoria

material da mãe, talvez fosse extremamente infeliz; e se, por dever, não tivesse feito todos os esforços para amar o marido, sem dúvida o odiaria até seus últimos dias.

26. As visitas

23 de setembro. Nossos convidados chegaram há cerca de três semanas. Lord e Lady Lowborough já estão casados há mais de oito meses; e vou dar à lady o crédito de dizer que seu marido é outro homem: a aparência, a energia e o temperamento melhoraram visivelmente desde a última vez que o vi. Porém, ainda pode melhorar mais. Ele não está sempre alegre nem sempre contente, e ela volta e meia reclama de seu mau humor, do qual, no entanto, *ela* é a última pessoa do mundo que pode acusá-lo, já que ele nunca o demonstra contra ela, a não ser por condutas que provocariam até um santo. Ele ainda a adora, e iria até o fim do mundo para agradá-la. Ela sabe do poder que tem e o exerce; mas como sabe muito bem que adular e persuadir é mais seguro do que ordenar, tempera criteriosamente seu despotismo com bajulações e agrados suficientes para que ele se julgue um homem sortudo e feliz. E no entanto, às vezes, uma sombra melancólica turva o semblante dele mesmo quando ela está presente, mas é evidente que resulta de desânimo e não de mau humor, e em geral é causado por alguma demonstração do gênio desregulado ou da mente equivocada da esposa — uma criança mimada pisoteando-lhe as opiniões mais queridas — um desdém indiferente a princípios que o leva a lamentar amargamente que ela não seja tão boa quanto é charmosa e amada. Lamento por ele do fundo do coração, pois conheço o tormento de tais lamentos.

Mas ela tem um outro modo de atormentá-lo, em que lhe faço companhia como vítima — ou talvez faça, se eu optasse por me ver assim. Ela flerta abertamente, mas não de forma evidente demais, com o sr. Huntingdon, que se dispõe de bom grado a ser seu parceiro no

jogo; mas não me importo, pois com ele sei que não há nada além de vaidade pessoal e um desejo travesso de instigar meu ciúme, e talvez aborrecer o amigo; e sem dúvida ela é movida pelas mesmas motivações; só que existe mais malícia e menos galhofa nas artimanhas *dela*. Obviamente, portanto, é de meu interesse frustrar os dois, no que me tange, mantendo sempre uma serenidade contente, inalterada; e por consequência tento demonstrar o máximo de confiança no meu marido e o máximo de indiferença às artes de minha atraente convidada. Só censurei o primeiro uma vez, e foi por rir do semblante deprimido e angustiado de Lord Lowborough uma noite, quando ambos estavam especialmente provocadores; e então, de fato, falei um monte sobre o assunto, e o repreendi com bastante seriedade; mas ele continuava rindo, e disse:

“Você sente por ele, Helen — não é?”

“Eu sinto por qualquer um que seja tratado com injustiça”, respondi, “e sinto também por aqueles que ofendem.”

“Ora, Helen, você está com tanto ciúme quanto ele!”, bradou ele, rindo ainda mais; e achei impossível convencê-lo de que estava enganado. Portanto, dali em diante, tomei o cuidado de me abster de dar qualquer atenção ao assunto, e deixei que Lord Lowborough se virasse sozinho. Ele não tem o tino ou o poder de seguir meu exemplo, apesar de tentar esconder seu incômodo da melhor forma possível; ainda assim, transparece em seu rosto, e seu mau humor aparece de vez em quando, mas não sob a forma de demonstração do ressentimento evidente — nunca chega tão longe. Mas confesso que em certos momentos sinto um ciúme — doloroso, até mesmo amargo — quando ela canta e toca para ele e ele se debruça sobre o instrumento e se concentra em sua voz sem interesse fingido; pois nesses momentos, sei que está de fato encantado, e não tenho o poder de despertar um ardor semelhante. Posso diverti-lo e agradá-lo com minhas canções simples, mas não encantá-lo dessa forma.

Poderia retaliar se quisesse, pois o sr. Hargrave se dispõe a ser muito educado e atencioso comigo, já que sou a anfitriã — sobretudo nas horas em que Arthur está mais omissos, mas se é por uma compaixão equivocada por mim ou pela ambição de exhibir sua boa

educação, comparada com o descaso do amigo, não sei dizer; mas, de qualquer modo, suas civilidades me são asquerosas. Se Arthur é um pouco descuidado, claro que é desagradável que seu defeito seja exacerbado pelo contraste; e que tenham pena de mim por ser a esposa negligenciada quando não o sou é uma ofensa difícil de suportar. Mas, em prol da hospitalidade, tento conter meus ímpetos de rancor pouco razoáveis, e me comportar com um decoro civilizado quanto ao nosso convidado, que, para ser justa, não é de modo algum uma companhia desagradável: ele tem facilidade para conversar e conhecimentos e gostos consideráveis, e fala de coisas que Arthur jamais seria induzido a conversar ou pelas quais jamais sentiria interesse. Porém, Arthur não gosta que eu converse com ele, e é visível a irritação que sente com seus gestos mais banais de cortesia; não que meu marido tenha alguma desconfiança desonrosa de mim — ou do amigo, conforme acredito — mas não gosta que eu tenha prazer com outra coisa a não ser ele, com qualquer sombra de deferência ou gentileza além da que ele escolhe autorizar: ele sabe que é meu sol, mas quando opta por negar sua luz, gostaria que meu céu ficasse totalmente escuro; não suporta que eu tenha uma lua para mitigar a privação. É injusto, e às vezes fico tentada a provocá-lo em igual medida, mas ainda não cedi à tentação: se ele levar longe demais esse menosprezo pelos meus sentimentos, encontrarei outros meios de cerceá-lo.

Dia 28. — Ontem fomos todos a Grove, à casa bastante abandonada do sr. Hargrave. A mãe dele nos convida frequentemente para desfrutar da companhia de seu querido Walter, e desta vez nos convidou para um jantar e reuniu toda a aristocracia rural que há por perto para nos encontrar. O jantar foi pomposo; e foi impossível não pensar no custo disso tudo o tempo inteiro. Não gosto da sra. Hargrave; é uma mulher difícil, pretensiosa, apegada às coisas mundanas. Teria dinheiro o bastante para viver com conforto se soubesse ser mais criteriosa no seu uso e tivesse ensinado o filho a ser assim também, mas está sempre se esforçando para manter as aparências, com aquele orgulho abominável que afasta a imagem de pobreza como se fosse um crime vexaminoso. Ela amola os

subordinados, belisca os criados e priva até as filhas e a si mesma das verdadeiras comodidades da vida, porque não se permite mostrar a palma das mãos àqueles que são três vezes mais ricos que ela, e, sobretudo, porque já resolveu que o filho querido deve ser capaz de “erguer a cabeça ao lado dos cavalheiros mais distintos desta terra”. Esse mesmo filho, imagino, é um homem de hábitos dispendiosos — não é um esbanjador temerário nem um sensualista perdido, mas gosta de ter “tudo do bom e do melhor” e vai até certo ponto nos deleites juvenis — não tanto para saciar os próprios gostos mas para manter a reputação de homem de estilo na sociedade e de sujeito respeitável entre os companheiros sem lei; é egoísta demais para ponderar quantas comodidades poderiam ser obtidas para as estimadas mãe e irmãs com o dinheiro que gasta consigo mesmo: contanto que possam exibir uma aparência respeitável uma vez por ano, quando viajam para a cidade, ele pouco se preocupa com as economias e os esforços que fazem em casa. Trata-se de uma opinião hostil sobre o “querido, magnânimo, generoso Walter”, mas receio que seja bastante justa.

A ansiedade da sra. Hargrave em arrumar bons pares para as filhas é em parte a causa e em parte o resultado desses erros: ao fazer figura na sociedade e exibi-las de forma lisonjeira, espera lhes obter chances melhores; e vivendo além de seus meios legítimos e esbanjando tanto no irmão das meninas, ela as deixa sem dotes, e faz delas fardos em suas mãos. A pobre Milicent, receio, já foi vitimada pelas manipulações dessa mãe equivocada, que se gaba de ter se desincumbido satisfatoriamente de seus deveres maternos, e espera ter a mesma sorte com Esther. Mas Esther ainda é criança — uma menininha travessa de apenas catorze anos: tão ingênua, crédula e simples quanto a irmã, mas com um espírito destemido que é todo dela, que imagino que a mãe terá dificuldade de moldar segundo seus objetivos.

27. Um pequeno delito

9 de outubro. — Enquanto os cavalheiros vagam pela mata e Lady Lowborough está ocupada escrevendo cartas, retomo minha crônica com o propósito de registrar ditos e feitos, os últimos do gênero que espero ter motivos para descrever na vida.

Foi na noite do dia 4, pouco depois do chá, que Annabella estava cantando e tocando, com Arthur a seu lado, como de hábito: ela terminou a canção, mas ainda ficou sentada diante do instrumento, e ele estava de pé, encostado no espaldar de sua cadeira, conversando em tom pouco audível, com o rosto bem próximo ao dela. Olhei para Lord Lowborough. Ele estava do outro lado da sala, conversando com os srs. Hargrave e Grimsby, mas o vi lançar um olhar para a esposa e o anfitrião, um olhar rápido, impaciente, que indicava intensa inquietude, no que Grimsby sorriu. Decidida a interromper o tête-à-tête, levantei-me, e escolhendo uma peça musical do suporte para partituras, me dirigi ao piano com a intenção de pedir à dama que a tocasse; mas fiquei petrificada e emudecida ao vê-la sentada ali, escutando os suaves murmúrios de Arthur com o que me parecia um sorriso exultante no rosto enrubescido, com a mão serenamente entregue às mãos dele. O sangue chegou primeiro ao meu coração e depois à minha cabeça — pois havia algo mais; quase no instante em que me aproximava, ele lançou um olhar apressado por cima do ombro, para os outros ocupantes da sala, e então pressionou ardentemente a mão sem resistência contra os lábios. Ao erguer os olhos, ele me viu e a largou, desconcertado e estarrecido. Ela também me viu, e me confrontou com um firme olhar desafiador. Pus a canção em cima do piano e me retirei. Fiquei nauseada, mas não saí da sala:

felizmente, estava ficando tarde e não levaria muito tempo para que o grupo se dispersasse. Fui até a lareira e apoiei a cabeça no console. Um ou dois minutos depois, alguém perguntou se me sentia indisposta. Não respondi — aliás, naquele momento não sabia o que fora dito — mas ergui a cabeça mecanicamente e vi o sr. Hargrave ao meu lado, no tapete.

“Quer que eu lhe sirva uma taça de vinho?”, ele ofereceu.

“Não, obrigada”, respondi; e me desviando dele, olhei ao redor. Lady Lowborough estava ao lado do marido, curvando-se na direção dele enquanto ele se sentava, com a mão no ombro do marido, falando com delicadeza e sorrindo para ele; e Arthur estava à mesa folheando um livro de gravuras. Sentei-me na cadeira mais próxima, e o sr. Hargrave, percebendo que seus préstimos não eram desejados, teve a sensatez de recuar. Pouco depois, o grupo se dividiu, e enquanto os convidados se dirigiam aos quartos, Arthur se aproximou de mim, sorrindo com grande convicção.

“Você está *muito* zangada, Helen?”, ele murmurou.

“Não é brincadeira, Arthur”, declarei a sério, mas com a maior calma que consegui — “a não ser que você ache brincadeira perder meu afeto para sempre.”

“O que é! Por que tanta amargura?”, ele exclamou, segurando minha mão entre as dele aos risos, mas eu a tirei com indignação — quase enojada, pois era óbvio que estava abalado pelo vinho.

“Então tenho que me pôr de joelhos”, disse ele, e se ajoelhando diante de mim, ele juntou as mãos levantadas em um simulacro de rebaixamento e prosseguiu implorando — “Me perdoe, Helen! — Querida Helen, me perdoe, isso *nunca* mais voltará a se repetir!”, e enfiando a cabeça no lenço, fingiu soluçar alto.

Deixando-o assim ocupado, peguei minha vela, e me retirando silenciosamente da sala, corri escada acima na maior velocidade possível. Mas ele logo descobriu que eu o havia largado, e se apressando atrás de mim me pegou nos braços no instante em que eu entrava no quarto e estava prestes a fechar a porta na cara dele.

“Não, não, pelo amor de Deus, você não vai me escapar assim!”, ele bradou. Então, assustado com meu nervosismo, ele me implorou a não

me encolerizar, dizendo-me que estava pálida e morreria se continuasse assim.

“Então me largue”, murmurei, e ele me soltou de imediato — e que bom que o fez, pois estava mesmo encolerizada. Afundei-me na poltrona e tentei me recompor, pois queria estar calma ao falar com ele. Ele ficou de pé ao meu lado, mas por alguns segundos não se arriscou a me tocar ou a falar; depois, chegando um pouco mais perto, se pôs de joelho — não num simulacro de rebaixamento, mas para ficar no mesmo nível que eu, e pousando a mão no braço da poltrona, começou, em voz baixa:

“É tudo bobagem, Helen — uma brincadeira, um mero nada — que não valem nem um pensamento. Você *nunca* vai aprender?”, ele prosseguiu, mais audacioso, “que não tem nada a temer de mim? Que eu a amo total e completamente? — ou se”, ele acrescentou com um esboço de sorriso, “se um dia eu sequer pensar em outra você pode muito bem se poupar, pois esses caprichos vão e vêm como um relâmpago, enquanto meu amor por você arde constantemente, e é eterno como o sol. Sua tirana abusiva, isso não vai...”

“Cale-se por um instante, por favor, Arthur”, pedi, “e me escute — e não pense que estou em um acesso de ciúmes: estou calmíssima. Sinta a minha mão.” E a estiquei para ele com um jeito sério — mas a fechei sobre a mão dele com uma energia que contradizia a afirmação, e o fez sorrir. “Você não precisa sorrir, senhor”, eu disse, ainda apertando a mão e o encarando com firmeza até ele quase fraquejar diante de mim. “Você pode até pensar que tudo bem, sr. Huntingdon, divertir-se despertando meu ciúme, mas tome o cuidado de não acabar despertando meu ódio. E depois de ter apagado meu amor, você perceberá que não é fácil reacendê-lo.”

“Bom, Helen, não vou repetir a transgressão. Mas ela não significou nada, eu garanto. Tomei vinho demais, e estava fora de mim naquele momento.”

“Não é raro você se exceder — e esse é outro hábito que detesto.” Ele ergueu os olhos, estupefato com a minha veemência. “Sim”, continuei. “Nunca mencionei isso antes porque tinha vergonha; mas agora eu lhe digo que isso me aflige, e pode me causar aversão se

continuar e deixar que o hábito cresça em você, como há de acontecer caso não o contenha a tempo. Mas o método de sua conduta com Lady Lowborough não pode ser atribuível ao vinho, e esta noite você sabia muito bem o que estava fazendo.”

“Bom, eu sinto muito pelo que fiz”, ele respondeu, mais amuado do que arrependido, “o que mais você quer?”

“Você sente muito porque eu vi, sem dúvida”, retruquei com frieza.

“Se você não tivesse me visto”, ele murmurou, fixando o olhar no tapete, “não teria feito mal nenhum.”

Meu coração estava prestes a explodir, mas tive a firmeza de engolir em seco minhas emoções e respondi calmamente: “Você acha que não?”.

“Não”, ele se atreveu a confirmar. “Afim, o que foi que eu fiz? Não foi nada — mas você opta por transformá-lo em tema de acusações e mágoas.”

“O que Lord Lowborough, seu *amigo*, pensaria se ficasse sabendo? Ou o que você pensaria se ele ou algum outro agisse comigo, do começo ao fim, da forma como você agiu com Annabella?”

“Eu estouraria os miolos dele.”

“Então, Arthur, como chama isso de nada — uma transgressão pela qual você consideraria justo estourar os miolos de outro homem? Não significa nada brincar com os sentimentos do seu amigo e com os meus — tentar roubar o afeto de uma mulher de seu marido — aquilo que para ele vale mais que ouro e portanto é o que há de mais desonesto lhe tomar? Os votos matrimoniais são uma brincadeira, e de nada importa transformar em esporte violá-los e seduzir outra pessoa a também violá-los? Será que posso amar um homem que faz essas coisas e defende com sangue-frio que isso nada significa?”

“Você mesma está quebrando seus votos matrimoniais”, disse ele, levantando-se, indignado, e andando de um lado para outro. “Você jurou me honrar e me obedecer, e agora tenta me intimidar e me ameaçar e me acusar e me chamar de coisas piores do que bandoleiro. Se não fosse pela sua situação, Helen, não me sujeitaria a isso com tanta mansidão. Não vou ouvir ordens de uma mulher, mesmo que seja minha esposa.”

“Então vai fazer o quê? Vai continuar assim até que passe a odiá-lo e então me acusar de quebrar meus votos?”

Ele se calou por um instante e em seguida replicou:

“Você jamais vai me odiar.” Voltando e retomando seu lugar a meus pés, ele repetiu com mais veemência: “Você não pode me odiar contanto que eu a ame”.

“Mas como acreditar que você me ama se continua a agir assim? Ponha-se no meu lugar: acharia que amo *você*, se *eu* agisse assim? Acreditaria nos meus protestos e honraria e confiaria em mim em tais circunstâncias?”

“São situações diferentes”, ele respondeu. “É da natureza da mulher ser constante — amar um e só um, cegamente, ternamente, e para sempre — abençoadas sejam, criaturas queridas!, e você sobretudo — mas vocês precisam se compadecer de nós, Helen, precisam nos dar um pouco mais de liberdade, pois, como diz Shakespeare: ‘Porque nós, rapaz, seja como for que elogiemos a nós mesmos, nossas afeições são mais volúveis e vacilantes, mais ansiosas e oscilantes que as das mulheres, e mais cedo se desgastam e mais cedo se perdem.’¹”

“Você está querendo dizer que suas afeições por mim se perderam e foram ganhas por Lady Lowborough?”

“Não; Deus é testemunha de que eu a considero poeira e cinza em comparação a você — e vou continuar pensando assim a não ser que você me afaste de si com seu excesso de rigidez. Ela é uma filha da terra, você é um anjo do Paraíso, mas não seja austera demais em sua divindade, e lembre-se de que sou um pobre mortal, falível. Vamos, Helen: você me perdoa?”, ele disse, pegando minha mão com delicadeza e me olhando com um sorriso inocente.

“Se perdoar, você repetirá a transgressão.”

“Juro por...”

“Não jure: não vou acreditar nem na sua palavra nem nas suas juras. Gostaria de poder confiar em ambas.”

“Então me ponha à prova, Helen: apenas confie e perdoe desta vez, e você verá! Vamos, sofrerei um inferno até você falar que perdoa.”

Não falei, mas pus a mão no ombro dele e beijei sua testa, e então irrompi em lágrimas. Ele me deu um abraço carinhoso, e temos sido

bons amigos desde então. Ele tem sido bastante comedido à mesa, e tem se comportado bem em relação a Lady Lowborough. No primeiro dia, guardou distância dela, ficando o mais longe que podia sem nenhuma ruptura flagrante de hospitalidade; desde então, tem sido amistoso e educado, mas nada além — na minha presença, pelo menos, mas acho que também em outros momentos, pois ela me parece arrogante e descontente, e Lord Lowborough agora está claramente mais alegre e mais cordial com o anfitrião. Mas ficarei feliz quando se forem, pois tenho tão pouco amor por Annabella que é um belo desafio ser gentil com ela, e como é a única mulher aqui além de mim, somos necessariamente obrigadas a conviver bastante. Da próxima vez que a sra. Hargrave fizer uma visita, aclamarei sua chegada como um alívio. Gostaria de pedir a permissão de Arthur para convidar a velha senhora para ficar conosco até nossas visitas irem embora. Acho que o farei. Ela verá o gesto como uma amável cortesia, e, embora eu tenha pouco apreço por sua companhia, ela será realmente bem-vinda como uma terceira pessoa entre Lady Lowborough e mim.

A primeira vez que ela e eu ficamos a sós, depois daquela noite infeliz, foi uma ou duas horas após o café da manhã do dia seguinte, quando os cavalheiros saíram depois do tempo que sempre reservavam para escrever cartas, ler os jornais e entabular conversas erradias. Ficamos dois ou três minutos sentadas em silêncio. Ela se ocupava de seu trabalho manual e eu repassava as colunas de um jornal cuja essência eu tinha extraído uns vinte minutos antes. Foi um momento de embarço doloroso para mim, e imaginei que fosse muito mais para ela, mas estava enganada. Ela foi a primeira a falar e, sorrindo com uma autoconfiança impassível, começou:

“Seu marido estava alegre ontem à noite, Helen; ele sempre fica assim?”

Meu sangue ferveu no rosto, mas era melhor que parecesse atribuir a conduta dele a isso, e não a outra coisa.

“Não”, respondi, “e creio que nunca mais ficará.”

“Você lhe deu um sermão sob o dossel, não foi?”

“Não, mas disse que não gosto desse comportamento, e ele

prometeu não repeti-lo.”

“*Achei mesmo* que ele estava muito abatido esta manhã”, ela prosseguiu, “e você, Helen, eu percebo que andou chorando — esse é o nosso melhor recurso, entende? — mas não deixa seus olhos ardendo? — e você acha que sempre dá certo?”

“Nunca choro para impressionar; tampouco imagino como alguém consegue.”

“Bom, não sei: nunca tive razão para tentar — mas acho que se o Lowborough cometesse tais impropriedades, *eu o faria* chorar. Não me espanta que você tenha se zangado, pois tenho certeza de que, por uma transgressão mais leve do que essa, eu daria no meu marido uma lição de que não se esqueceria tão cedo. Mas ele jamais *fará* algo do gênero, pois o mantenho sob rédea curta.”

“Tem certeza de que você não se arroga crédito demais? Lord Lowborough já era notável pela abstinência algum tempo antes de você se casar com ele, assim como é agora, segundo ouvi falar.”

“Ah, você está falando de *vinho* — sim, ele está a salvo disso. E quanto a olhar de soslaio para outra mulher — ele também está a salvo, enquanto eu estiver viva, pois venera o chão que piso.”

“Verdade!, e você tem certeza de que merece?”

“Ora, quanto a isso, não posso dizer: você sabe que todos somos criaturas falíveis, Helen, nenhum de nós merece veneração. Mas *você* tem certeza de que seu querido Huntingdon merece todo o amor que *você* lhe dá?”

Sabia que era melhor não responder. Estava fervendo de raiva, mas contive qualquer expressão perceptível em relação a isso, e só mordi o lábio e fingi arrumar meu trabalho.

“De qualquer forma”, ela retomou, buscando vantagem, “você pode se consolar com a certeza de que *você* é merecedora de todo o amor que ele lhe dá.”

“Agradeço a lisonja”, eu disse, “e pelo menos posso tentar fazer por merecê-lo.” E então mudei de assunto.

28. Sentimento materno

25 de dezembro. — No último Natal eu era a noiva, com o coração transbordante de êxtase e cheia de esperanças fervorosas para o futuro — embora misturadas a presságios temerosos. Agora sou esposa: meu êxtase tornou-se sóbrio, mas não foi destruído; minhas esperanças diminuíram, mas não me abandonaram; meus temores aumentaram mas ainda não foram totalmente comprovados — e, graças a Deus, também sou mãe. Deus me enviou uma alma para educar para Deus, e me deu um êxtase novo e mais sereno, e esperanças mais fortes que me confortam. Mas onde a esperança surge, o temor *deve* espreitar, e quando levo meu pequenino ao peito, ou me debruço sobre suas sonecas com um deleite inexprimível, e um mundo de esperança no coração, um dos dois pensamentos está sempre à mão para conter meu júbilo crescente; um: pode tirá-lo de mim; o outro: talvez ele viva para amaldiçoar a própria existência. No primeiro, tenho o seguinte consolo: que o botão, apesar de arrancado, não murcharia, seria apenas transplantado a um solo mais adequado para que amadurecesse e irrompesse sob um sol mais radiante; e apesar de não acalentar e observar o desenvolvimento do intelecto de meu filho, ele seria arrebatado de todo o sofrimento e os pecados da Terra; e meu entendimento me diz que não seria um grande mal, mas meu coração se aperta com a contemplação de tal possibilidade, e sussurra que eu não aguentaria vê-lo morrer e ceder ao tumulto frio e cruel esse corpo querido, agora quente de vida nova, sangue do meu sangue e relicário daquela centelha pura que será a doce função de minha vida impedir que o mundo macule — e implorara ardorosamente que o Céu ainda o poupe, para que seja meu conforto e

minha alegria, e eu seja sua proteção, sua professora, sua amiga — para guiá-lo pelo caminho perigoso da juventude, e ensiná-lo a ser um servo de Deus enquanto estiver na Terra, um santo abençoado e honrado no Céu. No outro caso, porém, se ele viver para frustrar minhas esperanças, e contrariar todos os meus esforços — se for escravo do pecado, vítima do vício e da angústia, uma maldição para os outros e para si — Pai Eterno, se Tu antevês uma vida assim para ele, arranca-o de mim agora apesar de toda a minha aflição, e arranca-o de meu colo para o Teu enquanto ele ainda é um cordeiro ingênuo, impoluto!

Meu pequeno Arthur!, aí está você, em seu sono doce, inconsciente, um pequenino epítome de seu pai, mas ainda sem manchas como a neve pura, recém-caída do Céu — Deus o proteja dos erros que ele comete! Como vou cuidar e me empenhar para guardá-lo deles! Ele desperta: seus braços minúsculos se esticam em minha direção, seus olhos se abrem, encontram os meus, mas não responde a eles. Pequeno anjo! Você não me conhece, ainda não pode pensar em mim ou me amar, no entanto, é enorme o ardor com que meu coração está ligado ao seu; que gratidão sinto por toda a alegria que você me dá! Que bom seria se seu pai pudesse dividi-la comigo — que pudesse sentir meu amor, minha esperança, e participasse em igual medida de minhas resoluções e projetos para o futuro — não, se pudesse apenas compartilhar de metade de minhas opiniões, e partilhar de metade de meus sentimentos, seria de fato uma bênção para ele e para mim: enlevaria e purificaria sua mente e fortaleceria seu vínculo com o lar e comigo.

Talvez o interesse e o carinho pelo filho sejam despertados à medida que ele for crescendo. No momento, está contente com a aquisição, e espera que se torne um bom menino e um herdeiro respeitável, e isso é quase tudo o que posso dizer. De início, era algo a admirar e rir, não a tocar; agora, é um alvo de profunda indiferença, a não ser quando tem sua impaciência provocada pela “total impotência” e “estupidez imperturbável” (como os chama) do menino, ou por meu excesso de atenção às suas carências. É comum que venha e se sente a meu lado enquanto me ocupo dos cuidados maternos. No começo, imaginava

que fosse pelo prazer de contemplar nosso tesouro inestimável, mas logo descobri que era apenas para desfrutar de minha companhia ou fugir das dores da solidão. É muito bem-vindo, é claro, mas o melhor elogio a uma mãe é que se aprecie seu filho. Ele me causou grande choque uma vez: foi cerca de quinze dias após o nascimento de nosso filho, e ele estava comigo no quarto do bebê. Ambos estávamos calados fazia um tempo: estava compenetrada na contemplação de meu lactente, e achei que ele estivesse igualmente compenetrado — pelo menos, até onde eu pensava nele. Mas de repente me tirou de meu devaneio, exclamando com impaciência:

“Helen, vou detestar esse pequeno patife se você o venerar tanto! Você está completamente apaixonada por ele.”

Levantei a cabeça com espanto, para ver se estava falando sério.

“Você não dispensa um pensamento que seja a qualquer outra coisa”, ele continuou, no mesmo estilo: “Posso ir e vir, estar presente ou ausente, feliz ou triste: para você, pouco interessa. Contanto que tenha essa criaturinha feia para mimar, você não dá a mínima para o que é feito de mim”.

“É mentira, Arthur; quando você entra no ambiente, minha felicidade sempre dobra; quando se aproxima de mim, a sensação da sua presença sempre me encanta, embora não olhe para você; e quando penso no nosso filho, me deleito com a ideia de que você compartilha das minhas ideias e sentimentos, embora eu não os fale.”

“Como diabos vou desperdiçar minhas ideias e sentimentos em um idiotinha inútil como esse?”

“É o seu próprio filho, Arthur — ou, se essa informação não tem peso para você, ele é meu, e você tem que respeitar meus sentimentos.”

“Bom, não se irrite; foi só um ato falho”, ele rogou. “O menino é aceitável, mas não consigo venerá-lo que nem você.”

“Você devia cuidar dele por mim, como forma de castigo”, declarei, levantando-me para colocar o bebê nos braços do pai.

“Não, não faz isso, Helen — não!”, ele apelou, realmente inquieto.

“Faço, sim: você o amará mais quando sentir o pequenino nos braços.”

Depositei o fardo precioso em suas mãos, e me dirigi ao outro canto do cômodo, rindo do ar ridículo, meio desconcertado com que estava sentado, segurando-o à distância e olhando-o como se fosse um ser curioso de uma espécie diferente da dele.

“Anda, segura, Helen; segura”, ele bradou, por fim. “Vou deixar que caia se você não segurá-lo.”

Compassiva de sua aflição — ou melhor, da situação insegura da criança, eu o liberei do fardo.

“Beije-o, Arthur; faça isso — você nunca lhe deu um beijo!”, eu disse, ajoelhando-me e botando a criança na frente dele.

“Prefiro beijar a mãe”, ele retrucou, abraçando-me. “Pronto; isso já não basta?”

Retomei meu lugar na poltrona e dei em meu pequenino uma chuva de beijos gentis para compensar a recusa do pai.

“Veja só!”, bradou o pai enciumado. “Você esbanjou mais, em um minuto, nessa ostra irracional, ingrata, do que me deu nas últimas três semanas.”

“Venha aqui, então, seu monopolista insaciável, e lhe darei tantos quanto quiser, por mais que você seja incorrigível e não mereça. — Pronto, não basta? Estou cogitando a sério nunca mais lhe dar outro beijo até você aprender a amar meu bebê como um pai deveria amar.”

“Eu gosto do diabinho...”

“Arthur!”

“Bom, do anjinho — bastante”, e ele beliscou o narizinho delicado do bebê para provar seu afeto, “mas não consigo *amá-lo* — o que ele tem que seja digno de amor? Ele não pode me amar — nem a você; não entende nem uma palavra que você lhe diz, não sente uma centelha de gratidão por toda a sua bondade. Espere até ele ser capaz de demonstrar afeto por mim e aí então verei se o amo. No momento, ele não passa de um egoísta, irracional, hedonista, e se *você* enxerga nele algo de adorável, tudo bem — só me pergunto como consegue.”

“Se você fosse menos egoísta, Arthur, não o veria sob essa luz.”

“Talvez não, meu amor; mas é assim: é inevitável.”

29. O vizinho

25 de dezembro de 1823. Outro ano transcorrido. Meu pequeno Arthur está vivo e florescendo. É sadio, mas não robusto, cheio de jocosidade pacífica, já carinhoso e suscetível a paixões e emoções que serão parte do passado quando conseguir achar palavras para exprimi-las. Ele enfim conquistou o coração do pai, e agora meu pavor constante é de que seja destruído pela complacência imprudente desse pai. Mas tenho que ficar atenta também à minha própria fraqueza, pois até agora nunca soubera das fortes tentações dos pais a mimar um filho único.

Tenho necessidade de encontrar consolo no meu filho, pois (a este papel mudo posso confessar) pouco o encontro em meu marido. Ainda o amo, e ele me ama à sua própria maneira — mas, ah, que diferença para o amor que eu poderia ter dado e outrora esperava receber!, como é parca a afinidade entre nós; quantos dos meus pensamentos e sentimentos são soturnamente enclausurados na minha própria mente; como é grande a parte de mim superior e melhor que na verdade não é casada — condenada a se enrijecer e azedar à sombra sem sol da solidão, ou a se degenerar e desaparecer por falta de nutrientes neste solo pernicioso! — Mas, repito, não tenho o direito de reclamar: só me permita declarar a verdade — parte da verdade, pelo menos — e ver no futuro se verdades mais sombrias maculam estas folhas. Faz dois anos completos que nos unimos — o “romance” de nosso vínculo deve ter se desgastado. Sem dúvida, cheguei agora à gradação mais baixa na afeição de Arthur, e descobri todos os males de sua natureza: caso haja mais alguma mudança, que seja para melhor, à medida que nos acostumarmos ainda mais um ao outro: está claro que não pode haver nível mais baixo do que o atual. E, se assim for, aguentarei bem — tão

bem, pelo menos, quanto aguentei até aqui.

Arthur não é o que normalmente chamamos de homem *ruim*: tem muitas qualidades; porém, é um homem sem autocontrole ou aspirações grandiosas — um amante do prazer, que cede a diversões animais: não é um marido ruim, mas seus conceitos de deveres matrimoniais e bem-estar não são os mesmos que os meus. A julgar pelas aparências, a ideia que faz de uma esposa é de que ela deve amá-lo com devoção e ficar em casa — esperar o marido, e diverti-lo e zelar pelo seu conforto de todas as formas possíveis quando ele escolhe ficar com ela; e, quando ele se ausenta, cuidar de seus interesses, domésticos ou não, e aguardar com paciência seu regresso, independentemente de como ele se ocupe nesse meio-tempo.

No começo da primavera, ele anunciou sua intenção de ir a Londres: seus negócios por lá exigiam sua presença, disse, e não podia mais negá-la. Expressou seu pesar por ter que me deixar, mas esperava que eu me distraísse com o bebê até sua volta.

“Mas por que me deixar?”, indaguei. “Posso ir junto; posso me aprontar a qualquer instante.”

“Mas você não levaria a criança à cidade!”

“Levaria — por que não?”

A situação foi absurda: o ar da cidade sem dúvida lhe faria mal, e também a mim que o amamentava: as noites animadas e os hábitos londrinos não me fariam bem naquelas circunstâncias e, de modo geral, ele me garantiu que seria muitíssimo incômodo, prejudicial e arriscado. Invalidei suas objeções da melhor forma possível, pois tremia ao pensar que iria sozinho, e eu sacrificaria quase tudo por mim mesma e ainda mais pelo meu filho para evitar que o fizesse; mas, por fim, ele me disse, sem rodeios e um bocado irritado, que não queria lidar comigo: estava cansado das noites em claro do bebê e precisava de repouso. Propus quartos separados, mas ele foi irredutível.

“A verdade, Arthur”, eu disse, por fim, “é que você está cansado da minha companhia e decidiu que não me quer por perto. Você poderia ter dito logo.”

Ele negou, mas eu saí do quarto no mesmo instante e fugi para o

quarto do bebê para esconder minhas emoções, por não conseguir apaziguá-las ali.

Estava muito magoada para expressar qualquer insatisfação a mais com seus planos e nem sequer me referir ao assunto de novo, a não ser para tomar as providências necessárias para sua partida e para a condução dos negócios durante sua ausência — até a véspera de sua viagem, quando o aconselhei seriamente a se cuidar e se afastar do caminho da tentação. Ele riu de minha ansiedade, mas me assegurou de que eu não tinha com o que me preocupar, e prometeu seguir meu conselho.

“Imagino que seja inútil lhe pedir para fixar uma data para a volta”, eu disse.

“É, sim: não posso, nessas circunstâncias; mas tenha certeza, meu amor, de que não vou ficar longe por muito tempo.”

“Não quero torná-lo um prisioneiro desta casa”, respondi, “não quero me queixar se você ficar meses longe — se consegue ser feliz sem mim por tanto tempo —, desde que saiba que você está bem; mas não gosto da ideia de você ficar com os seus amigos, como você os chama.”

“Ora, ora, sua bobinha! Acha que não sou capaz de me cuidar?”

“Da última vez, você não se cuidou. Mas desta vez, Arthur”, acrescentei, a sério, “demonstre que você pode, e mostre que não preciso ter medo de confiar em você!”

Ele prometeu, mas da maneira como tentamos apaziguar uma criança. E cumpriu a promessa? Não — e, doravante, *eu nunca mais acreditarei na palavra dele*. Que confissão amarga, amarga! Lágrimas cegam meus olhos enquanto escrevo isto. Ele partiu no começo de março e só voltou em julho. Dessa vez, não se deu ao trabalho de dar desculpas como antes, e suas cartas foram menos frequentes, e mais curtas e menos carinhosas, sobretudo após as primeiras semanas: demoravam cada vez mais para chegar e eram cada vez mais sucintas e desleixadas. No entanto, quando *eu* deixava de escrever, ele reclamava de minha negligência. Quando escrevia em tom severo e frio, como confesso ter sido frequente no final, censurava minha rispidez e dizia que ela bastava para afugentá-lo do lar; quando eu

tentava uma persuasão mais branda, ele era um pouco mais delicado nas respostas, e prometia voltar; mas já tinha aprendido, por fim, a ignorar suas promessas.

Foram quatro meses horríveis, que se alternaram entre intensa ansiedade, desespero e indignação; pena dele e pena de mim mesma. E no entanto, em meio a tudo isso, não fiquei de todo desconsolada: tinha meu querido, puro, inofensivo pequenino para me consolar, mas até sua consolação era azedada por um pensamento sempre recorrente: *Como vou ensiná-lo, daqui por diante, a respeitar o pai e ao mesmo tempo se esquivar de seu exemplo?*

Lembrei-me, porém, que, de certo modo intencionalmente, fui eu que causei todas essas aflições a mim mesma, e estava decidida a aguentá-las sem um murmúrio. Ao mesmo tempo, resolvi não me entregar à tristeza pelas transgressões de outra pessoa, e tentei me distrair ao máximo; e além da companhia do meu filho e de minha querida, fiel Rachel, que evidentemente imaginava meus sofrimentos e se compadecia deles, embora fosse discreta demais para fazer-lhes alusão, eu tinha meus livros e meu lápis, meus afazeres domésticos, e precisava cuidar do bem-estar e conforto dos pobres inquilinos e trabalhadores de Arthur; e às vezes eu buscava e obtinha diversão na companhia de minha jovem amiga Esther Hargrave: de vez em quando, ia à casa dela para visitá-la, e uma ou duas vezes a convidei a passar o dia comigo na mansão. A sra. Hargrave não visitou Londres nesta temporada: sem ter filha para casar, achou que era melhor ficar em casa e economizar; e, surpreendentemente, Walter veio ficar com ela no início de junho e permaneceu quase até o fim de agosto.

A primeira vez que o vi foi em um fim de tarde agradável, quente, quando passeava pelo terreno com o pequeno Arthur e Rachel, que é a babá-chefe e camareira em uma só pessoa — pois, com minha vida reclusa e hábitos regularmente ativos, não preciso de muita atenção, e como ela foi minha babá e almejava ser babá do meu filho, e ademais é de total confiança, preferi dar-lhe essa importante tarefa, com uma jovem ama-seca sob suas ordens, a envolver qualquer outra pessoa — e assim também poupo dinheiro; e como tomei conhecimento dos negócios de Arthur, percebi que não devo enxergar essa recomendação

como uma frivolidade; pois, de acordo com meus desejos, quase a íntegra da renda vinda de minha fortuna será dedicada, nos próximos anos, ao pagamento das dívidas que ele tem, e o dinheiro que consegue esbanjar em Londres é incompreensível. — Mas, voltando ao sr. Hargrave: eu estava com Rachel à beira da água, distraíndo o risonho bebê nos braços dela, com um ramo de salgueiro coberto de amentilhos dourados, quando, para a minha grande surpresa, ele entrou na propriedade, montado em seu valioso cavalo preto, e atravessou o gramado para me encontrar. Saudou-me com um cumprimento muito cortês, delicadamente enunciado, e feito com modéstia, que sem dúvida fora preparado durante a cavalgada. Disse-me que trazia um recado de sua mãe: já que ele iria naquela direção, desejava que ele visitasse a mansão e rogasse o prazer da minha companhia em um jantar amistoso, familiar, no dia seguinte.

“Não haverá mais ninguém além de nós”, ele declarou, “mas a Esther está ansiosa para vê-la, e minha mãe teme que a senhora esteja se sentindo muito sozinha nessa casa imensa e quer persuadi-la a lhe dar o prazer de sua companhia com mais frequência e a fazer a senhora se sentir à vontade na nossa humilde residência até que o retorno do sr. Huntingdon aumente o conforto da sua.”

“Ela é muito gentil”, respondi, “mas não estou sozinha, está vendo — e os que estão sempre muito ocupados raramente se queixam de solidão.”

“Então a senhora não irá amanhã? Ela ficará muito desapontada caso a senhora recuse.”

Não gostei de ser alvo de piedade pela minha solidão; porém, prometi comparecer.

“Que tarde agradável é essa!”, ele comentou, percorrendo com os olhos o terreno ensolarado, com os imponentes morros e declives, a água plácida e os majestosos arvoredos. “E que paraíso este lugar onde a senhora vive!”

“Está uma tarde adorável”, respondi; e suspirei ao pensar em como percebia pouco seus encantos, e como Grassdale não me parecia muito um paraíso — como era ainda menos para quem se exilara voluntariamente de suas paisagens. Se o sr. Hargrave leu meus

pensamentos, não saberia dizer, mas com uma seriedade meio hesitante, compadecida, no tom e nos modos, ele perguntou se eu tinha notícias recentes do sr. Huntingdon.

“Não recentes”, respondi.

“Imaginei que não”, ele balbuciou, como se falasse consigo mesmo, olhando para o chão de um jeito pensativo.

“O senhor não voltou de Londres há pouco tempo?”, indaguei.

“Ontem mesmo.”

“E o senhor o viu por lá?”

“Sim — eu o vi.”

“Ele estava bem?”

“Sim — isto é”, disse ele, vacilando cada vez mais e com um semblante de indignação contida, “estava tão bem quanto — quanto merecia estar, mas em circunstâncias que eu consideraria inimagináveis para um homem tão afortunado quanto ele.” Ele ergueu a cabeça e pontuou a frase com uma mesura séria. Imagino que meu rosto estivesse carmesim.

“Perdão, sra. Huntingdon”, ele prosseguiu, “mas não posso conter minha indignação quando vejo uma cegueira tão apaixonada e tamanha perversão do bom gosto — mas talvez a senhora não esteja ciente...” Ele se calou.

“Não estou ciente de nada, senhor — além do fato de que protela a volta mais do que eu esperava; e se no momento ele prefere a companhia dos amigos à da esposa, e a devassidão da cidade ao sossego da vida rural, imagino que seja graças aos amigos. Os gostos e as atividades desses amigos são similares aos de meu esposo, e não entendo por que sua conduta deveria despertar-lhes indignação ou surpresa.”

“A senhora se engana cruelmente a meu respeito”, ele retrucou, “eu pouco participei do grupo do sr. Huntingdon nas últimas semanas; e quanto aos gostos e às atividades dele, escapam-me — viajante solitário que sou. Se eu beberico e provo, ele seca o copo até a última gota; e se por um instante tentei abafar a voz da reflexão com loucuras e extravagâncias, ou se desperdicei muito tempo e talento com companheiros imprudentes e esbanjadores, só Deus sabe o prazer que

me daria renunciar a todos eles, para sempre, se tivesse *metade* das bênçãos a que o homem ingratamente dá as costas — mas *metade* dos incentivos à virtude e aos hábitos caseiros que ele menospreza — mas uma casa *dessas*, uma companheira *dessas* para dividi-la! — É infame!”, ele murmurou por entre os dentes. “E não pense, sra. Huntingdon”, acrescentou em voz alta, “que eu seria culpado de incitá-lo a prosseguir com as atividades atuais: pelo contrário, eu o repreendi inúmeras vezes; com frequência expressei minha surpresa com o comportamento dele e o lembrei de seus deveres e privilégios — mas foi em vão, ele apenas...”

“Já basta, sr. Hargrave; o senhor precisa estar ciente de que, sejam quais forem os deslizos do meu marido, só me fará ainda mais mal ficar sabendo deles pela boca de um estranho.”

“*Eu* sou o estranho?”, ele disse em tom pesaroso. “Sou seu vizinho mais próximo, padrinho de seu filho e amigo de seu marido: não posso ser da senhora também?”

“A familiaridade deve preceder a amizade genuína: eu o conheço pouco, sr. Hargrave, a não ser por relatos.”

“Então a senhora se esqueceu das seis ou sete semanas que passei sob seu teto no outono passado? *Eu* não as esqueci. E sei o bastante sobre *a senhora* para achar que seu marido é o sujeito mais invejável do mundo, e eu serei o segundo caso me considere digno de sua amizade.”

“Caso o senhor me conhecesse melhor, não acharia isso — ou se achasse, não diria e não esperaria que eu ficasse lisonjeada com o elogio.”

Eu dava passos para trás enquanto falava. Ele percebeu que eu queria encerrar a conversa, e entendendo a indireta no mesmo instante, fez uma reverência de semblante sério, me desejou boa-noite e virou o cavalo em direção à estrada. Pareceu ofendido e magoado com minha recepção indelicada à simpática proposta. Não tinha certeza se havia agido certo ao falar com ele daquele jeito ríspido; mas, naquele momento, ficara irritada — quase ofendida com seu comportamento; parecia fazer suposições a partir da ausência e negligência de meu marido, e fazia insinuações contra ele que

extrapolavam a verdade.

Rachel havia seguido em frente, durante nossa conversa, mantendo cerca de um metro de distância. Ele foi até ela e pediu para ver a criança. Ele o segurou nos braços com cuidado, olhou-o com um sorriso quase paterno, e o ouvi dizer, quando me aproximava:

“E isso também ele abandonou!”

E o beijou com ternura, e o devolveu à babá satisfeita.

“Gosta de criança, sr. Hargrave?”, indaguei, um pouco mais derretida por ele.

“Não de modo geral”, ele respondeu, “mas essa criança é um *doce* — e é a cara da mãe”, ele acrescentou em tom mais baixo.

“O senhor está enganado: ele lembra o pai.”

“Não tenho razão, babá?”, disse ele, apelando a Rachel.

“Acho, senhor, que ele tem um pouco de cada”, respondeu.

Ele foi embora e Rachel o proclamou um cavalheiro muito simpático. Ainda tinha minhas dúvidas quanto a isso.

Quando o encontrei no dia seguinte, sob o próprio teto, ele não tornou a me ofender com outras de suas indignações virtuosas contra Arthur ou com sua empatia indesejável por mim; e, de fato, quando a mãe começou, em termos cautelosos, a anunciar sua tristeza e surpresa com a conduta de meu marido, ele, percebendo minha irritação, veio logo me acudir, e com delicadeza mudou o rumo da conversa, ao mesmo tempo que a advertia, com um olhar de soslaio, a não retomar o assunto. Parecia determinado a fazer as honras da casa da forma irrepreensível, e a exercer todos os seus poderes de entreter a convidada, e a demonstrar as próprias qualificações como anfitrião, cavalheiro e companhia; e na verdade foi exitoso em se mostrar muito agradável — porém cortês demais. — E no entanto, sr. Hargrave, não gosto muito de você; existe uma certa falta de sinceridade que não me agrada, e um egoísmo à espreita, sob todas as suas belas qualidades, que não pretendo perder de vista. Não; pois, em vez de combater meu ligeiro preconceito contra você considerando-o não caridoso, quero acalotá-lo até estar convencida de que não tenho motivos para desconfiar dessa amizade gentil, insinuada, que você está tão ansioso para me impor.

No decorrer das seis semanas seguintes, eu o encontrei várias vezes, mas sempre, exceto uma, na companhia de sua mãe ou irmã, ou ambas. Quando as visitava, ele sempre estava em casa, e quando me visitavam, era sempre ele que as trazia no fáeton. A mãe, evidente, estava contentíssima com suas zelosas atenções e recém-adquiridos hábitos domésticos.

A vez em que o encontrei a sós foi em um dia claro mas não opressivamente quente no começo de julho: levava o pequeno Arthur ao bosque que margeia nossa propriedade, e o acomodei nas raízes acolchoadas pelo musgo de um velho carvalho; e, depois de colher um punhado de campânulas e rosas silvestres, estava ajoelhada diante dele, e apresentando-as, uma a uma, ao toque de seus dedinhos; aproveitando a beleza celestial das flores por intermédio de seus olhos sorridentes; esquecendo, por um tempo, de todas as preocupações, rindo de suas risadas alegres, e me deleitando com seu deleite — quando uma sombra de repente eclipsou o feixe de luz solar que batia na grama à nossa frente; e, levantando a cabeça, deparei com Walter Hargrave parado, nos olhando.

“Desculpe, sra. Huntingdon”, disse ele, “mas estava encantado; não tive nem força para me aproximar e interrompê-la nem para me afastar da contemplação dessa cena. — Com que vigor cresce meu afilhado!, e como está feliz esta manhã.” Ele se aproximou e se agachou para segurar a mão do bebê; mas, ao perceber que seus afagos provavelmente trariam lágrimas e lamentos em vez da retribuição de demonstrações amistosas, teve a prudência de recuar.

“Que prazer e satisfação essa criaturinha deve ser para a senhora!”, ele observou com um quê de tristeza na entonação, contemplando a criança com admiração.

“É, sim”, confirmei, e então perguntei por sua mãe e irmã.

Respondeu às minhas perguntas com polidez, e então voltou ao assunto que eu queria evitar, mas com um grau de acanhamento que traía seu medo de ofender.

“Não soube do sr. Huntingdon ultimamente?”, ele indagou.

“Esta semana, não”, respondi. — Nestas últimas três semanas, não, eu poderia ter dito.

“Recebi uma carta dele hoje de manhã. Gostaria que fosse do tipo que eu pudesse mostrar à esposa dele.” Puxou do bolso do colete uma carta com a letra ainda querida de Arthur no endereço, fez cara feia e a pôs de volta, acrescentando: “Mas ele me diz que voltará na semana que vem”.

“É o que *ele me diz* sempre que escreve.”

“Realmente! — Bem, faz o gênero dele. — Mas *para mim* ele sempre declarou a intenção de ficar até este mês.”

Acertou-me como um golpe, essa prova de transgressão premeditada e desprezo sistemático pela verdade.

“Combina com o resto de sua conduta”, observou o sr. Hargrave, olhando-me ponderadamente, e lendo, imagino, meus sentimentos em minha expressão.

“Então ele vem mesmo na semana que vem?”, questionei após uma pausa.

“A senhora pode confiar — se a garantia pode lhe dar algum prazer. — E é *possível*, sra. Huntingdon, que se regozije de sua volta?”, ele exclamou, de novo examinando minhas feições com atenção.

“Claro, sr. Hargrave; ele não é meu marido?”

“Ah, Huntingdon, você não sabe *o que* está menosprezando!”, ele murmurou com veemência.

Peguei meu bebê no colo e, desejando-lhe um bom-dia, fui embora para me entregar sem escrutínios a meus pensamentos, no santuário da minha casa.

E eu estava *feliz*? — Sim, contentíssima — apesar de enfurecida com a conduta de Arthur, e apesar de sentir que me enganara e estar decidida a fazê-lo se sentir da mesma forma.

30. Cenas domésticas

Na manhã seguinte, recebi algumas linhas dele, confirmando as revelações de Hargrave a respeito de seu retorno iminente. E de fato chegou na semana seguinte, mas em um estado físico e mental ainda pior do que da outra vez. Entretanto, dessa vez não pretendia deixar seu abandono passar sem comentário — percebi que não conseguiria. Mas no primeiro dia ele estava exausto da viagem e eu contente por tê-lo de volta: não o repreenderia naquele momento, aguardaria o dia seguinte. Na manhã seguinte, continuava cansado: eu esperaria mais um pouco. Mas no jantar, quando, depois de ter feito o desjejum com uma garrafa de água com gás e uma xícara de café forte ao meio-dia, e ter almoçado às duas horas com outra garrafa de água com gás misturada com conhaque, ele estava vendo defeito em tudo o que havia à mesa e declarando que tínhamos que mudar de cozinha — achei que chegara a hora.

“É a mesma cozinha que tínhamos antes da sua viagem, Arthur”, eu disse. “Você costumava ficar muito satisfeito com ela.”

“Então você deve ter permitido que ela ficasse desleixada enquanto eu estava fora. Pode envenenar alguém — comer essa mistura nojenta!” E empurrou o prato com mau humor e se recostou na cadeira, desesperado.

“Acho que foi você quem mudou, não ela”, declarei, mas com muita delicadeza, pois não queria irritá-lo.

“Pode ser”, ele respondeu com descaso enquanto pegava um copo de vinho e água, acrescentando, depois de tragar tudo — “pois tenho um fogo infernal nas veias que nem todas as águas do oceano conseguem esfriar!”

“O que o acendeu?”, eu estava prestes a perguntar, mas nesse momento o mordomo entrou e começou a retirar as coisas.

“Seja rápido, Benson — acabe logo com essa algazarra infernal!”, bradou o patrão. “E *não* traga o queijo! — a não ser que queira que eu passe mal de uma vez.”

Benson, com certa surpresa, tirou o queijo e fez o possível para fazer uma limpeza silenciosa e ágil do resto, mas, infelizmente, havia uma dobra no tapete, causada pelo recuo apressado da cadeira do patrão, uma dobra na qual ele tropeçou e cambaleou, gerando um choque alarmante com a bandeja cheia de louça de barro que estava em suas mãos, mas sem grandes danos, a não ser pela queda e pela quebra da molheira — mas, para minha vergonha e consternação inexprimíveis, Arthur se virou para ele enfurecido e o xingou com uma rispidez selvagem. O pobre coitado ficou branco e tremia visivelmente ao se abaixar para catar os cacos.

“Ele não teve como evitar, Arthur”, eu disse, “o tapete ficou preso no pé dele — e não causou grandes danos. Deixe os cacos para lá, Benson, você limpa isso depois.”

Contente em ser liberado, Benson de pronto serviu a sobremesa e se retirou.

“Como você pôde, Helen, *tomar partido* do criado contra mim”, disse Arthur, assim que a porta se fechou, “sabendo que eu estava distraído?”

“Não sabia que você estava distraído, Arthur, e o pobre coitado ficou muito amedrontado e magoado com sua súbita explosão.”

“Pobre coitado mesmo! E você acha que eu pararia para pensar nos sentimentos de um bruto insensato como esse quando os meus nervos são arruinados e despedaçados pelas asneiras malditas dele?”

“Nunca tinha ouvido você se queixar dos nervos.”

“E por que não teria nervos, eu também, assim como você?”

“Ah, não contesto sua afirmação de que os tem, mas *eu* nunca reclamo dos meus.”

“Não — por que reclamaria, se nunca faz nada para colocá-los à prova?”

“Então por que você põe os seus à prova, Arthur?”

“Você acha que não tenho nada para fazer além de ficar em casa me cuidando como uma mulher?”

“Seria possível, então, você se cuidar como um homem quando viaja? Você disse que conseguiria — e que faria isso, e você prometeu...”

“Ora, ora, Helen, não comece com essa bobagem agora; não suporto.”

“Não suporta o quê? — ser lembrado das promessas que descumpriu?”

“Helen, você é cruel. Se soubesse como meu coração latejou, e como todos os meus nervos estremeceram enquanto falava, você me pouparia. Consegue se apiedar de um criado por ter quebrado a louça, mas não tem compaixão *por mim* quando minha cabeça está partida ao meio e está ardendo no fogo dessa febre intensa.”

Ele deitou a cabeça na mão e suspirou. Fui até ele e pus a mão em sua testa. Estava mesmo ardendo.

“Então venha comigo para a sala de estar, Arthur, e pare de tomar vinho; já tomou muitas taças desde o almoço e não comeu quase nada o dia inteiro. Como *isso* faria você se sentir melhor?”

Com alguma adulação e persuasão, consegui fazer com que deixasse a mesa. Quando o bebê foi trazido, tentei distraí-lo com o menino; mas os dentes do coitado do pequeno Arthur estavam nascendo, e o pai não aguentava suas lamúrias; a sentença de banimento imediato lhe foi dada ao primeiro sinal de irritação; e como, no decorrer da noite, por um breve período fiquei no exílio com o bebê, fui censurada, na volta, por preferir meu filho ao meu marido. Deparei com este reclinado no sofá, exatamente como eu o deixara.

“Bem!”, exclamou o homem injuriado, em tom de pseudorresignação. “Pensei em não pedir que a chamassem; pensei em ver — por quanto tempo ficaria contente em me deixar sozinho.”

“Não fiquei *tanto* tempo, não é, Arthur? Não faz nem uma hora, tenho certeza.”

“Ah, claro, uma hora não é nada para você, ocupada de forma tão agradável, mas *para mim*...”

“Não foi ocupada de forma agradável”, interrompi. “Estava

amamentando nosso pobre bebezinho, que não está nada bem, e só pude deixá-lo quando consegui fazer com que dormisse.”

“Ah, é claro, você está transbordando de bondade e compaixão por qualquer coisa menos eu.”

“E por que eu teria compaixão *por você*? Qual é o seu problema?”

“Bem! Isso supera tudo! Depois de todo o desgaste pelo qual passei, quando chego em casa doente e exausto, ávido por conforto, na expectativa de receber atenção e gentileza, pelo menos da minha esposa — ela me pergunta com toda a calma qual é o meu problema!”

“Você não tem problema *nenhum*”, retruquei, “a não ser aqueles que causou a si mesmo, de maneira voluntária, contrariando minhas sérias exortações e súplicas.”

“Ora, Helen”, disse ele enfaticamente, meio que se levantando de onde estava recostado, “se você me irritar com mais uma palavra sequer, vou tocar o sino e pedir seis garrafas de vinho — e, juro por Deus, vou tomar todas elas antes de me levantar daqui!”

Não falei mais nada, mas me sentei diante da mesa e puxei um livro para perto.

“Me deixe ficar sossegado, pelo menos!”, ele prosseguiu, “já que você me nega qualquer outra comodidade”, e afundando de novo na posição anterior, com uma exalação impaciente entre o suspiro e o gemido, fechou os olhos languidamente, como se fosse dormir.

Que livro era aquele aberto à minha frente, na mesa, eu não saberia dizer, pois nunca olhei para ele. Com um cotovelo de cada lado dele, e as mãos entrelaçadas diante dos olhos, me entreguei a um choro silencioso. Mas Arthur não dormia: no primeiro soluço baixinho, ele levantou a cabeça e olhou ao redor, exclamando com impaciência:

“Está chorando por quê, Helen? Qual é o maldito problema *agora*?”

“Estou chorando por você, Arthur”, respondi, enxugando as lágrimas depressa; e quando estava me levantando, me atirei de joelhos diante dele, e, segurando sua mão sem forças entre as minhas, continuei: “Você não sabe que é parte de mim? E acha que pode se ferir e se degradar sem que eu sinta?”

“Me *degradar*, Helen?”

“Sim, degradar! O que andou fazendo esse tempo todo?”

“É melhor você não perguntar”, ele disse com um leve sorriso.

“E é melhor você não contar — mas não pode negar que se degradou de forma *sórdida*. Você se desonrou vergonhosamente, corpo e alma — e a mim também; e não posso aguentar isso em silêncio — e não vou!”

“Bom, não aperte a minha mão com tanto desespero e não me agite dessa forma, pelo amor de Deus! Ah, Hattersley!, você tinha razão: esta mulher será o meu fim, com seus sentimentos fortes e a interessante força de caráter. — Pronto, pronto, me poupe um pouquinho.”

“Arthur, você *precisa* se arrepender!”, bradei, no frenesi de desespero, passando os braços em volta dele e enterrando meu rosto em seu peito. “Você *tem* que dizer que sente muito pelo que fez!”

“Pois bem, eu sinto.”

“Não sente! Você vai agir assim de novo.”

“Não vou viver para agir assim de novo, se continuar me tratando com tanta selvageria”, ele retrucou, afastando-me de si. “Você me apertou tanto que quase me deixou sem ar.” Ele pressionou a mão contra o coração, e pareceu muito agitado e doente.

“Agora pegue uma taça de vinho para mim”, disse ele, “para remediar o que fez, sua tigresa! Estou quase desmaiando.”

Voei para pegar o remédio desejado. Pareceu reavivá-lo consideravelmente.

“Que vergonha”, declarei, ao tirar a taça vazia de sua mão, “um rapaz forte como você chegar a um estado desses!”

“Se soubesse de tudo, minha menina, você diria ‘Que incrível que você aguente isso tão bem!’. Vivi mais nesses quatros meses, Helen, do que você viveu em toda a sua existência, ou viverá até o fim dos seus dias, se chegassem a uma centena de anos — então espero pagar por eles de uma forma ou de outra.”

“Você vai ter que pagar um preço mais caro do que imagina, se não se cuidar — haverá perda total de sua saúde e também do meu afeto — se é que *ele vale* alguma coisa para você.”

“O quê, está de novo fazendo o jogo de me ameaçar com a perda do seu afeto? Acho que ele não devia ser muito genuíno, para começo de

conversa, se é destruído com tanta facilidade. Se não se importar, minha bela tirana, vai me levar a me arrepender de verdade da escolha que fiz, e invejar meu amigo Hattersley e sua esposinha mansa — ela é um exemplo de mulher, Helen; ficou com ele em Londres a temporada inteira e ela não causou problema nenhum. Ele podia se divertir como bem entendesse, como sempre fazia quando era solteiro, e ela nunca se queixava de abandono; ele podia voltar para casa a qualquer hora da noite ou da manhã ou nem voltar; ser um sóbrio emburrado ou um bêbado glorioso; e se fazer de tolo ou de louco, seguindo os desejos de seu coração, sem ter medo de ser incomodado. Ela nunca lhe diz nem uma palavra de censura ou reclamação, faça ele o que fizer. Ele diz que não há joia igual em toda a Inglaterra, e jura que não trocaria ela nem por um reino.”

“Mas ele faz da vida dela uma maldição.”

“Ele não! Ela não tem vontades além das dele, e está sempre satisfeita e feliz, contanto que ele esteja se divertindo.”

“Nesse caso, ela é tão tola quanto ele; mas não é assim. Tenho várias cartas dela, exprimindo sua enorme angústia quanto à conduta dele, e reclamando que você o incita a cometer tais extravagâncias — tem uma, especificamente, em que ela implora que eu use minha influência sobre você para tirá-lo de Londres, e afirma que o marido nunca agia assim antes de você chegar e que sem dúvida pararia assim que você fosse embora e o deixasse sob o domínio do próprio bom senso.”

“Aquela traidora detestável! Me entregue a carta e ele a lerá, nem que seja a última coisa que eu faça.”

“Não, ele não a verá sem o consentimento da esposa; mas se visse, não haveria nada para enraivecê-lo — nem nas outras cartas. Ela nunca fala uma palavra sequer contra ele: é a angústia *por ele* que ela expressa. Ela apenas alude ao comportamento dele nos termos mais delicados possíveis, e lhe dá todas as justificativas que consegue pensar — e quanto à própria tristeza, eu a *sinto* e não a *vejo* expressa em suas cartas.”

“Mas é *a mim* que ela ofende, e sem dúvida você a ajuda.”

“Não; eu disse que ela superestimava minha influência sobre você,

que eu ficaria contente em afastá-lo das tentações da cidade, caso conseguisse, mas que tinha pouca esperança de sucesso, e que achava que ela estava enganada em supor que você induzia o sr. Hattersley ou qualquer outra pessoa ao erro. Eu mesma tinha a opinião *contrária* naquele momento, mas agora acredito que vocês se corrompiam mutuamente; e se ela usasse certa repreensão delicada, mas séria, com o marido, talvez fosse de alguma serventia, já que, embora ele fosse mais grosseiro que o meu, eu acreditava que ele era de um material menos impermeável.”

“Então é *assim* que vocês agem — estimulando-se ao motim, e uma ofendendo o companheiro da outra, e lançando insinuações contra o próprio marido, para a satisfação mútua de ambas!”

“Segundo seu próprio relato”, declarei, “meu conselho maligno pouco efeito teve sobre *ela*. E quanto às ofensas e calúnias, ambas sentimos vergonha profunda dos erros e vícios de nossos companheiros para torná-los o assunto comum de nossa correspondência. Amigas que somos, de bom grado evitaríamos falar de nossos fracassos — evitaríamos falar até a *nós mesmas* se pudéssemos, a menos que saber desses fracassos pudesse fazer vocês se livrarem deles.”

“Ora, ora!, não me faça me preocupar com eles: nunca vai conseguir nada de bom com isso. Tenha paciência comigo, e aguarde um pouco minha languidez e meu mau humor, até eu tirar essa maldita febre baixa das minhas veias, e então você me verá alegre e bondoso como sempre. Por que não pode ser gentil e bondosa como da última vez? — Fiquei muito agradecido.”

“E de que serviu você ficar agradecido? Eu me iludi com a ideia de que você estava com vergonha de suas transgressões, e esperava que não as repetisse nunca mais; mas agora você me deixou sem nenhuma esperança!”

“Meu caso é desesperador, não é? Uma recompensa muito abençoada, se ao menos me protegesse da dor e da preocupação causadas pelos esforços da minha querida, angustiada esposa, para me converter, e se a protegesse da labuta e do tormento de tais tentativas, e protegesse seu rosto doce e seu jeito aristocrático de falar dos efeitos

devastadores que terão. Uma explosão de cólera é uma coisa boa, estimulante, de vez em quando, Helen, e uma enxurrada de lágrimas causa uma comoção incrível, mas, quando toleradas com frequência, ambas são enfadonhas demais para compensarem o estrago na beleza ou o cansaço dos amigos.”

Dali em diante, contive ao máximo minhas lágrimas e cóleras. Também o poupei de minhas exortações e meus esforços infrutíferos de conversão, pois vi que seria tudo em vão: Deus poderia despertar aquele coração indolente e entorpecido pela permissividade, e remover aquela película de trevas hedonistas de seus olhos, mas eu não seria capaz. De sua injustiça e mau humor com os inferiores, que não podiam se defender, ainda me ressentia e contrariava; mas quando eu era o único alvo, como volta e meia acontecia, aguentava com uma tolerância serena, a não ser quando meu gênio, desgastado pelas repetidas amolações, ou instigado à loucura por uma nova forma de irracionalidade, ganhava vazão contra a minha vontade, e me expunha às acusações de impetuosidade, crueldade e impaciência. Cuidava zelosamente de suas necessidades e distrações, mas não, confesso, com o mesmo carinho devoto de antes, porque não mais o sentia; além do mais, agora tinha outro reivindicante de meu tempo e cuidado — meu frágil bebê, em prol do qual eu muitas vezes enfrentava e tolerava as repreensões e queixas de seu pai, que fazia exigências irracionais.

Porém, Arthur não é por natureza um homem rabugento ou irritadiço — tão longe disso que havia algo quase ridículo na incongruência desse enfado fortuito e dessa irritabilidade nervosa, meio que calculados para suscitar risadas em vez de raiva, a não ser pelas implicações intensamente dolorosas relacionadas aos sintomas de um corpo desarranjado — e seu temperamento foi melhorando aos poucos, à medida que a saúde física se restabelecia, o que aconteceu bem antes por causa de meus esforços extenuantes; pois por causa do desespero ainda existia nele algo do qual eu não desistira, e um esforço por sua preservação que eu não protelaria. Seu apetite pelo estímulo do vinho aumentara, como eu bem previra. Agora era algo mais que um acessório de divertimento social: era uma importante

fonte de divertimento por si só. Nesse momento de fraqueza e depressão, ele o teria transformado em seu remédio e amparo, seu bálsamo, sua recreação e seu amigo — e assim afundado mais e mais — e se amarrado para sempre no sentimentalismo no qual caíra. Mas decidi que isso jamais aconteceria enquanto ainda me restasse algum poder de influência; e embora não pudesse impedi-lo de tomar mais do que lhe fazia bem, por meio da perseverança incessante, da gentileza e da firmeza e vigilância, por meio da adulação, e da afronta, e da determinação — consegui resguardá-lo da servidão absoluta àquela propensão detestável, tão insidiosa em seu progresso, tão inexorável em sua tirania, tão desastrosa em seus resultados.

E aqui não posso esquecer que devo muito a seu amigo sr. Hargrave. Naqueles tempos, ele volta e meia visitava Grassdale e não raro jantava conosco, e nessas ocasiões, receio, Arthur teria jogado de bom grado a prudência e o decoro ao vento e feito “uma festança” sempre que o amigo concordasse em acompanhá-lo nessa diversão exaltada; e caso este último optasse por acatá-lo, poderia desfazer em uma ou duas noites o trabalho de semanas, e derrubado com um toque o baluarte frágil que me custara tanto apuro e esforço para erigir. No começo, fiquei com tanto medo disso que me rebaixei a lhe insinuar em particular minhas apreensões sobre a tendência de Arthur a esses excessos, para exprimir minha esperança de que não os instigasse. Ele ficou contente com esse sinal de confiança e está evidente que não a traiu. Nessa e em todas as ocasiões subsequentes, sua presença serviu mais para cercear o anfitrião do que como estímulo a outros atos de intemperança; e ele sempre conseguia tirá-lo da sala de jantar em boa hora e em um estado razoável, pois se Arthur desconsiderasse sugestões como “Bem, não quero impedi-lo de ficar com sua esposa” ou “Não podemos esquecer que a sra. Huntingdon está sozinha”, ele mesmo insistiria em se levantar da mesa para ir ao meu encontro, e o anfitrião, embora de má vontade, seria obrigado a acompanhá-lo.

Assim aprendi a receber bem o sr. Hargrave, já que era um amigo verdadeiro da família, uma companhia inofensiva para Arthur, para animá-lo e resguardá-lo do tédio do ócio completo e do isolamento total de todas as companhias a não ser a minha, e um aliado útil para

mim. Sob tais circunstâncias, só me restava lhe ser grata, e na primeira oportunidade conveniente que surgiu, não hesitei em reconhecer o favor que lhe devia; porém, ao fazê-lo, meu coração sussurrou que nem tudo estava certo, e trouxe um viço ao meu rosto, que ele intensificou com seu olhar fixo, sério, enquanto, pelo seu modo de ouvir esse reconhecimento, ele mais que dobrou meus receios. Seu enorme deleite em poder me servir era subjugado pela empatia por mim e pela comiseração por si mesmo — por quê, eu não sei, pois não lhe faria perguntas nem permitiria que desabafasse sobre suas tristezas comigo. Seus suspiros e insinuações de aflição contida pareciam vir de um coração cheio; mas ele precisa conseguir retê-los dentro de si ou exalá-los em outros ouvidos que não os meus: já havia intimidade demais entre nós. Parecia errado haver, entre mim e o amigo de meu marido, um entendimento secreto que ele desconhecia e do qual era alvo. Mas meu pensamento, depois, foi *Se é errado, a culpa é de Arthur, e não minha*.

E de fato, não sei se naquele momento foi mais *por ele* do que por mim que enrubesci, pois, visto que ele e eu somos um só, me identifico tanto com ele que sinto sua degradação, seus defeitos e suas transgressões como se fossem meus; enrubesço por ele, temo por ele; me arrependo por ele, choro, rezo e sinto por ele assim como por mim; mas não posso agir por ele; portanto, tenho que ser e sou aviltada, contaminada pela união, tanto aos meus olhos como na realidade. Estou tão determinada a amá-lo — e tão angustiada para desculpar seus erros, que estou sempre os ruminando e me esforçando para atenuar seus princípios mais frouxos e suas piores práticas até me familiarizar com o vício e ser quase cúmplice de seus pecados. Coisas que outrora me chocavam e me enojavam agora me parecem naturais. Sei que são erradas, pois a razão e a palavra de Deus assim as declaram, mas aos poucos perco o horror instintivo e a repulsa que me foram dados por natureza ou me foram incutidos pelos preceitos e pelo exemplo de minha tia. Talvez, então, eu fosse dura demais nos meus julgamentos, pois abominava o pecador tanto como o pecado; agora, creio ser mais caridosa e ponderada, mas não estou me tornando também mais indiferente e insensata? Que tola fui por

sonhar que tinha forças e pureza suficientes para salvar a mim e a ele! Uma presunção tão vaidosa seria acertadamente punida se eu perecesse com ele no golfo do qual pretendia salvá-lo! Porém, Deus me guarde disso! — e a ele também. Sim, pobre Arthur, eu ainda torcerei e rezarei por você; e embora escreva como se você fosse um patife abandonado, sem esperança e sem indulto, trata-se apenas de meus temores angustiados — meus fortes desejos que me obrigam a isso; alguém que o amasse menos seria menos amargo — ficaria menos insatisfeito.

Sua conduta tem sido, ultimamente, o que o mundo chama de impecável; mas sei que seu coração permanece inalterado — e sei que a primavera se aproxima, e temo bastante as consequências.

Já que começava a recobrar o tônus e o vigor de seu corpo exausto, e com isso também um pouco da antiga impaciência com o isolamento e o repouso, sugeri uma breve temporada à beira-mar, para sua recreação e para acelerar sua recuperação, e em prol também do nosso pequenino. Mas não: estações de águas eram de um tédio insuportável — além disso, um dos amigos o convidara para passar um ou dois meses na Escócia, para se divertirem caçando tetrazes e cervos, e ele prometera ir.

“Então você vai me abandonar de novo, Arthur?”, questionei.

“Sim, minha querida, mas só para amá-la ainda mais quando voltar, e recompensá-la por todas as afrontas e os defeitos do passado; e desta vez você não precisa ter medo: não há tentações nas montanhas. E durante a minha ausência, você pode fazer uma visita a Staningley, se quiser: faz tempo que seus tios querem nos receber lá; mas por algum motivo, existe tamanha antipatia entre mim e a boa senhora que jamais conseguiria ir.”

Estava totalmente disposta a me valer dessa permissão, apesar de muito apreensiva com as questões e os comentários de minha tia acerca da minha experiência conjugal, a respeito da qual eu fora muito discreta em minhas cartas, pois não tinha tantas coisas agradáveis a relatar.

Por volta da terceira semana de agosto, Arthur partiu para a Escócia e o sr. Hargrave o acompanhou, para minha secreta satisfação. Pouco

depois, fui com o pequeno Arthur e Rachel para Staningley, minha querida casa de outrora, a qual revi, bem como meus queridos amigos de outrora, seus habitantes, com sentimentos de prazer e dor tão mesclados que mal distinguia um do outro, nem saberia dizer a qual deles atribuir as diversas lágrimas, os sorrisos e os suspiros despertados por aqueles cenários, cores e rostos familiares. Ainda não fazia dois anos que eu os vira e os ouvira pela última vez; mas parecia ter sido há muito, muito mais tempo; e era natural que fosse assim, pois que mudanças imensuráveis eu havia sofrido! Quantas coisa não vira, e sentira, e aprendera desde então! Meu tio também parecia mais envelhecido e fraco, minha tia mais triste e séria. Creio que imaginasse que eu me arrependera da minha rispidez; embora não exprimisse abertamente sua convicção, nem me lembrasse em tom triunfante seus conselhos menosprezados, como eu receava que fizesse; mas ela me observava com minúcia — mais minuciosamente do que eu gostava de ser observada — e parecia desconfiar de minha alegria e distinguir em excesso cada sinalzinho de tristeza ou reflexão séria, notar todos meus comentários casuais, e em silêncio tirar deles suas próprias conclusões; também por um sistema de interrogatório cruzado silencioso, que era renovado de tempos em tempos, ela arrancou de mim coisas que em outras ocasiões eu não lhe contaria, e juntando as peças obteve, receio, uma noção bem clara das falhas do meu marido e das minhas aflições, mas não das fontes de conforto e esperança que ainda me restavam, pois, embora eu tentasse convencê-la das qualidades redentoras de Arthur, de nosso afeto mútuo e das muitas razões que eu tinha para ser grata e me contentar, ela recebia tais insinuações com frieza e serenidade, como se mentalmente fizesse as próprias deduções — deduções, tenho certeza, que estavam bem distantes da verdade; apesar de eu com certeza ter exagerado um pouco ao tentar retratar o lado bom da minha situação. Será que era o orgulho que me deixava tão ansiosa para parecer satisfeita com meu destino — ou era apenas a decisão de aguentar sozinha o fardo que havia me imposto, e resguardar minha melhor amiga da mínima participação nessas tristezas da qual se esforçara tanto para me salvar? Talvez fosse um pouco dos dois, mas sem dúvida o último motivo

predominava

Não prolonguei muito minha visita, pois não só via na incredulidade e na vigilância incessante de minha tia um cerceamento e uma censura silenciosa que me oprimiam mais do que ela poderia imaginar, como percebia que meu pequeno Arthur era um aborrecimento para o tio, embora este lhe desejasse bem, e não era muito divertido para a tia, embora fosse objeto de seu carinho sincero e de sua inquieta solicitude.

Minha querida tia! Você me criou com tanta ternura desde a infância, me orientou e me instruiu zelosamente durante a infância e a juventude; e eu não pude lhe dar nenhuma retribuição além desta — frustrar suas expectativas, opor-me a seus desejos, escarnecer de seus avisos e conselhos, e turvar seus últimos anos com temores angustiados e tristeza pelos sofrimentos que você não teria como aliviar? — Quase me partiu o coração pensar nisso; e inúmeras vezes tentei convencê-la de que estava feliz e satisfeita com meu destino; mas suas últimas palavras, quando me abraçou e beijou a criança nos meus braços, antes que eu entrasse na carruagem, foram:

“Cuide do seu filho, Helen, e que dias felizes ainda estejam no seu horizonte. Imagino bem o enorme conforto e tesouro que ele é agora, mas se você o mimar para recompensar seus sentimentos atuais, será tarde demais para se arrepender quando seu coração for partido.”

Arthur só chegou em casa algumas semanas depois da minha volta a Grassdale, mas não me sentia mais aflita em relação a ele: imaginá-lo participando de esportes ativos nas colinas silvestres da Escócia era bem diferente de saber que estava imerso nas corrupções e tentações de Londres. Suas cartas, agora, apesar de não serem nem longas nem carinhosas, eram mais regulares do que jamais tinham sido; e quando ele voltou, para minha enorme alegria, em vez de estar pior do que na partida, estava mais alegre e vigoroso, e melhor sob todos os aspectos. Desde aquela época, tive poucos motivos para reclamar. Ainda tem uma predileção lastimável pelos prazeres da mesa, contra os quais tenho que lutar e vigiar; mas começou a reparar no filho, que é cada vez mais uma fonte de diversão para ele dentro de casa; já a caça às raposas e a caça com cães lhe são ocupações suficientes ao ar livre

quando o solo não está endurecido pelo gelo; portanto, não depende só de mim para se entreter. Mas agora é janeiro: a primavera está chegando e, repito, temo as consequências de sua vinda. Aquela estação doce que antes eu recebia com júbilo como um período de esperança e felicidade agora desperta outros pressentimentos com sua volta.

31. Virtudes sociais

20 de março de 1824. A época temida chegou e Arthur se foi, conforme eu esperava. Desta vez, anunciou sua intenção de fazer uma breve estadia em Londres e atravessar para o continente, onde provavelmente ficará algumas semanas; mas só devo esperá-lo depois que se passarem várias semanas: agora sei que, com ele, dias significam semanas e semanas são meses.

Eu ia acompanhá-lo, mas, pouco antes do horário marcado para nossa partida, ele admitiu — e até mesmo me conclamou, com uma expressão de incrível abnegação, a visitar meu desventurado pai, que está muito adoentado, e meu irmão, que está muito triste tanto pela doença como pela causa dela, e a quem não vejo desde o dia em que nosso filho foi batizado, quando lhe serviu de padrinho junto com o sr. Hargrave e minha tia. Sem querer me aproveitar do altruísmo de meu marido ao permitir que eu o deixasse sozinho, fiz apenas uma curta estadia, mas quando voltei a Grassdale — ele já havia ido embora.

Ele deixou um bilhete explicando a partida às pressas, fingindo que uma súbita emergência exigira sua presença imediata em Londres e tornara impossível que esperasse meu retorno; acrescentou que era melhor eu não me dar ao trabalho de ir atrás dele, já que pretendia fazer uma estadia curtíssima, que nem valeria a pena; e como, é claro, poderia viajar sozinho por menos da metade do custo de uma viagem com minha companhia, talvez fosse melhor adiar o passeio para outro ano, quando ele já tiver deixado nossos negócios mais resolvidos, como tentava fazer agora.

Seria verdade? — ou a história toda tinha sido uma manipulação para garantir que ele partiria em sua excursão em busca de prazer sem

minha presença para cerceá-lo? É doloroso duvidar da sinceridade daqueles que amamos, mas depois de tantas provas de falsidade e profundo desdém aos princípios, como acreditar em uma situação tão improvável?

Resta-me uma fonte de consolo: ele me dissera, algum tempo antes, que se um dia voltasse a Londres ou Paris, seria mais comedido em seus deleites do que antes, para não destruir por completo sua capacidade de se divertir: não tinha ambição de viver até uma idade muito avançada, mas queria viver seu quinhão e, acima de tudo, saborear seus prazeres até o fim — com essa finalidade, achava necessário economizar, pois, receava, já não era um homem tão bonito quanto antes, e embora jovem, ultimamente havia detectado fios grisalhos no meio dos adorados cachos castanhos; desconfiava também que estava ficando um pouquinho mais gordo do que gostaria — mas isso se devia à boa vida e ao ócio; e quanto ao resto, acreditava estar forte e vigoroso como sempre, mas não havia como saber o que *outra* temporada dessas, de loucuras e diabruras irrestritas, como a última, fariam para derrubá-lo. Sim: ele disse isso *para mim* — com o descaramento sem rubor e aquele mesmo brilho alegre e travesso nos olhos que antes eu amava ver, e aquela risada grave, jovial, que me acalentava o coração.

Bem! Tais ponderações sem dúvida terão mais peso para ele do que as que eu poderia ressaltar. Veremos o que *elas* conseguem fazer pela sua preservação, já que não me sobram grandes esperanças.

30 de julho. — Ele voltou há cerca de três semanas, melhor em termos de saúde, certamente, do que antes, mas ainda pior no temperamento. E no entanto, talvez eu esteja errada: sou *eu* que estou menos paciente e tolerante. Cansei-me de sua injustiça, seu egoísmo e sua incorrigível *depravação* — eu gostaria que uma palavra mais branda fosse suficiente; não sou nenhum anjo e minha corrupção se amotina. Meu pobre pai faleceu na semana passada: Arthur ficou irritado ao saber, pois percebeu que eu estava chocada e triste, e temeu que a situação abalasse seu conforto. Quando falei em encomendar meu traje de luto, ele exclamou:

“Ah, detesto preto! Mas tanto faz, eu imagino que você tenha que usá-lo por um tempo, por formalidade; mas espero, Helen, que você não pense que é seu dever sagrado vestir seu semblante e seus modos de acordo com o traje fúnebre. Por que deveria suspirar e lamentar e eu ficar desconfortável porque um velho cavalheiro de —Shire, um estranho para nós dois, achou correto beber até morrer? — Pronto, estou vendo que você está chorando! Bom, deve ser fingimento.”

Ele não queria nem me ouvir falar de comparecer ao funeral, ou ficar lá por um ou dois dias para aplacar a solidão do pobre Frederick. Era totalmente desnecessário, ele declarou, e era um absurdo esse meu desejo. O que meu pai era para mim? Eu nunca o tinha visto, a não ser uma vez, quando bebê, e sabia muito bem que ele nunca me dera a menor importância — e meu irmão também, mal passava de um estranho. “Além disso, querida Helen”, disse ele, abraçando-me com um afeto lisonjeiro, “não posso ficar longe de você nem um dia.”

“Então como você ficou sem mim esses *muitos* dias?”, rebati.

“Ah! Antes eu estava perambulando mundo afora, agora estou em casa, e a casa sem você, minha deusa do lar, seria insuportável.”

“Sim, contanto que eu seja necessária ao seu conforto; mas não foi o que você disse antes, quando conclamou que eu o deixasse para que pudesse ir embora de sua casa sem mim”, retruquei; mas antes que as palavras escapassem de minha boca, eu já estava arrependida de proferi-las. Parecia uma acusação tão pesada: se falsa, seria uma ofensa grosseira; se verdadeira, seria um fato humilhante demais para atirá-lo abertamente em seu colo. Mas eu poderia ter me poupado dessa pontada momentânea de remorso. A acusação não despertou nele nem vergonha nem indignação: ele não tentou nem negar nem explicar, apenas respondeu com uma risada à socapa longa, grave, como se visse toda a operação, do começo ao fim, como uma pilhéria astuta, divertida. Sem dúvida esse homem ainda me fará detestá-lo!

*Já que você a preparou, minha bela donzela,
Tenha em mente que a poção beberás.*¹

Sim, e *vou* bebê-la até a última gota, e ninguém além de mim saberá o quanto ela é a amarga!

20 de agosto. — Tornamos a nos acomodar na situação costumeira. Arthur está quase de volta aos antigos hábitos e estado; e eu descobri que a ideia mais sábia é fechar meus olhos para o passado e o futuro, no que diz respeito a *ele*, e viver apenas para o presente; amá-lo quando possível; sorrir (se possível) quando ele sorri, me alegrar quando ele está alegre, e me contentar quando ele está agradável; e quando não estiver, tentar deixá-lo assim — e se não der certo, aguentá-lo, desculpá-lo e perdoá-lo, até onde conseguir, e impedir minhas iras nocivas de agravarem a situação; e no entanto, enquanto cedo e sirvo às suas propensões mais inofensivas à permissividade, faço tudo o que está em meu poder para salvá-lo do pior.

Porém, não ficaremos muito tempo a sós. Em breve terei que entreter o mesmo grupo seletivo de amigos que recebemos no penúltimo outono, com a inclusão do sr. Hattersley e, atendendo a um pedido especial que fiz, sua esposa e filha. Estou ansiosa para ver Milicent — e também sua filhinha. Esta tem agora mais de um ano de idade; será uma adorável companhia para o meu pequeno Arthur.

30 de setembro. — Faz uma ou duas semanas que nossos convidados estão aqui, mas não tive tempo para tecer nenhum comentário sobre eles até agora. Não consigo superar minha antipatia por Lady Lowborough. Não se baseia em mero ressentimento pessoal: é pela mulher em si que tenho antipatia, já que a desaprovo inteiramente. Sempre evito sua companhia até onde me é possível sem violar as leis da hospitalidade; mas quando conversamos e trocamos impressões, é com extrema civilidade — até mesmo uma aparente cordialidade de sua parte; mas me poupe dessa cordialidade! É como lidar com roseiras bravas e flores de espinheiro — belas o suficiente para os olhos, e aparentemente suaves ao toque, mas sabendo-se que têm espinhos por baixo, os quais se sente de vez em quando; e talvez se ressinta das feridas e as esmague até destruir o poder que detêm, embora em detrimento de seus próprios dedos.

Ultimamente, no entanto, não vi nada em sua conduta com Arthur que me cause raiva ou sobressalto. Durante os primeiros dias, achei que parecia muito ansiosa para conquistar sua admiração. Seus

esforços não lhe passaram despercebidos: eu volta e meia o via sorrindo sozinho diante de suas manobras ardilosas; mas preciso elogiá-lo, pois suas lanças caíram, débeis, aos pés dele. Seus sorrisos mais encantadores, suas carrancas mais arrogantes eram sempre recebidos com o mesmo bom humor imutável, indiferente; até que, percebendo que estava de fato impenetrável, ela de repente mitigou os esforços e se tornou, pelo que parecia, tão indiferente quanto ele. Tampouco testemunhei desde então algum sintoma de ressentimento da parte dele, ou novas tentativas de conquista da parte dela.

É assim que deveria ser, mas Arthur jamais permitirá que eu esteja satisfeita com ele. Nunca, nem por uma hora desde que me casei com ele, soube o que é realizar aquela doce ideia de “na quietude e na confiança está o seu vigor”. Aqueles dois homens detestáveis, Grimsby e Hattersley, destruíram todo o meu trabalho contra o amor de Arthur pelo vinho. Eles o instigam diariamente a ultrapassar os limites da moderação e, não raro, a se desgraçar pelo excesso absoluto. Demorarei muito para me esquecer da segunda noite após a chegada deles. Assim que me retirei da sala de jantar com as damas, antes de sequer fecharem a porta, Arthur exclamou:

“Agora sim, meus rapazes, o que acham de uma folia de verdade?”

Milicent me lançou um olhar meio reprovador, como se *eu* pudesse impedi-lo; mas sua atitude mudou quando escutou a voz de Hattersley gritando através da parede e da porta:

“Eu concordo! Peça mais vinho: isso aqui não dá nem para a metade!”

Mal tínhamos entrado na sala de estar quando o Lord Lowborough se juntou a nós.

“O que o induz a vir tão cedo?”, exclamou a esposa, com um ar indelicado de insatisfação.

“Você sabe que nunca bebo, Annabella”, ele respondeu, muito sério.

“Bem, você poderia ter ficado um pouco mais com eles; fica meio ridículo estar sempre atrás das mulheres — é incrível como consegue!”

Ele a censurou com um olhar de um misto de amargura com surpresa, e se afundando na poltrona reprimiu um suspiro profundo, mordeu os lábios pálidos e fixou os olhos no chão.

“Fez bem em deixá-los, Lord Lowborough”, declarei. “Creio que vai sempre nos honrar cedo com sua companhia. E se Annabella soubesse do valor da verdadeira sabedoria, e da desgraça da extravagância e... da intemperança, não falaria tamanho absurdo — nem de brincadeira.”

Ele levantou os olhos enquanto eu falava, e os virou para mim com um semblante meio surpreso e meio absorto, e depois voltou o olhar para a esposa.

“Pelo menos”, disse ela, “sei do valor de um coração quente e um espírito audaz, viril!”

E apontou as palavras para mim com um olhar triunfal, que parecia dizer “E já é mais do que *you* sabe”, e um olhar de escárnio para o marido, que lhe penetrou a alma. Fiquei muito exasperada, mas não cabia a mim repreendê-la nem, ao que parecia, exprimir minha solidariedade ao marido sem ferir os sentimentos dele. Só me restava, para obedecer ao meu impulso interior, entregar-lhe uma xícara de café, levando-a pessoalmente até ele antes de servir as damas, para contrabalançar o desprezo dela com meu excesso de deferência. Ele a pegou de minha mão com um gesto mecânico, com uma leve mesura, e no minuto seguinte se levantou e o deixou na mesa, sem ser provado, olhando não para a xícara, mas para ela.

“Bem, Annabella”, disse ele, em tom grave e vazio, “como minha presença lhe é desagradável, vou poupá-la dela.”

“Então você vai voltar para eles?”, ela indagou, indiferente.

“Não”, ele exclamou, com uma ênfase ríspida e espantosa, “eu não vou voltar para eles! E nunca vou ficar com eles nem um minuto além do que acho correto, nem por você nem por qualquer outro que procure me fazer cair em tentação! Mas você não precisa se preocupar com isso — nunca mais voltarei a incomodá-la impondo minha companhia de forma tão inconveniente.”

Ele saiu da sala, ouvi a porta do corredor se abrir e se fechar, e logo depois, puxando a cortina de lado, eu o vi andando de um lado para outro da propriedade, na penumbra desconfortável do lusco-fusco úmido, nublado.

Era sempre desagradável testemunhar cenas como essa. Nosso

grupinho ficou em absoluto silêncio por um instante. Milicent brincava com a colher de chá e parecia desconcertada e constrangida. Se Annabella sentia alguma vergonha ou inquietude, tentou esconder com uma risada curta, despreocupada, e se concentrou calmamente no café.

“Seria um belo castigo, Annabella”, eu disse, por fim, “se Lord Lowborough retomasse os velhos hábitos, que quase o arruinaram e que ele conseguiu romper com tanto empenho. Aí então você teria motivo para se arrepender de uma conduta como essa.”

“De jeito nenhum, minha querida! Eu não ligaria se o lorde achasse conveniente se inebriar todos os dias: ficaria livre dele mais cedo.”

“Nossa, Annabella!”, exclamou Milicent. “Como você é *capaz* de dizer coisas tão perversas? Seria de fato um belo castigo, quanto a você, se a Providência se fiasse no que você diz e a obrigasse a sentir o que as outras sentem que...” Ela se calou quando nos alcançou, vindo da sala de jantar, um súbito acesso de vozes altas e gargalhadas, com a voz de Hattersley mais proeminente, mesmo para os meus ouvidos sem prática.

“O que você está sentindo neste momento, imagino?”, disse Lady Lowborough, com um sorriso malicioso, fixando o olhar no semblante aflito da prima.

Ela não deu resposta, mas desviou o rosto e enxugou uma lágrima. Naquele momento, a porta se abriu e quem entrou foi o sr. Hargrave; só um pouco enrubescido, os olhos negros brilhando com uma vivacidade incomum.

“Ah, que bom que você veio, Walter!”, bradou sua irmã. “Mas eu queria que você tivesse trazido também o Ralph.”

“Totalmente impossível, querida Milicent”, ele respondeu, alegre. “Tive muita dificuldade para sair. O Ralph tentou me segurar usando de violência; o Huntingdon me ameaçou com a perda eterna de sua amizade; e o Grimsby, o pior de todos, tentou me deixar com vergonha de minha virtude mediante sarcasmos e insinuações irritantes, dos tipos que ele sabia que seriam mais ofensivos. Então vejam, as senhoras precisam fazer com que eu me sinta bem-vindo depois de ter enfrentado e sofrido tanto por preferir essa doce

companhia.” Ele se virou para mim sorrindo e fez uma medida ao terminar a frase.

“Ele não é *lindo*, Helen?”, sussurrou Milicent, com o orgulho fraternal sobrepujando, por um instante, todos os outros fatores.

“Ele seria”, retruquei, “se esse brilho nos olhos, nos lábios e nas faces lhe fossem naturais; mas olhe de novo daqui a algumas horas.”

Então o cavalheiro se acomodou perto de mim à mesa e pediu uma xícara de café.

“Considero essa uma ilustração adequada do céu tomado de assalto”, disse ele, quando lhe servi uma xícara. “Agora estou no paraíso, mas enfrentei a água e o fogo para conquistá-lo. O último expediente de Ralph Hattersley foi apoiar as costas na porta e jurar que eu teria que atravessar seu corpo (e é um corpo de peso). Por sorte, no entanto, aquela não era a única porta, e consegui escapular pela entrada lateral, passando pela copa, para a enorme perplexidade de Benson, que estava limpando as louças.”

O sr. Hargrave riu, assim como sua prima, mas a irmã e eu continuávamos quietas e sérias.

“Perdoe minha leviandade, sra. Huntingdon”, ele murmurou, mais sério, ao levantar os olhos para o meu rosto. “A senhora não está acostumada com essas coisas: a senhora permite que afetem demais sua mente delicada. Mas pensei na senhora em meio àqueles fanfarrões descontrolados; e tentei convencer o sr. Huntingdon a também pensar na senhora, mas foi em vão: receio que esteja totalmente decidido a usufruir desta noite, e não vai servir de nada deixar o café à espera dele ou de seus companheiros; já será algo se nos acompanharem no chá. Entretanto, eu gostaria, com toda a sinceridade, de poder expulsar de sua mente os pensamentos sobre eles — e da minha também, pois detesto pensar neles — sim — mesmo no meu querido amigo Huntingdon, quando reflito sobre a influência que exerce sobre a felicidade de uma pessoa imensuravelmente superior a ele, e sobre o uso que faz dessa influência — chego a *detestar* o sujeito!”

“É melhor o senhor não me dizer essas coisas, então”, declarei, “pois, por pior que ele seja, é parte de mim, e o senhor não tem como

ofendê-lo sem ofender a mim.”

“Então me perdoe, pois preferiria morrer a ofender a senhora. — Mas não falemos mais nada sobre ele por enquanto, se assim quiser.”

Ele mudou por completo o rumo da conversa, e exercendo todo seu poder de divertir nosso pequeno grupo, falou sobre assuntos diversos indo além do brilhantismo e da fluência habituais, dirigindo-se, às vezes, exclusivamente a mim, às vezes ao trio de senhoras. Annabella conduzia alegremente sua parte na conversa; mas eu estava muito triste — sobretudo quando acessos de gargalhadas altas e canções incoerentes atravessavam as três portas, o corredor e a antessala, sobressaltavam meus ouvidos e penetravam em minhas têmporas doloridas — e Milicent, em certa medida, compartilhava de meus sentimentos; portanto, para nós, a noite pareceu muito longa, apesar dos esforços aparentemente amistosos de Hargrave de lhe dar o efeito contrário.

Por fim, eles vieram, mas não antes das dez horas, quando o chá, que já tinha sido adiado por mais de meia hora, estava quase acabando. Embora ansiasse pela chegada deles, meu coração vacilou com o alvoroço tumultuado da aproximação, e Milicent empalideceu e quase se levantou da cadeira quando o sr. Hattersley irrompeu na sala com uma saraivada estrepitante de pragas na boca, que Hargrave tentou parar rogando que ele se lembrasse das senhoras.

“Ah! Você faz bem em me lembrar das damas, seu desertor pusilânime”, bradou ele, sacudindo o formidável punho para o cunhado, “se não fosse por elas, como você bem sabe, eu o demoliria em um piscar de olhos, e daria seu corpo às aves do céu e aos lírios do campo!” Em seguida, plantando uma cadeira ao lado de Lady Lowborough, acomodou-se e começou a falar com ela, com uma mistura de bobagens e atrevimento ignóbil que pareceu mais diverti-la do que ofendê-la, embora ela fingisse se ressentir da insolência e rechaçá-lo com réplicas astutas e espirituosas.

Enquanto isso, o sr. Grimsby se sentava ao meu lado, na poltrona desocupada por Hargrave quando eles entraram, e declarou em tom sério que me agradeceria muito por uma xícara de chá; e Arthur se postou ao lado da pobre Milicent, aproximando demais seu rosto do

dela e se achegando à medida que ela se afastava. Não estava tão ruidoso quanto Hattersley, mas seu rosto estava vermelho demais, ele ria sem parar e, enquanto eu ruborizava por tudo o que via e ouvia dele, estava contente porque decidira falar com a companheira em tom baixo o suficiente para que ninguém além dela o escutasse. Devia ser uma bobagem intolerável, na melhor das hipóteses, pois ela parecia muito incomodada, e primeiro ficou de rosto vermelho, depois empurrou a cadeira para trás num gesto indignado, e por fim se refugiou atrás de mim, no sofá. A única intenção de Arthur parecia ser causar efeitos desagradáveis: ele riu desmedidamente ao ver que a tinha afastado — puxando sua cadeira para junto da mesa, ele se debruçou sobre os braços cruzados e se entregou a um ataque de riso fraco, grave, tolo. Quando se cansou desse exercício, levantou a cabeça e bradou para Hattersley, e assim começou um debate clamoroso entre os dois, sobre o quê, não sei dizer.

“Que tolos eles são!”, disse com a fala arrastada o sr. Grimsby, que vinha falando sem parar, a meu lado, sempre com uma solenidade sentenciosa; mas eu estava absorta demais contemplando o estado deplorável dos outros dois — principalmente de Arthur — para lhe dar atenção.

“Já ouviu alguém falar tanta asneira, sra. Huntingdon?”, ele continuou. “Eu mesmo fico morto de vergonha por eles: não conseguem nem dividir uma garrafa sem que a bebida lhes suba à cabeça...”

“O senhor está despejando o creme no pires, sr. Grimsby.”

“Ah! Sim, estou vendo, mas estamos quase na penumbra aqui dentro. Hargrave, espeвите essas velas, por favor?”

“São de cera, não precisam ser espevitadas”, expliquei.

“A candeia do corpo são os olhos”, observou Hargrave, com um sorriso sarcástico. “De sorte que, se os teus olhos forem *solteiros*, todo o teu corpo terá luz.”

Grimsby o repeliu com um aceno solene, e então, se voltando para mim, continuou, com o mesmo tom arrastado, uma incomum incerteza no modo de se expressar e o semblante sério de antes: “Mas, como eu estava dizendo, sra. Huntingdon — eles não têm cabeça

nenhuma: não aguentam nem meia garrafa sem sofrerem algum impacto; enquanto eu — bom, eu tomei o triplo do que eles tomaram hoje e, como a senhora vê, estou muito bem. Agora, isso pode lhe parecer peculiar, mas acho que posso explicar: a senhora vê o cérebro *deles* — não menciono nomes, mas a senhora entende a quem aludo — para começo de conversa, o cérebro *deles* já é poroso, e as emanções da bebida fermentada os deixam ainda mais porosos, e geram toda uma tontura, ou alegria, que resulta na embriaguez; já o *meu* cérebro, composto de matérias mais sólidas, absorve uma quantidade considerável desse vapor alcoólico sem gerar nenhuma consequência perceptível...”.

“Acho que uma consequência perceptível resultará deste chá”, interrompeu o sr. Hargrave, “pela quantidade de açúcar que você pôs. Em vez da dose habitual, um torrão, você pôs seis.”

“Foi?”, replicou o filósofo, mergulhando a colher na xícara e trazendo à tona vários torrões dissolvidos pela metade, que confirmavam a afirmação. “Hm! Estou vendo. Assim, madame, veja o mal da ausência da mente — pensar demais quando se está envolvido em questões comuns da vida. Agora, se eu estivesse com a cabeça no lugar, como os homens normais, em vez de dentro de mim, como um filósofo, não teria estragado esta xícara de chá e não seria obrigado a lhe pedir outra. — Com a sua licença, vou virar esta aqui na tigela de dejetos.”

“Este é o açucareiro, sr. Grimsby. Agora o senhor também estragou o açúcar, e vou lhe agradecer se o senhor tocar o sino para pedir mais — pois aqui está Lord Lowborough, finalmente; e espero que o lorde nos dê a honra de se juntar a nós, apesar da situação, e me permita lhe servir um chá.”

O lorde fez uma mesura em resposta ao meu apelo, mas nada disse. Nesse ínterim, Hargrave se voluntariou a tocar o sino e pedir mais açúcar, enquanto Grimsby lamentava o engano e tentava provar que era decorrido da sombra da urna e da escassez de luz.

Lord Lowborough entrara um ou dois minutos antes, despercebido para todos menos para mim, e ficara parado à porta, fechando a carranca ao examinar o grupo. Aproximou-se de Annabella, que estava

sentada de costas para ele, com Hattersley ainda a seu lado, embora, ocupado com as ofensas vociferantes e as intimidações ao anfitrião, não prestasse atenção nela.

“Bem, Annabella”, disse seu marido, debruçando-se sobre as costas da poltrona, “com qual desses três homens de ‘espírito audaz, viril’ você gostaria que eu me parecesse?”

“Pelos céus e pela terra, você devia ser parecido com todos nós!”, bradou Hattersley, levantando-se e o segurando rudemente pelo braço. “Alô, Huntingdon!”, ele berrou, “*peguei* ele! Vem, rapaz, e me ajuda! E malditos sejam meu corpo e minha alma se eu não o deixar bêbado de cair antes de soltá-lo! Ele vai compensar todas as delinquências do passado, nem que seja por cima do meu cadáver!”

A isso seguiu-se uma disputa deplorável; Lord Lowborough, com uma seriedade desesperada, e pálido de raiva, lutando em silêncio para se desvencilhar do louco que tentava arrastá-lo a força daquela sala. Tentei exortar Arthur a intervir em prol do convidado indignado, mas ele só conseguia rir.

“Huntingdon, seu tolo, venha me ajudar, venha!”, gritou Hattersley, um pouco enfraquecido pelos excessos.

“Estou lhe desejando boa sorte, Hattersley”, berrou Arthur, “e ajudando com minhas orações: eu não poderia fazer mais nada nem se quisesse! Estou acabado. Ah, ah!”, e recostado na cadeira, batia a palma das mãos nas pernas e gemia alto.

“Annabella, me passe uma vela!”, pediu Lowborough, cujo antagonista agora o segurava pela cintura e tentava arrancá-lo do batente da porta, na qual havia se agarrado com toda a energia do desespero.

“*Eu* me recuso a participar de suas brincadeiras grosseiras!”, respondeu a dama, afastando-se com frieza. “Me espanta que espere isso de mim.”

Mas eu peguei uma vela e levei até Lord Lowborough. Ele a pegou e segurou a chama contra as mãos de Hattersley até que, rugindo como um animal selvagem, o outro as abrisse e o soltasse. Desapareceu, imagino que no próprio quarto, pois só foi visto de novo na manhã seguinte. Hattersley, xingando e praguejando como um maníaco,

atirou-se na otomana junto à janela. Agora que a porta estava livre, Milicent tentou fugir da cena da desgraça do marido, mas ele a chamou de volta e insistiu que se aproximasse.

“O que você quer, Ralph?”, ela murmurou, relutando em chegar perto dele.

“Quero saber o que há de errado com você”, disse ele, sentando-a em seu joelho como se fosse uma criança. “Por que está chorando, Milicent? — Me conte!”

“Não estou chorando.”

“Está, sim”, ele insistiu, tirando as mãos dela do rosto, em um gesto rude. “Como ousa mentir desse jeito?”

“Não estou chorando agora”, ela argumentou.

“Mas antes estava — e agorinha mesmo também, e eu vou descobrir por quê. Vamos, você *tem que* me dizer!”

“Me deixe em paz, Ralph! Lembre-se de que não estamos em casa.”

“Não importa: você *tem que* responder à minha pergunta!”, exclamou seu atormentador; e ele tentou extrair uma confissão sacudindo-a e apertando sem remorso os braços finos da esposa com seus dedos fortes.

“Não deixe que ele trate sua irmã desse jeito”, eu disse ao sr. Hargrave.

“Vamos, Hattersley, isso eu não posso permitir”, disse o cavalheiro, aproximando-se do casal mal-arranjado. “Faça o favor de deixar a minha irmã em paz.” E fez um esforço para tirar os dedos do rufião dos braços da irmã, mas de repente foi empurrado para trás e quase caiu no chão por conta de um soco violento no peito acompanhado da advertência:

“Isso aqui é pela sua insolência! — e aprenda a não se meter entre mim e o que é meu.”

“Se você não estivesse completamente embriagado, eu revidaria com satisfação!”, ofegou Hargrave, branco e esbaforido tanto de raiva como dos efeitos imediatos do golpe.

“Vá para o diabo!”, respondeu o cunhado. “Agora, Milicent, me conte por que estava chorando.”

“Conto em outro momento”, ela murmurou, “quando estivermos a

sós.”

“Conte agora!”, ele disse com outra sacudida e um apertão que a levaram a perder o fôlego e a morder os lábios para conter um grito de dor.

“*Eu vou lhe contar, sr. Hattersley*”, declarei. “Ela estava chorando de pura humilhação e vergonha do senhor; porque não aguentou vê-lo se comportar de forma tão infame.”

“Raios a partam, madame!”, ele resmungou, com um olhar de estupefação tola diante do meu “atrevimento”. “*Não foi isso — foi, Milicent?*”

Ela ficou calada.

“Vamos, fala, criança!”

“Não posso lhe contar agora”, ela soluçou.

“Mas você pode dizer ‘sim’ ou ‘não’ assim como disse ‘não posso contar’ — Anda!”

“Sim”, ela sussurrou, abaixando a cabeça e ruborizando com a terrível confissão.

“Então amaldiçoada seja pela vileza impertinente!”, bradou ele, empurrando-a para longe com tanta violência que ela caiu de lado; porém, já estava de pé outra vez antes que eu ou o irmão pudéssemos ajudá-la, e se conformou em sair logo da sala e, imagino, subir a escada, sem perder tempo.

O alvo seguinte de um golpe foi Arthur, que estava sentado de frente para ele e sem dúvida havia saboreado a cena toda.

“Agora, Huntingdon”, exclamou seu amigo irascível, “não vou permitir que você fique sentado aí rindo feito um idiota!”

“Ah, Hattersley!”, ele disse, enxugando os olhos molhados, “você ainda me mata.”

“É verdade, mas não como você imagina: vou arrancar seu coração do corpo, rapaz, se você me irritar mais um pouco com sua risada imbecil! — Que foi? Continua rindo? — Pronto! Veja se assim você se acalma!”, bradou Hattersley, pegando um escabelo para arremessar na cabeça do anfitrião; no entanto, ele errou a mira e Huntingdon continuou prostrado na poltrona, tremendo com sua risada fraca, as lágrimas escorrendo pelo rosto; era um espetáculo realmente

deplorável.

Hattersley tentou xingar e praguejar, mas foi em vão; então pegou um bocado de livros da mesa ao lado e os jogou, um por um, no alvo de sua ira, porém Arthur só gargalhava ainda mais; e, por fim, Hattersley avançou sobre ele em fúria, e, segurando-o pelos ombros, lhe deu uma sacudida brutal, sob a qual ele ria e guinchava de forma assustadora. Mas eu não vi mais nada: achei que já testemunhara muito da degradação de meu marido; e, deixando que Annabella e o restante agissem como bem entendessem, me retirei — mas não fui para a cama. Dispensei Rachel, dizendo que fosse dormir, e subi até o meu quarto, agoniada pelo sofrimento diante do que havia acontecido, e pela ansiedade de não saber o que mais poderia acontecer ou como e quando aquela criatura infeliz iria para a cama.

Por fim, ele veio, devagar e cambaleante, subindo os degraus, escorado por Grimsby e Hattersley, os quais tampouco andavam com firmeza, mas ambos riam e brincavam com ele, e faziam barulho para que todos os criados escutassem. Ele mesmo já não ria mais, pois estava enjoado e letárgico — não vou escrever mais nada sobre isso.

Essas cenas infames (ou quase) se repetiram mais de uma vez. Não falo muito disso com Arthur, pois se falasse, faria mais mal do que bem; mas o informo de que odeio esses espetáculos; e sempre ele promete que nunca voltarão a se repetir; mas receio que esteja perdendo o pouco autocontrole e amor-próprio que já teve: antigamente, teria vergonha de agir assim — pelo menos diante de outras testemunhas que não seus amigos íntimos, ou iguais a eles. Seu amigo Hargrave, com a prudência e o autocontrole que invejo *por Arthur*, nunca se desonra bebendo mais que o suficiente para deixá-lo um pouco “alegre”, e é sempre o primeiro a se retirar da mesa após Lord Lowborough, que, ainda mais sábio, insiste em sair da sala de jantar imediatamente após as damas; mas nunca mais, desde que Annabella o ofendera com tanta veemência, entrou na sala de estar antes dos outros: sempre passa o intervalo na biblioteca, que eu tomo o cuidado de deixar iluminada para sua comodidade — ou, nas noites agradáveis de luar, fica perambulando pela propriedade. Mas acho que ela se arrepende de sua conduta, pois nunca mais a repetiu, e nos

últimos tempos tem se comportado com ele com uma civilidade incrível, tratando-o com uma gentileza e consideração mais constantes do que eu jamais vira. Creio que esse progresso aconteceu no momento em que parou de esperar e buscar a admiração de Arthur.

1. Do poema “Country Lassie”, de Robert Burns (1759-96). (n. t.)

32. Comparações: Informações rejeitadas

5 de outubro. — Esther Hargrave está se tornando uma bela moça. Ainda não terminou sua formação escolar, mas a mãe volta e meia a traz em visitas matinais quando os cavalheiros não estão em casa, e às vezes ela passa uma ou duas horas acompanhada da irmã, de mim e das crianças; e quando vamos a Grove, sempre dou um jeito de vê-la, e converso mais com ela do que com qualquer outra pessoa, pois sou muito apegada à minha amiguinha, assim como ela a mim. Eu me pergunto o que vê em mim, no entanto, pois já não sou a garota feliz e vivaz que eu era; mas Esther não tem outras companhias — a não ser da mãe antipática e da preceptora (a pessoa mais artificial e convencional que aquela mãe prudente conseguiu arranjar para retificar as qualidades naturais da pupila) e, vez por outra, sua irmã calada, desanimada. Não raro me pergunto qual será o destino — e ela também se pergunta; mas as especulações *dela* sobre o futuro são cheias de esperança — assim como as minhas já foram. Estremeço ao pensar que possa despertar, assim como eu, para a vaidade ilusória. Tenho a sensação de que deveria sentir até mais por sua frustração do que pela minha: sinto quase como se eu tivesse nascido com esse destino, mas *ela* é tão alegre e jovem, tem o coração tão leve e um espírito livre, e também é ingênua e confiante — ah, seria cruel fazê-la se sentir como me sinto agora, e saber o que sei!

A irmã também estremece por ela. Ontem de manhã, em um dos dias mais claros e encantadores de outubro, Milicent e eu estávamos no jardim aproveitando uma breve meia hora com nossos filhos, enquanto Annabella ficava deitada no sofá da sala de estar, compenetrada na leitura do último romance. Estávamos brincando

com os pequeninos, quase tão felizes e selvagens quanto eles, e paramos à sombra de uma faia alta, para recobrar o fôlego e ajeitar nossos cabelos, desarrumados pelas brincadeiras brutas e a brisa travessa — enquanto eles vacilavam pela alameda ampla, ensolarada; meu Arthur amparando os passos mais incertos da pequena Helen, e lhe apontando com sagacidade as grandes belezas à margem de onde passavam, com balbucios não muito bem articulados que para ela valiam tanto quanto qualquer outra forma de discurso. Ao rir perante aquela bela visão, começamos a falar do futuro das crianças, o que nos deixou pensativas. Ambas caíamos em uma reflexão silenciosa enquanto vagorosamente percorríamos a alameda, e imagino que Milicent, por um fio de associações, foi levada a pensar na irmã.

“Helen”, disse ela, “você vê a Esther com frequência, não vê?”

“Não muita.”

“Mas você tem mais oportunidade de vê-la do que eu, e sei que ela a ama e a venera: não há outra opinião que ela considere tanto, e ela diz que você é mais sensata que a mamãe.”

“É porque ela é teimosa, e minhas opiniões coincidem mais com as dela do que com as da mãe. Mas o que acontece, Milicent?”

“Bem, já que você exerce tanta influência sobre ela, gostaria que incutisse seriamente nela a ideia de nunca, sob hipótese nenhuma nem sob a persuasão de ninguém, casar-se por dinheiro, ou títulos, ou convenção, ou qualquer outro fator mundano, e sim por afeição genuína e estima bem fundamentada.”

“Não há necessidade”, declarei, “porque já tivemos algumas conversas sobre esse assunto e posso lhe garantir que as ideias dela quanto ao amor e ao matrimônio são tão românticas quanto você gostaria que fossem.”

“Mas ideias românticas não servem: quero que ela tenha ideias realistas.”

“Muito bem, mas na minha opinião, o que o mundo estigmatiza como romantismo muitas vezes está mais alinhado à realidade do que costuma se supor, pois embora as ideias generosas da juventude sejam toldadas volta e meia pelas sórdidas visões da vida futura, isso não prova que sejam falsas.”

“Bom, mas se você acha que as ideias dela são o que deveriam ser, reforce-as, está bem? E confirme ao máximo, porque *eu* já tive ideias românticas e — não quero dizer que lamento meu destino, pois tenho quase certeza de que não... mas...”

“Eu entendo”, afirmei, “você está satisfeita por si, mas preferiria que sua irmã não aguentasse o mesmo que você.”

“Não — ou algo pior. Ela pode ter que sofrer muito mais do que eu — pois estou *de fato satisfeita*, Helen, embora você ache que não: digo a verdade quando declaro que não trocaria meu marido por nenhum homem do mundo, mesmo podendo fazê-lo só arrancando esta folha da árvore.”

“Bem, eu acredito: agora que você o tem, *não* trocaria por outro, mas ficaria contente em trocar algumas de suas características pelas de homens melhores.”

“Sim, assim como ficaria contente em trocar algumas de minhas características pelas de mulheres melhores, pois nem ele nem eu somos perfeitos, e desejo seu aprimoramento tanto quanto desejo o meu. E ele vai melhorar — você não acha, Helen? — ele tem somente vinte e seis anos.”

“Talvez”, respondi.

“Ele vai — ele vai!”, ela repetiu.

“Desculpe a falta de vigor da minha concordância, Milicent; eu não desestimularia suas esperanças por nada neste mundo, mas as minhas foram frustradas tantas vezes que me tornei tão fria e desconfiada nas minhas expectativas quanto o mais maçante dos octogenários.”

“E no entanto você ainda tem esperanças — até mesmo para o sr. Huntingdon?”

“Tenho, confesso — ‘até’ para *ele*, pois me parece que enquanto houver vida, há esperança. E ele é *muito* pior, Milicent, do que o sr. Hattersley?”

“Bem, para lhe dar minha honesta opinião, acho que não existe comparação entre os dois. Mas não se ofenda, Helen, porque você sabe que vou sempre falar minha opinião, e você também pode falar a sua, não me importo.”

“Não me ofendo, meu amor; e a *minha* opinião é de que se *existe*

comparação entre os dois, a diferença, de modo geral, é favorável ao Hattersley.”

O coração de Milicent lhe dizia o quanto me custara reconhecer esse fato; e, com um impulso infantil, ela exprimiu sua solidariedade me dando um beijo repentino na bochecha, sem nem uma palavra em resposta, virando-se rapidamente para alcançar a filha e esconder o rosto em seu vestido. Que estranho tantas vezes chorar pelas mágoas da outra enquanto não derramamos nenhuma lágrima pelas nossas! O coração dela estava bem cheio de tristezas, mas trasbordava à ideia das minhas — e eu também vertia lágrimas ao ver sua demonstração de empatia, embora eu não chorasse por mim mesma havia semanas.

Porém, a satisfação de Milicent com sua escolha não é inteiramente fingida: ela de fato ama o marido, e é bem verdade que ele não perde nada se comparado ao meu. Ou é menos descontrolado nos excessos, ou, por conta de sua compleição mais forte, mais robusta, eles surtem um efeito bem menos deletério nele, pois nunca se reduz a um estado que se aproxime da imbecilidade, e com ele o pior resultado de uma noite de intemperança é um leve aumento da irascibilidade, ou talvez um período de ferocidade rabugenta na manhã seguinte: não há aquela aparência perdida, deprimente — aquele mau humor impaciente, ignóbil, que esgota uma pessoa de vergonha pelo transgressor. Entretanto, antigamente não era assim com Arthur: ele tolera menos agora do que quando tinha a idade de Hattersley, e se este não se emendar, sua capacidade de resistência pode ser também enfraquecida depois de colocá-la à prova por tanto tempo. Ele tem cinco anos de vantagem sobre o amigo, e os vícios ainda não o dominaram: não se dobrou a eles nem os incorporou como parte de si. Parecem se assentar frouxamente nele, como um manto que poderia atirar para longe a qualquer momento, se quisesse — mas por quanto tempo ainda terá essa opção? — Embora seja uma criatura de entusiasmos e sensatez, apesar dos deveres e dos grandes privilégios dos seres inteligentes, ele não é voluptuoso: prefere as diversões mais ativas e revigorantes às mais relaxantes e inquietantes. Não transforma em *ciência* a satisfação de seus apetites quanto aos prazeres à mesa, tampouco em relação a nada mais; come com entusiasmo o que lhe

põem à frente, sem se humilhar com a entrega ao paladar e aos olhos — aquela meticulosidade indecorosa na aprovação ou desaprovação que é tão detestável de ver em quem estimamos. Receio que Arthur se entregaria à luxúria como um fim em si mesmo, e poderia acabar mergulhando nos mais vulgares excessos, se não fosse o medo de entorpecer de forma irremediável seus apetites e destruir sua capacidade de desfrutá-los ainda mais. Para Hattersley, por mais que seja um rufião sem graça, creio haver bases mais razoáveis para a esperança; e — longe de mim responsabilizar a pobre Milicent pelas delinquências do marido — mas de fato acho que se ela tiver coragem ou força para dar sua opinião e defender suas ideias sem esmorecer, haverá mais chances de que se recupere, e provavelmente assim ele a tratará melhor, e a amará mais, no fim das contas. Em certa medida, sou levada a pensar assim com base no que ele mesmo me disse não muitos dias atrás — pretendo dar alguns conselhos a Milicent acerca do assunto uma hora dessas; mas ainda assim, hesito devido à consciência de que suas ideias e natureza são contrárias a tal atitude, e que, se meus conselhos não servirem de nada, farão mal ao deixá-la mais infeliz.

Foi em um dia de chuva da semana passada: o grupo, em sua maioria, estava passando o tempo na sala de bilhar, mas Milicent e eu estávamos com os pequenos Arthur e Helen na biblioteca, e entre os livros, os filhos e nós duas, esperávamos criar uma manhã agradável. Estávamos reclusas não fazia nem duas horas, no entanto, quando o sr. Hattersley entrou, atraído, suponho, pela voz da filha ao cruzar o corredor, pois ele a adora, e ela também adora o pai.

Ele cheirava a estábulo, onde estava se regalando com a companhia de seus semelhantes, os cavalos, desde o café da manhã. Mas isso não era problema para minha homônima: assim que aquele colosso que era seu pai fez sombra na porta, ela emitiu um berro estridente de alegria e, deixando a mãe, saiu correndo aos gritos até ele — equilibrando os passos com os braços esticados — e, abraçando-lhe o joelho, inclinou a cabeça para trás e riu para ele. Não por acaso ele olhou com um sorriso para aquelas pequenas, belas feições, radiantes de júbilo inocente, aqueles olhos transparentes, azuis, brilhantes, e

aquele cabelo louro macio caído sobre o pescoço e os ombros de marfim. Será que não pensava em como era indigno de tal bem? Temo que essa ideia não tenha lhe passado pela cabeça. Ele a pegou e passaram alguns minutos em brincadeiras brutas, durante os quais era difícil dizer se era o pai ou a filha quem ria e berrava mais alto. Por fim, entretanto, o passatempo ruidoso se encerrou — de repente, como era de esperar: a pequena se machucou e caiu no choro, e seu companheiro de brincadeiras indelicado a atirou no colo da mãe, ordenando que ela “desse um jeito”. Tão feliz em voltar àquela reconfortante delicadeza quanto estivera em deixá-la, a criança se aninhou em seus braços e parou logo de chorar; e, afundando a cabecinha cansada no colo na mãe, adormeceu.

Enquanto isso, o sr. Hattersley foi a passos largos até o fogo e, impondo sua estatura e largura entre nós e a lareira, ficou, de mãos na cintura, expandindo o peito e olhando ao redor como se a casa e todos os objetos e conteúdos fossem seus bens incontestáveis.

“Que porcaria de clima é esse!”, ele começou. “Hoje não tem caça, imagino eu.” Então, de repente erguendo a voz, ele nos regalou com alguns compassos de uma alegre canção que, interrompida abruptamente, ele encerrou com um assobio, e então prosseguiu: “Eu digo, sra. Huntingdon, que belo garanhão o seu marido tem! — não é grande, mas é bom. — Passei a manhã dando uma olhada neles, e palavra de honra, Black Bess, Grey Tom e aquele jovem Nimrod são os animais mais lindos que vi em anos!”. Em seguida, houve um debate minucioso sobre os diversos méritos dos cavalos, sucedido pela descrição das grandiosidades que *ele* pretendia fazer na área de criação de cavalos quando seu velho decidisse sair de cena. “Não que eu queira que ele abotoe o paletó de madeira”, acrescentou, “por mim, o velho destemido pode demorar o tempo que quiser.”

“Espero *realmente* que sim, sr. Hattersley!”

“Ah, sim! É só o meu jeito de falar. Vai acontecer, alguma hora, portanto olho pelo lado bom — é uma boa ideia agir assim, não é, sra. H.? — O que as duas estão fazendo aqui, aliás — cadê a Lady Lowborough?”

“Na sala de bilhar.”

“Que criatura esplêndida ela é!”, continuou, fixando o olhar na esposa, que mudou de cor e ia ficando mais desconcertada à medida que ele falava. “Que figura nobre ela tem! E que olhos pretos magníficos; e que admirável espírito independente; e que língua também, quando gosta de usá-la — eu a adoro! — Mas não se preocupe, Milicent, não gostaria de tê-la como esposa — nem se ela tivesse um reino como dote! Estou mais satisfeito com a que eu tenho. — *Pronto!* Por que você está amuada assim? Não acredita em mim?”

“Acredito em você, sim”, ela murmurou, em tom meio que de tristeza e meio que de resignação zangada, enquanto se virava para acariciar o cabelo da criança adormecida, que tinha acomodado a seu lado no sofá.

“Então por que está tão irritada? Vem cá, Milly, e me conte por que não consegue se satisfazer com a minha assertiva.”

Ela foi e, repousando sua pequena mão no braço dele, olhou para seu rosto e disse em voz suave:

“O que isso quer dizer, Ralph? Só o seguinte: que embora você admire tanto Annabella, e por características que eu não tenho, você ainda prefere ter a mim do que a ela como esposa, o que apenas prova que você não acha necessário amar sua esposa: fica satisfeito se ela conseguir manter a casa e cuidar da sua filha. Mas não estou irritada, apenas lamento”, ela acrescentou em um tom baixo, trêmulo, tirando a mão do braço do marido e voltando o olhar para o tapete, “pois se você não me ama, então não ama e não há o que fazer.”

“Verdade: mas quem foi que disse que não? Por acaso falei que amo Annabella?”

“Falou que a adora.”

“É verdade, mas adoração não é amor. Adoro Annabella, mas não a amo, e amo você, Milicent, mas não a adoro.” Como prova de afeto, ele apanhou um bocado de seus cachos castanho-claros e pareceu torcê-los sem misericórdia.

“Você realmente sente isso, Ralph?”, ela murmurou com um sorriso fraco que se abria em meio às lágrimas, aproximando sua mão da dele, em sinal de que ele havia puxado com força *demais*.

“Claro que sim”, ele respondeu, “mas você me irrita de vez em quando.”

“*Eu o irritado!*”, ela berrou com uma surpresa natural.

“Sim, *você* — mas apenas com seu excesso de bondade — quando um menino passa o dia se empanturrando de passas e ameixas, fica ávido pelo sumo de uma laranja-da-terra, só para variar um pouco. E você, Milly, nunca observou como a areia à beira-mar parece agradável e macia, e como é fofa e confortável para os pés? Mas se caminhar durante meia hora nesse tapete fofo e confortável — abrindo caminho a cada passo, cedendo quanto mais força faz —, vai perceber que é um trabalho cansativo, e ficará contente ao chegar a uma rocha firme, que não se move nem um centímetro se você ficar de pé, andar ou pisotear a pedra, e apesar de dura como a pedra de um moinho, você descobre que este é o piso mais fácil, no fim das contas.”

“Entendo o que quer dizer, Ralph”, ela disse, cutucando com nervosismo a pulseira do relógio e tracejando a figura no tapete com a ponta do minúsculo pé, “entendo o que quer dizer, mas sempre imaginei que gostasse que os outros cedessem aos seus desejos, e agora não tenho como mudar isso.”

“Gosto, sim”, ele respondeu, trazendo-a para perto com outro puxão de cabelo. “Você não precisa se preocupar com o que digo, Milly. Os homens têm que ter motivo para reclamar; e se não puder reclamar que a esposa o arrasta para a morte com sua perversidade e mau humor, tem que reclamar que ela o cansa com sua bondade e gentileza.”

“Mas por que reclamar, a não ser que se esteja cansado e insatisfeito?”

“Como pretexto para meus próprios defeitos, é claro. Acha que vou carregar todo o fardo dos meus pecados nos meus ombros, se tem alguém pronto para me ajudar, sem nenhum pecado próprio para carregar?”

“Não existe ninguém assim neste mundo”, ela disse, séria, e então, tirando a mão do marido de sua cabeça, ela a beijou com ares de genuína devoção e foi em direção à porta.

“O que foi agora?”, ele indagou. “Aonde você vai?”

“Arrumar meu cabelo”, ela disse, sorrindo por entre os cachos desarranjados, “você o soltou inteiro.”

“Então vai! — Uma excelente mulherzinha”, ele comentou depois que ela saiu, “mas um pouco mole demais — ela quase derrete nas mãos. Acho mesmo que eu a maltrato de vez em quando, quando bebo muito — mas é inevitável, já que ela nunca se queixa, nem na hora nem depois. Imagino que não se importe.”

“Posso esclarecê-lo quanto ao tema, sr. Hattersley”, declarei, “ela se importa, *sim*; e há algumas outras coisas com as quais se importa ainda mais, mesmo que sobre elas o senhor jamais ouvirá reclamações.”

“Como é que a senhora sabe? Ela reclama com a senhora?”, quis saber, com uma súbita fagulha de ira prestes a virar uma chama caso eu respondesse que sim.

“Não”, respondi, “mas eu a conheço há mais tempo e a analisei mais do que o senhor. — E posso lhe dizer, sr. Hattersley, que a Milicent o ama mais do que o senhor merece, e que cabe ao senhor fazê-la feliz, mas o senhor é um ser terrível para ela e, me arrisco a dizer, nem um dia se passa sem que o senhor lhe imponha alguma dor de que poderia poupá-la se quisesse.”

“Bem — não é culpa *minha*”, ele afirmou, com um olhar distraído para o teto, enfiando as mãos no bolso, “se meu jeito não lhe convém, ela deveria me dizer.”

“Ela não é exatamente a esposa que o senhor queria? O senhor não falou para o sr. Huntingdon que precisava de uma que se sujeitasse a tudo sem nem um murmúrio, e que nunca o culpasse, não importava o que fizesse?”

“É verdade, mas não deveríamos ter sempre o que queremos: isso estraga nossa melhor faceta, não é? Como não ser um diabo quando vejo que para ela é a mesma coisa eu me comportar como um cristão ou como o patife que sou por natureza? — e como não zombar dela quando ela é tão convidativa pela docilidade e pelo recato — quando ela se deita aos meus pés feito um cocker spaniel e nem chia avisando que basta?”

“Se o senhor é tirânico por natureza, a tentação é forte, admito;

porém nenhuma mente generosa se deleita ao oprimir os fracos, mas sim ao afagá-los e protegê-los.”

“Eu *não* a oprimo, mas é uma monotonia desconcertante estar sempre afagando e protegendo — e como saber se *estou* oprimindo quando ela ‘se derrete e não dá sinal’? Às vezes penso que ela não tem sentimento nenhum, e então continuo até fazê-la chorar — e isso me satisfaz.”

“Então o senhor se deleita em oprimi-la, *sim*.”

“Não, estou lhe dizendo! Só quando estou de mau humor, ou de ótimo humor, e quero atormentá-la pelo prazer de confortá-la, ou quando ela está entediada e precisa de um ânimo. E às vezes ela me provoca chorando sem motivo, e não me diz por quê; e então, confesso, fico louco de raiva — principalmente quando estou fora de mim.”

“Como sem dúvida é o caso na maioria dessas ocasiões”, retruquei. “Mas no futuro, sr. Hattersley, ao vê-la entediada ou chorando ‘sem motivo’ — como o senhor diz —, atribua tudo a si: tenha certeza de que foi alguma coisa que o senhor fez de errado, ou sua conduta imprópria de modo geral, o que a angustia.”

“Não acredito nisso. Se assim fosse, ela me falaria; não gosto dessa coisa de se lastimar e choramingar em silêncio, e nada dizer — não é justo. Como ela espera que eu me emende agindo assim?”

“Talvez acredite que o senhor tem mais bom senso do que tem de fato, e se iluda com a esperança de que um dia o senhor perceba seus erros e os corrija, caso reflita por conta própria.”

“Nada de zombaria, sra. Huntingdon! Eu *tenho* o bom senso de ver que nem sempre estou certo — mas às vezes acho que isso não tem muita importância, contanto que eu não fira ninguém além de mim...”

“É de grande importância, *sim*”, interrompi, “tanto para o senhor, como descobrirá daqui por diante, pagando caro, como para todos que têm laços com o senhor — sobretudo sua esposa — mas de fato, é uma bobagem falar de não ferir ninguém além de si; é impossível alguém se ferir — sobretudo com os atos a que aludimos — sem ferir também centenas, se não milhares, em maior ou menor medida, seja pelo mal que o senhor faz ou o bem que deixa de fazer.”

“Como eu estava dizendo”, ele prosseguiu, “ou como teria dito caso a senhora não me interrompesse, às vezes eu penso que me sairia melhor se tivesse me unido a alguém que sempre me chamasse a atenção quando eu estivesse errado, e me desse motivos para fazer o bem e evitar o mal demonstrando claramente sua aprovação a um e a reprovação ao outro.”

“Se o senhor não tem uma motivação maior do que a aprovação de outro mortal, teria pouca serventia.”

“Bom, mas se eu tivesse uma companheira que não estivesse sempre cedendo, e fosse sempre bondosa, mas que tivesse coragem de me segurar de vez em quando, e me dizer francamente o que pensa o tempo inteiro — como a senhora, por exemplo — agora, se eu fizesse com a senhora como faço com ela quando estou em Londres, tenho certeza de que a senhora deixaria a casa quente demais para mim.”

“O senhor se engana: não sou nenhuma megera.”

“Bom, melhor ainda, porque eu não suporto contestação — de modo geral — e gosto tanto da minha vontade própria quanto qualquer um, mas acho que em excesso ela não é a solução para homem nenhum.”

“Bom, eu nunca o contradiria sem motivo, mas sem dúvida sempre diria o que penso de sua conduta; e se o senhor me oprimisse, física ou mentalmente ou em termos de patrimônio, ao menos não teria razão para supor que ‘não me importo’.”

“Sei disso, minha senhora, e acho que se minha esposinha seguisse o mesmo plano, seria melhor para nós dois.”

“Vou falar com ela.”

“Não, não, deixe-a em paz; há muito o que ser dito de ambas as partes — e, agora que estou pensando nisso, Huntingdon volta e meia lastima que a senhora não seja mais parecida com ela — cachorro infame que ele é — e veja, no fim das contas, a senhora não conseguiu corrigir o *sujeito*: ele é dez vezes pior que eu. — Ele tem medo da senhora, é claro — isto é, sempre se comporta da melhor forma possível na presença da senhora — mas...”

“Fico me perguntando então como é quando ele se comporta da pior forma possível”, não pude me abster de comentar.

“Ora, para lhe dizer a verdade, é de fato péssimo — não é,

Hargrave?”, disse ele, dirigindo-se ao cavalheiro, que entrou na sala sem que eu o percebesse, pois agora estava junto ao fogo, de costas para a porta. “O Huntingdon”, ele continuou, “não é o grande réprobo que sempre foi?”

“A senhora dele não vai deixar que ele seja criticado impunemente”, retrucou o sr. Hargrave, aproximando-se, “mas devo dizer que dou graças a Deus por eu não ser como ele.”

“Talvez lhe fizesse melhor”, eu disse, “olhar para o que o senhor é e dizer ‘Meu Deus, tem misericórdia de mim, pecador’.”

“A senhora é muito rígida”, ele respondeu, fazendo uma leve mesura e erguendo a cabeça com um ar orgulhoso mas magoado. Hattersley riu e lhe segurou o ombro. Saindo de debaixo da mão com um gesto de dignidade ofendida, o sr. Hargrave foi para a outra ponta do tapete.

“Não é uma vergonha, sra. Huntingdon?”, bradou seu cunhado, “bati no Walter Hargrave quando estava bêbado, na segunda noite depois de chegarmos, e ele me ignora desde então, apesar de eu ter pedido perdão na manhã seguinte ao fato!”

“Sua forma de pedir”, rebateu o outro, “e a clareza com que você se lembrava de toda a situação demonstram que não estava bêbado demais para ter plena consciência do que estava fazendo e ser responsável por seus atos.”

“Você queria se meter entre mim e minha esposa”, rosnou Hattersley, “e isso basta para provocar qualquer homem.”

“Então você justifica o que fez?”, disse o oponente, lançando um olhar muito vingativo.

“Não, eu lhe digo que não teria feito aquilo se não estivesse muito agitado; e caso prefira ver má intenção nisso, depois de todas as coisas belas que eu disse — faça isso e vá para o diabo!”

“Eu *evitaria* tal linguajar na frente de uma *dama*, pelo menos”, disse o sr. Hargrave, escondendo a raiva sob a máscara do asco.

“O que foi que eu disse?”, retrucou Hattersley. “Nada além da verdade de Deus — ele vai para o diabo, não vai, sra. Huntingdon, se não perdoar as transgressões do cunhado?”

“O senhor precisa perdoá-lo, já que ele pediu, sr. Hargrave”,

afirmei.

“É o que a senhora diz? Então eu perdoo!” E, com um sorriso quase sincero, ele deu um passo à frente e ofereceu a mão. Foi imediatamente segurada por seu parente, e a reconciliação pareceu cordial de ambos os lados.

“A afronta”, continuou Hargrave, virando-se para mim, “é bem mais amarga devido ao fato de que ele me oferece a mão na sua presença; e como a senhora pede que eu perdoe, eu perdoo — e também me esqueço do ocorrido.”

“Acho que a melhor recompensa que posso dar é me retirar”, murmurou Hattersley, com um sorriso largo. O amigo lhe sorriu e ele saiu da sala. Isso me deixou precavida. O sr. Hargrave se virou para mim, sério, e começou a falar em tom sério:

“Querida sra. Huntingdon, como ansiei e como temi este momento! Não se assuste”, ele acrescentou, pois meu rosto estava vermelho de raiva. “Não vou ofendê-la com pedidos ou queixas inúteis. Não vou tomar a liberdade de incomodá-la com a menção de meus sentimentos ou suas perfeições, mas tenho algo a revelar e que a senhora precisa saber, e que, no entanto, me causa uma dor impossível de expressar...”

“Então não se incomode em revelar!”

“Mas é importante...”

“Se é assim, que eu saiba logo — principalmente se forem más notícias, como o senhor parece considerá-las. Agora vou levar as crianças ao quarto delas.”

“Mas a senhora não pode tocar o sino e pedir que as levem?”

“Não: quero o exercício de dar uma corrida até o alto da casa. — Venha, Arthur.”

“Mas a senhora vai voltar?”

“Não logo; não me espere.”

“Então, quando vou tornar a vê-la?”

“No almoço”, declarei, partindo com a pequena Helen no braço e conduzindo Arthur pela mão.

Ele me virou as costas, murmurando uma frase de censura ou de reclamação impaciente, em que só pude distinguir a palavra

desalmada.

“Que bobagem é essa, sr. Hargrave?”, indaguei, parando na porta. “O que o senhor quer dizer?”

“Ah, nada — não pretendia que a senhora ouvisse meu solilóquio. Mas a verdade, sra. Huntingdon, é que tenho uma revelação a fazer — que me será tão dolorosa de fazer quanto será para a senhora ouvi-la — e quero que a senhora me dê uns minutinhos de sua atenção em particular, na hora e no lugar que a senhora desejar. Não é por alguma motivação egoísta que peço, e não é por alguma causa que possa alarmar sua pureza sobre-humana; portanto, a senhora não precisa me fuzilar com esse olhar de desdém frio e impiedoso. Sei muito bem dos sentimentos que costumam ser reservados aos portadores de más novas, não...”

“Que informação maravilhosa é essa?”, perguntei, interrompendo com impaciência. “Se for alguma coisa realmente importante, diga em três palavras antes que eu me vá.”

“Em três palavras, não posso. Peça que levem as crianças e continue comigo.”

“Não; guarde as más notícias para si. Sei que é alguma coisa que não quero ouvir, e que me desagradaria caso o senhor a contasse.”

“A senhora adivinhou muito bem, receio eu; no entanto, já que a sei, me sinto na obrigação de revelá-la à senhora.”

“Ah, poupe ambos desse sofrimento — e eu o isento do dever. O senhor se ofereceu para contar, eu me neguei a escutar: minha ignorância não será imputada ao senhor.”

“Que assim seja — a senhora não saberá através de mim. Mas se o golpe for muito duro quando chegar de repente, lembre-se — eu quis amortecê-lo!”

Eu o deixei. Estava decidida a não permitir que suas palavras me assustassem. O que justo *ele* teria a revelar que *para mim* seria importante escutar? Sem dúvida era uma história exagerada sobre meu desventurado marido, da qual queria tirar o máximo proveito para seus maus propósitos.

Dia 6. Ele não fez mais alusão ao grandioso mistério e não vi razão

para lamentar minha relutância em ouvi-lo. O golpe ameaçado ainda não foi desferido; e não tenho muito medo dele. No momento, estou satisfeita com Arthur: ele não dá vexame há mais de uma quinzena, e durante toda esta última semana tem sido tão comedido em suas indulgências à mesa que percebo uma diferença acentuada em seu temperamento e aspecto de modo geral. Devo ter a audácia de nutrir esperanças de que continue assim?

33. Duas noites

Dia 7. Sim, *vou* ter esperança! Esta noite, escutei Grimsby e Hattersley resmungando sobre a inospitalidade do anfitrião. Não sabiam que eu estava por perto, visto que por acaso estava atrás da cortina, junto à janela, vendo a lua se erguer sobre o arvoredado de olmos altos, escuros, que ficam além do gramado, e me perguntando por que Arthur estava tão emotivo a ponto de estar lá fora, encostado no pilar externo do pórtico, de onde também parecia observá-la.

“Então imagino que tenhamos visto a derradeira de nossas farras divertidas nesta casa”, disse o sr. Hattersley. “*Imaginei* que essa camaradagem não fosse durar muito. — Mas”, ele acrescentou, aos risos, “não esperava que fosse acabar assim. Tinha imaginado que nossa bela anfitriã se fantasiaria de porco-espinho e ameaçaria nos botar para fora, se não tivéssemos modos.”

“Você não tinha previsto *isso*, então?”, respondeu Grimsby com uma gargalhada gutural. “Mas ele vai mudar outra vez quando estiver cansado dela. Se voltarmos daqui a um ou dois anos, vamos fazer o que bem entendermos, você verá.”

“Não sei”, retrucou o outro, “ela não é o tipo de mulher de quem você se cansa rápido — mas, seja como for, é uma irritação infernal que agora não possamos festejar porque ele optou por se comportar bem.”

“São essas mulheres abomináveis!”, sussurrou Grimsby. “Elas são a ruína no mundo! Causam problemas e incômodo aonde vão, com seus semblantes falsos, pálidos e suas malditas línguas mentirosas.”

A esta altura, saí do meu refúgio e, sorrindo para o sr. Grimsby ao passar, me retirei da sala e fui procurar Arthur. Como o vira fazer a

curva rumo aos arbustos, eu o segui até lá e o vi entrando na aleia escura. Estava com o coração tão leve, tão transbordante de afeto, que pulei sobre ele e o segurei nos braços. Essa atitude surpreendente teve um efeito singular sobre ele: primeiro, ele murmurou “Bendita seja, querida!” e retribuiu meu abraço com o fervor dos velhos tempos, e *então* ele se assustou, e em tom de terror absoluto, exclamou:

“Helen! Que diabos está havendo!”, e percebi, devido à luz fraca que brilhava por entre a árvore acima, que estava mesmo pálido de susto.

Que estranho que o impulso instintivo do afeto viesse primeiro e depois o choque da surpresa! Pelo menos demonstra que o afeto é genuíno: ainda não está cansado de mim.

“Eu o assustei, Arthur”, disse eu, rindo de alegria. “Que nervosismo o seu!”

“Por que diabos fez isso?”, ele reclamou, bastante irritado, desvencilhando-se dos meus braços e enxugando a testa com o lenço. “Volte, Helen — volte agora! Você vai morrer com este frio!”

“Não vou — antes de lhe dizer por que vim. Eles estavam botando a culpa em você, Arthur, pela sua temperança e sobriedade, e vim lhe agradecer por isso. Eles dizem que é por causa ‘dessas mulheres abomináveis’, que nós somos a ruína do mundo; mas não deixe que com suas risadas e resmungos eles o tirem do bom caminho, ou acabem com seu afeto por mim.”

Ele riu. Eu o apertei nos braços outra vez e bradei com uma sinceridade lacrimosa:

“Persevere — persevere, sim! — e vou amá-lo mais do que jamais ame!”

“Bom, bom, vou fazer isso!”, ele disse, beijando-me às pressas. “Agora vai. — Sua louca, como você é capaz de sair com um vestido de noite tão leve nesse frio outonal?”

“É uma noite esplendorosa”, declarei.

“É uma noite que vai lhe causar a morte se ficar aqui mais um minuto. Vai correndo, vai!”

“Você vê minha morte entre essas árvores, Arthur?”, indaguei, pois ele estava compenetrado nos arbustos, como se ele a visse chegar e,

com minha recém-descoberta felicidade e o renascimento da esperança e do amor, relutei em deixá-lo. Mas ele se zangou com minha demora, portanto o beijei e voltei correndo para casa.

Estava de ótimo humor naquela noite: Milicent me disse que eu era a alma da festa, e cochichou que nunca tinha me visto tão brilhante. Sem dúvida, falei o bastante para vinte, e sorri para todos. Grimsby, Hattersley, Hargrave, Lady Lowborough — todos desfrutaram de minha gentileza fraternal. Grimsby fitava e refletia; Hattersley ria e brincava (apesar do pouco vinho que conseguira beber), porém, se comportou da melhor forma possível; Hargrave e Annabella, por diferentes motivos e de formas diferentes me imitaram, e sem dúvida ambos me superaram, o primeiro na versatilidade discursiva e a segunda na audácia e na animação. Milicent, contente em ver o marido, o irmão e a amiga superestimada se dando tão bem, também estava alegre e divertida, a seu estilo reservado. Até Lord Lowborough foi contagiado pelo ânimo geral: seus olhos escuros, esverdeados, iluminaram-se sob as sobranceiras taciturnas; seu semblante melancólico foi embelezado por sorrisos, todos os traços de tristeza, de orgulho e de fria discrição se apagaram por um tempo, e ele surpreendeu todos nós, não só com sua vivacidade e animação, mas com os lampejos de vigor genuíno e brilhantismo que emitia de vez em quando. Arthur não falou muito, mas ria, e escutava os outros, e estava de ótimo humor, mas não instigado pelo vinho. Portanto, juntos formamos um grupo muito feliz, espontâneo e divertido.

Dia 9. Ontem, quando Rachel veio me vestir para o jantar, percebi que andara chorando. Queria saber o motivo, mas ela relutava em me contar. Estaria indisposta? Não. Recebera más notícias a respeito de amigos? Não. Algum dos criados a havia aborrecido?

“Ah, não, madame!”, ela respondeu. “Não é por mim mesma.”

“Então é pelo quê, Rachel? Você tem lido romances?”

“Valha-me Deus, não!”, ela disse, balançando a cabeça com pesar, e então suspirou e prosseguiu: “Mas para falar a verdade, madame, eu não gosto do jeito como o patrão se comporta”.

“Como assim, Rachel? — Ele tem se comportado muito bem —

atualmente.”

“Bem, se é isso o que a madame pensa, está certo.”

E ela continuou a arrumar meu cabelo, de forma apressada, algo bem atípico de seu jeito em geral sereno, controlado — murmurando, meio que para si, que o cabelo sem dúvida era lindo, que “queria ver alguém chegar aos pés dele”. Quando terminou, ela o acariciou e afagou minha cabeça com delicadeza.

“Esse fervor afetuosos é destinado ao meu cabelo ou a mim, babá?”, indaguei, virando-me para ela aos risos — mas uma lágrima lhe vinha aos olhos.

“O que *foi*, Rachel?”, exclamei.

“Bom, madame, não sei, mas se...”

“Se o quê?”

“Bom, se eu fosse a senhora, não deixaria aquela Lady Lowborough ficar nesta casa mais nem um minuto sequer — nem *um minuto* que fosse!”

Fiquei atônita, mas antes que pudesse me recobrar do choque a ponto de pedir explicações, Milicent entrou no quarto — como não raro faz, quando está vestida antes de mim; e permaneceu comigo até o momento de descermos. Deve ter me achado uma companhia muito retraída dessa vez, pois as últimas palavras de Rachel ressoavam em meus ouvidos. No entanto, eu esperava — confiava que não tinham fundamento além de um rumor à toa que circulava entre os criados por conta do que tinham visto dos modos de Lady Lowborough no mês anterior; ou talvez de algo que tivesse acontecido entre o patrão deles e ela na visita anterior. No jantar, fiquei atenta a ela e a Arthur, e não vi nada de extraordinário na conduta dos dois — nada calculado para provocar suspeitas, a não ser em mentes desconfiadas — coisa que a minha não era, e portanto eu não desconfiaria.

Quase imediatamente após o jantar, Annabella saiu com o marido para dividir com ele um passeio ao luar, pois a noite estava esplêndida assim como a da véspera. O sr. Hargrave entrou na sala de estar antes dos outros, e me desafiou a uma partida de xadrez. Fez isso sem aquela humildade triste mas altiva que costuma adotar ao se dirigir a mim, a não ser quando está agitado por conta do vinho. Olhei para

seu rosto para ver se era esse o caso. Os olhos dele encontraram os meus com veemência, mas firmeza: havia algo nele que eu não entendia, mas ele parecia estar bastante sóbrio. Optando por não enfrentá-lo, eu o encaminhei a Milicent.

“Ela joga mal”, ele disse, “quero comparar minha habilidade à sua. Vamos! — a senhora não pode fingir que está relutando em deixar a costura de lado — sei que só se ocupa dela como passatempo, quando não tem nada melhor para fazer.”

“Mas jogadores de xadrez são muito retraídos”, objetei, “só servem de companhia a si mesmos.”

“Mas não há mais ninguém aqui — afora Milicent, e ela...”

“Ah, vou adorar assistir!”, exclamou nossa amiga em comum. “Dois jogadores *desses* — vai ser um prazer e tanto! Quem será que vai vencer?”

Eu concordei.

“Agora, sra. Huntingdon”, disse Hargrave, ao arrumar os peões no tabuleiro, falando em tom distinto, e com uma ênfase peculiar, como se suas palavras tivessem duplo sentido, “a senhora é uma boa jogadora — porém sou melhor; teremos uma longa partida, e a senhora me dará certo trabalho, mas sei ser tão paciente quanto a senhora e, no fim, sem dúvida vou vencer.” Ele fixou o olhar em mim com um jeito de que não gostei — ávido, ardiloso, audaz e quase descarado, já meio triunfante com o êxito que previa.

“Espero que não, sr. Hargrave!”, rebati, com uma veemência que deve ter espantado pelo menos Milicent; mas *ele* apenas sorriu e murmurou:

“O tempo dirá.”

Pusemos mãos à obra; ele, bastante interessado no jogo, mas calmo e destemido devido à consciência de sua habilidade superior; eu, muito ávida para frustrar suas expectativas, pois considerava esse um tipo de competição mais séria — como eu imaginava que ele também pensasse — e tinha um temor quase supersticioso de ser vencida: de todo jeito, mal conseguia suportar a ideia de que o sucesso naquela atividade pudesse acrescentar mais um pingo à fé que ele tinha na própria capacidade (sua autoconfiança insolente, preciso dizer), ou

incentivar, por um instante, seu sonho de conquista futura. Suas jogadas eram cuidadosas e intensas, mas lutei com firmeza contra ele. Por algum tempo, o combate foi ambíguo; por fim, para minha alegria, a vitória parecia pender para o meu lado: eu tinha tomado algumas de suas melhores peças, e frustrado seus planos. Ele levou a mão à testa e parou, claramente perplexo. Eu me regoziquei de minha vantagem, mas não tive a audácia de me orgulhar dela. Por fim, ele levantou a cabeça e, fazendo seu lance em silêncio, me olhou e disse, com um ar tranquilo:

“Agora a senhora acha que vai ganhar, não é?”

“Espero que sim”, respondi, tomando o peão que ele botara no caminho do meu bispo com um ar tão despreocupado que imaginei que se tratasse de um descuido, mas não fui generosa o bastante, naquelas circunstâncias, para voltar sua atenção para o assunto, e estava desatenta o bastante, naquele momento, para prever as consequências da minha jogada.

“São esses bispos que me perturbam”, ele declarou, “mas o cavalo valente pode saltar o reverendo”, pegando meu último bispo com seu cavalo, “e agora que o santo homem foi retirado, vou levar tudo embora.”

“Ah, Walter, que jeito de falar!”, reclamou Milicent. “Ela ainda tem muito mais peças que você.”

“Pretendo ainda lhe causar alguns problemas”, afirmei, “e talvez o senhor leve um xeque-mate sem nem se dar conta. Veja só sua rainha.”

O combate se intensificou. A partida *foi* das longas, e eu *realmente* lhe causei problemas, mas ele era um jogador *melhor* do que eu.

“Que jogadores entusiasmados os dois!”, comentou o sr. Hattersley, que tinha entrado e estava nos assistindo fazia algum tempo. “Ora, sra. Huntingdon, sua mão treme como se tivesse apostado todo o seu dinheiro nessa partida! E Walter — seu cachorro — você está compenetrado e tranquilo como se tivesse certeza da vitória — e ávido e cruel como se fosse secar o sangue do coração dela! — Mas se eu fosse você, não a venceria por puro medo: ela vai odiá-lo caso isso aconteça — vai sim, eu juro! — Veja nos olhos dela.”

“Morda a língua, está bem?”, eu disse — sua falação me distraía, pois era levada a extremos. Mais alguns lances e estava inextricavelmente enredada no arдил do meu antagonista.

“Xeque!”, ele bradou. Busquei, agoniada, um meio de escapar, “Mate!”, ele acrescentou, baixinho, porém com uma felicidade evidente. Havia adiado a pronúncia dessas últimas sílabas fatais para aproveitar melhor meu desalento. Fiquei tolamente desconcertada com o ocorrido. Hattersley riu; Milicent se agitou ao me ver tão perturbada. Hargrave pôs a mão em cima da minha, que estava pousada na mesa, e ao apertá-la com uma pressão firme, mas delicada, murmurou “Vencida — vencida!” e fitou meu rosto com um olhar em que o júbilo se misturava a uma expressão de ardor e carinho ainda mais ofensiva.

“*Não, jamais*, sr. Hargrave!”, exclamei, retirando logo minha mão.

“A senhora nega?”, ele respondeu, sorrindo para o tabuleiro.

“Não, não”, retruquei, ponderando a impressão que minha conduta devia estar transmitindo, “o senhor me venceu na partida.”

“Quer tentar a revanche, então?”

“Não.”

“A senhora reconhece minha superioridade?”

“Sim — como enxadrista.”

Levantei-me para retomar a costura.

“Cadê a Annabella?”, indagou Hargrave, muito sério, depois de olhar ao redor.

“Saiu com Lord Lowborough”, respondi, pois ele me olhava em busca de resposta.

“E ainda não voltou!”, ele comentou.

“Imagino que não.”

“Cadê o Huntingdon?”, olhando ao redor outra vez.

“Saiu com o Grimsby — como você sabe”, disse Hattersley, contendo uma risada, que irrompeu quando concluiu a frase.

Por que ele ria? Por que Hargrave estabelecia um vínculo entre eles? Seria verdade, então? — E seria esse o segredo terrível que queria me revelar? Eu precisava saber — e logo. Levantei-me na hora e saí da sala para ir procurar Rachel e exigir uma explicação sobre as

palavras que me dissera; mas o sr. Hargrave me seguiu até a antessala e, antes que eu pudesse abrir a porta de entrada, ele pôs a mão na tranca com delicadeza.

“Posso lhe contar uma coisa, sra. Huntingdon?”, ele perguntou, em tom discreto, com os olhos sérios, abatidos.

“Se for algo que valha a pena ouvir”, respondi, lutando para manter a serenidade, pois eu tremia dos pés à cabeça.

Em silêncio, ele empurrou uma cadeira na minha direção. Apenas apoiei as mãos nela e pedi que fosse em frente.

“Não se assuste”, disse ele, “o que quero dizer não é nada por si só; vou deixar que a senhora tire suas próprias conclusões. A senhora diz que a Annabella ainda não voltou?”

“Sim, sim — vá em frente!”, pedi, impaciente, pois temia que minha calma forçada me abandonasse antes do fim da revelação, fosse ela qual fosse.

“E a senhora soube”, continuou, “que o Huntingdon saiu com o Grimsby?”

“Pois bem?”

“Ouvi este último dizer ao seu marido — ou ao homem que se diz tão...”

“Vá em frente, senhor!”

Ele fez uma reverência em submissão, e prosseguiu: “Eu o ouvi dizer ‘Vou dar um jeito, você verá! Eles foram passear à margem do rio, eu vou encontrá-los lá e falar que quero dar uma palavrinha com ele sobre algumas coisas com as quais não precisamos incomodar a dama; e ela dirá que vai voltar para a casa; e então vou me desculpar, entende, e tudo mais, e sinalizar com uma piscadela que ela tome o caminho dos arbustos. Vou ficar conversando com ele lá, sobre esses assuntos que mencionei, e sobre o que mais me passar pela cabeça, pelo máximo de tempo possível, e então trazê-lo pelo outro caminho, parando para olhar as árvores, o campo, e tudo o mais sobre o que eu possa achar o que dizer’.” O sr. Hargrave parou e olhou para mim.

Sem nenhuma outra palavra de comentário ou questionamento, me levantei e saí correndo da sala e da casa. O tormento do suspense era insuportável: não desconfiaria indevidamente do meu marido com

base na acusação desse sujeito, e não confiaria nele se não merecesse — precisava saber da verdade de uma vez por todas. Voei até os arbustos. Mal tinha chegado lá quando o som de vozes estancou meus passos ofegantes.

“Estamos aqui há muito tempo, ele vai voltar”, disse a voz de Lady Lowborough.

“Claro que não, minha querida!”, foi a resposta *dele*, “mas você pode ir correndo pelo gramado e entrar de fininho; vou daqui a pouco.”

Meus joelhos tremeram; meu cérebro ficou zonzó: estava prestes a desmaiar. Ela não deve ter me visto. Eu me encolhi entre os arbustos e me encostei no tronco de uma árvore para deixá-la passar.

“Ah, Huntingdon!”, ela chamou em tom de censura, parando onde eu estivera com ele na noite anterior, “foi aqui que você beijou aquela mulher!” Ela olhou para a sombra lançada pelas folhas. Avançando até ali, ele respondeu, com uma risada despreocupada:

“Bom, querida, não tive como evitar. Você sabe que tenho que ficar bem com ela até quando for possível. Eu não a vi beijando o pateta do seu marido, inúmeras vezes? — e *eu* reclamo?”

“Mas me diga: você não continua a amá-la — *um pouco*?”, ela fez a indagação apoiando a mão no braço dele e o encarando com o rosto sério — pois eu os enxergava muito bem, a lua cheia brilhando neles por entre os galhos da árvore que me abrigava.

“Nem um pouquinho, juro por tudo que é mais sagrado!”, ele respondeu, beijando a bochecha radiante.

“Meu Deus, *preciso* ir!”, ela bradou de repente e, se afastando dele, foi embora voando.

Ali estava ele, à minha frente, mas eu não tinha forças para confrontá-lo naquele instante; minha língua se apegava ao céu da boca, estava quase me afundando na terra, e quase me perguntei se ele não escutava as batidas do meu coração por cima do sopro leve do vento e o farfalhar intermitente das folhas caindo. Meus sentidos pareciam me trair, mas ainda vi seu vulto sombreado passar diante de mim, e em meio ao zumbido nos meus ouvidos, eu o escutei nitidamente dizendo, parado e olhando na direção do gramado:

“Lá vai o tolo! Corre, Annabella, corre! Isso — vá para dentro! Ah,

ele não viu! Isso mesmo, Grimsby, mantenha-o longe!” E até sua risada baixinha me alcançou enquanto se distanciava.

“Deus me ajude agora!”, sussurrei, ajoelhando-me entre as ervas úmidas e os arbustos que me rodeavam, olhando para o céu enlutarado por entre a parca folhagem. Tudo estava embaçado e bruxuleante agora, para a minha vista turva. Meu coração em chamas, à beira da explosão, se esforçava para despejar sua agonia em Deus, mas não conseguia moldar a angústia em forma de oração; até que uma rajada de vento me assaltou, o que, embora tenha espalhado as folhas mortas por todos os lados, como esperanças frustradas, esfriou minha testa e pareceu revigorar um pouco meu corpo afundado. Então, enquanto animava minha alma em uma súplica muda, sincera, uma força celestial pareceu me fortalecer por dentro: respirei melhor, minha visão clareou, vislumbrei de forma nítida a lua pura brilhar e as leves nuvens que deslizavam pelo céu claro, preto; e então vi as estrelas eternas cintilando lá em cima; soube que o Deus delas era o meu, e Ele era forte a ponto de salvar e me escutar rapidamente. “Não te deixarei, nem te desampararei”, parecia dizer o sussurro de cima de sua miríade de astros. Não, não; senti que Ele não me deixaria órfã: apesar da terra e do inferno eu teria forças para todas as minhas provações, e enfim conseguiria um descanso glorioso!

Renovada, revigorada, se não recomposta, me levantei e voltei para casa. Grande parte da força e da coragem que eu acabara de adquirir me abandonaram, confesso, ao adentrar na casa e deixar para trás o vento fresco e o céu glorioso: tudo o que via e escutava parecia fazer mal ao meu coração — o corredor, a lamparina, a escada, as portas dos vários cômodos, o som de conversas e risadas que vinha da sala de estar. Como aguentaria minha vida futura? Nesta casa, entre estas pessoas — ah, como suportaria viver! John acabara de entrar no corredor, e ao me ver disse que estava à minha procura, acrescentando que já levava o chá e o patrão queria saber se eu estava chegando.

“Peça à sra. Hattersley que faça a gentileza de servir o chá, John”, solicitei. “Diga que não estou me sentindo bem esta noite, e que peço licença para me ausentar.”

Eu me recolhi na ampla e vazia sala de jantar, onde tudo era

silêncio e escuridão, a não ser pelo suspiro suave do vento lá fora e pelo brilho fraco do luar que penetrava pelas venezianas e cortinas; e ali eu andava depressa, de um lado para outro, sozinha com meus pensamentos amargurados. Que noite distinta da de ontem! *Aquele*, parece, foi o último lampejo agonizante de felicidade na minha vida. Que tola, cega, eu fui, tão feliz! Agora entendia o motivo da recepção estranha de Arthur entre os arbustos: a explosão de gentileza era para a amante, o susto horrorizado era para a esposa. Agora, também, entendia melhor a conversa entre Hattersley e Grimsby: sem dúvida era sobre o amor dele por *ela* que falavam, e não por mim.

Escutei a porta da sala de estar se abrir: um passo leve e acelerado vinha da antessala, cruzava o corredor e subia a escada. Era Milicent, a pobre Milicent, indo ver como eu estava — ninguém mais se importava comigo, mas *ela* ainda era amável. Eu não tinha derramado lágrimas antes, mas agora elas vinham — rápidas e espontâneas. Assim, ela me fez bem sem sequer se aproximar de mim. Frustrada sua busca, escutei-a descer — mais devagar do que subira. Será que entraria ali e me descobriria? Não; ela foi na direção contrária e voltou à sala de estar. Fiquei satisfeita, pois não sabia como recebê-la nem o que dizer. Não queria uma confidente para meu sofrimento. Não merecia — e não queria. Tinha tomado para mim aquele fardo: que eu o carregasse sozinha.

Quando se aproximou o horário normal de recolhimento, enxuguei os olhos e tentei deixar minha voz límpida e a mente tranquila. Precisava ver Arthur naquela noite e falar com ele, mas o faria com calma: não haveria uma cena — nada de que se queixar ou se gabar para os companheiros — nada de que rir com a namoradinha. Enquanto o grupo se recolhia aos quartos, abri a porta com delicadeza e, quando ele estava passando, eu o chamei.

“O que há com você, Helen?”, ele indagou. “Por que não foi tomar o chá conosco? E por que diabos você está aqui, no escuro? O que é que você tem, jovem — que parece um fantasma?”, ele continuou, me examinando sob a luz de sua vela.

“Não interessa”, respondi, “a você — você já não tem mais consideração por mim, ao que parece, e tampouco tenho por você.”

“Oras! Que diabos está havendo?”, ele murmurou.

“Vou deixá-lo amanhã”, prossegui, “e nunca mais estarei sob este teto, a não ser pelo meu filho” — parei um instante para acalmar minha voz.

“Que diabos é isso, Helen?”, ele exclamou. “Do que está falando?”

“Você sabe muitíssimo bem. Não vamos perder tempo com explicações inúteis, mas me diga, você...”

Ele jurou com toda a veemência que não sabia de nada, e insisti em saber qual velha venenosa estava sujando seu nome, e em quais mentiras infames eu era tola o bastante para acreditar.

“Poupe-se do trabalho de se perjurar e quebrar a cabeça para sufocar a verdade com mentiras”, repliquei com frieza. “Não me fio no testemunho de um terceiro. Estive entre os arbustos esta noite e vi e ouvi pessoalmente.”

Isso bastou. Ele soltou uma exclamação abafada de consternação e desalento, e ao sussurrar “Agora eu vou pagar!”, pôs a vela na cadeira mais próxima e, recuando até botar as costas contra a parede, me confrontou de braços cruzados.

“Bom, e então?”, disse ele, com a insolência serena de um misto de cinismo e desespero.

“Apenas isso”, retruquei, “você me deixa pegar o nosso filho e o que resta da minha fortuna e ir embora?”

“Ir para onde?”

“Qualquer lugar onde ele esteja a salvo de sua má influência, e eu esteja livre de sua presença — e você da minha.”

“Não — *claro* que não deixo!”

“Então você me deixa ficar com a criança, sem o dinheiro?”

“Não — nem você sem a criança. Acha que eu quero virar assunto da cidade por conta de seus caprichos difíceis?”

“Então ficarei aqui, para ser odiada e desprezada. — Mas daqui em diante, somos marido e esposa só no nome.”

“Muito bem.”

“Sou a mãe de seu filho e a *sua* dona de casa — nada mais. Portanto, não precisa mais se preocupar em fingir o amor que não sente: não vou mais lhe cobrar carinhos insensíveis — nem oferecê-

los — nem aguentá-los mais — não serei escarnecida com a casca vazia dos agrados conjugais quando você deu a essência a outra!”

“Muito bem — se é o que *você* deseja. Veremos quem se cansa primeiro, minha senhora.”

“Se eu me cansar, será de viver neste mundo com você, não de viver sem seu arremedo de amor. Quando *você* se cansar de seu jeito pecaminoso, e se mostrar genuinamente arrependido, eu o perdooarei — e talvez tente voltar a amá-lo, apesar de saber que será difícil.”

“Hunf! — e enquanto isso, você vai falar de mim para a sra. Hargrave, e escrever longas cartas para a tia Maxwell para reclamar do patife perverso com quem se casou?”

“Não vou reclamar com ninguém. Até agora, lutei bravamente para esconder suas depravações de todo mundo, e para cobri-lo de virtudes que nunca teve — mas agora você vai ter que cuidar de si.”

Eu o deixei — murmurando xingamentos, e subi a escada.

“A senhora está indisposta, madame”, disse Rachel, examinando-me com uma enorme ansiedade.

“É verdade, Rachel!”, declarei, respondendo a seu olhar triste em vez de responder a suas palavras.

“Eu sabia — ou não teria feito menção ao assunto.”

“Mas *você* não se preocupe com isso”, disse, beijando sua bochecha pálida, desgastada pelo tempo, “eu aguento — melhor do que você pensa.”

“Sim, a senhora sempre foi de ‘aguentar’. — Mas se eu fosse a senhora, não aguentaria — eu me entregaria e choraria até não poder mais! — e falaria também, simplesmente *falaria* — eu o deixaria a par do que é...”

“Eu falei”, disse. “Falei o suficiente.”

“Então eu choraria”, ela insistiu. “Não ficaria tão pálida e tão calma, nem faria meu coração explodir por segurar tudo dentro dele!”

“Eu chorei, *sim*”, declarei, sorrindo apesar da tristeza, “e *estou* calma agora, de fato, então não me inquiete agora, babá: não digamos mais nada sobre o assunto — e *não* o mencione aos criados. — Pronto, é isso. Boa noite — e não perturbe seu descanso por minha causa: vou

dormir bem — se possível.”

Apesar dessa resolução, minha cama era tão intolerável que, antes das duas horas, me levantei e, acendendo minha vela com a vela pequena que ainda ardia, fui à minha mesa e me sentei de camisola para relatar os acontecimentos da última noite. Foi melhor me ocupar assim do que ficar deitada na cama torturando minha cabeça com lembranças do passado distante e previsões do apavorante futuro. Encontrei alívio na descrição das circunstâncias que destruíram minha paz, bem como dos pequenos detalhes banais resultantes da descoberta. Nenhum sono esta noite poderia ter feito tanto para apaziguar minha mente e me preparar para enfrentar as aflições do dia — é o que imagino, pelo menos — e no entanto, quando paro de escrever, percebo que minha cabeça dói terrivelmente, e quando me olho no espelho me espanto com minha aparência emaciada, abatida.

Rachel veio me vestir e disse que percebe que tive uma noite triste. Milicent acabou de aparecer para perguntar como estou. Eu lhe disse que estou melhor, mas para justificar minha aparência, admiti que tive uma noite insone. — Gostaria que este dia acabasse! Estremeço ao pensar em descer para o café da manhã — como enfrentar todos eles? — Porém, preciso lembrar que não sou *eu* a culpada: *eu* não tenho o que temer, e se *eles* me desdenharem por ser vítima do crime dos dois, posso me compadecer de sua insensatez e menosprezar seu desdém.

34. Ocultação

Fim de tarde. O café da manhã transcorreu bem, mantive a calma e a serenidade do começo ao fim. Respondi com compostura a todas as questões acerca da minha saúde; o que havia de anormal na minha aparência ou modos foi de forma geral atribuído ao insignificante mal-estar que tinha gerado meu recolhimento precoce na véspera. Mas como vou suportar os dez ou doze dias que ainda vão transcorrer até irem embora? No entanto, por que tanta ânsia para que partam? Quando tiverem ido, como aturar os meses ou anos da minha vida futura, na companhia daquele homem — meu maior inimigo — pois ninguém poderia me ferir mais do que ele? Ah!, quando penso no carinho, na tolice com que o amei, na confiança desvairada que tive nele, na constância com que me esforcei, e estudei, e orei, e batalhei em prol dele; e na crueldade com que pisoteou meu amor, traiu minha confiança, escarneceu de minhas preces e lágrimas, e meu empenho por sua preservação — triturou minhas esperanças, destruiu os melhores sentimentos de minha juventude, e me condenou a uma vida de tormento desesperançado — até onde um mortal consegue — não basta dizer que já não amo mais meu marido — eu o odeio! A palavra me encara como uma confissão de culpa, mas é verdade: eu o odeio — eu o odeio! — Mas Deus tenha misericórdia de sua alma desgraçada! — e o faça enxergar e sentir sua culpa — não peço nenhuma outra vingança! Se ele pudesse ao menos compreender totalmente e sentir de verdade o quanto agiu errado, me sentiria vingada; e poderia perdoar tudo; mas ele está tão perdido, tão calejado em sua depravação impiedosa que, nesta vida, creio que jamais isso acontecerá. Mas é inútil remoer o assunto: vou tentar mais

uma vez dissipar reflexões sobre as minúcias de acontecimentos passados.

O sr. Hargrave me aborreceu o dia inteiro com sua cortesia séria, solidária e (segundo *ele* pensa) reservada — se fosse mais reservada, me perturbaria menos, pois então poderia esnobá-lo; mas, como agora, ele consegue parecer tão gentil e atencioso que não posso fazê-lo sem rudeza e aparente ingratidão. Às vezes acho que preciso lhe dar créditos pelos bons sentimentos que simula tão bem; entretanto, acho que é meu *dever* suspeitar dele sob as circunstâncias peculiares às quais estou sujeita. Sua bondade talvez não seja de todo falsa, porém, não posso deixar que o ímpeto mais puro, de gratidão a ele, me induza a me esquecer de mim; não posso me esquecer da partida de xadrez, das palavras que usou naquela ocasião e de suas expressões indescritíveis, que tão justamente despertaram minha indignação, e imagino que estarei resguardada. Fiz bem em registrar tudo com tantos detalhes.

Penso que quer uma oportunidade de falar comigo a sós: parecia estar vigilante o dia inteiro, mas tomei o cuidado de desapontá-lo; não que eu tema algo que possa dizer, mas já tenho problemas suficientes sem seus ofensivos consolos, condolências e o que mais possa tentar; e, pelo bem de Milicent, não desejo brigar com ele. Deu desculpas para não sair para caçar com os outros cavalheiros de manhã, sob o pretexto de ter cartas a escrever, e em vez de se recolher na biblioteca com esse propósito, pediu que sua mesa de leitura fosse levada à sala de estar onde eu estava com Milicent e Lady Lowborough. Elas estavam concentradas na costura; eu, menos para distrair a cabeça do que para evitar conversas, me muni de um livro. Milicent percebeu que eu queria silêncio, e me deixou em paz. Annabella sem dúvida também percebeu, mas isso não era motivo para que refreasse a língua ou controlasse sua alegria: *ela* falou sem parar, dirigindo-se principalmente a mim, e com a máxima autoconfiança e intimidade, mais animada e simpática à medida que minhas respostas se tornavam mais frias e concisas. O sr. Hargrave viu que eu não estava aguentando mais e, erguendo os olhos da mesa, respondeu às perguntas e observações de Annabella no meu lugar, até onde era

possível, e tentou transferir a atenção dela para si: mas não daria certo. Talvez ela imaginasse que eu estivesse com dor de cabeça e não suportava falar — de qualquer forma, pela teimosia maliciosa com que persistia, tenho certeza de que viu que sua loquaz vivacidade me irritava. No entanto, eu a calei, em definitivo, botando em sua mão o livro que eu tentava ler, em cuja folha de guarda eu rabiscara às pressas:

“Conheço bem demais o seu caráter e a sua conduta para sentir uma verdadeira amizade por você, e como não tenho seu talento para dissimulação, não posso fazer parecer que seja o caso. Preciso, portanto, rogar que daqui por diante cesse entre nós toda comunicação íntima; e se continuo a tratá-la de forma civilizada, como se você fosse uma mulher digna de consideração e respeito, entenda que é em deferência aos sentimentos de sua prima Milicent, não aos seus.”

Ao ler isso, ela ficou escarlate e mordeu o lábio. Arrancando a folha disfarçadamente, ela a amassou e a jogou no fogo, e então se ocupou de virar as páginas do livro e, de fato ou apenas aparentemente, a examinar o conteúdo. Pouco depois, Milicent anunciou sua intenção de ir ao quarto das crianças e perguntou se eu não a acompanharia.

“A Annabella vai nos dar licença”, disse ela, “ela está ocupada lendo.”

“Não, não vou”, bradou Annabella, de repente erguendo os olhos e atirando o livro na mesa. “Quero falar com a Helen por um instante. Pode ir, Milicent, que ela já vai atrás.” (Milicent foi.) “Você me faria o favor, Helen?”, ela continuou.

Seu atrevimento me surpreendeu, mas concordei e a segui até a biblioteca. Ela fechou a porta e foi até a lareira.

“Quem foi que lhe disse isso?”, questionou.

“Ninguém: não sou incapaz de ver por conta própria.”

“Ah, você está desconfiada!”, ela bradou, sorrindo com uma centelha de esperança — até então, havia uma espécie de desespero em sua audácia; agora estava claramente aliviada.

“Se *estivesse* desconfiada”, rebati, “teria descoberto sua infâmia muito tempo antes. Não, Lady Lowborough, não me baseio em uma

desconfiança.”

“*No que se baseia então?*”, ela perguntou, atirando-se na poltrona e esticando os pés no guarda-fogo, com um óbvio esforço para parecer calma.

“Gosto de passeios ao luar tanto quanto você”, respondi, fixando o olhar nela, “e os arbustos formam um de meus refúgios preferidos.”

Ela enrubesceu de novo, excessivamente, e permaneceu calada, pressionando o dedo contra os dentes, contemplando o fogo. Eu a observei por alguns instantes com uma satisfação malévola; em seguida, indo em direção à porta, indaguei com tranquilidade se ela tinha algo mais a dizer.

“Sim, sim!”, ela exclamou num ímpeto, levantando-se de sua postura reclinada. “Gostaria de saber se vai contar ao Lord Lowborough.”

“E se contar?”

“Bem, se está disposta a espalhar o caso, *eu* não posso dissuadi-la, é claro — mas será horrível se você o fizer — e se não o fizer, considerarei você a mais generosa das mortais — e se tem alguma coisa neste mundo que eu possa fazer por você — qualquer coisa menos...”, ela hesitou.

“Qualquer coisa menos renunciar à sua relação criminosa com meu marido, imagino que você queira dizer”, declarei.

Ela estancou, com desconcerto e perplexidade evidentes, misturados a uma raiva que não ousava demonstrar.

“Não posso renunciar ao que me é mais caro que a vida”, ela murmurou em tom baixo, apressado. Em seguida, levantando a cabeça de repente e fixando seus olhos brilhantes em mim, continuou: “Mas, Helen — ou sra. Huntingdon, ou como prefira ser chamada —, você *vai* contar a ele? Se for generosa, essa é uma ótima oportunidade para praticar sua magnanimidade: se é orgulhosa, aqui estou — sua rival — disposta a se declarar sua devedora por um ato de nobre clemência.”

“Não vou contar a ele.”

“Não vai!”, ela exclamou com alegria. “Aceite meus sinceros agradecimentos, então!”

Ela saltou da poltrona e me ofereceu a mão. Recuei.

“Não me agradeça: não é pelo *seu* bem que me abstenho. Tampouco trata-se de um ato de clemência: eu tenho o desejo de espalhar seu vexame. Lamentaria afligir seu marido com essa informação.”

“E a Milicent? Você vai lhe contar?”

“Não, pelo contrário, vou fazer o possível para esconder isso dela. Não gostaria que ela soubesse da infâmia e da desgraça de uma parente!”

“Você usa palavras duras, sra. Huntingdon — mas sou capaz de perdoá-la.”

“E agora, Lady Lowborough”, prossegui, “permita-me aconselhá-la a ir embora desta casa *assim que possível*. Deve estar ciente de que sua permanência aqui me é muito desagradável — não por conta do sr. Huntingdon”, eu disse, observando o nascimento de um sorriso malicioso de triunfo em seu rosto —, “você pode ficar com ele, se gosta dele, no que tange *a mim* — mas por ser doloroso ficar sempre disfarçando meus verdadeiros sentimentos por você e me esforçando para manter a aparência de civilidade e respeito por alguém que não tenho nem sombra de estima; e porque, caso você fique, será impossível esconder por muito tempo sua conduta das únicas duas pessoas da casa que já não sabem do caso. E, pelo bem do seu marido, Annabella, e mesmo pelo seu, desejo — eu sinceramente aconselho e rogo que você rompa essa relação ilícita de uma vez por todas, e retome seus deveres enquanto pode, antes que as terríveis consequências...”

“Sim, sim, é claro”, ela disse, me interrompendo com um gesto impaciente. “Mas não posso ir, Helen, antes da data marcada para nossa partida. Que pretexto eu poderia inventar para fazer isso? Se propusesse voltar sozinha — o que Lowborough jamais permitiria — ou levá-lo junto, a própria situação com certeza levantaria suspeitas — e justo quando a nossa visita está *quase* chegando ao fim — é pouco mais de uma semana — claro que você aguenta a minha presença por *tanto* tempo! Não vou incomodá-la mais com as minhas impertinências amistosas.”

“Pois bem! Não tenho mais nada a lhe dizer.”

“Você mencionou o caso a Huntingdon?”, ela indagou, quando eu

estava saindo da biblioteca.

“Como ousa mencionar o nome dele para mim!”, foi a única resposta que dei.

Não trocamos nenhuma palavra desde então, a não ser as que a aparente decência e a pura necessidade exigiram.

35. Provoações

Dia 19. — À medida que Lady Lowborough percebe que não tem nada a temer da minha parte, e à medida que o momento da partida se aproxima, mais atrevida e insolente se torna. Não hesita em falar com meu marido com uma intimidade afetuosa na minha presença, quando não há mais ninguém por perto, e tem um apreço especial por demonstrar seu interesse na saúde e no bem-estar dele, ou em qualquer coisa que diga respeito a ele, como se fosse seu objetivo contrastar sua gentil solicitude com minha fria indiferença. E ele a recompensa com uns sorrisos e olhares, umas palavras cochichadas, ou insinuações ditas com audácia, sinais de sua percepção da bondade dela e de minha negligência, que fazem meu sangue subir ao rosto contra a minha vontade — pois eu ficaria totalmente alheia a tudo isso — surda e cega a tudo que se passa entre os dois, pois quanto mais me mostro sensível às suas maldades, mais ela triunfa em sua vitória e mais ele se gaba de que ainda o amo com toda devoção, apesar da minha pretensa indiferença. Nessas ocasiões, espantei-me algumas vezes com alusões sutis, perversas, instigando-me a demonstrar o oposto ao meu marido através do aparente incentivo às investidas de Hargrave; mas tais ideias são banidas em um instante, com horror e minha própria humilhação; e então o ódio dez vezes mais do que nunca, por me colocar nessa situação! — Deus me perdoe — e todos os meus pensamentos pecaminosos! Em vez de ser aviltada e purificada por minhas aflições, sinto que estão transformando minha natureza em bile. Deve ser culpa minha, assim como foi culpa deles me enganar. Nenhum cristão verdadeiro poderia acalentar sentimentos tão amargos quanto eu contra os dois —

sobretudo contra ela; ele, eu ainda sinto que seria capaz de perdoar — de bom grado, com sinceridade — ao mínimo sinal de arrependimento; mas quanto a *ela* — palavras não podem exprimir minha repugnância. A razão proíbe, mas a ira urge com força; e preciso orar e lutar para vencê-la.

Que bom que ela vai embora amanhã, pois eu não suportaria sua presença nem mais um dia sequer. Esta manhã, ela se levantou mais cedo que o habitual. Deparei com ela sozinha na sala quando desci para o café da manhã.

“Ah, Helen! É você?”, ela disse, se virando quando entrei.

Fiz um recuo involuntário ao vê-la, no que ela soltou uma breve risada, observando:

“Acho que *ambas* estamos decepcionadas.”

Eu avancei e me ocupei das coisas do café da manhã.

“Este é o último dia que vou abusar da sua hospitalidade”, disse ela, ao se sentar à mesa. “Ah, aí vem uma pessoa que não vai se regozijar disso!”, ela murmurou, meio que para si mesma, quando Arthur entrou na sala.

Ele apertou a mão dela e lhe desejou um bom-dia; então, olhando com carinho para seu rosto, e ainda lhe segurando a mão, ele murmurou com um tom patético:

“O último — último dia!”

“Sim”, ela disse em tom mais ríspido, “e me levantei cedo para aproveitá-lo ao máximo — fiquei aqui sozinha por meia hora, e *você*, seu preguiçoso...”

“Bom, achei que também tinha chegado cedo”, ele disse, “mas”, baixando a voz a quase um cochicho, “como você vê, não estamos a sós.”

“Nunca estamos”, ela respondeu. Mas estavam praticamente a sós, pois eu estava parada junto à janela, observando as nuvens, lutando para conter minha ira.

Eles trocaram mais algumas palavras, que, felizmente, não entreouvi; mas Annabella teve a audácia de se sentar ao meu lado e até mesmo pôr a mão no meu ombro e dizer com um ar gentil:

“Não precisa me invejar por causa dele, Helen, pois eu o amo mais

do que você seria capaz de amar.”

Fiquei transtornada. Peguei sua mão e a afastei de mim com violência, com uma expressão de repulsa e indignação que não consegui reprimir. Assustada, quase estarelecida, por essa súbita explosão, ela se retraiu em silêncio. Eu teria dado vazão à minha fúria e dito mais, mas a risadinha de Arthur fez com que eu retomasse o eixo. Refreei a invectiva pronunciada pela metade e virei o rosto com desdém, arrependendo-me de ter lhe dado tamanha diversão. Ele ainda ria quando o sr. Hargrave apareceu. Quanto daquela cena ele testemunhou não sei, pois a porta estava entreaberta quando chegou. Ele cumprimentou o anfitrião e a prima com frieza, e a mim com um olhar que pretendia expressar profunda compaixão misturada a grande admiração e estima.

“Quanta fidelidade a senhora deve a esse homem?”, ele indagou baixinho, quando estava a meu lado junto à janela, fingindo tecer comentários sobre o clima.

“Nenhuma”, respondi. E voltando na mesma hora para a mesa, me dediquei a preparar o chá. Ele me seguiu e teria entabulado uma conversa comigo, mas os outros convidados começavam a chegar e não prestei mais atenção nele, a não ser para lhe servir o café.

Após o café da manhã, decidida a passar o mínimo possível daquele dia na companhia da Lady Lowborough, saí às escondidas do grupo e me refugiei na biblioteca. O sr. Hargrave me seguiu até lá, sob o pretexto de pegar um livro; primeiro voltando-se para as estantes, escolheu um volume; e então, em silêncio, mas sem nenhum acanhamento, aproximou-se, ficou parado a meu lado e, pousando a mão no espaldar da minha cadeira, disse baixinho:

“E então a senhora se considera livre, afinal?”

“Sim”, respondi, sem me mexer ou tirar os olhos do livro, “livre para fazer o que for menos ofender a Deus e à minha consciência.”

Houve uma pausa momentânea.

“Muito bem”, ele disse, “desde que sua consciência não seja morbidamente delicada demais e suas ideias de Deus não sejam erroneamente tão severas; mas a senhora supõe que ofenderia a esse Ser benevolente se fizesse a alegria de alguém que morreria pela

sua? — se elevasse um coração devoto dos tormentos expiatórios a um estado de júbilo celestial, já que poderia fazê-lo sem causar o menor dano à senhora ou a qualquer outra pessoa?”

Disse isso com um tom baixo, sincero, derretido, curvado em minha direção. Levantei a cabeça e, ao confrontar com firmeza seu olhar, respondi em tom calmo:

“Sr. Hargrave, sua intenção é me insultar?”

Ele não estava preparado para isso. Deteve-se por um instante para se recuperar do choque, depois, levantando-se e tirando a mão da minha cadeira, ele respondeu, com uma tristeza orgulhosa:

“Essa não era a minha intenção.”

Só olhei na direção da porta, fazendo um leve movimento com a cabeça, e então voltei ao meu livro. Ele se retirou na mesma hora. Foi melhor do que se eu tivesse respondido com mais palavras e com a veemência a que meu primeiro ímpeto me levaria. Que coisa boa é ser capaz de controlar o próprio temperamento! Tenho que me esforçar para cultivar essa qualidade inestimável: só Deus sabe a frequência com que precisarei disso nesse caminho acidentado e escuro que tenho diante de mim.

No decorrer da manhã, fui a Grove com as duas damas, para dar a Milicent a oportunidade de se despedir da mãe e da irmã. Convenceram-na a passar o resto do dia com elas, a sra. Hargrave prometendo que a levaria de volta no fim da tarde e ficaria até que o grupo se dispersasse na manhã seguinte. Consequentemente, Lady Lowborough e eu tivemos o prazer de voltarmos tête-à-tête na carruagem. Nos primeiros quilômetros, guardamos silêncio, eu olhando pela minha janela e ela recostada no canto. Mas eu não me restringiria a uma posição específica por causa dela: quando me cansei de ficar curvada para a frente, com o vento frio, úmido no rosto, e depois de examinar as sebes avermelhadas, e a grama orvalhada, emaranhada de suas margens, desisti e também me recostei. Com o atrevimento habitual, minha companheira fez algumas tentativas de entabular uma conversa; mas os monossilábicos “sim” e “não” e “hunf” foram o máximo que seus diversos comentários extraíram de mim. Por fim, quando pediu minha opinião sobre um ponto

irrelevante da discussão, respondi:

“Por que você quer conversar comigo, Lady Lowborough? — deve saber o que penso de você.”

“Bom, se você vai *mesmo* ficar tão azeda comigo”, ela retrucou, “não posso fazer nada — mas *eu* não vou ficar emburrada por causa de ninguém.”

Nosso breve percurso chegava ao fim. Assim que a porta da carruagem se abriu, ela saltou e foi encontrar os cavalheiros, que acabavam de voltar do bosque. Claro que não a seguiu.

Mas seu atrevimento ainda não terminara: depois do jantar, me recolhi na sala de estar, como sempre, e ela me acompanhou, mas eu estava com duas crianças, e lhes dei toda a minha atenção, e resolvi ficar com elas até que os cavalheiros viessem ou Milicent chegasse com a mãe. A pequena Helen, no entanto, logo se cansou de brincar e insistiu em ser posta para dormir; e enquanto estava sentada no sofá com ela no meu joelho, e Arthur sentado a meu lado, brincando delicadamente com o cabelo macio e louro da amiguinha — Lady Lowborough se aproximou com passos serenos e se acomodou do outro lado.

“Amanhã, sra. Huntingdon”, ela disse, “você vai se livrar da minha presença, o que, sem dúvida, a deixará muito contente — é natural que seja assim — mas sabia que lhe prestei um ótimo serviço? — Devo lhe dizer qual foi?”

“Ficarei feliz em ouvir qual foi o serviço que você me prestou”, declarei, decidida a ficar calma, pois sabia pelo tom de sua voz que seu intuito era me provocar.

“Bom”, ela retomou, “não percebeu uma transformação salutar no sr. Huntingdon? Não viu o homem sóbrio, controlado que se tornou? Você via com pesar os hábitos que estava adquirindo, eu sei; e sei que fez de tudo para livrá-lo deles — mas sem sucesso, até que vim em seu auxílio. Eu lhe disse, em poucas palavras, que não suportava vê-lo se degradar daquele jeito, e que eu deixaria de — não importa o que eu falei para ele — mas veja a mudança que consegui, e você tem que me agradecer por isso.”

Eu me levantei e toquei o sino para chamar a babá.

“Mas não desejo um agradecimento”, ela prosseguiu, “a única retribuição que peço é que cuide dele quando eu estiver longe, e que não o reconduza, por meio da crueldade e da negligência, aos velhos hábitos.”

Estava quase louca de raiva, mas Rachel já estava à porta: aponte para as crianças, pois eu não podia confiar na minha própria boca; ela as levou embora e eu fui atrás.

“Você pode fazer isso, Helen?”, continuou Annabella.

Eu lhe lancei um olhar que destróçou o sorriso malicioso em seu rosto — ou o deteve, pelo menos por um tempo — e fui embora. Na antessala, encontrei o sr. Hargrave. Ele viu que eu não estava com humor para ouvir nada, e me deixou passar sem uma palavra sequer; mas quando, após alguns minutos de reclusão na biblioteca, recobrei minha compostura, e estava voltando para me juntar à sra. Hargrave e Milicent, que eu acabara de ouvir descer as escadas e entrar na sala de estar — deparei com ele ainda ali, demorando-se no cômodo mal iluminado, evidentemente me aguardando.

“Sra. Huntingdon”, ele disse quando passei, “me permite uma palavrinha?”

“O que foi? Seja rápido, por favor.”

“Eu a ofendi hoje de manhã e não consigo viver com esse desprazer.”

“Vai, e de agora em diante não peques mais”, retruquei, dando-lhe as costas.

“Não, não!”, ele exclamou às pressas, postando-se à minha frente, “me desculpe, mas preciso do seu perdão. Vou embora amanhã e talvez não tenha oportunidade de falar com a senhora outra vez. Cometi um erro, pois fui desrespeitoso comigo — e com a senhora também, por consequência; mas permita-me implorar que a senhora esqueça e perdoe minha arrogância estouvada, e que pense em mim como se aquelas palavras nunca tivessem sido ditas; porque, acredite, me arrependo profundamente delas, e a perda de sua estima é um castigo severo demais — é insuportável.”

“O esquecimento não pode ser comprado pela vontade, e não posso conceder minha estima a todos que a desejam, a não ser que também

a mereçam.”

“Vou considerar minha vida bem gasta se passá-la me esforçando para merecê-la, caso a senhora perdoe essa afronta. — A senhora perdoa?”

“Sim.”

“Sim? Mas a senhora o disse com frieza. Me dê sua mão e eu acreditarei. — Não? Então, sra. Huntingdon, *não* tenho seu perdão!”

“Sim — aqui está, e com ela meu perdão: mas — *não peques mais.*”

Ele apertou minha mão fria com um ardor sentimental, mas nada disse, e ficou de lado para que eu entrasse na sala, onde todo o grupo estava reunido. O sr. Grimsby estava sentado perto da porta: ao me ver entrar, praticamente seguida pelo Hargrave, ele me olhou de soslaio, com uma expressão cujo sentido era intolerável, quando passei. Eu o encarei até ele virar o rosto de mau humor, se não *envergonhado*, pelo menos *desconcertado* pela situação. Enquanto isso, Hattersley havia segurado Hargrave pelo braço, e sussurrava alguma coisa no ouvido dele — uma piada vulgar, sem dúvida, pois o último nem ria nem dava resposta, mas, virando o rosto com um leve beicinho no rosto, desvencilhou-se e foi até a mãe, que contava a Lord Lowborough as muitas razões que tinha para se orgulhar do filho.

Graças a Deus, todos vão embora amanhã.

36. Solidão em dobro

20 de dezembro de 1824. — Este é o terceiro aniversário de nossa próspera união. Faz dois meses que nossos convidados nos deixaram à fruição da companhia um do outro; e tive nove semanas de experiência desta nova fase da vida conjugal — duas pessoas vivendo juntas, como dono e dona da casa, e pai e mãe de uma criança encantadora, alegre, com o entendimento comum de que não existe amor, amizade nem compaixão entre eles. No que cabe a mim, me esforço para viver com ele em paz: eu o trato com uma civilidade impecável, abro mão da minha conveniência em prol da dele sempre que isso possa ser feito com sensatez, e o consulto em estilo profissional sobre questões domésticas, acatando seu prazer e juízo, embora saiba que este último é inferior ao meu.

Quanto a ele: nas primeiras duas semanas, ficou irritadiço e abatido — amofinado, suponho, pela partida de sua querida Annabella —, e mal-humorado sobretudo comigo: tudo o que eu fazia estava errado; eu era insensível, dura, insensata; meu rosto azedo, pálido era repulsivo; minha voz o fazia estremecer; ele não sabia como seria capaz de conviver comigo o inverno inteiro; eu o mataria aos pouquinhos. De novo propus uma separação, mas foi em vão: ele não seria o tema das velhas mexeriqueiras da vizinhança; não queria que falassem que era tão bruto que a esposa era incapaz de viver com ele — não; precisava conseguir me tolerar.

“Eu é que preciso conseguir tolerar *você*, é o que *você* quer dizer”, retruquei, “pois visto que cumpro minhas funções de camareira e dona de casa com tamanha diligência e adequação, sem pagamento e sem agradecimento, *você* não tem condições de me descartar. Portanto,

vou reduzir esses deveres quando meu cativo se tornar intolerável.” Essa ameaça, imaginei, serviria para mantê-lo sob controle, se é que algo o faria.

Creio que ficava muito decepcionado por eu não sentir de forma mais acentuada suas ofensas, pois quando dizia algo muito bem calculado para ferir meus sentimentos, me fitava o rosto como se buscasse algo, e então resmungava sobre meu “coração de mármore” ou minha “insensibilidade brutal”. Se chorasse com amargura, e lastimasse seu afeto perdido, ele talvez tivesse se dignado a se apiedar de mim, e a me tratar bem por algum tempo, só para aplacar sua solidão e se consolar pela ausência da amada Annabella, até que pudesse reencontrá-la ou achar uma substituta mais adequada. Graças a Deus, não sou tão fraca assim! Já estive apaixonada, com um afeto tolo, cego, que se apegava a ele apesar de sua indignidade, mas já passou por completo — triturada e mirrada; e ele deve isso só a si mesmo e às suas depravações.

A princípio (obedecendo às ordens da namoradinha, suponho), se absteve incrivelmente bem de buscar conforto para suas preocupações no vinho; mas, depois de um tempo, começou a afrouxar seus esforços virtuosos, e de vez em quando se excedia um pouco, e continua a se exceder — não, às vezes, não é *um pouco*. Quando está sob o efeito estimulante desses excessos, às vezes se exalta e tenta agir como um bruto; e então pouco me esmero para conter meu desdém e asco; quando está sob o efeito *deprimente* das consequências posteriores, ele lamenta seus sofrimentos e seus erros, e joga a culpa deles em cima de mim; sabe que tais indulgências prejudicam sua saúde, e lhe fazem mais mal do que bem, mas diz que o induzo a isso com meu comportamento anormal, indigno de uma mulher; será sua ruína, no fim das contas, mas a culpa é toda minha — e *então*, sou instigada a me defender — às vezes, com uma recriminação cruel. É o tipo de injustiça que não consigo aguentar com paciência. Será que não me esforcei durante bastante tempo, e com muito afinco, para salvá-lo desse mesmo vício? Não estaria ainda me esforçando para libertá-lo disso, se pudesse? Mas como poderia fazer isso o adulando e o afagando se sei que ele me menospreza? Será culpa *minha* que tenha

perdido minha influência sobre ele, ou que tenha perdido todo seu direito à minha estima? E será que devo buscar a reconciliação com ele se sinto que o abomino e ele me despreza? — e enquanto ele continua a se corresponder com Lady Lowborough, como sei que faz? Não, jamais, jamais, jamais! — ele pode morrer de tanto beber, mas a culpa não é minha!

Entretanto, ainda faço minha parte para salvá-lo: dou a entender que a bebida deixa os olhos turvos e o rosto vermelho e inchado, e que tende a deixá-lo tonto de corpo e mente, e se Annabella o visse sempre, assim como eu, se desencantaria logo, e que sem dúvida vai retirar seu apoio caso ele continue nesse caminho. Tal forma de repreensão só me traz ofensas vulgares — e de fato quase sinto que mereço, pois odeio usar esses argumentos, mas eles o pegam por seu coração idiotizado, e o fazem pensar, e refletir, e se abster, mais do que qualquer outra coisa que eu possa dizer.

No atual momento, aproveito um alívio temporário de sua presença: ele foi com Hargrave participar de uma caçada distante, e provavelmente só volta amanhã à noite. Como era diferente a sensação que me causava sua ausência!

O sr. Hargrave continua em Grove. Ele e Arthur volta e meia se encontram para praticar juntos suas caçadas rurais: ele vem sempre nos visitar, e não raro Arthur cavalga até a casa dele. Não acho que nenhum desses pretensos amigos esteja transbordando de amores um pelo outro, mas essa relação serve para passar o tempo, e muito me agrada que continue, já que me poupa de algumas horas de incômodo na companhia de Arthur, e lhe traz uma ocupação melhor do que a entrega embriagada a seus apetites hedonistas. A única objeção que tenho ao fato de que o sr. Hargrave está na vizinhança é que o temor de encontrá-lo em Grove me impede de ver sua irmã com a frequência de que eu gostaria; pois, ultimamente, ele tem se portado comigo com tamanha correção imperturbável que quase me esqueço de seu comportamento passado. Imagino que esteja tentando “ganhar minha estima”. Se continuar a agir dessa forma, *talvez* a ganhe — mas e daí? No momento em que tentar pedir algo mais, ele a perderá de novo.

10 de fevereiro. — É complicado, exasperante, ver seus bons sentimentos e boas intenções caírem por terra. Estava começando a me condoer do meu vil companheiro — me apiedar de seu estado lastimável, desconsolado, que não é apaziguado pelos confortos das faculdades intelectuais nem pela convicção de uma consciência limpa perante Deus — e pensar que preciso sacrificar meu orgulho e renovar mais uma vez minhas tentativas de tornar sua casa mais agradável e reconduzi-lo ao caminho da virtude; não por meio de falsas declarações de amor, e não pelo remorso fingido, mas pela mitigação da frieza habitual de minha conduta, e pela substituição da minha polidez glacial pela gentileza sempre que houver oportunidade; e não só estava começando a pensar assim, mas já tinha começado a pôr a ideia em prática — e qual foi o resultado? Nenhuma faísca de bondade — nenhum arrependimento suscitado, e sim um mau humor implacável e um espírito de cobrança tirânica que aumentava com a tolerância e um vislumbre de satisfação triunfal a cada vez que detectava uma suavidade branda nos meus modos, o que me transformava em mármore outra vez sempre que ocorria; e esta manhã ele encerrou a questão: acho que a petrificação está tão completa, por fim, que nada voltará a me derreter. Entre suas cartas, havia uma que examinei com sintomas de satisfação singular e depois jogou para mim por cima da mesa, com a advertência:

“Toma! Leia isto e tire alguma lição!”

Era escrita na letra vistosa da Lady Lowborough. Dei uma olhada na primeira página: parecia repleta de declarações extravagantes de afeto; desejos impetuosos de um reencontro rápido; uma rebeldia ímpia às ordens de Deus e insultos contra Sua Providência por ter separado o destino de ambos e os condenado ao cativeiro odioso da união com pessoas que não conseguiam amar. Ele deu uma risadinha abafada quando me viu mudar de cor. Dobrei a carta, me levantei e a devolvi a ele, sem tecer comentários além de:

“Obrigada — tirarei uma lição *disso!*”

Meu pequeno Arthur estava de pé entre os joelhos do pai, brincando alegremente com o anel brilhoso de rubi em seu dedo. Incitada por um ímpeto abrupto, imperativo, de afastar meu filho daquela má

influência, eu o peguei nos braços e o levei embora da sala. Sem gostar dessa saída repentina, a criança fez beicinho e chorou. Era uma nova punhalada no meu coração já torturado. Não o largaria; depois de levá-lo comigo para a biblioteca, fechei a porta e, me ajoelhando a seu lado, no chão, eu o abracei, beijei, chorei com uma afeição fervorosa. Mais assustado do que consolado pela minha atitude, ele lutou para se desvencilhar de mim e berrou chamando o papai. Eu o soltei dos braços, e nunca lágrimas mais amargas do que aquelas que escondia dele escorreram de meus olhos cegados, ardidos. Ouvindo seus gritos, o pai se dirigiu ao cômodo. Virei-me de imediato para que não me visse e interpretasse mal minha emoção. Ele me xingou e levou embora a criança agora tranquila.

É duro que meu querido pequenino o ame mais do que a mim; e que, tendo em conta que o bem-estar e a cultura do meu filho são minhas razões de viver, eu precise ver minha influência destruída por alguém cuja afeição egoísta é mais nociva do que poderiam ser a indiferença mais gélida ou a tirania mais brutal. Se, pelo bem do meu filho, eu lhe nego um prazer frívolo, ele procura o pai, e este, apesar de sua indolência egoísta, chega a se esforçar para atender aos desejos da criança: se tento refrear suas vontades, ou encará-lo com seriedade por algum ato de desobediência pueril, ele sabe que o pai sorrirá e ficará a seu lado contra mim. Portanto, além de ter a alma do pai no filho contra a qual lutar, as sementes de suas tendências malignas para sondar e erradicar, e seu exemplo e sua relação corruptores sobre a vida futura para neutralizar, *ele* já neutraliza meu trabalho árduo em benefício do menino, e me rouba seu amor — essa era minha única esperança terrena, e ele parece sentir um prazer diabólico em arrancá-la de mim.

No entanto, é um erro me desesperar: vou me recordar do conselho do inspirado autor: “Quem há entre vós que tema ao Senhor e ouça a voz do seu servo? *Quando sentar em trevas, e não tiver luz nenhuma, confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus!*”.

37. De novo o vizinho

20 de dezembro de 1825. — Outro ano se passou; estou cansada desta vida. No entanto, não posso desejar abandoná-la: sejam quais forem as aflições que me acometem aqui, não posso desejar abandonar meu querido sozinho neste mundo sombrio e perverso, sem uma amiga para conduzi-lo por seus labirintos aborrecidos, para adverti-lo de seus milhares de armadilhas e protegê-lo dos perigos que o cercam por todos os lados. Não sou talhada para ser sua única companhia, eu sei; mas não há quem supra minha função. Sou uma pessoa séria demais para cuidar de suas distrações e participar de seus esportes infantis como uma babá ou mãe precisam fazer, e não raro seus acessos de alegria exultante me perturbam e me alarmam: vejo neles a energia e o temperamento do pai, e tremo pelas consequências; e muitas vezes apago o júbilo inocente de que deveria partilhar. Esse pai, entretanto, não tem o peso da tristeza sobre sua cabeça — não é assolado por medos, não tem escrúpulos quanto ao bem-estar futuro do filho; e sobretudo no fim da tarde, quando vê o filho com mais tempo e frequência, está sempre bem-disposto e generoso: pronto para rir e brincar com tudo e todos — que não seja eu —, e eu estou especialmente quieta e triste: portanto, é claro, a criança se apega ao pai, que lhe parece alegre, divertido, sempre tolerante, e fica sempre contente em trocar a minha presença pela dele. Isso me incomoda muito, não tanto por conta do afeto do meu filho (embora o preze muito, e embora sinta que tenho direito a ele e que fiz muito para conquistá-lo), mas por essa influência que exerço sobre ele e que, em seu próprio benefício, vou lutar para obter e manter, e que por despeito o pai se deleita em roubar de mim, e, por mera vaidade sem

razão, lhe agrada conseguir para si, não fazendo nenhum uso dele a não ser me atormentar e estragar a criança. Meu único consolo é que passa relativamente pouco tempo em casa e, nos meses que fica em Londres ou em outros lugares, tenho a chance de recuperar o terreno que perdi e sobrepujar com o bem o mal gerado por seu desencaminho deliberado. Porém, é uma amarga provação vê-lo, à sua volta, fazendo o máximo para subverter meus esforços e transformar meu pequenino inocente, carinhoso, dócil em um menino egoísta, desobediente e maldoso, preparando assim o solo para aqueles vícios que tão bem cultivou na própria natureza pervertida.

Felizmente, não convidaram nenhum dos “amigos” de Arthur a Grassdale no último outono: dessa forma, ele foi visitá-los. Gostaria que sempre fizesse isso, e gostaria que seus amigos fossem muitos e amorosos o bastante para terem-no por perto o ano inteiro. O sr. Hargrave, muito para a minha irritação, não foi junto, mas acho que já não preciso mais lidar com esse cavalheiro.

Durante sete ou oito meses, ele se comportou tão bem e de forma bastante habilidosa que quase baixe a guarda, e estava começando a enxergá-lo como um amigo, e até a tratá-lo como tal, com certas restrições prudentes (que considerava pouco necessárias), quando, aproveitando-se da minha ingênua bondade, ele imaginou que poderia se arriscar a passar dos limites do comedimento decoroso e da correção que havia tanto tempo o continham. Foi em um agradável fim de tarde no fim de maio: eu estava passeando na propriedade, e ao me ver enquanto cavalgava, o sr. Hargrave tomou a liberdade de entrar e me abordar, apeando e deixando o cavalo no portão. Foi a primeira vez que se aventurou a entrar no terreno quando estava sozinha, sem a sanção da companhia da mãe ou da irmã, ou pelo menos o pretexto de ter um recado enviado por elas. Mas consegui parecer tão calmo e sereno, tão respeitoso e controlado em sua cordialidade que, embora um pouco surpresa, não fiquei nem assustada nem ofendida com a liberdade atípica, e ele caminhou comigo sob os freixos e à margem da água, e falou, com razoável animação, bom gosto e inteligência, de vários assuntos, antes que eu pensasse em me livrar dele. Então, após uma pausa, durante a qual

ambos contemplávamos a água tranquila, azul, eu remoendo as melhores formas de dispensar meu companheiro educadamente, e ele, sem dúvida, ponderando outras questões igualmente alheias aos dóceis sussurros e sons que não penetravam seus sentidos — de repente ele me causou um choque ao dar início, em um tom peculiar, baixo, suave, mas muito claro, às mais inequívocas declarações de amor sincero e apaixonado, defendendo sua causa com toda a eloquência audaz mas engenhosa que conseguia reunir. Encurtei seu apelo, porém, e o rechacei com tanta determinação, tanta firmeza, e com um misto tal de indignação desdenhosa temperada com tristeza e compaixão frias, impassíveis por sua mente incivilizada, que ele recuou, atônito, mortificado e desconsolado; e, alguns dias depois, ouvi dizer que viajou para Londres. No entanto, voltou depois de oito ou nove semanas — e não se manteve de todo distante de mim, mas se comportou de modo tão notável que sua arguta irmã não teve como não perceber a mudança.

“O que foi que você fez ao Walter, sra. Huntingdon?”, ela me perguntou uma manhã, quando fui visitar Grove e ele acabara de sair da sala depois de trocar poucas palavras com uma polidez gélida. “Ele anda tão cerimonioso e pomposo ultimamente que nem imagino a que isso se deve, a não ser que a senhora o tenha ofendido muito. Me diga o que foi, assim posso ser a mediadora e fazer com que voltem a ser amigos.”

“Não fiz nada com a intenção de ofendê-lo”, declarei. “Se ele está ofendido, é melhor que ele lhe diga por quê.”

“Vou perguntar a ele”, bradou a eufórica menina, levantando-se e colocando o rosto para fora da janela, “ele está ali no jardim — Walter!”

“Não, não, Esther! Você vai me desagradar muito agindo assim; e vou embora imediatamente e passarei meses sem voltar — talvez anos.”

“Chamou, Esther?”, indagou o irmão, aproximando-se da janela pelo lado de fora.

“Sim; queria lhe perguntar...”

“Tenha um bom dia, Esther”, eu disse, pegando sua mão e a

apertando com força.

“Para lhe perguntar”, ela prosseguiu, “se você pode me dar uma rosa para eu presentear a sra. Huntingdon.” Ele foi embora. “Sra. Huntingdon”, ela exclamou, virando-se para mim e ainda me segurando pela mão, “estou muito chocada com a senhora — está tão raivosa, distante e fria quanto ele; e eu decidi que antes que a senhora se vá, os dois precisam voltar a ser bons amigos como sempre foram.”

“Esther, que grosseria a sua!”, exclamou a sra. Hargrave, que estava sentada na poltrona, concentrada no tricô. “Está claro que você *nunca* vai aprender a se comportar como uma dama!”

“Bom, mamãe, a senhora mesmo disse...” Mas a jovem foi silenciada pelo dedo em riste da mãe, acompanhado de uma negativa seríssima que ela fez com a cabeça.

“Ela não é uma rabugenta?”, cochichou para mim, mas, antes que eu pudesse dar minha cota de censura, o sr. Hargrave ressurgiu na janela com uma bela rosa na mão.

“Aqui, Esther, eu trouxe a rosa”, ele disse, entregando a flor à irmã.

“Entregue a ela, seu burro!”, ela retrucou, recuando com um salto de onde estava, entre nós dois.

“A sra. Huntingdon prefere recebê-la de suas mãos”, ele respondeu em tom seríssimo, mas abaixando a voz para que a mãe não o escutasse. A irmã pegou a rosa e a entregou a mim.

“Com os cumprimentos do meu irmão, sra. Huntingdon, e com a esperança que ele tem de que os dois se entendam melhor em breve. — Está bom, Walter?”, acrescentou a insolente menina, virando-se para ele e passando o braço em torno de seu pescoço, enquanto ele continuava debruçado no peitoril da janela, “ou devo dizer que você pede desculpas por ter sido melindroso? Ou que espera que ela perdoe sua ofensa?”

“Sua boba! Você não sabe do que está falando”, ele rebateu, sério.

“Não sei mesmo, pois estou às cegas.”

“Agora, Esther”, interferiu a sra. Hargrave, que, se também ignorante da causa de nosso estranhamento, pelo menos via que a filha agia de forma bem inconveniente, “tenho que insistir que você se retire da sala!”

“Por favor, não, sra. Hargrave, pois eu mesma estou de saída”, declarei, e me despedi no mesmo instante.

Cerca de uma semana depois, o sr. Hargrave levou a irmã para me ver. Ele agiu, a princípio, com seu habitual ar frio, distante, meio imponente e meio melancólico, totalmente magoado; mas dessa vez Esther não comentou o fato: era evidente que tinham-lhe ensinado a ter mais modos. Ela conversou comigo e riu e fez farra com o pequeno Arthur, seu adorado e amoroso companheiro de brincadeiras. Ele, um pouco para o meu incômodo, a induziu a sair da sala para correr pelo corredor e, depois, pelo jardim. Eu me levantei para remexer o fogo. O sr. Hargrave perguntou se eu estava com frio, e fechou a porta — um gesto muito intempestivo de intromissão, pois eu pensara em seguir os dois barulhentos, se não voltassem logo. Ele tomou a liberdade de se aproximar da lareira e me perguntar se eu sabia que agora o sr. Huntingdon estava na casa do Lord Lowborough, e provavelmente ficaria lá por um algum tempo.

“Não, mas não importa”, respondi em tom despreocupado, e se minhas faces ardiam como fogo, era mais pela pergunta do que pela informação que transmitia.

“A senhora não faz objeção?”, ele indagou.

“De jeito nenhum, se Lord Lowborough gosta da companhia dele.”

“Então a senhora não sente mais amor nenhum por ele?”

“Nenhum.”

“Eu sabia — sabia que a senhora era de uma natureza magnânima e pura demais para continuar a ver uma pessoa tão falsa e suja com algo além de indignação e aversão desdenhosa!”

“Ele não é seu amigo?”, questionei, voltando meus olhos do fogo para seu rosto, talvez com um leve toque daqueles sentimentos que atribui ao outro.

“Ele *era*”, respondeu com a mesma seriedade tranquila de antes, “mas não me ofenda supondo que eu poderia continuar minha amizade e estima por um homem que com tanta infâmia — tanta impiedade abandona uma pessoa e a magoa de forma que transcende qualquer — bem, não vou falar nisso. Mas, me diga, a senhora nunca cogita a vingança?”

“Vingança! Não — que bem isso traria? — não o tornaria uma pessoa melhor e não me faria mais feliz.”

“Não sei como conversar com a senhora”, ele disse, sorrindo, “a senhora é só metade mulher — sua natureza deve ser metade mulher e metade angelical. Essa bondade me intimida; não sei o que pensar dela.”

“Então, receio que o senhor seja muito pior do que deveria ser, se eu, uma mera mortal comum, sou, segundo sua própria confissão, tão superior ao senhor — e já que existe tão pouca afinidade entre nós, acho que é melhor procurarmos companhias mais compatíveis.” E me afastando na direção da janela, comecei a procurar meu filhinho e sua alegre amiga.

“Não, afirmo que sou *eu* o mortal comum”, rebateu o sr. Hargrave. “Não vou me permitir ser pior do que meus pares; no entanto *a senhora*, madame — eu também afirmo que não há ninguém igual. Mas a senhora é feliz?”, ele perguntou em tom sério.

“Tão feliz quanto alguns outros, imagino.”

“É tão feliz quanto deseja ser?”

“Ninguém é assim tão abençoado nesse quesito, neste lado da eternidade.”

“De uma coisa eu sei”, ele disse com um suspiro profundo, entristecido, “a senhora é imensamente mais feliz do que eu.”

“Então sinto muito pelo senhor”, me foi inevitável responder.

“Sente *mesmo*? — Não — pois se sentisse, ficaria contente em me ajudar.”

“E é o que faria, se pudesse, sem me ferir ou ferir alguma outra pessoa.”

“E creê que eu desejaria que a senhora se ferisse? — Não, pelo contrário: é sua felicidade que eu desejo mais do que a minha. A senhora está péssima agora”, ele prosseguiu, olhando com audácia para o meu rosto. “A senhora não se queixa, mas vejo — e sinto — que a senhora sabe que está muito mal — e deve continuar assim enquanto mantiver esse muro de gelo impenetrável em torno do seu coração ainda quente e palpitante — e eu também estou péssimo. Conceda-me um sorriso e ficarei feliz: e acredite que a senhora

também ficará feliz, pois se a senhora é uma mulher, posso deixá-la feliz — e é o que *vou* fazer mesmo contra sua vontade”, ele murmurou por entre os dentes, “e quanto aos outros, a questão fica só entre nós: a senhora não tem como magoar seu marido e ninguém mais tem a ver com a situação.”

“Tenho um filho, sr. Hargrave, e o senhor tem mãe”, eu disse, afastando-me da janela, para onde ele me seguira.

“Eles não precisam saber”, ele começou, mas antes que pudéssemos dizer mais alguma coisa, Esther e Arthur voltaram à sala. A primeira olhou para o semblante enrubescido e nervoso de Walter e depois para o meu — também um pouco enrubescido e nervoso, ousou dizer, embora por motivos diferentes. Ela deve ter pensado que estávamos brigando violentamente, e percebia-se que estava perplexa e preocupada com a situação; mas foi educada demais ou estava com muito medo da raiva do irmão para aludir ao fato. Ela se sentou no sofá e, puxando para trás seus cachos dourados, brilhosos, que se espalhavam em abundância sobre o rosto, começou logo a falar do jardim e do amiguinho, e continuou falando sem parar, no seu fluxo habitual, até o irmão chamá-la para irem embora.

“Se falei com entusiasmo demais, me perdoe”, ele murmurou ao se despedir, “ou jamais vou me perdoar.”

Esther sorriu e me olhou: apenas lhe fiz uma mesura e seu semblante adquiriu um ar de frustração. Achou que era uma retribuição pobre à concessão generosa de Walter, e ficou decepcionada com a amiga. Pobre menina, como conhece pouco o mundo em que vive!

O sr. Hargrave só teve a oportunidade de me reencontrar a sós algumas semanas depois; mas quando me encontrou, havia menos orgulho e mais da melancolia comovente em seus modos do que antes. Ah, *como* ele me irritou! Fui obrigada, no fim, a cessar quase por completo minhas visitas a Grove, às custas de causar grande ofensa à sra. Hargrave e muita angústia à pobre Esther, que realmente valoriza minha companhia — por falta de outras melhores, e que não precisa sofrer pelos erros do irmão. Mas aquele inimigo incansável ainda não fora vencido: ele parecia estar sempre alerta. Volta e meia eu o via

cavalgando nos entornos da casa, olhando ao redor à medida que avançava — ou se *eu* não o via, Rachel via. Essa mulher, que enxergava longe, logo imaginou qual era a situação entre nós e, ao avistar os movimentos do inimigo do alto da janela do quarto da criança, ela me fazia uma insinuação silenciosa, se me visse em preparativos para um passeio quando tinha razões para crer que ele estava por perto ou quando achava provável que me veria ou me surpreenderia no caminho que eu pretendia atravessar. Então eu adia o passeio ou naquele dia me limitava à propriedade e a seus jardins — ou se a caminhada proposta fosse relevante, como uma visita aos enfermos e sofrendores, levava Rachel comigo e assim nunca era incomodada.

Mas em um dia ameno, ensolarado, no começo de novembro, me aventurei a sair sozinha, para visitar a escola do vilarejo e alguns dos inquilinos pobres, e quando voltei, me alarmei com o tropel das patas de um cavalo se aproximando às minhas costas, em um trote veloz, constante. Não havia escada ou frestas por perto por onde eu pudesse fugir para o campo; assim, caminhei em silêncio, dizendo a mim mesma:

“Talvez não seja ele, afinal; e se for, e se ele *realmente* me incomodar — será pela última vez — estou decidida, se a força das palavras e dos olhares for capaz de enfrentar um atrevimento sereno e um sentimentalismo repugnante tão inexauríveis quanto os dele.”

O cavalo logo me alcançou e foi parado a meu lado. *Era mesmo* o sr. Hargrave. Ele me cumprimentou com um sorriso que pretendia ser suave e melancólico, mas sua satisfação triunfante por enfim ter me flagrado ficou tão evidente que o sorriso foi um enorme fracasso. Depois de responder de forma sucinta à saudação e perguntar pelas damas de Grove, me virei e continuei meu caminho; porém, ele me seguiu, e manteve o cavalo a meu lado: era patente que almejava me fazer companhia até o fim.

Pois bem! Não me importo muito. Se o senhor quer outra rejeição, aguento — e não há de quê”, foi meu comentário interno. *Agora, meu senhor, o que mais?*

Essa pergunta, embora não tivesse sido pronunciada, não ficou sem

resposta: após algumas observações fortuitas sobre assuntos desinteressantes, ele começou, em tom solene, o seguinte apelo à minha humanidade:

“No próximo mês de abril fará quatro anos que a vi pela primeira vez, sra. Huntingdon — talvez *a senhora* tenha se esquecido da situação, mas *eu* jamais me esqueço —, eu a admirei na época, profundamente, mas não tive a audácia de amá-la: no outono seguinte, vi tantas das suas perfeições que foi impossível não amá-la, embora não tivesse a audácia de demonstrar. Há mais de três anos, aguentou um martírio total. Da angústia das emoções suprimidas, saudades intensas e infrutíferas, tristeza silenciosa, esperanças despedaçadas e afetos pisoteados — sofri mais do que seria capaz de dizer, ou do que a senhora seria capaz de imaginar — e foi a senhora o motivo — e não foi, de modo geral, um motivo tolo. Minha juventude está se esvaindo; minhas perspectivas são turvas; minha vida é um vazio desolador; não tenho nem um dia nem uma noite de descanso: me tornei um fardo para mim e para os outros — e a senhora poderia me salvar com uma única palavra — um olhar, e se nega a fazê-lo. — Não é verdade?”

“Em primeiro lugar, não acredito no senhor”, respondi. “Segundo que, se o senhor vai agir como um tolo, não tenho como impedi-lo.”

“Se a senhora pretende”, ele retrucou, sério, “considerar uma loucura os impulsos mais incríveis, mais fortes, mais divinos da nossa natureza — *eu não acredito na senhora* — eu sei que a senhora não é o ser insensível, gélido, que finge ser — a senhora já teve um coração, e o entregou a seu marido. Quando percebeu que ele é totalmente indigno do tesouro, a senhora o reivindicou de volta — e não vai *fingir* que amava tanto aquele perdulário hedonista, mundano, com tamanha devoção que jamais poderia amar outro homem, vai? — Sei que há sentimentos na sua natureza que nunca foram evocados — também sei que no seu atual estado de solidão, de negligência, a senhora está, e *deveria* estar, infeliz. Está nas suas mãos tirar dois seres humanos de uma situação de sofrimento genuíno e alçá-los a uma bem-aventurança indizível, como só um amor generoso, nobre, abnegado pode fazer (pois a senhora *pode* me amar se quiser; pode dizer que me

despreza e me detesta, mas — já que a senhora me deu o exemplo da franqueza — eu respondo que *eu não acredito na senhora!*), mas a senhora se recusa! A senhora prefere nos deixar infelizes; e me diz com frieza que é a vontade de Deus que continuemos assim. A *senhora* pode chamar isso de religião, mas *eu* chamo de fanatismo louco!”

“Existe outra vida tanto para o senhor quanto para mim”, declarei. “Caso seja a vontade de Deus que semeemos lágrimas agora, é só para colhermos alegria depois. É da vontade Dele que não magoemos os outros pela satisfação de nossas paixões terrenas; e o senhor tem mãe, tem irmãs e tem amigos que ficariam muito magoados com sua desgraça; e eu também tenho amigos cuja paz de espírito jamais será sacrificada em prol do meu prazer — ou do senhor, com o meu consentimento —, e se eu estivesse sozinha no mundo, ainda teria meu Deus e minha religião, e preferiria morrer a desonrar minha missão e romper com minha fé em Deus para conseguir alguns anos breves de felicidade fajuta e efêmera — uma felicidade que sem dúvida acabaria em tormento, mesmo aqui — para mim ou para outra pessoa!”

“Não precisa haver desonra — nem tormento ou sacrifício de qualquer parte”, ele insistiu. “Não peço que a senhora abandone sua família ou desafie a opinião do mundo.” — Mas não preciso repetir todos os argumentos dele. Refutei-os com toda a força possível; mas essa força era irritantemente pequena, naquele momento, pois eu estava tão perturbada de indignação — e até vergonha — por ele ter a audácia de me tratar assim, que não conseguia ter controle suficiente dos pensamentos e da língua para enfrentar à altura seus potentes sofismas. Ao descobrir, no entanto, que não poderia ser silenciado pela razão, e que chegava até a se regozijar disfarçadamente de sua aparente vantagem, e se arriscava a zombar dessas afirmações que eu não tive a frieza de provar, mudei de rumo e tentei outro plano.

“O senhor de fato me ama?”, eu indaguei a sério, estancando e olhando-o com tranquilidade.

“Se eu a amo!”, ele exclamou.

“*De verdade?*”, interpelei.

Seu semblante se animou; ele imaginou que o triunfo era iminente.

Começou uma declaração veemente da veracidade e do fervor de seu apego, que abreviei com outra pergunta:

“Mas não é um amor egoísta? — o senhor tem um afeto tão desinteressado a ponto de sacrificar seu próprio prazer pelo meu?”

“Eu daria minha vida para servi-la.”

“Não quero sua vida — mas o senhor tem compaixão suficiente pelas minhas angústias a ponto de se esforçar para aliviá-las, correndo o risco de causar certo incômodo a si?”

“Me ponha à prova e a senhora verá!”

“Se sim — *nunca mais mencione esse assunto*. O senhor não tem como recorrer a ele de forma alguma sem dobrar o peso desses sofrimentos que o senhor lastima com tanta comoção. Nada me resta além do conforto de uma consciência tranquila e de uma fé esperançosa em Deus, e seus esforços sempre me privam de ambos. Caso o senhor persista, passarei a vê-lo como meu inimigo mais fatal.”

“Mas me escute um instantinho...”

“Não! O senhor disse que daria sua vida para me servir: só peço seu *silêncio* sobre um assunto específico. Fui clara, e sou sincera no que digo. Caso o senhor volte a me atormentar desse jeito, terei que concluir que suas declarações são completamente falsas, e que o senhor me odeia de coração com a mesma veemência com que diz me amar!”

Ele mordeu o lábio e voltou os olhos para o chão, guardando silêncio por um tempo.

“Então preciso deixá-la”, ele disse por fim, me olhando com firmeza, como se tivesse uma última esperança de detectar um sinal de agonia irreprimível ou de consternação, suscitado por aquelas palavras solenes. “Preciso deixá-la. Não posso viver aqui e me calar para sempre sobre o assunto que consome todos os meus pensamentos e desejos.”

“Em outros tempos, creio eu, o senhor passava pouco tempo em casa”, respondi, “não fará mal caso se ausente de novo, por um tempo — se for mesmo necessário.”

“Se for mesmo *possível*”, ele murmurou — “e a senhora se despede de mim com tanta frieza? De fato deseja isso?”

“Sem sombra de dúvida. Se o senhor não consegue me ver sem me atormentar, como tem feito nos últimos tempos, é de bom grado que lhe digo adeus e nunca mais volto a vê-lo.”

Ele não deu resposta, mas, se curvando do alto do cavalo, me esticou a mão. Olhei seu rosto e vi, em sua expressão, uma agonia tão genuína na alma que, sem saber se era decepção amarga, orgulho ferido, amor persistente ou raiva abrasadora o sentimento mais predominante, não pude evitar de apertar sua mão com a franqueza com que me despediria de um amigo. Ele a segurou com força e imediatamente meteu as esporas no cavalo e partiu aos galopes. Muito pouco tempo depois, soube que tinha viajado para Paris, onde ainda estava, e quanto mais tempo permanecer lá, melhor para mim.

Agradeço a Deus por esse livramento!

volume iii

38. O homem ferido

20 de dezembro de 1826. — O quinto aniversário do meu casamento, e tenho fé de que será meu último sob este teto. Minha decisão está tomada, meu plano concebido e em certa medida já em execução. Minha consciência não me culpa, mas enquanto a resolução é amadurecida, permita-me passar algumas poucas dessas longas noites de inverno defendendo meu argumento para minha própria satisfação — uma distração bastante sombria, mas que tem ares de atividade proveitosa, e que me cairá melhor como tarefa do que algo mais leve.

Em setembro, a sossegada Grassdale voltou a ganhar vida com um grupo de damas e cavalheiros (supostamente) constituído dos mesmos indivíduos convidados no penúltimo ano, com o acréscimo de mais duas ou três pessoas, entre elas a sra. Hargrave e sua filha caçula. Os cavalheiros e Lady Lowborough foram convidados em prol do prazer e da conveniência do anfitrião, as outras senhoras, imagino que para salvaguardar as aparências; para me manter sob controle e garantir que meu comportamento fosse discreto e civilizado. Porém, as mulheres ficaram por apenas três semanas, os cavalheiros, à exceção de dois, ficaram mais de dois meses, pois o hospitaleiro anfitrião relutava em deixá-los partir e ficar sozinho com seu intelecto brilhante, sua consciência limpíssima e sua amada e amorosa esposa.

No dia da chegada de Lady Lowborough, eu a segui até seu quarto e lhe disse sem rodeios que, se tivesse motivos para acreditar que continuava sua relação criminosa com o sr. Huntingdon, eu consideraria meu dever absoluto informar a seu marido da situação — ou despertar suas suspeitas, pelo menos —, por mais doloroso que

fosse ou por mais pavorosas que pudessem ser as consequências. Ela primeiro ficou assustada com essa declaração, tão inesperada, e feita com tanta determinação, mas também tanta calma; porém, recuperando-se logo depois, ela retrucou com frieza que se eu visse qualquer coisa repreensível ou suspeita em sua conduta, me daria total liberdade para contar tudo ao lorde. Disposta a me satisfazer com esse diálogo, eu a deixei a sós, e de fato nada vi desde então que fosse especialmente repreensível ou suspeito em sua conduta com o anfitrião; no entanto, tinha que cuidar dos outros convidados e não os observei com tanta atenção — pois, para confessar a verdade, eu *temia* ver algo entre eles. Eu já não considerava mais esse assunto um problema meu, e se era meu dever contar a Lord Lowborough, era um dever doloroso, e receava ser convocada a cumpri-lo.

No entanto, meus temores chegaram ao fim de um modo que eu não previa. Um fim de tarde, cerca de quinze dias após a chegada das visitas, eu havia me recolhido na biblioteca para conseguir alguns minutos de trégua da alegria forçada e das conversas cansativas — já que depois de um período tão longo de reclusão, tedioso de fato, como eu volta e meia achava, nem sempre aguentava violentar meus sentimentos e instigar minhas faculdades para falar, sorrir e ouvir, e interpretar a anfitriã atenciosa — ou até a amiga animada — me abrigara na reentrância da janela, e olhava em direção ao oeste, onde as colinas escuras se erguiam, muito definidas contra a nítida luz âmbar da tardinha, que aos poucos se misturava e se dissipava no azul puro e pálido do alto do céu, onde uma estrela cintilante brilhava, como se promettesse: “Quando essa luz agonizante se for, o mundo não ficará nas trevas, e aqueles que não têm fé em Deus — cujas mentes não são toldadas pelos nevoeiros da incredulidade e do pecado, nunca ficam totalmente desconsolados” — quando escutei um passo acelerado e Lord Lowborough apareceu — o cômodo ainda era seu refúgio predileto. Ele bateu a porta com uma violência atípica e atirou o chapéu, sem se incomodar com o lugar onde cairia. Qual seria o problema? Seu rosto estava pálido como o de um fantasma, a testa brilhava com o suor da agonia. Estava claro que enfim sabia dos próprios delitos!

Sem perceber minha presença, ele começou a andar de um lado para outro em um estado de agitação receosa, abanando as mãos com gestos violentos e soltando grunhidos baixos ou exclamações incoerentes. Fiz um movimento para adverti-lo de que não estava sozinho, porém estava ocupado demais para notar. Talvez, quando estivesse de costas para mim, eu conseguisse atravessar o cômodo e sair despercebida; levantei-me para fazer a tentativa, mas então ele me notou. Assustou-se e ficou parado um instante; em seguida, enxugou a testa suada e, avançando na minha direção, com uma espécie de compostura anormal, disse em um tom grave, quase sepulcral:

“Sra. Huntingdon, vou ter que ir embora amanhã.”

“Amanhã!”, repeti. “Não vou perguntar o motivo.”

“Então a senhora sabe — e consegue manter a calma!”, ele disse, examinando-me com uma perplexidade imensa, não sem uma espécie de amargura ressentida, segundo me parecia.

“Faz tanto tempo que sei...” Calei-me a tempo, e acrescentei, “do caráter do meu marido que nada me espanta.”

“Mas isso — há quanto tempo a senhora sabe disso?”, ele quis saber, apoiando a mão cerrada na mesa ao lado, com o olhar intenso e fixo no meu rosto.

Senti-me uma criminosa.

“Não muito”, respondi.

“A senhora sabia!”, ele berrou com uma veemência aguda, “e não me contou! A senhora ajudou a me enganar!”

“Meu senhor, eu *não* ajudei a enganá-lo.”

“Então por que não me contou?”

“Porque sabia que seria doloroso para o senhor — eu esperava que ela retomasse seus deveres, e que então não houvesse necessidade de atormentar seus sentimentos com esse...”

“Ah, meu Deus! Há quanto tempo isso vem acontecendo? Quanto tempo faz, sra. Huntingdon? — Me diga — eu preciso saber!”, ele bradou com uma avidez emotiva e assustada.

“Dois anos, creio eu.”

“Deus do Céu! E ela me ludibriou esse tempo todo!” Ele se virou

com um gemido de agonia contido, e voltou a andar de um lado para outro, em um paroxismo de agitação renovada. Meu coração me derrotou; mas eu tentaria consolá-lo, embora não soubesse como tentar fazê-lo.

“Ela é uma mulher perversa”, declarei. “Ela o enganou e o traiu de forma vil. Ela é tão pouco digna de sua mágoa quanto é de seu afeto. Não permita que ela o fira ainda mais: separe-se dela e fique sozinho.”

“E a senhora, madame”, ele disse em tom sério, interrompendo seus passos e se virando para mim, “a senhora também me feriu com essa ocultação mesquinha!”

Meus sentimentos mudaram de repente. Algo subiu dentro de mim e me instou a devolver essa resposta hostil à minha solidariedade sincera e a me defender com uma severidade à altura. Felizmente, não cedi ao impulso. Percebi seu sofrimento quando, de repente batendo com a mão na testa, ele se virou de forma abrupta para a janela e, olhando para o céu plácido, murmurou com veemência: “Ah, Deus, que venha a minha morte!” — e senti que pôr mais uma gota de amargor naquela xícara já transbordante seria de fato mesquinha. No entanto, receio que houvesse mais frieza do que delicadeza no tom sereno da minha resposta:

“Posso oferecer muitas desculpas que seriam aceitas como válidas, mas não vou me aventurar a enumerá-las...”

“Eu as conheço”, ele disse logo, “a senhora dirá que não era problema seu — que eu tinha que ter cuidado de mim mesmo — que se a minha cegueira me levou a esse fosso infernal, não tenho o direito de culpar outra pessoa por me atribuir uma sagacidade bem maior do que eu tenho...”

“Admito que agi mal”, continuei, sem me importar com a interrupção azeda, “mas seja a falta de coragem ou uma bondade equivocada a razão do meu erro, creio que o senhor me responsabiliza com severidade excessiva. Eu disse a Lady Lowborough, duas semanas atrás, no instante em que ela chegou, que eu consideraria meu dever informá-lo caso ela continuasse a enganá-lo: ela me deu plena liberdade para fazer isso caso eu visse algo de repreensível ou suspeito em sua conduta — não vi nada, e confiei que ela tivesse mudado de

rumo.”

Ele continuou olhando pela janela enquanto eu falava, e não respondeu, mas, alfinetado pelas lembranças que minhas palavras despertaram, bateu o pé no chão, trincou os dentes e enrugou a testa, como se estivesse sob intensa dor física.

“Foi errado, foi errado!”, ele murmurou, por fim. “Não há desculpa — não há reparação — pois nada vai reaver esses anos de credulidade amaldiçoada — nada vai apagá-los! — nada, nada!”, ele repetia em um sussurro cujo amargor desesperado impedia qualquer rancor de minha parte.

“Quando reconto a história a mim mesma, admito que *foi* errado”, respondi, “mas só agora posso me arrepender de não ter visto a situação sob esta luz antes, e de que, conforme o senhor diz, nada possa reaver o passado.”

Algo na minha voz ou na natureza dessa resposta pareceu alterar seu humor. Virando-se para mim e examinando meu rosto atentamente, à luz mortíça, ele disse em tom mais brando do que tinha usado até ali:

“A senhora também sofreu, imagino.”

“Sofri muito, no começo.”

“Quando foi isso?”

“Dois anos atrás; e daqui a dois anos o senhor estará tranquilo como estou agora — e muito, muito mais feliz, creio eu, pois o senhor é homem e é livre para agir como quiser.”

Algo parecido com um sorriso, mas *muito* amargo, cruzou seu rosto por um instante.

“A senhora não tem sido feliz ultimamente?”, ele indagou com certo esforço para recobrar a compostura e a determinação de dispensar mais discussões sobre a própria calamidade.

“Feliz!”, repeti, quase insultada pela questão. “Como poderia ser com um marido assim?”

“Percebi a mudança na sua aparência desde os primeiros anos de casamento”, ele prosseguiu. “Comentei esse assunto com — com aquele demônio infernal”, ele murmurou por entre os dentes, “e ele disse que era seu próprio temperamento azedo que corroía sua

exuberância: estava deixando a senhora envelhecida e feia antes do tempo, e já tinha feito do lar um lugar tão triste quanto a cela de um convento. — Está sorrindo, sra. Huntingdon — nada a abala. Gostaria que minha natureza fosse tão serena quanto a da senhora!”

“Minha natureza não era serena”, expliquei. “Aprendi a fazer parecer que sim por meio de duras lições, e de muitas tentativas frequentes.”

Neste momento, o sr. Hattersley irrompeu no cômodo.

“Olá, Lowborough!”, ele começou. “Ah! Me perdoe”, exclamou ao me ver, “não sabia que era um tête-à-tête. Anime-se, homem!”, ele prosseguiu, dando um golpe nas costas de Lord Lowborough, o que o fez se afastar com olhares de repulsa e irritação inefáveis. “Vamos, quero dar uma palavrinha com você.”

“Então dê.”

“Mas não sei se será muito agradável para a dama o que eu tenho a dizer.”

“Então não seria agradável para mim”, disse o lorde, virando-se para sair do cômodo.

“Seria, sim”, bradou o outro, seguindo-o até o corredor. “Se você tem coragem de homem, é exatamente o que você quer. É só isso, meu amigo”, ele continuou, baixando a voz, mas não o suficiente para evitar que eu escutasse cada uma de suas palavras, embora entre nós houvesse uma porta entrefechada: “Acho que você é um homem maltratado — não, não, não se zangue — não quero ofendê-lo: é só o meu jeito bruto de falar. Tenho que falar agora, você *sabe* disso, senão eu não falo — e vim — pare! Deixe-me explicar — eu vim lhe oferecer meus préstimos, pois embora o Huntingdon seja meu amigo, ele é um velhaco diabólico, como todos nós sabemos, e eu serei *seu* amigo desta vez. Eu sei o que você quer, que é botar as coisas em ordem: é só trocar tiros com ele que você vai voltar a se sentir bem; e se um acidente acontecer — oras, tudo bem também, ousou dizer a um sujeito desesperado como você. — Vamos! Me dá a sua mão e não fique tão vermelho de raiva. Diga a hora e o lugar que eu providencio o resto.”

“Esse”, respondeu Lord Lowborough, em uma voz mais baixa, ponderada, “é exatamente o remédio que meu coração, ou o diabo

dentro dele, me sugeriu — encontrá-lo e *não sair sem derramar sangue*. Se serei eu ou ele a cair — ou ambos, seria um alívio *inexprimível* para mim, se...”

“Exatamente! Pois bem...”

“Não!”, exclamou o lorde, com uma ênfase sincera, decidida. “Apesar de odiá-lo de coração, e de me alegrar caso alguma calamidade se abata sobre ele — vou deixá-lo a Deus; e apesar de abominar minha própria vida, também deixarei ao encargo Dele se desfazer dela.”

“Mas, veja, neste caso”, suplicou Hattersley.

“Não vou lhe dar ouvidos!”, exclamou seu amigo, virando-lhe as costas às pressas. “Nem mais uma palavra! Já me basta o diabo que há dentro de mim.”

“Então você é um tolo covarde, e lavo as minhas mãos para você”, resmungou o instigador ao dar meia-volta e partir.

“Certo, certo, Lord Lowborough!”, exclamei, saindo correndo e segurando sua mão em chamas, quando ele ia em direção à escada. “Começo a pensar que o mundo não merece o senhor!”

Sem entender essa súbita agitação, ele se voltou para mim com um olhar de assombro melancólico, desnorteado, que me deixou envergonhada do impulso ao qual eu me entregara; mas logo uma expressão mais humanizada surgiu em seu semblante e, antes que eu pudesse tirar a mão, ele a apertou com delicadeza, enquanto um lampejo de emoção genuína brilhava em seus olhos ao murmurar:

“Deus ajude nós dois!”

“Amém”, respondi; e nos afastamos.

Voltei à sala de estar, onde, sem dúvida, minha presença seria esperada pela maioria e desejada por um ou dois. Na antessala estava o sr. Hattersley, ralhando contra a covardia de Lord Lowborough perante uma plateia seleta, em outras palavras, o sr. Huntingdon, que se apoiava na mesa, regozijando-se da própria vilania traiçoeira e escarnecendo de sua vítima aos risos, e o sr. Grimsby, parado, esfregando as mãos e dando risadinhas de satisfação perversa. Com o olhar que lhes lancei ao passar, Hattersley parou de repente com as críticas e ficou me encarando como um bezerro, Grimsby me fechou a

carranca com um olhar de ferocidade maligna, e meu marido murmurou uma maldição vulgar e brutal.

Na sala de estar, encontrei Lady Lowborough, que claramente não estava em um estado de espírito muito invejável, e se esforçava para esconder sua inquietação com uma simulação forçada de alegria e vivacidade incomuns, bastante impróprias naquelas circunstâncias, pois ao grupo ela dera a entender que o marido recebera uma informação desagradável de casa, que exigia sua partida imediata, e que deixara que a situação lhe perturbasse a mente a ponto de ter uma dor de cabeça biliosa, e era por isso, e também pelos preparativos que ele julgava necessários para apressar a partida, que ela acreditava que não teriam o prazer de vê-lo naquela noite. Contudo, ela garantiu, era apenas uma questão de negócios, e portanto ela não pretendia deixar que a situação a preocupasse. Estava dizendo isso justamente quando entrei, e me lançou um olhar de audácia e desafio que ao mesmo tempo me surpreendeu e revoltou.

“Mas *estou* preocupada”, ela continuou, “e também contrariada, pois considero meu dever acompanhar o lorde, e é claro que estou muito triste por ter que me despedir das minhas queridas amigas, de forma tão inesperada e em tão pouco tempo.”

“E no entanto, Annabella”, disse Esther, que estava sentada a seu lado, “nunca na vida você esteve tão bem-humorada.”

“Exatamente por isso, meu amor; porque quero aproveitar ao máximo a companhia, já que esta parece ser a última noite que desfrutarei dela, e só Deus sabe quando será a próxima vez, e quero deixar uma boa impressão em todas vocês” — ela olhou ao redor e, ao ver o olhar da tia fixo nela, bastante atento, como ela devia ter pensado, levantou-se e prosseguiu — “e por isso vou lhes cantar uma canção — devo, tia? Devo, sra. Huntingdon? Devo, damas e cavalheiros — todos? — Muito bem, vou fazer o possível para divertilos.”

Ela e Lord Lowborough ocupavam cômodos vizinhos aos meus. Não sei como *ela* passou a noite, mas fiquei acordada durante boa parte da noite escutando os passos fortes dele indo e vindo monótonos pelo toucador, o aposento contíguo ao meu quarto. Teve uma vez em que o

escutei estancar e atirar alguma coisa pela janela, com uma exclamação veemente; e na manhã seguinte, depois que partiram, um canivete de gume afiado foi encontrado no gramado; uma navalha também fora partida ao meio e enfiada nas cinzas na lareira, mas estava parcialmente corroída pelas brasas que já se extinguíam. Sua resolução de resistir foi tão firme quanto havia sido forte a tentação de pôr fim à sua vida desgraçada.

Meu coração sangrava por ele enquanto estava deitada, ouvindo aqueles passos incessantes. Até então, tinha pensado muito em mim e muito pouco nele: agora me esquecia de minhas angústias e pensava apenas nas dele — do afeto fervoroso desperdiçado de forma tão lastimável, da fé crédula traída de forma tão cruel, do — não, não vou tentar enumerar seus erros — mas eu odiava sua esposa e meu marido mais do que nunca, e não por mim, mas por ele.

Esse homem, pensei, é alvo de zombaria da parte dos amigos e do mundo das críticas bondosas. A falsa esposa e o amigo traiçoeiro que o enganaram não são tão menosprezados e infames quanto ele; e sua recusa em se vingar da traição o distanciou ainda mais do leque de compaixão, e toldou seu nome com uma desonra ainda maior. Ele sabe, e isso dobra o fardo da tragédia. Percebe a injustiça, mas não consegue se defender contra ela; carece daquele sustentáculo da autoestima que conduz o homem, fazendo-o se regozijar da própria integridade, desafiar a malícia dos inimigos caluniadores e lhes dar desprezo em troca de desprezo — ou, melhor ainda, o que o põe acima dos vapores turbulentos e imundos da terra, para repousar no sol eterno do Céu. Ele sabe que Deus é justo, mas não consegue enxergar Sua justiça agora: sabe que esta vida é curta, e no entanto a distância da morte lhe parece insuportável; ele acredita que existe um futuro, mas essa sua agonia é tão assoberbante que não é capaz de atinar para seu repouso arrebatador. Só lhe resta abaixar a cabeça para a tempestade, e se segurar, às cegas, em desespero, ao que sabe ser correto. Assim como o marinheiro náufrago que se segura à balsa, cego, surdo, perplexo, ele sente as ondas se lançarem sobre si e não tem perspectiva de fuga; no entanto, sabe que não tem outra esperança que não essa, e ainda assim, enquanto há vida e sensatez, concentra toda a energia em mantê-la. Ah, se eu tivesse o direito que uma amiga tem de confortá-lo, e lhe dizer

que nunca lhe tive tanta estima quanto nesta noite.

Eles foram embora de manhã cedo, antes que mais alguém estivesse lá embaixo além de mim, e justamente quando eu estava saindo do quarto, Lord Lowborough descia para ocupar seu lugar na carruagem onde a esposa já estava instalada; e Arthur (ou sr. Huntingdon, como prefiro chamá-lo, pois o outro é o nome do meu filho) teve a insolência gratuita de sair de roupão para se despedir do “amigo”.

“Nossa, você já está indo, Lowborough?”, ele disse. “Bem, bom dia.” Ele ofereceu a mão com um sorriso.

Acho que o outro o teria derrubado caso por um instinto não tivesse recuado ante aquele punho ossudo trêmulo de raiva e cerrado até os nós ficarem pálidos e cintilarem através da pele. Olhando para ele com um semblante lívido de ódio furioso, Lord Lowborough murmurou por entre os dentes trincados uma maldição fatal que não teria enunciado se estivesse tranquilo o bastante para escolher as palavras, e foi embora.

“Seu comportamento não é muito cristão”, declarou o vilão. “Mas eu nunca abriria mão de um velho amigo em nome da esposa. Pode ficar com a minha se quiser, e considero minha atitude generosa — *não* me resta mais nada a fazer além de lhe oferecer compensação, não é?”

Mas Lowborough já tinha chegado ao fim da escada e agora atravessava o corredor; e o sr. Huntingdon, apoiando-se no balaústre, chamou — “Mande lembranças a Annabella! — E desejo aos dois uma boa viagem”, e se dirigiu, aos risos, para o quarto.

Mais tarde, ele se disse contente porque ela fora embora. “Ela estava tão altiva e exigente”, ele reclamou, “e agora voltarei a ser dono de mim e a me sentir mais tranquilo.”

Não sei mais a respeito da conduta subsequente de Lord Lowborough, mas tive notícias por Milicent, que, apesar de ignorar a causa da separação da prima, informou-me de que a situação era esta: eles mantêm casas apartadas; ela tem uma vida alegre, animada, na cidade e no interior, enquanto ele vive em estrita reclusão em seu velho castelo no Norte. São dois os filhos, que ele mantém sob sua proteção. O filho e herdeiro é uma criança promissora, de idade

próxima à do meu Arthur, e sem dúvida é fonte de esperança e conforto para o pai; mas a outra, uma menininha que tem entre um e dois anos, de olhos azuis e cabelo ruivo-claro, ele provavelmente mantém sob seu controle só por escrúpulo, imaginando que seria errado abandoná-la aos ensinamentos e ao exemplo de uma mulher como a mãe. Essa mãe nunca adorou crianças, e tem tão pouco afeto natural pelos filhos que questiono se não considerará um alívio estar separada das crianças e ser poupada do transtorno e da responsabilidade de cuidar delas.

Não muitos dias após a partida de Lord e Lady Lowborough, o restante das damas retirou a luz de suas presenças de Grassdale. Talvez tivessem ficado mais tempo, mas nem o anfitrião nem a anfitriã os pressionaram a prolongar a estadia — na verdade, o primeiro demonstrou claramente que ficaria satisfeito em ver-se livre deles — e a sra. Hargrave se retirou com as filhas e os netos (agora são três) para Grove. Mas os cavalheiros permaneceram: o sr. Huntingdon, como dei a entender antes, estava decidido a mantê-los em casa pelo maior tempo possível; e, sendo assim liberados das restrições, deixaram soltas a loucura, a tolice e a brutalidade que lhes eram inatas, e noite após noite transformavam a casa em um cenário de tumultos, alvoroços e confusões. Qual deles se comportava pior, ou melhor, não sei dizer de maneira conclusiva, pois, quando percebi como seria, tomei a decisão de me refugiar no segundo andar ou me trancar na biblioteca no instante em que me retirava da sala de jantar, e nem me aproximar deles até o café da manhã — mas tenho que dar o braço a torcer quanto ao sr. Hargrave, pois pelo que *eu podia* ver, ele era um exemplo de decência, sobriedade e cavalheirismo *em comparação* com o resto.

Juntou-se ao grupo só uma semana ou dez dias após a vinda dos outros hóspedes, pois ainda estava no continente quando chegaram, e eu acalentava a esperança de que não aceitaria o convite. Aceitou, entretanto, mas nas primeiras semanas sua conduta para comigo foi exatamente a que eu desejava — civilizada e respeitosa, sem demonstrações de desalento nem melancolia, e bem distante, mas sem arrogância, sem aquela dureza ou frieza ou atitudes extraordinárias

que pudessem ser calculadas para perturbar ou intrigar a irmã ou instigar a mãe a fazer perguntas.

39. Um plano de fuga

Minha maior fonte de preocupação, neste momento de provação, era meu filho, a quem o pai e os amigos do pai se deleitavam em incentivar todos os vícios embrionários que uma criança pequena pode manifestar, e em ensinar todos os hábitos ruins que poderia adquirir — em suma, “transformá-lo em homem” era uma das diversões principais; e não preciso dizer nada mais para justificar meu alarme por ele, e minha decisão de tirá-lo a qualquer custo das mãos desses professores. Primeiro tentei mantê-lo sempre comigo ou no quarto dele, e dei a Rachel ordens específicas para que nunca o deixasse descer para a sobremesa enquanto aqueles “cavalheiros” estivessem na casa, mas foi em vão: essas orientações foram de imediato revogadas e invalidadas pelo pai: ele não permitiria que o pequeno morresse de tédio entre a velha babá e a tola amaldiçoada que era sua mãe. Portanto, o pequeno descia todas as noites, apesar da mãe zangada, e aprendia a beber vinho feito o pai, a praguejar como o sr. Hattersley e a se comportar feito homem e mandar a mãe para o inferno quando ela tentava impedi-lo. Ver tais coisas serem feitas à ingenuidade travessa daquela bela criança e ouvir tais coisas serem ditas naquela vozinha infantil era muito estimulante e tinha uma comicidade irresistível para eles, e me causava dor e tristeza inexprimíveis; e quando fazia os convivas urrarem, olhava ao redor, para todos eles, deleitado, e somava suas gargalhadas estridentes às deles. Mas se aqueles olhos azuis brilhantes pousavam em mim, a luz sumia por um instante, e ele dizia, com certa preocupação: “Mamãe, por que *a senhora* não ri? Faça ela rir, papai — ela nunca ri”.

Assim, eu era obrigada a continuar entre aqueles animais humanos,

procurando oportunidade de afastar meu filho deles, em vez de me retirar assim que a toalha era recolhida, como eu sempre preferia fazer. Ele nunca estava disposto a sair, e não raro eu tinha que carregá-lo de lá à força, o que o levava a me achar muito cruel e injusta, e às vezes o pai insistia que eu o deixasse ficar — e então, eu o deixava a seus amáveis amigos e saía para me entregar à amargura e me desesperar a sós ou quebrar a cabeça em busca de um remédio para esse grande mal.

Mas aqui, de novo, devo fazer ao sr. Hargrave a justiça de reconhecer que *nunca* o vi rindo das transgressões da criança, tampouco o ouvi pronunciar alguma palavra de incentivo aos seus desejos de se mostrar másculo. Porém, quando algo muito extraordinário era dito ou feito pelo pequeno devasso, eu percebia, às vezes, uma expressão peculiar em seu rosto, que não conseguia nem interpretar nem definir — um leve fremito nos músculos da boca — um súbito lampejo no olhar, quando lançava uma olhadela para a criança e depois para mim; e depois, eu acreditava notar uma centelha de satisfação firme, ávida, melancólica, em seu semblante ao ver a ira impotente e a angústia que com certeza havia no meu rosto. Mas houve uma ocasião em que Arthur estava exagerando no mau comportamento, e o sr. Huntingdon e seus convidados estavam me provocando e me ofendendo muito ao instigarem o menino, e eu estava muito aflita para tirá-lo da sala, e no exato momento em que eu me humilhava com um acesso de cólera incontrolável — o sr. Hargrave de repente se levantou da cadeira, com uma carranca resoluta, ergueu a criança dos joelhos do pai, onde estava sentada, meio embriagada, levantando a cabeça e rindo de mim, me execrando com palavras que não sabia direito o que significavam — arrancou o menino da sala e, colocando-o de pé no corredor, segurou a porta para mim, fez uma mesura séria quando passei e a fechou às minhas costas. Escutei as palavras ríspidas trocadas entre ele e o anfitrião já meio inebriado quando eu estava indo embora, levando meu menino espantado e desconcertado.

Porém, não poderia continuar assim: meu filho não podia ser abandonado a essa corrupção; seria muito melhor que vivesse na

pobreza e na obscuridade com uma mãe fugitiva do que no luxo e na riqueza de um pai como esse. Esses convidados poderiam não ficar muito tempo conosco, mas eles voltariam; e ele, o mais nocivo do bando, o pior inimigo do filho, continuaria ali. Por mim, eu conseguia aguentar, mas pelo meu filho eu não poderia tolerar mais a situação: a opinião do mundo e os sentimentos de meus amigos devem ser ignorados, ou ao menos ser incapazes de me dissuadir de cumprir meu dever. Mas onde poderia encontrar um refúgio, e como obter nossa subsistência? Ah, eu levaria meu amado protegido de manhã cedinho, pegaria a carruagem rumo a M., fugiria para o porto de —, cruzaria o Atlântico, e buscaria uma casa sossegada, modesta, na Nova Inglaterra, onde poderia sustentar nós dois com o trabalho de minhas mãos. A paleta e o cavalete, antes meus amigos queridos, seriam agora meus sóbrios colegas de labuta. Mas era habilidosa o bastante como artista para ganhar meu sustento em uma terra estranha, sem amigos e sem recomendações? Não, eu precisava esperar um pouco, tinha que trabalhar com afinco para aprimorar meu talento e produzir algo digno como amostra da minha capacidade, algo que fale por mim em termos favoráveis, seja como pintora ou como tutora. É claro que não esperava um brilhante sucesso, mas algum grau de certeza de que não seria um absoluto fracasso era indispensável — não podia levar meu filho para fazê-lo passar fome. E também precisava de dinheiro para a viagem, a passagem e um pouco para nos sustentar no nosso refúgio caso eu não tivesse êxito num primeiro momento; e não podia ser muito pouco, pois sabe-se lá quanto tempo teria que lutar contra a indiferença e o desprezo alheios, ou contra a minha inexperiência, ou contra a incapacidade de satisfazer seus gostos?

O que fazer, então? Recorrer ao meu irmão, e explicar minha situação e minhas resoluções a ele? Não, não; mesmo se lhe contasse *todas* as minhas queixas, o que relutaria muito em fazer, ele sem dúvida reprovava o passo: pareceria uma loucura, assim como para meus tios e para Milicent. Não, preciso ter paciência e criar minha própria reserva. Rachel será minha única confidente — imagino poder convencê-la a embarcar no plano; e ela vai me ajudar primeiro a encontrar um negociante de retratos em alguma cidade distante;

depois, por meio dela, eu venderia às escondidas os retratos que tivesse à mão e que servissem ao propósito, e outros eu pintaria dali em diante. Além disso, conseguiria me desfazer das joias — não as de família, mas as poucas que trouxe de casa e aquelas que o meu tio me deu no meu casamento. Alguns meses de trabalho árduo poderiam ser levados comigo, com tal finalidade em vista; e nesse ínterim, meu filho não será muito mais prejudicado do que já está.

Depois de formular essa resolução, comecei na mesma hora a trabalhar para executá-la. Poderia ter sido induzida a deixá-la esfriar depois, ou talvez a continuar pesando os prós e os contras na minha cabeça até que os últimos extrapolassem os primeiros, e ser levada a abdicar totalmente do projeto, ou a protelar sua realização até um momento indefinido — caso não tivesse acontecido algo que corroborou minha decisão, à qual ainda me mantenho fiel, a qual ainda penso que fiz bem em formular, e que farei melhor ainda em executar.

Desde a partida de Lord Lowborough, considero a biblioteca um ambiente todo meu, um refúgio seguro a qualquer hora do dia. Nenhum dos nossos cavalheiros tem a menor pretensão de gosto literário, afora o sr. Hargrave; e ele, atualmente, ficava muito satisfeito com os jornais e os periódicos do dia. E se, por algum acaso, olhasse ali dentro, eu tinha certeza de que sairia logo ao me ver, pois em vez de se tornar menos frio e distante comigo, se tornara muito mais desde a despedida da mãe e das irmãs, como eu queria. Ali, portanto, montei meu cavalete e trabalhei nas minhas telas do dia até o anoitecer, com poucas interrupções além das puramente necessárias, ou quando meus deveres para com o pequeno Arthur me tiravam dali — pois ainda achava adequado dedicar parte do dia a sua instrução e diversão, com exclusividade. Mas, contrariando minhas expectativas, na terceira manhã, enquanto estava assim ocupada, o sr. Hargrave *olhou* ali dentro e *não* se retirou no instante em que me viu. Ele se desculpou pela intrusão e disse que estava ali apenas para pegar um livro; mas depois de pegá-lo se dignou a olhar de relance para o retrato. Como era um homem de bom gosto, teve algo a dizer sobre esse tema e também sobre outro, e depois de fazer comentários

modestos sobre minha pintura, sem muito incentivo meu, ele continuou discorrendo sobre arte em geral. Então parou, tampouco incentivado por mim, mas não foi embora.

“A senhora não nos concede muito sua companhia, sra. Huntingdon”, ele observou, após uma breve pausa, durante a qual continuei misturando e matizando com calma minhas cores, “e não me admira que seja assim, pois a senhora deve estar bastante farta de todos nós. Eu mesmo sinto muita vergonha dos meus companheiros, e estou tão cansado das conversas e atividades irracionais — agora que não há quem as humanize e as mantenha sob controle, já que a senhora legitimamente nos deixou a nosso bel-prazer — que acho que preciso me afastar deles agora — bem provável esta semana — e não imagino que a senhora lamente minha partida.”

Ele se calou. Não respondi.

“É provável”, ele acrescentou, com um sorriso, “que seu único pesar quanto à questão seja eu não levar todos os meus companheiros comigo. Às vezes me gabo de que, apesar de estar entre eles, não sou um deles; mas é natural que a senhora fique contente em se ver livre de mim. Talvez me lastime, mas não tenho como responsabilizá-la.”

“Não vou me alegrar com a *sua* partida, pois o senhor *sabe* se portar como cavalheiro”, declarei, pensando ser correto dar certo reconhecimento por seu bom comportamento, “mas confesso que vou me alegrar em dar adeus ao resto, por mais inospitaleiro que possa soar.”

“Ninguém poderia censurá-la por essa confissão”, respondeu com seriedade, “nem mesmo os cavalheiros, eu imagino. Vou apenas lhe contar”, ele prosseguiu, como se instado por uma decisão repentina, “o que foi dito ontem à noite, na sala de jantar, depois que a senhora nos deixou — talvez a senhora não se importe, já que é *muito* filosófica em certos aspectos”, ele acrescentou com um leve sarcasmo. “Estavam falando de Lord Lowborough e de sua esposa encantadora, cuja causa da súbita partida não é segredo entre eles; e a índole dela é tão conhecida por todos que, por mais que ela seja minha parente próxima, não pude tentar defendê-la. — Deus me perdoe”, ele murmurou, *par parenthèse*, “se não me vingar por isso! Se o miserável

tem que desgraaçar a família, e preciso proclamar o que fez a todos os patifes malcriados que conhece? — Eu lhe peço perdão, sra. Huntingdon. Bem, eles estavam falando dessas coisas, e alguns comentaram que, como ela estava separada do marido, ele poderia revê-la quando bem entendesse.”

“‘Obrigado’, ele disse, ‘por enquanto, estou farto dela: não vou me dar ao trabalho de vê-la a não ser que ela venha me procurar.’

“‘Então o que pretende fazer, Huntingdon, depois que formos embora?’, perguntou Ralph Hattersley. ‘Pretende dar as costas aos erros que cometeu e ser um bom marido, um bom pai, e assim por diante — como eu sou, quando me afasto de você e de todos esses diabos alegres que você chama de amigos? Acho que já é hora, e a sua esposa é cinquenta vezes melhor do que você merece, você *sabe* disso...’

“E ele fez mais elogios, que a senhora não agradeceria caso eu repetisse — e tampouco agradeceria a ele por tê-los feito; proclamando em alto e bom som, como fez, sem escrúpulo ou discernimento, para uma plateia em que parecia um sacrilégio dizer seu nome — ele mesmo absolutamente incapaz de entender ou apreciar suas verdadeiras excelências. Enquanto isso, o Huntingdon ficou quieto, tomando vinho ou olhando para a taça com um sorriso no rosto, sem fazer nenhuma interrupção ou dar resposta, até que Hattersley bradou:

“‘Está me escutando, homem?’

“‘Estou, sim, prossiga’, disse ele.

“‘Não, já terminei’, retrucou o outro, ‘só quero saber se você pretende seguir meu conselho.’

“‘Que conselho?’

“‘De virar a página, seu patife abjeto’, berrou Ralph, ‘e implorar o perdão de sua esposa, e ser um bom rapaz daqui para a frente.’

“‘Minha esposa! Que esposa? Não tenho esposa’, rebateu Huntingdon, erguendo os olhos da taça, com inocência, ‘ou se tenho, vejam vocês, cavalheiros, eu a tenho em tão alta conta que se algum de vocês quiser pode ficar com ela que eu agradeço — pode ficar, juro por Deus, e com a minha bênção de quebra!’

“Eu — hmm — alguém perguntou se ele falava mesmo sério, ao que ele jurou com toda solenidade que sim, e que tinha certeza do que dizia. — O que a senhora acha disso, sra. Huntingdon?”, o sr. Hargrave indagou após uma breve pausa, durante a qual eu sentia que examinava meu rosto, meio virado para o outro lado.

“Digo”, respondi, com serenidade, “que aquilo que ele tanto estima não estará mais sob sua posse.”

“A senhora não está querendo dizer que vai partir seu próprio coração e morrer por conta da conduta detestável de um patife infame como esse!”

“De jeito nenhum: meu coração está seco demais para ser partido às pressas, e pretendo viver o máximo de tempo possível.”

“Então a senhora o deixará?”

“Sim.”

“Quando — e de que forma?”, ele perguntou, ávido.

“*Quando* estiver pronta, e *da forma* mais eficiente que conseguir.”

“Mas e o seu filho?”

“Meu filho vai comigo.”

“Ele não vai permitir.”

“Eu não vou pedir.”

“Ah, então é uma fuga secreta que a senhora planeja! — mas com quem, sra. Huntingdon?”

“Com o meu filho — e talvez a babá dele.”

“Sozinha — e desprotegida! Mas aonde a senhora pode ir? O que pode fazer? Ele vai segui-la e trazê-la de volta.”

“Concebi meu plano bem demais para isso. Deixe-me primeiro escapar de Grassdale, e me considerarei a salvo.”

O sr. Hargrave avançou um passo em minha direção, olhou para o meu rosto e tomou fôlego para falar; porém, aquela expressão, aquela cor intensa, aquele súbito brilho no olhar fez meu sangue subir de raiva: de repente lhe dei as costas e, pegando meu pincel, comecei a riscar minha tela com energia demais para o bem do retrato.

“Sra. Huntingdon”, ele disse com uma cerimônia amargurada, “a senhora é cruel — cruel comigo — cruel consigo mesma.”

“Sr. Hargrave, lembre-se da sua promessa.”

“*Preciso* falar — meu coração vai explodir se não falar! Passei muito tempo calado — e a senhora *precisa* me escutar!”, ele bradou com audácia, interpelando meus passos rumo à porta. “A senhora diz que não deve fidelidade ao seu marido; ele se declara abertamente farto da senhora e com toda a calma cede a senhora a quem quiser; a senhora está prestes a abandoná-lo; ninguém vai acreditar que a senhora foi sozinha — o mundo inteiro vai dizer: ‘Ela enfim o abandonou, e não é nenhum espanto. Poucos seriam capazes de censurá-la, menos ainda seriam capazes de se condoer dele; mas quem é seu companheiro de fuga?’. Portanto, a senhora não terá méritos pela virtude (se a chama assim): nem suas melhores amigas vão acreditar nisso; porque é monstruoso, e não lhe darão crédito — a não ser quem sofre seus efeitos, tormentos tão cruéis que eles sabem que de fato são verdadeiros. — Mas o que a senhora pode fazer no mundo frio, brutal, sozinha? A senhora, uma mulher jovem e inexperiente, muito bem-criada, e profundamente...”

“Em suma, o senhor me aconselharia a ficar onde estou”, interrompi. “Bem, vou pensar nisso.”

“Sem *sombra* de dúvida, abandone-o!”, ele exclamou com sinceridade, “mas não sozinha! Helen! Deixe que *eu* a proteja!”

“Jamais! — enquanto os Céus me derem lucidez”, repliquei, afastando a mão que ele tinha se atrevido a pegar e a segurar entre as dele. Mas ele agora estava envolvido; tinha rompido a barreira: estava completamente instigado e decidido a arriscar qualquer coisa pela vitória.

“A senhora não pode me rejeitar!”, ele exclamou com veemência; e pegando minhas mãos, apertou-as com força, mas caiu de joelhos e olhou para o meu rosto com um olhar meio suplicante e meio despótico. “A senhora não tem nenhuma razão agora: está evitando o que a lei de Deus determina. Deus me destinou a ser seu conforto e seu protetor — estou sentindo — tenho tanta certeza que é como se a voz de Deus tivesse declarado ‘os dois serão uma só carne’ — e a senhora me despreza...”

“Me solte, sr. Hargrave”, eu disse em tom sério. Mas ele só apertou ainda mais minhas mãos.

“Me solte!”, repeti, trêmula de indignação.

Seu rosto estava quase de frente para a janela quando se ajoelhou. Com um leve sobressalto, eu o vi olhá-la de relance; e então um lampejo de triunfo malicioso iluminou seu semblante. Olhando por cima do ombro, vi uma sombra se afastando do canto.

“Era o Grimsby”, ele disse deliberadamente. “Ele vai relatar o que viu ao Huntingdon e a todos os outros, com os floreios que achar convenientes. Ele não lhe tem amor, sra. Huntingdon — não tem reverência pelo seu sexo — não acredita em virtude — não tem admiração por sua imagem. Ele vai dar uma versão desta história que não deixará dúvidas sobre seu caráter na mente daqueles que a ouvirem. Sua fama de honesta acabou e nada do que eu ou a senhora dissermos conseguirá reavê-la. Mas me conceda o poder de protegê-la e me mostre o patife que ousar insultá-la!”

“Ninguém nunca ousou me insultar como o senhor está insultando agora!”, rebati, por fim soltando minhas mãos e me distanciando dele.

“Eu não a insultei”, ele se queixou, “eu a venero. A senhora é meu anjo — minha divindade! Ponho meu poder a seus pés — e a senhora precisa e deve aceitá-lo!”, ele exclamou num ímpeto, levantando-se. “Eu *serei* seu conforto e sua defesa! E caso sua consciência a repreenda por isso, diga que eu a venci e a senhora não teve opção a não ser ceder!”

Nunca vi um homem tão terrivelmente exaltado. Ele se precipitava sobre mim. Peguei minha espátula de pintura e a levantei contra ele. Minha atitude o assustou: ele estancou e me encarou estupefato; ousei dizer que eu parecia tão feroz e resoluta quanto ele. Fui até o sino e pus a mão na corda. Isso o amansou ainda mais. Com um muxoxo meio autoritário, meio autodepreciativo, tentou me dissuadir de tocá-lo.

“Então fique longe!”, eu disse. Ele recuou. “E me escute. — Não gosto do senhor”, prossegui, no tom mais cauteloso e enfático que me era possível, para dar mais efeito às minhas palavras, “e se estivesse divorciada de meu marido — ou se ele estivesse morto, eu não me casaria com o senhor. Pronto! Espero que esteja satisfeito.”

Seu rosto empalideceu de raiva.

“Estou satisfeito”, ele retrucou com uma ênfase amarga, “porque agora sei que a senhora é a mulher mais insensível, anormal e ingrata que já conheci!”

“Ingrata, senhor?”

“Ingrata.”

“Não, sr. Hargrave, não sou. Por todo o bem que o senhor me fez ou desejou fazer, eu lhe agradeço sinceramente; por todo o mal que o senhor me fez ou desejou fazer, peço a Deus que o perdoe e aprimore sua mente.”

Neste momento, a porta se abriu com um baque e os srs. Huntingdon e Hattersley apareceram. O último continuou no corredor, ocupado com a vareta da espingarda e a arma; o primeiro entrou e ficou de costas para o fogo, medindo o sr. Hargrave e a mim, mas sobretudo a ele, com um sorriso de sentido insuportável, acompanhado pela expressão desaforada e um brilho malicioso no olhar.

“Pois bem, senhor?”, disse Hargrave em tom interrogatório, e com ares de quem está preparado para ficar na defensiva.

“Pois bem, senhor”, respondeu o anfitrião.

“Queremos saber se está livre para vir conosco caçar faisões, Walter”, interferiu Hattersley, de fora do cômodo. “Venha! Ninguém vai levar tiro além de uma ou outra lebre, *eu* garanto.”

Walter não respondeu, mas foi até a janela para recobrar as faculdades mentais. Arthur deu um leve assobio e o seguiu com os olhos. Um ligeiro rubor de raiva surgiu nas faces de Hargrave, mas um instante depois ele se virou com tranquilidade e disse, despreocupado:

“Vim me despedir da sra. Huntingdon e avisar que tenho que ir embora amanhã.”

“Hunf! Que decisão mais abrupta. O que o leva a partir tão cedo, se me permite perguntar?”

“Negócios”, ele respondeu, repelindo o sarcasmo incrédulo do outro com um olhar de provocação desdenhosa.

“Muito bem”, foi a réplica, e Hargrave se retirou. Em seguida, o sr. Huntingdon, ajustando o casaco sob os braços e encostando o ombro no console da lareira, virou-se para mim e, falando em uma voz tão

baixa que mal ultrapassava um murmúrio, despejou uma torrente das ofensas mais vis e grosseiras que a imaginação poderia conceber e a língua enunciar. Não tentei interrompê-lo, mas minha energia se acendeu dentro de mim e, quando ele terminou, retruquei:

“Se sua acusação é verdadeira, sr. Huntingdon, como você *tem a audácia* de me censurar?”

“Ela foi na mosca, pelo amor de Deus!”, exclamou Hattersley, apoiando a arma na parede; e entrando no cômodo, ele pegou o valoroso amigo pelo braço e tentou arrastá-lo para fora. “Vamos, rapaz”, murmurou, “sendo verdade ou mentira, você não tem o direito de censurá-la, você *sabe* disso — a ele tampouco, dado o que você disse ontem à noite. Então venha.”

Havia algo implícito ali que me era insuportável.

“O senhor tem a audácia de desconfiar de mim, sr. Hattersley?”, questioneei, quase fora de mim de tanta fúria.

“Não, não, eu não desconfio de ninguém. Está tudo bem — tudo bem. Então venha, Huntingdon, seu pulha.”

“Ela não tem como negar!”, berrou o cavalheiro assim tratado, sorrindo numa mistura de raiva e triunfo. “Ela não pode negar nem pela vida dela!”, e balbuciando um linguajar mais ofensivo, foi para o corredor e pegou o chapéu e a arma na mesa.

“Eu me recuso a me justificar para você!”, declarei. “Mas o senhor”, virando-me para Hattersley, “se o senhor ousa ter dúvidas sobre o assunto, pergunte ao sr. Hargrave.”

Com isso, todos irromperam em uma risada grosseira que fez meu corpo inteiro formigar até a ponta dos dedos.

“Cadê ele? Eu mesma vou perguntar a ele!”, afirmei, avançando em direção a eles.

Abafando uma nova explosão de alegria, Hattersley apontou a porta de entrada. Estava entreaberta. Seu cunhado estava parado ali fora.

“Sr. Hargrave, poderia me fazer o favor de vir por aqui?”, indaguei.

Ele se virou e me olhou com uma grande surpresa.

“Venha por aqui, por favor!”, repeti, tão determinada que ele não poderia ou escolhia não resistir à autoridade. Um bocado relutante, ele subiu a escada e deu um passo ou dois corredor adentro.

“E diga a esses cavalheiros”, prossegui, “a esses *homens* se eu cedi ou não a seus apelos.”

“Não entendo, sra. Huntingdon.”

“O senhor me entende, *sim*; e eu confio na sua honra de cavalheiro — se o senhor tem alguma — que a resposta seja genuína. Eu cedi ou não cedi?”

“Não”, ele murmurou, virando o rosto para o outro lado.

“Fale alto, senhor; eles não estão escutando. Eu atendi ao seu pedido?”

“Não atendeu.”

“Não, eu garanto que não atendeu”, disse Hattersley, “senão ele não estaria tão carrancudo.”

“Estou disposto a lhe conceder a satisfação de um duelo, Huntingdon”, disse o sr. Hargrave, dirigindo-se com calma ao anfitrião, mas com um sarcasmo amargo no semblante.

“Vá para o diabo!”, retrucou ele, sacudindo a cabeça com impaciência. Hargrave recuou com um olhar frio de desdém, dizendo:

“Você sabe onde me achar caso se disponha a mandar um aliado.”

Juras e xingamentos sussurrados foram as únicas reações suscitadas pela sugestão.

“Agora, Huntingdon, veja só!”, disse Hattersley. “Claro como dia.”

“Não me importa *o que* ele vê”, declarei, “ou o que imagina; mas, sr. Hattersley, quando ouvir meu nome sendo caluniado e difamado, o senhor vai defendê-lo?”

“Vou. Raios me partam se não o fizer!”

Eu saí no mesmo instante e me fechei na biblioteca. O que havia comigo para fazer tal pedido a um homem desses? Não sei dizer, mas quem está se afundando se agarra a qualquer coisa: eles tinham me levado ao desespero; eu mal sabia o que estava falando. Não havia outra maneira de impedir que meu nome fosse difamado e caluniado nesse ninho de amigos íntimos, e por meio deles, talvez para o mundo; e além do patife abandonado que era meu marido, o abjeto, maligno Grimsby, e o falso canalha Hargrave, esse rufião cruel, ríspido e brutal como era, brilhava como um pirilampo no escuro entre seus companheiros vermes.

Que cena foi aquela! Quando eu teria imaginado que seria condenada a aguentar tais insultos sob meu próprio teto — ouvir essas coisas sendo pronunciadas na minha presença — mais ainda, ditas *a mim* e *de mim* — e por aqueles que se arrogam a denominação de cavalheiros? E quando teria imaginado que eu seria capaz de suportar isso com tanta calma, e rechaçar os insultos com tamanha firmeza e coragem? Uma resistência como essa só se aprende com experiências brutais e desespero.

Pensamentos como esses se sucediam na minha cabeça enquanto eu andava de um lado para outro, e ansiava — ah, *como* eu ansiava por pegar meu filho e deixá-los de uma vez, sem esperar nem uma hora sequer! Mas não podia ser assim: havia trabalho a ser feito — trabalho árduo a ser realizado.

“Vou realizá-lo, então”, eu disse, “sem perder nem um instante em lamentos vãos e irritações fúteis por conta do meu destino e daqueles que o influenciam.”

E vencendo minha agitação com um esforço vigoroso, retomei no mesmo instante minha atividade, e trabalhei muito o dia inteiro.

O sr. Hargrave de fato partiu no dia seguinte e nunca mais o vi. Os outros permaneceram mais duas ou três semanas; mas continuei passando todo o tempo possível longe deles, e continuei meu trabalho, e continuo, com um fervor quase inabalável, até hoje. Logo pus Rachel a par do meu plano, confidenciando todas as minhas motivações e intenções a seus ouvidos, e para a minha agradável surpresa, não tive muita dificuldade de convencê-la a tomar parte das minhas ideias. Ela é uma mulher sóbria, cautelosa, mas odeia o patrão e ama tanto a patroa e seu filhinho que, após diversas exclamações, algumas objeções débeis e muitas lágrimas e lamentos pelo que tive que enfrentar, ela aplaudiu minha resolução e concordou em me ajudar com toda a sua força — sob uma condição apenas — de que possa compartilhar de meu exílio: caso contrário, seria implacável, considerando uma loucura absoluta que eu e Arthur fôssemos embora sozinhos. Com uma generosidade comovente, ela se ofereceu modestamente a me ajudar com suas parcas economias, na esperança de que eu “desculpasse sua liberdade, mas se eu lhe fizesse o favor de

aceitar, como empréstimo, ela ficaria muito feliz”. Claro que não poderia cogitar tal atitude — mas agora, graças a Deus, consegui uma pequena reserva minha, e meus preparativos estão tão adiantados que aguardo com ansiedade pela rápida emancipação. Só deixarei que o rigor tempestuoso deste clima invernal se amenize um pouco, e então, certa manhã o sr. Huntingdon descerá para se sentar sozinho à mesa do café da manhã, e talvez grite casa afora pela esposa e pelo filho invisíveis, quando estarão a uns oitenta quilômetros dali, a caminho do mundo ocidental — ou talvez mais, pois o abandonaremos horas antes do amanhecer, e é pouco provável que se dê conta da perda de ambos até o dia estar bem mais avançado.

Tenho plena ciência dos males que podem e devem provir do passo que estou prestes a tomar; mas nunca hesito quanto à minha resolução porque nunca me esqueço do meu filho. Foi justamente nesta manhã — enquanto eu realizava minha tarefa habitual, ele estava sentado aos meus pés, brincando sossegado com as tiras de lona que eu tinha jogado no tapete — mas sua cabeça estava em outro lugar, pois, pouco depois, ele ergueu os olhos melancólicos para o meu rosto, e perguntou a sério:

“Mamãe, a senhora é perversa?”

“Quem lhe disse que sou perversa, meu amor?”

“A Rachel.”

“Não, Arthur, a Rachel nunca disse isso, tenho certeza.”

“Então foi o papai”, ele respondeu, pensativo. E após um instante de reflexão, ele acrescentou: “Pelo menos vou contar à senhora como foi que eu soube: quando estou com o papai, se digo que a mamãe quer ficar comigo ou que a mamãe diz que não devo fazer alguma coisa, ele me diz para fazer, sim — ele sempre diz: ‘A mamãe que vá para o inferno’ — e a Rachel diz que só os perversos vão para o inferno. Então, mamãe, é por isso que acho que a senhora deve ser perversa — e gostaria que não fosse.”

“Meu filho querido, não sou. Essas são palavras feias, e pessoas perversas volta e meia as dizem sobre pessoas que são melhores do que elas. Essas palavras não podem fazer com que alguém vá para o inferno, nem mostram que é isso que elas merecem. Deus vai nos

julgar pelos nossos próprios pensamentos e atos, não pelo que os outros falam de nós. E quando ouvir palavras como essas, Arthur, lembre-se de nunca repeti-las: é perverso dizer essas coisas sobre os outros, e não que elas sejam ditas contra você.”

“Então é o papai que é perverso”, ele declarou, pesaroso.

“O papai está errado ao dizer essas coisas, e será um grande erro você imitá-lo, agora que sabe que isso é feio.”

“*O que é imitar?*”

“Fazer o que ele faz.”

“*Ele sabe que é feio?*”

“Talvez saiba; mas isso não lhe diz respeito.”

“Se ele não sabe, a senhora precisa dizer a ele, mamãe.”

“Eu *já* disse.”

O pequeno moralista parou e ponderou. Tentei em vão tirar sua cabeça do assunto.

“Lamento que o papai seja perverso”, ele disse com tristeza, por fim, “porque não quero que ele vá para o inferno.” E ao dizê-lo, ele desatou a chorar.

Eu o consolei com a esperança de que talvez o pai mudasse e se tornasse bom antes de morrer — mas não era hora de livrá-lo de um responsável como esse?

40. Um infortúnio

10 de janeiro de 1827. — Enquanto escrevia a entrada acima, ontem à noite, estava sentada na sala de estar. O sr. Huntingdon estava presente, mas, como eu pensava, dormia no sofá atrás de mim. No entanto, sem que eu percebesse, se levantara e, movido por uma curiosidade desprezível, estava olhando por cima do meu ombro não sei por quanto tempo, pois quando deixei a caneta de lado e estava prestes a fechar o caderno, ele de repente pôs a mão sobre a folha e, dizendo “Com sua licença, minha querida, vou dar uma olhada nisto aqui”, arrancou-o à força de mim, e puxando uma cadeira até a mesa, se sentou calmamente para examiná-lo — voltando folha a folha para encontrar uma explicação para o que lera. Para meu azar, estava mais sóbrio nessa noite do que costumava estar naquele horário.

Claro que não o deixei executar essa atividade com tranquilidade: fiz várias tentativas de arrebatá-lo o caderno de suas mãos, mas ele o segurava com firmeza demais; eu o repreendi com amargura e escárnio pela conduta cruel e desonrada, mas isso não surtiu efeito sobre ele; e, por fim, apaguei as duas velas, mas ele apenas se virou para a lareira e, atizando uma chama suficiente para seus objetivos, continuou a investigação com serenidade. Pensei seriamente em pegar uma caneca de água e apagar também essa luz, mas era evidente que sua curiosidade estava estimulada demais para ser debelada assim, e quanto mais eu manifestava minha ânsia de frustrar seu escrutínio, maior era sua determinação de persistir — além de ser tarde demais.

“Me parece muito interessante, meu amor”, disse ele, levantando a cabeça e se virando para onde eu estava, abanando os braços com uma raiva e uma angústia silenciosas, “mas é muito longo; outra hora

eu olho — e enquanto isso, vou lhe pedir suas chaves, minha querida.”

“Que chaves?”

“As chaves do seu armário, mesa, gavetas e tudo o mais que está em sua posse”, declarou ele, levantando-se e esticando a mão.

“Não estou com elas”, respondi. A chave da mesa estava, na verdade, naquele momento, na fechadura, e as outras estavam presas junto com ela.

“Então mande buscá-las”, disse ele, “e se aquela cadela velha, a Rachel, não entregá-las neste instante, ela vai para a rua de mala e cuia amanhã.”

“Ela não sabe onde estão”, retruquei, rapidamente botando a mão em cima delas e tirando-as da mesa, imaginando que meu gesto passava despercebido. “*Eu* sei, mas não vou entregá-las sem justificativa.”

“*E eu* também sei”, disse ele, de repente segurando minha mão fechada e as surrupiando com rudeza. Em seguida, pegou uma das velas e a reacendeu enfiando-a na lareira.

“Agora então”, ele zombou, “temos que fazer um confisco de propriedade. Mas primeiro vamos dar uma espiadinha no ateliê.”

E enfiando as chaves no bolso, ele entrou na biblioteca. Eu o segui, se era com a ideia estúpida de evitar prejuízos ou só para saber do pior, não sei dizer. Meus materiais de pintura estavam reunidos na mesa do canto, prontos para o uso do dia seguinte, e cobertos apenas com um pano. Ele logo os notou e, apoiando a vela, passou a jogá-los cuidadosamente no fogo — paleta, tintas, estojos, lápis, pincéis, verniz — vi tudo ser consumido — as espátulas de pintura partidas ao meio — o óleo e a terebintina sibilaram e zuniram chaminé acima. Depois ele tocou o sino.

“Benson, leve essas coisas embora”, disse ele, apontando para o cavalete, as telas e o esticador, “e diga à criada que acenda o fogo com elas: a patroa não as quer mais.”

Benson estancou, horrorizado, e olhou para mim.

“Leve embora, Benson”, confirmei; e seu patrão murmurou uma praga.

“E isso aqui tudo, senhor?”, disse o atônito criado, referindo-se a um

retrato pela metade.

“Isso tudo”, respondeu o patrão; e as coisas foram tiradas dali.

O sr. Huntingdon subiu a escada. Não tentei ir atrás dele, e continuei sentada na poltrona, emudecida, sem chorar, e quase inerte, até ele retornar cerca de meia hora depois e, se aproximando de mim, segurar a vela perto do meu rosto e examinar meus olhos com caretas e risadas ofensivas demais para suportar. Com um súbito golpe, derrubei a vela no chão.

“Olha só!”, ele murmurou, assustado. “Ela é o próprio diabo vingativo! Algum mortal já viu olhos iguais? — Eles brilham no escuro que nem os de um gato. Ah, você é das dóceis!” Dizendo isso, recolheu a vela e o candelabro. Como a vela estava quebrada e apagada, ele tocou o sino para pedir outra.

“Benson, sua patroa quebrou a vela; traga outra.”

“Você se denuncia muito bem”, observei quando o criado saiu.

“Não falei que *eu* quebrei, falei?”, ele retrucou. Então atirou minhas chaves no meu colo, declarando: “Pronto! Você vai ver que nada sumiu além do seu dinheiro e das joias — e algumas ninharias de que achei recomendável tomar posse para que seu espírito mercantil não se sinta tentado a transformá-los em ouro. Deixei algumas moedinhas na sua bolsa e espero que durem o mês inteiro — de qualquer modo, quando quiser mais, você terá a bondade de me fazer um relato de como vai gastar. Vou passar a lhe dar uma mesada pequena, no futuro, para suas despesas pessoais, e você não precisa mais se preocupar com meus negócios: vou procurar um intendente, minha querida; não vou mais expor você à tentação. E quanto às questões domésticas, a sra. Greaves deve prestar contas em detalhes: vamos elaborar um novo plano...”

“Que grande descoberta você fez *agora*, sr. Huntingdon? Tentei defraudá-lo?”

“Não exatamente em termos de dinheiro, parece, mas é melhor que não fique no caminho da tentação.”

Nesse instante, Benson entrou com as velas e se seguiu um breve intervalo silencioso — eu ainda sentada na minha poltrona, ele de pé com as costas viradas para o fogo, num triunfo emudecido diante do

meu desespero.

“E assim”, ele disse, por fim, “você pensou em me desgraçar, não é, fugindo e virando artista, sustentando-se com o trabalho das duas mãos, sem dúvida? E você também pensou em me roubar meu filho e criá-lo para ser um comerciante ianque sujo, ou um pintor humilde, miserável?”

“Sim, para evitar que se torne um cavalheiro igual ao pai.”

“Que bom que não conseguiu guardar seu próprio segredo — rá, rá! Que bom que as mulheres precisam sempre tagarelar — se não têm uma amiga para conversar, têm que cochichar seus segredos aos peixes ou escrevê-los na areia ou algo assim; e que bom também que não exagerei esta noite, pensando agora, senão eu teria dormido e nem sonharia em olhar o que a minha doce senhora estava fazendo — ou poderia ter me faltado o senso ou o vigor para me impor feito homem, como fiz.”

Deixando-o às suas jactâncias, levantei-me para apanhar meu manuscrito, pois agora me lembrava que tinha sido deixado na mesa da sala de estar, e estava determinada, se possível, a me poupar da humilhação de vê-lo nas mãos dele outra vez. Não suportava a ideia de que pudesse se divertir com meus pensamentos e recordações secretos, embora certamente fosse encontrar poucos comentários bons a seu respeito, a não ser na primeira parte — e ah, eu preferiria queimá-lo por inteiro a deixar que lesse o que eu tinha escrito quando era tola por amá-lo!

“E a propósito”, ele berrou quando eu estava de saída, “é melhor você dizer à maldita cobra daquela babá que fique longe de mim por um ou dois dias — eu pagaria os honorários dela e a mandaria embora amanhã mesmo, mas sei que ela causaria mais danos fora de casa do que dentro.”

E quando parti ele continuou xingando e ofendendo minha fiel amiga e criada com epítetos que não vou manchar este papel repetindo. Fui ao encontro dela assim que guardei meu caderno e lhe disse que nosso projeto fora derrotado. Ela ficou tão aflita e horrorizada quanto eu — e ainda mais do que eu naquela noite, pois eu ainda estava um pouco pasma com o golpe e agitada e estimulada

pela amargura da minha ira. Mas de manhã, quando despertei sem aquela esperança entusiástica que fora meu bálsamo e alicerce por tanto tempo, e durante o dia inteiro, quando perambulei, irrequieta e sem objetivo, evitando meu marido, afastando-me até de meu filho — ciente de minha inépcia para ser sua tutora ou companheira, sem ter nenhuma esperança para sua vida futura, e desejando fervorosamente que nunca tivesse nascido — eu sentia minha calamidade em toda sua extensão — e continuo a senti-la agora. Sei que dia após dia esses sentimentos vão retornar: sou uma escrava, uma prisioneira — mas isso não é nada: se fosse só eu, não reclamaria, mas sou proibida de salvar meu filho da ruína, e o que antes era meu único consolo se tornou a fonte suprema do meu desespero.

Não tenho fé em Deus? Tento buscá-lo e elevar meu coração aos Céus, mas ele está pegado ao pó: só me resta dizer “Cercou-me de uma sebe, e não posso sair; agravou os meus grilhões. Fartou-me de amarguras, embriagou-me de absinto.” — Esqueci-me de acrescentar: “Pois, ainda que entristeça a alguém, usará de compaixão, segundo a grandeza das suas misericórdias. Porque não aflige nem entristece de bom grado aos filhos dos homens.” Devo pensar nisso; e se não há nada além de tristezas para mim neste mundo, o que é uma vida longa de tormento diante da eternidade inteira de paz? E quanto ao meu pequeno Arthur — que não tem nenhum amigo além de mim? Quem foi que disse: “Assim, também, não é vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca”?

41. “A esperança brota eternamente no peito humano”¹

20 de março. — Vendo-me livre do sr. Huntingdon por uma temporada, meu ânimo começou a se restaurar. Ele me deixou no começo de fevereiro, e no instante em que foi embora, voltei a respirar e senti minha energia vital voltar, não a expectativa da fuga — ele tomou o cuidado de não me deixar nenhuma chance visível de escapar — mas com a decisão de tirar o máximo proveito das circunstâncias. Ali estava Arthur, deixado aos meus cuidados, por fim, e despertando de minha apatia desalentada empenhei todos os meus poderes para erradicar as ervas daninhas cultivadas em sua mente infantil, e semeei de novo as boas sementes que tinham se tornado improdutivas. Graças a Deus, não é um solo infértil ou pedregoso, e se ervas daninhas brotam fácil, também brotam logo plantas melhores. Sua compreensão está mais ágil, seu coração mais transbordante de afeto do que o do pai jamais poderia ser; e não é uma tarefa impossível dobrá-lo à obediência e fazê-lo amar e reconhecer sua única amiga verdadeira, contanto que não haja alguém para se contrapor a meus esforços.

Tive muita dificuldade, a princípio, em fazê-lo romper com os hábitos nocivos que o pai lhe ensinara a adquirir, mas essa dificuldade já está quase vencida: é raro o linguajar chulo lhe corromper a boca, e eu consegui lhe instilar um asco absoluto por todas as bebidas inebriantes, que espero que nem mesmo o pai e seus amigos sejam capazes de sobrepujar. Para uma criatura tão nova, ele tinha um gosto extraordinário por elas, e, lembrando de meu desventurado pai, bem como do pai dele, temia as consequências de tal pendor. Mas se tivesse

limitado sua quantidade habitual de vinho ou o proibido de tomá-lo, só teria aumentado sua predisposição à bebida e o instigado a vê-la como o melhor regalo que existe. Por essa razão, dei tanto quanto o pai costumava lhe permitir — tanto, aliás, quanto ele quisesse tomar, mas em todas as taças pus furtivamente uma pequena quantidade de tártaro emético — apenas o suficiente para causar náusea e depressão inevitáveis sem gerar uma indisposição mais forte. Ao descobrir que essas consequências desagradáveis invariavelmente resultavam daquela satisfação, ele logo se enfadou, mas quanto mais evitava o regalo diário, mais eu o pressionava a tomá-lo, até que sua relutância foi reforçada e chegou à aversão absoluta. Quando já estava enjoado com qualquer tipo de vinho, eu lhe permiti, atendendo a seu pedido, provar conhaque com água e depois gim com água, pois o pequeno beerrão estava familiarizado com todas elas, e eu decidida a lhe tornar todas igualmente detestáveis. Agora consegui, e como declara que o gosto, o aroma, a imagem de todas basta para deixá-lo enjoado, desisti de importuná-lo com elas, a não ser de vez em quando, como objetos de terror, em caso de mau comportamento: “Arthur, se você não for um bom menino, vou lhe dar uma taça de vinho”, ou “Agora, Arthur, se voltar a repetir isso, vai tomar um pouco de conhaque com água”, é uma ameaça tão boa quanto qualquer outra; e, uma ou duas vezes, quando estava doente, obriguei a pobre criança a engolir um gole de vinho com água *sem* o tártaro emético, à guisa de remédio, e esta prática eu pretendo continuar por algum tempo; não que eu ache que tenha alguma serventia no sentido físico, mas sim porque estou decidida a empregar todos os poderes de associação que tenho à mão: quero que essa aversão seja tão arraigada em sua natureza que nada na vida futura consiga superá-la.

Assim, alimento a esperança de protegê-lo desse vício; e quanto ao resto, se na volta do pai eu encontrar razões para entender que minhas boas lições serão todas destruídas — se o sr. Huntingdon recomeçar o jogo de ensinar o filho a odiar e desprezar a mãe e imitar a perversidade do pai, ainda hei de livrar meu filho de suas mãos. Elaborei outro plano ao qual posso recorrer nesse caso, e se conseguir o consentimento e o auxílio de meu irmão, não terei dúvidas de seu

êxito. O velho casarão onde ele e eu nascemos e onde nossa mãe faleceu não está ocupado agora, tampouco caiu em decadência, creio eu. Se conseguisse persuadi-lo a tornar um ou dois cômodos habitáveis e alugá-los a mim como a uma estranha, eu poderia morar lá, com meu filho, sob um nome fictício, e ainda me sustentar com minha arte favorita. Ele precisaria me emprestar dinheiro para começar, e eu o devolveria, e viveria na pobreza, mas com independência e em estrita reclusão, pois a casa fica em um lugar isolado, e a vizinhança é parcamente habitada, e ele mesmo negociaria a venda das minhas pinturas por mim. Já organizei todo o plano na minha cabeça, e tudo o que me falta é convencer Frederick a concordar com as minhas ideias. Ele vem me visitar em breve, e então lhe farei a proposta, depois de primeiro esclarecê-lo sobre as minhas circunstâncias a ponto de justificar o plano.

Ele já sabe, creio eu, muito mais sobre a situação do que lhe contei. Dá para notar pelo ar de tristeza carinhosa que permeia suas cartas, pelo fato de que raras vezes menciona meu marido e de modo geral exhibe uma espécie de mágoa velada nos poucos momentos em que se refere a ele, bem como pelo detalhe de que nunca me visita quando o sr. Huntingdon está em casa. Porém, ele nunca exprimiu abertamente sua desaprovação ou compaixão por mim; nunca fez perguntas nem fez nada que encorajasse confidências. Caso o fizesse, é provável que eu pouco escondesse dele. Talvez se ressentia da minha discrição. É um ser estranho — gostaria que nos conhecêssemos melhor. Ele costumava passar um mês em Staningley por ano, antes do meu casamento; mas, desde o falecimento do nosso pai, eu o vi uma única vez, quando ele veio passar alguns dias aqui durante uma viagem do sr. Huntingdon. Ele deve ficar muitos dias desta vez, e deve haver mais sinceridade e cordialidade entre nós do que nunca, desde a nossa tenra infância: meu coração se apegou a ele como nunca antes, e minha alma está cansada da solidão.

16 de abril. — Ele já veio e já se foi. Não queria ficar mais de quinze dias. O tempo passou rápido, mas com muita, muita alegria, e me fez bem. Eu deveria estar de má vontade, pois meus infortúnios me

azedaram e amargaram exacerbadamente: começava a ter a insensibilidade de acalentar sentimentos bem desagradáveis contra meus companheiros mortais — sobretudo os do sexo masculino; mas é um bálsamo ver que há pelo menos um digno de confiança e estima; e sem dúvida existem outros, embora nunca os tenha conhecido — a não ser que eu excetue o pobre Lord Lowborough, que também era péssimo na época dele; mas o que Frederick seria se tivesse vivido na sociedade e se misturado desde a infância com homens como os que conheço? e o que *vai ser* de Arthur, com a doçura natural de sua índole, se eu não o salvar desse mundo e desses companheiros? Mencionei meus temores a Frederick e introduzi o assunto do meu plano de fuga na noite seguinte à sua chegada, quando apresentei meu filho pequeno ao tio.

“Ele é parecido com você, Frederick”, declarei, “em certos estados de espírito: às vezes acho que ele lembra mais você do que o pai, e fico contente com isso.”

“Fico lisonjeado, Helen”, ele respondeu, acariciando as mechas macias e onduladas da criança.

“Não, você não vai achar que é um elogio quando eu lhe disser que preferiria que ele lembrasse o *Benson* ao pai dele.”

Ele ergueu um pouco as sobrancelhas, mas não disse nada.

“Você sabe que tipo de homem o sr. Huntingdon é?”, indaguei.

“Acho que tenho uma noção.”

“Você tem uma noção tão clara a ponto de ouvir, sem surpresa ou censura, que penso em fugir com essa criança para algum refúgio secreto onde poderíamos viver em paz e nunca mais revê-lo?”

“É verdade?”

“Se não tem”, prossegui, “vou lhe dizer algo mais sobre ele” — e lhe fiz uma descrição de sua conduta geral e um relato mais minucioso de seu comportamento com o filho, e expliquei minhas apreensões nessa última exposição, e minha resolução de livrá-lo da influência paterna.

Frederick ficou extremamente indignado com o sr. Huntingdon, e muito aflito por mim; porém, considerou minha ideia louca e impraticável; julgou meus medos por Arthur desproporcionais às circunstâncias e fez tantas objeções ao meu plano, elaborou tantos

métodos mais brandos para melhorar minha situação que fui obrigada a entrar em detalhes a fim de convencê-lo de que meu marido era totalmente incorrigível e nada poderia persuadi-lo a abrir mão do filho, independentemente do que acontecesse comigo, pois havia decidido que o filho não deveria deixá-lo, e eu tampouco deixaria a criança; e que, na verdade, nada resolveria além disso, a não ser que eu fugisse do país como planejava. Para evitar isso, ele enfim concordou em deixar uma ala do velho casarão em estado habitável, como lugar de refúgio em épocas de necessidade; mas esperava que eu não tirasse proveito da casa, a não ser que as circunstâncias tornassem sua ocupação de fato necessária, coisa que eu estava preparada para prometer; pois, embora, pelo meu próprio bem, tal eremitério pareça um paraíso se comparado à minha situação atual, pelo bem de minhas amigas — por Milicent e Esther, minhas irmãs de coração e afeto, pelos inquilinos miseráveis de Grassdale, e acima de tudo pela minha tia — permanecerei aqui se me for possível.

29 de julho. — A sra. Hargrave e a filha voltaram de Londres. Esther está satisfeita com sua primeira temporada na cidade, mas ainda não está apaixonada e comprometida. A mãe procurou um par excelente para ela, e chegou a levar um cavalheiro para pôr seu coração e fortuna aos pés dela; porém, Esther teve a audácia de recusar os nobres presentes. Era um homem de boa família e muitas posses, mas a menina travessa afirmava que era velho como Adão, feio como o pecado, e tão detestável quanto — alguém que deve continuar no anonimato.

“Mas foi um momento bem difícil”, ela disse, “a mamãe ficou muito decepcionada com o fracasso de seu projeto mais querido, e muito, muito zangada com minha resistência obstinada à sua vontade — e ainda está, mas não tenho como evitar. E o Walter também está tão descontente com a minha perversidade e meus caprichos absurdos, como ele diz, que temo que jamais me perdoe — e não achava que ele seria *capaz* de ser tão indelicado quanto tem sido nos últimos tempos. Mas a Milicent me implorou a não ceder, e tenho certeza, sra. Huntingdon, que se a senhora visse o homem que queriam me impor,

também teria me aconselhado a não aceitá-lo.”

“Eu faria isso vendo ou não o homem”, declarei. “Já basta que você não goste dele.”

“Eu sabia que a senhora diria isso; embora a mamãe tenha afirmado que ficaria chocada com a minha conduta irresponsável — a senhora nem imagina os sermões que ela me dá — que sou desobediente e ingrata; que estou frustrando seus desejos, prejudicando meu irmão e me tornando um fardo em suas mãos — às vezes receio que ela acabe me vencendo. Sou muito decidida, mas ela também é, e quando ela me diz coisas amargas, me provoca tanto que fico tentada a fazer o que ela me pede, partir o meu coração e dizer: ‘Pronto, mamãe, é tudo culpa da senhora!’.”

“Por favor, não faça isso”, roguei. “A obediência com essa motivação seria uma absoluta malvadez, e sem dúvida traria o castigo merecido. Fique firme que sua mãe em breve abandona a importunação — e o próprio cavalheiro desistirá de incomodá-la com a corte se perceber que é sempre rejeitada.”

“Ah, não! Mamãe exaure todos que a rodeiam antes de se exaurir com os próprios esforços; e quanto ao sr. Oldfield, ela lhe deu a entender que recusei a proposta não por desgostar de sua pessoa, mas apenas porque sou eufórica e jovem e no atual momento não me conformo com a ideia de matrimônio sob nenhuma circunstância; porém, na próxima temporada, ela tem certeza de que já terei mais sensatez, e espera que minhas extravagâncias de menina já tenham passado. Portanto, ela me trouxe para casa para me educar a respeito do verdadeiro senso de dever, para que eu mude de ideia logo — na verdade, creio que não vai arcar com a despesa de me levar a Londres outra vez a não ser que eu ceda: ela não tem condições de me levar à cidade por prazer e tolices, diz, e não são *todos* os cavalheiros abastados que concordariam em me aceitar sem fortuna, por mais exaltadas que sejam minhas ideias acerca de meus próprios encantos.”

“Bem, Esther, compadeço-me de você; porém, repito, fique firme. Seria preferível você se vender à escravidão logo a se casar com um homem que não gosta. Caso sua mãe e seu irmão sejam cruéis com você, pode deixá-los, mas lembre-se de que estará presa a seu marido

para sempre.”

“Mas só posso deixá-los se me casar, e não posso me casar se não for vista por ninguém. Vi um ou dois cavalheiros em Londres de que poderia ter gostado, mas eram os filhos mais novos, e a mamãe não permitiu que eu os conhecesse melhor — sobretudo um deles, que eu acredito que gostou de mim, mas ela botou todos os obstáculos possíveis no caminho de nossa aproximação — a senhora não acha uma provocação?”

“Não tenho dúvida de que você enxergue dessa forma, mas é possível que, casando-se com ele, você tivesse mais razões para se arrepender do que se o casamento fosse com o sr. Oldfield. Quando lhe digo para não se casar *sem* amor, não estou aconselhando que se case só por amor — há muitas, muitas outras coisas que devem ser consideradas. Mantenha tanto o coração como a mão sob seu domínio até ver uma boa razão para se separar deles; e se essa ocasião nunca surgir, console sua mente com esta reflexão: embora na vida de solteira suas alegrias talvez não sejam muitas, suas tristezas pelo menos não serão maiores do que consegue suportar. O matrimônio *talvez* mude suas circunstâncias para melhor, mas na minha opinião pessoal, é bem mais provável que gere o resultado contrário.”

“É o que também pensa a Milicent, mas permita-me dizer: *eu* penso de outra forma. Se me achasse condenada à solteirice, deixaria de valorizar minha vida. A ideia de seguir vivendo, ano após ano, em Grove — uma parasita de mamãe e de Walter — apenas ocupando a terra inutilmente (agora que sei que é assim que eles me veriam), é intolerável — preferiria fugir com o mordomo.”

“Suas circunstâncias são peculiares, eu concordo, mas tenha paciência, meu amor; não faça nada por impulso. Lembre-se de que ainda nem completou dezenove anos e muitos anos ainda terão que se passar até que alguém possa denominá-la uma solteirona: você não sabe o que a Providência pode lhe ter reservado. E enquanto isso, lembre-se de que tem *direito* à proteção e ao sustento de sua mãe e seu irmão, por mais que eles pareçam se ressentir disso.”

“A senhora está tão séria, sra. Huntingdon”, disse Esther, após uma pausa. “Quando a Milicent expressou as mesmas impressões

desmotivadoras a respeito do casamento, perguntei se era feliz: ela disse que sim, mas só se eu acreditasse nela pela metade, e agora preciso lhe fazer a mesma pergunta.”

“É uma pergunta muito impertinente”, eu ri, “feita por uma moça a uma mulher casada e tantos anos mais velha — e não vou respondê-la.”

“Perdão, querida *madame*”, disse ela, atirando-se nos meus braços aos risos e me beijando com um carinho galhofeiro; mas eu senti uma lágrima no meu pescoço quando ela recostou a cabeça no meu peito e continuou, com um estranho misto de tristeza e frivolidade, timidez e audácia. “Sei que a senhora não é tão feliz quanto eu pretendo ser, pois passa metade da sua vida sozinha em Grassdale enquanto o sr. Huntingdon se diverte por aí, onde e como quer. — Espero que o *meu* marido não tenha outros prazeres a não ser os que divide comigo; e se seu maior prazer não for desfrutar de minha companhia — ora — será pior para ele — só isso.”

“Se são essas as suas expectativas quanto ao matrimônio, Esther, precisa mesmo ter cuidado com quem se casa — ou melhor, precisa evitar totalmente o matrimônio.”

1. Citação de “Ensaio sobre o homem” (1733), de Alexander Pope. (n. e. inglesa)

42. Uma transformação

1o de setembro. — Nada de sr. Huntingdon até agora. Talvez fique com os amigos até o Natal; e depois, na próxima primavera, irá embora outra vez. Caso dê seguimento a esse plano, conseguirei ficar bastante bem em Grassdale — isto é, *conseguirei* ficar, e isso já basta; até um grupo de amigos de vez em quando, na temporada de caça, seria suportável se o Arthur estiver firmemente apegado a mim — com um bom senso e princípios tão arraigados, antes de eles chegarem, a ponto de eu ser capaz, pela razão e pelo afeto, de manter sua pureza diante de suas corrupções. Esperança vã, receio eu!, porém, até que chegue a época das provações, vou me abster de pensar no meu refúgio sossegado no adorado casarão.

O sr. e a sra. Hattersley estão passando a quinzena em Grove; e como o sr. Hargrave ainda está ausente, e o clima está muito bom, não passei nem um dia sem ver minhas duas amigas, Milicent e Esther, seja lá ou aqui. Em uma ocasião, quando o sr. Hattersley as trouxe a Grassdale de fâeton com os pequenos Helen e Ralph, e nos divertíamos no jardim — tive uma conversa de alguns minutos com o cavalheiro, enquanto as damas se distraíam com as crianças.

“A senhora quer saber de alguma coisa sobre o seu marido, sra. Huntingdon?”, ele indagou.

“Não, a não ser que o senhor possa me dizer quando devo esperar que ele chegue.”

“Não posso. — A senhora não o quer, não é?”, ele disse com um sorriso largo.

“Não.”

“Bom, acho que a senhora está melhor sem ele, sem dúvida — da

minha parte, estou muito cansado dele. Já lhe disse que eu o largaria caso não se emendasse — e ele não se emendou, portanto o larguei — veja só, sou um homem melhor do que a senhora imagina — além do mais, penso seriamente em lavar minhas mãos em relação a ele, e para aquele bando inteiro, e daqui em diante me comportar com toda a decência e sobriedade, como um cristão e pai de família deve fazer. — O que a senhora acha?”

“É uma resolução que o senhor deveria ter tomado muito tempo atrás.”

“Bom, ainda não tenho nem trinta anos, não é tarde demais, não é?”

“Não, nunca é tarde demais para alguém se emendar, contanto que se tenha a sensatez de desejar a transformação e força para realizar seu objetivo.”

“Bom, para falar a verdade, pensei nisso muitas vezes antes, mas o Huntingdon é uma boa companhia infernal, no fim das contas — a senhora nem imagina que companheiro jovial ele é quando não está totalmente embriagado, mas apenas alegre ou tonto — todos nós gostamos um pouco dele, do fundo do coração, apesar de não conseguirmos respeitá-lo.”

“Mas o senhor gostaria de ser igual a ele?”

“Não, prefiro ser como eu mesmo, por pior que seja.”

“O senhor não pode continuar sendo mal como é sem piorar — e ficar cada dia mais bruto — e assim se tornar mais parecido com ele.”

Não tive como conter o sorriso diante do olhar cômico, meio zangado e meio perplexo, que ele deu com esse meu jeito de falar bastante incomum.

“Não se importe com a minha franqueza”, declarei, “falo assim com as melhores intenções. Mas me diga: o senhor gostaria que seus filhos fossem como o sr. Huntingdon — ou mesmo como o senhor?”

“É claro que não.”

“Gostaria que sua filha o menosprezasse — ou, pelo menos, que não sentisse nem um fiapo de respeito pelo senhor, e não lhe tivesse afeto a não ser aquele que se mistura ao pesar mais amargo?”

“Ah, que diabos, não! Seria insuportável.”

“E por fim, o senhor gostaria que sua esposa estivesse pronta para

ser engolida pela terra sempre que escuta seu nome; e que odiasse o som da sua voz e estremecesse ao vê-lo se aproximar?”

“Isso jamais aconteceria: ela gosta de mim do mesmo jeito, independentemente do que eu faça.”

“Impossível, sr. Hattersley! O senhor confunde submissão emudecida com afeto.”

“Fogo e fúria...”

“Não venha fazer tempestade por isso — não estou querendo dizer que ela não o ama — ela ama, sim, eu sei, muito mais do que o senhor merece — mas tenho certeza de que, se o senhor se comportar melhor, ela o amará mais, e se o comportamento do senhor piorar, ela o amará cada vez menos, até que tudo se perca no medo, na aversão e na amargura da alma, se não no ódio e no desdém secretos. Mas, deixando de lado o assunto do afeto, o senhor gostaria de ser um tirano na vida dela — de tirar todo o sol de sua existência, e deixá-la na absoluta infelicidade?”

“É claro que não; e não ajo assim nem vou agir.”

“O senhor fez mais para que seja assim do que imagina.”

“Ora, ora! Ela não é a criatura suscetível, aflita, preocupada que a senhora imagina: ela é uma figurinha meiga, pacata, carinhosa; com tendência a ser meio amuada de vez em quando, mas tranquila e ponderada de modo geral, e sempre disposta a aceitar as coisas como são.”

“Pense no que ela era cinco anos atrás, quando o senhor se casou com ela, e no que é agora.”

“Eu sei — ela era uma mocinha viçosa na época, com um belo rostinho rosado e branco: agora, é uma pobre coitada de criatura, que definha e derrete como uma nevasca — mas oras! — Pelo amor de Deus, a culpa não é minha!”

“Então qual é a causa? Não é a idade, pois ela tem só vinte e cinco anos.”

“É a saúde delicada que ela tem e — que diabos, madame! Por quem a senhora me toma? E também as crianças, sem dúvida, que fazem com que ela morra de preocupação.”

“Não, sr. Hattersley, as crianças lhe dão mais prazer do que dor: são

crianças bem-comportadas...”

“Sei que são — Deus as abençoe!”

“Então por que botar a culpa nelas? — Eu lhe digo o que é: é o aborrecimento silencioso e a angústia constante por sua conta, misturados, desconfio, com um certo medo físico por si mesma. Quando o senhor se comporta bem, a ela só resta um trêmulo regozijo; ela não tem segurança, não tem confiança no seu juízo e nos seus princípios; mas está sempre temendo o fim dessa felicidade breve; quando o senhor se comporta mal, os motivos de seu terror e sofrimento são maiores do que ninguém a não ser ela mesma poderia explicar. Na tolerância paciente do mal, ela se esquece de que é nosso dever repreender o próximo por suas transgressões. — Como o senhor *vai* confundir o silêncio dela com indiferença, me acompanhe e lhe mostrarei uma ou duas de suas cartas — sem quebra de confiança, espero, já que o senhor é o cônjuge dela.”

Ele me seguiu até a biblioteca. Procurei e pus em suas mãos duas das cartas de Milicent, uma remetida de Londres e escrita em uma de suas temporadas mais bárbaras de devassidão temerária; a outra do interior, durante um período de lucidez. A primeira era cheia de preocupações e angústias; não o acusava, mas lastimava profundamente sua relação com os amigos libertinos, xingando o sr. Grimsby e os outros, fazendo insinuações amargas contra o sr. Huntingdon, jogando engenhosamente a culpa da conduta imprópria do marido no ombro dos outros. A última era repleta de esperança e alegria, porém com uma consciência trêmula de que a felicidade não seria duradoura: louvava aos céus pela bondade do marido, mas com o desejo evidente, pensado mas dito apenas nas entrelinhas, de que tivesse um alicerce mais firme que os impulsos naturais do coração, e com um temor quase profético da queda daquela casa edificada sobre a areia — cuja queda se deu logo depois, como Hattersley deve ter se dado conta durante a leitura.

Quase no início da primeira carta, tive o prazer inesperado de vê-lo ruborizar, mas ele logo se virou de costas para mim e terminou a leitura junto à janela. Na segunda, eu o vi, uma ou duas vezes, levantar a mão e passá-la depressa sobre o rosto. Seria para enxugar

uma lágrima? Depois de terminá-la, houve uma pausa em que pigarreou e ficou olhando pela janela, e depois, depois de assobiar alguns compassos de uma melodia querida, ele se virou, me devolveu as cartas e apertou minha mão em silêncio.

“Fui um biltre abominável, só Deus sabe”, ele declarou ao apertar minha mão com força, “mas a senhora verá se não vou recompensá-la — Deus me amaldiçoe se não o fizer!”

“Não se amaldiçoe, sr. Hattersley: se Deus ouvisse metade de suas invocações desse gênero, o senhor já estaria no inferno há muito tempo — e o senhor *não pode* reparar o passado cumprindo seu dever no futuro, já que seu dever é apenas o que *deve* ao Criador, e não pode fazer *mais* do que cumpri-lo — outra pessoa é que deve reparar os danos causados por suas delinquências passadas. Se o senhor pretende se emendar, invoque as bênçãos de Deus, Sua misericórdia e Sua ajuda, não Sua maldição.”

“Então que Deus me ajude — pois vou precisar, sem dúvida. Cadê a Milicent?”

“Está ali, acabou de entrar com a irmã.”

Ele saiu pela porta de vidro e foi encontrá-las. Eu o segui, mantendo certa distância. Para o espanto da esposa, ele a levantou do chão e a saudou com um beijo entusiástico e um abraço forte; depois, colocando as duas mãos em seus ombros, ele lhe fez, imagino, uma descrição das grandes coisas que pretendia fazer, pois de repente ela o abraçou e irrompeu em lágrimas, exclamando:

“Faça isso, faça, Ralph — seremos tão felizes! Que bom, que bom que você é!”

“Não, não eu”, ele disse, virando-se e empurrando-a na minha direção. “Agradeça a *ela*, isso é obra dela.”

Milicent correu para me agradecer, transbordante de gratidão. Desmenti todo o meu crédito naquilo, dizendo-lhe que seu marido estava predisposto a se emendar antes que eu acrescentasse minha partícula de exortação e incentivo, e que eu tinha feito apenas o que ela mesma poderia — e precisava — fazer sozinha.

“Ah, não!”, ela bradou, “eu não conseguiria influenciá-lo, tenho certeza, com nada do que falasse. Eu só o aborreceria com minhas

tentativas desajeitadas de persuasão, se tivesse tentado.”

“Você nunca tentou, Milly”, ele disse.

Pouco depois, eles foram embora. No momento, estão fazendo uma visita ao pai de Hattersley. Em seguida, vão regressar à casa de campo. Espero que suas boas resoluções não caiam por terra e que a pobre Milicent não se decepcione novamente. Sua última carta estava coalhada de euforia e expectativas agradáveis quanto ao futuro; mas ainda não houve nenhuma tentação que colocasse sua virtude à prova. Daqui em diante, no entanto, ela sem dúvida será um pouco menos acanhada e discreta, e ele mais bondoso e atencioso. — De fato, suas expectativas não são infundadas; e eu tenho um êxito, pelo menos, sobre o qual descansar meus pensamentos.

43. Além dos limites

10 de outubro. — O sr. Huntingdon chegou há cerca de três semanas. Sua aparência, seu comportamento e as conversas, e meus sentimentos por ele, não me darei ao trabalho de descrever. No dia seguinte à sua chegada, entretanto, ele me surpreendeu com o anúncio de que tem a intenção de providenciar uma preceptora para o pequeno Arthur: eu lhe disse que era totalmente desnecessário, para não dizer ridículo, na época atual: eu me imaginava competente para assumir a tarefa de ensiná-lo sozinho — pelo menos por alguns anos: a educação da criança era o único prazer e atividade da minha vida, e como ele me privou de qualquer outra ocupação, poderia muito bem me deixar essa.

Ele disse que não era apta a ensinar crianças ou estar com elas: já havia reduzido o menino a pouco mais que um autômato, já tinha arruinado sua bela alma com minha severidade rigorosa, e eu congelaria todo o sol que havia em seu coração e o tornaria um beato melancólico como eu, caso o conduzisse por mais tempo. E a pobre Rachel também entrou na conversa para sofrer seu quinhão de ofensas, como de hábito: ele não suporta Rachel por saber que ela fez uma avaliação correta sobre ele.

Com serenidade, defendi nossas várias qualificações como babá e dona de casa, e continuei resistente ao sugerido acréscimo à nossa família; porém, ele me interrompeu dizendo que não valia a pena aborrecê-lo quanto ao tema, pois já tinha contratado uma preceptora, e ela chegaria na semana seguinte; portanto, só me restava preparar as coisas para recebê-la. Foi uma informação bastante espantosa. Aventurei-me a perguntar seu nome e endereço, por quem fora

recomendada e como ele a tinha escolhido.

“Ela é uma jovem muito estimável, devota”, ele declarou, “você não precisa ter medo. O nome dela é Myers, creio eu, e me foi recomendada por uma nobre respeitável — uma senhora de alta reputação no mundo religioso. Eu mesmo não a vi e portanto não posso dar um relato detalhado de sua personalidade e conversa etc. mas, se os elogios da velha senhora estiverem corretos, você vai achar que ela tem todas as qualificações desejáveis para o cargo — entre elas, um amor excessivo por crianças.”

Tudo isso foi dito com seriedade e calma, mas havia um demônio risonho em seu olhar meio desviado que não pressagiava coisas boas, eu imaginava. No entanto, pensei no meu refúgio em —shire e não fiz mais objeções.

Quando a srta. Myers chegou, eu não estava preparada para lhe fazer uma recepção muito cordial. Sua aparência não era exatamente calculada para causar uma impressão favorável à primeira vista, tampouco seus modos e sua conduta subsequente, sob qualquer medida, apagaram o preconceito que eu já criara contra ela. Seus talentos eram restritos, seu intelecto não ultrapassava a mediocridade. Tinha uma voz bela, e cantava como um rouxinol, e saía-se bastante bem ao se acompanhar no piano; porém, essas eram suas únicas habilidades. Havia um quê de malícia e sutileza em seu rosto, um jeito igual no som da voz. Parecia ter medo de mim, e se assustava quando eu me aproximava de repente. Em seu comportamento, era respeitosa e complacente ao ponto do servilismo: primeiro tentava me adular e bajular, mas logo a coibi. Seu carinho pelo pequeno pupilo era muito forçado, e fui obrigada a reclamar com ela quanto ao excesso de tolerância e os elogios imprudentes; porém, ela não lhe conquistava o coração. Sua devoção consistia em séries esporádicas de suspiros e de momentos em que erguia os olhos para o teto, e a pronúncia de algumas expressões beatas. Ela me disse que era filha de um clérigo, e que ficara órfã na infância, mas tivera a sorte de conseguir um trabalho em uma família muito devota; e em seguida falou com tamanha gratidão sobre a bondade que recebera de seus vários membros que me censurei por meus pensamentos insensíveis e minha

conduta inamistosa, e amoleci por um tempo — mas não muito: as razões da minha antipatia eram racionais demais, minhas desconfianças muito bem fundamentadas; e eu sabia que era minha responsabilidade observar e analisar até que as suspeitas fossem desmentidas ou comprovadas satisfatoriamente.

Pedi o nome e a residência dessa família bondosa e devota. Ela mencionou um sobrenome comum e um lugar distante e desconhecido, mas me disse que agora estavam no continente e não sabia o endereço atual. Nunca a vi falar muito com o sr. Huntingdon, mas ele volta e meia dava uma olhada na sala de aula para ver como o pequeno Arthur se dava com a nova companhia, quando eu não estava lá. De noite, ela se sentava conosco na sala de estar e cantava e tocava para diverti-lo — ou divertir *nós dois*, como fingia — e era muito solícita com seus desejos, e observadora para tentar prevêê-los, embora só conversasse comigo — aliás, era raro ele estar em condições de que lhe dirigissem a palavra. Caso ela fosse outra pessoa, eu consideraria sua presença um grande alívio a se pôr entre nós, excetuando-se o fato de que me sentiria profundamente envergonhada que qualquer pessoa decente o visse no estado habitual.

Não mencionei minhas desconfianças a Rachel; mas ela, já tendo permanecido meio século nesta terra de pecados e sofrimentos, tinha aprendido sozinha a ser desconfiada. Ela me disse desde o início que estava “ressabiada com a nova preceptora” e eu logo descobri que a observava com tanta atenção quanto eu; e fiquei contente, pois ansiava pela verdade: a atmosfera de Grassdale parecia me sufocar e eu só conseguia viver pensando em Wildfell Hall.

Por fim, uma manhã, ela entrou no meu quarto com uma informação que me levou a tomar minha decisão antes que terminasse de falar. Enquanto me vestia, eu lhe expliquei minhas intenções e qual ajuda precisaria receber dela, e lhe disse quais dos meus pertences devia embalar e quais deveria deixar para trás, tomando-os para si, já que eu não tinha outros meios de recompensá-la por essa dispensa repentina após seu longo e fiel tempo de serviço — situação que eu lamentava profundamente, mas que me era inevitável.

“E o que você vai fazer, Rachel?”, indaguei, “vai para casa ou vai

procurar outro lugar?”

“Não tenho casa, madame, além da sua”, ela respondeu, “e se deixá-la, nunca mais vou ter outro emprego na vida.”

“Mas não posso me permitir viver como uma dama agora”, retruquei, “preciso ser minha própria criada e a babá do meu filho.”

“O que *significa?*”, ela respondeu com certa animação. “Que vai querer alguém para limpar e lavar, e cozinhar, não vai? Sei fazer tudo isso; e não se importe com o salário — ainda tenho minhas poucas economias, e caso a senhora não me aceite, terei que achar uma pensão por aí, ou então trabalhar com estranhos — e é a isso que não estou acostumada — então faça como quiser, madame.” Sua voz tremia ao falar, e as lágrimas vinham aos seus olhos.

“Não há nada que eu queira mais na vida, Rachel, e eu lhe daria o salário que pudesse bancar — tal como daria a qualquer criada que fizesse todos os serviços que eu fosse empregar; mas você não percebe que vou arrastá-la para o fundo do poço comigo, embora você não tenha feito nada para merecer isso?”

“Ah, que bobagem!”, ela exclamou.

“Além disso, meu estilo de vida futuro será tão diferente do que tive no passado — tão diferente de tudo a que vocês foram acostumados...”

“A madame acha que não posso suportar o que minha patroa aguenta? É claro que não sou tão arrogante e tão refinada assim — e meu pequeno patrão também, que Deus o abençoe!”

“Mas eu sou jovem, Rachel, não vou me importar; e o Arthur também é novinho — não será nada para ele.”

“Tampouco para mim: não sou tão velha a ponto de não aguentar comida pouca e trabalho muito se é para ajudar e reconfortar aqueles que amo como se fossem meus próprios filhos — sou velha demais é para tolerar a ideia de deixá-los em apuros e em risco e ir eu mesma viver entre estranhos.”

“Então não faça isso, Rachel!”, bradei, abraçando minha fiel amiga. “Iremos todos juntos, e então você verá como a nova vida lhe cai.”

“Deus a abençoe, meu doce!”, ela chorou carinhosamente, retribuindo meu abraço. “Vamos embora desta casa horrível e

ficaremos bem, a senhora verá.”

“Também penso assim”, foi minha resposta — e assim a questão foi decidida.

Por meio do correio matinal, despachei algumas linhas apressadas a Frederick, suplicando que preparasse meu refúgio para minha acolhida imediata — pois era provável que chegasse para ocupá-lo um dia depois do recebimento do recado — e lhe dizendo em poucas palavras o motivo da decisão repentina. Em seguida, escrevi três cartas de despedida: a primeira a Esther Hargrave, em que lhe disse que achava impossível continuar mais tempo em Grassdale, ou deixar meu filho aos cuidados do pai; e, como era de suprema relevância que ele e seus conhecidos não soubessem da nossa morada futura, eu a revelaria apenas a meu irmão, por cujo intermédio esperava ainda me corresponder com minhas amigas. Então lhe dei o endereço dele, conclamei que me escrevesse com frequência, reiterei algumas de minhas antigas advertências acerca de suas preocupações e lhe disse um afetuoso adeus.

A segunda foi para Milicent, basicamente no mesmo sentido, mas com mais algumas intimidades, como convinha à nossa amizade mais longa, sua maior experiência e maior familiaridade com as minhas circunstâncias.

A terceira foi para a minha tia — uma tarefa muito mais difícil e dolorosa, e por isso a deixei por último; mas precisava lhe dar alguma explicação para a medida extraordinária que tomara — e tinha que ser rápida, pois ela e meu tio sem dúvida ficariam sabendo um ou dois dias após o meu sumiço, pois era provável que o sr. Huntingdon fosse logo recorrer a eles para saber o que fora feito de mim. Enfim, porém, eu lhe disse que tinha consciência do meu erro: não me queixava do castigo e sentia muito por perturbar meus amigos com suas consequências; mas por respeito a meu filho não podia mais me sujeitar; era absolutamente necessário que ele fosse libertado da influência corruptora do pai. Não revelaria meu local de refúgio nem mesmo a ela, a fim de que ela e meu tio pudessem, com veracidade, negar ter conhecimento dele; mas quaisquer comunicações dirigidas a mim mas endereçadas ao meu irmão sem dúvida chegariam às minhas

mãos. Esperava que ela e meu tio me perdoassem pelo passo dado, pois se soubessem de tudo, tinha certeza de que não me culpariam; e confiava que não se afligiriam por mim, pois se conseguisse chegar ao meu refúgio em segurança e ficar nele em paz, eu seria muito feliz, a não ser ao pensar neles; e ficaria bastante contente em passar a vida no anonimato, me dedicando à instrução do meu filho e ensinando-o a evitar os erros do pai e da mãe.

Essas coisas foram feitas ontem: eu dera dois dias inteiros de preparativos para nossa partida, assim Frederick teria mais tempo para arrumar os cômodos e Rachel para embrulhar as coisas — pois esta tarefa tinha de ser feita com a máxima cautela e discrição, e não havia ninguém além de mim para auxiliá-la: posso ajudar a reunir os artigos, mas não entendo a arte de guardá-los em caixas para que tomem o mínimo espaço possível; e há também os pertences dela, bem como os meus e os de Arthur. Mal posso me dar ao luxo de deixar qualquer coisa para trás, já que não tenho dinheiro, a não ser uns poucos guinéus na minha bolsa — além disso, como Rachel observou, o que eu deixasse provavelmente se tornaria propriedade da srta. Myers, e eu não apreciava a ideia.

Mas os problemas que tive ao longo desses dois dias lutando para parecer calma e serena — encontrar a ele e a ela como sempre, quando era obrigada a encontrá-los, e me forçar a deixar o pequeno Arthur nas mãos dela por horas a fio! Creio, porém, que essas provações tenham acabado: eu o pus na minha cama para que fique mais seguro, e nunca mais, tenho fé, esses lábios inocentes serão maculados por seus beijos contaminados, ou seus jovens ouvidos serão poluídos por suas palavras. Mas escaparemos a salvo? Ah, se a madrugada tivesse chegado, enfim já estaríamos a caminho! No fim da tarde, dei a Rachel toda a ajuda possível, e como não me restava nada além de esperar, almejar e tremer, fiquei tão agitada que não sabia o que fazer. Desci para jantar, mas não consegui me forçar a comer. O sr. Huntingdon comentou a situação.

“O que há com você *agora?*”, ele indagou, quando a retirada do segundo prato lhe deu tempo de olhar ao redor.

“Não estou bem”, respondi. “Acho que preciso me deitar um

pouquinho — você não vai sentir muito a minha falta?”

“De jeito nenhum; se você se levantar da cadeira, vou ficar tão bem quanto estou — um pouquinho melhor”, ele murmurou quando saí da sala, “porque assim posso imaginar que outra pessoa a ocupe.”

Outra pessoa talvez a ocupe amanhã, pensei — mas não falei. “Pronto, torço para que seja a última vez que o vejo”, sussurrei ao fechar a porta às costas dele.

Rachel insistiu que tentasse descansar, imediatamente, a fim de me fortalecer para a jornada do dia seguinte, pois tínhamos que partir antes do amanhecer, mas no meu estado atual de nervosismo, isso estava fora de cogitação. Também estava fora de cogitação me sentar ou andar pelo quarto, contando as horas e os minutos que me separavam do horário marcado para a ação, extenuando meus ouvidos e tremendo a cada som, com medo de que alguém nos descobrisse e traisse depois de tudo. Peguei um livro e tentei ler. Meus olhos percorriam as páginas, mas era impossível conectar meus pensamentos ao conteúdo. Por que não recorrer ao velho expediente e acrescentar este último acontecimento à minha crônica? Abri estas páginas mais uma vez e escrevi o relato acima — com dificuldade, no começo, mas aos poucos minha mente se acalmou e se equilibrou. Assim, algumas horas transcorreram: a hora está chegando — e agora meus olhos estão pesados e meu corpo exausto: vou entregar minha causa a Deus, me deitar e ganhar uma ou duas horas de sono, e *então*!

O pequeno Arthur dorme profundamente. A casa inteira está sossegada: não deve haver ninguém de olho. As caixas foram todas amarradas por Benson, e carregadas em silêncio pela escada dos fundos após o anoitecer, e enviadas de carroça à estação das diligências de M—. O nome nos cartões foi sra. Graham, que pretendo adotar daqui em diante. O sobrenome de solteira de minha mãe era Graham, e portanto gostaria de imaginar que tenho o direito de reivindicá-lo, e o prefiro a qualquer outro, exceto o meu, que não tenho a audácia de retomar.

44. O refúgio

24 de outubro. — Graças a Deus, enfim estou livre e segura! — Cedo despertamos, ligeira e silenciosamente nos vestimos, vagarosa e furtivamente descemos a escada, onde Benson nos aguardava, preparado com uma luz para abrir a porta e fechá-la para nós. Fomos obrigadas a contar nosso segredo a um homem por conta das caixas etc. Todos os criados conheciam bem o comportamento do patrão, e nem Benson nem John estariam dispostos a me servir, mas como o primeiro era mais sisudo e idoso, e também amigo íntimo de Rachel, claro que pedi que o escolhesse como auxiliar e confidente para a ocasião, já que a necessidade exigia. Só espero que não tenha se metido em apuros com isso, e gostaria de poder recompensá-lo pelo serviço arriscado que se prontificou a realizar. Enfieei dois guinéus em sua mão, a título de recordação, quando ele estava parado à porta, segurando a vela para iluminar nossa partida, com uma lágrima em seu sincero olho cinza e um bocado de bons desejos retratados em sua fisionomia cerimoniosa. Infelizmente, não pude lhe oferecer nada mais: mal tinha o bastante para as despesas prováveis da viagem.

Que alegria trêmula foi o momento em que o pequeno postigo se fechou às nossas costas quando saímos da propriedade! Então, por um instante, estanquei para inspirar um pouco daquele ar frio, revigorante, e me aventurar a dar uma olhadela para a casa. Estava tudo escuro e imóvel; nenhuma luz bruxuleava nas janelas; nenhuma espiral de fumaça obscurecia as estrelas que cintilavam no céu gélido. Enquanto me despedia para sempre daquele lugar, o cenário de tanta culpa e sofrimento, senti uma satisfação que nunca tinha sentido antes, pois agora não havia dúvida da correção de tal medida — não

deixei para trás nem sombra de remorso por ele: não havia nada para atrapalhar minha alegria além do medo de ser descoberta; e cada passo nos distanciava mais dessa possibilidade.

Estávamos a muitos quilômetros de Grassdale quando o sol redondo, vermelho, surgiu para saudar nossa libertação, e se qualquer habitante das redondezas por acaso nos viu naquele momento, enquanto passávamos de carruagem, nem imagino que tenham desconfiado de nossa identidade. Como eu pretendia ser considerada viúva, achava recomendável entrar na minha nova residência guardando o luto: assim, trajava um vestido simples de seda preto e uma manta, um véu preto (que tomei o cuidado de manter sobre o rosto durante os primeiros trinta ou quarenta quilômetros do trajeto) e um gorro preto de seda, que fui forçada a pegar emprestado de Rachel, pois não tinha um acessório parecido — não era de última moda, é claro; mas não fazia mal nenhum, sob as atuais circunstâncias. Arthur estava em suas roupas mais simples, e enrolado em um xale de lã áspero; e Rachel estava agasalhada em uma capa com capuz cinza que já tivera dias melhores e lhe conferia a aparência de uma senhorinha comum, mas digna, mais do que de uma camareira.

Ah, que deleite era estar sentada ali em cima, rumorando pela estrada ampla, ensolarada, com a brisa fresca da manhã no rosto, rodeada por um campo desconhecido todo sorridente — animada, gloriosa, sorrindo no brilho amarelo daqueles feixes de luz matinais — com meu filho querido nos braços, quase tão feliz quanto eu e minha fiel amiga a meu lado; uma prisão e um desespero deixados para trás, mais e mais longe e cada tinido das patas dos cavalos — e liberdade e esperança à frente! Mal conseguia me abster de louvar a Deus em voz alta pela minha libertação, ou surpreender meus companheiros de viagem com explosões súbitas de alegria.

Porém, a viagem foi muito longa, e estávamos todos cansados antes de seu fim. Já era tarde da noite quando chegamos à cidade de L—, e ainda estávamos a onze quilômetros do fim do jornada; e não havia mais carruagem — tampouco nenhuma condução, a não ser carroças comuns — e isso com muita dificuldade, pois metade da cidade já estava na cama. E tivemos um percurso lúgubre na última etapa da

viagem, com o frio e a exaustão que sentíamos; sentados em nossas caixas, sem ter onde nos segurarmos, onde nos apoiarmos, sendo arrastados com lentidão e sacudidos cruelmente pelas estradas esburacadas e íngremes. Mas Arthur dormia no colo de Rachel, e nos dividindo conseguimos muito bem protegê-lo do ar frio da noite.

Por fim, começamos a subir a alameda terrivelmente escarpada e pedregosa de que, apesar da escuridão, Rachel declarou se lembrar bem: volta e meia ela andava por ali comigo nos braços, e nem imaginava voltar depois de tantos anos, nas circunstâncias atuais. Como Arthur era acordado pelos solavancos e interrupções, todos saltamos e fomos caminhando. Não estávamos longe; mas e se Frederick não tivesse recebido minha carta?, ou se não tivesse tido tempo para preparar os cômodos para nos receber; e se os descobrissemos todos escuros, úmidos, desconfortáveis; sem comida, fogo e mobília, depois de todo o nosso esforço?

Por fim, o edifício macabro, negro, surgiu diante de nós. A alameda nos levava pelo caminho dos fundos. Entramos no pátio abandonado e com uma ansiedade esbaforida examinamos o bloco dilapidado. Seria tudo escuridão e abandono? Não; um leve bruxuleio vermelho nos saudou de uma janela onde a treliça estava em boas condições. A porta estava trancada, mas depois das devidas batidinhas e espera, e certa negociação com uma voz que vinha da janela de cima, fomos recebidos por uma velha senhora que fora encarregada de arejar e manter a casa até nossa chegada — deixando bem agradáveis alguns cômodos que outrora formavam a área de serviço da mansão, que Frederick equipara como uma cozinha. Ali, ela nos providenciou uma luz, atizou a lareira até fazer chamas alegres e pouco depois nos preparou uma refeição simples para nos alimentarmos; enquanto isso, nos desfazíamos dos apetrechos de viagem e dávamos uma rápida volta pela nossa nova morada. Além da cozinha, havia dois quartos, uma sala de bom tamanho e uma outra menor, que determinei que fosse meu ateliê, tudo bem arejado e aparentemente em boas condições, mas só em partes mobiliado com algumas antiguidades, quase todas pesadas, de carvalho preto — genuínas, que já tinham estado ali antes e foram guardadas como relíquias na residência atual

do meu irmão, e agora, às pressas, tinham sido transportadas de volta.

A velha senhora trouxe meu jantar e o de Arthur à sala, e me disse, com a devida formalidade, que “o patrão deixara seus cumprimentos à sra. Graham, e que preparara os cômodos da melhor forma possível neste breve período, mas que teria o prazer de ir visitá-la no dia seguinte, para receber mais ordens”.

Fiquei feliz em subir a austera escada de pedra e me deitar na soturna cama à moda antiga, ao lado do meu pequeno Arthur. Ele adormeceu em um instante; mas, apesar do cansaço, meu nervosismo e minhas reflexões inquietas me mantiveram acordada até a aurora começar a lutar com as trevas; no entanto o sono foi doce e revigorante quando chegou, e o despertar foi um deleite inexprimível. Foi o pequeno Arthur quem me acordou, com seus beijos gentis: estava ali, então, seguro em meus braços, e a muitos quilômetros do ignóbil pai! — A plena luz do dia iluminava o ambiente, pois o sol estava a pino, apesar de encoberto pelas massas ondulantes de nevoeiro outonal.

A paisagem, de fato, não era muito alegre por si só, nem dentro nem fora da casa. O cômodo amplo e vazio, com seus móveis antigos e horrorosos, as janelas estreitas com treliças revelando o céu nublado, cinzento, e o mato abandonado lá embaixo, onde os muros de pedras escuras e o portão de ferro, o gramado espesso e as ervas daninhas, além das sempre-vivas resistentes de formatos incomuns, eram o que restava para sinalizar que outrora havia um jardim — e os campos tristes e estéreis mais adiante poderiam me parecer soturnos em outro momento, mas agora cada objeto parecia ecoar meu próprio sentimento arrebatador de esperança e liberdade: sonhos vagos do passado distante e expectativas radiantes para o futuro pareciam estar por todos os cantos. Eu me regozijaria com mais segurança, sem dúvida, caso o vasto mar ondulasse entre a casa atual e a antiga, mas certamente nesse lugarzinho isolado eu poderia permanecer na obscuridade; e também teria meu irmão para animar minha solidão com visitas ocasionais.

Ele veio naquela manhã, e já tive alguns encontros com ele desde então; porém, é obrigado a ser muito cauteloso a respeito de quando e

como vem: nem mesmo seus criados ou melhores amigos devem saber de suas visitas a Wildfell — a não ser em ocasiões em que um senhorio poderia visitar a inquilina desconhecida — para que não se levantem suspeitas contra mim, sejam elas verdadeiras ou alguma mentira caluniosa.

Faz quase uma quinzena que estou aqui, e à exceção de uma apreensão perturbadora, o medo inquietante de ser descoberta, estou bem acomodada na minha casa nova. Frederick me providenciou todos os móveis necessários e os materiais de pintura: Rachel vendeu boa parte de minhas roupas por mim, em uma cidade distante, e me arrumou um guarda-roupa mais adequado à minha situação atual: tenho um piano de segunda mão e uma estante de livros bem abastecida na sala, e meu outro cômodo já assumiu um ar bastante profissional. Estou me esforçando muito para reembolsar meu irmão por todas as despesas que teve por minha conta; não que haja a menor necessidade de algo do tipo, mas me agrada agir assim: terei muito mais prazer em meu trabalho, meu lucro, meu cardápio frugal e minha economia doméstica quando souber que estou pagando meus custos de forma honesta, e que o pouco que tenho é legitimamente meu, e que ninguém sofre por minhas tolices — pelo menos no sentido pecuniário. Eu o farei aceitar até o último centavo que lhe devo se conseguir fazê-lo sem ofendê-lo muito. Tenho alguns retratos já feitos, pois disse a Rachel que embrulhasse tudo o que eu tinha, e ela executou a tarefa bem demais, pois entre as telas ela pôs um retrato do sr. Huntingdon que eu pintara no primeiro ano de casamento. Ele me provocou consternação no instante em que o tirei da caixa e vi aqueles olhos fixos em mim, com sua alegria zombeteira, como se ainda se exultasse de seu poder de controlar meu destino e caçoasse de meu esforço para fugir.

Como eram diferentes meus sentimentos no momento da pintura daquele retrato e agora, ao olhar para ele! Como eu tinha estudado e me empenhado para produzir algo, conforme eu achava, digno do original!, que mistura de prazer e insatisfação eu tive com o resultado da minha labuta! — prazer pela similaridade que captara; insatisfação por não tê-lo deixado belo o suficiente. Agora, não vejo beleza — nada

de agradável em parte nenhuma de sua expressão; e no entanto era bem mais belo e bem mais agradável — bem menos repulsivo, prefiro dizer — do que ele é agora, pois esses seis anos geraram nele uma mudança tão grande quanto nos meus sentimentos por ele. A moldura, contudo, é bastante bela: servirá a outra pintura. O retrato em si eu não destruí, como pretendia de início; pus de lado; não, penso eu, por alguma ternura à espreita pela memória de um afeto passado, tampouco como lembrete da minha insensatez de outrora, mas principalmente para que possa comparar as feições e o semblante do meu filho aos dele, à medida que for crescendo, e assim seja capaz de julgar se é muito ou pouco parecido com o pai — se me for permitido guardá-lo comigo e nunca mais rever o rosto do pai — uma bênção que mal ousa calcular.

Consta que o sr. Huntingdon esteja fazendo o possível para descobrir meu local de refúgio. Esteve em Staningley pessoalmente, buscando um remédio para suas queixas — esperando saber de suas vítimas, se não encontrá-las lá — e contou tantas mentiras, e com uma frieza tão descarada, que meu tio em parte acredita nele e defende com veemência que eu volte e que retomemos nossa amizade; porém, minha tia é mais sabida: é muito tranquila e muito cautelosa, e conhece bem demais o caráter do meu marido e o meu para que lhe imponham as mentiras plausíveis que ele poderia inventar. Mas ele não me *quer* de volta: quer meu filho, e aos meus amigos insinua que, se prefiro viver longe, ele cede aos meus caprichos e me deixa sossegada, e chega a me dar uma pensão razoável, contanto que lhe entregue meu filho de imediato. Mas santo Deus! Não vou vender meu filho por ouro, mesmo que seja para salvar nós dois da fome: seria melhor que ele morresse comigo do que fosse viver com o pai.

Frederick me mostrou uma carta que recebeu desse cavalheiro, repleta de desaforos frios que surpreenderiam qualquer um que não o conhecesse, mas que, tenho absoluta certeza, ninguém saberia melhor como responder do que meu irmão. Ele não me contou de sua resposta, a não ser para me dizer que não admitira saber do meu local de refúgio, mas que dera a entender que ele lhe era totalmente desconhecido, declarando que era inútil recorrer a ele ou a qualquer

um dos meus parentes para obter informações sobre o assunto, pois parecia que eu fora levada ao extremo de esconder meu refúgio até de meus melhores amigos; mas que se ele *soubesse*, ou se em algum momento lhe contassem, sem dúvidas o sr. Huntingdon seria a última pessoa a quem daria a informação; e que não precisava se preocupar em negociar a criança, pois ele (Frederick) imaginava conhecer a irmã tão bem a ponto de afirmar que onde quer que estivesse, na situação em que estivesse, não haveria recompensa capaz de induzi-la a entregá-lo.

Dia 30. — Que infelicidade!, meus gentis vizinhos não me deixam em paz. De alguma maneira me descobriram aqui e tive que tolerar visitas de três famílias, todas elas mais ou menos decididas a descobrir quem sou e o que eu sou; de onde vim e por que escolhi uma casa como esta. A companhia deles me é desnecessária, para não dizer coisa pior, e sua curiosidade me irrita e me alarma: se eu a saciar, posso causar a ruína do meu filho, e se for muito enigmática, só estimularei ainda mais suas suspeitas, provocarei conjecturas e os instigarei a irem mais longe — e talvez assim espalhar minha fama de paróquia em paróquia até que alcance os ouvidos de alguém que a transmita ao senhor de Grassdale.

Espera-se que eu retribua as visitas, mas se, ao perguntar, descobrir que vivem longe demais para que Arthur me acompanhe, terão que passar um tempo esperando em vão, pois não aguento a ideia de deixá-lo, a não ser para ir à igreja; e isso eu ainda não tentei fazer, pois — talvez seja uma fraqueza tola, mas estou sob o pavor constante de que seja raptado e nunca fico tranquila quando não está a meu lado; e temo que esses pânicos nervosos atrapalhem tanto minhas orações que não tirarei proveito nenhum do meu comparecimento. Pretendo, no entanto, fazer uma experiência no próximo domingo, e me obrigar a deixá-lo a cargo de Rachel por algumas horas. Será uma tarefa difícil, mas certamente não será uma imprudência; e o vigário esteve aqui para me repreender pela negligência das práticas religiosas. Não tive justificativas suficientes para oferecer, e prometi que, se tudo estivesse bem, ele me veria na igreja no próximo

domingo; pois não desejo ser considerada uma infiel, e além disso, sei que vou tirar grande proveito e consolação da eventual presença nos cultos públicos, se conseguir ao menos ter fé e firmeza para acalmar meus pensamentos de acordo com a solene ocasião e proibi-los de revolver sempre sobre meu filho ausente e sobre a horrível possibilidade de descobrir que sumiu quando eu voltar; e sem dúvida Deus, em Sua misericórdia, vai me poupar de uma provação tão dura: pelo bem do meu filho, se não pelo meu, Ele não permitirá que me seja arrancado.

3 de novembro. — Conheci meus vizinhos um pouco melhor. O agradável cavalheiro e galã da paróquia e das redondezas (segundo a estimativa dele, pelo menos) é um jovem...

Aqui se encerrou. O resto foi arrancado. Que crueldade — justamente quando faria menção a mim!, pois não tenho dúvida de que *era* de seu humilde serviçal que estava prestes a falar, embora não de forma muito favorável, é claro — isso deu para perceber naquelas poucas palavras bem como na lembrança de sua aparência e conduta para comigo assim que nos conhecemos. Bem!, consegui perdoar prontamente seu preconceito contra mim e suas ideias duras quanto ao nosso sexo em geral ao ver a que espécimes brilhantes sua experiência se restringiu.

A meu respeito, no entanto, faz tempo que ela percebeu o erro cometido, e talvez tenha caído em outro, totalmente oposto; pois se, de início, sua opinião era de que eu era menos digno de crédito do que de fato era, agora estava convicto de que me dava mais crédito do que eu merecia; e se a primeira parte dessa continuação foi arrancada para não ferir meus sentimentos, talvez a última parte tenha sido arrancada por medo de fomentar demais minha presunção. De qualquer modo, o que eu não daria para ver tudo — para ter testemunhado a mudança gradual e observado o avanço de sua estima e amizade por mim — e qualquer sentimento mais caloroso que tenha — para ter visto quanto amor havia em seu olhar, e como crescera dentro dela apesar de suas resoluções virtuosas e árduos esforços para — mas não, não tenho o

direito de ver: era sagrado demais para qualquer olhar além do dela, e fez bem de esconder de mim.

45. Reconciliação

Bem, Halford, o que acha de tudo isso? E enquanto lia, você em algum momento imaginou quais teriam sido minhas sensações durante a leitura? É mais provável que não; mas não vou discuti-las agora: só farei essa admissão, por menos honrosa que seja para a natureza humana e sobretudo para mim: que a primeira metade da narrativa foi, para mim, mais dolorosa do que a última; não que ficasse indiferente às injustiças contra a sra. Huntingdon ou não me comovesse com seus sofrimentos, mas, preciso confessar, senti uma espécie de satisfação egoísta ao ver a queda gradual do marido em suas graças, e perceber como por fim apagou toda a afeição que ela tinha por ele. O resultado da íntegra, no entanto, apesar de toda a minha compaixão por ela e minha fúria contra ele, foi ter tirado de minha cabeça um fardo intolerável e enchido meu coração de alegria, como se um amigo tivesse me despertado de um pesadelo tenebroso.

Já eram quase oito horas da manhã, pois minha vela se apagara no meio da leitura, não me deixando alternativa a não ser pegar outra, arriscando assustar a casa, ou ir para a cama e aguardar a luz do dia retornar. Por conta da minha mãe, escolhi o último; mas com que *vontade* procurei meu travesseiro, e quanto tempo de sono me deu, deixo para você imaginar.

À primeira aparição da aurora, me levantei e levei o manuscrito até a janela, mas ainda era impossível ler. Dediquei meia hora a me vestir e depois voltei às folhas. Agora, com certa dificuldade, eu conseguia; e com um interesse profundo e ávido, devorei o resto do conteúdo. Quando terminei, e o breve desgosto por sua conclusão abrupta passou, abri a janela e pus a cabeça para fora a fim de pegar a brisa

refrescante e respirar fundo o ar puro da manhã. Fazia um dia esplêndido: o orvalho meio congelado formava uma camada grossa sobre a grama, as andorinhas piavam ao meu redor, as gralhas-calvas crocitavam e as vacas mugiam ao longe; um gelo matutino e um sol de verão misturavam suas doçuras no ar. Mas eu não pensava nisso: uma confusão de incontáveis pensamentos e emoções diversas se amontoavam dentro de mim enquanto contemplava distraído a face adorável da natureza. Em pouco tempo, entretanto, esse caos de reflexões e sentimentos se dissipou, dando espaço a duas emoções distintas: uma alegria indizível porque minha adorada Helen era tudo o que eu gostaria de pensar que fosse — que em meio aos vapores deletérios das calúnias do mundo e de minhas próprias convicções imaginárias, seu caráter brilhava, radiante e transparente, e imaculado como o do sol que eu não conseguia olhar; e vergonha e profundo remorso pela minha conduta.

Logo depois do café da manhã, corri para Wildfell Hall. Rachel tinha subido muitos graus na minha estima desde a véspera. Estava pronto para saudá-la como uma velha amiga; mas todos os ímpetos amáveis foram cerceados pelo olhar frio de desconfiança que me lançou ao abrir a porta. A senhora virgem tinha se estabelecido como guardiã da honra da dama, imagino, e sem dúvida me via como um outro sr. Hargrave, só que mais perigoso por ter mais da estima e da confiança da patroa.

“A senhora não pode ver ninguém hoje, senhor — ela está indisposta”, disse em resposta ao meu pedido para falar com a sra. Graham.

“Mas preciso vê-la, Rachel”, declarei, colocando a mão na porta para impedir que fosse fechada.

“O senhor não pode mesmo”, ela retrucou, com o semblante adquirindo uma frieza de aço ainda maior do que antes.

“Mas faça a bondade de me anunciar.”

“Não é um modo de falar, sr. Markham; ela realmente está indisposta.”

Bem a tempo de me impedir de cometer a indecência de tomar a fortaleza de assalto e sair entrando sem ser anunciado, uma porta

interna se abriu e o pequeno Arthur surgiu com seu companheiro brincalhão, o cachorro. Ele segurou minha mão entre as dele e me puxou com um sorriso no rosto.

“A mamãe disse que é para o senhor entrar, sr. Markham”, ele disse, “e eu sair para brincar com o Rover.”

Rachel se retirou suspirando e eu entrei na sala e fechei a porta. Ali, diante da lareira, estava a figura alta e graciosa traspassada com muitas dores. Botei o manuscrito na mesa e olhei para seu rosto. Ansiosa e pálida, estava voltado para mim; seus olhos escuros, límpidos, estavam fixos nos meus, com um olhar tão sincero que me envolveram como um feitiço.

“Você deu uma olhada?”, ela murmurou. O feitiço se quebrou.

“Eu li tudo”, declarei, avançando cômodo adentro, “e gostaria de saber se você me perdoa — se *consegue* me perdoar?”

Ela não respondeu, mas seus olhos brilharam, e um leve rubor cobriu seus lábios e faces. Quando me aproximei, ela desviou o rosto de repente e foi até a janela. Não era raiva, eu tinha certeza, mas apenas uma tentativa de esconder ou controlar as emoções. Assim, me arrisquei a segui-la e ficar a seu lado — mas não me pronunciar. Ela me deu a mão, sem virar o rosto, e sussurrou, em uma voz que se esforçou em vão para firmar:

“Você pode *me* perdoar?”

Como poderia ser considerado um abuso de confiança, pensei, levar aquela mão alva aos meus lábios, apenas a pressionei com delicadeza entre as minhas, e respondi com um sorriso:

“É muito difícil. Você devia ter me contado antes. Demonstra falta de confiança...”

“Ah, não”, ela exclamou, interrompendo-me avidamente, “não foi isso! Não foi falta de confiança em você; mas se lhe contasse uma parte da minha história, precisaria contá-la por inteiro, a fim de desculpar minha conduta; e eu poderia muito bem recuar diante de tal revelação até ser obrigada pela necessidade a fazê-la. Mas você me perdoa? — Eu agi muito, muito mal, eu sei; mas, como sempre, colhi os frutos amargos do meu erro — e vou ter que colhê-los até o fim.”

Amargo de fato era o tom de agonia, reprimido pela firmeza

resoluta com que falava. Nesse momento, levei sua mão aos meus lábios, e a beijei fervorosamente repetidas vezes; pois lágrimas impediam outra réplica. Ela aguentou essas carícias desvairadas sem resistência ou ressentimento; em seguida, virando as costas para mim de repente, ela deu duas ou três voltas pela sala. Sabia, pela retração de sua testa, a contração dos lábios e o agito das mãos, que nesse meio-tempo um conflito violento entre razão e emoção acontecia em silêncio dentro dela. Por fim, estancou diante da lareira vazia e, voltando-se para mim, disse com serenidade — se podia ser chamada de serenidade o que evidentemente resultava de um esforço violento:

“Agora, Gilbert, você precisa me deixar a sós — não neste instante, mas logo — e *não deve voltar nunca mais.*”

“Nunca mais, Helen? Justamente quando a amo mais do que nunca!”

“Exatamente por essa razão, e se for esse o caso, nunca mais devemos nos ver. Achei que *este* encontro fosse necessário — pelo menos me convenci de que sim — para que pudéssemos pedir e receber o perdão um do outro pelo passado; mas não há desculpas para outro. Vou ter que ir embora deste lugar assim que tiver meios de buscar outro refúgio; mas nossa relação precisa terminar aqui.”

“Terminar aqui!”, ecoei; e me aproximando do console alto, entalhado, apoiei a mão na cornija maciça e encostei a testa nela com um desalento emudecido, taciturno.

“Você não deve mais voltar aqui”, ela prosseguiu. Havia um leve tremor em sua voz, mas achei a postura como um todo irritante de tão tranquila, considerando a sentença terrível que pronunciava. “Você deve saber por que lhe digo isso”, ela retomou, “e deve perceber que o melhor é nos afastarmos logo — embora seja difícil dizer adeus para sempre, você tem que me ajudar.” Ela fez uma pausa. Eu não respondi. “Você promete não vir? — Se não prometer, e vier aqui outra vez, vai me afugentar antes que eu saiba de outro local de refúgio — ou como procurá-lo.”

“Helen”, eu disse, virando-me para ela com impaciência, “não consigo discutir a questão do afastamento eterno com a mesma calma e racionalidade que você. Não é mera questão de conveniência para

mim: é questão de vida ou morte!”

Ela ficou muda. Seus lábios pálidos tiritavam, e os dedos tremiam de agitação, enquanto os enrolava com nervosismo na corrente fina de onde pendia um relóginho de ouro — o único objeto de valor que se permitira guardar. Eu dissera algo injusto e cruel, mas precisava suplementar minha fala com algo pior.

“Mas, Helen!”, comecei em um tom suave, baixinho, sem ousar erguer os olhos para seu rosto —, “aquele homem *não é* seu marido: aos olhos de Deus, ele perdeu todo o direito a...” Ela segurou meu braço com um apertão de energia assustadora.

“Gilbert, pare com isso!”, ela berrou, em um tom que seria capaz de perfurar um coração de pedra. “Pelo amor de Deus, nem *tente* usar esses argumentos! Nenhum *diabo* me torturaria assim!”

“Não vou usar, não vou!”, declarei, pousando minhas mãos sobre a dela; quase tão assustado com sua veemência quanto estava com a minha própria inconveniência.

“Em vez de agir como um amigo de verdade”, ela prosseguiu, desvencilhando-se de mim e se atirando na velha poltrona — “e me ajudar usando todas as suas forças — ou até melhor, fazer sua parte na luta do decoro contra a emoção — você deixa o fardo todo para mim — e não satisfeito, faz o possível para brigar comigo — quando você sabe que eu...” Ela parou e escondeu o rosto no lenço.

“Me perdoe, Helen!”, implorei. “Nunca mais darei nem uma palavra sobre esse assunto. Mas não podemos mais nos encontrar como amigos?”

“Não daria certo”, ela respondeu, fazendo que não com pesar; e então levantou os olhos para mim, com um olhar meio recriminatório que parecia dizer: você sabe disso tão bem quanto eu.

“Então o que *temos* que fazer?”, indaguei colericamente. Mas logo em seguida acrescentei, em tom mais contido: “Faço o que você quiser — só *não* diga que este encontro será o último”.

“E por que não? Você não sabe que sempre que nos encontrarmos, a ideia da separação final se tornará mais dolorosa? Não *sente* que a cada último encontro nos tornamos mais queridos um para o outro do que o anterior?”

A enunciação desta última pergunta foi apressada e baixinha, e o olhar abatido e o rubor ardente demonstravam com clareza que *ela*, por fim, havia sentido. Era pouco prudente fazer tal admissão, ou acrescentar — como ela fez nesse momento — “Tenho o poder de pedir que agora se vá: em outro momento talvez seja diferente” — mas não fui vil o bastante para tentar tirar proveito de sua franqueza.

“Mas podemos nos escrever”, sugeri num tom tímido. “Você não vai me negar esse consolo, vai?”

“Podemos ficar sabendo um do outro por meio do meu irmão.”

“Seu irmão!” Uma pontada de remorso e vergonha me percorreu. Ela não tinha ouvido falar das feridas que sofrera pelas minhas mãos, e não tive coragem de lhe contar. “Seu irmão não vai nos ajudar”, eu disse, “ele preferiria que toda a nossa comunhão se encerrasse por completo.”

“E ele teria razão, suponho. Como amigo de ambos, ele desejaria o bem de ambos; e todos os amigos nos diriam que é do nosso interesse, bem como nosso dever, nos esquecermos um do outro, embora nós dois não enxerguemos assim. Não tenha medo, Gilbert”, ela acrescentou, com um sorriso triste diante da minha óbvia inquietação, “são poucas as chances de que eu me esqueça de você. Mas não quis dizer que o Frederick deveria ser uma via de transmissão de recados entre nós, apenas que poderíamos saber, por ele, sobre o bem-estar do outro — e não podemos ir além disso, pois você é jovem, Gilbert, e tem que se casar — e é o que fará em algum momento, apesar de achar impossível agora —, e embora não possa dizer que desejo que me esqueça, sei que é correto que você o faça, tanto pela sua felicidade como pela de sua futura esposa — e portanto eu preciso e vou desejar isso”, ela acrescentou em tom decidido.

“E você também é jovem, Helen”, respondi com ousadia, “e quando aquele patife perdulário tiver encerrado a carreira dele, você me dará sua mão — vou esperar até lá.”

Mas ela não me concedia esse amparo. Independentemente da perversão moral de basear nossas esperanças na morte de alguém que, mesmo que fosse indigno deste mundo, não era menos indigno do próximo, também teríamos que pensar que sua recuperação se

tornaria nossa ruína e sua maior transgressão seria nosso maior benefício — ela defendeu que isso era uma loucura: muitos homens com os hábitos do sr. Huntingdon vivem até a velhice, ainda que ela seja deplorável — “e se eu”, disse ela, “sou jovem de idade, sou velha de sofrimentos; mas ainda que os problemas não me matem antes que o vício o destruía, pense só, se ele chegasse aos cinquenta anos, mais ou menos, você esperaria quinze ou vinte anos — na vaga incerteza e no suspense — ao longo do auge da sua juventude e da maturidade — para acabar se casando com uma mulher decadente e fatigada como estarei — sem nunca me ver desde hoje até esse dia? — Você não faria isso”, ela continuou, interrompendo meus protestos veementes de constância inabalável, “ou, se faria, não deveria. Confie em mim, Gilbert; nesse quesito, sei mais do que você. Você me acha fria e insensível, e pode achar mesmo, mas...”

“Não acho, Helen.”

“Bem, não interessa; pode achar se quiser — mas não passei minha solidão em total inércia, e não falo com base em um ímpeto momentâneo como você: pensei nessas questões inúmeras vezes; eu mesma briguei com essas questões e ponderei bastante nossa vida passada, presente e futura; e, acredite, enfim cheguei à conclusão correta. Confie mais nas minhas palavras do que nos seus sentimentos, e em poucos anos você perceberá que eu tinha razão — embora no momento eu mesma não consiga enxergar assim”, ela murmurou com um suspiro ao repousar a cabeça na mão. “E não discuta mais comigo: tudo o que você pode dizer já foi dito pelo meu coração e refutado pela minha razão. Já foi muito duro combater essas sugestões quando foram sussurradas dentro de mim; na sua boca são dez vezes piores, e se soubesse como me doem, sei que pararia logo. Se soubesse dos meus sentimentos atuais, tentaria até aplacá-los às custas dos seus.”

“Eu vou — em um minutinho, se isso lhe trazer alívio — e não volto nunca mais!”, eu disse com uma ênfase amargurada. — “Mas, se nunca mais nos encontrarmos, e não tivermos a esperança de nos encontrarmos, seria um crime trocarmos ideias por cartas? Almas gêmeas não podem se encontrar e formar uma comunhão apesar do destino e das circunstâncias de seus lares terrenos?”

“Podem, podem!”, ela exclamou com um súbito acesso de entusiasmo. “Também pensei nisso, Gilbert, mas fiquei com receio de mencionar a ideia, pois temia que você não entendesse minhas opiniões sobre o assunto — ainda temo — temo que qualquer amigo diria que os *dois* estamos nos iludindo com a ideia de manter uma relação espiritual sem esperança ou perspectiva de algo mais — sem alimentar arrependimentos vãos e aspirações perniciosas, e cultivar pensamentos que deveriam ser rigorosa e impiedosamente deixados à morte por inanição...”

“Não dê ouvidos aos nossos amáveis amigos: se podem separar nossos corpos, já basta; em nome de Deus, que não separem nossas almas!”, bradei, com pavor de que ela considerasse seu dever nos negar essa derradeira consolação.

“Mas não temos como trocar correspondências aqui”, declarou ela, “sem criar um escândalo; e quando eu partisse, minha intenção seria de que minha nova moradia fosse desconhecida para você e para o resto do mundo; não que eu vá desconfiar da sua palavra caso prometa não me visitar, mas imaginei que ficaria com a consciência mais tranquila se soubesse que não poderia fazê-lo; e provavelmente assim acharia menos difícil abstrair de mim se não conseguisse imaginar minha situação na sua mente. Mas escute”, ela disse, sorridente, com o dedo em riste para conter minha resposta impaciente: “daqui a seis meses você ficará sabendo por Frederick de minha estadia exata; e se ainda tiver o desejo de me escrever, e considerar-se capaz de manter uma correspondência puramente reflexiva, puramente espiritual — como a que almas desencarnadas ou amigos desapaixonados, pelo menos, poderiam ter — escreva e eu lhe responderei.”

“Seis meses!”

“Sim, para dar ao seu ardor atual um tempo para esfriar e pôr à prova a verdade e a constância do amor de sua alma pela minha. E agora, já dissemos o bastante. — Por que não nos despedimos logo!”, ela exclamou quase fora de si, após um instante de pausa, enquanto se levantava da poltrona com as mãos resolutamente entrelaçadas. Imaginei que fosse meu dever ir sem demora; me aproximei e meio

que estendi a mão, como que para me despedir; ela a apertou em silêncio. Mas a ideia da derradeira separação era intolerável demais: parecia espremer o sangue do meu coração; e meus pés estavam colados ao chão.

“E nunca mais nos veremos?”, sussurrei com a angústia da minha alma.

“Nos encontraremos no Céu. Pensemos assim”, ela disse em tom de calma desesperada; mas seus olhos reluziam muito, e o rosto adquirira uma palidez fantasmagórica.

“Mas não feito agora”, foi impossível não retrucar. “Pouco consolo me traz a ideia de que a verei novamente como alma desencarnada, ou um ser transformado, com um corpo perfeito e glorioso, mas não igual a este! — e um coração que talvez me desconheça.”

“Não, Gilbert, existe um amor perfeito no Céu!”

“Tão perfeito, suponho, que se eleva acima de distinções, e você não terá mais compaixão por mim do que por qualquer um dos milhões de milhões e milhares de milhares de anjos e a multidão de almas felizes ao nosso redor.”

“Seja eu o que for, você será também, e assim não poderá se arrepender; e qualquer que seja a transformação, sabemos que será para melhor.”

“Mas se eu estiver tão transformado a ponto de deixar de adorá-la de todo o coração e alma, e de amá-la mais do que qualquer outra criatura, não serei eu mesmo; e apesar de saber que caso ganhe o Céu serei infinitamente melhor e mais feliz do que sou agora, minha natureza mundana não consegue se regozijar da expectativa dessa bem-aventurança, da qual ela mesma e sua principal alegria devem ser excluídas.”

“Então quer dizer que seu amor é *todo* mundano?”

“Não, mas estou supondo que não teremos mais uma comunhão mais íntima entre nós do que com os outros.”

“Se for o caso, será porque os amamos mais e não por amarmos menos um ao outro. Mais amor traz mais felicidade, quando é recíproco e puro como será.”

“Mas *você* consegue, Helen, contemplar com prazer essa

possibilidade de me perder em um mar de glória?”

“Confesso que não, mas não temos certeza se será assim — e eu sei, sim, que se lamentar de trocar os prazeres mundanos pelas alegrias do Céu é como uma lagarta rastejante se lamentar porque um dia terá que abandonar a folha mordiscada para voar lá no alto e pairar no ar, vagando à toa de flor em flor, bebericando o doce mel de seus cálices ou se bronzeando em suas pétalas ensolaradas. Se essas criaturinhas soubessem da enorme mudança que as espera, sem dúvida se lamentariam; mas esse sofrimento todo não seria mal empregado? E se esse exemplo não o comove, eu lhe dou outro: somos crianças agora, sentimos como crianças e entendemos como crianças, e quando nos dizem que homens e mulheres não se divertem com brinquedos, e que nossos companheiros um dia se cansarão dos esportes e das atividades banais que agora interessam tanto a eles e a nós, é impossível não nos entristecermos com tal mudança, já que não conseguimos conceber que, à medida que crescermos, nossa mente se ampliará e se elevará a ponto de nós vermos como insignificantes os objetos e as ocupações pelos quais temos tanto carinho agora, e que, apesar de nossos companheiros já não participarem conosco desses passatempos infantis, eles beberão conosco em outras fontes de prazer, e misturarão suas almas com as nossas com objetivos mais elevados e atividades mais nobres, que ultrapassam nossa compreensão atual mas não são menos agradáveis ou menos boas só porque tanto nós como eles continuamos indivíduos essencialmente iguais aos que éramos antes. Mas, Gilbert, você não consegue mesmo encontrar nenhum consolo na ideia de que poderemos nos reencontrar onde não há mais dor e tristeza, não há mais luta contra o pecado e batalha da alma contra o corpo; onde ambos veremos as mesmas verdades gloriosas e beberemos a felicidade sublime e suprema da mesma fonte de luz e bondade — aquele Ser que ambos cultuaremos com a mesma intensidade do fervor sagrado, e onde criaturas puras e felizes vão amar com o mesmo afeto divino? Se não consegue, jamais me escreva!”

“Helen, eu consigo, se minha fé nunca se abalar.”

“Agora, então”, ela exclamou, “enquanto essa esperança está forte

dentro nós...”

“Vamos nos despedir”, lastimei. “Você não precisa sofrer o tormento de se esforçar mais uma vez para me rejeitar: vou embora de uma vez, mas...”

Não exprimi meu pedido em palavras: ela entendeu intuitivamente e *desta* vez também se rendeu — ou melhor, não houve nada tão deliberado quanto um pedido ou uma rendição nesse quesito: houve um súbito impulso a que nenhum dos dois pôde resistir. Em um momento estava de pé olhando seu rosto, e no seguinte eu a segurava junto ao meu coração, e parecíamos crescer juntos no abraço apertado de que nenhuma força física ou mental poderia nos arrancar. Um sussurrado “Deus o abençoe!” e “Vá — vá!” foi tudo o que ela disse; mas enquanto falava, abraçava-me com tanta força que não teria como obedecê-la sem violência. Por fim, por meio de um esforço heroico, afastamo-nos e eu saí correndo da casa.

Tenho uma lembrança confusa de ver o pequeno Arthur correndo pela trilha do jardim para me encontrar, e de saltar o muro para evitá-lo — e depois correr pelos campos íngremes, transpondo as cercas de pedras e as sebes à medida que cruzavam meu caminho, até estar completamente fora do campo de visão do velho Hall, no sopé da colina; e então das longas horas que passei entre lágrimas e lamentos amargos, e reflexões melancólicas no vale solitário, com a música eterna nos meus ouvidos, do vento do oeste que soprava nas árvores que me faziam sombra e do riacho balbuciando e gorgolejando pelo leito pedregoso — meus olhos, de modo geral, perdidos nas sombras densas, quadriculadas, que se agitavam na grama ensolarada aos meus pés, onde de vez em quando uma folha murcha ou duas dançavam para dividir a folia, mas meu coração estava no alto da colina, na sala escura onde ela chorava, desolada e sozinha — aquela que eu não deveria reconfortar, não deveria mais ver, até que os anos ou o sofrimento nos vencessem e arrancassem nossas almas de suas moradas de barro esmorecidas.

Poucos negócios foram resolvidos naquele dia, pode ter certeza. A fazenda foi abandonada aos trabalhadores, e os trabalhadores foram largados às próprias vontades. Mas havia um dever a ser cumprido:

não me esquecera de minha agressão contra Frederick Lawrence, e precisava revê-lo para me desculpar pelo ato infeliz. De bom grado deixaria isso para amanhã, mas e se me denunciar para a irmã nesse ínterim? Não, não, tenho que pedir o perdão dele hoje, e rogar que seja leniente em sua acusação, caso a revelação tenha de ser feita. Adiei, no entanto, até o fim da tarde, quando meu ânimo já estava mais sereno e quando — ah, a maravilhosa perversidade da natureza humana! — alguns germes débeis de esperanças infinitas começavam a surgir na minha cabeça; não que pretendesse cultivá-los depois de tudo o que fora dito sobre o assunto, mas precisariam morar ali por um tempo, não esmigalhados, embora tampouco incentivados, até que aprendesse a viver sem eles.

Ao chegar a Woodford, a residência do jovem fazendeiro, não foi fácil conseguir permissão para vê-lo. O criado que abriu a porta declarou que o patrão estava muito doente, e parecia duvidar que pudesse me receber. Porém, eu não seria impedido. Aguardei calmamente no vestíbulo que ele me anunciasse, mas no fundo estava decidido a não aceitar negativas. O recado era o que eu imaginava — o anúncio cortês de que o sr. Lawrence não podia ver ninguém: estava febril e não devia ser perturbado.

“Não vou perturbá-lo por muito tempo”, expliquei, “mas preciso vê-lo um instante: é sobre uma questão importante que quero lhe falar.”

“Vou falar para ele, senhor”, declarou o homem. E avancei mais vestíbulo adentro e o segui quase até a porta do cômodo onde estava o patrão — pois parecia que não estava na cama. A resposta que veio foi de que o sr. Lawrence esperava que eu fizesse a gentileza de deixar um recado ou um bilhete com o criado, já que não podia cuidar de questão nenhuma no momento.

“Ele pode me ver tanto quanto a você”, retruquei; e, passando pelo lacaio atônito, bati à porta com audácia, entrei e a fechei. O ambiente era espaçoso e belamente mobiliado — e também muito confortável para um solteiro. Um fogo límpido, vermelho, ardia na grelha polida: um galgo caduco, entregue ao ócio e à boa vida, estava deitado à frente dele, no tapete grosso, macio, em cujo canto, ao lado do sofá, estava sentado um jovem springer spaniel esperto, que lançava um

olhar desejoso para o dono: talvez lhe pedindo permissão para dividir o sofá, ou talvez pedindo apenas uma carícia de sua mão ou uma palavra gentil de seus lábios. O próprio inválido estava muito interessante, reclinado ali, em seu elegante roupão, com um lenço de seda sobre as têmporas. O rosto habitualmente pálido estava enrubescido e febril; os olhos estavam meio fechados até tomar ciência da minha presença — e então ele os arregalou — jogou a mão com indiferença contra as costas do sofá, e segurava um pequeno volume com que, aparentemente, vinha tentando em vão cativar as horas cansativas. Ele o largou, no entanto, por conta do susto indignado que levou quando avancei sala adentro e me pus diante dele, no tapete. Ele se recostou nas almofadas e me olhou com iguais doses de horror, raiva e espanto retratados no semblante.

“Sr. Markham, eu não esperava isso!”, ele disse, e o sangue lhe deixou as faces enquanto falava.

“Sei que não”, respondi, “mas cale-se por um instante e lhe direi por que vim.” Sem pensar, dei um ou dois passos em sua direção. Ele estremeceu com a aproximação, com uma expressão de aversão e medo físico instintivo que não me acalmou. Recuei, no entanto.

“Que seja uma história curta”, ele disse, pondo a mão no sininho prateado que estava na mesa a seu lado, “ou serei obrigado a pedir ajuda. Não estou em condições de aturar suas brutalidades agora, nem sua presença.” E de fato o suor brotava de seus poros e permanecia na testa como orvalho.

Aquela recepção não fora calculada para diminuir as dificuldades da minha missão nada invejável. Mas devia ser levada a cabo, entretanto, de alguma forma; e portanto mergulhei nela de uma vez por todas, e me debati como pude.

“A verdade, Lawrence”, declarei, “é que não fui muito correto com você ultimamente — sobretudo naquela última ocasião; e vim para — em suma, para exprimir meu arrependimento pelo que foi feito, e lhe pedir perdão. — Caso você escolha não concedê-lo”, acrescentei às pressas, pois não estava gostando da expressão em seu rosto, “não tem problema — mas *eu* cumpro o *meu* dever — só isso.”

“É muito fácil”, ele retrucou, com um leve sorriso que beirava o

escárnio, “ofender seu amigo e bater a cabeça dele sem nenhuma razão determinável e depois lhe dizer que o ato não foi correto, mas que não importa se ele o perdoa ou não.”

“Esqueci de dizer que foi consequência de um erro”, murmurei. “Devia ter feito um belo pedido de desculpas, mas você me provocou de forma tão abominável com o seu... Bem, suponho que a culpa tenha sido minha. A verdade é que eu não sabia que você era irmão da sra. Graham, e vi e ouvi algumas coisas a respeito de sua conduta com ela, calculados para despertar suspeitas desagradáveis, e que, permita-me dizer, um pouco de franqueza e confiança de sua parte poderiam ter eliminado; por fim, entreouvi por acaso parte de uma conversa entre vocês dois que me levou a pensar que eu tinha razão para odiá-lo.”

“E como foi que soube que sou irmão dela?”, ele questionou, um pouco aflito.

“Ela mesma me contou. Me contou tudo. *Ela* sabia que eu era digno de confiança. Mas não precisa se preocupar com isso, sr. Lawrence, pois esta vai ser a última vez que a verei!”

“A última? Então ela foi embora?”

“Não, mas ela me deu adeus; e prometi nunca mais me aproximar daquela casa enquanto for ela a moradora.” Poderia ter gemido em voz alta por causa dos pensamentos amargos suscitados por essa mudança de assunto. Mas apenas cerrei as mãos e bati os pés no tapete. Meu companheiro, entretanto, estava claramente aliviado.

“Você fez o certo!”, disse em um tom de aprovação absoluta, enquanto o rosto se iluminava em um semblante quase radiante. “E quanto ao erro, sinto por nós dois que isso tenha acontecido. Talvez possa perdoar minha falta de sinceridade, e lembrar, como atenuante parcial da afronta, o pouco incentivo a confidências amistosas que você tem me dado nos últimos tempos.”

“Sim, sim, me lembro de tudo: ninguém conseguiria me culpar mais do que culpo a mim mesmo, do fundo do coração — de qualquer modo, ninguém é capaz de lastimar de modo mais franco o resultado da minha *brutalidade*, como você nomeou justamente.”

“Não se preocupe com isso”, ele disse, com um sorriso fraco, “vamos

nos esquecer de todas as palavras desagradáveis de ambos os lados, bem como dos atos, e relegar ao esquecimento tudo o que temos razão para lastimar. Você faz alguma objeção a apertar minha mão — ou prefere não apertar?” Ela tremia em meio à fraqueza, ao ser estendida, e caiu antes que eu tivesse tempo para pegá-la e lhe dar um aperto vigoroso, que ele não tinha forças para retribuir.

“Como sua mão está seca e quente, Lawrence”, comentei. “Você está doente mesmo, e eu o deixei ainda pior com toda essa conversa.”

“Ah, não é nada: só um resfriado por causa da chuva.”

“Também culpa minha.”

“Não se preocupe — mas me conte, você mencionou a situação para a minha irmã?”

“Para confessar a verdade, não tive coragem de mencionar; mas quando você lhe contar, vai dizer que me arrependi profundamente e...”

“Ah, não tenha medo! Não vou dizer nada contra você, contanto que mantenha a ótima resolução de continuar afastado dela. Então ela não ficou sabendo da minha doença, que você saiba?”

“Acho que não.”

“Fico contente, pois passei todo esse tempo angustiado com medo de que alguém lhe contasse que eu estava morrendo, ou que estava muito doente, e ela ficasse aflita pela impossibilidade de ter notícias minhas ou de me fazer algum bem, ou talvez cometesse a insanidade de vir me visitar. Preciso dar um jeito de informá-la disso, se possível”, ele continuou, reflexivo, “senão ela vai ouvir histórias. Muitos ficariam satisfeitos em lhe contar as novas, só para ver como ela reagiria; e então talvez ela se exponha a um novo escândalo.”

“Gostaria de ter falado para ela”, declarei. “Se não fosse pela minha promessa, contaria agora.”

“De jeito nenhum! Não sonho com isso — mas se eu escrevesse um bilhete — sem mencionar você, Markham, mas só com um leve relato da minha doença, à guisa de desculpa para não ir visitá-la, e para deixá-la resguardada contra quaisquer narrativas exageradas que possa ouvir — e abordar o assunto com uma letra disfarçada — você me faria o favor de botar na agência do correio quando passar lá? Pois

não ousou confiar em nenhum dos criados num caso como este.”

Concordei de bom grado, e lhe trouxe na hora sua mesa de leitura. Não havia muita necessidade de disfarçar sua letra, já que o pobre coitado parecia ter uma dificuldade considerável de escrever de forma legível. Quando o bilhete estava pronto, imaginei que era hora de ir embora, e me retirei depois de perguntar se havia alguma coisa no mundo que pudesse fazer por ele, pequena ou grande, a fim de aliviar seu sofrimento e consertar o dano que causara.

“Não”, ele respondeu, “você já fez muito; fez mais por mim do que o médico mais talentoso poderia fazer, pois tirou da minha cabeça dois enormes fardos — a ansiedade por conta de minha irmã e o profundo lamento por você, pois acredito que essas duas fontes de tormento tiveram mais impacto na minha febre do que qualquer outra coisa, e estou convencido de que em breve me recupero. Tem mais uma coisa que você pode fazer por mim, que é vir me visitar de vez em quando — porque, como vê, estou muito só aqui, e prometo que sua entrada não será mais contestada.”

Eu me comprometi a fazê-lo, e parti com um cordial aperto de mão. Postei a carta a caminho de casa, resistindo virilmente à tentação de acrescentar uma palavrinha.

46. Conselhos amistosos

Eu me sentia muito tentado, às vezes, a esclarecer minha mãe e minha irmã quanto ao verdadeiro caráter e às circunstâncias da perseguida inquilina de Wildfell Hall; e a princípio me arrependia bastante de não ter pedido permissão a essa senhora para fazê-lo; mas, com a devida ponderação, imaginava que se elas soubessem, já não seria segredo para as famílias Millward e Wilson, e com minha atual compreensão da natureza de Eliza Millward, temia que, se ela tivesse alguma pista sobre a história, logo encontrasse um modo de informar o sr. Huntingdon a respeito do lugar de refúgio da esposa. Portanto, aguardaria com paciência até que aqueles seis meses enfadonhos passassem e, então, quando a fugitiva tivesse achado outra moradia, e eu tivesse permissão para lhe escrever, suplicaria por uma licença para limpar seu nome daquelas calúnias infames: no momento, precisava me contentar em apenas garantir que sabia que eram falsas, e que um dia provaria isso, para a vergonha daqueles que a difamavam. Acho que ninguém acreditava em mim, mas todos aprenderam logo a evitar insinuações contra ela ou a sequer mencionar seu nome na minha presença. Pensavam que eu estava tão enamorado pelas sedução daquela dama infeliz que estava decidido a apoiá-la apesar da razão; e enquanto isso me tornei insuportavelmente taciturno e misantropo com a ideia de que todos que eu conhecia nutriam opiniões indignas sobre a suposta sra. Graham, e que as exprimiriam se desafiados. Minha pobre mãe ficou muito angustiada comigo, mas eu não tinha como evitar — pelo menos achava que não, embora às vezes sentisse uma pontada de remorso por minha conduta irresponsável para com ela, e me esforçava para me emendar, o que fazia com algum

sucesso — e de fato estava, de modo geral, sendo mais humano nas minhas atitudes para com ela do que com qualquer outra pessoa, à exceção do sr. Lawrence. Rose e Fergus evitavam minha presença, e achava bom que o fizessem, pois não era uma companhia adequada para eles, nem eles para mim, nas atuais circunstâncias.

A sra. Huntingdon só deixou Wildfell Hall mais de dois meses depois de nosso último encontro. Durante esse período, ela nunca compareceu à igreja, e eu nunca me aproximei da casa: só sabia que ainda estava lá pelas respostas sucintas do irmão dela às minhas inúmeras e diversas perguntas. Fui uma visita bastante constante e atenta ao longo daquele período todo de doença e convalescença, não só pelo interesse em sua recuperação, e pelo desejo de alegrá-lo e recompensá-lo ao máximo pela minha “brutalidade” de outrora, mas por causa da minha amizade cada vez maior com ele e o crescente prazer que me dava sua companhia — em certa medida, pela sua simpatia comigo, mas sobretudo pela proximidade — tanto de sangue como de afeto — dele com a minha adorada Helen. Eu o amava mais por isso do que gostava de admitir; e me deleitava às escondidas ao apertar aqueles dedos finos, brancos, estupendos na semelhança com os dela, considerando-se que ele não era uma mulher, e ao observar as mudanças passageiras em suas feições belas, pálidas, e percebendo as entonações de sua voz — detectando similaridades que eu me perguntava como nunca notara antes. Ele às vezes me provocava, aliás, com sua evidente relutância em falar da irmã comigo, embora eu não questionasse a afabilidade de suas motivações em querer dissuadir minhas lembranças dela.

Sua recuperação não foi tão ligeira quanto ele esperava: só conseguiu montar o pônei quinze dias após nossa reconciliação, e o primeiro uso que fez de sua força recobrada foi para ir ver a irmã em Wildfell Hall à noite. Era uma empreitada perigosa para os dois, mas achava necessário consultá-la quanto à partida estimada, se não para apaziguar suas apreensões quanto à saúde do irmão, e o pior resultado possível foi uma leve recaída da doença; pois ninguém soube da visita além dos habitantes do velho Hall — a não ser eu mesmo; e creio que não fosse sua intenção mencioná-la a mim, pois quando fui visitá-lo,

no dia seguinte, e comentei que ele não estava tão bem quanto deveria estar, disse apenas que se resfriara por ter saído tarde da noite.

“Você *nunca* vai conseguir ver sua irmã se não se cuidar”, eu disse, um pouco exasperado com a situação por causa dela, e não por me compadecer dele.

“Eu já a vi”, ele disse baixinho.

“Você a viu!”, exclamei, atônito.

“Vi.” E então me contou quais fatores o impeliram a fazer a incursão, e com quais precauções a fizera.

“E como ela está?”, perguntei, ávido.

“Como sempre”, foi a breve mas triste resposta.

“Como sempre — isto é, nada feliz e nada forte.”

“Ela não está exatamente doente”, ele retrucou, “e vai recobrar o ânimo em pouco tempo, não tenho dúvida — mas passar por tantas provas foi quase demais para ela. Que ameaçadoras essas nuvens estão parecendo!”, ele prosseguiu, virando-se para a janela. “Vamos ter trovoadas antes do anoitecer, imagino eu; e eles estão empilhando meu trigo agora. Você já empilhou todo o seu?”

“Não. — E Lawrence, ela por acaso — a sua irmã falou de mim?”

“Ela perguntou se o tenho visto ultimamente.”

“E o que mais ela falou?”

“Não posso lhe contar tudo o que ela falou”, ele respondeu com um leve sorriso, “porque conversamos bastante, apesar de minha visita ter sido breve; mas conversamos principalmente sobre seu plano de ir embora, que eu implorei que ela adiasse até eu estar mais apto a ajudá-la a procurar outra casa.”

“Mas ela não falou mais de mim?”

“Ela não falou muito de você, Markham. Eu não a teria incentivado a falar, caso estivesse propensa; mas por sorte ela não estava: só fez algumas perguntas a seu respeito e pareceu satisfeita com minhas respostas sucintas, no que se mostrou mais sábia do que o amigo — e posso lhe dizer também que ela parecia muito mais aflita com a possibilidade de você pensar demais nela do que com a possibilidade de que você a esqueça.”

“Ela tem razão.”

“Mas vejo que a *sua* angústia seja bem outra, no que diz respeito a ela.”

“Não, não é: desejo que ela seja feliz, mas não desejo que me esqueça por completo. Ela sabe que é impossível que eu me esqueça *dela*, e tem razão em querer que não me lembre muito bem dela. Não desejo que se lamente *muito* por mim, mas não posso imaginá-la infeliz demais por minha causa, pois sei que não mereço isso, a não ser no meu apreço por ela.”

“Nenhum dos dois merece um coração partido — nem todos os suspiros, as lágrimas e os pensamentos pesarosos que já aconteceram e que temo que sejam desperdiçados no caso de ambos; mas no momento, um tem uma opinião mais elevada do outro do que, receio, você e ela merecem; e os sentimentos da minha irmã são tão fortes quanto os seus e acredito que *mais* constantes; mas ela tem o bom senso e a firmeza de lutar contra eles, e tenho fé de que só vai descansar depois que tiver se desapegado totalmente de...”, ele hesitou.

“De mim”, completei.

“E eu gostaria que você fizesse um esforço no mesmo sentido”, ele continuou.

“*Ela* lhe disse que era essa sua vontade?”

“Não, a questão não foi abordada entre nós: não havia necessidade, pois não tenho dúvida de que é essa sua decisão.”

“Se esquecer de mim?”

“Sim, Markham! Por que não?”

“Ah! bom”, foi minha única réplica audível, mas na minha cabeça eu respondi: *Não, Lawrence, você está enganado, ela não está decidida a me esquecer. Seria um erro se esquecer de alguém que é tão profunda e amorosamente afeiçoado a ela, capaz de apreciar por completo suas qualidades e se afinar com todas as suas opiniões assim como eu, e seria um erro meu me esquecer de uma criação de Deus tão excelente e divina, depois de tê-la amado de verdade e de tê-la conhecido.* Mas não lhe disse mais nada sobre o tema. Entabulei logo outro assunto, e pouco depois me despedi do meu companheiro com um sentimento de menos cordialidade por ele do que antes. Talvez eu não tivesse o direito de

me irritar com ele, mas fiquei irritado mesmo assim.

Pouco mais de uma semana depois, encontrei-o voltando de uma visita à família Wilson; e agora estava decidido a fazer um favor *a ele*, embora às custas de seus sentimentos, e talvez correndo o risco de atrair aquele desprazer que costuma ser a recompensa de quem dá informações desagradáveis ou conselhos espontâneos. Nisso, acredite, não fui impelido por vingança pelas irritações ocasionais que aturara dele nos últimos tempos — tampouco por algum sentimento de inimizade malévola pela srta. Wilson, mas puramente pelo fato de que não podia suportar que tal mulher se tornasse a cunhada da sra. Huntingdon, e de que, tanto pelo bem dele como do dela, não suportava a ideia de que fosse ludibriado a se unir com alguém tão indigna dele e tão inadequada a ser sua parceira dentro daquela casa sossegada, assim como sua companheira de vida. Ele mesmo tinha algumas desconfianças incômodas, eu supunha, mas sua inexperiência era tanta, e os poderes de atração da moça e sua capacidade de influenciar a imaginação juvenil do rapaz eram tamanhos, que essas perturbações não duravam muito tempo, e creio que a única causa vigente para a indecisão vacilante que o impedira até então de fazer uma verdadeira declaração de amor era o exame das relações da moça, e principalmente de sua mãe, que ele considerava intolerável. Caso morassem longe, poderia ter vencido a objeção, mas como viviam a três ou quatro quilômetros de Woodford, não era mesmo uma questão fácil.

“Você estava visitando os Wilson, Lawrence”, constatei quando passei ao lado de seu pônei.

“Sim”, ele confirmou, virando um pouco o rosto, “achei que seria cortês aproveitar a primeira oportunidade de retribuir a gentil atenção que me deram, já que perguntavam sempre por mim no decorrer da minha doença.”

“É tudo obra da srta. Wilson.”

“E se for”, ele retrucou, com um rubor perceptível, “seria razão para eu não dar o reconhecimento adequado?”

“Seria razão para você não dar o reconhecimento que ela busca.”

“Vamos mudar de assunto, por favor”, ele disse com um desagrado

evidente.

“Não, Lawrence, com sua permissão, vamos seguir nele mais um pouco; e vou lhe dizer uma coisa, agora que estamos falando disso, uma coisa na qual você pode acreditar ou não, como quiser — mas por favor não se esqueça de que não tenho o costume de contar mentiras, e que neste caso, não teria motivos para deturpar os fatos...”

“Pois bem, Markham! O que foi?”

“A *srt. Wilson* odeia a sua irmã. Talvez seja natural que, por sua ignorância quanto à relação, sinta certa inimizade por ela, mas nenhuma mulher bondosa ou afável seria capaz de exibir uma malícia tão amarga, calculista, insidiosa contra uma pretensa rival quanto eu percebi nela.”

“Markham!!”

“Sim — eu acredito que Eliza Millward e ela, se não são as inventoras dos relatos caluniosos que foram propagados, são as incentivadoras e principais disseminadoras deles. Ela não queria envolver *seu* nome na situação, é claro, mas o prazer dela era, e ainda é, maldizer o caráter da sua irmã ao máximo sem se arriscar muito a expor a própria malevolência!”

“Não acredito”, interrompeu meu amigo, o rosto ardendo de indignação.

“Bem, como não posso provar, preciso me contentar em garantir que *essa* é a minha certeza; mas, como você não se casaria de bom grado com a *srt. Wilson* *se fosse* o caso, seria bom ser cauteloso até que o contrário seja provado.”

“Eu nunca lhe disse, Markham, que *pretendia* me casar com a *srt. Wilson*”, ele disse com orgulho.

“Não, mas você querendo ou não, ela pretende se casar com você.”

“Ela lhe disse isso?”

“Não, mas...”

“Então você não tem o direito de fazer tal afirmação a respeito dela.” Ele acelerou um pouco o ritmo do pônei, mas eu pus a mão na crina, decidido a não deixá-lo ir embora.

“Espere um pouco, Lawrence, e deixe que eu me explique, e não seja tão — não sei que palavra usar — *inacessível*. Sei o que acha de

Jane Wilson, e creio saber o quanto você está enganado em sua opinião: acha que ela tem um charme, uma elegância, uma sensatez, um refinamento singulares; não percebe que ela é egoísta, cruel, ambiciosa, ardilosa, que tem uma mente rasa...”

“Já basta, Markham, já basta.”

“Não, me deixe terminar. Não sabe que, se você se casasse com ela, sua casa seria escura e desconfortável, e você ficaria de coração partido ao se ver, por fim, unido a alguém tão incapaz de partilhar dos seus gostos, sentimentos, ideias — tão desprovida de sensibilidade, bons sentimentos e nobreza genuína da alma.”

“Já acabou?”, perguntou meu companheiro, em voz baixa.

“Sim — eu sei que você me detesta pela impertinência, mas não me importo se isso contribuir para protegê-lo desse erro fatal.”

“Pois bem!”, ele retrucou, com um sorriso bastante gélido, “fico contente em ver que superou ou se esqueceu das próprias atribuições a ponto de conseguir analisar tão a fundo os assuntos alheios, e de ocupar sua cabeça, de forma tão desnecessária, com calamidades imaginárias ou possíveis da vida futura dos outros.”

Nós nos despedimos — de novo com certa frieza, mas ainda assim não deixamos de ser amigos, e meu aviso bem-intencionado, embora pudesse ter sido apresentado com mais sensatez, bem como acolhido com mais gratidão, não foi totalmente infrutífero quanto ao efeito desejado: sua visita aos Wilson não se repetiu e, embora nos encontros subsequentes ele nunca mencionasse o nome dela para mim, nem eu para ele — tenho motivos para acreditar que ponderou minhas palavras, buscou informações sobre a formosa dama com avidez, mas disfarçadamente, em outros cantos, em segredo comparou meu caráter ao dela a partir do que ele mesmo observara e o que ficara sabendo por outros, e por fim chegou à conclusão de que, considerando-se tudo, era melhor que ela continuasse a ser a srta. Wilson da Fazenda Ryecote em vez de se transformar na sra. Lawrence de Woodford Hall. Creio também que logo aprendeu a contemplar com um assombro secreto sua antiga predileção, e a se parabenizar pela fuga de sorte que fizera; porém, nunca se confessou para mim nem insinuou sequer uma palavra de reconhecimento pelo papel que tive em seu

livramento — mas isso não surpreendia ninguém que o conhecesse tão bem quanto eu.

Quanto a Jane Wilson, é claro, ficou decepcionada e exasperada pela súbita negligência fria e por fim a deserção do antigo admirador. Teria eu cometido um erro ao frustrar suas expectativas tão acalentadas? Acho que não; e garanto que minha consciência nunca me acusou, desde então até hoje, de nenhuma intenção maligna nessa questão.

47. Informação espantosa

Uma manhã, por volta do começo de novembro, quando redigia algumas cartas de negócios, pouco depois do café da manhã, Eliza Millward veio visitar minha irmã. Rose não tinha nem o discernimento nem a virulência necessários para enxergar a diabinha como eu enxergava, e ainda conservavam a proximidade de antes. No instante de sua chegada, entretanto, não havia ninguém na sala além de Fergus e de mim, pois minha mãe e irmã estavam ausentes, “na intenção de assuntos domésticos”; porém, *eu* não iria me expor à sua diversão, embora outros se prestem a isso: apenas a honrei com uma saudação desatenta e algumas palavras banais e depois continuei com minha escrita, deixando que meu irmão fosse mais educado caso assim desejasse. Mas ela queria me provocar.

“Que prazer encontrá-lo em casa, sr. Markham!”, disse ela, com um sorriso malicioso e dissimulado. “É muito raro eu vê-lo hoje em dia, já que o senhor nunca vai ao vicariato. O papai fica muito ofendido, posso lhe dizer”, ela acrescentou em tom de brincadeira, olhando para meu rosto com uma risada impertinente enquanto se sentava, meio de lado, meio de frente para meu suporte de leitura, na cabeceira da mesa.

“Tenho tido muito o que fazer ultimamente”, declarei, sem tirar os olhos da carta.

“Tem mesmo! Alguém me disse que é estranho como o senhor vem negligenciando seus negócios nos últimos meses.”

“Alguém está errado, pois sobretudo nos últimos *dois* meses tenho sido muito aplicado e diligente.”

“Ah! Bem, nada melhor do que a atividade, imagino, para consolar

os aflitos — e, perdão, sr. Markham, mas sua aparência não está nada boa, e o senhor tem estado, pelo que todos dizem, muito instável e pensativo nos últimos tempos — seria de imaginar que alguma preocupação secreta vem consumindo seu ânimo. *Antigamente*”, ela disse com acanhamento, “eu me arriscaria a perguntar do que se trata, e o que poderia fazer para tranquilizá-lo; não ousou fazê-lo agora.”

“A srta. Eliza é muito gentil. Quando eu achar que a senhorita pode fazer alguma coisa para me tranquilizar, vou tomar a liberdade de falar.”

“Por favor, fale! — Imagino que não possa tentar adivinhar o que o atormenta.”

“Não há necessidade, pois lhe digo sem rodeios. O que me atormenta mais, neste momento, é a jovem sentada ao meu lado, impedindo-me de terminar minha carta, e que vai me impedir de cuidar depois de meus assuntos cotidianos.”

Antes que pudesse responder à minha fala descortês, Rose entrou na sala; e depois que a srta. Eliza se levantou para cumprimentá-la, ambas se acomodaram perto da lareira, onde o rapaz à toa, Fergus, estava de pé, de ombro encostado no canto do console, de pernas cruzadas e mãos enfiadas no bolso das calças.

“Agora, Rose, vou lhe contar uma novidade — espero que não a tenha ouvido antes, pois sendo boa, ruim ou indiferente, quem conta sempre quer ser o primeiro. — É sobre aquela lamentável sra. Graham...”

“Silêncio — silêncio!”, sussurrou Fergus, em tom cerimonioso. “Jamais mencionamos o nome dela; seu nome nunca é ouvido.” Erguendo os olhos, eu o flagrei me olhando de soslaio, com o dedo apontado para a testa; em seguida, piscando para a moça enquanto balançava a cabeça com um jeito pesaroso, ele cochichou — “é uma monomania — mas não mencione — pode tudo, menos isso”.

“Eu lamentaria se ferisse os sentimentos de alguém”, ela retrucou, falando baixinho, “talvez uma outra hora.”

“Fale, srta. Eliza!”, eu pedi, não me dignando a dar atenção às palhaçadas dos outros, “não precisa ter medo de falar nada na minha presença — essa é a verdade.”

“Bem”, ela respondeu, “talvez o senhor já saiba que o marido da sra. Graham não está morto de fato, e que ela fugiu dele?” Eu me assustei e senti meu rosto arder; mas me debrucei sobre minha carta e continuei a dobrá-la enquanto ela prosseguia, “mas talvez *não* saiba que agora ela voltou para ele, e que os dois tiveram uma reconciliação perfeita? Pense só”, ela continuou, virando-se para a perplexa Rose, “que tolo esse homem deve ser!”

“E quem foi que lhe deu essa informação, srta. Eliza?”, indaguei, interrompendo as exclamações de minha irmã.

“Soube por uma fonte muito legítima, senhor.”

“Por meio de quem, se me permite perguntar?”

“De um dos criados de Woodford.”

“Ah! Não estava ciente de que a senhorita tinha tanta intimidade com a casa do sr. Lawrence.”

“Não foi por meio do próprio homem que eu soube; mas ele contou como um segredo à nossa criada Sarah, e Sarah me contou.”

“Um segredo, presumo; e a senhorita também nos conta como um segredo; mas *eu* posso dizer à senhorita que essa história é pouco convincente, e que nem metade é verdade.”

Enquanto eu me pronunciava, acabava de selar e endereçar minhas cartas, com a mão um pouco trêmula, apesar de todo o empenho para manter a compostura e apesar da firme certeza de que a história era *mesmo* pouco convincente — que a suposta sra. Graham, sem dúvida, não tinha voltado *por vontade própria* para o marido, ou sonhado com uma reconciliação. Era mais provável que tivesse ido embora e o criado que contara a história, sem saber o que tinha sido feito dela, tivesse *conjecturado* que era esse o caso, e nossa bela visita tivesse declarado isso uma certeza, encantada com a oportunidade de me atormentar. Mas era possível — pouco possível, que alguém a tivesse traído e ela tivesse sido levada à força. Decidido a saber do pior, pus minhas duas cartas no bolso às pressas e, murmurando sobre estar muito atrasado para chegar aos correios, saí da sala e acelerei o passo no pátio e pedi meu cavalo vociferando. Como não havia ninguém ali, eu o arrestei para fora do estábulo sozinho, fechei a sela em suas costas e a rédea à cabeça, montei e galopei depressa até Woodford.

Deparei com o dono da casa andando, pensativo, pelos jardins.

“A sua irmã foi embora?”, foram minhas primeiras palavras quando lhe apertei a mão, em vez das perguntas habituais sobre sua saúde.

“Sim, ela foi embora”, foi a resposta dele, dita com uma voz tão calma que meu terror sumiu todo de uma vez.

“Imagino que eu não possa saber onde ela está”, supus, ao desmontar e entregar meu cavalo ao jardineiro, que, por ser o único criado por perto, fora tirado pelo patrão de sua tarefa de rastelar as folhas mortas do gramado para levar o animal ao estábulo.

Meu amigo segurou meu braço com seriedade e, me conduzindo para longe do jardim, respondeu a minha pergunta:

“Ela está na Mansão Grassdale, em —shire.”

“Onde?”, exclamei, com um susto espasmódico.

“Na Mansão Grassdale.”

“Como foi isso?”, arfei. “Quem foi que a traiu?”

“Ela foi de vontade própria.”

“Impossível, Lawrence! Ela não tinha *como* estar tão louca assim!”, declarei, segurando seu braço com veemência, como se pudesse obrigá-lo a desdizer aquelas palavras detestáveis.

“Ela foi”, ele insistiu no mesmo tom sério, controlado, de antes, “e não sem motivo”, continuou, desvencilhando-se das minhas mãos com delicadeza. “O sr. Huntingdon está doente.”

“Então ela foi cuidar dele?”

“Sim.”

“Tola!” Foi impossível eu não exclamar — e Lawrence me ergueu o olhar com uma expressão reprovadora. “Então ele está morrendo?”

“Acho que não, Markham.”

“E quantas outras enfermeiras ele tem? Quantas outras mulheres estão lá para cuidar dele?”

“Nenhuma: ele estava sozinho, caso contrário ela não teria ido.”

“Ah, que diabos! Isso é intolerável!”

“O quê? Que ele fique sozinho?”

Não tentei responder, pois não tinha certeza de que essa situação não tivesse contribuído parcialmente para meu desespero. Assim, continuei a caminhar numa angústia silenciosa, com a mão apertando

a testa; em seguida, parando de repente e me virando para meu amigo, exclamei com impaciência:

“Por que ela deu esse passo apaixonado? Que diabo a convenceu a agir assim?”

“Nada a convenceu além de seu senso de responsabilidade.”

“Que mentira!”

“Eu estava meio que propenso a dizer isso, Markham, no começo. Garanto que não foi conselho meu que ela fosse, pois detesto aquele homem tanto quanto você — exceto pelo fato de que, realmente, a regeneração dele me traria muito mais prazer do que sua morte. Só o que fiz foi informá-la da doença — consequência de uma queda do cavalo durante uma caçada — e contar que aquela infeliz, a srta. Myers, o havia largado algum tempo antes.”

“Foi uma má ideia! Agora, quando ele achar conveniente a presença dela, vai fazer tudo quanto é tipo de discurso mentiroso e promessas falsas e auspiciosas para o futuro, e ela vai acreditar nele, e então a situação dela ficará dez vezes pior e dez vezes mais irremediável do que antes.”

“Me parece não haver muita base para tais apreensões no momento”, ele disse, tirando uma carta do bolso, “pelo relato que recebi hoje de manhã, devo dizer...”

Era mesmo a letra *dela*! Por um ímpeto irresistível, estiquei a mão, e as palavras “Me permita ver” saíram dos meus lábios sem querer. Ele evidentemente relutou em atender ao meu pedido, mas enquanto hesitava, eu a arranquei de sua mão. No minuto seguinte, no entanto, me recompondo, eu a ofereci de volta.

“Aqui, toma”, eu disse, “se você não quer que eu leia.”

“Não”, ele respondeu, “pode ler se quiser.”

Eu a li, e você também deve ler.

Grassdale, 4 de novembro.

Caro Frederick,

Sei que estará ansioso para ter notícias minhas, e lhe contarei tudo o que for possível. O sr. Huntingdon está muito adoentado, mas não agonizante ou em risco iminente; e está bem melhor agora do que quando cheguei. Encontrei a casa em uma triste confusão: a sra. Greaves, Benson, todos os criados razoáveis tinham ido embora, e os que vieram ocupar suas vagas eram um bando negligente, desordeiro, para não dizer algo pior — preciso trocá-los de novo caso permaneça. Uma enfermeira profissional, uma senhora severa,

rigorosa, foi contratada para cuidar do inválido desgraçado. Ele sofre muito, e não tem firmeza para aguentar. As feridas urgentes causadas pelo acidente, no entanto, não foram muito graves, e seriam, conforme diz o médico, meras bobagens para um homem de hábitos amenos; mas *com ele* é muito diferente. Na noite de minha chegada, assim que entrei no quarto, ele estava deitado, meio delirante. Só me notou quando falei; e então me confundiu com outra.

“É você, Alice, que está de volta?”, ele murmurou. “Por que foi que me deixou?”

“Sou eu, Arthur — é a Helen, sua esposa”, retruquei.

“Minha esposa!”, ele repetiu, assustado. “Pelo amor de Deus, não mencione essa mulher! — Não tenho esposa. — O diabo que a carregue”, ele bradou um instante depois, “e carregue você também! Por que fez isso?”

Não falei mais nada, mas observando que ele não parava de olhar para os pés da cama, me sentei ali, posicionando a luz para que brilhasse inteira em cima de mim, pois imaginei que poderia estar à beira da morte, e queria que ele me reconhecesse. Por um bom tempo, ficou deitado em silêncio, olhando para mim, primeiro com um olhar vazio, depois com um olhar fixo cuja intensidade era estranha, crescente. Por fim, ele me assustou ao se levantar sobre os cotovelos de repente e inquirir com um sussurro horrorizado, os olhos ainda fixos em mim — “Quem é?”.

“Sou a Helen Huntingdon”, declarei, baixinho, ao mesmo tempo que me levantava e me transferia para um lugar menos visível.

“Devo estar enlouquecendo”, ele lastimou, “ou coisa parecida — talvez esteja delirante — mas me deixe, seja você quem for — não suporto esse rosto pálido e esses olhos — pelo amor de Deus, vá embora e mande outra pessoa que não tenha essa aparência!”

Fui logo e chamei a enfermeira contratada. Mas, na manhã seguinte, me aventurei a entrar no quarto outra vez e, tomando o lugar da enfermeira à cabeceira da cama, eu o observei e zelei por ele por horas a fio, mostrando-me o mínimo possível, e só falando quando necessário, e só aos sussurros. No começo, ele se dirigiu a mim como se eu fosse a enfermeira, mas, quando atravessei o quarto para fechar a persiana da janela, obedecendo a seus pedidos, ele disse...

“Não, não é a enfermeira: é a Alice. Fique comigo! Aquela megera vai me levar à morte.”

“Eu pretendia ficar com você”, declarei. E depois disso, ele me chamava de Alice — ou algum outro nome quase tão repugnante para meus sentimentos. Eu me forcei a aguentar por um tempo, temendo que a contestação o perturbasse demais; mas quando, depois de pedir um copo d’água, enquanto eu o levava a seus lábios, ele murmurou “Obrigado, minha querida!” — foi impossível eu não comentar com clareza: “Você nãoalaria assim se soubesse quem eu sou”, na intenção de complementar essa com outra declaração da minha identidade, mas ele apenas resmungou uma réplica incoerente, então mais uma vez deixei a questão de lado, até um tempo depois, quando, no momento em que banhava sua testa e têmporas com vinagre e água para aliviar sua febre e dor de cabeça, ele observou, após me olhar com uma expressão séria por alguns minutos:

“Estou tendo umas fantasias bem estranhas — não consigo me livrar delas, e não me deixam descansar; e a mais peculiar e persistente é com seu rosto e sua voz: são iguais aos dela. Seria capaz de jurar, neste momento, que ela está ao meu lado.”

“Ela está”, eu disse.

“Me parece bom”, ele prosseguiu, sem dar atenção às minhas palavras, “e enquanto você faz isso, as outras fantasias somem — mas essa só se reforça. Vá em frente — vá em frente

até ela também se dissipar. Não aguento essa loucura: vai acabar me matando!”

“Ela jamais vai se dissipar”, eu disse com clareza, “pois é a verdade.”

“A verdade!”, ele berrou, assustando-se como se uma víbora o tivesse picado. “Você não está querendo dizer que você realmente é ela!”

“Estou, sim; mas você não precisa ter medo de mim como se eu fosse sua pior inimiga: vim para cuidar de você e fazer o que *nenhuma delas* faria.”

“Pelo amor de Deus, não venha me atormentar agora!”, ele pediu com um nervosismo digno de pena; e então começou a murmurar xingamentos azedos contra mim e a má sorte que me havia levado até ali; enquanto eu largava a esponja e a bacia e retomava meu assento à cabeceira da cama.

“Onde eles estão?”, ele indagou, “todos me abandonaram — os criados e todo mundo?”

“Há criados por perto, caso você os queira; mas é melhor você se deitar e se acalmar: nenhum deles poderia ou gostaria de cuidar de você com o mesmo zelo que eu.”

“Não estou entendendo nada”, ele disse, com uma perplexidade desnorteada. “Foi um sonho que...”, e ele cobriu os olhos com a mão, como se tentasse desvendar o mistério.

“Não, Arthur, não é um sonho que sua conduta tenha sido tão ruim a ponto de me obrigar a abandoná-lo; mas soube que estava doente e sozinho e voltei para cuidar de você. Não precisa ter medo de confiar em mim: diga todas as suas necessidades e tentarei saciá-las. Não há mais ninguém para cuidar de você, e não vou repreendê-lo agora.”

“Ah! Entendi”, ele disse com um sorriso azedo, “é um ato de caridade cristã, com o qual você espera ganhar um assento melhor no Céu e cavar um fosso mais fundo no inferno para mim.”

“Não; vim para lhe oferecer o bem-estar e a assistência que sua situação exige; e se eu conseguisse beneficiar sua alma, além do seu corpo, e despertar algum senso de contrição...”

“Ah, sim: se é para me subjugar com o remorso e a confusão de rosto, este é o momento. O que você fez com meu filho?”

“Ele está bem, e você poderá vê-lo em algum momento, caso se recomponha, mas não agora.”

“Onde ele está?”

“Está em segurança.”

“Ele está aqui?”

“Onde quer que esteja, você só o verá depois de ter prometido que vai deixá-lo integralmente aos meus cuidados e minha proteção, e vai me deixar levá-lo embora quando e para onde eu quiser, se no futuro eu julgar necessário tirá-lo daqui outra vez. Mas vamos conversar amanhã: agora você tem que ficar quieto.”

“Não, deixe-me vê-lo agora. Eu prometo se for *mesmo* preciso.”

“Não...”

“Eu juro, por Deus que está no Céu! Agora, então, me deixe vê-lo.”

“Mas não posso confiar nas suas juras e promessas: preciso de um acordo por escrito, e você precisa assiná-lo com uma testemunha presente — mas não hoje, amanhã.”

“Não, hoje — agora”, ele insistiu; e estava em tal estado de exaltação febril, e tão disposto a saciar logo seu desejo, que achei melhor concedê-lo de uma vez, pois via que ele não descansaria até que isso acontecesse. Mas estava decidida a não deixar que os interesses do meu filho fossem esquecidos; e depois de ter escrito em termos claros a promessa que eu queria que o sr. Huntingdon pusesse em uma folha de papel, tomei a atitude deliberada de ler para ele, e fiz com que a assinasse na frente de Rachel. Ele

implorou que eu não insistisse nesse ponto: era uma exposição inútil da minha falta de fé em sua palavra diante de uma criada. Eu lhe disse que sentia muito, mas como ele havia perdido minha confiança, teria que aceitar as consequências. Em seguida, se declarou incapaz de segurar a caneta. “Então vamos ter que esperar até você conseguir segurá-la”, retruquei. Ao que ele disse que tentaria; mas então não enxergava para escrever. Pus meu dedo onde ele devia assinar, e disse que podia escrever o próprio nome no escuro, pois bastava saber onde botá-lo. Mas não tinha forças para desenhar as letras. “Neste caso, você deve estar muito doente para ver o filho”, decretei; e percebendo que eu estava inabalável, ele por fim conseguiu ratificar o acordo, e eu pedi a Rachel que buscasse o menino.

Tudo isso pode lhe parecer hostilidade, mas eu achava que não podia perder minha vantagem atual e que o bem-estar futuro do meu filho não devia ser sacrificado por conta de uma ternura equivocada pelos sentimentos do sujeito. O pequeno Arthur não havia se esquecido do pai, mas treze meses de ausência, durante os quais raras vezes pôde escutar sequer uma palavra sobre ele, mal pôde sussurrar seu nome, o haviam deixado um pouco acanhado; e quando foi conduzido ao quarto escuro onde estava o adoentado, tão diferente do que era antigamente, com um rosto vermelho de raiva e olhos de brilho selvagem — ele instintivamente se agarrou a mim, e ficou olhando o pai com um semblante que expressava mais assombro que prazer.

“Venha cá, Arthur”, disse o pai, estendendo a mão para ele. A criança foi, e tocou naquela mão quente com timidez, mas quase pulou de susto quando o pai lhe apanhou o braço e o trouxe para mais perto.

“Você me reconhece?”, indagou o sr. Huntingdon, examinando com atenção suas feições.

“Sim.”

“Quem sou eu?”

“O papai.”

“Você está feliz em me ver?”

“Sim.”

“Não está!”, rebateu o pai decepcionado, relaxando as garras e me lançando um olhar vingativo.

Arthur, agora solto, voltou para mim e segurou minha mão. O pai jurava que eu fizera o filho odiá-lo, e me xingou e ofendeu com amargor. No instante em que comecei, mandei que nosso filho saísse do quarto, e quando ele parou para respirar, lhe garanti, com tranquilidade, que estava totalmente equivocado: nunca tentara predispor o filho contra ele.

“De fato quis que ele o esquecesse”, declarei, “e sobretudo se esquecesse das lições que você ensinou; e por isso, e para diminuir o risco da descoberta, admito que costumava o dissuadir de falar de você — mas ninguém pode me culpar por isso, penso eu.”

O inválido respondeu apenas resmungando alto e girando a cabeça sobre o travesseiro, em um acesso de impaciência.

“Já estou no inferno!”, ele bradou. “Essa sede maldita está transformando meu coração em cinzas! Será que *ninguém*...”

Antes que pudesse terminar a frase, servi um copo de uma bebida acidulada, refrescante, que estava em cima da mesa, e levei até ele. Tomou com avidez, mas murmurou, quando lhe tirei o copo:

“Imagino que você esteja achando que está amontoando brasas sobre minha cabeça.”

Sem dar atenção a essa frase, perguntei se havia mais alguma coisa que pudesse fazer por ele.

“Sim; vou lhe dar mais uma oportunidade de demonstrar sua magnanimidade cristã”, ele escarneceu, “arrume meu travesseiro, e essas cobertas embaralhadas.” Eu o fiz. “Pronto — agora, me dê outro copo daquela lavagem.” Obedeci. “Que delícia! Não é?”, ele disse com um sorriso malicioso quando levei o copo aos seus lábios, “você nunca torceu por uma oportunidade gloriosa como esta?”

“Agora, devo continuar aqui com você?”, indaguei, ao recolocar o copo na mesa, “ou você vai ficar mais sossegado se eu sair e pedir para a enfermeira ficar com você?”

“Ah, sim, você é incrivelmente gentil e prestativa! — Mas me deixou louco com isso!”, ele respondeu, com um meneio impaciente.

“Então vou sair”, declarei, e me retirei, e não o incomodei mais com minha presença naquele dia, a não ser por um ou dois minutos de cada vez, só para ver como estava e o que queria.

Na manhã seguinte, o médico ordenou que ele fosse sangrado; e depois ele ficou mais calado e tranquilo. Passei metade do dia no quarto dele, em visitas esporádicas. Minha presença não parecia agitá-lo nem irritá-lo como antes, e ele aceitava minha ajuda com tranquilidade, sem tecer comentários azedos — na verdade, ele mal falava, a não ser para exprimir suas necessidades, e mesmo nesses casos era sucinto. Mas no dia seguinte — isto é, hoje — ao se recuperar do estado de exaustão e estupefação — sua má índole pareceu ressurgir.

“Ah, que doce vingança!”, bradou ele, depois de eu fazer tudo o que podia para que se sentisse confortável e para remediar o desleixo de sua enfermeira. “E você também pode desfrutar dela com a consciência tranquila, porque é tudo dever seu.”

“Que bom para mim que *estou* cumprindo meu dever”, eu disse, com uma amargura que não tinha como reprimir, “pois esse é o único consolo que tenho; e a consciência tranquila, parece, é a única recompensa que preciso buscar!”

Ele pareceu bastante surpreso com a sinceridade da minha postura.

“Que recompensa *você* esperava?”, ele perguntou.

“Vai achar que estou mentindo se eu lhe contar — mas eu *tinha* esperança de lhe fazer bem: tanto aprimorar sua mente quanto aliviar seu sofrimento atual; mas parece que não vou conseguir nenhum dos dois — seu mau humor não permite. No que diz respeito a *você*, sacrifiquei meus próprios sentimentos e os poucos confortos mundanos que me restavam, e foi em vão — e qualquer coisinha que eu faça por você é atribuída a uma hipócrita malícia e a uma sofisticada vingança!”

“Está tudo muito bem, ousar dizer”, ele declarou, olhando-me com uma perplexidade tola, “e é claro que tenho que ser reduzido às lágrimas de penitência e admiração ao ver tamanha generosidade e bondade sobre-humanas — mas como você vê, não dou conta. No entanto, por favor me faça todo o bem que puder, se de fato sente prazer nisso; pois perceba que estou quase tão infeliz quanto você deseja que eu esteja. Desde que chegou, confesso que sou cuidado como não era cuidado antes, pois esses patifes me ignoram vergonhosamente, e todos os meus velhos amigos parecem ter me abandonado, o que é justo. Estou vivendo um momento terrível, eu lhe garanto: às vezes penso que devia ter morrido — acha que existe alguma possibilidade?”

“A possibilidade da morte sempre existe, e é sempre bom viver com essa possibilidade em mente.”

“Sim, sim — mas acha que existe probabilidade de essa doença ter um término fatal?”

“Não sei dizer; mas, supondo que sim, como você se preparou para a ocasião?”

“Oras, o médico me disse para não pensar nisso, porque com certeza vou melhorar se

continuar com esse regime e os medicamentos.”

“Espero que seja assim, Arthur, mas nem o médico nem eu podemos dar certeza nesse caso: existe uma lesão interna, e é difícil saber qual é a gravidade.”

“Agora pronto! Você quer que eu morra de medo.”

“Não, mas não quero acalmá-lo com uma falsa segurança. Se a consciência da incerteza da vida é capaz de deixá-lo mais disposto a pensamentos sérios e úteis, não vou privá-lo do benefício de tais reflexões, quer você se recupere, quer não. A ideia da morte o desanima muito?”

“É a única coisa na qual não aguento pensar; então se você tiver...”

“Mas ela vai chegar uma hora ou outra”, interrompi, “e se demorar anos, sem dúvida vai surpreendê-lo como se chegasse hoje — e com certeza será tão importuna então quanto seria agora, a não ser que você...”

“Ah, pare com isso! Não me atormente com suas pregações, a não ser que queira me matar de uma vez — estou dizendo que não suporto — já tenho sofrimento que basta sem isso. Se acha que existe perigo, me salve dele; e então, por gratidão, ouvirei o que quiser dizer.”

Assim, renunciei ao assunto indesejável. E agora, Frederick, acho que preciso encerrar minha carta. Com base nesses detalhes, você poderá formar seu próprio juízo sobre o estado do meu paciente, e da minha própria postura e perspectivas futuras. Dê notícias suas logo, e escreverei de novo para lhe dizer como estamos nos saindo; mas agora que minha presença é tolerada — e até mesmo exigida no quarto do doente, terei pouco tempo em meio a meu marido e meu filho — pois não posso negligenciar por completo este último: não bastaria mantê-lo sempre com Rachel, e não tenho a audácia de deixá-lo por um instante com qualquer um dos outros criados, nem permitir que fique sozinho para que não os encontre. Se o pai piorar, pedirei a Esther Hargrave que se encarregue dele por um tempo, pelo menos até eu reorganizar a casa, mas prefiro mesmo que fique sempre sob minhas vistas.

Eu me vejo em uma situação peculiar: estou me empenhando ao máximo para promover a recuperação e a regeneração de meu marido, e se eu conseguir, o que fazer? Cumprir meu dever, é claro — mas como? — Não importa: posso realizar a tarefa que tenho diante de mim neste momento, e Deus me dê forças para fazer o que Ele pedir daqui por diante. — Adeus, caro Frederick.

helen huntingdon

“O que acha disso?”, indagou Lawrence enquanto eu redobrava a carta em silêncio.

“Me parece”, respondi, “que ela está jogando pérolas aos porcos. Que fiquem satisfeitos de pisá-las, e que não se voltem contra ela e a estraçalhem! Mas não vou falar mais nada contra ela: percebo que foi movida pelas motivações mais bondosas e nobres; e se a atitude não for sábia, que os Céus a protejam das consequências! Posso ficar com a carta, Lawrence? — Veja você que ela não fez nenhuma menção a mim — ou nem sequer fez a mais distante alusão a mim; portanto, não pode haver nisso uma impropriedade ou mal.”

“E por que razão quer ficar com ela?”

“Esses caracteres não foram escritos pela mão dela? E essas palavras não foram concebidas na mente dela, e muitas ditas por seus lábios?”

“Bem”, ele disse. E portanto a guardei; caso contrário, Halford, você não teria como conhecer tão bem o conteúdo.

“E quando você escrever”, pedi, “pode fazer a gentileza de perguntar se tenho permissão para esclarecer minha mãe e minha irmã quanto à sua verdadeira história e situação, só na medida do necessário para sensibilizar a vizinhança a respeito da injustiça vexaminosa cometida contra ela? Não quero recados carinhosos, mas lhe pergunte isso, e lhe diga que esse seria o maior favor que poderia me fazer; e lhe diga — não, não diga mais nada. — Como você vê, sei o endereço, e poderia escrever eu mesmo, mas sou tão virtuoso que me abstenho.”

“Bom, vou fazer isso por você, Markham.”

“E assim que receber uma resposta, você me informa?”

“Se tudo estiver bem, vou no mesmo instante lhe contar pessoalmente.”

48. Mais informação

Cinco ou seis dias depois, o sr. Lawrence nos deu a honra de uma visita; e quando ele e eu ficamos a sós — o que consegui que acontecesse o quanto antes ao levá-lo lá fora para ver minhas pilhas de trigo —, ele me mostrou outra carta da irmã. Essa ele estava bem à vontade para submeter ao meu olhar sequioso: pensou, imagino, que me faria bem. A única resposta que havia ao meu recado era o seguinte:

“O sr. Markham tem permissão para fazer as revelações a meu respeito que considerar necessárias. Ele sabe que eu gostaria que pouco fosse dito sobre o assunto. Espero que esteja bem, mas diga que não pense em mim.”

Posso lhe contar de alguns trechos do restante da carta, pois também tive licença para ficar com ela — talvez como um antídoto a todas as esperanças e fantasias nocivas.

Ele está melhor, sem dúvida, mas muito abatido por conta dos efeitos da grave doença e do regime estrito que é obrigado a seguir — tão oposto a todos os hábitos anteriores. É deplorável ver como sua vida passada deteriorou por completo sua compleição outrora majestosa, e viciou todos os sistemas de seu organismo. Porém, o médico diz que agora ele pode ser considerado fora de risco, se continuar a cumprir as restrições necessárias. Precisa tomar algumas bebidas estimulantes, mas devem ser criteriosamente diluídas e usadas com parcimônia; e acho muito difícil fazer com que se limite a elas. De início, seu enorme medo da morte facilitava essa missão, mas à medida que sente que o sofrimento mais agudo diminui e vê o perigo se afastar, mais intratável se torna. Agora, também, seu apetite por comida começa a voltar; e nisso também seu longo hábito de saciar os próprios desejos lhe faz muito mal. Observo e o contenho até onde consigo, e não raro sou tratada com rispidez por meu rigor inflexível; e às vezes ele consegue enganar minha vigilância, e às vezes age de forma abertamente contrária à minha vontade. Mas agora está tão conformado com minha presença que nunca fica satisfeito quando não estou a seu lado. Sou obrigada a ser um pouco dura com ele de vez em quando, senão faz de mim uma escrava; e sei que seria

uma fraqueza imperdoável abrir mão de todos os meus interesses por ele. Tenho os criados para supervisionar e meu pequeno Arthur para cuidar — e também minha própria saúde, fatores que seriam negligenciados se fosse satisfazer seus pedidos extravagantes. Em geral não cuido dele à noite, pois acho que a enfermeira, que fez disso seu ofício, é mais qualificada para essa tarefa do que eu; porém, uma noite de descanso sem interrupções é algo de que raramente desfruto, e jamais posso me arriscar a cogitar, pois meu paciente não tem escrúpulos para não me chamar a qualquer hora, quando suas vontades e desejos exigem minha presença. Mas ele tem um medo evidente de meu desprazer, e se uma vez põe minha paciência à prova com cobranças absurdas, queixas e críticas irascíveis, na outra me deprime com submissão e humilhação abjetas, quando teme ter ido longe demais. Mas tudo isso sou capaz de perdoar de pronto; sei que é consequência sobretudo de seu físico enfraquecido e dos nervos desarranjados — o que mais me irrita são as tentativas ocasionais de carícias afetuosas que não posso nem reconhecer nem retribuir; não que o odeie: seus sofrimentos e meu zelo laborioso lhe deram certo direito à minha consideração — até mesmo a meu afeto, se ficasse quieto e fosse sincero, e se ele se contentasse em deixar as coisas como estão, mas quanto mais tenta me apaziguar, mais me retraía diante dele e do futuro.

“Helen, o que pretende fazer quando eu ficar bem?”, ele perguntou hoje de manhã. “Você vai fugir de novo?”

“Depende totalmente da sua conduta.”

“Ah, eu vou ser ótimo.”

“Mas se achar necessário largá-lo, Arthur, não vou ‘fugir’: você sabe que tenho sua palavra de que posso ir aonde eu quiser e levar meu filho junto.”

“Ah, mas você não vai ter motivo.” E então prosseguiu com várias declarações, que cerceei com frieza.

“Então você não vai me perdoar?”, ele questionou.

“Sim — eu *já* perdoei; mas sei que você não tem como me amar como outrora — e ficaria muito triste se conseguisse, porque eu não conseguiria fingir reciprocidade; então vamos mudar de assunto e nunca mais tocar nele outra vez. Pelo que eu *fiz* por você, você poderá julgar o que eu *vou* fazer — se não for algo incompatível com minha maior responsabilidade, para com meu filho (maior porque ele nunca perdeu os direitos dele, e porque torço para fazer mais bem a ele do que poderia fazer a você), e caso queira que eu seja amável com você, são os *atos*, e não as *palavras*, que devem conquistar meu afeto e minha estima.”

Sua única reação foi uma leve careta e o gesto quase imperceptível de encolher os ombros. Que homem infeliz! Palavras, no caso dele, são muito mais baratas do que ações; era como se eu tivesse dito “O que você quer custa libras, não centavos”. E então ele deu um suspiro lamuriante, de autopiedade, como que de puro remorso pelo fato de ele, amado e cortejado por tantos veneradores, estar agora abandonado à misericórdia de uma mulher hostil, severa e cruel como essa, e tivesse até que se contentar com a pouca bondade que ela decidia lhe conceder.

“É uma pena, não é?”, eu disse; e tendo eu adivinhado corretamente seus pensamentos ou não, o comentário se adequou às suas ideias, pois ele respondeu: “Não há o que fazer”, com um sorriso pesaroso diante de minha sagacidade.

Vi Esther Hargrave duas vezes. Ela é uma criatura encantadora, mas seu espírito alegre está quase arruinado e seu temperamento doce está quase destruído por conta da opressão

ainda incessante da mãe em prol do pretendente rejeitado — não é violenta, mas fatigante e incessante como um gotejamento contínuo. A mãe desnaturada parece estar decidida a fazer da vida da filha um fardo caso não ceda a seus desejos.

“A mamãe faz o que pode”, ela disse, “para que eu me sinta um peso e um estorvo para a família, e a filha mais ingrata, egoísta e irresponsável que já existiu; e o Walter também anda carrancudo e frio, e está arrogante como se me detestasse. Creio que eu teria cedido logo, se soubesse, desde o começo, quanta resistência isso teria me custado; mas agora, pelo bem da minha obstinação, eu *vou* me manter firme!”

“Um mau motivo para uma boa resolução”, respondi. “Mas tudo bem, sei que você tem razões melhores, na verdade, para sua persistência, e recomendo que não as perca de vista.”

“Pode acreditar que não vou. Às vezes ameaço a mamãe, digo que vou fugir e desgraçar a família ganhando meu próprio sustento, se ela continuar me atormentando, e isso a amedronta um pouco. Mas *vou* fazer isso, a sério, se eles não se importarem.”

“Fique quieta e seja paciente por um tempo”, aconselhei, “que a situação vai melhorar.”

Pobre coitada! Gostaria que alguém digno de possuí-la a levasse embora — concorda, Frederick?

Se o exame dessa carta me encheu de desalento pela vida futura de Helen e pela minha, havia um grande motivo de consolação: agora estava em minhas mãos limpar seu nome de todas as difamações repugnantes. As famílias Millward e Wilson tinham que ver com os próprios olhos o sol claro irrompendo das nuvens — e precisavam ser queimadas e ofuscadas por seus raios — e meus próprios amigos também deviam ver — aqueles cujas desconfianças tinham sido absinto e fel para minha alma. Com essa finalidade, eu só precisava jogar a semente no solo e ela logo se transformaria em uma erva imponente, cheia de ramos: algumas palavras para minha mãe e irmã, eu sabia, bastariam para espalhar a novidade pela vizinhança inteira sem nenhum outro esforço da minha parte.

Rose ficou fascinada; e assim que lhe contei tudo o que considerava conveniente — que era tudo o que eu parecia saber — ela foi voando vestir o gorro e o xale e saiu correndo para transmitir as boas notícias aos Millward e aos Wilson — boas notícias, desconfio, só para si mesma e para Mary Millward — aquela menina resoluta, sensata, cujo grande valor fora rapidamente percebido e devidamente estimado pela suposta sra. Graham, apesar de sua aparência singela; e que, de sua parte, fora mais capaz de ver e apreciar o verdadeiro caráter e as qualidades daquela senhora do que o gênio mais brilhante das

redondezas.

Como talvez nunca mais tenha a chance de mencioná-la, é melhor que eu lhe diga que nesse momento ela estava secretamente noiva de Richard Wilson — um segredo, creio, para todo mundo a não ser os dois. O notável estudante estava em Cambridge, onde seu comportamento exemplar e sua perseverança diligente na busca pelo conhecimento guiavam seus passos com segurança, e acabaram por lhe conquistar uma distinção obtida com trabalho árduo e a reputação imaculada ao fim sua carreira acadêmica. No devido tempo, tornou-se o primeiro e único pároco auxiliar do sr. Millward — pois os anos de decadência desse cavalheiro o forçaram a enfim admitir que as responsabilidades da vasta paróquia eram um pouco excessivas para as energias que estava acostumado a alardear a seus irmãos de clero mais jovens e menos ativos. Era o que os amantes pacientes e fiéis tinham planejado às escondidas, e pelo que tinham esperado em silêncio por anos a fio; e no devido momento se uniram, para o espanto do mundinho onde viviam, que havia muito tempo os declarava destinados ao estrito celibato, afirmando ser impossível que o rato de biblioteca pálido e retraído criasse coragem para procurar uma esposa, ou conseguisse uma caso tentasse, e igualmente impossível que a srta. Millward, de aparência singela, uma moça que não fazia rodeios, não era atraente e não fazia conciliações, achasse um marido.

Continuaram vivendo no vicariato, a moça dividindo o tempo entre o pai, o marido e os paroquianos pobres — e subseqüentemente à família que está nascendo; e agora que o reverendo Michael Millward fora congregado ao seu povo, carregado de dias, riquezas e honras, o reverendo Richard Wilson o sucedia no vicariato de Lindenhope, para grande satisfação de seus habitantes, que havia tanto tempo testavam e provavam de modo pleno seus méritos e os de sua excelente e muito amada companheira.

Caso tenha interesse no destino posterior da irmã dessa moça, só posso lhe dizer — o que talvez você já tenha ouvido de outras pessoas — que uns doze ou treze anos atrás, ela livrou o feliz casal de sua presença se casando com um comerciante rico de L—, e não o

inveja por esse acordo. Receio que o leve a ter uma vida bastante desconfortável, mas por sorte ele é obtuso demais para notar seu grau de infortúnio. Eu mesmo pouco tenho que ver com ela: não nos vemos há muitos anos, mas, me garantiram, ela ainda não esqueceu nem perdoou seu antigo amante ou a dama cujas qualidades excepcionais abriram os olhos dele para a tolice de seu apego pueril.

Quanto à irmã de Richard Wilson, ela, após ter sido completamente incapaz de recapturar o sr. Lawrence ou de conseguir algum parceiro rico e elegante o suficiente para fazer jus à sua noção de como deveria ser o marido de Jane Wilson, ainda está no estrito celibato. Pouco depois do falecimento da mãe, ela tirou a luz de sua presença da Fazenda Ryecote, considerando impossível continuar aguentando os modos rudes e os hábitos simplórios do honesto irmão Robert e sua valorosa esposa, ou a ideia de ser associada a pessoas tão vulgares aos olhos do mundo — e assentou residência em —, a cidade rural onde morava, e ainda mora, suponho, em uma espécie de nobreza avarenta, fria, desconfortável, sem fazer bem aos outros e quase nenhum a si mesma, gastando os dias com crochê e escândalos; referindo-se sempre ao “meu cunhado o vigário” e sua irmã “a esposa do vigário”, mas nunca ao irmão fazendeiro e à cunhada esposa do fazendeiro; vendo o máximo de gente possível sem gastar muito, mas sem amar ninguém e sem ser amada por ninguém — uma solteirona insensível, presunçosa, mordaz e crítica.

“E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.”

Embora a saúde do sr. Lawrence já estivesse totalmente restabelecida, minhas visitas a Woodford estavam mais constantes do que nunca, mas não raro menos demoradas do que antes. Era raro *conversarmos* sobre a sra. Huntingdon, no entanto nunca nos encontrávamos sem mencioná-la, pois eu nunca procurava sua companhia sem a expectativa de saber dela, e ele nunca procurava a minha, pois já me via o bastante sem precisar disso. Mas eu sempre começava falando de outras coisas, e esperava primeiro que *ele* trouxesse o assunto à baila. Se não o fazia, eu perguntava em tom casual: “Teve notícias da sua irmã ultimamente?”. Caso ele respondesse “Não”, o assunto era abandonado; caso dissesse “Sim”, me arriscava a indagar “Como ela está?”, mas nunca “Como vai o marido dela?”, embora estivesse louco para saber; porque eu não cometeria a hipocrisia de declarar qualquer anseio por sua recuperação, e não tinha o descaramento de exprimir desejo pelo resultado contrário. Será que eu tinha esse desejo? — receio que tenha que admitir culpa, mas como ouviu minha confissão, você tem que ouvir também minha justificativa — ou pelo menos algumas das desculpas com as quais eu tentava pacificar minha consciência pesada:

Em primeiro lugar, como você viu, a vida dele fazia mal aos outros, e evidentemente não era boa nem para si mesmo, e embora eu quisesse que terminasse, não teria apressado seu final mesmo que, só de levantar um dedo, eu pudesse fazê-lo, ou mesmo que um espírito tivesse sussurrado no meu ouvido que um único ato de vontade bastaria — a não ser, é claro, que tivesse o poder de trocá-lo por outra vítima do túmulo cuja vida seria de serventia para sua raça e cuja

morte seria lastimada pelos amigos. Mas havia algum mal em desejar que, entre os milhares cujas almas que sem dúvida seriam reivindicadas antes de o ano acabar, que a desse mortal desprezível fosse uma delas? Eu achava que não, e portanto desejava de todo o coração que agradasse aos Céus a ideia de levá-lo desta para melhor, ou se não fosse o caso, que o levasse desta, pois se era incapaz de responder ao chamado agora, depois de uma doença alarmante, e com aquele anjo a seu lado, me parecia certo que jamais seria — que, pelo contrário, a saúde restituída traria a volta da lascívia e da vilania, e quanto mais tivesse certeza de sua recuperação, mais acostumado à bondade generosa dela, mais calejados estariam seus sentimentos, mais empedernido e impermeável seu coração seria aos argumentos persuasivos dela — mas Deus era sábio. Enquanto isso, porém, achava impossível não ficar ansioso pelo resultado de Suas vontades; sabendo, como eu sabia, que (ficando eu totalmente de fora da questão) embora Helen tivesse interesse no bem-estar do marido, por mais que lastimasse seu destino, enquanto ele estivesse vivo, *ela* seria infeliz.

Uma quinzena se passou e minhas perguntas eram sempre respondidas com negativas. Por fim, um bem-vindo “sim” me arrancou uma segunda pergunta. Lawrence adivinhou meus pensamentos aflitos e percebeu minha discrição. A princípio, temi que fosse me torturar com respostas insatisfatórias, e me deixar no escuro a respeito do que eu queria saber ou me forçar a tirar a informação dele, migalha a migalha, por meio de perguntas diretas — “e você mereceria”, você há de dizer; porém, ele foi mais misericordioso, e em pouco tempo pôs a carta da irmã nas minhas mãos. Eu a li calado, e a devolvi sem comentários nem declarações. Essa forma de agir lhe era tão conveniente que dali em diante sempre seguia o plano de me mostrar logo as cartas, quando eu perguntava por ela, se tivesse alguma para mostrar: era um trabalho bem menor do que me dizer o conteúdo; e eu recebia tais confidências com tanta calma e discrição que ele nunca foi induzido a descontinuar a atitude.

Mas eu devorava essas cartas preciosas com os olhos, e nunca as devolvia sem ter o conteúdo gravado na mente; e quando chegava em casa, os trechos mais importantes eram incluídos no meu diário entre

os acontecimentos notáveis do dia.

A primeira dessas mensagens trazia a informação de uma séria recaída da doença do sr. Huntingdon, totalmente resultante de sua obsessão por satisfazer o apetite por bebidas estimulantes. Em vão ela protestava, em vão ela misturava água no vinho: seus argumentos e súplicas eram uma amolação, sua interferência era um insulto tão intolerável que, enfim, ao descobrir que às escondidas ela diluía o vinho branco do Porto que lhe trouxeram, ele atirou a garrafa pela janela, jurando que não seria enganado feito um bebê, ordenou que o mordomo, sob ameaças de demissão imediata, lhe servisse a garrafa do vinho mais forte da adega e, afirmando que já estaria bem há muito tempo se o deixassem fazer o que queria, mas que ela o queria fraco para que permanecesse sob seu jugo — porém que de jeito nenhum continuaria tolerando aquilo — pegou uma taça com uma mão e a garrafa com a outra, e só descansou quando secou a garrafa. Sintomas alarmantes foram o resultado imediato dessa “imprudência”, segundo o termo brando que ela usou — sintomas que aumentaram, e não diminuíram, desde então; e esse foi o motivo por que demorou a escrever para o irmão. Todos os aspectos antigos de sua enfermidade retornaram com uma virulência exacerbada: a leve ferida externa, já meio sarada, se reabriu; a inflamação interna ocorrera, o que poderia ter um fim fatal se não fosse eliminada logo. É claro que o temperamento do enfermo desgraçado não melhorou com essa calamidade — na verdade, desconfio que tenha ficado quase insuportável, apesar de sua bondosa enfermeira não se queixar; mas ela declarou ter sido obrigada, por fim, a deixar o filho ao encargo de Esther Hargrave, já que sua presença era solicitada no quarto do doente com tanta frequência que lhe era impossível cuidar do menino por conta própria; e embora a criança tivesse implorado para continuar com a mãe, e para ajudá-la a cuidar do papai, e embora não tivesse dúvida de que ele seria bonzinho e ficaria quieto — não conseguia pensar em submeter seus sentimentos juvenis e afáveis a verem tanto sofrimento, ou permitir que testemunhasse a impaciência do pai, ou ouvisse o linguajar pavoroso que costumava usar em seus acessos de dor ou irritação.

“Este último”, ela continuou, “lamenta sobretudo o passo que provocou a recaída — mas, como sempre, joga a culpa em mim. Se eu tivesse argumentado com ele como uma criatura racional, ele diz, jamais teria acontecido; mas ser tratado como um bebê ou um tolo bastava para que qualquer homem perdesse a paciência e se decidisse a impor sua independência, mesmo que sacrificando os próprios interesses — ele se esquece de quantas vezes já *arguntei* até ele “perder a paciência”. Parece ter consciência do risco que corre; mas nada pode induzi-lo a olhar a situação sob a luz certa. Uma noite dessas, enquanto o servia, no exato instante em que lhe trouxe um gole para aplacar sua sede abrasadora — ele observou, com a volta do sarcasmo amargo de antes:

“É, você está muito atenciosa *agora!* — Imagino que agora não exista *nada* que você não faça por mim?”

“Você sabe”, eu disse, um pouco surpresa com seus modos, “que estou disposta a qualquer coisa para ajudá-lo.”

“Sim, *agora*, meu anjo imaculado, mas depois que você tiver conseguido sua recompensa, e se vir a salvo no Céu, e eu estiver uivando no fogo do inferno, vamos ver se você *vai* levantar um dedo sequer para me servir! — Não, você vai ficar olhando com complacência, e não vai nem molhar na água a ponta do dedo para me refrescar a língua!”

“Se for assim, será por causa do grande abismo que eu não serei capaz de transpor; e se eu *pudesse* olhar com complacência nesse caso, seria apenas por saber que você estaria se purificando de seus pecados e sendo preparado para desfrutar da felicidade que eu sentiria. — Mas você está *decidido*, Arthur, a não me encontrar no Céu?”

“Hunf! O que eu vou fazer lá, eu gostaria de saber.”

“De fato não tenho como lhe dizer; e temo não haver sombra de dúvida de que seus gostos e sentimentos tenham que ser bastante alterados para você conseguir desfrutar de lá. Mas prefere afundar, sem nenhum esforço, no tormento que imagina para si?”

“Ah, é apenas uma fábula”, ele disse com desdém.

“Tem certeza, Arthur? Tem *absoluta* certeza? Porque se houver alguma dúvida, e no fim das contas você *descobrir* que se equivocou,

quando já for tarde demais para dar...”

“Seria bem esquisito, sem dúvida”, ele disse, “mas não me incomode agora — não vou morrer agora. — Não posso e não vou”, acrescentou com veemência, como se de repente lhe viesse à mente o aspecto aterrador desse acontecimento terrível, “Helen, você *precisa* me salvar!”. E ele pegou minha mão com uma expressão séria, olhou no meu rosto com uma avidez tão suplicante que meu coração sangrou por ele, e não consegui falar nada por conta das lágrimas.

A missiva seguinte trouxe a notícia de que a doença piorava rapidamente; e o pavor da morte que tinha o pobre enfermo ainda lhe era mais penoso do que a impaciência com a dor física. *Nem todos* os amigos o haviam abandonado, pois o sr. Hattersley, ao saber do risco que corria, saiu de sua casa no norte, distante dali, para vê-lo. A esposa o acompanhou, tanto pelo prazer de encontrar a querida amiga, que não via fazia tanto tempo, como para visitar a mãe e a irmã.

A sra. Huntingdon se mostrou contente de ver Milicent outra vez, e ficou contente ao vê-la tão feliz e bem. “Ela está em Grove agora”, continuava a carta, “mas vem sempre me ver. O sr. Hattersley passa boa parte do tempo à cabeceira da cama de Arthur. Com mais bons sentimentos do que eu lhe creditava, prova ter uma compaixão considerável pelo amigo desventurado e estar muito mais motivado do que apto a reconfortá-lo. Às vezes tenta fazer piadas e rir com ele, mas não surte efeito; às vezes tenta animá-lo com conversas sobre os velhos tempos, e isso, uma vez, podia servir para distrair o enfermo dos pensamentos tristes; da segunda vez, só o levará a mergulhar ainda mais fundo na melancolia; e então Hattersley fica desconcertado e não sabe o que dizer — além de uma tímida sugestão de que o clérigo seja chamado. Mas Arthur jamais concordaria: sabe que rejeitou as bem-intencionadas admoestações do clérigo com uma leviandade escarnecedora em outras épocas, e agora não pode nem sonhar em recorrer a ele em busca de consolação.

“O sr. Hattersley às vezes oferece seus serviços em vez dos meus, mas o Arthur não me deixa em paz: esse estranho capricho continua

augmentando à medida que sua força diminui — a extravagância de me ter sempre a seu lado. Eu raramente o deixo, a não ser para ir ao cômodo vizinho, onde de vez em quando consigo mais ou menos uma hora de sono quando ele sossega; mas mesmo assim, a porta fica entreaberta para que saiba que é só me chamar. Estou com ele agora, enquanto escrevo e temo que minha atividade o incomode, embora volta e meia a interrompa para cuidar dele, e embora o sr. Hattersley também esteja ao seu lado. O cavalheiro veio, como ele disse, para esmolar uma folga para mim, para que eu possa caminhar pela propriedade nesta bela manhã gelada, com Milicent, Esther e o pequeno Arthur, que ele trouxe para me ver. Nosso pobre inválido evidentemente achou a proposta impiedosa e acharia ainda mais impiedoso da minha parte aceitá-la. Portanto, declarei que só falaria com eles por um instante e voltaria. Na verdade só troquei algumas palavrinhas com eles, ali perto, no pórtico — inspirando o ar fresco, revigorante —, e então, resistindo aos intensos e eloquentes pedidos dos três para que eu ficasse mais um pouco e fosse com eles passear pelo jardim — me afastei e voltei ao meu paciente. Não fazia nem cinco minutos que me ausentara, mas ele me repreendeu com amargura pela frivolidade e pelo abandono. Seu amigo defendeu minha causa:

“Não, não, Huntingdon”, disse ele, “você é duro demais com ela — ela precisa comer e dormir e tomar um ar fresco de vez em quando, senão eu garanto não vai aguentar. Olhe só para ela, homem, ela já está uma sombra de tanto cansaço.”

“O que são os sofrimentos dela diante dos meus?”, rebateu o pobre inválido. “Você não se ressentir por me dar essa atenção, não é, Helen?”

“Não, Arthur, se for para lhe servir através dela. Eu daria minha vida para salvá-lo, se pudesse.”

“Daria *mesmo*? — Não!”

“De bom grado, daria sim.”

“Ah! É porque você se acha mais apta a morrer!”

Houve uma pausa dolorosa. Ele estava claramente imerso em reflexões sombrias, mas enquanto eu procurava algo a dizer que

pudesse lhe fazer bem sem alarmá-lo, Hattersley, cuja mente seguia quase o mesmo rumo, rompeu o silêncio com:

“Afirmo, Huntingdon, que *eu* mandaria chamar um pároco qualquer. — Se não gosta do vigário, pode chamar o auxiliar ou alguma outra pessoa.”

“Não, nenhum deles pode me fazer bem se *ela* não faz”, foi a resposta. E as lágrimas brotaram de seus olhos quando exclamou com sinceridade: “Ah, Helen, se eu tivesse lhe dado ouvidos, jamais chegaria a este ponto! E se tivesse escutado você tempos atrás — ah, meu Deus! Teria sido tão diferente!”

“Então me escute agora, Arthur”, eu pedi, apertando sua mão.

“Agora é tarde demais”, afirmou com desânimo. E depois veio outro acesso de dor; e então sua mente começou a viajar, e tememos que sua morte estivesse próxima; mas um opiáceo foi ministrado, o sofrimento começou a diminuir, ele aos poucos ficava mais calmo, e por fim mergulhou em uma espécie de torpor. Esteve mais quieto desde então; e agora Hattersley o deixou, exprimindo a esperança de encontrá-lo melhor quando vier visitá-lo amanhã.

“*Talvez* eu consiga me recuperar”, ele respondeu, “vai saber? — talvez tenha sido uma crise. O que *você* acha, Helen?”

Sem querer deprimi-lo, dei a resposta mais encorajadora que pude, mas ainda assim recomendei que se preparasse para a possibilidade do que eu intimamente receava que fosse uma certeza. Mas ele estava decidido a ter esperança. Pouco depois, cochilou — mas agora está gemendo de novo.

Houve uma mudança. De repente, ele me chamou para ficar a seu lado, com um jeito tão estranho, tão animado, que temi que estivesse delirando — mas não estava. “Essa *foi* a crise, Helen!”, ele disse com deleite. “Senti uma dor infernal aqui — ela praticamente passou; desde a queda eu não me sentia tão bem. — Passou, meu Deus!” E ele segurou e beijou minha mão com a plenitude de seu coração; mas, ao ver que eu não compartilhava de sua alegria, logo a largou e maldisse cruelmente minha frieza e insensibilidade. Como eu poderia responder? Ajoelhando-me ao seu lado, peguei sua mão e a levei com carinho aos lábios — pela primeira vez desde nossa separação — e lhe

disse, na medida em que as lágrimas me permitiam falar, que não era *aquilo* o que me fazia guardar silêncio: era o medo de que essa súbita cessação da dor não fosse um sinal tão favorável quanto ele imaginava. — Mandeí que buscassem o médico de imediato. Agora o aguardamos com os nervos à flor da pele: eu lhe contarei o que ele disser. Ainda há a mesma inexistência de dor — a mesma morte de sensação onde as dores eram mais agudas.

Meus piores medos se concretizaram — a necrose começou. O médico lhe disse que não há esperança — não há palavras que exprimam sua angústia — não posso mais escrever.

A seguinte era ainda mais desoladora em termos de conteúdo. O enfermo se aproximava velozmente da morte — arrastado quase até a beirada daquele abismo que tremia ao contemplar, de que nenhuma agonia de preces e lágrimas poderia salvá-lo. Nada poderia consolá-lo agora: as tentativas toscas de Hattersley de reconfortá-lo eram de todo inúteis. O mundo não significava nada para ele: a vida e suas atrações, as preocupações triviais e os prazeres efêmeros eram uma zombaria cruel. Falar do passado era torturá-lo com um remorso vão; referir-se ao futuro era aumentar sua angústia; e no entanto, ficar em silêncio era transformá-lo em vítima dos próprios arrependimentos e apreensões. Volta e meia ele discorria com uma minúcia horripilante a respeito do destino de seu corpo decadente de barro — a dissolução lenta, gradual, que já invadia seu físico; a mortalha, o caixão, a escuridão, o túmulo solitário e todos os horrores da corrupção.

“Se tentar”, disse a esposa aflita, “desviar a cabeça dele dessas coisas — elevar seus pensamentos a temas mais sublimes, não será melhor: ‘Cada vez pior!’, ele geme. ‘Se realmente existe vida após a morte, e julgamento após a morte, *como* vou enfrentá-los?’ — Não tenho como lhe fazer bem algum: ele não será iluminado, despertado ou consolado por nada que eu disser; e no entanto se agarra a mim com uma pertinácia implacável — com um desespero infantil, como se *eu* pudesse salvá-lo do destino que teme. Me obriga a ficar dia e noite ao lado dele. Está segurando minha mão esquerda agora, enquanto escrevo; ele a está segurando há horas: às vezes em silêncio, com seu

rosto pálido virado para mim, às vezes segurando meu braço com violência — as gotas grossas começando na testa, devido aos pensamentos sobre o que vê ou crê ver à sua frente. Se tiro minha mão por um instante, ele se aflige:

“Fique comigo, Helen, ele pede, “deixe que eu a segure: tenho a impressão de que o mal não pode me alcançar enquanto você estiver aqui. Mas a morte *vai* chegar — está vindo — rápido, rápido! — E — ah, se eu *pudesse* acreditar que não existe nada depois!”

“Não tente acreditar, Arthur: existe alegria e glória depois, se você tentar alcançá-las!”

“O quê, para *mim*?”, ele disse, com um quê de risada. “Não vamos ser julgados segundo os atos feitos pelo corpo? Qual é a serventia de uma existência probatória se o homem pode usá-la como bem entender, mas contrariando as leis de Deus, e depois ir para o Céu com os melhores — se o pecador mais vil puder ganhar a recompensa do santo mais íntegro dizendo apenas ‘me arrependo’?”

“Mas se você se arrepender *sinceramente*...”

“*Não posso* me arrepender: eu só tenho medo.”

“Você só se arrepende do passado pelas consequências que terá para você?”

“Exatamente — só que me arrependo de ter sido injusto com você, Nell, porque você é muito boa comigo.”

“Pense na bondade de Deus e você não terá como não se lamentar por tê-Lo ofendido.”

“O que é Deus? — Não posso vê-Lo nem ouvi-Lo. — Deus é apenas uma ideia.”

“Deus é o entendimento infinito, e é Poder, e é Bondade — e é amor, mas se essa ideia é ampla demais para suas faculdades humanas — se a sua mente se perde em sua infinidade avassaladora, concentre-se Naquele que concordou em assumir nossa natureza, que foi alçado aos Céus mesmo com seu corpo humano glorioso, pois nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade.”

Mas Arthur apenas balançou a cabeça e suspirou. Então, em outro acesso de horror trepidante, apertou a mão em torno da minha mão e do meu braço, e gemendo e se lamuriando, ainda agarrado a mim com

aquela sinceridade brutal, desesperada, tão excruciante para a minha alma por saber que não tenho como ajudá-lo. Fiz o possível para acalmá-lo e confortá-lo.

“A morte é terrível”, ele berrou, “não estou aguentando! *Você* não sabe, Helen, não consegue imaginar como é porque ela não está na sua porta; e quando eu for enterrado, você vai retomar os velhos hábitos e ser mais feliz do que nunca, e o mundo vai continuar, movimentado e contente como se eu nunca tivesse existido, enquanto eu...” Ele se debulhou em lágrimas.

“Você não precisa sofrer com isso”, declarei, “vamos todos seguir o mesmo caminho que você, em breve.”

“Eu gostaria de poder levá-la comigo!”, exclamou, “você poderia interceder por mim.”

“Ninguém pode redimir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele”, retruquei, “redimir suas almas é mais caro — custa o sangue de Deus encarnado, perfeito e sem pecado, para nos redimir das amarras do diabo; que *Ele* interceda por você.”

Mas pareço falar em vão. Agora ele não dá risadas de desprezo, como antes, ao ouvir essas verdades abençoadas: entretanto ainda não consegue ter fé, ou não consegue compreendê-las. Ele não aguentará muito mais. Sofre terrivelmente, assim como os que cuidam dele — mas não vou incomodá-lo com mais detalhes: já falei o bastante, imagino, para convencê-lo de que fiz bem em ir vê-lo.

Pobre, pobre Helen! Terríveis de fato suas provações devem ter sido! E não pude fazer nada para aplacá-las — não, parece quase que eu lhe causei isso, por meio de meus desejos secretos; e seja olhando para o sofrimento de seu marido ou para o dela, parecia quase um julgamento contra mim por ter acalentado tanto esse desejo.

Dois dias depois, outra carta chegou. Essa também foi entregue nas minhas mãos sem comentários, e este é o conteúdo:

5 de dezembro.

Enfim se foi. Passei a noite inteira sentada ao seu lado, de mão entrelaçada à dele, observando as mudanças em suas feições e escutando sua respiração falhar. Fazia tempos que estava em silêncio, e pensei que nunca mais fosse falar, mas ele murmurou, em tom fraco mas claro:

“Reze por mim, Helen!”

“Eu sempre rezo por você — todas as horas e todos os minutos, Arthur; e você tem que rezar por si mesmo.”

Seus lábios se mexeram mas não emitiram som — então seu rosto ficou confuso; e, pelas palavras incoerentes que lhe escapavam pela metade vez por outra, supondo que agora estava inconsciente, desatei minha mão com delicadeza, querendo sair às escondidas para tomar um ar, pois estava quase desmaiando; mas um movimento convulsivo de seus dedos e um sussurro fraco de “Não me deixe!” me chamaram de volta no mesmo instante: segurei-lhe a mão outra vez e fiquei segurando até que não estivesse mais ali — e então desmaiei: não era pesar, era a exaustão que até ali conseguira combater. Ah, Frederick! Ninguém pode imaginar os tormentos, físicos e mentais, daquele leito de morte! Como aguentaria pensar que aquela pobre alma trêmula fora levada para o suplício eterno? Isso me enlouqueceria! Mas graças a Deus tenho esperanças — não só pela vaga confiança na possibilidade de que a penitência e o perdão o tenham alcançado no último instante, mas pela fé abençoada de que, sejam quais forem as fogueiras de expurgo que uma alma errante tenha que atravessar — seja qual for o destino que a aguarde, porém, ela não estará perdida, e Deus, que não odeia nada do que criou, *acabará* por abençoá-la!

O corpo dele será relegado, na quinta-feira, ao túmulo escuro que tanto o apavorava; mas o caixão tem que ser fechado o mais rápido possível. Caso possa comparecer ao funeral, venha logo, pois preciso de ajuda.

helen huntingdon

50. Dúvidas e decepções

Ao ler isso, não tive razão para disfarçar minha alegria e esperança a Frederick Lawrence, já que não tinha por que me envergonhar. Estava alegre apenas pelo fato de sua irmã estar finalmente livre de sua labuta aflitiva, esmagadora — não tinha esperança a não ser a de que, com o tempo, se recuperasse dos impactos e pudesse ao menos descansar em paz e com sossego pelo resto da vida. Senti uma compaixão dolorosa pelo infeliz marido (embora tivesse plena consciência de que era o responsável por cada partícula de seu sofrimento, e soubesse muito bem que merecia todos eles) e uma profunda empatia pelas angústias dela, além de uma enorme ansiedade quanto às consequências dos cuidados fustigantes, das vigílias pavorosas, do confinamento contínuo e deletério ao lado de um cadáver vivo — pois estava convencido de que não aludira nem a metade dos sofrimentos que tivera que suportar.

“Você vai encontrá-la, Lawrence?”, perguntei, ao pôr a carta na mão dele.

“Vou, imediatamente.”

“Isso mesmo! Então vou deixá-lo a sós para você se preparar para a viagem.”

“Já me preparei, enquanto você lia a carta e antes de você chegar; e a carruagem está chegando ali na porta.”

Aprovando no meu íntimo sua agilidade, eu lhe dei bom-dia e me retirei. Ele me lançou um olhar perscrutador quando trocamos um aperto de mãos para nos despedirmos; mas independentemente do que procurasse em meu semblante, não deve ter visto nada além da seriedade mais decorosa, talvez misturada a uma certa dureza devido

ao ressentimento passageiro pelo que eu imaginava que se passava em sua cabeça.

Teria me esquecido de minhas próprias perspectivas, meu amor fervoroso, minhas esperanças persistentes? Parecia um sacrilégio retomá-los agora, mas não havia me esquecido deles. No entanto, era com um senso soturno da escuridão dessas perspectivas, da falácia dessas esperanças e da vaidade desse afeto que eu refletia sobre essas coisas ao montar a cavalo e voltar para casa sem pressa. Agora a sra. Huntingdon estava livre: já não era um crime pensar nela — mas será que ela pensava *em mim*? — não *agora* — claro que não esperaria isso — mas ela pensaria quando o choque tivesse passado? — Durante o decorrer da correspondência com o irmão (nosso amigo em comum, como ela o chamara), ela só mencionou meu nome uma vez — e foi por necessidade. Só isso já me dava uma forte base para supor que tinha me esquecido; porém, essa não era a pior parte: talvez fosse o senso de responsabilidade o que a mantivera em silêncio, talvez estivesse apenas *tentando* se esquecer; mas além disso, eu tinha a sombria convicção de que as realidades terríveis que vira e sentira, sua reconciliação com o homem que outrora amara, o sofrimento e a morte tenebrosos dele, deviam ter acabado por obliterar de sua mente todos os rastros de seu amor passageiro por mim. Talvez se recuperasse desses horrores a ponto de recobrar a saúde de antes, a tranquilidade, até a alegria — mas nunca aqueles sentimentos que lhe pareceriam, dali em diante, um capricho efêmero, um sonho vão, ilusório; principalmente porque não havia quem a lembrasse de minha existência — não havia meios de assegurar minha constância fervorosa, agora que estávamos tão longe um do outro, e o escrúpulo me proibia de visitá-la ou de lhe escrever, pelo menos por alguns meses. E como poderia aliciar seu irmão a me ajudar?, como quebrar aquela crosta de gelo da circunspecção acanhada? Talvez ele condenasse meu apego agora, assim como antes; talvez me achasse pobre demais — de família muito modesta para sua irmã. Sim, havia um outro obstáculo: sem dúvida havia uma grande diferença entre o status e a condição da sra. Huntingdon, a senhora da Mansão Grassdale, e a sra. Graham, artista e inquilina de Wildfell Hall; e

talvez fosse considerada presunção minha oferecer minha mão à primeira — pelo mundo, pelos amigos dela — se não por ela mesma — um castigo que eu poderia enfrentar, se tivesse certeza de seu amor por mim; mas caso contrário, como poderia? E, por fim, o finado marido, com o egoísmo habitual, podia ter elaborado o testamento impondo restrições a um novo casamento. Portanto, perceba que eu tinha razões suficientes para desespero caso decidisse me entregar a ele.

Ainda assim, não foi com pouca impaciência que aguardei que o sr. Lawrence chegasse de Grassdale — impaciência que aumentava à medida que sua ausência se prolongava. Ele ficou uns onze ou doze dias longe. Tudo bem que precisasse ficar lá para reconfortar e ajudar a irmã, mas poderia ter me mandado uma carta dizendo como ela estava — ou pelo menos me dizer quando esperá-lo, pois devia saber que eu era torturado pela angústia que sentia por ela e pela incerteza quanto às minhas perspectivas futuras. E quando ele chegou, a única coisa que me contou sobre ela foi que estava exausta e desgastada pelos esforços incessantes em prol do homem que fora o flagelo de sua vida e quase a arrastara consigo até os portões do túmulo — e ainda estava muito abalada e deprimida por seu fim melancólico e pelas circunstâncias que o acompanharam; mas não deu uma palavra em referência a mim — nenhuma insinuação de que meu nome tivesse passado por seus lábios ou sequer tivesse sido pronunciado na presença dela. Claro que não fiz perguntas sobre o assunto: não conseguia me convencer a fazê-lo, já que acreditava que na verdade Lawrence era avesso à ideia de minha união com a irmã.

Vi que ele esperava mais perguntas sobre sua visita, e vi também, com a percepção ávida despertada pelo ciúme ou pelo sobressalto da autoestima — ou seja qual for o nome que eu deva dar — que ele recuava perante o escrutínio iminente, e ficou tão satisfeito quanto surpreso ao notar que não viria. Claro que eu estava fervendo de raiva, mas o orgulho me obrigava a conter minhas emoções e a conservar um semblante tranquilo — ou pelo menos uma calma estoica ao longo do encontro. Era bom que fosse assim, pois, revendo a questão com meu juízo sóbrio, preciso dizer que teria sido um

absurdo e uma inconveniência enormes ter discutido com ele naquela ocasião: também preciso confessar que no meu coração fui injusto com ele: a verdade era que gostava muito de mim, mas tinha plena consciência de que uma união entre mim e a sra. Huntingdon seria o que o mundo chama de *mésalliance*, e não era de sua natureza desafiar o mundo — sobretudo em um caso como esse, pois as risadas horríveis e as opiniões desfavoráveis seriam muito mais terríveis para ele se dirigidas à irmã e não a si mesmo. Caso acreditasse que a união era necessária à felicidade de ambos, ou de um de nós, ou soubesse com que veemência eu a amava, ele teria agido de outra forma, mas ao me ver tão tranquilo e sereno, não perturbaria meu estado reflexivo por nada neste mundo, e embora se abstinhasse de se opor ativamente ao par, ele nada fazia para viabilizá-lo, e preferia tomar o lado da prudência, nos ajudando a superar as predileções recíprocas, e não o dos sentimentos, incentivando-os. “E ele tinha razão nisso”, você dirá. Talvez tivesse — de qualquer modo, eu não tinha por que sentir por ele a amargura que sentia; porém, na época não conseguia enxergar a questão sob uma luz tão amena; e, após uma breve conversa sobre assuntos diversos, fui embora, sofrendo todas as dores do orgulho ferido e da amizade machucada, além das resultantes do medo de que eu tivesse mesmo sido esquecido, e a ideia de que minha amada estava sozinha e angustiada, sofrendo com a saúde enfraquecida e o ânimo abatido, e de que eu estava proibido de consolá-la ou ajudá-la — proibido até de lhe assegurar de minha compaixão, pois a transmissão dessa mensagem através do sr. Lawrence agora estava totalmente fora de cogitação.

Mas o que eu devia fazer? Aguardaria para ver se ela me notaria — o que, é claro, não aconteceria, a não ser por meio de uma mensagem gentil confiada ao irmão, que muito provavelmente ele não me entregaria, e então — que pensamento pavoroso! — ela me acharia distante e transformado por não respondê-la — ou talvez ele já tivesse dado a entender que eu não pensava mais nela! Eu aguardaria, no entanto, até que os seis meses desde nossa despedida tivessem passado (o que aconteceria no final de fevereiro) e então lhe enviaria uma carta, relembrando com humildade da permissão dada para que eu lhe

escrevesse no fim daquele período, e esperando que pudesse me aproveitar dessa licença pelo menos para exprimir meu sincero pesar por seus sofrimentos nos últimos tempos, meu justo apreço por sua conduta generosa e minha expectativa de que sua saúde já estivesse restabelecida, e de que, em algum momento, ela pudesse desfrutar das bênçãos da vida pacata, feliz, que lhe fora negada por tanto tempo, mas que ninguém mais do que ela merecia — acrescentando algumas palavras de cumprimentos gentis ao meu amiguinho Arthur, com a torcida de que não tivesse se esquecido de mim e, talvez, mais algumas referências ao passado — às horas agradáveis que eu passara em sua companhia, e minhas lembranças imperecíveis desses momentos, que eram o tempero e a consolação da minha vida — e a esperança de que seus problemas recentes não me tivessem banido por completo de sua mente. — Caso ela não respondesse, é claro que eu não escreveria mais; caso respondesse (como ela certamente faria, de *alguma* forma) minha conduta futura seria influenciada pela sua réplica.

Dez semanas era muito tempo para aguardar naquele estado tenebroso de incerteza, mas coragem!, precisava aguentar — e nesse ínterim continuaria vendo Lawrence de vez em quando, mas não com a mesma frequência de antes, e seguiria com minhas perguntas habituais pela irmã — se tinha notícias recentes dela, e como ela estava, mas nada mais.

Foi o que fiz, e as respostas recebidas sempre me irritavam por se restringirem à pergunta, literalmente: ela está como sempre, não se queixa, mas o tom da última carta indica uma grande depressão — Ela disse que está melhor — e por fim: — Ela disse que está bem, e muito ocupada com a educação do filho e a administração da propriedade do falecido marido e a organização de seus negócios. O crápula nunca me disse o que foi feito da propriedade, ou se o sr. Huntingdon morrera sem ter feito um testamento; e eu preferiria morrer a lhe perguntar, assim não poderia interpretar como cobiça minha vontade de saber. Agora ele nunca se oferecia para me mostrar as cartas da irmã e eu nunca dava a entender que queria vê-las. Fevereiro, entretanto, estava chegando; dezembro já havia passado; janeiro estava quase no fim —

mais algumas semanas e então um certo desespero ou renovação da esperança colocaria um ponto-final nessa longa agonia de suspense.

Mas que infelicidade! Foi bem por volta dessa época que foi convocada a suportar outro golpe com a morte do tio — um senhor bastante imprestável, por si só, ousou dizer, mas que sempre demonstrara mais bondade e afeto por ela do que qualquer outra pessoa, e que ela sempre vira como um pai. Estava com ele quando faleceu, e ajudara a tia a cuidar dele durante a última fase da doença. O irmão fora a Staningley para o funeral, e me contou, na volta, que ela continuava lá, tentando animar a tia com sua presença, e era provável que permanecesse mais um tempo. Era uma má notícia para mim, pois enquanto continuasse lá, eu não poderia lhe escrever, já que não sabia o endereço e não o pediria a ele. Mas as semanas foram se passando e sempre que perguntava ela continuava em Staningley.

“Onde fica Staningley?”, indaguei, por fim.

“Em —shire”, foi a sucinta resposta, e havia algo tão frio e seco no seu tom que realmente fui dissuadido de pedir uma descrição mais precisa.

“Quando ela vai voltar a Grassdale?”, foi a minha pergunta seguinte.

“Não sei.”

“Mas que diabos!”, murmurei.

“Por quê, Markham?”, questionou meu amigo, com ares de surpresa inocente. Mas não me dignei a responder, a não ser por um olhar de desdém silencioso, emburrado, diante do qual ele virou o rosto e fitou o tapete com um leve sorriso, meio pensativo, meio divertido; mas logo depois ergueu os olhos e começou a falar de outros assuntos, tentando me atrair para uma conversa animada e amistosa; porém, eu estava irritado demais para trocar ideias com ele, e fui logo embora.

Como você pode ver, Lawrence e eu não conseguíamos nos entender muito bem. A verdade é que, creio eu, ambos éramos um pouquinho melindrosos. É uma coisa problemática, Halford, essa suscetibilidade às afrontas que não são intencionais. Não sou um mártir delas agora, como você é testemunha: aprendi a ser alegre e sábio, a ser mais leve comigo mesmo e mais tolerante com meus próximos, e posso me

permitir dar risadas de Lawrence e de você.

Um pouco por acaso e um pouco por conta de uma negligência deliberada de minha parte (pois de fato começava a desgostar dele), algumas semanas transcorreram até eu rever meu amigo. Quando nos encontramos, foi *ele* quem *me* procurou. Em uma manhã clara do começo de junho, ele entrou no campo onde eu estava começando minha colheita de feno.

“Faz tempo que não o vejo, Markham”, ele comentou depois de trocarmos as primeiras palavras. “Você não pretende voltar a Woodford nunca mais?”

“Fui visitá-lo uma vez e você não estava.”

“Eu lastimei, mas isso já faz tempo; esperava que você aparecesse de novo; e depois *eu* vim visitá-lo e *você* não estava — como geralmente não está, senão eu me daria a satisfação de visitá-lo com mais frequência — mas como desta vez estava decidido a vê-lo, deixei meu pônei no caminho, pulei a sebe e o fosso para vir ao seu encontro, pois estou para passar um tempo longe de Woodford, e talvez só tenha o prazer de revê-lo daqui a um ou dois meses.”

“Aonde você vai?”

“Primeiro a Grassdale”, disse ele, com um meio-sorriso que teria contido de bom grado caso pudesse.

“A Grassdale! Então ela está lá?”

“Sim, mas daqui a um ou dois dias ela vai embora para acompanhar a sra. Maxwell a F— para tirar proveito da maresia, e eu vou junto.” (F—, na época, era uma estação de águas sossegada mas respeitável; hoje é muito mais frequentada.)

Lawrence parecia esperar que eu tirasse vantagem da situação para lhe confiar algum recado à irmã, e creio que teria se comprometido a entregá-lo sem fazer nenhuma objeção substancial se eu tivesse tido a ideia de pedir; mas era óbvio que não se *ofereceria* a fazer isso se eu não tomasse a iniciativa de abordar o assunto. Porém, não consegui fazer o pedido; e foi só depois que ele partiu que percebi a bela oportunidade que desperdiçara — e de fato, aliás, me arrependi muito da minha burrice e do meu orgulho tolo, mas já era tarde demais para corrigir o equívoco.

Ele só voltou no final de agosto. Escreveu-me duas ou três vezes de F—, mas as cartas eram de uma insuficiência irritante, pois falava de generalidades ou bobagens com as quais eu não me importava, ou eram repletas de opiniões e reflexões igualmente importunas para mim naquela época — não dizendo quase nada sobre a irmã, e um pouco mais sobre si. Eu aguardaria, entretanto, até que regressasse; talvez então conseguisse lhe arrancar mais coisas. De qualquer modo, não escreveria para ela agora, enquanto estava com ele e com a tia, que sem dúvida seria ainda mais hostil às minhas aspirações presunçosas do que ele. Quando ela tivesse voltado ao sossego e à solidão da própria casa, eu teria uma oportunidade mais conveniente.

Quando Lawrence chegou, contudo, estava mais discreto do que nunca quanto ao alvo da minha forte ansiedade. Ele me contou que a irmã extraíra um benefício considerável da estadia em F—, que o filho dela estava muito bem, e — infelizmente! que ambos tinham voltado, com a sra. Maxwell, para Staningley — e ali ficaram pelo menos três meses. Mas em vez de entediá-lo com meu desgosto, minhas expectativas e decepções, minhas flutuações entre o abatimento maçante e a esperança tremeluzente, minhas diversas resoluções, ora de esquecer do assunto, ora de perseverar — ora de tomar uma atitude ousada, ora de deixar as coisas passarem e cumprir minha sentença com paciência — vou me dedicar a terminar a história de um ou dois dos personagens introduzidos no decorrer desta narrativa, que talvez eu não tenha a chance de mencionar novamente.

Um tempo antes do falecimento do sr. Huntingdon, Lady Lowborough fugiu com outro homem galante para o continente, onde, depois de viver um tempo na folia e na devassidão despreocupadas, eles brigaram e se separaram. Ela passou uma temporada de animação, mas os anos chegaram e o dinheiro se foi: ela se afundou, por fim, na dificuldade e nas dívidas, na desgraça e na angústia; e morreu, por fim, conforme ouvi falar, na penúria, no abandono e na infelicidade absoluta. Mas talvez seja apenas boato: talvez ainda esteja viva, pelo que eu ou qualquer um de seus parentes e antigos conhecidos sabemos, pois todos a perdemos de vista anos atrás, e a esqueceríamos totalmente se fosse possível. O marido, no entanto,

diante desse segundo delito, logo procurou e obteve o divórcio, e não muito tempo depois se casou outra vez. Era bom que o tivesse feito, pois Lord Lowborough, ressentido e melancólico como estava, não era talhado para a vida de solteiro. Nenhum interesse público, nenhum projeto ambicioso, nenhuma ocupação ativa — nem mesmo laços de amizade (se tinha algum amigo) poderia substituir aos olhos dele a ausência de confortos e carinhos domésticos. Ele tinha um filho e uma filha com seu sobrenome, é verdade, mas eram uma lembrança dolorosa da mãe, e a coitada da pequena Annabella era uma fonte de amargura perpétua para sua alma. Ele tinha se obrigado a tratá-la com bondade paterna: havia se forçado a não odiá-la, e até, talvez, a sentir certo grau de consideração amável por ela, no mínimo, em troca do apego sincero e confiante que ela lhe tinha; porém, a amargura de sua autocondenação pelos sentimentos que tinha por aquele ser inocente, suas constantes lutas para dominar os ímpetus malignos de sua natureza (pois não era generosa), embora em certa medida fossem imaginadas por aqueles que o conheciam, só poderiam ser do conhecimento de Deus e de seu próprio coração — assim como a dificuldade de seus conflitos diante da tentação de retomar o vício da juventude, e de buscar o esquecimento das calamidades do passado e o entorpecimento da desgraça atual de um coração frustrado, uma vida sem alegrias, sem amigos, e uma mente morbidamente desconsolada, ao se entregar de novo àquele insidioso adversário da saúde, da sensatez e da virtude que outrora o escravizara e degradara de forma tão deplorável.

O segundo objeto de sua escolha era muito diferente do primeiro. Alguns se admiravam de seu gosto; alguns chegaram a ridicularizá-lo — mas nisso a tolice dos detratores era mais evidente que a dele. A moça tinha mais ou menos a idade dele — isto é, entre trinta e quarenta anos — e não era notável nem pela beleza nem pela fortuna, tampouco pelas habilidades brilhantes, tampouco por qualquer outra coisa de que eu tenha ouvido falar, a não ser o bom senso genuíno, a integridade inabalável, a compaixão diligente, a benevolência calorosa e o estoque de alegria. Essas qualidades, no entanto, como você deve logo imaginar, tornavam-na uma excelente mãe para as crianças e

uma esposa inestimável para o lorde. *Ele*, com sua contumaz autodepreciação (ou apreciação?), a considerava boa demais para si, e embora se admirasse da bondade da Providência em lhe conceder aquele presente, e até do gosto dela, que o preferira a outros homens, fazia o máximo para retribuir o bem que ela lhe fazia, e se saía bem, pois ela era, e creio que ainda seja, uma das esposas mais felizes e carinhosas da Inglaterra; e todos que questionam o bom gosto de um ou do outro devem ser gratos caso seus respectivos escolhidos lhe deem metade da satisfação genuína, ou lhes retribuam a preferência com um afeto que seja tão duradouro e sincero.

Caso você tenha algum interesse pelo destino daquele vil patife, Grimsby, posso lhe dizer que ele foi de mal a pior, afundando de poço em poço de vício e vilania, relacionando-se apenas com os piores membros do clube e as piores escórias da sociedade — felizmente, para o resto do mundo — e por fim deparou com a morte em uma briga de bêbados!, pelas mãos, segundo dizem, de um outro patife que trapaceara no jogo.

Quanto ao sr. Hattersley, ele nunca se esqueceu por completo da decisão de sair “do meio de tal gente” e se comportar como homem e cristão, e a doença e a morte do amigo Huntingdon, outrora jovial, lhe causaram uma impressão tão profunda e séria quanto ao malefício de suas antigas práticas que ele nunca mais precisou de outra lição desse tipo. Evitando as tentações da cidade, continuou a passar a vida no interior, imerso nas atividades habituais de um aristocrata rural vigoroso e ágil; suas ocupações eram a lavoura, a criação de cavalos e gado, diversificados com um pouco de caça e tiro, e alentados pela companhia ocasional dos amigos (amigos melhores do que aqueles da juventude) e pela convivência com sua alegre esposinha (agora contente e confiante como seu coração desejava) e com sua bela família de filhos atléticos e filhas exuberantes. Como seu pai, o banqueiro, morrera alguns anos antes e lhe deixara toda a fortuna, ele agora tinha oportunidades de dar vazão a seus gostos prevalecentes, e não preciso nem lhe dizer que o excelentíssimo Ralph Hattersley é celebrado país afora por sua nobre criação de cavalos.

51. Um acontecimento inesperado

Agora vamos nos voltar para certa tarde sossegada, fria, nublada, no começo de dezembro, quando a primeira neve formava camadas finas espalhadas pelos campos arruinados e pelas estradas congeladas, ou camadas mais densas nas cavidades dos sulcos feitos pelas carroças e pelas pegadas de homens e cavalos, impressos no atoleiro agora petrificado das chuvas fortes do mês anterior. Eu me lembro bem, pois estava indo do vicariato para minha casa, com uma pessoa não menos notável do que a srta. Eliza Millward a meu lado. Havia prestado uma visita a seu pai — um sacrifício de civilidade que cumpri somente para agradar a minha mãe, não a mim mesmo, pois detestava chegar perto daquela casa; não apenas por conta de minha antipatia pela outrora tão encantadora Eliza, mas porque não perdoara o velho cavalheiro pela opinião maldosa que tinha a respeito da sra. Huntingdon, pois embora agora fosse coagido a admitir seu engano no juízo que fizera, ele ainda defendia que ela errara ao abandonar o marido: tratava-se de uma violação de seus deveres sagrados como esposa, e uma provocação da Providência por se mostrar vulnerável à tentação; e apenas o maltrato físico (e não de uma natureza trivial) poderia justificar um passo como esse — nem mesmo isso, pois nesse caso precisava recorrer às leis para se proteger. Mas não era dele que eu pretendia falar: era de sua filha Eliza. No momento em que saía da casa do vigário, ela entrou na sala, pronta para dar uma caminhada.

“Eu estava de saída para visitar sua irmã, sr. Markham”, declarou, “portanto, caso não faça objeção, vou acompanhá-lo até em casa. Gosto de companhia quando estou caminhando — o senhor não gosta?”

“Sim, quando é agradável.”

“Sim, é claro”, replicou a moça, dando um sorriso travesso. Assim, saímos juntos.

“O senhor acha que vou encontrar a Rose em casa?”, ela indagou, quando fechamos o portão do jardim e nos pusemos a caminho de Linden-car.

“Creio que sim.”

“Tenho fé que sim, pois tenho umas novidades para contar — se o senhor não passou à minha frente.”

“Eu?”

“Sim; o senhor sabe por que o sr. Lawrence viajou?” Ela ergueu os olhos, ansiosa por minha resposta.

“Ele *viajou*?”, questionei, e o rosto dela ficou radiante.

“Ah! Então ele não lhe contou sobre a irmã?”

“O que tem *ela*?”, interpelei, aterrorizado com a ideia de que algum mal tivesse se abatido sobre ela.

“Ah, sr. Markham, como suas faces ficam vermelhas!”, ela exclamou com uma risada enervante. “Rá, Rá, o senhor ainda não se esqueceu dela! Mas é melhor que o senhor corra, isso eu posso lhe dizer, porque — que infelicidade! — ela vai se casar na próxima quinta-feira!”

“Não, srta. Eliza! É mentira.”

“O senhor está me acusando de mentir, senhor?”

“A senhorita está mal informada.”

“Estou? Então o senhor está mais informado do que eu?”

“Imagino que sim.”

“Então por que o senhor está tão pálido?”, ela questionou, sorrindo de deleite com minha emoção. “É raiva de mim, uma pobre coitada que conta mentiras? Bem, só ‘conto a história como me foi contada’. Não juro que é verdade, mas, ao mesmo tempo, não vejo que razão a Sarah teria para me enganar, ou que o informante dela teria para enganá-la; e foi o que ela me disse que o laçao lhe disse — que a sra. Huntingdon se casaria na quinta-feira e que o sr. Lawrence ia ao casamento. Ela me contou o nome do cavalheiro, mas eu me esqueci. Talvez o senhor consiga me ajudar a lembrar. Não tem alguém que

vive perto — ou que está sempre visitando a vizinhança, que há muito é afeiçoado a ela? Um tal de senhor — ah, meu Deus! — senhor...”

“Hargrave?”, sugeri, com um sorriso azedo.

“Isso mesmo!”, ela bradou, “era esse mesmo o nome.”

“Impossível, srta. Eliza!”, exclamei em um tom que a assustou.

“Bom, foi isso o que me disseram”, ela retrucou, fitando meu rosto com tranquilidade. E então ela soltou uma longa gargalhada estridente que me deixou sem reação de tanta fúria.

“De verdade, o senhor precisa me desculpar”, ela disse, “sei que é muito rude, mas rá, rá, rá! — O senhor achava que ia se casar com ela? — Ah, querido, que pena! Rá, rá, rá! — Meu Deus, sr. Markham! O senhor vai desmaiar? Misericórdia! Devo chamar aquele homem ali? Jacob, venha cá...” Mas contendo as palavras em seus lábios, segurei-lhe o braço e dei, acho eu, um apertão forte, pois ela estremeceu com um berro fraco de dor e terror; porém, o espírito dentro dela não foi dominado: recuperando-se no mesmo instante, ela prosseguiu com uma preocupação fingida:

“Como posso ajudá-lo? Quer uma água — um conhaque? — Imagino que tenham naquela taverna ali embaixo, caso o senhor queira que eu corra lá.”

“Pare com essa tolice!”, bradei com firmeza. Ela ficou desconcertada — quase amedrontada novamente, por um instante. “A senhorita sabe que detesto essas piadas”, continuei.

“*Piadas mesmo! Eu não estava fazendo piada!*”

“Mas estava rindo, e não gosto que riam de mim”, rebati, fazendo um esforço violento para falar com dignidade e compostura e não dizer nada além do que era coerente e sensato. “E como a senhorita está muito alegre, deve ser uma boa companhia para si mesma, e por isso vou deixar que termine sua caminhada sozinha — pois, pensando agora, tenho que ir a outro lugar; portanto, tenha uma boa-noite.”

Com isso, me afastei dela (abafando sua risada maliciosa) e me voltei para os campos, subindo a margem do rio, enfiando-me pela fresta mais próxima que havia na sebe. Decidido a provar a verdade — ou melhor, a falsidade da história, corri para Woodford na maior agilidade com que minhas pernas poderiam me levar — primeiro,

cumprindo uma rota tortuosa, mas no momento em que saí do campo de visão da minha pálida torturadora, fui cortando caminho pelo campo, assim como um pássaro voaria — sobre pastos e terras alqueivadas, restolhos e aleias — desviando de sebes e fossos, além de barreiras, até chegar ao portão da casa do jovem fazendeiro. Até então, nunca soubera do fervor do meu amor — de toda a força de minhas esperanças, que não foram esmigalhadas nem nas minhas horas de desânimo mais profundo, sempre se apegando com obstinação à ideia de que um dia ela seria minha — ou se não isso, que ao menos aquelas minhas lembranças, uma leve recordação de nossa amizade e nosso amor, seriam acalentadas para sempre no coração dela. Marchei até a porta, determinado, caso visse o dono da casa, a questioná-lo sem rodeios quanto à irmã, a não mais esperar e hesitar, mas dar as costas à falsa delicadeza e ao orgulho bobo e saber logo qual seria meu destino.

“O sr. Lawrence está em casa?”, perguntei avidamente ao criado que abriu a porta.

“Não, senhor, o patrão viajou ontem”, ele declarou, muito atento.

“Viajou para onde?”

“Para Grassdale, senhor — o senhor não estava sabendo? O patrão já deve estar perto”, o sujeito falou com um sorriso tolo, afetado. “Eu imagino, senhor...”

Mas me virei e fui embora, sem querer ouvir o que ele imaginava. Eu não ficaria ali para expor meus sentimentos atormentados à risada insolente e à curiosidade impertinente de um sujeito como aquele.

Mas o que fazer agora? Seria possível que tivesse me deixado por *aquele* homem? Não conseguia acreditar. Ela podia até desistir de mim, mas *não* se entregar a ele! Bem, eu descobriria a verdade — não poderia cuidar dos problemas do cotidiano enquanto essa tempestade de dúvidas e medos, de ciúme e ira me distraía. Podia tomar a diligência matinal de L— (a do fim de tarde já devia ter partido) e ir voando para Grassdale, pois *precisava* chegar lá antes do casamento. E por quê? Porque a ideia tinha me ocorrido, de que *talvez* eu pudesse evitá-lo — de que se não o fizesse, ela e eu lamentaríamos até o último segundo de nossas vidas. Passou-me pela cabeça que alguém

poderia ter lhe dado uma ideia falsa sobre mim: talvez o irmão — sim, sem dúvida o irmão a convencera de que eu era falso e incrédulo, e tirando proveito de sua indignação natural, e talvez de seu descuido apático quanto à vida futura, ele a instara, de forma engenhosa, cruel, a fazer esse outro casamento a fim de protegê-la de mim. Se *era esse* o caso, e se ela só descobrisse o erro cometido quando já fosse tarde demais para corrigi-lo — a que vida de sofrimento e vão arrependimento poderia estar condenada, assim como eu!, e que remorso para mim, pensar que meus escrúpulos tolos haviam provocado aquilo tudo! Ah, eu *precisava* vê-la — ela tinha que saber da minha verdade ainda que eu a declarasse da porta da igreja! Poderia me passar por louco ou por um tolo impertinente — mesmo se ela se ofendesse com a interrupção, ou me dissesse que era tarde demais — mas eu *poderia* salvá-la! Se ela *pudesse* ser minha — era uma ideia arrebatadora!

Animado por essa esperança, e instigado por esses medos, corri para casa a fim de preparar minha partida no dia seguinte. Disse à minha mãe que havia negócios urgentes, que não admitiam adiamentos, mas que eu não podia explicar, obrigando-me a ir a — (a última cidade grande pela qual eu passaria). Era impossível esconder minha enorme angústia e preocupação alarmante dos olhos maternos, e tive muita dificuldade em apaziguar suas apreensões perante um mistério desastroso.

Naquela noite, caiu uma forte nevasca que retardou o avanço dos coches de tal forma no dia seguinte que quase fui à loucura. Viajei a noite inteira, é claro, pois era quarta-feira: na manhã seguinte, sem dúvida, aconteceria o casamento. Mas a noite foi longa e escura; a neve entupia as rodas e enchia as patas dos cavalos: os animais estavam muito preguiçosos, os cocheiros tinham uma cautela execrável, os passageiros eram de uma apatia abominável em sua indiferença indolente à velocidade do nosso progresso. Em vez de me ajudar a intimidar os vários cocheiros e conclamá-los a seguir em frente, apenas olhavam e sorriam da minha impaciência; um sujeito até se arriscou a zombar de mim — mas eu o calei com um olhar que o subjugou pelo resto da viagem — e quando, no último trecho, eu

teria tomado as rédeas nas minhas próprias mãos, eles todos concordaram unanimemente em se opor à medida.

Em plena luz do dia, entramos em M— e paramos na estalagem Rose and Crown. Desci e chamei uma carruagem para ir a Grassdale. Não havia nenhuma: a única da cidade estava em conserto. “Um trole, então — um cabriolé — qualquer coisa — só tem que ser rápido!” Havia um trole, mas não havia cavalo sobrando. Mandeí que fossem à cidade procurar um; mas demoravam tanto que não aguentei esperar: pensei que meus pés me levariam mais rápido, e pedindo que mandassem o maldito veículo atrás de mim, se estivesse pronto dali a uma hora, me pus a andar o mais depressa que pude. A distância era de quase dez quilômetros, mas a estrada era esquisita, e eu tinha que parar sempre para perguntar o caminho — chamando a atenção de carroceiros e campesinos, e volta e meia invadindo casebres, pois havia poucas pessoas na rua naquela manhã de inverno — às vezes tirando os preguiçosos da cama, pois, como tinham pouco trabalho para fazer — e talvez tão pouca comida e fogo para arrumar, eles não queriam encurtar o sono. No entanto, eu não tinha tempo para pensar *neles*: sofrendo de cansaço e desespero, segui apressado. O trole não me alcançou: era bom que não tivesse esperado — ou melhor, era irritante que tivesse sido tolo a ponto de esperar tanto tempo.

Por fim, contudo, entrei na vizinhança de Grassdale. Aproximei-me da igreja rural — e pasme!, havia um comboio de carruagens na frente dela — não precisava das fitas brancas que enfeitavam os criados e os cavalos, nem das vozes alegres dos vadios do vilarejo reunidos para assistir ao espetáculo, para que eu soubesse que ali dentro acontecia um casamento. Corri entre eles, exigindo saber, com uma avidez ofegante, se fazia muito tempo que a cerimônia começara. Eles apenas se embasbacaram e observaram. No meu desespero, passei por eles às cotoveladas, e estava prestes a entrar pelo portão do cemitério da igreja quando um grupo de crianças maltrapilhas, que se aglomeravam como abelhas nas janelas, de repente se afastaram e foram correndo para a entrada, vociferando no dialeto inculto da região algo que significava “Acabou — eles estão saindo!”.

Se Eliza Millward tivesse me visto, teria mesmo ficado muito

satisfeita. Segurei o portão para me apoiar, e fiquei parado, olhando atentamente para a porta, para dar uma última olhada no deleite da minha alma, minha primeira para aquele mortal detestável que a arrancara do meu coração, e a condenara, eu tinha certeza, a uma vida de sofrimento e lamentos vazios, vãos — pois que felicidade poderia ter com ele? Eu não queria surpreendê-la com a minha presença naquele momento, mas não tinha forças para me afastar. Os noivos apareceram. Ele, eu não vi: só tinha olhos para ela. Um longo véu encobria metade de sua figura graciosa, mas não a escondia; eu via que estava de cabeça erguida, mas os olhos miravam o chão e o rosto e o pescoço tinham um rubor carmesim; mas todos os traços estavam radiantes, sorridentes, e, brilhando por entre a brancura enevoadada do véu, havia mechas de cachos dourados! Ó Céus! *Não era* a minha Helen! O primeiro vislumbre me assustou — mas meus olhos foram toldados pela exaustão e pelo desespero — podia confiar neles? Sim — *não* era ela! Era uma beldade mais jovem, mais delgada, rosada — adorável, de fato, mas tinha bem menos nobreza e profundidade espiritual — não tinha aquela graça indefinível, aquele charme *espirituoso* mas afável, aquele poder inefável de atrair e subjugar o coração — o *meu* coração, pelo menos. Olhei para o noivo — era Frederick Lawrence! Enxuguei as gotas frias que escorriam pela minha testa e recuei quando ele se aproximou, mas seu olhar recaiu em mim, e ele me reconheceu, por mais que minha aparência estivesse transformada.

“É você, Markham?”, indagou, assustado e confuso com a aparição — e talvez também com a minha aparência selvagem.

“Sim, Lawrence — é você?”, tive a presença de espírito de retrucar.

Ele sorriu e enrubesceu, como se meio orgulhoso e meio envergonhado de sua identidade; e se tinha razão para se orgulhar da moça doce em seu braço, não tinha menos razão para se envergonhar de ter escondido sua boa sorte por tanto tempo.

“Permita-me apresentar minha noiva”, ele disse, tentando disfarçar o constrangimento com um ar de júbilo despreocupado. “Esther, este é o sr. Markham, meu amigo Markham, esta é sra. Lawrence, antiga srta. Hargrave.”

Fiz uma medida para a noiva e apertei a mão do noivo com veemência.

“Por que você não me falou?”, indaguei em tom de reprovação, fingindo um ressentimento que não sentia (pois na verdade estava quase louco de euforia por ter tido a sorte de me enganar, e transbordava de afeto por ele por conta disso e pela injustiça desprezível que sentia haver cometido contra ele na minha mente — ele poderia ter me feito mal, mas não àquele ponto; e como eu o odiara como a um demônio nas últimas quarenta horas, a reação a tal sentimento foi tão grandiosa que naquele momento eu perdoaria todas as ofensas — e o amaria apesar delas).

“Falei, *sim*”, contestou, com um ar de confusão culpada, “você não recebeu a minha carta?”

“Que carta?”

“A carta em que anuncio meu futuro casamento.”

“Nunca recebi nem a mais distante alusão a tal intento.”

“Ela deve ter cruzado com você pelo caminho, então — era para ter chegado ontem de manhã — já era tarde, reconheço. Mas o que o traz aqui, se você não recebeu informação nenhuma?”

Era a *minha* vez de ficar desconcertado, mas a jovem, que vinha se ocupando de pisotear a neve com os pés durante nosso colóquio breve, sotto voce, convenientemente veio em meu socorro ao beliscar o braço do companheiro e sussurrar a sugestão de que o amigo dele fosse convidado a entrar na carruagem e ir com eles: não era muito agradável ficar ali de pé, em meio a tantos observadores, e ainda por cima deixar os amigos esperando.

“E com este frio que está fazendo!”, disse ele, olhando consternado para a roupa fina que ela usava, e de imediato ajudando-a a entrar na carruagem. “Markham, você vem? Nós vamos a Paris, mas podemos deixá-lo em qualquer ponto entre este aqui e Dover.”

“Não, obrigado. Adeus — nem preciso lhes desejar uma boa viagem; mas vou esperar uma bela desculpa, uma hora dessas, e diversas cartas até nos reencontrarmos.”

Ele apertou minha mão e se apressou em se acomodar ao lado da esposa. Não era hora nem lugar para explicações ou discursos: já

tínhamos ficado ali tempo demais para provocar a curiosidade dos observadores do vilarejo, e talvez a ira do grupo presente ao casamento; embora, é claro, toda a situação tivesse acontecido em muito menos tempo do que levei para relatá-la ou até para que você a leia. Fiquei de pé ao lado da carruagem e, com a janela abaixada, vi meu amigo feliz passar o braço carinhosamente em torno da cintura da companheira, enquanto ela repousava o rosto radiante em seu ombro, parecendo a própria personificação do êxtase amoroso, confiante. No intervalo entre o laçao fechar a porta e se acomodar na traseira, ela ergueu os olhos castanhos sorridentes para o rosto dele, observando em tom jocoso:

“Você deve me achar muito insensível, Frederick: sei que o costume é que as mulheres chorem nessas ocasiões, mas não consegui derramar uma lágrima que fosse.”

Ele respondeu apenas com um beijo, e a apertou com mais força contra seu peito.

“Mas o que é isso?”, ele murmurou. “Oras, Esther, você está chorando agora!”

“Ah, não é nada — é só o excesso de felicidade — e o desejo”, ela soluçou, “de que nossa querida Helen fosse feliz como nós somos.”

Abençoada seja por esse desejo!, respondi em pensamento enquanto a carruagem ia embora, *e que os Céus não deixem que ele seja de todo vão.*

Achei que uma nuvem tivesse turvado de repente o rosto do marido enquanto falava. O que *ele* achava? Será que se ressentiria caso a querida irmã e o amigo encontrassem aquela felicidade que agora sentia? *Naquele* momento era impossível. O contraste entre o destino dela e o dele *devia* obscurecer seu júbilo por algum tempo. Talvez ele também pensasse em mim; talvez se arrependesse do papel que tivera para evitar nossa união, ao não nos ajudar, ainda que não tramasse contra nós — eu agora o isentava *dessa* acusação e lamentava profundamente minhas antigas suspeitas, nada generosas; mas ainda assim, ele havia nos injustiçado — eu torcia, estava convicto de que sim. Ele não tentara cercear o curso de nosso amor represando os rios durante a passagem, mas ficara observando com passividade as duas correntes vagando pela selva árida da vida, recusando-se a tirar os

obstáculos que os dividiam, e cultivando em segredo a esperança de que ambos se perdessem na areia antes que se tornassem um só. E nesse ínterim vinha cuidando em silêncio dos próprios assuntos: talvez o coração e a cabeça estivessem tão ocupados por sua bela dama que tivesse pouco o que dar aos outros. Sem dúvida, ele a conhecera — conhecera de forma mais íntima, pelo menos — durante os três meses de estadia em F—, pois agora eu lembrava que soltara a informação de que a tia e a irmã estavam hospedando uma jovem amiga na época, e isso explicava ao menos metade de seu silêncio sobre tudo o que acontecera por lá. Agora eu também via razão para várias coisinhas que tinham me intrigado um pouco: entre elas, as várias partidas de Woodford e as ausências mais ou menos prolongadas, pelas quais nunca dava justificativas satisfatórias, e a respeito das quais detestava ser questionado quando retornava. Bem fizera o criado ao dizer que o patrão devia “estar perto”. Mas por que essa estranha reserva *comigo*? Em certa medida, por aquela idiossincrasia extraordinária à qual já aludi; mas também, talvez, por se compadecer de meus sentimentos, ou pelo medo de atrapalhar minha resignação abordando o tema contagiante do amor.

52. Flutuações

O trole atrasado por fim me alcançara. Entrei nele e pedi ao sujeito que o trouxe que seguisse para a Mansão Grassdale — estava ocupado demais com meus pensamentos para querer dirigir o veículo. Veria a sra. Huntingdon — não seria indecência, pois agora já fazia mais de um ano que o marido falecera — e pela indiferença ou alegria diante da minha aparição inesperada, eu logo saberia se o coração dela era meu de verdade. Mas meu companheiro, um sujeito loquaz, atrevido, não estava disposto a me deixar entregue às minhas reflexões.

“Lá vão eles!”, exclamou quando as carruagens seguiram em fila à nossa frente. “*Hoje* a festança vai ser boa e não tem hora para acabar. — O senhor sabe alguma coisa da família? Ou nunca veio para estes lados?”

“Sei por ouvir dizer.”

“Hunf! — Os melhores já foram embora mesmo. E imagino que a senhora vá embora depois, quando tudo serenar, pra viver em outro canto, viver do dinheiro que tem; e a jovem senhora — pelo menos a jovem senhora (ela não é tão jovem assim) vai morar em Grove.”

“Então o sr. Hargrave se casou?”

“Sim, senhor, já faz uns meses. Ele ia casar antes, com uma viúva, mas não teve um acordo sobre o dinheiro: ela tinha um belo de um caixa, e o sr. Hargrave queria ficar com tudo; mas ela não quis entregar, então eles se desentenderam. Essa não é tão rica assim — também não é tão formosa, mas nunca foi casada. Dizem que é muito sem graça e já está chegando nos quarenta ou já passou disso, então, sabe como é, se ela não aproveitasse essa chance, imaginava que não ia conseguir nada melhor. Acho que ela pensou que um rapaz tão

bem-apegoado merecia tudo o que ela tinha, e que podia ficar com tudo, que não havia problema; mas eu digo que ela vai logo se arrepender do acordo. Dizem que já começou a perceber que ele não é o cavalheiro bondoso, generoso e agradável que achava que era antes do casamento — ele já começou a ficar desleixado e mandão. Ah, ela vai achar ele cada dia mais difícil e desleixado.”

“Você parece conhecê-lo bem”, comentei.

“Sim, senhor; conheço desde que ele era bem novinho, e que menino orgulhoso e teimoso que era. Fui criado lá por alguns anos, mas não aguentei o jeito avarento deles — a patroa foi ficando cada vez pior, cortando gastos, de olho aberto e de má vontade, então achei melhor arrumar *outro* lugar para trabalhar.”

E então discursou sobre o cargo atual como estribeiro do Rose and Crown, e da superioridade desse trabalho em relação ao anterior, em termos de bem-estar e liberdade, embora fosse inferior em termos de reconhecimento; e entrou em vários detalhes sobre a economia doméstica de Grove, e a personalidade da sra. Hargrave e do filho — assunto no qual não prestei atenção, pois estava muito absorto em minhas expectativas aflitivas e nervosas e com as características da região que atravessávamos, que, apesar das árvores desfolhadas e do chão cheio de neve, já havia algum tempo manifestava sinais inequívocos de que nos aproximávamos da fazenda do cavalheiro.

“Não estamos próximos da casa?”, indaguei, interrompendo-o no meio do discurso.

“Estamos, senhor; ali é a propriedade.”

Meu coração apertou dentro de mim quando vi a mansão majestosa no meio dos jardins extensos — a propriedade tão bela agora, com seu traje invernal, quanto devia ser em toda sua glória no verão; a amplitude majestosa, a ondulação que ia e vinha, plenamente visível naquele manto de pureza estonteante, imaculada e sem vestígios — a não ser por um longo rastro sinuoso deixado por um bando de cervos — as árvores imponentes com seus galhos carregados cintilando, brancos, contra o céu nublado, cinza; os bosques densos ao redor; o rio largo adormecido no sossego congelado; e acima dele os freixos e salgueiros chorões dos quais pendiam ramos cobertos de

neve — tudo isso formava um retrato de fato impressionante, e agradável para uma mente despreocupada, mas de forma alguma era encorajador para mim. Havia um consolo, no entanto — tudo isso era uma herança inalienável do pequeno Arthur, e não poderia, sob circunstância nenhuma, a rigor, ser de sua mãe. Mas qual era a situação dela? Dominando com um esforço súbito minha repugnância para mencionar o nome dela ao meu companheiro linguarudo, perguntei se ele sabia se o falecido marido deixara testamento, e qual fora o destino da propriedade. Ah, sim, ele sabia de tudo, e fui logo informado de que ela teria pleno controle e gerência do imóvel durante a menoridade do filho, além da posse absoluta, incondicional da própria fortuna (mas eu sabia que o pai não lhe dera muita) e a pequena soma adicional que fora acordada antes do casamento.

Antes do fim da explicação, nos aproximamos dos portões da propriedade. Agora era a hora do julgamento — se ela estivesse ali dentro — mas meu Deus! — ela poderia ainda estar em Staningley: o irmão não me dera pistas do contrário. Indaguei na casinha do porteiro se a sra. Huntington estava em casa. Não, estava com a tia em —shire, mas devia voltar antes do Natal. Geralmente passava a maior parte do tempo em Staningley, indo a Grassdale apenas de vez em quando, quando a administração dos negócios ou os interesses dos inquilinos e subordinados exigiam sua presença.

“Staningley fica perto de qual cidade?”, perguntei. A informação pedida foi logo obtida. “Pois bem, meu camarada, me dê as rédeas e voltaremos a M—. Preciso tomar café da manhã no Rose and Crown, e depois pego a primeira diligência rumo a Staningley.”

“O senhor não chega lá hoje, senhor.”

“Não importa, não quero chegar hoje: quero chegar amanhã e passar a noite na estrada.”

“Em uma estalagem, senhor? Muito melhor ficar na *nossa* casa; e começar revigorado amanhã, e ter o dia inteiro para a viagem.”

“O quê? E perder doze horas? Eu, não.”

“Será que o senhor é parente da sra. Huntingdon?”, ele perguntou, querendo saciar a curiosidade já que a cobiça não seria satisfeita.

“Não tive essa honra.”

“Ah! Bom”, ele retrucou com um olhar de soslaio, desconfiado, para as minhas calças cinza salpicadas de sujeira e o sobretudo curto de lã. “Mas”, ele acrescentou, em tom de incentivo, “tem um monte de mulher formosa igual com parentes mais pobres que o senhor, eu imagino.”

“Sem dúvida — e tem muito cavalheiro refinado que consideraria uma grande honra poder se dizer parente da dama que você mencionou.”

Ele me olhava astutamente. “Talvez o senhor *pretenda...*”

Imaginei o que estava por vir e interrompi a conjectura impertinente com: “Talvez você possa fazer a gentileza de se calar por um instante. Estou ocupado”.

“Ocupado, senhor?”

“Sim, na minha cabeça, e não quero que minhas reflexões sejam perturbadas.”

“Naturalmente, senhor!”

Você verá que minha decepção não me afetara *muito*, caso contrário eu não seria capaz de aguentar em silêncio a impertinência do sujeito. A verdade é que imaginei ser bom — não, melhor, considerando tudo, que eu não a visse naquele mesmo dia — que eu tivesse um tempo para organizar as ideias para o encontro — para me preparar para uma decepção maior, após o deleite inebriante vivenciado pela súbita remoção de minhas apreensões de outrora; para não dizer que, depois de passar uma noite e um dia viajando sem interrupção, e correr dez quilômetros em meio à neve recém-caída, era impossível que eu estivesse num estado muito apresentável.

Em M—, tive tempo, antes da partida da diligência, de repor as energias com um café da manhã substancial, e obter o refresco das abluções matinais de praxe, e melhorar minha troca de roupas, e também despachar um breve recado à minha mãe (excelente filho que eu era) para lhe assegurar que ainda estava vivo e justificar minha ausência na data esperada. Era longa a jornada até Staningley naquela época de viagens vagarosas, mas não me neguei os lanches necessários durante o caminho, nem mesmo uma noite de repouso em uma estalagem à beira da estrada; preferi me permitir certo atraso a me

apresentar extenuado, desarrumado e castigado pelo clima diante da minha amada e de sua tia, que já ficariam atônitas em me ver sem que fosse assim. Na manhã seguinte, portanto, não apenas me fortaleci com um café da manhã tão nutritivo quanto minhas emoções exaltadas me permitiam engolir, mas também apliquei um tempo e um cuidado um pouco maiores do que o normal à minha toalete; e, equipado de uma muda de roupas de baixo trazidas na bolsinha de viagem, roupas bem escovadas, botas lustradas e luvas novas — montei no Relâmpago e retomei a viagem. Ainda tinha praticamente duas etapas à minha frente, mas a diligência, segundo me informaram, passava pela vizinhança de Staningley e, como desejava desembarcar o mais perto possível da casa, eu nada tinha a fazer além de ficar sentado de braços cruzados e especular sobre o momento da chegada.

A manhã estava clara, gelada. O fato de ficar sentado no alto, inspirando o ar puro e revigorante e triturando a neve quebradiça, congelada, já era bastante arrebatador; mas some-se a isso a ideia do objetivo ao qual rumava, e de quem eu esperava encontrar, e talvez você tenha uma leve noção de meu estado de espírito naquele momento — mas só *leve*, pois meu coração se enchia de uma empolgação indescritível e minha energia me levou quase à loucura — apesar de minhas prudentes tentativas de contê-las a uma platitude razoável pensando na diferença inegável entre o status social de Helen e o meu; em tudo o que ela havia passado desde nossa despedida; em seu longo e ininterrupto silêncio; e, acima de tudo, em sua tia impassível, cautelosa, de cujos conselhos ela certamente não faria pouco-caso outra vez. Essas ponderações faziam meu coração palpitar de ansiedade, e meu peito ofegar de impaciência para encerrar aquela crise, mas não conseguiam ofuscar a imagem dela na minha cabeça, nem desfigurar a recordação vívida do que tínhamos dito e sentido — ou destruir a forte expectativa do que seria — na verdade, não conseguia perceber seus terrores naquela hora. Já no final da jornada, entretanto, dois de meus companheiros de viagem fizeram a gentileza de vir em meu socorro e me tirar das alturas.

“Que belo lugar, esse”, disse um deles, apontando o guarda-chuva para os campos vastos à direita, que chamavam a atenção pelas cercas

vivas compactas, as valas profundas, bem-feitas, e árvores bonitas, que cresciam às vezes nas margens, às vezes no meio das cercas, “*belíssimo* lugar, se visto no verão ou na primavera.”

“Ah!”, respondeu o outro — um idoso bruto, com um sobretudo grosso de lã abotoado até o queixo e um guarda-chuva de algodão entre os joelhos. “Imagino que seja do velho Maxwell.”

“Era dele, senhor, mas ele faleceu e deixou tudo para a sobrinha.”

“Tudo!”

“Todos os centímetros — e a mansão e tudo — cada átomo de seus bens materiais! — a não ser as ninharias, à guisa de lembrança, para o sobrinho lá de —shire e uma renda anual para a esposa.”

“Que estranho, senhor!”

“É mesmo, senhor. E ela nem era sobrinha dele de fato; mas ele não tinha parentes próximos — ninguém além de um sobrinho com quem era brigado — e sempre teve predileção por essa. E então a esposa recomendou que agisse assim, pelo que dizem: a propriedade era dela antes do casamento e seu desejo era que a moça a recebesse.”

“Hunf! — Ela vai ser um bom partido para alguém.”

“Vai mesmo. Ela é viúva, mas ainda é jovem, e é de uma formosura excepcional — além de ter fortuna própria e só um filho — e está cuidando de um belo imóvel para ele em — Muitos vão querer falar com ela! — Imagino que não tenhamos chance — (cutucando a mim e ao companheiro com o cotovelo de forma zombeteira) — rá, rá, rá! Espero que o senhor não se ofenda!” (para mim) “Cof! — Creio que ela só se case com um nobre. Olhe ali, senhor”, ele começou, virando-se para o outro vizinho, apontando o guarda-chuva, “ali a mansão — jardim amplo, está vendo? — e todos aqueles bosques — tem muita madeira ali, muito animal de caça — oras! O que foi agora?”

A exclamação foi provocada pela súbita parada da diligência diante do portão da propriedade.

“O cavalheiro para Staningley?”, berrou o cocheiro, e eu me levantei e joguei minha bolsa no chão para em seguida me jogar também.

“Está se sentindo mal, senhor?”, perguntou meu vizinho tagarela,

fitando meu rosto (ousou dizer que está bastante pálido).

“Não. Aqui, cocheiro.”

“Obrigado, meu senhor. — Certo!”

O cocheiro embolsou a tarifa e foi embora, deixando-me ali não para ir até a propriedade, mas para andar de um lado para outro diante do portão, de braços cruzados e olhos fixos no chão — uma tropa avassaladora de imagens, pensamentos, impressões se amontando na minha cabeça, e nada definido de modo tangível além do seguinte: meu amor fora acalentado em vão; minha esperança se dissipara para sempre; precisava me desvencilhar de uma vez por todas, e banir ou suprimir todos os pensamentos relativos a ela como lembranças de um sonho louco, desvairado. Teria passado horas vagando de bom grado em torno daquela casa, na expectativa de ter ao menos um vislumbre distante dela antes de partir, mas seria impossível: não devia permitir que ela me visse, pois o que poderia ter me levado até ali se não a esperança de reavivar seu afeto, com uma visão, para depois lhe pedir a mão? E suportaria que ela me achasse capaz de tal coisa? — de presumir que com o contato — o *amor*, por assim dizer — contraído por acaso, ou imposto a ela contra a sua vontade, quando era uma fugitiva desconhecida, trabalhando para se sustentar, aparentemente sem fortuna, família ou relações — poderia abordá-la agora, já reinstalada na esfera que lhe cabia, e pedir uma parte de sua prosperidade, que, caso nunca a tivesse deixado na mão, com certeza faria com que eu jamais a conhecesse? E tendo-se em conta também que, ao nos despedirmos, dezesseis meses antes, ela me proibira expressamente de torcer por uma reunião neste mundo — e nunca me mandara nem uma linha ou um bilhete desde então? Não! A ideia era intolerável.

E mesmo se ainda perdurasse seu afeto por mim, eu precisava perturbar sua paz despertando esses sentimento? Sujeitá-la à batalha entre dever e inclinação conflituosos — para qualquer lado que o último se atraísse ou o primeiro a convocasse — que ela considerasse seu dever se arriscar ao menosprezo e às censuras da sociedade, ao sofrimento e ao desprazer daqueles que amava, em prol de uma ideia romântica de verdade e estabilidade comigo, ou que sacrificasse seus

desejos individuais pelos sentimentos dos amigos e o próprio senso de prudência e de adequação das coisas? Não — não agiria assim! Eu iria logo e ela jamais saberia que havia me aproximado de sua residência, pois eu poderia renunciar à ideia de que um dia desejara sua mão ou de sequer lhe pedir que me tivesse a consideração de uma amiga, mas sua paz não devia ser interrompida pela minha presença, nem seu coração atormentado pela visão da minha fidelidade.

“Então adeus, querida Helen, para sempre! Adeus para sempre!”

Foi o que eu disse — e no entanto não conseguia me afastar. Dava alguns passos, depois olhava para trás, para dar uma última olhada em sua casa majestosa, para ter pelo menos seu exterior gravado na minha cabeça de forma tão indelével quanto sua imagem, que, ai de mim!, eu nunca mais veria — então, dei mais alguns passos e, perdido em reflexões melancólicas, parei de novo e me encostei na árvore rugosa que crescia à margem da estrada.

53. Conclusão

Enquanto estava parado ali, absorto em meus devaneios lúgubres, um coche de duas rodas surgiu na esquina. Não olhei para ele, e caso tivesse só passado por mim eu não me lembraria de sua aparição; mas uma voz infantil que vinha de seu interior me acordou ao exclamar:

“Mamãe, mamãe, olha o sr. Markham!”

Não escutei a resposta, mas logo em seguida a mesma voz retrucou:

“É ele, sim, mamãe — veja com seus próprios olhos.”

Não ergui o olhar, mas imagino que a mamãe tenha olhado, pois uma voz clara, melodiosa, cujos tons faziam meus nervos vibrarem, bradou:

“Ah, tia! — Ali o sr. Markham — é amigo do Arthur! — Pare, Richard!”

Havia tamanho indício de animação jubilosa mas contida na pronúncia dessas poucas palavras — principalmente no trêmulo “Ah, tia”, que eu quase saí do prumo. A carruagem parou no mesmo instante e eu ergui os olhos e deparei com uma senhora pálida, séria, idosa, que me analisava pela janela aberta. Ela fez uma mesura e eu também, e então ela retirou a cabeça, enquanto Arthur pedia aos gritos que o criado o deixasse sair; mas antes que o funcionário pudesse descer de sua cabina, uma mão se esticou em silêncio para fora da janela do coche. Eu conhecia aquela mão, embora uma luva preta escondesse sua alvura delicada e metade de suas proporções uniformes, e segurando-a depressa, eu a apertei entre as minhas — por um instante, de forma ardorosa, mas me recompondo logo, eu a soltei e ela a recolheu de imediato.

“Veio nos ver ou estava só de passagem?”, indagou a voz baixa de

sua dona, que, eu sentia, examinava atentamente meu semblante de trás do véu grosso, preto, que com os painéis que filtravam o sol a escondiam de mim.

“Eu... eu vim ver a área”, hesitei.

“A área”, ela repetiu, em um tom que indicava mais desprazer ou decepção do que surpresa. “Então não vai entrar?”

“Caso você queira.”

“Você duvida?”

“Sim, sim! Ele *tem* que entrar”, bradou Arthur, vindo correndo da outra porta e segurando minha mão entre as dele, apertando-a com entusiasmo.

“Lembra-se de mim, senhor?”, ele perguntou.

“Sim, muito bem, rapazinho, por mais mudado que você esteja”, respondi, analisando o jovem cavalheiro comparativamente alto, magro, com a imagem da mãe estampada de modo visível em suas feições belas, inteligentes, apesar dos olhos azuis brilhantes de alegria e das madeixas lustrosas que formavam cachos sob seu chapéu.

“Não estou crescendo?”, disse ele, esticando-se até alcançar o auge de sua estatura.

“Crescido! Oito centímetros, eu garanto!”

“Completei *sete* anos no meu último aniversário”, foi a réplica orgulhosa. “Mais sete anos e estarei quase tão alto quanto o senhor.”

“Arthur”, chamou a mãe, “diga a ele que entre. Pode seguir, Richard.”

Havia um quê de tristeza, bem como de frieza, em sua voz, mas não sabia a que atribuí-las. A carruagem seguiu adiante e cruzou os portões à nossa frente. Meu amiguinho me conduziu rumo à propriedade, falando com alegria ao longo do caminho. Ao chegar na porta da mansão, estanquei nos degraus e olhei ao redor, esperando readquirir a compostura, se possível — ou pelo menos me lembrar de minhas resoluções recém-tomadas e dos princípios nos quais se baseavam; e foi só quando Arthur já estava comigo havia algum tempo, fazendo a gentileza de me tirar o casaco, repetindo o convite para que eu entrasse, que enfim concordei em acompanhá-lo até o cômodo onde as damas nos aguardavam.

Quando entrei na sala Helen ficou me observando com aquele escrutínio amável, sério, e fez a cortesia de perguntar pela sra. Markham e por Rose. Respeitosamente respondi às perguntas. A sra. Maxwell rogou que eu me sentasse, comentando que estava bem frio, mas supunha que eu não tivesse viajado muito naquela manhã.

“Um pouco mais que trinta quilômetros”, respondi.

“Não a pé!”

“Não, madame, de diligência.”

“Aqui a Rachel, senhor”, anunciou Arthur, o único realmente feliz entre nós, dirigindo minha atenção para aquela valiosa pessoa que acabara de entrar para pegar os pertences da patroa. Ela me concedeu um sorriso de reconhecimento quase amistoso — um favor que exigia, pelo menos, uma saudação civilizada da minha parte, que foi devidamente feita e retribuída — ela percebera o erro de sua antiga avaliação sobre meu caráter.

Depois de se despir do gorro fúnebre e do véu, do casaco pesado de inverno etc., Helen parecia tão ela mesma que eu não sabia como aguentar. Fiquei contente sobretudo em ver seu belo cabelo preto ainda abundante e visível em sua exuberância brilhosa.

“A mamãe largou a touca de viúva em homenagem ao casamento do tio”, comentou Arthur, lendo meu olhar com a simplicidade e a rapidez de observação típicas das crianças. A mãe ficou séria e a sra. Maxwell fez que não com a cabeça. “E a tia Maxwell nunca vai deixar de usar a dela”, insistiu o menino travesso; mas quando ele viu que sua ousadia desagradava e causava dor à tia, ele se aproximou e passou o braço em torno do pescoço dela, beijou sua bochecha e se recolheu à reentrância de uma das janelas da sacada, onde ficou se divertindo discretamente com o cachorro enquanto a sra. Maxwell travava comigo uma discussão séria quanto a assuntos interessantes como o clima, a estação e as estradas. Eu considerava sua presença muito útil como empecilho a meus impulsos naturais — um antídoto àquela sensação de nervosismo turbulento que caso contrário teria me arrebatado contra minha razão e minha vontade, mas *justamente naquele instante* eu senti que o cerceamento era quase insuportável, e tive uma grande dificuldade de me obrigar a acompanhar seus

comentários e respondê-los com a delicadeza corriqueira, pois estava ciente de que Helen estava em pé a poucos centímetros de mim, junto à lareira. Não tive a ousadia de olhar para ela, mas senti seu olhar em mim, e por meio de uma olhadela rápida, furtiva, achei que suas faces estavam levemente enrubescidas, e que seus dedos, enquanto mexia na corrente do relógio, estavam agitados, com aquele movimento inquieto, trêmulo, que indica uma grande emoção.

“Diga-me”, ela pediu, aproveitando-se do primeiro intervalo na tentativa de conversação entre mim e a tia, e falando rápido e baixo, com os olhos voltados para a corrente de ouro — pois nessa hora me arrisquei a mais uma olhadela — “Diga-me como estão todos vocês lá em Lindenhope — nada aconteceu desde que fui embora?”

“Creio que não.”

“Ninguém faleceu? Ninguém se casou?”

“Não.”

“Ou está para se casar? Nenhum laço antigo foi dissolvido ou algum novo foi formado? Nenhuma amizade de longa data foi esquecida ou superada?”

Ela baixou tanto a voz na última frase que ninguém além de mim poderia ter escutado as últimas palavras, e ao mesmo tempo virou os olhos para mim com um sorriso nascente, uma melancolia doce e uma expressão de questionamento tímido mas ávido que fez minhas bochechas formigarem por emoções inexprimíveis.

“Creio que não”, respondi. “Tenho certeza de que não, se os outros mudaram tão pouco quanto eu.” O rosto dela ficou vermelho em solidariedade ao meu.

“E você realmente não pretendia fazer uma visita?”, ela exclamou.

“Temia me intrometer.”

“Se intrometer!”, bradou ela com um gesto impaciente. “Oras” — mas como se de repente se lembrasse da presença da tia, ela se conteve e, virando-se para essa senhora, continuou: “Oras, tia, este homem é um grande amigo do meu irmão e era muito próximo de mim — pelo menos por uns meses — e declarava ser muito apegado ao meu filho — e quando passa pela casa, a tantos quilômetros da cidade dele, ele se nega a vir aqui por medo de se intrometer!”

“O sr. Markham é muito modesto”, observou a sra. Maxwell.

“Seria melhor dizer que é muito cerimonioso”, retrucou a sobrinha, “muito... bem, não importa.” E, se afastando de mim, ela se acomodou em uma poltrona ao lado da mesa, e puxando para si um livro pela capa começou a virar as páginas em uma abstração energética.

“Se eu soubesse”, declarei, “que você me daria a honra de se lembrar de mim como um amigo próximo, é bem provável que não tivesse me negado o prazer de visitá-la, mas imaginei que tivesse se esquecido de mim há tempos.”

“Você julga os outros por si”, ela murmurou sem tirar os olhos do livro, mas ruborizando ao falar e virando uma dezena de folhas às pressas.

Houve uma pausa, da qual Arthur achou que poderia se aproveitar para apresentar seu belo perdigueiro e me mostrar como fora admirável seu crescimento e progresso, e perguntar como estava o pai do cachorro, Sancho. Então a sra. Maxwell se retirou para se desfazer de seus pertences. Helen imediatamente largou o livro e depois de uns instantes em silêncio analisando o filho, o amigo e o cachorro, dispensou o primeiro da sala sob o pretexto de que pegasse o último livro que ganhara a fim de me mostrar. A criança obedeceu com presteza, mas eu continuei acariciando o cão. O silêncio poderia ter perdurado até a volta de seu dono, caso dependesse de mim para rompê-lo, mas, em meio minuto ou menos que isso, minha anfitriã se levantou com impaciência e, retomando seu posto no tapete, entre mim e o console da lareira, exclamou em tom sério:

“Gilbert, *o que* há com você? — por que você está tão mudado? — Sei que é uma pergunta indiscreta”, ela se apressou em acrescentar, “talvez seja muito rude — não responda caso você ache isso — mas detesto enigmas e segredos.”

“Não estou mudado, Helen — infelizmente, estou interessado e apaixonado como sempre — não sou eu, são as circunstâncias que mudaram.”

“Quais circunstâncias? Pode me *dizer!*” Suas faces foram empalidecidas pela ansiedade — seria por medo de que, por impulso, eu tivesse jurado fidelidade a outra?

“Vou dizer de uma vez”, afirmei. “Confesso que vim aqui com o objetivo de vê-la — não sem um certo receio diante da minha própria presunção e apreensões de que fosse menos bem-vindo do que esperava ao vir —, mas não sabia que esta propriedade era sua até ser instruído sobre sua herança pela conversa de dois outros passageiros no último trecho da viagem, e então me dei conta da tolice das esperanças que eu vinha acalentando e da loucura de preservá-la por mais um instante sequer; e embora tenha desembarcado diante do seu portão, eu estava decidido a não cruzá-lo; fiquei uns minutos a mais para dar uma olhada na área, mas estava totalmente decidido a voltar a M— sem ver a dona da casa.”

“E se minha tia e eu não estivéssemos voltando do nosso passeio matinal, eu nunca mais o veria nem teria notícias suas?”

“Achei que seria melhor para os dois que não nos reencontrássemos”, respondi com a maior tranquilidade possível, mas não me atrevia a falar acima de um sussurro por ter consciência da minha incapacidade de acalmar a voz, e não me atrevia a olhar para ela para que a minha firmeza não me abandonasse por completo: “Imaginei que um encontro só serviria para perturbar sua paz e me enlouquecer. Mas agora estou contente por essa oportunidade de vê-la mais uma vez e saber que você não me esqueceu, e de lhe garantir que nunca vou deixar de me recordar de você.”

Houve um instante de pausa. A sra. Huntingdon se afastou e ficou parada na sacada da janela. Será que considerava isso um indício de que só minha modéstia me impedia de lhe pedir a mão? E estava pensando em como me rechaçar sem ferir muito meus sentimentos? Mas antes que eu pudesse falar para livrá-la de tal perplexidade, ela rompeu o silêncio se voltando para mim de repente e comentando:

“Você poderia ter tido uma oportunidade dessas antes — no sentido de me assegurar de suas lembranças agradáveis, e você se assegurar das minhas, se tivesse me mandado cartas.”

“Eu teria mandado, mas não sabia seu endereço e não queria pedir ao seu irmão, pois imaginava que ele se oporia ao meu gesto — mas isso não me dissuadiria nem por um instante se eu pudesse me arriscar a crer que você queria ter notícias minhas, ou que gastava algum

pensamento em seu amigo infeliz; mas seu silêncio, naturalmente, me levou a concluir que tinha me esquecido.”

“Então você esperava que *eu* lhe escrevesse?”

“Não, Helen — sra. Huntingdon”, disse eu, enrubescendo com a acusação implícita, “claro que não; mas caso tivesse me enviado um recado por meio do seu irmão, ou sequer perguntado por mim vez por outra...”

“Eu perguntava por você com frequência. Eu não faria mais que isso”, ela prosseguiu, sorrindo, “enquanto você continuasse a se restringir a algumas perguntas educadas sobre minha saúde.”

“Seu irmão nunca me disse que você tinha mencionado meu nome.”

“Você perguntava para ele?”

“Não, pois percebia que ele não queria ser questionado a seu respeito, nem queria dar o mínimo incentivo ou auxílio que fosse ao meu afeto obstinado.” Helen não respondeu. “E ele tinha toda a razão”, acrescentei. Mas ela continuou em silêncio, olhando para o gramado coberto de neve. *Ah, vou libertá-la de minha presença!*, pensei; e no mesmo instante me levantei e dei um passo à frente para me despedir, com uma determinação heroica — mas o orgulho era a base do meu ato, senão eu não teria conseguido levá-lo a cabo.

“Você já vai embora?”, indagou ela, segurando a mão que eu lhe oferecia, sem soltá-la logo.

“Por que ficar mais tempo?”

“Pelo menos espere o Arthur vir.”

Contente em obedecer, fiquei de pé, apoiado do outro lado da janela.

“Você disse que não estava mudado”, declarou minha amiga, “você *está* — e muito.”

“Não, sra. Huntingdon, eu só *preciso estar*.”

“Quer dizer que tem por mim a mesma consideração que tinha da última vez que nos vimos?”

“Tenho, mas seria errado falar disso agora.”

“Era errado falar disso *naquela época*, Gilbert; não seria *agora* — a não ser que ao fazê-lo você estivesse faltando com a verdade.”

Eu estava muito nervoso para falar, mas, sem aguardar uma

resposta, ela virou para o outro lado seus olhos brilhantes e as bochechas carmesins, levantou a janela e olhou para fora, não sei se para acalmar sua agitação ou para apaziguar o constrangimento — ou apenas para arrancar a bela flor-da-verdade entreaberta nascida de um pequeno arbusto ali fora que, por estar coberto de neve, tinha até então defendido a flor do gelo e agora derretia ao sol. Helen a arrancou e, depois de tirar com delicadeza o pó cintilante de suas folhas, aproximou-a dos lábios e disse:

“Esta flor é tão cheirosa quanto as flores do verão, mas ela aguentou privações que *nenhuma delas* suportaria: a chuva fria do inverno bastou para nutri-la, e o sol fraco bastou para aquecê-la; os ventos gelados não a branquearam, nem quebraram seu caule, e a geada intensa não fez com que murchasse. Veja, Gilbert, ela continua viçosa e exuberante como só uma flor consegue ser, mesmo agora, com a neve fria nas pétalas. — Você a aceita?”

Estiquei a mão: não me atrevia a falar para que a emoção não me vencesse. Ela pôs a flor na palma da minha mão, mas eu mal cerrei os dedos, tão concentrado que estava pensando qual seria o sentido daquelas palavras, e o que eu devia fazer ou dizer naquela ocasião, fosse para dar vazão aos meus sentimentos ou dominá-los. Entendendo essa hesitação como indiferença ao presente — ou até relutância em aceitá-lo —, Helen de repente o tomou de minha mão, jogou-o na neve, fechou a janela com um gesto enfático e foi até a lareira.

“Helen! O que isso significa?”, berrei, chocado por essa súbita mudança de comportamento.

“Você não entendeu meu presente”, disse ela, “ou — o que é pior — você o desprezou: lamento por tê-lo dado a você, mas já que cometi esse erro, o único remédio que me passou pela cabeça foi tirá-lo de você.”

“Você está cruelmente equivocada”, retruquei, e num instante reabri a janela, saltei para fora, peguei a flor, trouxe-a para dentro e lhe entreguei, implorando que tornasse a me presentear, e eu a guardaria para sempre por causa dela, e a estimaria mais do que qualquer outra coisa que eu tivesse no mundo.

“E isso vai satisfazê-lo?”, ela indagou ao pegá-la da minha mão.

“Vai, sim”, respondi.

“Então, aqui, pegue.”

Eu a apertei contra os lábios, e a levei ao peito, a sra. Huntingdon observando com um sorriso meio sarcástico.

“Agora você vai?”, ela questionou.

“Vou se — se for preciso.”

“Você está mudado”, ela insistiu, “ou se tornou muito orgulhoso ou muito indiferente.”

“Nenhum dos dois, Helen — sra. Huntingdon. Se pudesse ver meu coração...”

“*Deve* ser um dos dois — se não os dois. E por que sra. Huntingdon? Por que não Helen, como antes?”

“Helen, então — querida Helen!”, murmurei. Vivia a agonia da mescla de amor, esperança, deleite, incerteza e suspense.

“A flor que lhe dei é um símbolo do meu coração”, ela explicou, “você vai levá-lo embora e me deixar aqui sozinha?”

“Você me daria também a sua mão, caso eu pedisse?”

“Eu já não disse o bastante?”, ela respondeu com um sorriso encantador. Agarrei a mão dela e a teria beijado fervorosamente, porém me contive de repente e disse:

“Mas você pensou nas consequências?”

“Não muito, acho eu, senão não teria me oferecido a um homem orgulhoso demais para me aceitar ou indiferente demais para fazer com que seu afeto supere meus bens terrenos.”

Que burro eu era! — Tremi ao tomá-la em meus braços, mas não ousava crer em tamanha alegria, e no entanto me contive a ponto de dizer:

“Mas você *vai* se arrepender!”

“A culpa seria sua”, ela retrucou, “nunca vou me arrepender, a não ser que você me decepcione amargamente. Se não tem fé suficiente no meu afeto para acreditar nisso, me deixe em paz.”

“Meu anjo querido — *minha Helen*”, exclamei, beijando com fervor a mão que eu ainda segurava e passando o braço esquerdo em torno dela, “você jamais vai se arrepender, no que depender de mim. — Mas já pensou na sua tia?” Tremi ao esperar a resposta e a puxei para bem

perto do meu coração com o pavor instintivo de perder meu tesouro recém-achado.

“Minha tia não deve saber por enquanto”, ela declarou. “Ela consideraria uma medida precipitada, desvairada, pois não imagina o quanto eu o conheço bem; mas vai conhecê-lo por conta própria e passar a gostar de você. Você tem que ir embora agora, depois do almoço, e voltar na primavera para ficar mais tempo, e cultivar a amizade dela, e sei que vocês gostarão um do outro.”

“E então você será minha”, eu disse, imprimindo um beijo em seus lábios, e outro, e mais outro — pois estava ousado e impetuoso na mesma medida em que antes era relutante e tenso.

“Não — daqui a um ano”, ela respondeu, desvencilhando-se do meu abraço com um gesto delicado, mas ainda segurando minha mão com carinho.

“Um ano! Ah, Helen, não aguento esperar tanto!”

“Cadê sua fidelidade?”

“O que eu quero dizer é que não vou aguentar o sofrimento de uma separação tão duradoura.”

“Não seria uma separação: vamos nos escrever todos os dias, minha alma sempre estará com você, e às vezes você me verá com seu olho físico. Não vou ser hipócrita a ponto de fingir que gostaria de esperar esse tempo todo, mas como meu casamento será um agrado apenas a mim mesma, preciso consultar meus amigos quanto à data.”

“Seus amigos vão desaprovar.”

“Não vão desaprovar ferozmente, querido Gilbert”, disse ela, beijando minha mão com um jeito sério, “não serão capazes, depois de conhecê-lo — ou se forem capazes, estará claro que não são amigos verdadeiros; não me importarei com o afastamento deles. — Agora está satisfeito?” Ela olhou para o meu rosto sorrindo com uma ternura inefável.

“Como poderia não estar, tendo seu amor? E você me ama *mesmo*, Helen?”, perguntei, não duvidando do fato, mas querendo ouvir sua confirmação.

“Se você amasse como *eu* amo”, ela respondeu com sinceridade, “não teria quase me perdido — esses escrúpulos de falsa delicadeza e

orgulho jamais o teriam preocupado — você teria percebido que as maiores distinções e discrepâncias terrenas de status social, origem e fortuna são como poeira na balança, se comparadas com a união de pensamentos e sentimentos harmoniosos, e almas e corações verdadeiramente amorosos e solidários.”

“Mas isso é felicidade demais”, eu disse, tornando a abraçá-la. “Eu não mereço, Helen — não consigo acreditar em tamanha felicidade; e quanto mais precisar esperar, maior será meu pavor de que algo aconteça e a arranque de mim — e pense só, milhares de coisas podem acontecer em um ano! — Ficarei febril de terror e impaciência o tempo todo. Além do mais, o inverno é uma estação tão sombria.”

“Eu também acho”, ela retrucou, muito séria. “Eu não me casaria no inverno — não em dezembro, pelo menos”, ela acrescentou com um calafrio, pois nesse mês havia acontecido tanto seu malfadado casamento com o antigo marido como a morte tenebrosa que a libertara, “e portanto, digo que será em outro ano, na primavera.”

“Na *próxima* primavera.”

“Não, não — talvez no próximo outono.”

“Verão, então.”

“Bem, no fim do verão. Pronto! Fique satisfeito.”

Enquanto ela falava, Arthur ressurgia na sala — um bom menino por ter esperado tanto tempo.

“Mamãe, não achei o livro em nenhum dos lugares onde a senhora me mandou procurar” (havia um quê consciente no sorriso da mãe, que parecia dizer: “Não, meu querido, eu sabia que não acharia”), “mas a Rachel conseguiu achá-lo para mim. Olha, sr. Markham, é uma história sobre a natureza, com todos os tipos de pássaros e animais, e a leitura é tão boa quanto as ilustrações!”

De ótimo humor, sentei-me para examinar o livro e botei o pequeno entre meus joelhos. Caso tivesse chegado um minuto antes, eu o teria recebido de forma menos graciosa, mas agora eu acariciava seus cachos com gestos carinhosos, e até lhe beijava a testa de marfim: ele era filho da minha Helen, e portanto meu filho; e é assim que o vejo desde então. Aquela bela criança é agora um belo rapaz: cumpriu as expectativas mais promissoras da mãe, e atualmente mora na Mansão

Grassdale com a jovem esposa, a alegre Helen Hattersley de outros tempos.

Não tinha olhado nem metade do livro quando a sra. Maxwell apareceu para me convidar à outra sala, para almoçarmos. O jeito frio e distante daquela senhora me dava calafrios no começo, mas fiz o possível para aplacá-la, e acho que não fui tão malsucedido assim, nem mesmo naquela breve primeira visita, pois à medida que eu conversava alegremente com ela, ela ia se tornando mais gentil e cordial, e quando fui embora me deu um gracioso adeus, com a expectativa de logo ter o prazer de me rever.

“Mas você não pode ir sem ver a estufa, o jardim de inverno da minha tia”, disse Helen, quando avancei para me despedir dela, com tanta resignação e autocontrole quanto pude reunir.

Fiquei contente em tirar proveito de tal respiro, e segui Helen até a bela e ampla estufa, cheia de flores devido à estação — mas é claro que eu tinha pouca atenção a dedicar a *elas*. Porém, não era para algum colóquio terno que minha amiga me levara até ali:

“Minha tia adora flores”, comentou, “e também adora Staningley: trouxe você aqui para pleitear, em nome dela, que este seja seu lar enquanto estiver viva, e — caso não se torne o nosso lar também — que eu possa vê-la e estar com ela sempre, pois temo que ela fique triste em me perder, e embora tenha uma vida reservada e contemplativa, tende a ficar abatida quando fica muito tempo sozinha.”

“Sem sombra de dúvida, querida Helen! — faça o que quiser com o que é seu. Nem sonho em desejar que sua tia saia de casa, sob nenhuma circunstância; viveremos aqui ou em outro lugar conforme você e ela determinarem, e você a verá com a frequência que quiser. Sei que para ela deve ser sofrido se afastar de você, e estou disposto a fazer o possível para compensá-la. Eu a amo pelo seu bem, e a felicidade dela será tão preciosa para mim quanto a de minha própria mãe.”

“Obrigada, querido! Vou lhe dar um beijo por isso. Adeus. Pronto — pronto, Gilbert — me solte — ali está o Arthur, não espante seu cérebro infantil com sua loucura.”

Mas chegou a hora de encerrar minha narrativa — qualquer um menos você diria que já a tornei longa demais; mas, para *sua* satisfação, vou acrescentar mais algumas palavrinhas, pois sei que você terá solidariedade pela velha senhora e desejará saber o fim de sua história. De fato retornei na primavera, e seguindo as ordens de Helen, fiz o possível para cultivar sua amizade. Ela me recebeu com muita gentileza, sem dúvida já preparada para ter meu caráter em alta conta por meio dos favorabilíssimos relatos da sobrinha. É claro que mostrei minha melhor faceta, e nos entrosamos maravilhosamente. Quando ela tomou conhecimento de minhas intenções ambiciosas, aceitou com mais razoabilidade do que eu me aventurara a esperar. Seu único comentário sobre o assunto, que eu tenha ouvido, foi:

“Então, sr. Markham, compreendo que o senhor me roubará minha sobrinha. Bem! Espero que Deus conceda prosperidade à união e faça com que enfim minha querida menina seja feliz. Caso ela se contentasse em permanecer solteira, confesso que eu ficaria mais satisfeita; mas se é preciso se casar de novo, não conheço ninguém, vivo e na idade adequada, a quem eu estaria mais disposta a entregá-la do que ao senhor, ou que seria mais propenso a reconhecer a preciosidade que ela é e a fazê-la verdadeiramente feliz, até onde posso dizer.”

É claro que fiquei encantado com o elogio, e esperava lhe mostrar que não havia se equivocado na opinião favorável.

“Tenho, no entanto, um pedido a fazer”, ela prosseguiu. “Parece que ainda posso considerar Staningley meu lar: gostaria que o senhor também visse esta casa assim, pois Helen é apegada a este lugar e a mim — como eu sou a ela. Grassdale está associada a lembranças dolorosas, que ela não há de superar facilmente; e não vou aborrecê-lo com minha companhia ou interferência: sou uma pessoa muito sossegada, e vou me reservar aos meus cômodos e cuidar dos meus próprios interesses, e vê-los só de vez em quando.”

Claro que concordei na hora, e vivemos em grande harmonia com nossa querida tia até o dia de seu falecimento, um acontecimento melancólico ocorrido alguns anos depois — melancólico não para si mesma (pois a morte se aproximou com serenidade, e ela estava

contente em chegar ao fim da jornada), mas apenas para os poucos amigos afetuosos e os gratos subordinados que deixou para trás.

Para retomar, entretanto, minhas próprias questões: me casei no verão, em uma gloriosa manhã de agosto. Foram necessários oito meses inteiros, além de toda afabilidade e bondade de Helen, para que minha mãe superasse o preconceito contra a noiva que escolhi e se conformasse com a ideia de eu ir embora de Linden-car e morar tão longe. Porém, ficou satisfeita com a boa sorte do filho, no fim das contas, e a atribuíu, com altivez, a seus grandes méritos e dotes. Leguei a fazenda a Fergus, com mais esperança de que prosperasse do que teria tido um ano antes, sob circunstâncias similares, pois recentemente se apaixonara pela filha mais velha do vigário de L—, uma moça cuja superioridade lhe despertara suas virtudes latentes e o estimulara a esforços dos mais surpreendentes, não só para conquistar seu afeto e estima como para obter fortuna suficiente para que pudesse almejar pedir sua mão, além de tornar-se digno dela, aos próprios olhos bem como aos dos pais dela; e no fim ele conseguiu, como você já sabe. Quanto a mim, nem preciso lhe dizer como minha Helen e eu vivemos felizes e nos amamos, e que bênção é ainda estarmos na companhia um do outro e dos rebentos promissores que crescem ao nosso redor. Agora, só aguardamos com ansiedade sua chegada e a de Rose, pois a época da visita anual de vocês se aproxima, quando você terá de deixar sua cidade cinzenta, fumacenta, ruidosa, fatigante, movimentada, para uma temporada de descanso revigorante e de isolamento social conosco.

Até então, me despeço,
gilbert markham

Staningley, 10 de junho de 1847.

Copyright © 2021 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright da introdução © 1996 by Stevie Davies

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (usa) Inc.

título original
The Tenant of Wildfell Hall

tradução da introdução
Guilherme Miranda

preparação
Cristina Yamazaki

revisão
Jane Pessoa
Renata Lopes Del Nero

versão digital
Rafael Alt

isbn 978-65-5782-288-3

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

MIGUEL DE CERVANTES

Dom Quixote

Dom Quixote

Cervantes, Miguel de

9788580865233

1328 páginas

[Compre agora e leia](#)

O clássico fundador do romance moderno em nova tradução de Ernani Ssó, com introdução do acadêmico britânico John Rutherford e posfácios de Ricardo Piglia e Jorge Luis Borges.

Dom Quixote de La Mancha não tem outros inimigos além dos que povoam sua mente enlouquecida. Seu cavalo não é um alazão imponente, seu escudeiro é um simples camponês da vizinhança e ele próprio foi ordenado cavaleiro por um estalajadeiro. Para completar, o narrador da história afirma se tratar de um relato de segunda mão, escrito pelo historiador árabe Cide Hamete Benengeli, e que seu trabalho se resume a compilar informações. Não é preciso avançar muito na leitura para perceber que *Dom Quixote* é bem diferente das novelas de cavalaria tradicionais - um gênero muito cultuado na Espanha do início do século XVII, apesar de tratar de uma instituição que já não existia havia muito tempo. A história do fidalgo que perde o juízo e parte pelo país para lutar em nome da justiça contém elementos que iriam dar início à tradição do romance moderno - como o humor, as digressões e reflexões de toda ordem, a oralidade nas falas, a metalinguagem - e marcariam o fim da Idade Média na literatura.

Mas não foram apenas as inovações formais que garantiram a presença de *Dom Quixote* entre os grandes clássicos da literatura ocidental. Para milhões de pessoas que tiveram contato com a obra em suas mais diversas formas - adaptações para o público infantil e juvenil, histórias em quadrinhos, desenhos animados, peças de teatro, filmes e musicais -, o Cavaleiro da Triste Figura representa a capacidade de transformação do ser humano em busca de seus ideais, por mais

obstinada, infrutífera e patética que essa luta possa parecer.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

CHARLOTTE BRONTË

Jane Eyre

Jane Eyre

Brontë, Charlotte

9786557822869

712 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos principais romances da literatura inglesa chega à Penguin-Companhia com nova tradução e prefácio. Ao contar a história da órfã Jane Eyre, Charlotte Brontë nos brinda com um livro arrebatador.

Era outubro de 1847 quando, em Londres, só se falava sobre *Jane Eyre*, escrito pelo misterioso Currer Bell (que mais tarde revelou-se pseudônimo de Charlotte Brontë). Acusado de "jacobinismo moral" por advogar pela igualdade, o romance foi fortemente debatido pelo circuito literário, bem como pelos milhares de leitores que conquistou. A vida de Jane Eyre, pobre órfã condenada a vagar por diferentes casas e famílias até encontrar seu próprio pouso, emociona leitores há mais de dois séculos, versando sobre a educação de uma preceptora e os desafios enfrentados por diferentes mulheres do século XIX, independentemente da posição social em que se encontravam. Com uma maestria narrativa ímpar sobre poder e conflito, Charlotte Brontë cria aqui um dos romances mais emblemáticos da língua inglesa, que ultrapassa barreiras ao tocar em questões universais e atemporais, como ambição, vingança, diferenças sociais e, claro, amor.

Tradução de Fernanda Abreu.

Introdução de Stevie Davies.

Prefácio de Sandra Guardini Vasconcelos.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

SÊNECA

SOBRE
A BREVIDADE
DA VIDA



GRANDES IDEIAS

Sobre a brevidade da vida / Sobre a firmeza do sábio

Sêneca

9788543809724

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na coleção Grandes Ideias, dois textos clássicos e incontornáveis de Sêneca sobre a arte de viver.

Os escritos do filósofo estoico Sêneca pertencem à categoria de obras que mudaram a humanidade e que, universais, resistem à passagem do tempo. Por meio de insights poderosos, eles transformam a maneira como nos vemos e já serviram de guia para inúmeras gerações por sua eloquência, lucidez e sabedoria.

Sobre a brevidade da vida e *Sobre a firmeza do sábio* foram concebidos em forma de cartas e apresentam reflexões essenciais quanto à arte de viver, à passagem do tempo e à importância da razão e da moralidade. Traduzida do latim por José Eduardo S. Lohner, esta edição conta ainda com notas esclarecedoras do tradutor.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

EMILY BRONTË

O morro dos ventos uivantes

O morro dos ventos uivantes

Brontë, Emily

9786557822876

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos principais romances da literatura inglesa chega à Penguin-Companhia com nova tradução e textos de apoio. Ao contar a trágica história do casal Catherine Earnshaw e Heathcliff, Emily Brontë constrói um dos maiores livros da literatura mundial.

Pego desprevenidamente por uma tempestade, Lockwood, o novo inquilino da Thrushcross Grange, se vê obrigado a procurar abrigo em Wuthering Heights. Lá, ele descobre uma história cheia de rancor e mistério, acontecida anos antes.

A intensa relação entre Heathcliff e os Earnshaw, a traição e a trama de vingança prendem sua atenção durante sua estadia. Em uma narrativa cada vez mais envolvente, ele é levado a pensar não só no passado, mas também no futuro desses personagens.

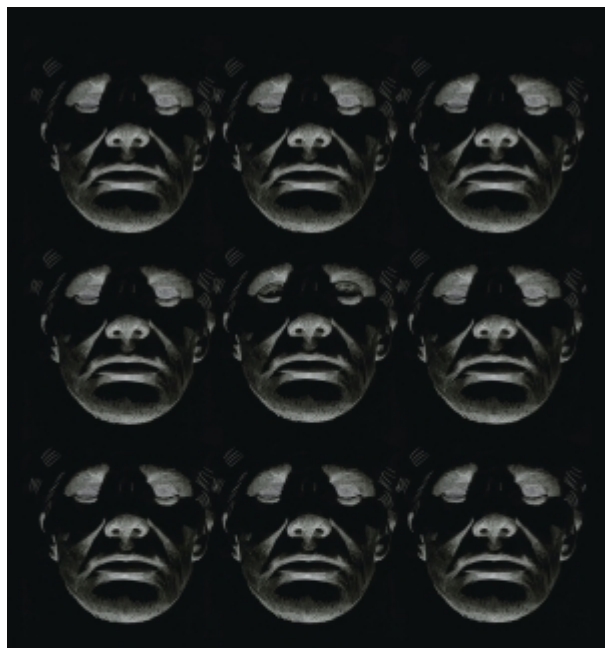
A violência da paixão impossível de Catherine e Heathcliff, capaz de atravessar o tempo, não tem falhado em cativar a atenção de leitores apaixonados desde sua publicação. Único romance escrito por Emily Brontë, *O morro dos ventos uivantes* é uma obra-prima da literatura, um livro sobre transgressões, desejos impossíveis e perda da inocência.

Tradução de Julia Romeu.

Introdução de Pauline Nestor.

Prefácio de Cíntia Schwantes.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

GEORGE ORWELL

1984

1984

Orwell, George

9786557820650

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

A distopia que deu origem a diversos conceitos atuais chega à Penguin-Companhia com texto introdutório de Thomas Pynchon.

Winston Smith vive na Faixa Aérea Um (anteriormente conhecida como Grã-Bretanha), uma província do superestado da Oceânia. O mundo se encontra em guerra, e todos estão aprisionados na engrenagem de uma sociedade dominada pelo Estado, onde tudo é feito coletivamente, mas cada um vive sozinho. Ninguém escapa à vigilância do Grande Irmão, a mais famosa personificação literária de um poder absoluto.

Em Oceânia, ter uma mente livre é considerado crime gravíssimo. Winston, então, se rebela contra o regime e, em seu anseio por verdade e liberdade, arrisca a vida ao se envolver amorosamente com uma colega de trabalho, Julia, e com uma organização revolucionária secreta.

Publicado originalmente em 1949, este é um dos romances mais influentes do século XX, uma das mais importantes distopias da literatura e um inquestionável clássico moderno. Lançada poucos meses antes da morte do autor, *1984* é uma obra magistral que ainda se impõe como uma poderosa reflexão ficcional sobre a essência nefasta de qualquer forma de poder.

[Compre agora e leia](#)